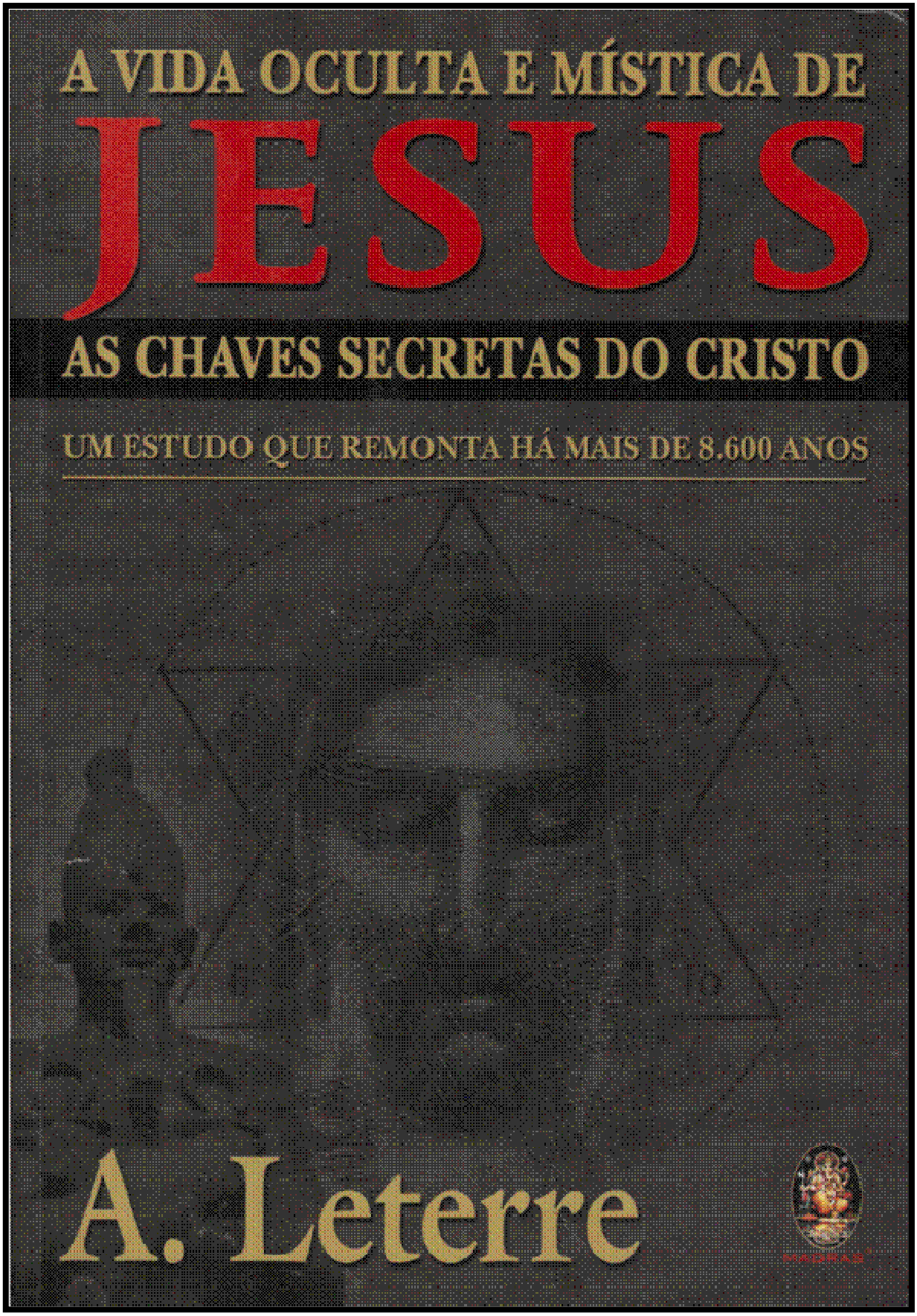
A VIDA OCULTA E MÍSTICA DE JESUS

AS CHAVES SECRETAS DO CRISTO

UM ESTUDO QUE REMONTA HÁ MAIS DE 8.600 ANOS



A. Leterre

História/Religião

A VIDA OCULTA E MÍSTICA DE

JESUS

AS CHAVES SECRETAS DO CRISTO

Desde as mais remotas eras, o homem traz dentro de si um sentimento de fé em uma força cósmica, denominada por muitos como Deus. Alá, Baco, Be-il, Jeová, Mitra, Rá e Tupã são alguns dos nomes sob os quais Ele foi apresentado aos Seus fiéis. No decorrer das eras, começaram a surgir certas divergências no modo de encarar e cultuar esse Deus e Seus atributos, resultando em cismas iniciados por Irshu, na Índia, há mais de 5 mil anos, que acabaram por dividir esses cultos em tantos outros cultos ou seitas, chegando ao ponto de se odiarem e de comercializarem a Fé em nome desse Ser Supremo.

Três mil e duzentos anos depois desse cisma inicial, nascia em Belém uma criança, cujas escrituras pareciam referir-se a ela. Seu nome era Jesus, nome este cuja origem possivelmente tenha sido imposta por uma sólida tradição, de acordo com pesquisas feitas por A. Leterre. O autor pretende provar, ainda, que o culto criado a Jesus Cristo não passa de um culto político romano, mercador de Fé e defensor de interesses particulares, e que a religião que ele pregou é bem diferente do Cristianismo que conhecemos, o qual é confundido com Catolicismo. Além do que, mostrará o desacordo que há entre a profecia do nome Emanuel, que deveriam dar ao Messias, e o nome de Jesus, que lhe deram.

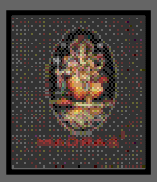
"*Todas as religiões colocaram Deus no Infinito, acima da compreensão e da discussão. O Cristianismo fez baixar Deus à Terra, o Catolicismo encarna esse Deus no Papa*." (J. Simon) Eis uma obra histórica, comparativa e científica.



ISBN 85-7374-867-2
9 788573 748673

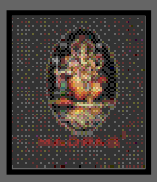
MADRAS

Discorrendo a respeito dos assuntos polêmicos abordados em A Vida Oculta e Mística de Jesus —As Chaves Secretas do Cristo, religião e fatos históricos, ressalta o autor E. Leterre: "*Estamos, porém, certos de que nenhum escritor brasileiro tratou desse assunto de modo que o fazemos, baseado na própria Lei do Verbo, desconhecida entre nós e nos livros sacros de vários povos. Alguns dos nossos escritores, dos mais notáveis, cheios de competência literária, que nos falta, abordaram o assunto, uns pelo lado político-social, outros pelo lado filosófico-social, outros, ainda, pelo lado partidário. Nós, porém, enfrentamos a questão da religiosidade do mundo pelo seu lado histórico, comparativo e científico, afim de lhe sondar a origem, acompanhar sua evolução, assistir à sua perseguição, ao seu embaralhamento,*



MADRAS

às cisões que daí resultou, ao amalgamento de uma com as outras, ao surto de algumas e ao desaparecimento de outras, sem, contudo, desenvolver a matéria que, por sua natureza, como é fácil de supor-se, levaria longe e, finalmente, descobrir onde está o erro e apresentá-lo à meditação dos estudiosos... Nosso desejo é, pelo menos, despertar a curiosidade de procurarem a Verdade". A Vida Oculta e Mística de Jesus —As Chaves Secretas do Cristo apresenta ao leitor moderno uma oportunidade única, antes restrita a poucos eruditos, estudiosos e colecionadores, de entrar em contato com o pensamento e a obra de A. Leterre, pesquisador arguto de assuntos ligados à religião.



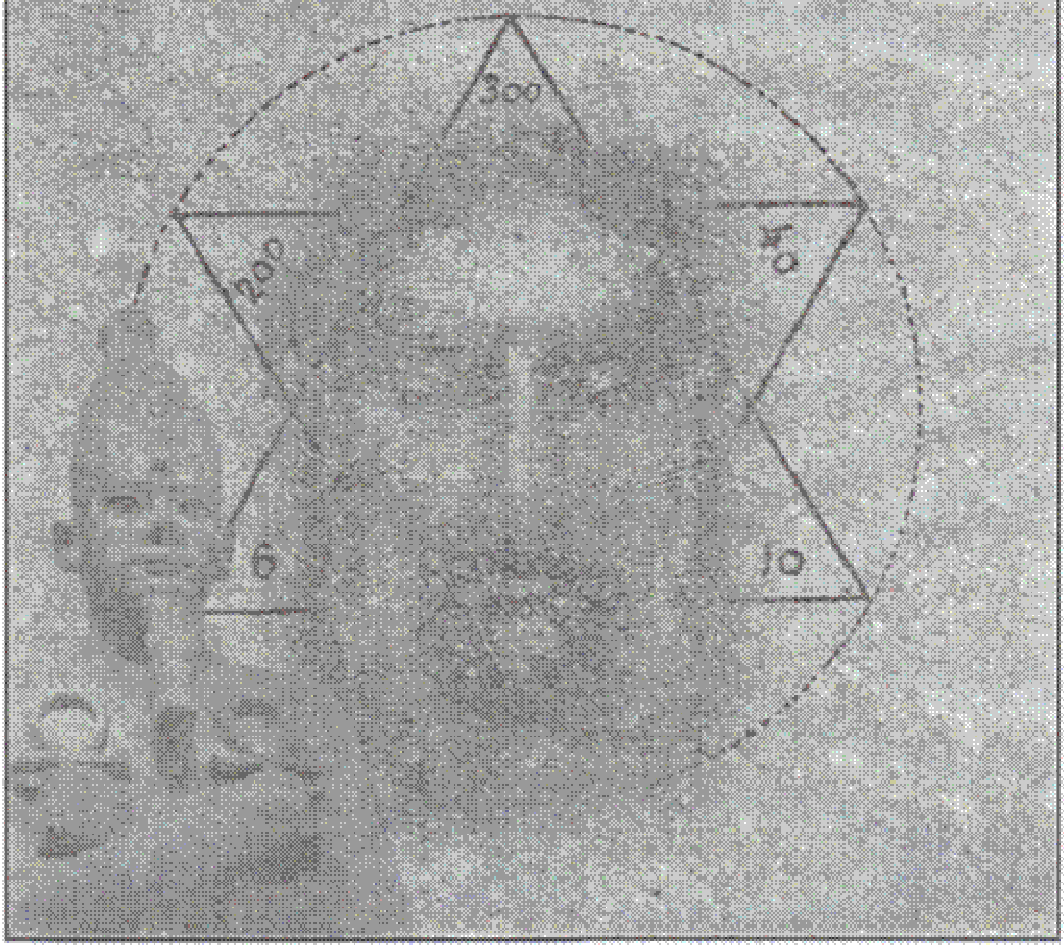
MADRAS

A VIDA OCULTA E MÍSTICA DE

JESUS

AS CHAVES SECRETAS DO CRISTO

UM ESTUDO QUE REMONTA HÁ MAIS DE 8.600 ANOS



© 2004, Madras Editora Ltda.

Editor:
Wagner Veneziani Costa

Diagramação:
Eight Point Comunicação Ltda.
R. Desembargador Guimarães, 119 - Perdizes – São Paulo/SP
Tel./Fax: (011) 3865-4252

Produção da Capa:
Equipe Técnica Madras

Revisão:
Vera Lúcia Quintanilha
Mônica Rodrigues de Lima
Wilson Ryoji

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Leterre, A.
Jesus e sua doutrina: a distinção entre cristianismo e catolicismo: um estudo que remonta há mais de 8.600 anos/A. Leterre. — São Paulo: Madras, 2004.
"Ilustrado com gravuras, algumas raríssimas e outras originais de mestres consagrados, e vários desenhos explicativos do autor"
Bibliografia.

ISBN 85-7374-867-2

1. Cristianismo - Origem 2. Igreja - História 3. Igreja Católica 4. Jesus Cristo - Ensinamentos I. Título.

04-5407 CDD-209

Índices para catálogo sistemático:
1. Cristianismo e catolicismo: Religião: História 209

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Madras Editora, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.02.98).

Todos os direitos desta edição reservados pela



MADRAS EDITORA LTDA.
Rua: Paulo Gonçalves, 88 — Santana
CEP: 02403-020 — São Paulo/SP
Caixa Postal: 12299 — CEP 02013-970 — SP
Tel.: (0_11) 6959-1127 —Fax: (0_11) 6959-3090
www.madras.com.br



"Minha doutrina
Não é minha; mas daquele
Que me enviou."
(João VII, 16)

Atenção!

Nota do Editor: O Título original desta obra é *Jesus e Sua Doutrina*, mas, por considerarmos que o seu conteúdo é muito mais abrangente, optamos por editá-lo sob o título de capa como: *O Lado Oculto da Doutrina de Jesus – Chaves Secretas do Cristianismo.*

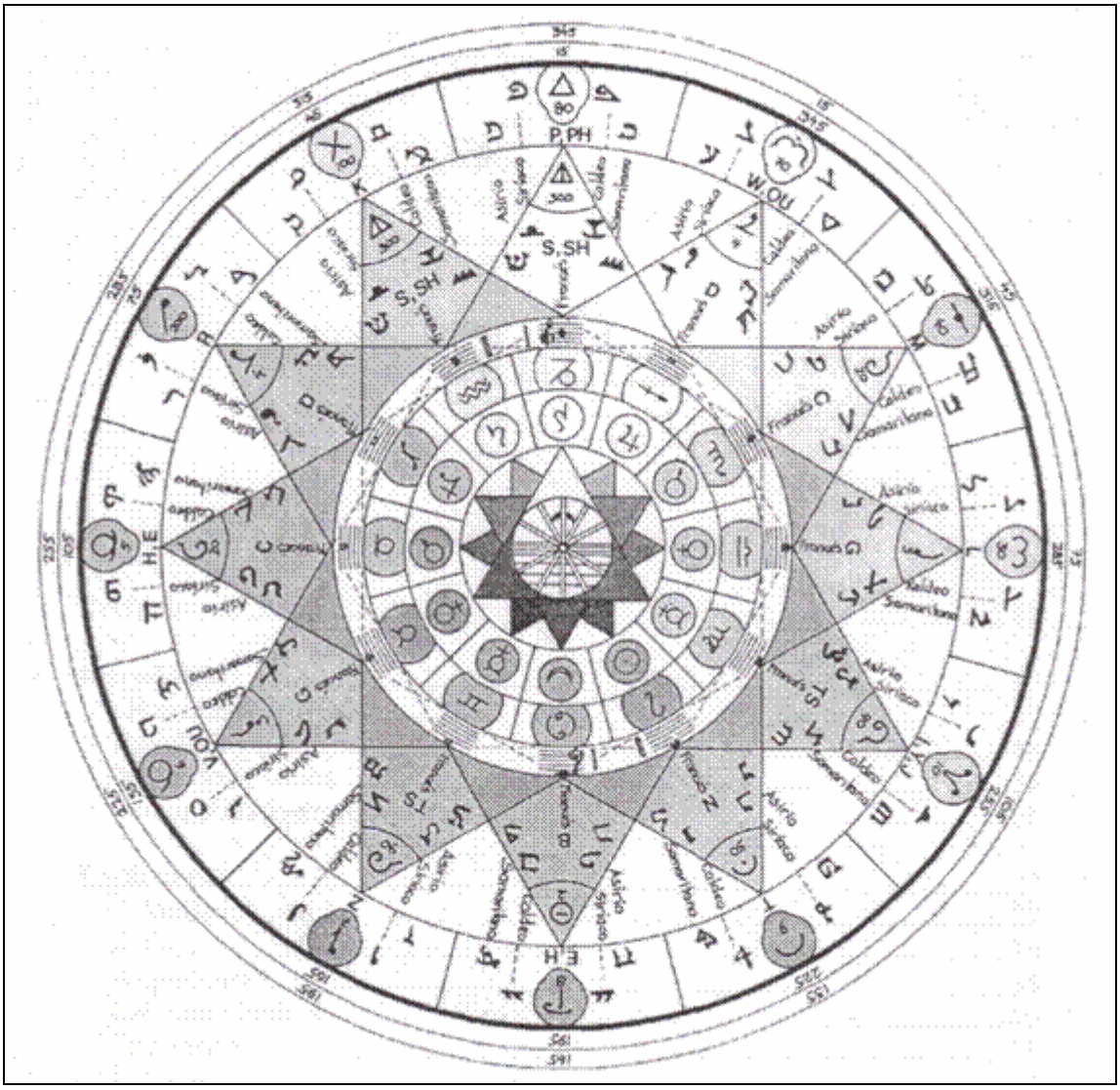


Figura 1
O Arqueômetro
Aparelho de precisão
Revelador da proto-síntese da humanidade e
Das ciências antigas, presentes e futuras

Prefácio

Graças ao esforço da Madras Editora, na figura de seu editor, Wagner Veneziani Costa, teremos a partir de agora a oportunidade, restrita a alguns poucos colecionadores, eruditos e estudiosos das religiões, de entrar em contato com o pensamento de A. Leterre. Pesquisador perspicaz, traz-nos em Jesus e sua Doutrina aspectos revolucionários no que se refere ao Catolicismo. Este livro foi publicado pela primeira vez em 1934 e é obediente, portanto, ao perfil daquela época. No entanto, apresenta questões que ainda hoje podem ser consideradas inovadoras sob o ponto de vista das religiões.

Busca em suas fontes a origem e o porquê do nome **JESUS**, advindo de um sólido conhecimento iniciático. Revisita as antigas tradições das virgens que concebem, sacerdotisas que tinham como missão trazer à vida terrena os grandes condutores da humanidade. Traz à luz a ascendência dos ritos católicos, assimilados de outros sistemas religiosos, e procura, sem ferir a fé de quem quer que seja, mostrar que a religião católica não é aquela pregada por Jesus, mas que é um culto político romano, do qual surgiram inúmeros outros. Trata também de temas polêmicos relativos aos dogmas do Catolicismo com a coragem de quem ousa perguntar; fala do pecado original e de como foi adaptado por Moisés; da constituição da Santíssima Trindade, da existência do Diabo, do Céu, do purgatório e do Inferno.

Faz também, e talvez seja este o máximo valor deste livro, uma explanação da obra de Saint-Yves D'Alveydre, especialmente de O Arqueômetro, livro dedicado à síntese do conhecimento humano. Pouco divulgado até hoje, por ser

raro, com um número reduzido de exemplares publicados até então, O Arqueômetro foi lançado pela primeira vez no Brasil em 2004, por esta Editora.

Diamantino F. Trindade

Laís dos S. P. Trindade

ÍNDICE

Introdução 9
Gênese das Religiões....9
Início dos Cismas 21
Personalidade de Jesus....22
Explanação....26
A Verdade....26
A Fé 32
O Arqueômetro 38
Ciências Ocultas....48
Trinitarismo 56
Dilúvio 60
Babilônia....69
O nome de Jesus e sua religião 71
Os Dez Mandamentos 77
Fontes Mosaicas....83
Verdades Sensíveis e Inteligíveis 90
Filiação de Moisés 95
Ordem de Melquisedeque....101
Maria e seu filho Jesus 106
Virgindade de Maria....109
Virgens que Concebem 119
Predição da Vinda do Messias 126
Divindade de Jesus 142
Filho de Deus....149
Religião e Culto 168
Antagonismo entre Cristianismo e Catolicismo....172
O Plágio Católico 182
Doutrina de Jesus....194
Luta entre Pedro e Paulo....215
Os Evangelhos 228
Incoerências e Contradições dos Evangelhos 240
Mais analogias....257
Milagres 260
Adão e Eva 267
Pecado Original 274
Batismo....285
Céu, Purgatório, Inferno 294
O Diabo....302
Livre Arbítrio 308
Reencarnação 312
Pluralidade dos Mundos 319
Ressurreição....325
Templos....338
Identidade de Religiões 341
Intolerância 348
Ódio Católico 353

Judeu-Cristianismo-Búdico 361
Elucidações 371
Missa 394
Vós Também sois Deuses 403
Filiações Templárias 406
Filho de Deus— Filho do Homem — Filho da Mulher 416
Reinado de Deus 425
Corrupções das Traduções 427
Dorismo e Ionismo 436
Conseqüências do Cisma de Irshu 439
Lei do Verbo 446
Primitivo Alfabeto 466
Pirâmide e Esfinge 485
Astrologia – Cosmogonia - Mitologia 499
Apocalipse de João e Outros 512
O Arqueômetro e as Artes 539
Conclusões 544
Sinarquia 544
Papa Rei 560
Infalibilidade do Papa 583
O Anti-Cristo 601
Celibato do Padre 605
Jesuitismo e sua Moral 610
Ensino Religioso 652
Casa de Orates 669
Queda do Romanismo 673
Catolicismo Pagão 685
Preces 692
Os Cismas e as Exegeses 697
Apelo aos estudiosos 708
Fim do mundo 711
Os Cultos dos Deuses dos heróis, dos Mártires, das Relíquias dos Santos 716
Os Dogmas 737
As Origens do Dogma da Trindade 750
Alicerces do Catolicismo 775
Basta de cabotinismo 820
Adendos 823
Mistificação 823
Falsificações 827
Referências Bíblicas 831
Êxodo 835
Ezequiel 836
Reis 837
Fontes de Consulta 843

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 3
Figura 2 45
Figura 3 48
Figura 4 63
Figura 5 91
Figura 6 128
Figura 7 269
Figura 8 377
Figura 9 387
Figura 10 467
Figura 11 469
Figura 12 472
Figura 13 486
Figura 14 486
Figura 15 489
Figura 16 489
Figura 17 490
Figura 18 496
Figura 19 498
Figura 20 500
Figura 21 501
Figura 22 508
Figura 23 627
Figura 24 824
Figura 25 833
Figura 26 833
Figura 27 838
Figura 28 838
Figura 29 839

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 177
Quadro 2 178

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 72
Tabela 2 80

Introdução

Gênese das Religiões

Admitamos por um momento que nosso benévolo leitor, seja ele de que culto ou crença for, tivesse de fazer, como missionário, uma grande excursão pelos sertões de Mato Grosso.

Chegado a um ponto das ínvias selvas, depara-se com uma tribo de selvagens ocupada em render preito e homenagem a uma entidade abstrata, que ela reconhece como Superior e como Criadora de tudo quanto à cerca.

Essa entidade, ou anteriormente esse Deus, é representada por um boneco de barro exoticamente fabricado ou por um tronco de árvore cercado por enormes fogueiras, como as piras dos antigos templos, em volta das quais os silvícolas executam uma frenética dança ao som de flautas de bambu, acompanhada de estridentes berros a guisa de hinos maviosos.

Que fará nosso missionário?

Certamente procurará, com tempo e jeito, convencê-los de que laboram em erro e de que o verdadeiro Deus é aquele que ele mesmo adora, seja Jeová, Alá, Buda ou o Cristo do Calvário.

É possível que, convencidos de que o estúpido boneco nada represente, eles passem a adotar o símbolo do nosso incansável missionário.

Admitamos, porém, que outros missionários, de credos diferentes, venham também a passar por ali, sucessivamente, com intervalos assaz suficientes para dar tempo a que a nova crença se enraíze em seus pobres cérebros.

Que sucederá?

Sucederá que, ao cabo de alguns anos, digamos mesmo, de alguns séculos, essa tribo terá mudado várias vezes o modo de compreender esse Deus.

Mas não se segue daí que toda a tribo, sem exceção de uma só alma, tenha permanecido fiel a cada crença que foi sucedida, e isso com unânime aprovação.

E indubitável, dada a diversidade de mentalidades, que tenham surgido certas divergências no modo de encarar esse Deus e seus atributos, ou mesmo mo na maneira de cultuá-lo nas sucessivas crenças, resultando dali, então, as exegeses e os cismas que acabaram por dividir esses cultos em outros tantos cultos ou seitas contrários e inimigos, a ponto de se odiarem de morte.

É exatamente o resultado verificado hoje na face desse pobre giroscópio.

Os primitivos povoadores da Terra sentiram que tudo quanto viam devia ser o produto de uma força superior e inteligente e começaram, então, na opinião de alguns historiadores, a simbolizar essa força, já com um disco representando o Sol, como fonte da vida material[1], já com um tronco de árvore, de onde foram surgindo os esteios da cabana que se transformaram em colunas do Templo etc.[2]

Pela observação e pelo estudo da natureza, movidos pelas necessidades vitais, as indústrias foram sendo criadas, as artes nasceram, a ciência se manifestou, até se condensar em Academia.

Foi então que a Religião fora revelada aos mais puros, nascendo dali o Templo, pois a Religião é o suspiro do homem, cuja resposta vem do céu e não da Terra.

Que tivesse havido esta Revelação, está isso sobejamente confirmado por todas as religiões do mundo.

---

[1] De onde a dinastia solar de Atlântida, do México, do Peru, etc., que se passou para a Etiópia, surgindo mais tarde na Céltica e nas índias a Dinastia lunar.

[2] La langue sacreé. Larbre de la Science. — Soldi Colbert de Beaulieu.

Dupuis[3] não crê na revelação, pois, segundo ele, só a razão humana é que tudo definiu; mas ele não reflete que essa Razão, que não é criação do homem, mas sim da Razão Suprema, que lhe deu em igualdade de grau para raciocinar e tirar conclusões justas e força de comparações, estudos e experiências, é que constitui, de fato, a Revelação Divina, seja por inspiração ou suposto acaso.

No Manavadarma foi a Krishna; nos Vedas, a Buda; no Zenda-Avesta[4], a Zoroastro; nos livros Herméticos, a Hermes; nos Kings, da China, a Fo-Hi, a Lao-Tsé, a Confúcio; no Pentateuco, a Moisés; no Alcorão, a Maomé; no Livro de Jó, ao Pontífice Jó; nos Evangelhos, a Jesus. Todos eles afirmam terem recebido a verdade, de Deus mesmo, como a expressão dos seus divinos decretos.

Confúcio, príncipe regente, repudiou tudo para dedicar-se ao sacerdócio, quando, aos 50 anos, recebia essa revelação.

Daí a razão de ser a Religião a Síntese da Ciência e não o contrário, o que seria absurdo.

Charles Norman[5], sábio astrônomo do Observatório de Paris, sintetiza admiravelmente essa Revelação em poucas palavras:

> *"Na verdade, parece que nada manifesta a presença mística do divino, tanto quanto esta eterna e inflexível harmonia que liga aos fenômenos expressos por leis científicas".*
>
> *"A ciência que nos mostra o vasto Universo, concreto, coerente, harmônico, misteriosamente unido, organizado como uma vasta e muda sinfonia, dominada pela lei*

[3] Origine De tons les cultes — Tom. VII — 1835.
[4] Zenda significa Revelação; Avesta significa Tradição.
[5] Einstein e o Universo, pág. 190.

e não por vontades particulares, a ciência, em suma, não será uma revelação?".

É certo, e isso não pode sofrer a mais leve refutação, que a crença monoteísta, isto é, a de um só Deus Criador e Todo-Poderoso existiu desde uma Antigüidade pré-histórica e descrita nos livros anteriormente citados, sendo de notar que os Sastras[6] são anteriores de 1500 anos aos Vedas que, por sua vez, têm mais de 6 mil anos.

Nos Vedas lê-se o seguinte:

"Deus é aquele que sempre foi; Ele criou tudo quanto existe; uma esfera perfeita, sem começo nem fim é sua fraca imagem. Deus anima e governa toda a criação pela providência geral dos seus Princípios invariáveis e eternos. Não sonde a natureza da existência daquele que sempre foi; esta pesquisa é vã e criminosa. Basta que, dia a dia, noite a noite, suas obras manifestem sua sabedoria, seu poder e sua misericórdia. Trata de tirar proveito disso".

O rei da Babilônia, Nabucodonosor, orava do seguinte modo: "*Criador por ti, senhor, eu te abençôo, tu me deste o poder de reinar sobre os povos segundo tua bondade. Constitui, pois, teu Reinado; impõe a todos os homens a adoração do teu nome. Senhor dos povos, ouve minhas preces. Que todas as raças terrestres venham às Portas de Deus*" (Babilu = Babilônia).

[6] Livros Sacros da Índia.

Nos antigos livros da China (nos Kings) encontra-se o seguinte, transcrito pelo imperador Kang-ki e compilado por du Halde, p. 41, da edição de Amsterdã:

> *"Ele não teve começo nem terá fim. Ele produziu todas as coisas desde o começo; Ele é quem governa como verdadeiro Senhor; Ele é infinitamente bom e infinitamente justo; Ele ilumina, sustenta e regula tudo com suprema autoridade e soberana justiça".*
>
> *"Se olharmos os olhos negros dos chineses, diz Max Müller, acharemos que ali também há uma alma que corresponde a de outras almas, e que o Deus que ele tem em mente é o mesmo que nos empolga o espírito, apesar do embaraço da sua linguagem religiosa".*

Os druidas[7] diziam que Deus é por demais incomensurável para ser representado por imagens fabricadas por mãos de homens, e que seu culto não pode ser prestado entre as muralhas de um templo; mas, sim, no santuário da natureza sob a ramagem das árvores ou nas margens do vasto oceano.

Para os druidas, o símbolo da Vida e da Luz era representado pelo termo ESUS[8].

Há neste termo uma curiosa aparência de analogia com o nome que pretendemos estudar neste ensaio.

O Deus dos druidas era Be-il, de onde o Ba-al da Caldéia, ao qual juntaram Teutalés, similar de Thot-Hermes do Egito.

---

[7] Que significa Sábios, eram os sacerdotes dos Celtas, povos que existiram muito antes de ser conhecida a índia, por serem, ao que se supõe, remanescentes da Atlântida.
[8] Léon Denis — Le génie celtique et le monde invisible.

Foi São Judicael quem no século VII aboliu o Druidismo que ainda existia confinado nas florestas da Brocelianda.

No Tibete, segundo o padre Huc[9], os Lamas dizem que:

> *"Buda é o ser necessário, independente, princípio e fim de tudo. É o Verbo, a Palavra. A Terra, os astros, os homens e tudo quanto existe são uma manifestação parcial e temporária de Buda. Tudo foi criado por Buda, no sentido de tudo vir dele como a luz vem do Sol. Todos os seres emanados de Buda tiveram um começo e terão um fim; mas, assim como eles saíram necessariamente da Essência Universal, eles terão de ser reintegrados. É como os rios e as cachoeiras produzidos pelas águas do mar que, após um percurso mais ou menos longo, vão novamente perder-se na sua imensidade. Assim, Buda é eterno; suas manifestações também são eternas".*

Lê-se no Livro dos Mortos do Antigo Egito[*]:

> *"Eu sou aquele que existia no Nada; eu sou o que cria; eu sou aquele que se criara por si próprio. Eu sou ontem e conheço amanhã, sempre e nunca".*

[9] Dans le Thibet.

[*] N. do E.: Lançado no Brasil pela Madras Editora.

O templo de Sais, antiga cidade do Baixo Egito, trazia gravado em seu frontispício: "*Eu sou tudo que foi, que é e que será, e nenhum mortal jamais levantou o véu que me encobre*". Era o "*Deus Desconhecido*".

No México, em 1431, o rei Netzahualcóyotl que, quando criança, havia escapado milagrosamente da degolação dos filhos machos, como sucedeu a Moisés, a Jesus e a outros reformadores, conforme veremos mais adiante, mandou construir templos, sendo o mais belo dedicado ao "*Deus Desconhecido*". Dizia ele que os ídolos de pedra e de madeira, se não podem ouvir nem sentir, ainda menos poderiam criar o céu, a Terra e os homens, os quais devem ser obra de um Deus Desconhecido, todo-poderoso, em quem confiava para sua salvação e seu auxílio.

Esse Deus Desconhecido do México deve ser o mesmo Deus Desconhecido que Paulo encontrou em Atenas, conforme se vê em Atos XVI, 23.

O Ser Supremo dos Astecas era denominado Teotl; era impessoal e impersonificável; dele dependia a existência humana. Era a divindade de absoluta perfeição e pureza em quem se encontra defesa segura.

Nos Livros de Hermes, escritos há mais de 6 mil anos, encontra-se o seguinte diálogo tido com Thoth, que bem define o espírito moral e intelectual daquelas eras:

> *"É difícil ao pensamento conceber Deus e à língua de exprimi-lo. Não se pode descrever uma coisa imaterial por meios materiais; o que é eterno não se alia, senão dificilmente, ao que está sujeito ao tempo. Um passa, outro existe sempre. Um é uma percepção do espírito, e outro uma realidade. O que pode ser concebido pelos olhos e pelos sentidos como os*

corpos visíveis pode ser traduzido pela linguagem; o que é incorpóreo, invisível, imaterial, sem forma, não pode ser conhecido pelos nossos sentidos. Compreendo, pois, Thoth, que Deus é inefável".

Nos mesmos livros lê-se, também, o seguinte:

"Desconhecendo nossas ciências e nossa civilização, as gerações futuras dirão que adoramos astros, planetas e animais, quando, de fato, adoramos um só Deus Criador e Onipotente".

Na antiga Pérsia, Zoroastro chamava-o de Mitra, o Deus Criador, sendo Orzmud, o Pai.

No Egito era Osíris.

Na Fenícia era Adônis.

Na Arábia era Bacq.

Na Frígia era Athis.

Moisés denominou-o de Jeová, por assim lhe ter declarado o próprio Deus.

Maomé adora-o sob o nome de Alá.

Orfeu, o criador da Mitologia grega, considerado por isso, pelos católicos, como o chefe do paganismo, assim se exprime, segundo Justino, o Mártir, em sua obra Órfica: "*Tendo olhado o Logos divino, assenta-te perto dele, dirigindo o esquife inteligente do teu coração e galga bem o caminho e considera somente o Rei do*

Mundo. Ele é único, nascido de si mesmo, e tudo vem de um só Ser". E, como veremos mais adiante, Orfeu conhecia a trindade divina.

Na obra de Apuleio, Metamorfoses, XI, 4, escrita no século II da nossa era, Ísis, a deusa egípcia, declara que ela é a própria natureza divinizada.

Diz ela:

> *"Eu sou a Natureza, mãe das coisas, senhora de todos os elementos, origem c princípio dos séculos, suprema divindade, rainha dos Manes, primeira entre os habitantes do céu, tipo uniforme dos deuses e das deusas. Sou eu cuja vontade governa os cimos luminosos do céu, as brisas salubres do oceano, o silêncio lúgubre dos infernos[10], potência única, sou pelo Universo inteiro adorada sob várias formas, em diversas cerimônias, com 1.000 nomes diferentes".*
>
> *"Os Frígios, primeiros habitantes da Terra, me chamam de Deusa — mãe de Pessinonte; os Atenienses autóctones me nomeiam Minerva, a Cecropana; entre os habitantes da ilha de Chipre, sou Vênus de Pafos; entre os Cretenses, armador de arco, sou Diana Dichina; entre os Sicilianos que falam três línguas, sou Prosérpina, a utigiana; entre os habitantes de Elêusis, a antiga Ceres, uns me chamam Juno, outros Belone, aqui Hécate, acolá a deusa de Ramonte. Mas, aqueles que foram os primeiros iluminados pelos raios do* ***Sol nascente, os povos Etiópicos, Arianos e***

[10] Subentende se o interior da terra.

> ***Egípcios**, poderosos pelo antigo saber, estes, sós, me rendem um verdadeiro culto e me chamam, pelo meu verdadeiro nome: a rainha Ísis[11]".*

Todos os milhares de tribos da África, tanto as do litoral como as das regiões centrais, algumas de difícil contato entre si e ainda menos com o europeu, adoram um Deus Supremo Criador, Onisciente, Misericordioso e sumamente bom, por isso nunca faz mal à sua criatura, razão pela qual não lhe prestam nenhum culto, nem lhe dirigem preces, nem procedem a sacrifícios de animais em holocausto.

Todos os fenômenos da natureza, como chuvas, raios, tremores de terra, vulcões, doenças e mortes, são obras de maus espíritos dos seus antepassados que perseguem os vivos. A esses é que eles rendem culto, como fazem os chineses com o Culto aos antepassados; a esses maus espíritos é que eles dirigem suas orações e sacrifícios, a fim de aplacá-los ou praticando rituais excessivamente barulhentos para afugentá-los. Essa crença é encontrada, igualmente, entre nossos silvícolas, se bem que a raça seja diferente.

Tudo isso concorre para corroborar as Teses da Revelação e da Universalidade da Religião, bem como a de um ou mais cataclismas que teriam dividido as raças espalhando-as por vários continentes, de onde surgiram os cismas e os milhares de cultos.

> *"Para definir Deus seria preciso empregar uma língua cujas palavras não pudessem ser aplicáveis às criaturas terrenas[12]".*

[11] As palavras que destacamos se relacionam, como veremos, com o ciclo de Rama.
[12] J. Simon

Tal crença em um só Deus Onipotente, em suma, com todos os predicados do catolicismo, existe desde uma inconcebível Antigüidade, e chegou a alcançar em sua pureza a era de 3200 anos antes de Jesus Cristo, ou seja, hoje, há mais de 5.200 anos.

Os europeus, entretanto, apenas saídos do lodaçal da barbárie, julgaram-se com o direito de se erigirem como censores da Antigüidade, considerando os homens que ilustraram aqueles tempos como doidos, impostores, ignorantes, ateus, fanáticos e hereges!

No entanto, à geração moderna ocidental se podem aplicar esses epítetos, anarquizada como ficou pelas divisões e subdivisões do Cristianismo, do qual surgiu o mais intolerante culto que a Terra jamais viu: o Catolicismo.

Os povos da Antigüidade, como ainda hoje os da Índia, do Egito, da China, eram e são profundamente religiosos, e seus atos foram e são pautados por uma incomparável moral.

Não é, pois, possível, tachar-se esses homens ou esses povos de bárbaros, pagãos, ateus ou idolatras sem confessar má-fé ou falta de erudição e, portanto, incompetência para a crítica científica e histórica; e, se fanático possa haver, é decerto aquele que o fizer.

Diz Max Müller[13]:

> *"Há pessoas que, por pura ignorância das antigas religiões da humanidade, adotaram uma doutrina, menos Cristã, certamente, que todas as que se encontram nas*

[13] La Science de La religion

religiões antigas. Essa doutrina consiste em considerar todos os povos da Terra, antes do advento do Cristianismo, como ateus e condenados pelo Pai Celeste, que eles não conheceram, e, portanto, sem esperança de Salvação!"

A única base teológica propriamente dita da Teologia Cristã reside nos primeiros versículos de João que são copiados da Teologia paga.

As idéias dos cristãos são as de Platão, o qual, por seu turno, as bebeu nas filosofias antigas do Egito, de Orfeu, Pitágoras etc.

Santo Agostinho, doutor da Igreja Católica, reconhece que se encontram em todos os povos do mundo as mesmas idéias que tinham os cristãos sobre Deus, sejam eles platônicos, pitagóricos, atlantas, líbios, egípcios, indianos, persas, caldaicos, scytas, gauleses, espanhóis etc.; todos possuíam os mesmos princípios teológicos e dividiam igualmente a divindade em três partes. Ele reconhecia que os princípios de Platão e os de Moisés são idênticos, por terem ambos estudado no Egito, nas obras de Hermes Trismegisto.

Todas as filosofias, maliciosamente chamadas pagas pelo Catolicismo, nada mais eram do que ficções, relacionando-se com a Ordem do Mundo, como afirmam Santo Atanásio, Santo Agostinho, o arqueólogo romano Varron, tão minucioso em suas descrições, e muitos outros.

Os próprios materialistas modernos, para citar só dois, Brasset e le Dantec, que se combatem sobre os limites da biologia, curvam-se involuntariamente em reconhecer um Criador supremo de todas as coisas.

O padre F. Vigouroux[14] assim se exprime:

[14] Lês Livres Saints

"Os primeiros homens foram monoteístas e seus descendentes, em vez de progredirem na religião, decaíram, ao contrário, pouco a pouco, até o advento do Cristianismo".

Já os salmos diziam:

"Que não haja Deus, só louco ou homem de espírito de pequena estatura é que o pode dizer".

Descartes exclamava:

"Sinto-me imperfeito, logo tenho a idéia da perfeição, e essa idéia não me pode vir senão de um ser perfeito, logo o ser perfeito, ou Deus, existe".

Início dos Cismas

Dali para cá é que começaram a desenvolver os cismas, iniciados por Irshu, na Índia, há 5.600 anos, divisões essas que deram lugar à existência de incalculável número de seitas que infestam o mundo, cada qual com um culto mais exótico do que outro, seitas que, infelizmente, ainda perduram no Oriente, na África, na Oceania e nas três Américas, se bem que todas reconheçam e adorem a seu modo e com nome diferente um Deus Onipresente e Misericordioso, o que prova haver nelas um resto da primitiva Revelação.

Três mil e duzentos anos depois desse cisma, isto é, mais de dois mil anos hoje, nascia em Belém uma criança, cujas escrituras pareciam referir-se a ela, como veremos mais adiante.

Personalidade de Jesus

O menino cresceu, sofreu e morreu crucificado, após ter procurado restituir à humanidade anarquizada naquela época a Revelação dada aos Patriarcas que, como veremos neste pequeno ensaio, era a religião que Ele próprio ensinou. Visto que Ele não cessava de repetir que sua doutrina não era dele, mas Daquele que o enviara.

Ele acrescentava que não vinha trazer a paz à Terra, mas sim a espada[15], e que "*sua casa seria dividida e subdividida em vários cultos e seitas*".

Por isso é que, do culto que posteriormente criaram a Jesus, inúmeros cultos têm surgido em completo antagonismo, confirmando o que anteriormente dissemos; mas, dentre eles, nenhum como o Católico procura impor a Fé às consciências de um modo tão singularmente contrário à própria Religião por meio das armas, da fogueira ou da escravização da alma pelo terror de penas eternas, que aberram da inefável misericórdia de Deus, resultando daí as repulsas, as represálias e as chamadas "*guerras de religião*" que tanto enlutaram e continuam enlutando a humanidade, como se verifica presentemente no México e na Irlanda.

"Todas as religiões colocaram Deus no Infinito,

acima da compreensão e da discussão. O Cristianismo fez

[15] Mateus X, 34 — Esta tradução deve estar errada, pois colide com todo o ensino de Jesus que é exatamente o contrário. Ele vinha pregar o Reinado da Paz, a não ser que profetizasse as cisões, as exegeses, jesuitismo, romanismo etc. — A Pedro ele disse: "Embainha mu espada; quem com ferro fere, com ferro será ferido".

baixar Deus à Terra, o Catolicismo encarna esse Deus no Papa[16]!"

No entanto, nosso fim não é discutir a política internacional em um tão despretensioso rascunho.

Acudiu-nos à mente estudar a origem do nome de Jesus e qual era sua religião, pela leitura de La Vie Cachée de Jesus, do erudito professor da Sorbonne, Charles Guignebert, que trata no cap. I, § 1°, do "*Nome de Jesus, seu sentido, sua escolha por Deus e sobre a possibilidade de ser ele histórico*".

Diz ele:

> ***"Não seria que uma sólida tradição tivesse imposto o nome de Jesus?*** *(O destaque é nosso) "Não me iludo com a fraqueza do argumento, pois esta redação poderia repousar sobre uma lenda ou uma interpretação arbitrária anterior ao redator de Mateus. Não pretendo, tampouco, que uma interrogação seja uma prova ou que a possibilidade de uma coincidência estabeleça essa certeza; é por isso que não estarei longe de considerar, como uma possibilidade, que esse nome de Jesus tivesse sido verdadeiramente um título de Cristo, correspondente à sua função divina, que lhe teria sido atribuído por seus primeiros adeptos e que teria apagado seu nome de homem, como sua divindade fez da sua humanidade".*

[16] J. Simon

Por aí se vê a aridez do assunto e a incerteza em que cultivam os mais eruditos escritores.

Nessa interrogação sente-se que esse autor era tocado pela inspiração divina; mas, deixando-se levar pelas suas aspirações terrestres, ele mesmo cerra a porta pela qual poderia penetrar no caminho das pesquisas científicas.

É verdade que, na ocasião em que sua obra veio à luz (1914), O Arqueômetro, do Marquês Saint-Yves D'Alveydre, acabava de aparecer, mas em muito diminuto número de exemplares (200, se tanto), e é natural que não lhe tivesse chegado ao conhecimento o extraordinário valor científico dessa obra, e, mesmo que assim tivesse sido, era muito escasso o tempo para estudá-la a fundo.

É possível que hoje esse autor já tenha outras noções a respeito da "*Vida oculta de Jesus*", e saiba, como o leitor vai saber, que a origem deste nome foi, de fato, imposta por uma sólida tradição.

Não pretendemos arrancar a crença de ninguém; respeitamos o livre - arbítrio e a responsabilidade espiritual de cada um. Mas pretendemos provar que o Catolicismo não é religião e ainda menos a de Jesus, porém, que é um culto político romano, e que a religião que o Cristo pregou é bem diferente do Cristianismo Pauliniano e do moderno. Provaremos também o desacordo que há entre a profecia do nome Emanuel que deviam dar ao Messias, e o nome de Jesus que lhe deram.

Não faremos como o filósofo de Júlio Huré que "*fechava os olhos, soprava sobre as estrelas e dizia ao seu contendor: 'Vede, estão apagadas, não brilham mais; crede no que vos digo'* ".

Faremos como diziam os poetas védicos: "*Nossos pensamentos são obscuros. Oremos, isto é, pesquisemos*".

Por isso pedimos, somente, que guardem este pequeno folheto para uma ocasião mais oportuna, se após uma primeira leitura acharem o assunto um tanto árido e complexo.

Não o deite fora porque é possível que um dia, tocado por alguma centelha divina, ele vos permita penetrar mais profundamente no Santuário da Verdade e, então, agradecerão, não a nós que nada valemos, mas ao Onipotente que vos achou digno disso, isto é, da Graça, tão apregoada pela própria Igreja Romana, pois não é a todos que Ele costuma dispensá-la, segundo afirma esta Igreja.

Explanação

Por que "*Jesus*" e não outro nome?

A Verdade

Como iremos ver, estas epígrafes não são tão fáceis de responder como possa parecer à primeira vista, tanto mais limitado por um simples ensaio.

Em primeiro lugar, porque elas abrangem um largo círculo de conhecimentos científicos relacionando-se com a lingüística dos povos antigos, com a matemática, com a física, com a química, com a astronomia etc., ciências estas que, talvez, não seja dado a todo leitor conhecer a fundo, por isso mesmo, difícil de expor-se em uma linguagem menos áspera.

Em segundo lugar, porque caindo mesmo nas mãos de cientistas uma parte se desinteressa por essas questões de filosofia e orientalismo, e outra parte não lhe presta a devida atenção, por lhe faltar o tempo para se dedicar a esses estudos.

Em terceiro lugar, porque se escrever em português uma obra tratando de filosofia numa terra como a nossa, em que raríssimos são os escritores filósofos e raríssimos também os leitores que, conhecendo outros idiomas, se dedicam a essas leituras, equivale a semear-se alguns grãos de trigo num imenso campo onde já vivia em predação a daninha tiririca.

Em quarto lugar, porque lido este despretensioso trabalho por pessoas letradas, mas fanáticas por meia dúzia de fórmulas que lhe aparafusaram no cérebro desde a infância, dificilmente se conseguiria fazê-las penetrar na compreensão

desses hieróglifos, a menos se reformasse completamente sua própria instrução e educação física.

Bem diz o sábio escritor chinês Ku-Wang-Ming[17]:

> *"Que as palavras dos grandes escritores não podem atingir a massa popular, porque todos os grandes escritores falam a língua tias pessoas cultivadas, que a massa não pode compreender".*
>
> *"E lamentável, mesmo, que o espírito de formação ocidental seja tão pressuroso em considerar absurdo o que ele não compreende, e em rejeitar como fábula tudo quanto não concorde com sua própria credibilidade[18]".*

Infelizmente são esses que constituem uma grande parte da coletividade brasileira, cujo analfabetismo orça numa porcentagem desoladora. São infelizes pretensiosos que estacionam na marcha evolutiva de suas almas, são pobres cegos guiados por outros cegos, na expressão do próprio Jesus; são almas que alienaram sua liberdade de pensar entregando-a por procuração a outrem.

Bem diz uma máxima bramanista:

> *"Fácil é chegar-se a um acordo com o ignorante; mais fácil, ainda, com o que sabe distinguir as coisas; mas, aos homens enfatuados com um saber insignificante, nem Brahma é capaz de os convencer".*

[17] L'Esprit Du peuple Chinois
[18] Frase de Jacques Bacot, citada por Jean Rivière em A l'ombre dês Monastéres Thibétains

Portanto, se bem que este trabalho encerre um dos mais transcendentes problemas da humanidade, porque tem relação direta com a salvação do nosso espírito, não temos, contudo, a mínima pretensão de fazer obra de erudição e ainda menos de ciência.

Estamos, porém, certos de que nenhum escritor brasileiro tratou desse assunto pelo modo que o fazemos, baseado na própria Lei do Verbo, desconhecida entre nós e nos livros sacros de vários povos.

Alguns dos nossos escritores, dos mais notáveis, cheios de competência literária, que nos falta, abordaram o assunto, uns pelo lado político-social, outros pelo lado filosófico-social, outros, ainda, pelo lado partidário. Nós, porém, enfrentamos a questão da religiosidade do mundo pelo seu lado histórico, comparativo e científico, a fim de lhe sondar a origem, acompanhar sua evolução, assistir à sua perseguição, ao seu embaralhamento, às cisões que daí resultou, ao amalgamento de uma com as outras, ao surto de algumas e ao desaparecimento de outras, sem, contudo, desenvolver a matéria que, por sua natureza, como é fácil de supor-se, levaria longe e, finalmente, descobrir onde está o erro e apresentá-lo à meditação dos estudiosos.

Diremos simplesmente, em resumo, o que aprendemos em nossas assíduas pesquisas de muitos anos, em vários autores antigos e modernos que se aprofundaram em questões religiosas, sem pretendermos estabelecer outra doutrina.

Nosso desejo é, pelo menos, despertar a curiosidade de procurarem a Verdade, embora, segundo Hermes Trismegisto, "*ela não reside na Terra, porque a Verdade é aquilo que é eterno e imutável. Tudo quanto está sujeito à mutação não pode ser a verdade. Tudo que perece é mentira. Só Deus é a Verdade*".

Por isso ninguém pode ver a verdade, que é Deus, Jesus mesmo — quando Pilatos lhe perguntou o que vinha a ser a Verdade — não lhe deu resposta alguma, e, este, virou-lhe as costas, indo tratar de outra coisa.

O Budismo diz que "*A verdade é clara por si mesma; porém, se a envolvermos por palavras obscuras, não mais a percebemos*".

A verdade é como Aquiles que, possuindo pés leves, corria atrás de uma tartaruga sem jamais alcançá-la.

Para descobrir-se a verdade, nada há de mais útil do que o estudo dos erros[19].

A verdade não encerra mistérios; só ao erro e à impostura é que eles pertencem. O erro vem de uma incompreensão ou de uma deformação da Verdade.

Quem conhece uma só religião não conhece nenhuma, pois quem ouve um sino só escuta um som, não podendo, portanto, saber se está afinado. É necessário recorrer-se ao diapasão.

A pretensão do Catolicismo, de ser o único possuidor da Verdade, é destituída de fundamento, pois o que parece ser hoje verdade será erro amanhã.

É como se ele dissesse: "*A verdade está com a Igreja Católica; é proibido, pois, doravante, sob terríveis penas, procurar descobrir a verdade*".

Seria a paralisação do progresso humano, seria o retrocesso no desenvolvimento intelectual da humanidade e, conseqüentemente, a escravização dos homens a uma agremiação de déspotas, composta de jesuítas, frades, freiras, padres e caterva.

Os fundadores do Catolicismo levaram 12 séculos confeccionando o culto e as suas leis. O primeiro golpe que este culto levou teve início pela discussão

[19] MAX MÜLLER – *La Science de La Religion* - 1873

filosófica do século XVI, chamado a Idade Média, o século das trevas. Ora, é claro que, se esse culto levou 12 séculos para ser formado, os oito que decorrem até hoje, têm demonstrado à sociedade o inevitável fim para o qual caminha, emparelhado pelos dois poderes: Temporal e Espiritual.

São necessários ainda alguns anos para que a humanidade possa gozar da Paz de Cristo, vivendo no seu Reinado de Paz; mas esse inevitável advento só será realizado quando o Pontífice Rei atirar para longe a coroa e só usar a tiara. Então haverá um só rebanho e um só pastor.

Se o Catolicismo romano viesse a vencer, eis ao que o mundo ficaria sujeito: os caminhos de ferro seriam destruídos e substituídos pela fogueira do Santo Ofício da Inquisição, que se encarregaria de fazer o paciente viajar mais depressa para o outro mundo; o fio telegráfico seria substituído por uma corda; a luz elétrica pelo clarão das fogueiras; a imprensa amordaçada e reduzida a publicar o catecismo, obedecendo à única orientação do clero, como se verifica, positivamente, entre nós, do programa dos "*Diários Associados*".

Além disso, como disse Jefferson: "*Se a **Verdade** é tão grande e forte, ela não precisa da proteção de culto algum e ainda menos do apoio do governo*".

Mas, ainda que ninguém possa ver a **Verdade**, que é Deus, contudo, aquele que o teme, que pratica o bem em prol de seu semelhante, que cumpre, enfim, os simplíssimos dez mandamentos de Deus, sentirá que algo de extraordinário lhe reside na alma.

Se não podemos atingir a verdade, tentemos ao menos lhe ser útil, disse alguém.

Santo Agostinho disse: "*Eu te procurava fora de mim e não te achava, porque estavas em mim mesmo*".

Essa doutrina era a de Buda, Orfeu, Pitágoras, Platão, Sócrates etc.

Ninguém, pois, viu a **Verdade**, que é Deus.

Entretanto, desde já começamos a esbarrar nesse ponto, com uma grande contradição entre a Bíblia, que Moisés recebeu das mãos de Deus, que Jesus veio confirmar, e que o evangelista João e os outros recolheram em suas páginas.

Disse **Jacó** (Gênese XXXII, 30): "Vi Deus face a face e minha vida foi salva".

Diz *Êxodo* XXXIII, 11: "*E falava o Senhor a Moisés cara a cara como quem fala ao seu amigo*".

Números XII, 8. (É Deus quem fala) "*Boca a boca falo com ele (com Moisés) e de vista e não por figuras ou enigmas*".

Porém,

João V, 18: "*Ninguém nunca viu Deus*", assim lhe disse Jesus.

Mas,

João X, 15 faz Jesus se contradizer: "*Assim como o Pai me conhece, também eu conheço o Pai*". Quem conhece o Pai, que é Deus, para Jesus, é porque o vê e vendo-o vê Deus, se é que as palavras são feitas para reproduzir o pensamento.

Além disso, esta frase parece uma paródia do que disse, muitos séculos antes, Amenófis (Akhenaton Ouenra), Filho único do Sol, contemporâneo de Moisés, dirigindo-se ao Pai Celeste: "*Ninguém te conhece senão teu filho Ouenra*".

Como se vê, a verdade é por demais abstrata para o homem pretender possuí-la.

Resta, porém, a fé, gritam os teólogos.

A Fé

Muito se tem escrito acerca da personalidade de Jesus, alguns o considerando um simples profeta, outros o endeusando, outros lhe emprestando um corpo simplesmente fluídico, outros lhe dando duas personalidades e outros, até, negando sua passagem na Terra, como Dupuis, que acabamos de citar.

Prudhom diz que a vida de Jesus deve ser refeita completamente, pois, de tal modo foi ela dissolvida e pulverizada pela própria religião de que ele é o autor, que só restam as cinzas do Cristianismo.

Mas, da copiosa leitura que temos feito, tivemos a ventura de encontrar um autor, quiçá o maior cristão do nosso século, que soube desvendar este mistério, além de outros, porém, de um modo profundamente científico e tão esparso em suas várias obras[20], que presumimos prestar um bom serviço aos que estudam, aos que aceitam a crença de uma vida futura, ao próprio sacerdote peiado em sua liberdade espiritual por leis canônicas e aos que procuram verdadeiramente salvar seu espírito pela verdadeira fé, publicando este pequeno rascunho.

O que é a fé senão a convicção íntima da própria consciência?

É pela consciência que a fé em Deus é revelada.

Quem diz consciência, já diz "*com ciência*", e a consciência só pode ser robustecida pela ciência emanada da **Unidade**, isto é, de Deus.

Consciência imposta por outrem e arquivada em cérebro peiado pela ignorância, pela força, pelo terror ou pela conveniência própria, poderá adaptar-se comodamente de uma vez para sempre, como a ostra ao rochedo; mas jamais essa

[20] Saint-Yves D'Alveydre— *Mission des Juifs, Mission des Souverains, Mission des Français, Mission des ouvriers, Les Mystéres du Progrès, Jeanne d'Arc victoriense. La clefa de l'orient, La Théogonie des Patriaches, L'Archeometrè* etc. etc. *Missão da Índia na Europa e Arqueometro* (ambos lançamento da Madras Editora)

consciência, em sua própria **consciência íntima, terá consciência firme** e esclarecida de possuir um vislumbre da verdade.

Quando um espírito é roído pelo terror de perder a fé, se ele modificar sua crença, este espírito está privado da verdadeira certeza. A recusa de discutir qualquer ensino oficial prova que esse espírito está obcecado pelo terror, o que destrói sua confiança íntima.

Fraquíssima, pois, deve ser essa fé.

A fé quer homens livres, disse Paulo aos Gaiatas.

A consciência livre enaltece e alegra o homem; a consciência escravizada embrutece e entristece o homem.

São Tomas de Aquino disse: "*A fé é a coragem do espírito em atirar-se para frente, certo de encontrar a verdade*".

Esse Pai da Igreja foi reconhecido por Leão XIII como sendo o maior teólogo e filósofo do Catolicismo.

Santo Agostinho, outro Pai da Igreja, dizia: "*Creio para compreender*", O que é o mesmo que dizer: creio porque compreendo.

São Luiz, rei da França, respondeu uma vez aos judeus:

"*Nada receeis. Um sábio não impõe um culto, pois a Fé é a própria manifestação da liberdade das Consciências*".

Swedenborg afirma que, "*sem um fundo de conhecimentos extremamente necessários, a fé não pode existir*".

A fé, diz ele ainda, "*é o conhecimento interno da verdade*".

A fé, dizemos nós, é o fio de Ariadne que nos conduz no labirinto em busca da saída.

A fé não é a submissão a um sistema lógico, mas sim a uma experiência pessoal (E. Secherg).

A fé católica, segundo Camille Flammarion, é uma forma mascarada da ignorância.

Para que a fé possa existir na sua plenitude, é preciso que a dúvida já existia, sendo ela a estimulante da fé e a mola real do pensamento.

A dúvida eleva o espírito humano a tais alturas e de tal modo que ela pode discernir, senão o enigma do mundo, pelo menos as luzes que o cercam.

Descartes, pondo em dúvida as doutrinas anteriores, dizia que a dúvida é o que o conduzia à experiência.

Já se foram os tempos em que São Tertuliano, por espírito de submissão, dizia: "*Creio por ser absurdo — Credo quia ineptum*".

O Catolicismo diz, mas, sem base, que a fé é um dom de Deus concedido a quem bem lhe parecer. Portanto, os que não têm a fé católica não podem ser responsáveis de não ter o Criador julgado acertado lhe conceder esse dom, que só dele depende, o que não deixa de ser uma injustiça, ou então procurou desse modo livrar essa criatura do caminho do erro.

Do mesmo modo, não se pode tratar de inimigo ou malfeitor àquele que não se beneficiou desse dom da fé, porque essa fé não poderia ter nele se manifestado, uma vez que Deus não lhe concedeu.

A fé não se impõe por meio de procissões, nem é talismã que se apregoe e ofereça à venda pela propaganda.

O Catolicismo quer que a fé seja uma qualidade, quando, de fato, é o mais pernicioso defeito do homem, quando não guiada pela ciência. A fé cega, segundo o príncipe J. Lubomorski, é um mal porque ela se opõe a todo

aperfeiçoamento. Não sendo ela perfeita, no ponto de vista concebível, ela engendra o fanatismo, coisa que não existe, por exemplo, na lei.

Não se pode, porém, conceber descrição mais profunda e bela acerca da fé do que a que foi feita pelo Dalai-Lama, do Tibete, Lobzang Gyatso, à escritora Alexandra David Niel[21]. Diz ele:

> *"Uma fé unida a um intelecto desenvolvido leva o sujeito a cair no erro e a tornar-se um criador de discursos.*
>
> *"Uma grande fé unida a um fraco intelecto inclina o sujeito a cair no erro e a tornar-se um sectário encurralado no caminho estreito do dogmatismo".*
>
> *"Um grande ardor, sem um ensino correto, impele o sujeito a cair no erro e a adotar conceitos extremos e falsos".*
>
> *"A prática da meditação, não estando unida ao saber, força o sujeito a cair no torpor estúpido ou na inconsciência".*

Religião ou Culto que precise manter uma Repartição de Propaganda da Fé, como faz o Catolicismo, é indício evidente de que a mercadoria está depreciada e o número de fregueses vai à decadência, conforme Pio XI é o primeiro a reconhecê-lo publicamente, como veremos mais adiante.

Quando foi inaugurada a estátua do **Cristo Redentor**, no Alto do Corcovado, no Rio de Janeiro, todo o episcopado, aproveitando a oportunidade de estarem presentes quase todos os bispos, reuniu-se em **Sessão Secreta**[22], no salão

[21] Les initiations lamaiques.
[22] Toda a imprensa de 13 de outubro de 1931.

da Biblioteca do Palácio São Joaquim, "*a fim de serem debatidos importantes problemas que diziam respeito à vida da Igreja Católica e o melhor meio para a* ***Propaganda da Fé***".

Isso é típico, e esdrúxulo, pois a fé deve ser propagada claramente, à luz do dia, pela palavra, pela imprensa, pelo exemplo e não às escuras, em subterrâneos ou salões fechados, secretamente, fora das vistas dos mesmos crentes, como fazem as sociedades inimigas da humanidade e da civilização. Budismo, Maometismo, Israelitismo etc., jamais lançaram mão de expediente de camelotagem para revigorar a fé dos seus fiéis.

Jesus mandou que os discípulos difundissem sua doutrina *urbi et orbe*, pobremente vestidos, sem dinheiro, sem tralha, dando o exemplo da humildade. Os que quisessem ouvir, ouvissem, os que não quisessem ouvir, passassem adiante.

O contraste entre esses 12 discípulos e os de hoje é por demais frisante.

Diz F. Pfister[23], professor de Filologia da Universidade de Wurzburg: "*A fé religiosa difere conforme as classes do povo e seu grau de espiritualidade; a dos cultivadores não é a mesma da dos letrados; sábios e filósofos também possuem modos diversos de ver*".

Acerca da fé, em suma, não nos parece que alguém tenha desenvolvido a tese com mais mestria do que Pierre d'Angkor[24].

Por isso, procuraremos fazer dos nossos retalhos, embora mal alinhados, uma colcha mosaica que, quando mais não seja, servirá para agasalhar o espírito dos incrédulos, dos materialistas e mesmo alguém de credo divergente, até que ele possa sentir o vivificante calor que o tirará da algidez em que vivia, por falta de uma pequena brasa.

---

[23] *Le catholicisme et l'Avenir religieux* — Paris, 1929.
[24] *Les religions du Monde*.

Então, quiçá, procurando aconchegar-se ao fogo central de onde irradia esse calor e essa luz, nos agradecerão por ter-lhes apontado o caminho, só conhecido de poucos, porque o resumido número de volumes de cada obra editada baseia-se no fato de que o marquês Saint-Yves D'Alveydre fazia questão de qualidade de leitores e não de quantidade.

Esse autor em uma de suas obras, *Mission des Juifs Missão dos Judeus*[*], trabalho que despertou sensacional admiração dos sábios e escritores sacros, inclusive os de credos antagônicos, havia também escrito um capítulo de cento e poucas páginas a respeito da personalidade de Jesus; mas, desta vez, no sentido puramente esotérico[25] ou oculto de sua vida. Como, porém, diz ele, ser sua missão a de trazer um ramo de oliveira e não a de espetar mais uma espada neste planeta, viu-se forçado em queimar seu trabalho, certo de que prestaria melhor serviço à humanidade do que lhe fornecendo nova arma para lutas Inglórias. É de lamentar-se.

Nos catálogos franceses, lê-se a seguinte apreciação que bem define, em seu laconismo, o valor desta obra:

> *" 'Missão dos Judeus ou da Judeu-Cristandade' é uma obra magistralmente concebida e superiormente descrita".*
>
> *"É um belo tratado religiosamente social, socialmente religioso e profundamente científico. Esse livro não é um resumo, ele é propriamente um condensado da ciência de todas as eras."*

[*] N. do E.: Acerca do Assunto, sugerimos a leitura de O Livro Completo sobre a história e o Legado dos Judeus, de Julie Gutin e Richard D. Bank, Madras Editora.

[25] *Significa* os de dentro, assim como *exotérico* significa os de fora.

Gustavo Barrozo, um dos nossos distintos acadêmicos, escrevendo, uma vez, a respeito da Liga das Nações, cuja primazia é dada a Saint-Yves, classificou aquele trabalho de "*estonteante obra de Saint-Yves*". É pena, porém, que ele não tivesse estudado mais demoradamente essa obra, porque, então, não teria em seu belo trabalho Aquém da Atlântida, classificado esse autor de "*ocultista*", refratário como ele era a qualquer sistema de teosofia ou de magia branca ou negra.

O Arqueômetro

Porém, mais estonteante, mais extraordinariamente religiosa e mais altamente científica, é sua última obra póstuma O Arqueômetro[26]. (*O Arqueômetro*), verdadeiro "*Selo do Deus Vivo*", segundo a expressão do apóstolo João, e é do seu atencioso e difícil estudo que julgamos ter encontrado a resposta à interrogação e a razão da afirmação deste capítulo.

A palavra "*Arqueômetro*" vem de dois termos védico e sânscrito: **Archa-Metra.**

Arka significa o Sol; mas, pegando letra por letra, de acordo com a "*Ciência do Verbo*", verifica-se que:

A é o diâmetro da circunferência. É essa sua figura no alfabeto adâmico ou vattan que damos adiante (Figura 10).

Ar é o círculo armado de seus raios, a roda, radiante da palavra divina.

Ka lembra a matese primordial unindo o Espírito, a Alma e o corpo da verdade.

Ark significa a potência da manifestação. A inversão desta palavra:

Kra-Kar-Kri significa criar, realizar uma obra, etc. O latim diz *creare*; o irlandês, *Kara-Im*.

[26] Vide Figura 1.

Arka é a mesma palavra, encantando com número e ritmo, o hino dos hinos, a poesia do Verbo.

Matra é a medida mãe, por excelência, a do Princípio; é o Baraschith dos templos egípcios, o Berazet do primeiro Zoroastro, o *BaRatA* do Bharata divino.

> *"É um verdadeiro aparelho de precisão das altas ciências e das artes, seu transferidor cosmométrico, seu estalão cosmológico, seu regulador e seu revelador homológico".*
>
> *"Ele traz todas ao seu princípio único e universal, à sua concordância mútua, à sua síntese sinárquica (de sinarquia)*[27]*.*
>
> *"Esta síntese, que nada mais é do que a Gênese do Princípio, é o Verbo mesmo, e ele autografa seu próprio nome sobre o primeiro triângulo do Arqueomêtro, S-O-Ph-Ya — Sabedoria de Deus — (conforme veremos mais adiante — Figura 2.).*
>
> *"Mas, para fazer compreender as aplicações possíveis do Arqueômetro, como revelador e regulador experimental desta Gênese e desta síntese, seria preciso entrar em considerações sem fim."*

[27] *Sinarquia, antítese de Anarquia*. *Termo adotado por Saint-Yves*, puro o Novo Regime Social do Mundo — o Reinado da Paz — o Reino do Céu, *cujo programa se acha definido em suas obras*. (*Esse assunto é tratado amplamente por Saint-Yves D'Alveydre em O Arqueômetro, lançado no Brasil pela Madras Editora*.)

Tendo assim falado os "*Amigos de Saint-Yves*", constituídos em Sociedade Anônima, sob este título, para dar publicidade a esta e a outras obras do Mestre, após sua morte, e, na impossibilidade de reproduzirmos aqui este genial instrumento, inspirado, quiçá, no Apocalipse de João, cuja analogia é surpreendente, daremos, simplesmente, um resumo dele sem as cores, sem as notas de música, sem o sistema planetário e zodiacal etc., para melhor nos fazermos compreender, limitando-nos unicamente ao que necessário for para o nome que constitui o nosso estudo — Jesus — (Figura 2).

Comparando-se este instrumento, que, de fato, se move, e que é positivamente um livro condensador de todas as religiões e ciências da Antigüidade, com o Apocalipse de João, livro circular ao qual, igualmente, já se referiram os profetas[28], o mesmo que o anjo mostrou a João e a Ezequiel, e que estes comeram, sentindo-o doce na boca e amargo no ventre[29], o mesmo que Deus mostrara a Moisés no monte, o mesmo que Maomé diz não lhe compreender os mistérios, o mesmo a que Jesus fazia alusão, contendo as ciências que os fariseus não entendiam e não deixavam que outros compreendessem, verifica-se a flagrante analogia entre eles e deduz-se, sem grande esforço, que a suposta visão psíquica de João foi-lhe dada verbalmente pelo divino Mestre Jesus, fornecendo-lhe a chave do Mistério da razão de ser do Universo e das antigas religiões da humanidade, baseadas na Astronomia, chamada outrora Astrologia.

O simbolismo de bestas com seis cornos e seis olhos, etc. encobre essas ciências, algumas das quais Jesus mandou que ele as selasse, isto é, não as desvendasse. Salomão em "*Provérbios*" IX, 1, diz: "*A Sabedoria já edificou sua casa e já lavrou suas sete colunas*". Essas sete colunas são os sete selos com que está

[28] Ezequiel I, 9, 10 — III, 1,2,3— Ps. XI, 7.
[29] Apocalipse X, 9. Expressão simbólica significando agradável á inteligência; mas de difícil estudo.

selado o Livro em que repousa o Cordeiro nas igrejas do próprio Catolicismo, e de que fala o Apocalipse.

Esses sete selos são os sete planetas vistos na Figura 1, em seus respectivos lugares astronômicos. São as sete cores do espectro solar, as sete notas da música (musicais), as sete correspondências do corpo humano, os sete dias da semana, as sete vogais etc.

Todos sabem que Salomão foi considerado rei sábio, depositário da tradição de Rama, por seu pai Davi, que a recebeu de Abram (Ab-Rani), **Abraão** e que este sábio tinha conhecimento desse livro **circular**, tanto assim que a posteridade lhe atribui a paternidade, chamando-o de "***Signo de Salomão***".

Mas não é aqui o lugar para tratarmos do Apocalipse que tem feito correr tanta tinta e surgir dezenas de engenhosas combinações e fantásticas interpretações.

Nas **Elucidações** trataremos mais detalhadamente deste livro.

Ora, se Jesus não tivesse deixado a chave dessa criptografia, simbolicamente representada pela chave de São Pedro (a chave do céu do Catolicismo) e que figura na tiara do Papa (com três coroas), chave infelizmente perdida pelos sucessores de Pedro nos campos de batalha das sangrentas Cruzadas, não se poderia compreender tal imprevidência por parte de Jesus nem admitir que Ele tivesse pregado ao povo israelita, por assim dizer, em chinês, por meio de parábolas ou charadas, incompreensíveis até aos próprios apóstolos que o acompanharam, sem resultado prático, portanto, para a redenção daquele povo, em particular, e da humanidade em geral que, por isso mesmo, tem sido vítima de exóticas interpretações, causando a **divisão de sua própria casa**.

Certamente esta chave existe e, para nós, ela se encontra no Apocalipse, cuja analogia com o Arqueômetro, como dissemos, é flagrante. Com ela se abrem não só o Novo Testamento de Jesus como o Velho Testamento de Moisés. E, como diz Saint-Yves, "*é inadmissível que Jesus tivesse feito uma promessa inviável. Essa chave foi dada a Pedro e a João*".

E se o leitor quiser também possuí-la, a fim de pesquisar a verdade, o mistério do Apocalipse lhe será desvendado, não baseado em interpretações metafísicas que pululam na literatura religiosa, mas na positividade científica dos números que não admite sofismas, lhe aconselhamos a Grande Obra de Dupuis: *Origine de tous les Cultes*.

Claude de Saint-Martin, filósofo desconhecido, diz "*ao homem é que compete subir para ir buscar a chave, pois, decerto, ninguém lhe virá depositar em suas mãos neste planeta*".

E Matter, seu apologista, diz: "*É em nós que encontramos a chave desta Ciência: são os raios da luz divina que iluminam nosso interior*".

É preciso, porém, eliminar a preguiça do espírito se quisermos vislumbrar essa luz.

Para o cabal estudo, portanto, do Arqueômetro, mister se faz possuir essa chave auxiliado por uma colossal soma de conhecimentos lingüísticos da Antigüidade, sobretudo o sânscrito e o hebraico, e não pequena dose de ciência das quais sobressai a música.

Vê-se, por aí, quão difícil, pois, nos seria dar sequer uma sucinta explicação desse aparelho, que trouxe a descoberta da **Arquitetura Musical** do verdadeiro **Metro Musical**, da verdadeira cromatonia etc.

Limitaremo-nos, por conseqüência, em reproduzir, com um sorriso de compaixão, o corriqueiro desenho ingenuamente denominado pelo povo de "***Signo de Salomão***", cujo resumo a seguir representa simplesmente sua figura geométrica, hexagonal, despida dos atributos conhecidos por aquele sábio rei, depositário, como já dissemos, da tradição de seu pai Davi (árvore genealógica de Jesus), que cultuava a religião de Tama, da qual Ab-Ram (Abraão) havia sido um dos Pontífices, pois tal é a significação de AB-Rama: paternidade, filiação de Rama, no tempo em que vivia o homem que representava essa Congregação em Uhr, transformado mais tarde em Ab-Ra-Ham (Abraão) por motivo que seria longo esclarecer aqui: mas a respeito do que, mais adiante, nas ocuparemos, nas **Elucidações**.

O Arqueômetro, propriamente dito, é, pode-se dizer, um aparelho constituído por dois discos fixos e dois movediços, com redução de seus diâmetros, paia permitir a leitura dos elementos de que se compõem os inferiores, de modo que, desenhado um triângulo eqüilateral em cada um, os quatro passarão a Formar uma estrela de 12 pontas. Esse aparelho pode ser visto na Biblioteca da Federação Espírita Brasileira.

Em cada uma das pontas dessa estrela dodecenal, há uma letra do alfabeto de 22 letras usado por todos os templos da Antigüidade, o que produz a soma de 12, correspondente às 12 consoantes e às 12 constelações do Zodíaco, aí, também, inscritas em suas verdadeiras posições astronômicas, e não arbitrariamente, o que é importante dizer (Figura 1).

Um dos círculos concêntricos é composto de seis pontas, e a cada uma corresponde uma letra das sete vogais em uso naquela época[30], bem como as sete notas musicais, as sete cores do espectro solar e os sete planetas. Mas, como as

[30] *Sur l'origine l'ècriture* — Marquis de Fortis d'Urban, Paris, 1938

pontas são somente seis, vemos que a vogal *A* vai ocupar o centro, como diâmetro da circunferência θ, pois ela é, como já dissemos, sua figura geométrica ou morfológica na língua adâmica, como veremos mais adiante, ligando assim as seis cores homólogas ao centro, em que é reconstituído o raio branco em sua extrema pureza, contrariamente aos sistemas de Newton e de Chevreuil, em que ele é cinzento. A nota **Mi**, de uma importância capital, bem como o Sol, à roda do qual giram os seis planetas, também ocupam o centro.

Fazendo-se girar esse aparelho, assiste-se a um curioso fenômeno de vibrações ondulatórias do éter, em que a cor amarela, a única fotogênica, sobrepuja as outras mais vivas na aparência, pela coloração do ambiente. Também na mesma Biblioteca pode ser visto esse aparelho.

Mas, para não complicar essa descrição, deixaremos de falar de suas funções.

Para nossa tese, precisamos unicamente utilizar o hexágono produzido pelos dois triângulos equilaterais, colocando-lhes exteriormente as letras que lhes pertencem e algumas interiormente em seus verdadeiros lugares matemáticos, para o caso a respeito do qual, também, teremos de nos ocupar.

Essas letras, representadas no Arqueômetro, em vattan ou adâmico, sânscrito, aramaico, sírio, hebraico, chinês[31] etc., tomam sons diversos no sânscrito, segundo as regras eufônicas do Ramayana, conforme a direção de sua leitura, da direita para a esquerda ou vice-versa, e o **O** tanto se pronuncia **O** como **U** ou **V**. O mesmo dá-se com a letra **Y** que tem som de **I** ou **J**.

[31] Os modelos serão dados adiante.

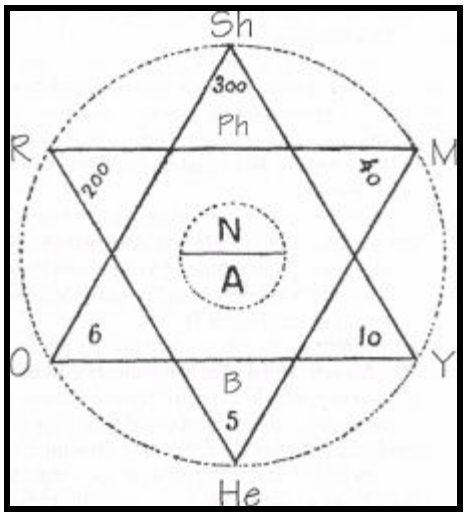


Figura 2

Na Biblioteca da Federação Espírita Brasileira acha-se um quadro arqueométrico por nós organizado, no qual se vê o alfabeto templário das línguas orientais, até o do primitivo chinês, trigrama de Fo-hi, distribuído de acordo com seus valores, identificando-se mutuamente em sua morfologia universal.

Afirma Saint-Yves, com a maior convicção científica, posta à prova em todos os seus trabalhos, que as letras colocadas sobre o **Arqueômetro não obedeceram absolutamente à vontade humana**, nem são o resultado de nenhuma combinação fantasiosa, o que afastaria, *ipso facto*, seu caráter científico na mais rigorosa acepção do termo. Elas ali se colocam autologicamente, obedecendo unicamente a uma lei divina, à **Lei do Verbo**, representando as forças fenomenais do Cosmos, e são falantes por sua própria natureza morfológica.

Não é em vão que a tradição se conservou sobre o valor cabalístico de certas palavras, empregadas ainda hoje, disparatadamente, por ocultistas, feiticeiros e até pelo próprio Catolicismo e seus exorcismos.

Para ser provado, seria preciso que reproduzíssemos aqui o primeiro alfabeto da humanidade, o vattan, outrora chamado adâmico, ainda conservado no

Racional dos Bramas, o que nos afastaria um pouco do nosso rumo; contudo, mais adiante nas **Elucidações** procuraremos esclarecer alguns pontos suspensos e nessa ocasião falaremos desse alfabeto.

A cada letra, no Arqueômetro, corresponde um Número. Esses **Números**, que constituem um capítulo especial da Bíblia, incompreensível a quem o lê sem possuir a chave, pertencem a uma matemática quantitativa e qualitativa.

Quantitativa pelo seu valor numérico e equivalente às vibrações sonoras e cromométricas dos gabinetes da física, e qualitativa pela correspondência verbal que possuem com as forças fenomenais do Universo sideral, com sua Logia, legislada, isto é, com o **Verbo Criador**, porque é bom dizer que a palavra humana não é a conseqüência do esforço dos primitivos seres racionais, como alguns antropologistas querem, mas, sim, uma incidência refletiva da **Divina Palavra**, dada ao homem para diferenciá-lo do resto da animalidade e poder glorificar seu Criador, que é o próprio **Verbo**.

Essa é a razão pela qual o gorila, o chimpanzé, o orangotango, a cujas conformações fisiológicas e anatômicas nos assemelhamos, nunca falaram, não falam nem nunca falarão, apesar dos esforços tentados pelos sábios e pacientes zoologistas. Por isso algo de misterioso deve haver no homem mudo, cuja circunvolução de Broca não se desenvolveu normalmente. Se a palavra lhe foi recusada pelo Criador, equiparando-o ao gorila, verdadeiro homem das selvas, quem poderá, em boa consciência, afirmar que essa anomalia não tenha sido causada pelo mau uso que ele fizera da mesma, em outras vidas, blasfemando o Onipotente? De outro modo seria uma injustiça de Deus!

Há um tipo de macaco na África ocidental chamado Kooloo-Kamba. As duas faces são lisas, a testa é elevada, tem olhos grandes, assemelhando-se a um

chinês ou a um esquimó. Tem barba no queixo e possui as orelhas iguais às do homem; mas não fala.

O gorila tem os braços longos, as pernas curtas, quase sem pescoço. E o que mais se aproxima do homem, isto é, dos primitivos africanos da Guiné, não só pela dimensão e estrutura do corpo, mas, especialmente, pela conformação do braço, da mão, do pé e da bacia, visto que fica um grau abaixo do chimpanzé, por possuir este a forma do crânio e do cérebro idêntica à do homem; mas **também não fala**.

Licktenstein, sábio alemão, falando do **Bosquimano**, diz que esse **homem**, habitante das selvas africanas, apresenta a verdadeira fisionomia do pequeno macaco azul da Cafraria. A vivacidade dos olhos de um **Bosquimano**, a flexibilidade de suas sobrancelhas torna essa comparação acentuadamente exata. As narinas e os cantos da boca, que digo?... as próprias orelhas desse **homem** moviam-se involuntariamente[32]. Por outro lado, não havia um só traço em todo o seu rosto que indicasse a consciência de uma inteligência, tão limitada quanto fosse. Tornou-se célebre a frase de Haekel, acerca desses rudes africanos: "*para quem quer que estude sem preconceitos a natureza: os **Bosquimanos** aproximam-se mais do gorila e do chimpanzé do que de um Kant ou de um Goeth*".

Contudo, ainda assim, eles possuem uma linguagem articulada, se bem que muito limitada, e uma numeração que não passa de dez, e isso os coloca acima daqueles macacos, por possuírem o Verbo, o Espírito de Deus, a inteligência e o raciocínio, que neles é substituído pelo instinto da conservação. São esses os famosos macacos a que se refere o célebre poema "*Ramayana*", que auxiliaram

[32] Particularidade de alguns homens ainda hoje.

Rama a vencer. São esses selvagens dos Serros azuis habitados por grandes macacos semelhantes a gorilas que Rama civilizou.

Não são, pois, macacos, propriamente falando, como se lê naquele poema; mas homens dotados da palavra, embora muito rudimentar.

Ciências Ocultas

Pela descrição sumaríssima que acabamos de fazer do Arqueômetro, pedimos insistentemente não se ver nele a menor sombra de **ocultismo** ou de **magia**. O **Arqueômetro** é totalmente refratário a essa classificação, pois, sendo profundamente científico, deixa de ser oculto, porque o que está oculto deixa, por isso mesmo, de ser científico. Daí a impropriedade da expressão: "*Ciências ocultas*". Ciências ocultadas é que deve ser.

As quatro hierarquias dessas ciências eram representadas pelas quatro letras do nome de Deus: **IEVE**, isto é, **I.E.Vau.E**., ou seja, Jeová, constituído pelo **x** algébrico que oculta a verdade.

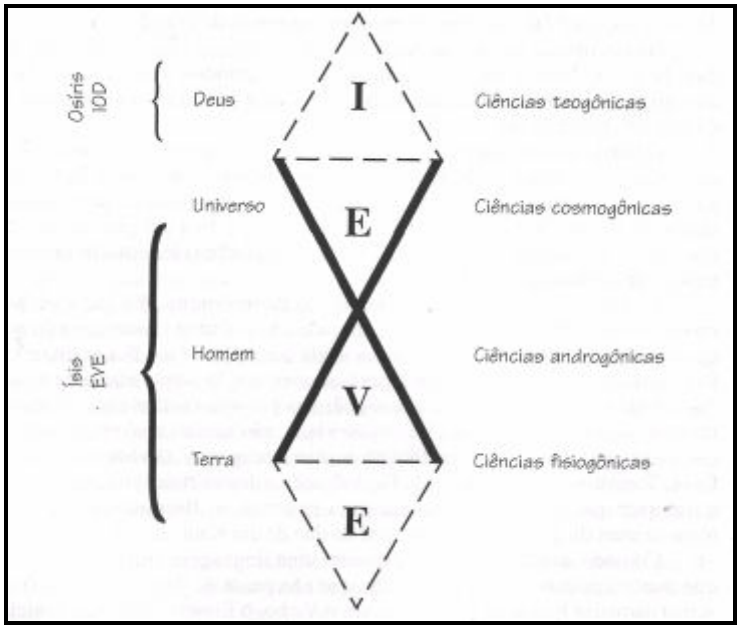


Figura 3

Filon declara, expressamente, que não era permitido ouvir o nome de IEVE e ainda menos de pronunciá-lo ou transcrevê-lo literalmente.

Abraão chamava Jeová de **Shaddaï**.

Os israelitas não o pronunciam, tal é o respeito que lhe consagram, por isso o substituem pelo nome **Adonai**.

O mesmo fez Jesus, substituindo-o por **Pai**.

As próprias letras, segundo dizem seus cabalistas, são brasas que queimam, sendo mister saber manejá-las com critério.

São Gregório de Nazianza diz que esse nome é inconcebível ao espírito e inexplicável pela palavra. É um santo do Catolicismo que fala.

Segundo os profundos estudos de J. B. F. Obry[33], o termo IEVE (Jeová) proclamado por Moisés parece ser um derivado do **Yahvah** sânscrito, tendo íntima relação com o deus do fogo, indiano, **Agni**, visto como, para Moisés, Jeová era um **fogo devorador** que residia na Arca, segundo se lê na Bíblia.

Na Pérsia, Deus era representado pelo fogo, simbolizado no Sol.

E, de fato, IEVE (Jeová) residia na Arca que ele mandara Moisés construir, conforme as indicações que se encontram em **Êxodo** XXV, 10 em diante.

Essa Arca, segundo a descoberta de Saint-Yves, que revolucionou a ciência do seu tempo, não passa de um formidável acumulador elétrico, especialmente orientado com o magnetismo terrestre, como ali é recomendado, e no qual Moisés se saturava de eletricidade, para produzir os prodígios de fulminação de milhares de pessoas, de que reza a Bíblia.

[33] Jehovah et Agni — 1870.

Basta reparar nos detalhes da descrição de sua construção para verificar quais os elementos positivos e negativos, suas posições no campo magnético da Terra, a utilidade dos querubins com suas asas, a água etc.

Essa Arca, que não era acesa por nenhum fogo artificial, conforme se lê em **Apocalipse** XIII, 13 — **Reis** I, XVIII, 38 — **Levítico** IX, 24, derretia, contudo, as carnes dos carneiros imolados e fulminava quem dela se aproximasse sem a devida ciência (**Levítico** X, 1, 2).

De dia, dela se desprendia uma nuvem e à noite ela emitia uma luz.

Esse fogo celeste era empregado na Pérsia, na China[34] e na Grécia, para o mesmo fim religioso.

Jeová era, pois, um **fogo devorador**, digamos logo: a eletricidade.

As pesquisas modernas dos Andes e de um patrício nosso em Pernambuco, talvez mal orientadas, têm por fim a captação dessa eletricidade atmosférica, cujos resultados, embora medíocres, comprovam aquela possibilidade em alta escala.

Isso é dito desde já, para corroborar o que diremos mais adiante sobre a semelhança da Bíblia com os livros anteriores da Babilônia, da Índia, da Pérsia etc., e que o próprio Moisés diz ter tido seu conhecimento.

As últimas escavações feitas na Babilônia têm fornecido inúmeros tijolos com inscrições de **Yevah**, o que prova, sem receio de contestação, ser esse nome muito anterior a Moisés, e, portanto, sujeitos à controvérsia os versículos 5 e 6 do capítulo XXXIV de Êxodo, que, pela primeira vez, se referem ao nome de Jeová, porquanto, tanto em Gênese como até aí, Deus era simplesmente o **Senhor**. Em hebraico, porém, esse nome traduzido por Senhor é representado pelo termo

[34] Vide: Templos.

Elohim, que significa, conforme veremos posteriormente, as forças da natureza, por isso só mais tarde Moisés empregou o termo **Jeová**.

Como o termo Jeová oferece a vantagem de ser dividido em três: Ye — Ho — Va, correspondendo, assim, metaforicamente, ao passado, ao presente e ao futuro, o Catolicismo, sempre por espírito de imitação do Paganismo*, fez dele três hipóstases: Pai, Filho e Espírito Santo e colocou este Tetragrama em um triângulo, como representando as três pessoas da trindade, do mesmo modo como se vêem no triângulo da Figura 2 as três letras de Jesus **Y** — **Sh** — **O**.

Segundo Abel Remusat[35] esse tetragrama também foi conhecido na China, provavelmente oriundo dos egípcios, e era assim dividido: **Y** — **He** — **Vei** obedecendo à fonética chinesa. **Lao-Tsé** simbolizava esse termo da seguinte forma:

> *"**Y** — aquele que vedes, mas não nomeias.*
>
> ***He** — aquele que ouvis, mas vossos ouvidos não ouvem.*
>
> ***"We — aquele que vossas mãos apalpam, mas não podem segurar"**.*

Segundo os talmudistas foi Simeão, o justo, morto em 292 a.C, o último Pontífice que proferiu em voz alta o divino tetragrama, de acordo com o valor das próprias letras, na grande bênção do povo, por ocasião da solenidade do dia da explicação. Simeão predisse os futuros prodígios de Jesus, tal qual **Asita** profetizou o futuro do seu filho Buda.

Ora, que essas ciências tivessem sido ocultadas pelos sábios dóricos numa época da História da Humanidade, a partir do cisma de Irshu, 3.200 anos

* Sugerimos a leitura de Cristianismo e Paganismo — A Conversão da Europa Ocidental, de Jucelyn Nigel Hellgarth, Madras Editora

[35] Memoires sur Lao-Tsé.

antes de Jesus Cristo, pela perseguição movida pelo Ionismo ora nascente, é questão sobejamente provada por eminentes sábios do Egito, da antiga Grécia, da índia, da China e por modernos, entre eles o padre católico **Moreux**, diretor do Observatório Astronômico de Bourges, em sua notável obra *La Science Mystérieuse des Pharaons*, e, portanto, insuspeito e com autoridade suficiente para tapar a boca de fanáticos contestadores.

Dessas ciências, muitas chegaram até nós, como a **Alquimia** que rebatizamos de Química, a **Magia** que escamoteamos para Física, a **Morfologia** que rotulamos como Geometria, a **Astrologia** que sorrateiramente transformamos em Astronomia, e outras que desapareceram até serem redescobertas um dia com outros nomes, como soem ser a **Astrosofia**, a **Teurgia** etc.

A epístola de Paulo aos hebreus é toda dedicada a essas ciências que ele, como judeu letrado, conhecia suficientemente[36], não as podendo, porém, explicar àquele povo porque este não o entenderia[37].

São essas ciências que Jesus censura aos fariseus de terem tirado a chave, não podendo penetrá-las nem deixando que outras as penetrassem.

Por isso não respigaremos, por ora, sobre este ponto que foge do nosso alvo, se bem que a Ciência do Verbo era, e ainda é, positivamente uma ciência de que o **Arqueômetro** veio como para constituir exatamente o aparelho de precisão, que revela e controla as palavras de todas as línguas antigas, desde a vatânica, ou seja, a adâmica, tomando este termo **Adam** (Adão) na sua primitiva significação védica e sânscrita de **Unidade**, **Universalidade**, e não como o Pai carnal do gênero humano, simbolizado posteriormente por Moisés em sua Gênese, inspirada na Cosmogonia caldaica, em cujos planisférios astrológicos se verifica a figura de uma

[36] II Coríntios XI, 6 — "*E se também sou rude na palavra, não o sou, contudo, na ciência.*"
[37] "*... porque não me entenderíeis: precisais de leite e não de alimento sólido*".

árvore com uma serpente enroscada, ladeada por um casal humano, oferecendo um fruto (Figura 7). Esse casal, em outros planisférios, tem o nome de Signo Zodiacal: **Gêmeos**.

Olhando o triângulo norte da Figura 2, vemos nele escritas as letras Y — Sh — O e, no triângulo sul, as letras M — R — He, as quais, lidas em adâmico, védico, sânscrito e em muitas outras línguas, se pronunciam IESU — MARIA. Nas "**Elucidações**", daremos uma explicação mais detalhada dessas letras.

Quando Krishna pontificava na Índia, 3.200 anos antes de Cristo, era esta a síntese divina que representava o Princípio Indivisível, o Princípio macho e fêmea, e que constituía a Religião Universal, monoteísta, com exclusão, porém, da Europa que ainda era selvagem, vivendo seus habitantes em grutas de pedras.

Esta religião, diz Saint-Yves, já contava com várias sínteses e Alianças superpostas:

1 - A universal de 1 — Sh — Va — Ra.

2 - A indiana das raças morenas, a do Bharat de IshVaRa.

3 - A ariana conquistadora de Rama.

4 - O sistema de Nared, ligando-se à proto-síntese.

5 - A bramânica concordatária, a de Krishna, fonte do Abrahamismo.

Da letra Y é que partia todo o movimento emissivo e remissivo na formação dos termos litúrgicos ou científicos, e esta letra era atribuída desde aquela era a Jesus, Verbo Criador: I-Sh-O (Iesu) — I-Ph-0 (Verbo) que, também, se lê no mesmo triângulo norte, e que na tradição dos astecas, que derivaram dos atlantas, também se referia ao Verbo Criador em QUETZALCOHUATL.

Essa tradição diz que esse Deus era benigno, que havia vindo do Oriente, que era alto, de tez branca, de barba e cabeleira negra, que por terem-no maltratado e enxotado, retirou-se profetizando que brancos como ele viriam um dia conquistar aquele povo, do qual não ficaria vestígio da sua civilização.

Suas máximas eram idênticas às do Nazareno: "*Vestir o nu e dar de comer a quem tem fome. Amar seu semelhante*" etc.[38]

Notemos de passagem que grande quantidade de palavras astecas é composta por OTL e terminam em ATL, radical de Atl-ante, e significam, de acordo com a matemática qualitativa: **Limite das Águas**, e parecem referir-se ao fim do cataclismo diluviano que demarcou o território.

Esta letra Y é a letra do **Filho que tem de sentar-se à direita do Pai** — **EVE** — a que muitas vezes Jesus aludia, pois, em hebraico, Jeová se escreve EVE-I[39].

É uma das analogias desse aparelho com as rodas do Apocalipse que só giravam para um lado e não retrocediam, pois todas as palavras partiam dessa letra, isto é, da direita para a esquerda, como frisa o mesmo João, quando fala da **porta aberta no Oriente**, pela qual ninguém pode entrar ou sair.

Mas não divaguemos.

Um cisma houve, portanto, que não cabe aqui relatar, mas do qual estudiosos encontrarão amplos detalhes na *Mission des Juifs*, promovido há cerca de 5.200 anos pelo ambicioso regente Irshu, de onde se originaram os irshuitas, a

[38] Mario d 'Arpi — México — Ed. de Bergano, Itália.

[39] O sr. Jinarajadasa, distinto médico indiano, escritor e filósofo, por ocasião de sua passagem pela capital do Brasil, em outubro de 1928, em sua notável conferência, não deixou de estranhar que um povo culto, como o nosso, consentisse que se usasse em rótulos de garrafas de cerveja o nome da síntese divina de um povo de 400 milhões de almas — Brahma — bem como se ver Buda — síntese divina da China e da Índia, servindo de peso para papéis ou outros mistérios, ao passo que naquelas nações ninguém se atrevia a usar a cruz como emblema mercantil. Estranhou, também, saber que se emprega aos berros o nome de Deus de Israel — Evohé! (Jeová) como grito de loucura carnavalesca, em honra a uma suposta divindade mitológica — Momo. Bem se poderia inventar outra coisa para substituir essas inconseqüências.

que tanto se refere a Bíblia e que deu lugar à célebre concordata com Krishna, em tirar a supremacia da letra Y que passava a pertencer à letra M do triângulo de Maria (MRHe) — Figura 2.

É o atual M da misteriosa e mística palavra do bramanismo AUM (pronunciar: OM).

O cisma de Irshu, descrito por Fabre d'Olivet e extraído do livro védico *Skanda-Purãna*, foi publicado por Wilford, no tomo III de **Asiatic Researches**.

Foi esse cisma que produziu os cultos assírios, fenícios, astecas, sivaitas, a idolatria dos negros e dos polinésios, os deboches dos Naturalistas gregos e romanos, o sadismo degenerado da Idade Média, as lubricidades modernas dos adeptos de Voisinet, de Vintras, o Cesarismo caótico dos Bórgias, enfim, a moral arrivista atual dos decadentes e nossa mixórdia internacional[40], para atingir ao moderno feminismo que ameaça desorganizar a vida social da humanidade[41].

Irshu era irmão de Tarak'hya, filhos do rei Ugra.

Os partidários de Irshu se chamavam por ironia os **Pallis**, isto é, em sânscrito, os Pastores, tão citados na Bíblia (os Reis Pastores).

Sem entrarmos em pormenores que complicariam esta dissertação, diremos somente que dessa transposição de letras, verificável com o Arqueômetro movimentado, e no pequeno resumo da Figura 2, resultou a inversão de todo o sistema dórico e a substituição dos termos I-Sh-O — M-R-He, pelos de B-R-M — Sh-I-Va, nascendo, então, o ionismo, fonte do naturalismo, do feminismo, do militarismo, da política e da conseqüente anarquia, que reina hoje no mundo.

Com efeito, rodando-se o desenho da Figura 2 da esquerda para a direita e de cima para baixo, de modo que a letra M venha a ocupar o lugar do Y, e,

[40] Michel Manzi.
[41] Pourquoi je ne suis pas feministe, de Rachilde, escritora, Paris, 1928.

invertido, assim, o elemento básico, *ipso facto* fica invertida a leitura de todos os outros elementos, e então fica-se surpreendido de ler da esquerda para a direita Ba-Ra-Ma — Sh-I-Va, ou seja Brahma-Shiva.

Daí a origem do Bramanismo, do qual saiu, mais tarde, o Abraamismo, religião de Rama de Abraão, de Moisés, de Jesus e de Maomé.

Dividida assim a antiga síntese divina, Krishna fez ver que, da separação daquele princípio indivisível, atribuindo função diferente à Brahma e a Shiva, era natural que surgisse o terceiro termo da trilogia em que se baseiam todos os fenômenos da natureza, de acordo com a Cosmogonia dos persas, firmada na astrologia, e criou o termo **Vishnu**, que se lê igualmente naquela figura, em V-I-Sh-N, obedecendo, ainda assim, às mesmas regras científicas da confecção dos nomes, pois, V-I-Sh é a inversão de Sh-I-Va, assim como de I-Sh-V (IShO).

Pela mesma razão aB-Ra-Ha-M é a inversão de Ma-Ha-Ra-Ba que, em sânscrito, significa a "*Grande Maestria*", a "*Grande Criação pela Palavra*", pois, em sânscrito e hebraico, BRa exprime a idéia de criação. A primeira palavra da Gênese é Boereschit que se desdobra em **Bara**, palavra, verbo, criar, e **Schit**, seis.

Mais adiante detalharemos este ponto.

Trinitarismo

Foi aí, pois, que nasceu o trinitarismo de Krishna: **Brahma-Shiva-Vishnu**, conhecido no Egito por **Osíris-Íris-Hórus** e, por fim, no **Catolicismo** por **Pai-Filho-Espírito Santo**, pois, no primitivo Cristianismo, nem Jesus, nem Pedro, nem João, nem Tiago e nem Paulo, jamais cogitaram essa trilogia, no sentido de ser o Espírito Santo uma das três pessoas de Deus; mas, pura e simplesmente, uma suposta graça vinda do céu, sugestionada por gestos teatrais. Só em Atos VIII, 15 e

seguintes, é que se encontra esta passagem; os Evangelistas a nada disso se referem.

Paulo, mesmo, sempre foi antitrinitarista.

Jesus nunca doutrinou que seu Pai (Jeová) tivesse três pessoas distintas numa só, das quais ele seria uma delas.

Esse tema foi arranjado pelo Catolicismo, de acordo com as crenças pagas, já adotadas pelos povos de uma época inconcebível, quiçá, antediluviana, no tempo dos sumerianos, anterior à Babilônia, em que os Cabiras representavam a trindade por **Ea**, Pai —; **Istar**, Mãe —; **Tammuz**, Filho.

Os Orficos, da Grécia, chamavam essa trindade: **Axier**, Pai celeste — **Axiokersa**, Mãe terrestre — **Axiokers**, Filho do Céu e da Terra, aos quais apelidavam de **Zeus** — **Deméter** — **Dionísio**.

Nos *Mistérios de Elêusis*[*], a ordem é outra: O Pai é **Dionísio**, a Mãe, **Deméter**, **Iachos**, o Filho.

Na antiga Canaã, era **Baal**, Pai —; **Astarté**, Mãe —; **Adônis Echmun**, Filho.

No Egito, como já vimos, **Osíris** é Pai —, **Ísis** é Mãe —, **Hórus**, o Filho, porém, mais tarde, por circunstâncias que seria fastidioso descrever: **Osíris** passou a ser Filho.

Na Índia é **Brahma**, Pai —; **Shiva**, Mãe —; **Vishnu**, Filho.

Os indianos, personificando a Soberana Potência de Deus, como sendo sua esposa, fizeram com que daí saíssem três filhas, com poderes: um de criar, outro de conservar e outro de destruir[*].

---

[*] N. do E.: Acerca do assunto, sugerimos a leitura de Ritos e Mistérios de Elêusis, de Dudley Wright, Madras Editora.

[*] N. do E.: *Brahma — construtor; Vishnu — mantenedor; Shiva — destruidor.*

Na China, era e ainda é, **Brahma**, Pai —; **Shiva**, Mãe —; **Buda**, Filho.

Na Pérsia, de Zoroastro, era **Orzmud**, Pai; **Arimã**, Mãe; **Mitra**, Filho.

Na primitiva Germânia era **Votan**, **Friga** e **Dinar**.

Na China, a trindade divina é representada por **Y** — **Ue**i — **Táo**, que corresponde à unidade absoluta, à Existência Universal, à Existência individual, ou seja, à Teogonia, à Cosmogonia e à Androgenia.

Táo significa: Via — Caminho. É a base do Taoísmo.

Jesus dizia: "*Eu sou o primeiro e o último*" — o Táo (última letra hebraica) — "*Eu sou o caminho*".

Para Fo-Hi, ela se compunha de **Ki-Tsing-Chen**, ou seja: os princípios espiritual, material e animal.

Os druidas já conheciam uma trindade em **Abred**, **Gwynfyd**, **Ceugant**.

Jesus disse: "*Onde estiverem três reunidos em meu nome, aí estarei*". O Catolicismo submeteu essa frase a um torniquete do qual extraiu o dogma da trindade.

Muitíssimos séculos antes, havia povos no norte da Europa, cuja única oração era a seguinte, pronunciada com os olhos no firmamento, o do meio de mãos dadas aos outros dois, cujos braços livres se erguiam e abaixavam em ritmo: "*Sois três, somos três, tende piedade de nós*".

Só depois de muitos séculos e de intermináveis discussões entre os bispos romanos foi resolvida a questão de ser Jesus uma das três pessoas, no Concilio de Nicéia, no ano 325, presidido pelo imperador Constantino, que impôs esse dogma pelo terror, tendo feito correr muito sangue, conforme veremos no artigo **Dogmas**. Deixa, portanto, de ser obra teologal para ser obra arbitrária.

O primeiro homem que introduziu na Europa a idéia da Trindade, oriunda de vários povos antigos, como se vê, foi o filósofo grego Timeu de Locres, no século IV antes de Cristo, em sua obra *Alma do Mundo*, copiada de Orfeu, que a recebeu do Egito e que apresentava Deus sob o emblema de uma Trindade Misteriosa com três nomes.

Se tudo isso não é plagiar a Antigüidade, então... está certo! Por aí se vê, pois, que o Bramanismo, religião de Krishna, já era a quinta superposição sintética da Proto-síntese, citada por João e por vários Pais da Igreja, dos quais Santo Agostinho, que a chamava de **Religio-Véra**[42], e não como vulgarmente se faz crer nas camadas menos letradas, religião criada do pé para a mão, com um Deus manipanso e vários deuses de menores categorias, que, aliás, não é a divindade bramânica, nem mesmo búdica, introduzida mais tarde na índia, pois Brahma não é representado por nenhuma, mas pelo termo BRAHMAN (Deus Supremo — Ser Insondável).

O Bramanismo oculta em seus símbolos milenários a primitiva religião da humanidade, revelada por Jesus, como **Verbo Criador**, aos primeiros Patriarcas; **Jesus-Rex-Patriarcharum**, dizem as ladainhas, com algum fundamento tradicional, quando estes, ainda não viciados por uma série ontológica de fatos e crimes, e na pureza de suas almas, estavam aptos a receber a Revelação, e essa Religião já era a atual cristã que Jesus veio reimplantar na Terra; mas, saturada de budismo e mosaísmo, que Paulo destruiu e que o Catolicismo ainda mais anarquizou introduzindo-lhe a política[*].

A primitiva China, aceitando mais tarde parte dessa síntese: Brahma-Shiva, proposta por Fo-Hi (Pai da Graça), nome que Cakya Muni adotou, quando,

[42] Retract., L i — Cap.III — Num. 3.

[*] N. do E.: A respeito desse assunto, sugerimos a leitura de Lendas de Atlântida e Lemúria, de W. Scott Elliot, Madras Editora.

retirando-se da Índia com seu Colégio sacerdotal, composto de cem famílias, foi colonizar o Hoang-Ho (rio Amarelo), descendo pelas nascentes do Yüng-Tsé-Kiang, antes do dilúvio de Yao, conforme relatam seus livros[43], e onde reinou 3.253 anos antes de Cristo, não pôde, contudo, adotar o terceiro termo de Vishnu por já possuir a China uma Síntese divina representada no termo **Buda**. Daí o Budismo: **Brahma — Shiva — Buda.**

E por que Buda? Como já existia este nome na China? Quem era esse Buda?

Muito longe, também iríamos, se tivéssemos de citar a imensa literatura de verdadeiros sábios que aprofundaram o Budismo; mas basta dizer que no Peru foi achado esse termo gravado nos rochedos pré-históricos, é que esse nome já era conhecido entre os astecas, na Escandinávia e pelos germanos, pronunciado conforme os dialetos, como Woda, Vodam, Vattan, Votam, Odin, Udin, Udha, B'huda, B'huvi, Buva etc.

Os chiapanezes do antigo México pretendiam descender de Voltan, Votan, vattan.

E, até na Síntese divina da Raça Vermelha, era o **Swa-Y-am-B'uva** que significa "**Ser existente por si próprio**".

Eis a origem religiosa do trinitarismo, muito superficialmente estudada, pois ela encerra, igualmente, a questão dos três estados da matéria.

Dilúvio

Ora, a China esteve certamente ligada ou em fácil comunicação com o Peru, Bolívia e Chile, na Cordilheira dos Andes, pelos montes que formam hoje as ilhas da Oceania, ou pelo continente lemuriano submergido, no qual devia ter

[43] JAMES LEGGE — Chinese Classics — Tom. III, part. I — p. 189.

existido uma notável civilização, pelas imponentes ruínas de templos que ali se vêem, como as de Papeete, já que, de outro modo, dificilmente se conseguirá explicar a semelhança da raça amarela ali existente que, mais tarde, foi descendo pelo lado do Atlântico, por causa da submersão que teve lugar simultaneamente da Lemúria e da Atlântida*, os Andes acabavam de emergir, formando, assim, grande parte do nosso território.

Se fosse prevalecer a hipótese de deslize dos dois continentes, América e África, como pensam alguns escritores, pelo aparente recorte que apresenta sua figura geométrica, teremos, então, de optar, com mais razões, para nossa hipótese pessoal, de ter sido esse deslize produzido no primeiro ou no último período do resfriamento da crosta terrestre, quando a Terra não comportava seres do reino nominal, o que corrobora a completa ausência de raças humanas opostas, de prêmio em um ou em outro lado, sendo mesmo de notar que grande parte da flora e da fauna, embora se assemelhem, é, contudo, diferente em muitos pontos.

Não se pode, pois, deixar de crer na existência da Atlântida no ponto indicado pela nossa Figura 4, com uma raça diferente, a vermelha, cujas espécies foram encontradas puras na América do Norte e no norte da África e ainda se acham disseminadas pelo mundo, embora degeneradas.

Nos antigos livros da China se encontra que o Tapir das Cordilheiras do Brasil (nossa Anta), era igual ao da China, e que esse animal era considerado como sendo a alma de um antigo herói.

Constantin Balmont[44] julga, acertadamente, impossível achar-se explicação no fato de encontrar-se os mesmos monumentos arquitetônicos, esculturas, pinturas, petróglifos, em toda parte do mundo, de Norte a Sul, de Leste a

* N. do E.: A respeito desse assunto, sugerimos a leitura de *Lendas da Atlântida e Lemúria*, de W. Scott Elliot, Madras Editora.

[44] JAMES LEGGE – *Chinese Classics* – Tom. III, part. I – p.189.

Oeste, indicando uma mesma linguagem pelas suas raízes, uma mesma escrita, uma mesma religião, sem a existência da Atlântida.

A palavra **Atlante** se decompõe assim:

Atta, que significa o **Senhor**, o **Ancião**, o **Pai** e **Iant**, **a extensão universal**, isto é, o sistema do Universo.

A moeda dos atlantes, que tinha curso na Índia, possuía impressa a figura de uma serpente alada ou dragão. Tal serpente é encontrada gravada nos rochedos do Peru, pelo lado do Acre, numa altura de algumas dezenas de metros e numa extensão de uns 100 metros, além das que figuram nas inscrições petrolíticas do norte do Brasil e na índia.

Não se pode admitir razoavelmente que o Oriente tivesse passado para a América do Norte pelo estreito de Bhering, como pensam outros escritores, por duas razões dignas de aceitação: a primeira é que, mesmo com o atual aparelhamento, dispondo de todos os recursos para empreender viagens nos mares glaciais, essa passagem torna-se assaz difícil a uma expedição normalmente organizada, e quase impossível, nos primitivos tempos, a uma família ou a um grupo de homens desprovidos de quaisquer recursos, e de um modo regular, para o povoamento de uma região; a segunda é que a raça tolteca, raça vermelha, mais provavelmente originária da Atlântida submergida, está longe de se parecer com a raça asiática, não só na cor como no tipo fisiológico.

Há mesmo inúmeros sábios que se dedicam a esses difíceis estudos, que dizem ser os povos nômades, que entre nós chamamos de ciganos, oriundos da Atlântida, não só por sua cor avermelhada, embora muito degenerada, como pelas raízes do seu esquisito idioma, e pelas práticas religiosas, próprias da Índia e com certas analogias com as dos toltecas.

Monsenhor Grouard, vigário apostólico, escreveu no *Univers* de 23 de maio de 1898: "*É notável a estranha semelhança das crenças e práticas assírias da Babilônia com as dos selvagens da América do Norte. Seus feiticeiros nunca tratavam um doente, sem obrigá-lo pela confissão de suas faltas, a expulsar o mau espírito que, por isso, se apoderara do seu corpo*".



MAPA DA ATLÂNTIDA
Segundo Th. Moreux
Figura 4

No entanto, esse Monsenhor ignora que essa prática já existia na Índia e na Pérsia há milhares de anos antes de Cristo, levada pelos atlantes, cujas espécies existem ainda na África, ou pelos indianos por meio das Cordilheiras, o que é mais racional dada a perfeita semelhança de raças.

É pela mesma razão que encontramos entre nossos silvícolas do Amazonas a síntese divina representada no termo **Tupan**, análoga ao Deus **Pan** dos arcadianos e inúmeras lendas conhecidas na índia.

Recorrendo-se ao dicionário **Tupi-Guarani**, de Montaroyo, encontramos ali a palavra **Tupã**, descrevendo todos os atributos e qualificativos, e mais alguns do Catolicismo, culto este que, decerto, não era conhecido pelos nossos selvagens antes que ali aportassem os navegadores.

Isso prova, mais uma vez, a grande aproximação dos continentes europeus e americanos pelo Norte da America do Sul (Figura 4), sem, contudo, haver absoluta ligação, pela ausência nas duas Américas da raça africana, trazida mais tarde, a do Norte, pelos espanhóis, por decreto imperial de Carlos Quinto, sob proposta do bispo Las Casas, que assistia à horrível destruição dos naturais pelos fanáticos católicos, tendo sido os genoveses quem se encarregaram desse tráfico, e a do Sul, pelos portugueses, todos genuinamente católicos, apostólicos e **romanos**, que se enriqueceram com essa fraternal mercadoria.

Scott-Elliot[45], Quatrefages[46], Le Plongeon e alguns outros pesquisadores admitem a existência da raça negra na América do Norte em época muito anterior à invasão dos espanhóis; porém, não explicam seu completo desaparecimento, uma vez que a raça vermelha, a amarela e a branca sempre continuaram se desenvolvendo.

O caso é, porém, que, na América do Sul, seus redescobridores jamais se referiram a essa raça.

Encontramos o perfeito tipo do indiano, que ainda é o dos nossos sertanejos, porque eles desceram também com o **Tapuia** pelo lado dos Andes, ou

[45] History of Atlantis.
[46] I.'Espèce humainc.

mesmo passando-se pela Atlântida. Tal é a opinião de Newmann, bebidas em fontes chinesas.

Diz Mareei de Serres[47]: "*O alteamento das cadeias das montanhas da América, por exemplo, é tão recente, que se supõe contemporâneo da dispersão dos terrenos de transportes antigos chamados diluvianos*".

Esse alteamento dos Andes e das cadeias de montanhas do lado atlântico que se achavam submergidos, na nossa opinião, proveio do fenômeno de compressão da base dessa cordilheira pelo afundamento simultâneo da Atlântida, por um lado, e do continente ocupado pela Oceania, por outro.

Essa compressão fazendo emergir a Cordilheira dos Andes produziu igualmente a emersão dos planaltos e do litoral da América do Sul. Essa opinião deve estar bem perto da verdade, quando olharmos, por exemplo, a linha horizontal, a perder de vista, que se nota delineada nas serras de Ibiapaba, no Ceará, e a imensidade de fósseis de peixes encontrados ali, a 300 e 600 metros de altitude e que abundam até o sul.

O Ceará arenoso, grafado outrora Seara, não terá a mesma origem que o Saara africano, confrontes como estão? Ambos estavam submersos.

A palavra Saara de acordo com a Ciência do Verbo dos Templos antigos significa: "*Continente emergindo do mar*". (*Vide* a hermenêutica de *O Arqueômetro* de Saint-Yves.)

A tal respeito aconselhamos a leitura do belo estudo de Michel Manzi[48], no qual ele demonstra não só a existência do continente submergido, com sua civilização e sua religião que era, afinal, a que **Rama** difundiu pela África, pela índia, pelo Egito e pela Mongólia, onde ainda existe.

[47] Cosmogonie de Moyse - 1859.
[48] Le livre de l'Atlantide – 1922 - Paris

O padre Moreux, já citado, em sua obra *L'Atlantide a-t-elle existée?,* também demonstra a existência desse continente desaparecido por causas físicas e morais (Figura 4). Por essa figura, verifica-se a posição geográfica que essa ilha ou continente teria ocupado antes do cataclismo, o que corrobora o que anteriormente dissemos, com relação à relativa aproximação dos continentes europeu e americano, e permite admitir a razão da existência no México e na África de restos de raça vermelha.

Um manuscrito encontrado em recentes escavações no país dos toltecas, intitulado *Troano*, traduzido por Le Plongeon e depositado no British Museum de Londres, assim se exprime: "*No ano 6 de Kan, em 11 Muluc, no mês de Zac, terríveis tremores de terra se produziram e continuaram sem interrupção até o dia 13 de Chuen. A região das colinas de Argila, o país de Mu, foi sacrificada. Depois de sacudida por duas vezes, ela desapareceu subitamente durante a noite; o solo continuamente influenciado por forças vulcânicas subia e descia em vários lugares, até que cedeu; as regiões foram então separadas umas das outras e depois dispersas; não tendo podido resistir às suas terríveis convulsões, afundaram-se arrastando 64 milhões de habitantes. Isso passou-se 8.060 anos antes da edição deste livro*".

Tudo isso concorda com os escritos de Platão, apesar de separado desse continente por umas cinco mil léguas, e hoje aceitos como verídicos pela maioria dos sábios, embora uma parte seja pela negação e outra pela dúvida.

As tradições dos maias remontam a mais de 14 mil anos antes da chegada de Cristóvão Colombo à América.

Os peruvianos conservam a recordação desse acontecimento (Herreya — década 5, p. 61).

No *Bagavad*, as circunstâncias do dilúvio de Moisés são idênticas às dos indianos, tanto assim que Vishnu teria enviado a Satiavata um barco igual, que, muito mais tarde, Deus mandara Noé construir, para nele recolher-se com um casal de cada espécie, a fim de repovoar a Terra.

A China também registrou o acontecimento muito antes de Moisés, o que prova, sempre, que esse legislador foi buscar os elementos para sua Gênese nas obras antigas, como ele mesmo confessa.

Os escandinavos dizem que foi em virtude do gigante **Ymus** que houve o dilúvio e só um homem chamado **Belgemer** se salvou com sua família sobre um barco, por ordem de Deus.

O mesmo dá-se com os celtas, cujo homem salvo chamava-se **Dwivam** e sua mulher **Dwivach**; e com os gauleses, cujo homem chamava-se **Duyman** e sua mulher **Duymoch**.

Por ocasião da descoberta do Brasil, os índios que habitavam a parte hoje chamada Rio de Janeiro já possuíam uma lenda a respeito do dilúvio, cuja descrição o leitor encontrará em *Le Folklore de l'Ancien Testament*, de J. C. Frazer, p. 86.

Nas ruínas dos palácios de Nínive, na Babilônia, descobriram-se na Biblioteca de Assurbanipal as 12 lâminas de barro com inscrições cuneiformes de Gilgamesh[*]. A décima primeira contém a lenda do dilúvio, como a encontramos na Gênese de Moisés, que foi escrita no século V a.C, a que o sumeriano Gilgamesh gravou aquela página nas imediações do século XXV a.C. Daí, mesmo, é possível que ela seja uma reprodução do antigo original[49].

[*] N. do E.: Acerca do assunto, sugerimos ver também *A Versão Babilônica sobre o Dilúvio e a Epopéia de Gilgamesh*, de Sir Wallis Budge, Madras Editora.

[49] Cosmogonie de Moyse – 1859.

As mesmas expressões de arrependimento de Deus encontram-se numa e noutra; as mesmas descrições nos seus menores detalhes são ali narradas, notando-se mais vivas e mais completas do que no Gênese.

Ali, o Noé de Moisés é chamado Atrachasis. Isso prova, simplesmente, que todos os povos da Terra, de norte a sul, tiveram conhecimento do cataclismo sucedido em um continente[50].

A história do dilúvio na Bíblia está cheia de contradições, comparando-a com o poema de **Isdubar**, canto XI, do tempo dos caldaicos, conforme estudos feitos por José de Campos Novaes.

Em poucas semanas morreram na China (1932) cerca de 370 mil pessoas, afogadas por inundações, além de 80 milhões por fome e peste, fenômeno este nunca visto ali, desde o famoso dilúvio de Noé!

Se atualmente a humanidade não dispusesse dos elementos precisos para registrar os fatos e explicá-los, é quase certo que a China transmitiria aos outros a tradição desse cataclismo como outro dilúvio universal.

Isso, porém, é uma questão de etnografia que só veio à baila para provar a existência de povos desaparecidos, cuja religião se espalhou pelo Oriente, sofrendo graves transformações pelo embate dos cismas. A Terra, conforme diz Moisés, só tinha uma língua e uma só fala[51], uma academia, uma religião.

Ora, é claro que semelhante mentalidade não iria repetir dois termos aparentemente idênticos, se língua não se referisse à língua templária de 22 letras, isto é, à Ideografia, às ciências, portanto, e fala ao idioma geral, ou seja, ao dialeto usado pelo povo, que empregava alfabetos de 24, 28, 30, 36 e 48 letras, denominados horários, lunares, mensais, decânicos e devanágaris.

---

[50] D. MREJKOWKYS – *Les Mystères de l'Orient*.
[51] Gênese XI, 1.

Babilônia

Uma das provas disso está na célebre passagem da Bíblia a respeito da "*Confusão das Línguas*", na Torre de Babel, na Babilônia[52], torre que, afinal, nunca existiu, materialmente falando, como a descreve a Bíblia, porque Babilônia, a capital do mundo, isto é, a maior metrópole da Caldéia, que existiu 3800 anos a.C, segundo uns, e seis mil a sete mil anos segundo o sábio historiador inglês Leonard W. King, com cerca de vinte milhões de habitantes, com formidáveis academias, das quais saíam os magos, detentores, como é sabido, da Ciência Astronômica, não iriam, esses sábios, construir uma estúpida pirâmide em forma espiral, como a representam, para alcançar a abóbada celeste a algumas centenas de metros, o que teria atemorizado, sobremodo, o Supremo Criador do Mundo, por isso a destruiu estabelecendo a **confusão de línguas!**

Diga-se que, sendo a Babilônia a metrópole para onde convergiam todos os povos do Oriente, já com o fim de comércio, já com a finalidade de estudos, a balbúrdia em matéria de religião e cultos tinha tocado à meta, sendo por essa razão que Abraão (Ab-Ram) se retirou de Uhr com sua academia.

Nem Baltazar, o Mago, o Pontífice, nem Daniel, nem outros sábios, conseguiram uniformizar as crenças, à primitiva língua templária, à primitiva religião.

Daí surgiu o malogrado ensaio de uma nova Síntese das Ciências, figurada nessa torre e a conseqüente balbúrdia, confusão e separação das várias sínteses, ou seja, figuradamente, das línguas templárias.

Queriam imitar, em vão, a pirâmide de Gizé, que constitui, de fato, uma Síntese das Ciências, como o demonstrou o padre Moreux, em sua citada obra, e da qual mais adiante trataremos detalhadamente.

[52] Bab-Ilu – *Porta de Deus*.

Ninguém queria voltar à **Lei de Hamon**, lei do **Carneiro** (de Rama), e as corporações sábias não conseguiam chamar à razão a Lei do Touro (o touranismo)[53].

Do que se trata no texto esotérico de Moisés não é, portanto, nem de línguas proféticas, nem da verborréia da época, mas, sim, da Ciência sagrada e da ideografia sábia, desde a Astronomia à Geodésia, desde o sistema cosmogônico ao sistema métrico e ao estalão monetário.

Por isso a Ciência esotérica não é somente uma ciência, uma filosofia, uma moral, uma religião. Ela é a ciência, a filosofia, a moral, a religião, das quais todas as outras são preparações ou degenerações, expressões falsas ou parciais, conforme a direção tomada[54].

Fabre d'Olivet[55] diz: "Os dez primeiros capítulos da Gêneses, filha do passado e cheia do futuro, herdeira de toda a tradição do Egito, trazem os germens das ciências futuras.

> "*O que a natureza tem de mais profundo, o que o espírito pode conceber de maravilhoso, o que a inteligência tem de mais sublime, ela o possui*".

Mas saibamos lê-la. Descobriremos, então, a chave dos simbolismos que abre o caminho até remontarmos à origem. É tempo de acabar com essas infantis interpretações, criminosamente divulgadas nas modernas enciclopédias.

---

[53] *Thor foi um legislador celta, que se aliou a Rama para repelir os negros que tinham invadido a Europa, de onde o Tourão (Thor-Ram) foi a fusão da Lei do Touro com a do Carneiro (Áries), os arianos, a gente do Carneiro, que predominava no Irã (I Rama), de onde erroneamente se fez surgir uma raça ariana.*

[54] The Perfect way of finding Christ. — Anna Kingsford — Londres — 1882.

[55] *Histoire philosophique du Genre Humain*. (Deste autor, Fabre d'Olivet, sugerimos a leitura de *Música Apresentada como Ciência e Arte*, Madras Editora.)

O nome de Jesus e sua religião

Bramanismo e Budismo, portanto, como já vimos na Figura 2, encobrem sob outras denominações, e em virtude daquela transposição dos termos sintéticos, os mesmos nomes de **Jesus** e **Maria**, que se passaram, mais tarde, para a História do Cristianismo. Isso não quer dizer que tivesse havido no tempo de Zoroastro ou de Krishna um homem e uma mulher chamados Jesus e Maria ou que esses nomes fossem criados, em Jerusalém, especialmente, para esses dois personagens. Já havia muitas Marias, como já havia muitos Jesus, que se perpetuam. Mas, se este **nome foi dado ao filho de Maria**, **foi por ordem do anjo Gabriel**, e esta escolha tinha por fim simbolizar alguma coisa, sem o que, uma vez que as escrituras tinham de ser cumpridas, era o de **Emanuel** que lhe deveriam ter posto — desse modo, as Escrituras falharam!

E, de fato, este nome de Jesus já era conhecido dos persas e de outros povos orientais, como veremos em seguida, milhares de anos antes do advento do Cristianismo. Este nome, como o de Cristo e o de Mitra, simbolizava na religião de Zoroastro o **Filho de Deus**, representado pelo Sol —, seu primogênito, o Salvador da humanidade, das durezas do inverno.

E isso se verifica, positivamente, confrontando-se os alfabetos templários do vattan, do zende, do védico, do sânscrito, do assírio, do samaritano, do caldaico, do etiópico, do hebraico, do primitivo chinês de Fo-Hi e do atual, do escandinavo, do eslavo, do grego, etc., e, colocando-se suas letras de **idêntico valor numérico** em todas as academias do universo, ante as correspondentes daqueles nomes, fica-se perplexo quando se constatar que elas pronunciam o mesmo nome de **Jesus** (**I**-**Sh**-**O**), sempre repetido e confirmado, conforme a matese empregada pelos dialetos dos povos, de uma à outra extremidade da Terra, o que corrobora a **Universalidade das**

Ciências. (*Vide* o quadro Arqueométrico na Biblioteca da Federação Espírita Brasileira.)

Tabela 1

Assim:	Lê-se YESU	Em
I-Sh-O.....	Ie-Sh-U.....	Hebraico
I-Sh-O.....	Ie-Sh-U.....	Caldaico
I-Sh-V.....	Ie-Sh-U.....	Védico
I-Sh-Oua.....	Ie-Sh-U.....	Sânscrito
I-O-Sh (inversão).....	Ie-Sh-U.....	Zende
Sh-Ou-I (inversão).....	Ie-Sh-U.....	Etiópico
Sh-Ou-I (inversão).....	Ie-Sh-U.....	Chinês
O-Sh-I (inversão) Osíris, Risch (rei).....	Ie-Sh-U.....	Egípcio
I-Sh-Va-Ra (inversão) Ra (rei).....	Ie-Sh-U.....	Vattan

É o:

Ie-Sh-U (Rei dos Reis) egípcio

Ie-Sh-U (Rei dos Patriarcas)

É o próprio nome de Moisés, invertido por metátese, ou anagrama M'O-Sh-I (Mosié) - O-Sh-I (Osié), por metátese: I-Sh-O (JESUS), sendo o M' um prefixo usado no Egito para significar, como hoje, Filho de Maria, Filho de Jesus, Filho de Deus. Por isso, os israelitas dizem que o nome de Deus, isto é, do Verbo que tudo criou, está no nome de Moisés.

É esta, segundo afirma Saint-Yves, a razão pela qual a infanta, certamente iniciada nas doutrinas dóricas, dera este nome a uma criança, **supostamente** achada numa cesta sobre as águas do Nilo: **Mosié**, filho de IShO.

O nome de iniciação que Moisés tomou nos templos de Jetro, seu sogro, foi o de Assar-Shiph, onde, também, se encontra a letra I como predominante de **Sh** e **Ph**, que, como se vê no *Arqueômetro*, se referem ao Verbo Criador, IESU.

Os tongas, tribo da bacia de Delagoa, na África Oriental portuguesa, por antiga tradição, acreditam em um ser superior que chamam **Tilo**, e, por vezes, também, o denominam Hosi (Senhor), onde se encontra, igualmente, por metátese, certa analogia.

É também:

O Schua-Y-Am-B'uva, da primeira Raça Vermelha, anterior ao sexto cataclismo diluviano, e que já havia passado para a Etiópia. É a inversão de I-Sh-V-Y-Am, onde encontra-se: I-Sh-V — (Iesu).

Schua-Y-Am-B'uva significa, como já dissemos: "*O Ser existente por si próprio*".

É o Sh-Wa-Dha, vattan e védico, que se encontra no Zenda-Avesta* de Zoroastro, sob o nome de Datu-Sho, que significa: "O doador de si próprio".

Mesmo em Moisés, herdeiro dos Patriarcas que viveram 1.655 anos antes de Cristo, esse Shwa-Dha transforma-se em **Sha-Dai**, que significa, literalmente: "*Se-Dando-Deus*". (Arqueômetro)

É mais ainda:

É o **Sh-O-Ph-Ya**, do termo criado por Pitágoras, um dos depositários da antiga tradição, **Philo-S-O-Ph-Ya** (Filosofia). O Ph calha no mesmo triângulo em que se acha o Sh (**I Ph O — I Sh O**), não por uma questão de capricho ou de fantasia, como já dissemos, mas por obedecer a certas leis que não podemos expor aqui (Figura 2).

* N. do E.: Zenda-Avesta, atribuído a Zoroastro, lançamento da Madras Editora.

É também o **Nicod-bilo-soph**, de Daniel, que, depois de levantado o véu, significa I-Sh-O — I Ph-O, de Ia Soph (Jesus Verbo), Sh e Ph e o sinal conjuntor **O**.

É, igualmente, o I-Sh-Va-Ra-El, por contração Is Ra El, o "*Espírito Real de Deus*", e que, por corrupção fonética, passou a ser o I Sh Ua Ra na cosmografia hindu e IS-Ra-El (I-Sh-Ra-L), entre o povo israelita.

Este Israel é o **Filho de Deus, seu Filho Primogênito**, pois a Bíblia em Êxodo IV, 22, assim se exprime:

> *"Então dirás ao Faraó: (é Deus quem fala a Moisés)."*
>
> *"Assim diz o Senhor: 'Israel é meu Filho, meu Primogênito'".*

Porém, Israel não é um homem, é um povo, como veremos ainda.

Isso concorda admiravelmente com o I-Sh-O — ou I-Sh-Va, ou, ainda, I-Sh-Ua, segundo o dialeto, significando IESU (Jesus), acrescido de Ra (rei) e El (Deus), I-Sh-Ra-El, ou seja, o Espírito Real de Deus, o **Filho Primogênito**, ou seja, a primeira emanação de Deus, ou, ainda, por comparação, o povo que ele escolheu para ser o depositário da sua Lei.

Se não é verdade que o povo de Israel é o depositário da Revelação, então Jesus faltou à verdade, dizendo que ele veio com a missão de salvar esse povo eleito de Deus, seu **filho primogênito**, cumprindo-lhe todas as leis e rituais.

Por outro lado, Deus concluiu um pacto com Abraão e sua posteridade, o povo de Israel, como predestinado a ensinar sua palavra; mas, Paulo, emérito sofista, procurou, com sua carta aos Romanos, justificar Deus, pelo rompimento daquele pacto, para servir sua causa contra os israelitas.

Daí saiu a falsa idéia do catolicismo, de ser Jesus o Filho Primogênito, israelita como ele era, o que não quer dizer que é o filho carnal de um Deus antropomorfo.

Como a palavra **Israel** nunca havia sido encontrada nos livros do Egito, muitos escritores chegaram a pôr em dúvida sua existência.

W. Flinders Petrie[56-A], porém, traduziu um documento, por ele achado em suas escavações no Egito, que demonstra a existência do povo de Israel: **"... os de Israel foram arrancados, não existe mais semente**".

A menção feita pelos egípcios denota que a aplicação do termo — **Israel** — só podia ter acontecido muito posteriormente ao Êxodo, quando, esfacelado e dividido, este povo procurou repor o pé no Egito; porquanto, segundo a descoberta de Chabas, em 1864, este povo já era conhecido desde os tempos dos Ramsés pelo nome de **Apuriu** (segundo Saint-Yves, é Apurus); isto é, sem eira, nem lar, o que confirma a frase de Moisés: "*Lembra-te que eras estrangeiro na terra do Egito*".

Ora, tudo isso e muito mais não podem ser o produto do acaso, de coincidências, nem da mais estupenda fantasia humana, criada, posteriormente, do pé para a mão, com línguas antigas, tão distintas e distantes, verificado, além disso, pela filologia, pela matemática quantitativa e qualitativa, e traz-nos uma prova bem difícil de ser rejeitada, de que a religião que o Messias veio novamente implantar neste misérrimo e anarquizado planeta, com o exemplo do sacrifício de sua vida, é a primitiva religião da humanidade, por ele, **Verbo**, revelada aos Patriarcas sob o nome de I Sh O — I Ph O (Jesus-Verbo), o mesmo que retomou em sua reencarnação em Maria.

E por que "***Jesus***" e não outro nome?

[56-A] *Mission des Juifs* — p. 414.

Por que não **Emanuel**, conforme fora profetizado por **Isaías** VII, 14 — VIII, 8 e confirmado por **Mateus**, I, 23, contrariado, porém, por **Lucas**, I, 31 que o substituiu pelo de Jesus?

Essa falta de cumprimento das escrituras não deixa de pôr em maus lençóis Isaías, Mateus, Lucas e o próprio Jesus, que repetia sempre que tudo quanto lhe sucedesse era para serem cumpridas as escrituras, e estas diziam que ele se chamaria **Emanuel**.

Por que esta patente discordância?

Porque, como se vê desse superficial estudo, esse nome sintetizava a Proto-síntese, e era mister que a encarnação, que repunha sua Palavra Perdida, fosse marcada com seu próprio selo, o Selo do Deus Vivo, a que se referem o Novo e o Velho Testamento, e este Selo é o demonstrado pelo Arqueômetro, síntese de todas as religiões, de todas as ciências passadas, presentes e futuras, porque é a síntese do próprio Verbo-Criador, e, como tal, já se achava legislada desde o começo dos mundos, desde a eternidade, diz o profeta.

Porque o povo que Moisés escolhera para ser o depositário da tradição inserida nos seus cinco livros, com 50 capítulos, chamado Gênesis, havia séculos que tinha perdido a chave do segundo sentido e da Cosmogonia, sintetizada na Esfinge e na pirâmide que lhe fica ao lado.

Por isso Jesus dissera: "*Quando Abraão existiu, eu já era*". (João VIII, 58).

Ao admitir-se, como quer o Catolicismo, como a expressão da verdade, ter o anjo Gabriel ordenado, **em sonho**, a José, que pusesse no seu filho o nome de Jesus (Mateus, I, 21), significando vir salvar **seu povo dos pecados**, o povo de Israel (e não os povos do mundo), o que não foi realizado, ao contrário, é claro que, se este nome não significasse alguma coisa mais transcendente como acabamos de

ver, este anjo que, por sua natureza, se supõe dotado de sabedoria, não o teria escolhido arbitrariamente, ou, pelo menos, para que as escrituras não fossem desmentidas, teria procurado confirmá-las, pois estas se referem a **Emanuel**, que, traduzido nas línguas antigas: **E-Manu-El**, significa: filiado à Lei divina de **Manu**: **Ma** — (lei), Manu (legislador persa, criador do Maniqueísmo, de que fez parte Santo Agostinho), El (Deus), e não como lá está: "*Deus conosco*".

A religião de Manu era a mesma de Zoroastro, Rama, etc. O nome, pois, que lhe deram, Jesus (I Sh O), confirma solidamente a tradição patriarcal, cuja doutrina de bondade, de amor ao próximo, ele veio novamente indicar à humanidade e é achada em toda sua pureza nos livros védicos e no Budismo, muito anteriores a ele.

Não há pior cego do que aquele que não quer ver, apesar dele ter dito que **sua doutrina não era a dele**.

Os Dez Mandamentos

A religião, síntese da ciência, revelada ao homem desde a mais remota Antigüidade, de milhares de séculos antes que a Europa existisse, era fundada numa incomparável moral condensada nos Shastras indianos, nos vedas, no Bramanismo e no Budismo, e resumida, como sua quinta-essência, nos simplíssimos dez mandamentos que, diz a Bíblia, Moisés trouxe do Monte Sinai.

Os vestígios dessa religião ainda se encontram mais ou menos puros e textuais entre as tribos dos sertões da África e na Pérsia, que lhe conservam a tradição.

No entanto, esses dez mandamentos não foram ditados nessa ocasião a Moisés pelo Supremo Criador, como se depreende da história mal contada na Bíblia,

visto que tais mandamentos já existiam na Índia milhares de anos antes de Moisés subir ao Sinai.

Na Babilônia têm sido, igualmente, encontradas as mesmas sentenças.

Uma das provas de que o budismo, saído do Bramanismo, como o Cristianismo saído do judaísmo, foi propagado muito além da Índia, é que, pela cronologia organizada na China sobre os Budas, vê-se, 167 anos antes de Cristo, o 22º patriarca viajar até Forgana, na Bukkaria (Turquestão), a 400 léguas da Índia, penetrar em outros países do Oriente até o Egito, segundo os estudos de A. Rémusat.

Ademais, hão de convir que Jeová não iria se divertir com Moisés, mandando que ele preparasse outras pedras para levá-las ao seu flamejante escritório no Monte Sinai[57], depois de ter quebrado as primeiras, em um rasgo de aborrecimento com seu irmão Aarão, apesar de ser o mais manso dos homens, conforme o próprio Deus disse. Contudo, quebradas que foram as primeiras, ainda assim elas deveriam permitir, com um pouco de paciência, a leitura dos supostos dez lacônicos artigos ali gravados, pelo próprio dedo de Deus, além da facilidade que ele teria em decorá-los nos 40 dias que lá esteve, mesmo sem comer e sem beber, o que vai de encontro às leis biológicas, principalmente a última. Hão de convir, também, que Jeová é um gravador indolente, para levar tanto tempo em gravar tão poucas palavras, que outro qualquer faria em oito dias. E verdade que ele gravou com o dedo, o que não deixa de ser incômodo e magoante.

E, se dissemos acima, os supostos dez mandamentos, é porque, de fato, não é possível encontrá-los na ordem e com a mesma literatura com que são vulgarmente apresentados.

[57] Êxodo XIX, 18

Em **Êxodo XX** — É Moisés quem sobe ao Monte Sinai, a convite de Deus e escuta os 19 artigos inseridos neste capítulo, dez dos quais, com alguma boa vontade, constituem o que se convencionou chamar de **Mandamentos da Lei de Deus**, e que abaixo reproduzimos; seguindo-se o capítulo XXI, que mais se relaciona com o código civil. Não foi, portanto, nessa ocasião, que Deus gravou sua Lei.

Só em **Êxodo** XXXII é que se vê Moisés subir ao Monte, de lá trazer as pedras gravadas por Deus e quebrá-las, sem dar o conhecimento dos textos; mas, em Êxodo XXXIV, 1, vemos Moisés subir, novamente, ao Monte com outras pedras, em que Deus iria escrever sua Lei, **repetindo, certamente, as mesmas palavras que deveriam ter estado nas primeiras**.

Ora, é claro que essa Lei deveria estar de acordo com a que verbalmente Deus ensinou a Moisés. Entretanto, isso não acontece, porque os versículos 12 a 26 de **Êxodo** XXXIV, gravados por Deus, pela segunda vez, são absolutamente diferentes do assunto de que tratam os referidos dez mandamentos conhecidos, não se encontrando nele nenhuma das recomendações feitas verbalmente.

Diz C. F. Potter que o professor Charles Foster Kent completou os trabalhos dos professores Bertheau, Evald, Dilman, Briggs e Paton, pela descoberta de dez séries de dez mandamentos no **Êxodo**, cap. 20 e 23, no **Deuteronômio** e **Levítico** 17 a 25. Mas, de fato, só há dois decálogos bem definidos e diferentes: o habitual, de **Êxodo** XX, 1, 17, que se acha no **Deuteronômio** V, 6, 21 e o decálogo, menos usado, de **Êxodo** XXXIV, 14, 26.

Daí se conclui, portanto, que os apregoados dez mandamentos da Lei de Deus, ou, por outra, o Decálogo, não foi gravado, como se diz, em nenhuma pedra por Deus.

Esses dez mandamentos já existiam na religião brâmane e se dividem em três espécies[58]:

1 °. Pecado do corpo

2°. Pecado da palavra

3º. Pecado da vontade

os quais se desmembram nos dez mandamentos pela seguinte forma:

Tabela 2

NOS VEDAS	PARÓDIA DE MOISÉS
Do corpo:	
I – Bater	I – Pai e Mãe honrarás (Avesta porta II)
II – Matar seu semelhante	II – Não matarás
III – Roubar	III – Não furtarás
IV – Violar mulheres	IV – Não adulterarás
Da Palavra:	
V – Ser falso (dissimulado)	V – Não darás falso testemunho
VI – Mentir	VI – Não mentirás
VII – Injuriar	VII – Um só Deus adorarás
Da Vontade:	
VIII – Desejar o Mal	VIII – Não caluniarás
IX – Cobiçar o bem alheio	IX – Não cobiçarás a mulher de teu

[58] THEODORE ROBINSON – Introduction de l'histoire dês Religions – p.134

	próximo, nem seus bens
X – Não ter dó dos outros	X – Amarás ao próximo como a ti próprio

Ora, se é verdade que o que aí fica dito, então isso provoca uma formidável interrogação.

Quem mentiu?

Visto que, segundo a Bíblia, Deus chamou Moisés ao Monte Sinai para gravar sua Lei, pela qual a humanidade, doravante, teria de guiar-se, Lei simplíssima que se resume em dez lacônicos artigos.

Moisés falou com ele, diz a Bíblia, cara a cara, sem figuras, sem enigmas, e perguntou-lhe uma vez, qual era seu nome: "***Serei o que Serei***" — "***Eu Sou***" — "***Jeová***" em suma, segundo as notas[59], lhe respondeu — "*Não há outro Deus senão eu, a quem adorarão sem figuras ou emblemas*[60]".

Jeová não disse a Moisés que ele possuía três pessoas numa só, e que um dia mandaria seu filho **carnal** para redimir o povo de Israel, mas que suscitaria **um profeta** maior que ele.

Como vimos, portanto, pesquisando os livros védicos, lá encontramos textualmente esses famosos dez mandamentos, o que não deixa de causar perplexidade, colocando em dúvida a palavra de Deus.

Vem Jesus, que se intitula **Filho do Homem**, tal qual os profetas se intitulavam profetas que ele considerava e venerava, em especial a Ezequiel e, como tal, também se considerava, por sinal, que "*mal recebido entre os seus*". Cumpriu essa Lei de Jeová, ensinou-a nas sinagogas aos discípulos e ao povo de Israel, a quem vinha salvar. Diz que uma vírgula não se perderia até a consumação dos séculos. Institui Pedro como chefe de sua doutrina, que ele diz, aliás, não ser sua.

[59] Êxodo III, 14 — VI, 2, 3, 9.
[60] ÊXODO XX, 4, 5.

Ordena que todos obedecessem à palavra e aos ensinos dos escribas sentados na cadeira de Moisés.

Surge Paulo e, após uma suposta aparição de Jesus, *ab-roga* essa Lei, contende com os apóstolos, discípulos diretos do Messias e cria outra doutrina, a da **Incircuncisão**, deixando Pedro com a da **Circuncisão**[61], como se Jesus lhe tivesse dito: "*Quando vivo, julguei a Lei boa e verdadeira, agora, porém, que sou Deus, em uma das três pessoas, vejo que estava errado; derruba, pois, tudo aquilo e arranja outra doutrina a teu jeito*". E foi o que fez Paulo, revogando a Lei, sofismando e derrotando a doutrina do Judeu-Cristianismo de Jesus, de Tiago, seu irmão, de Pedro, de João e dos outros discípulos.

Vem o Catolicismo, o qual, a seu turno, após 400 anos de um Cristianismo mais ou menos puro, refunde tudo isso. Adota e não adota Pedro, adota e não adota Paulo, adota alguns discípulos do Mestre e não adota outros por contrários ou mentirosos, e, séculos mais tarde, novamente atira tudo nas discussões dos Concílios e nas praças públicas, onde corre sangue a jorros e cria dogmas, sacramentos e ritos não indicados ali, interpreta passagens a seu modo e funda uma Igreja totalmente contrária à doutrina de Cristo.

Quem mentiu?

Jeová, enganando Moisés, gravando algo já conhecido de uma fantástica maioria da humanidade, embora a essência, de fato, deva ter partido dele em priscas eras?

Moisés, plagiando essa Lei, da Índia ou da Caldéia, e a impingindo a seu povo, atribuindo sua gravação nas tábuas pelo próprio dedo de Jeová?

[61] A circuncisão era um costume de higiene do primitivo culto fálico, do Deus Priapo.

Jesus, cumprindo, mandando que se cumprisse e ensinando essa Lei de seu pai Jeová?

Paulo, ab-rogando-a?

O Catolicismo, refundindo tudo?

Incontestavelmente, alguém há de ter mentido: ou Jeová, ou Moisés, ou Jesus, ou Paulo ou o Vaticano.

Não há de fugir diante desse terrível dilema.

Pois, se foi Deus, de fato, quem decretou essa Lei, a ela só é que a humanidade inteira se deveria cingir e a mais nenhuma, portanto, ou bem é a Lei de Deus ou bem não é. Se é, deve se banir toda e qualquer idolatria, dogmas, sacramentos e ritos de qualquer culto. E se Deus não instituiu essa Lei, que resta?

O embuste! Seja do Budismo, seja do mosaísmo, seja do Cristianismo, seja do paulinismo, ou seja, do Catolicismo.

Fontes Mosaicas

Mas não foi só dos vedas que Moisés tirou o material para sua obra. Nos numerosos documentos cuneiformes, achados agora na Babilônia, datando de mais de 4.000 anos antes dele, do tempo dos acadianos e dos sumerianos e nos Livros de Zoroastro, se encontram: a lenda da criação do homem no estado de inocência; sua tentação pela serpente **Thiamat**, dragão do mar; a queda de **Adamu**, isto é, homem negro oposto à virtude de **Sarka**, homem claro; a guerra dos deuses e dos sete espíritos, análoga à guerra dos deuses e dos gigantes; o pecado do deus **Zu**, roubando as insígnias de Soberano do seu Pai **Elu**, adormecido, protótipo da lenda de **Nôha** (Noé) e **Chãm** (Cham), que Ferreira de Almeida traduziu por **Cão**, a

corrupção dos homens; a construção de uma gigantesca torre na Babilônia, causadora da cólera dos deuses; o dilúvio que durou 7 dias; a arca com um certo e limitado número de animais; a pomba, a andorinha e o corvo que foram soltos etc. etc.

No *Manava-Dharma* e no *Zenda-Avesta* também se encontra a lenda da criação do mundo em sete **períodos** e o aparecimento do homem por último.

O Dr. Ch. Contenau, encarregado de Missões Arqueológicas na Assíria, diz que, entre os inúmeros deuses citados, havia o denominado **Ea**, por apelido o **Deus oleiro**, porque os caldaicos julgavam que os homens haviam sido fabricados de barro por ele, sobre os quais esse Deus soprara o **espírito de vida**. Daí a legenda de Moisés, do Adão feito de barro e do sopro em suas narinas.

Mais tarde, esse Deus passou a ser chamado de **Marduk**.

Mas, um dia, esse Deus arrependeu-se de ter criado o homem, que se "*havia multiplicado*". Por quê? A parte do poema inscrito sobre outros tijolos ainda não foi achada, o que, talvez, se dará um dia pelas incessantes sondagens feitas por missões científicas francesas, inglesas, americanas e alemãs.

Mas, **Ea**, tendo-se apiedado do homem, revela ao seu servo **Udnaspishtim** o projeto da destruição da raça humana, e aconselha-o a construir um barco, cujas dimensões lhe fornece, a fim de nele se recolher, bem como sua família e alguns animais. Assim o fez, e durante seis dias e seis noites, a tempestade desencadeou-se espantosamente e depois amainou. Quando o barco descansou em terra firme, ele saiu e ofereceu um sacrifício aos deuses.

Este episódio, escrito muito anteriormente à construção dos canais do Nilo, refere-se, sem dúvida, às grandes inundações periódicas dos rios.

Não só estas como a alusão da queda do homem depois de um estado de inocência em um jardim de delícias, as árvores do Bem e do Mal e sua respectiva serpente (Figura 7) etc., tudo concorre, hoje, para indicar uma origem muito mais antiga que a Gênese.

E, de fato, segundo os estudos de Dupuis, essa origem é plenamente verificável nos **planisférios celestes**[62-A], organizados por academias de sábios, em uma época inconcebível da História da Humanidade, e ainda hoje usados pela moderna Astronomia[63].

Esses mapas celestes serviam aos primeiros navegadores, tais como os escandinavos, que já conheciam a bússola, os argonautas, Colombo, Cabral etc., para se dirigirem sobre o vasto e misterioso Oceano Atlântico, como eles o chamavam.

Esses mapas, como veremos nas "***Elucidações***", são divididos por constelações, isto é, por grupos de estrelas fixas, que são outros tantos sóis, aos quais deram um nome tomado da nomenclatura terrestre, o qual não reproduzimos aqui para não nos alongarmos.

O caminho percorrido pelo Sol foi dividido em 12 partes, chamado Zodíaco, tendo em cada uma um animal ou objeto como símbolo, adaptado a cada mês do ano. A circunferência foi dividida em 360 graus.

O hemisfério norte representa o **Bem**, por comportar as duas estações, Primavera e Verão, em que a Terra se enfeita e o homem vive do seu produto. O hemisfério sul representa o Mal, porque comporta as duas outras estações, Outono e Inverno, em que a Terra se entristece e o homem luta para sua subsistência: são

[62-A] *Origine de tous les Cultes* — Tom. VII— 1835.
[63] C. Flammarion — *L'Astronomie Populaire*.

desses símbolos que as mitologias pagas e católicas fizeram suas famosas árvores do **Bem** e do **Mal**.

Antes de Rama, a constelação que se achava no diâmetro oriental era a de **Touro** e correspondia ao culto do **Touranianos**. Rama surgiu quando a constelação do **Carneiro** ocupou aquela posição.

A analogia da Religião de Rama já está visível.

O Éden da Bíblia, que figura nesses planisférios, corresponde nos estudos de J. B. Obry64[64] ao **Airyanem-Vaedjô** dos persas, ao **Gan-Eden** dos hebreus, ao **Maha-Meren** dos indianos, ao **Kuen-Lun** dos chineses, ao **Bam-i-Dunia** dos tártaros manchus etc., e correspondem, também, ao planalto de Pamer ou Pamir, cujos contrafortes são o **Belug-Tar** e o **Indu-Kush**, planalto radiante de beleza, onde residia o Deus Brahma (Ba-Rama, o chefe celta Rama) e de onde saíram os kushitas que mais tarde foram para a Itália, originando o termo Bac-Kush (Baccus).

Segundo D. J. M. Henry[65], a arca de Moisés, os altares, as tábuas da Lei, os levitas, os ornamentos, as oferendas, os sacrifícios, a escolha das vítimas, as impurezas legais, as purificações etc., são idênticos aos da Judéia e do Egito, muitíssimo antes de Moisés.

A Arca de Moisés, chamada de Aliança, entre Jeová e o povo de Israel, era uma cópia, embora portátil, do Tabernáculo de Tebas, capital de cem portas do alto Egito, que floresceu numa adiantada civilização há cerca de 8.000 anos e centro da religião de Rama. Em seus templos figurava o **Náos**, isto é, o **Sacrário**, sobre o qual se via a estatueta de Ammon (Carneiro), que respondia às consultas do Sacerdócio.

[64] Jehovah et Agni.
[65] L'Egypte Pharaonique - 1846

Na Igreja Romana, vê-se o mesmo Sacrário e o Cordeiro. Na Arca de Moisés, essa estatueta é substituída por uma **mesinha**, que a Bíblia chama de **Propiciatório**, confirmando, assim, a proibição de idolatrar imagens.

O lugar da misteriosa consulta, chamado na Bíblia, **Santo dos Santos**, é idêntico ao que existia em Tebas.

Na Igreja Romana é o altar.

Essa Arca, segundo Lenormand, media 1,75 x 0,80 m de altura e de largura.

Os dois **querubins** emblemáticos, de asas estendidas da Arca de Moisés, cujo termo em hebraico significa **Touro**, símbolo da potência criadora de Jeová, tinham a mesma analogia da estatueta de Ammon com cornos (Carneiro); por isso Moisés é representado com esses adornos. A própria Bíblia consigna que o Eterno (Jeová) ameaça seu povo com seus **cornos**.

Ora, será admissível que Jeová tivesse ordenado a Moisés a construção dessa Arca, copiando-a do culto de Ammon? É mais verossímil que esse legislador tivesse recebido nos templos de Jetro, onde se iniciou o plano dessa Arca, construída, como era, com ouro, prata, bronze etc., servindo, de acordo com a formidável ciência de que era detentor, de poderoso acumulador elétrico.

É sabido que a atmosfera, em certas regiões do globo, como no Canadá, é carregada de fluidos elétricos de tal natureza, e em tão grande quantidade, que uma pessoa pode acender um bico de gás simplesmente com a ponta do dedo.

No Egito, então, essa propriedade ainda é mais notável, em decorrência da secura do ar. Não é, pois, de estranhar que sábios magos, como Moisés, conhecessem essa força da natureza e que este tivesse sabido captá-la em seu

formidável acumulador, para aplicá-la em certas oportunidades, quando seu povo recalcitrava ou contra inimigos em batalha.

As extremidades das asas dos querubins de ouro recebiam o potencial atmosférico positivo e o condutor inferior, que residia nos varais, que se comunicavam com o solo, o negativo.

Segundo rezam os livros da Índia, Semiramis, rainha da Babilônia tentou uma vez invadir esse país com um exército de dois milhões de homens. Os magos, unicamente por meio dos fluidos elétricos, derrotaram seu exército, obrigando-a a transpor o rio Brahma-Putra, que, nesse lugar, ficou amaldiçoado até hoje, razão por que indiano algum o atravessa.

Na história da Grécia encontra-se o mesmo emprego dessas forças para derrotar um exército invasor.

Houve até Pontífices fulminados pelo raio, quando, mal isolados, invocavam o fogo celeste: *Invocare fulmine, cogere fulmine*, diz a frase latina. Foi pela mesma razão que Zoroastro foi fulminado.

No catecismo da China, este fato está consignado quando o aluno, respondendo ao mestre, diz que havia armas de fogo usadas pelos seus antepassados, que matavam mais de dez e mais de 100 pessoas de uma vez, e armas fluídicas que matavam mais de 1.000 de uma vez, mas só conhecida dos sábios.

Esse incomparável legislador, que tinha à mão toda essa documentação, nos templos de Jetro, Pontífice em Midiam, condensou e adaptou essa tradição da Índia, da Pérsia e da Caldéia, em cinco livros de dez capítulos cada um, os quais se chamam Gênese.

Moisés não ensinou nenhuma nova religião.

Ele foi o editor responsável, na frase de Nicolas Notovitch[66], da religião natural, tal como era praticada desde o começo da humanidade, e a prova disso é que, ele mesmo, se refere aos livros escritos antes de ele nascer e nos quais fora buscar seus conhecimentos.

Moisés foi o primeiro que fez dessas doutrinas um facho e o transmitiu à posteridade, os profetas conservaram-lhe a chama e Jesus com ela iluminou o mundo.

Se dissemos anteriormente serem cinco os livros de Moisés, é porque os outros que, comumente, chamam-se **Pentateuco**, foram escritos por seus sucessores e não por ele; e, se dividimos o **Sepher-Baereschit**, de Moisés, isto é, seu **Livro dos Princípios**, conhecido por **Gênese**, em 50 capítulos, é porque cada um dos dez capítulos constitui, de fato, um livro tratando de uma matéria, como, por exemplo, os 20 primeiros que tratam dos **Princípios**.

Swedenborg[67] diz que os sete primeiros capítulos da Gênese pertencem à antiga **Palavra**, e que não lhe falta uma só palavra. Essa **Palavra** foi perdida.

Em suma, nisso como em tudo, Moisés nada mais fez do que seguir o método dos seus antecessores, iniciado como era em toda a Ciência dos egípcios, segundo confirmam os **Atos dos Apóstolos**, VII, 22.

São os:

5 — *Pandchavedam* de Krishna

5 — *Zenda-Avesta* do 1 °. Zoroastro

5 — *Kings* de Fo-Hi

5 — *Dyanas de Asi-Buda*, do Oriente

5 — *Boddishavitas*

[66] La vie inconnue de Jesus.
[67] Escritura Santa, 10.

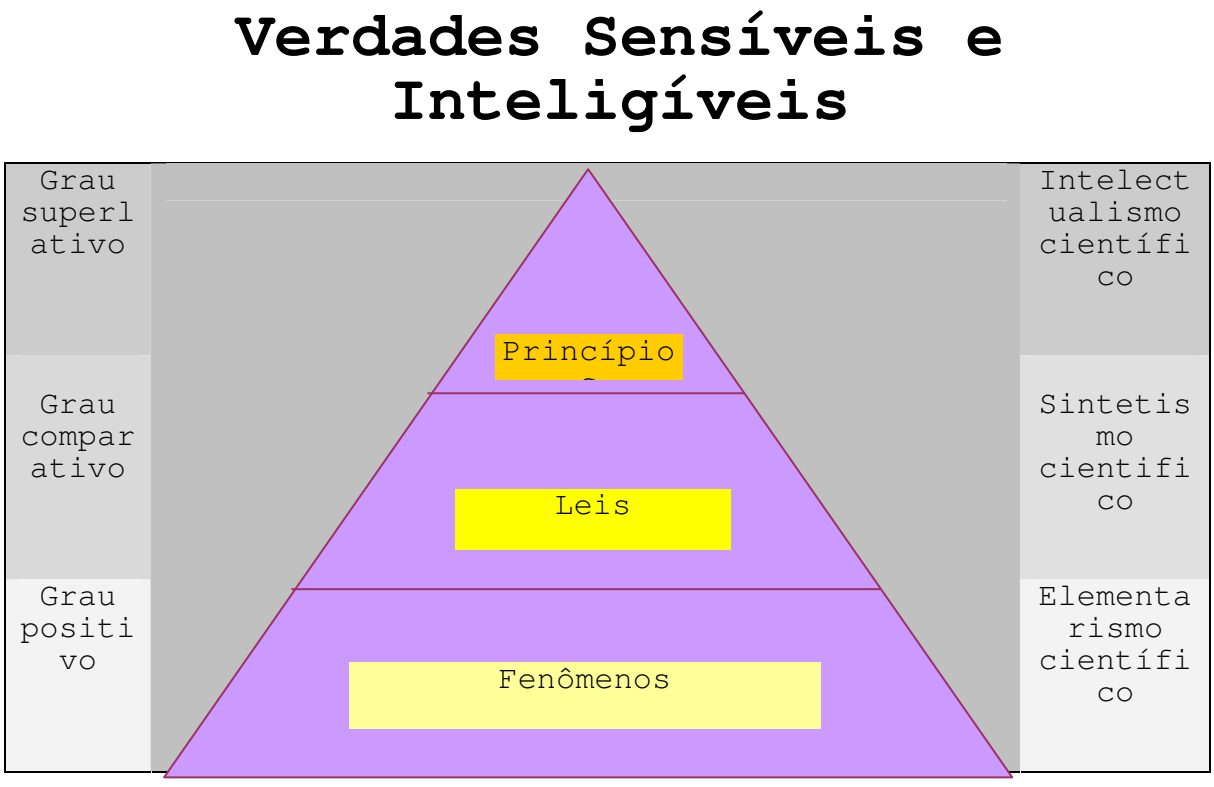
5 — *Grau de Sabedoria* — Siu-Tu do Extremo Oriente

5 — *Grau do Sacerdócio Druídico*.

A língua de Moisés era a dos Faraós, e os hieróglifos formavam uma série de símbolos.

Para condensar esses conhecimentos em uma obra mortal, como de fato ela é, ele organizou um alfabeto moldado sobre o **aramaico** e, genialmente, escreveu sua **Cosmogonia** com três sentidos distintos sob a mesma grafia, um simbólico para seu povo de seis milhões de almas[68], outro ideográfico para os iniciados, de que faziam parte os levitas ou Casta Sacerdotal e, outro hierogramático para os Magos, como Aarão, Eliezer e mais tarde Josué, mas que só podia ser compreendido por meio de uma chave, que Saint-Yves diz ser a letra E.

Há três modos, pois, para ler Moisés:



[68] Números 1. 45: "*Os contados aptos para a guerra foram de 603.550, de 20 anos para cima*". Um exército c mais ou menos composto de um décimo da população.

Figura 5

Este modo de escrever era peculiar a todos os templos da Antigüidade, e não escreviam de outra maneira. A mesma palavra tinha três sentidos, baseados na matemática quantitativa e qualitativa.

O primeiro sentido refere-se à **Androgonia**, e, como tal, era lido e comentado ao povo por Moisés mesmo de sete em sete anos e mais tarde uma só vez por ano.

Daí as expressões de **Adão** e **Eva**, **Caim** e **Abel**, **Abraão** e **Jacó** etc., como personalidades de carne e osso, mais acessíveis às acanhadas inteligências daquele povo do que complicadas frases científicas e é isso que constituía os famosos **Mistérios** de todas as Iniciações.

Fosse Moisés dizer ao povo que Caim era o Princípio da Força compressiva e adstringente, que agiu na nebulosa da Terra em formação, subjugando, ou antes, matando Abel que é o Princípio da Força expansiva e evolutiva, ou por outra, a luta das Forças centrípetas e centrífugas, de onde nasceu o terceiro termo **Seth**, isto é, o resfriamento do Globo, certamente esse povo nada entenderia. **Caim**, cosmogonicamente, representa o fogo subterrâneo e **Abel**, o fogo etéreo.

Caim, sociologicamente, representa o povo agricultor e **Abel**, o povo pastor.

É como se disséssemos a um ignorante: Dê-me um copo de H_2O (água), ou um médico, um jurisconsulto, um engenheiro, empregasse sua tecnologia algébrica para explicar um fenômeno a um analfabeto.

O segundo sentido, como acabamos de ver, se relaciona com a **Cosmogonia**, isto é, com a Ciência ou o Sistema da formação do Universo, e era destinado aos iniciados, aos que se dedicavam aos estudos astrológicos. A chave foi descoberta por Dupuis em sua citada obra.

O terceiro sentido pertence à **Teogonia** e, como seu nome o indica, era destinado ao estudo acerca de Deus.

É, pois, no segundo sentido que se deve ler a Bíblia, isto é, cosmogonicamente e não cosmograficamente como está traduzida, e assim mesmo munido da respectiva chave.

O nexo e a verdade surgem com um brilho intenso e não deixam margem à dúvida, que tem motivado as exegeses e as exóticas interpretações de tantos cultos diferentes.

Essa chave só agora foi descoberta, mas talvez sejam precisos ainda alguns anos para que homens de boa vontade façam-na funcionar para o bem da humanidade.

Este alfabeto de 22 letras não era empregado pelo povo selecionado por Moisés, na maioria analfabeto, nem pelos sacerdotes, pois tal multidão, seis vezes maior que a da Capital do Brasil, só falava egípcio, aramaico ou fenício, tal qual seu legislador, e escrevia com seus alfabetos demótico e hieroglífico, usados em todo o Egito.

Max Müller diz que a língua dos judeus não diferia da dos fenícios, dos moabitas e de outras tribos, senão de um modo pouco sensível.

Esse alfabeto só serviu para Moisés condensar aqueles conhecimentos naquela obra, de modo a ser compreendido só por ele e pelos iniciados e nada mais.

Jamais aquela legião de almas, idêntica a de Paris ou a de Londres, falou hebraico, porque, para uma língua ser falada por um povo, é preciso que este esteja constituído em corpo de nação, e tal não se deu com aquelas tribos que eram todas egípcias e sujeitas a um poder organizado.

Jamais, tampouco, existiu outrora **nação hebraica** em parte alguma do mundo e ainda menos **povo hebraico**.

Uma parte do povo egípcio, não todo, exatamente aquela que despertou a escolha de Moisés, era constituída de descendentes de antigos celtas, bodhones, isto é, errantes, por isso andava sempre de um lado para o outro, a fim de fugir ao fisco e não se submeter à política de nenhum governo[69].

Esta parte não mais falava sua língua originária, pelos séculos decorridos, tendo adotado forçosamente a egípcia ou a dos países em que vivia.

Daí dizer Moisés várias vezes: "*Lembra-te que eras estrangeiro quando saíste do Egito*", o que não admite sofisma[70].

Para que uma língua possa morrer, basta que os pais não a falem a seus filhos; eles mesmos a esquecerão ao cabo de alguns anos.

A palavra **hebreu** vem de **Ebyreh**, pequena localidade da Pérsia (I-Ram), hoje Irã, onde Rama instalou-se com o povo céltico que trouxera da Europa, juntamente com o de Thor (Touraneanos).

E, como já sabemos que Rama significa **Carneiro** (**Arie**), daí o motivo de chamar-se este povo — gente de Arie — os arianos — sem que isso constitua raça, como erradamente se propala nos dicionários.

Mas como a História Universal e as Enciclopédias em voga limitam suas pesquisas somente dos medas (a antiga Pérsia) para cá, encobrindo os

[69] Esdrai IV, 12, 13.
[70] Levítico XIX. 34 - Deuteronômio X. 19.

acontecimentos anteriores sob o rótulo de "*Eras heróicas*", ou desvirtuando o sentido das palavras, de acordo com o programa religioso dos seus editores, não há que admirar ter-se também criado uma lenda, baseada numa **Raça Semítica**, como descendente de **Sem**, suposto filho do suposto Noé, da qual fizeram alguns originar o povo israelita, quando, de fato, ele descende da Ceutida européia.

Mais tarde, Daniel (Pontífice) e Esdras (escriturário), por ocasião do cativeiro dos hebreus na Babilônia, procurando reconstituir o texto do livro achado, a **Tora** (a Lei), serviram-se de um alfabeto caldaico, ou, mais exatamente, assírio, que é a atual escrita hebraica, dita quadrada, e, auxiliados pela sacerdotisa Olda, procuraram fonetizar os hinos para serem cantados, inventando, então, a pontuação chamada massorética, que constituiu, com o tempo, o que se convencionou chamar de língua hebraica, língua, aliás, falada hoje de diferentes modos pelas várias tribos esparsas pelo mundo. Foi uma espécie de **Esperanto** mal organizado.

Esse novo alfabeto dito hebraico tem as mesmas 22 letras do primitivo organizado por Moisés, que corresponde às 22 do vattan (adâmico); porém, suas correspondências científicas foram modificadas, tornando-se o que elas são hoje no **Sepher-letsirah**.

Como pequeno exemplo citaremos algumas dessas modificações que, decerto, serão bem apreciadas por cientistas hebraicos, e cujo maior desenvolvimento encontrarão na revista *La Gnose de Set./Out. 1910*.

Permutaram ם **e** כ**,** ש ת de modo a substituir o termo (Asoth), formado pelo conjunto das três letras constitutivas (A S T h), que descrevemos mais adiante, por אֶ מש (Emesh).

Permutando-se somente ם e מ tem-se o termo אמת (Emeth) que, em hebraico, significa **Verdade**. Lendo-se da esquerda para a direita o termo משׁ אמ (Emesh), este termo passa a ser Shema, outra forma do termo Shem. (שׁם) o Nome, designação do Nome por excelência, do Nome que contém Iodos os Nomes, isto é, o Tetragrama Divino.

Curioso, também, seria mostrar aqui que esta língua, ou pelo menos seus termos litúrgicos e científicos, têm muita semelhança com o sânscrito, conforme dizem Bopp e Saint-Yves. Isso, porém, nos desviaria da rota por demais ziguezagueante, se bem que fosse incalculável o serviço prestado a israelitas e judeus que em tal não acreditam.

Eis as fontes em que Moisés bebeu.

Filiação de Moisés

Mas, quem foi Moisés?

Na Bíblia[71] diz-se que Moisés é filho de **Amram** (Am-Rama), Ordem de Rama, e de sua mãe **Io-Ka-Bed**, isto é, o Santuário de Io ou de Ísis, sendo **A-Ram** (Aarão) seu irmão[72], o que prova, irrefutavelmente, que não se trata aqui de filiação carnal, porque então a lenda da cesta do Nilo ficaria, *ipso facto*, desfeita; mas, sim, da filiação intelectual do templo que o iniciou.

Se Moisés tivesse sido filho enjeitado de alguma hebréia, decerto o Faraó não teria, como diz a Bíblia, mandado sua filha educá-lo, pois é sabido que os

[71] Êxodo VI, 2 — Parte escrita pelos seus sucessores.
[72] Êxodo XV, 20 — *"... e Miriam, a profetisa, irmã de Aarão..."* portanto, irmã de Moisés. Aarão e Moisés tiveram filhos; os de Aarão sobressaíram, os de Moisés ficaram na penumbra.

egípcios tratavam este povo escravizado sem nenhuma benevolência e tê-lo-ia misturado com seus domésticos, tanto mais considerando-se o espírito de castas que animava esse povo.

Ademais, essa história da cesta embebida de asfalto e jogada ao Nilo com Moisés dentro é uma cópia da vida de Sargão I, rei de Sumer e Akkad, que viveu 2500 anos a.C. e, portanto, antes de Moisés. Assim ele descreve sua vida gravada em um tijolo de barro: "*Não conheci meu pai; minha mãe me concebeu e me deu à luz secretamente e me depositou em uma cesta de junco à beira do Eufrates. Cobriu a abertura da cesta com asfalto e a fez descer pelo rio e as águas não me cobriram. E o rio me levou para o poço d'Akki, o jardineiro. Este, na sua bondade, me fez sair da cesta, me criou como seu filho e fez de mim também um jardineiro*[73]*. Foi então que a deusa Istar inclinou seu coração para mim*".

Mas por outro lado também lê-se uma legenda idêntica, no Mahabharata, da Índia, escrito muito anteriormente à existência de Sargon I, e, portanto, de Moisés:

> *"Kunti ou Prita, filha de um rei, foi amada pelo deus do Sol que lhe deu um filho. Envergonhada e receosa da cólera do pai e da mãe, de cumplicidade com a serva, ela colocou o menino sobre um travesseiro mole, em uma cesta de vime, estanque, coberta de fazenda e, com lágrimas nos olhos, o abandonou no rio Asva".*
>
> *"A cesta seguiu o curso do Gange e aportou na cidade Champa, no território de Suta. Um casal sem filhos que*

[73] Era uma figura simbólica ou de retórica, significando um Sábio

por ali passava, vendo a cesta a recolheu, tirando dela um lindo menino; belo como o Sol, revestido de uma armadura de ouro, com as orelhas ornadas de ricos brincos o criaram. O rapaz, ao qual deram o nome de Kama, tornou-se um poderoso Chefe".

Analisemos, agora, a personalidade de Moisés, de acordo com a própria Bíblia em que lhe relatou a vida.

Para isso, reproduziremos aqui a resposta que tivemos a honra de dar ao Rmo. Sr. D. C. S. de Presidente Soares, em Minas Gerais.

"Diz V. Rma, que publicamos: 'Não conhecer Moisés, nem mãe e ainda menos pai; e aponta a Bíblia em Êxodo VI, 20. — Num.: XXXVI, 59, que proclama Amram e Iokabed como tais'. Pergunta V. Rma, se isso não seria de nossa parte uma interpretação absoluta de Ex: 2 sem consultar as devidas referências?"

Respondemos: Não!

Visto que assim reza a Bíblia:

Ex: II, 1. — "E foi-se um varão da casa de Levi e casou com uma filha de Levi."

Se **casa**, naquela época, não significasse Tribo, Colégio, Academia, Universidade, Ordem, Congregação etc., isso implicaria um casamento consangüíneo.

Os nomes do varão e da filha são ali omissos.

Ex: II, 2 e 3. — Esta mulher pariu um filho, escondeu-o, colocou-o em uma cesta betumada, colocou-a no rio e deixou-a seguir à mercê da sorte.

Uma filha do Faraó o recolheu, entregou-o a uma hebréia, como sendo vagamente a própria mãe, se não para servir-lhe como tal, a qual o amamentou, e, quando o menino já era crescido, sem a menor dificuldade ou apego materno, caso fosse a mãe, o entregou à sua salvadora que lhe pôs o nome de Moisés, pois, decerto, V. Rma, convirá que, mesmo que fosse achada a mãe na tal hebréia, como diz Ex: II, 8, a história, aparentemente tão meticulosa nessa questão de genealogias, não deixaria de ter consignado o nome dessa mãe e, conseqüentemente, o do pai.

E, pois, evidentíssimo que, até agora, não se conheça pai e mãe de Moisés.

Mas, Ex: VI, 20. — Num: XXVI, 59, diz: que a mulher de **Amram** foi **Iokabed**, que era filha de **Levi**, a qual pariu **Aarão**, **Moisés** e **Miriam**, o que explicaria Ex: II, 1, isto é, que a filha de **Levi** foi **Iokabed**; mas, se Moisés é filho da tal hebréia, deixa de ser filho de **Amram** e **Iokabed** e, assim, **Aarão** e **Miriam** passam a ser filhos da mesma hebréia e não de Amram e Iokabed; e, se Moisés, Aarão e Miriam são filhos da mesma hebréia e não de Amram e Iokabed, a lenda da cesta do Nilo é uma fantasia, bem como o da suposta hebréia sem marido. Quanto ao varão **Amram**, marido de **Iokabed**, só se sabe que ele era oriundo de Kohath, da família dos Koahtitas e que morreu com 137 anos, igualmente como Levi. (Ex: VI, 20 — VI, 16.)

Ademais em Ex: VII, 7, verifica-se que Aarão era mais velho três anos do que Moisés, o que complica o seu nascimento de uma hebréia!

Não lhe parece claro?

Mas, sabendo-se que todos esses nomes não se referem a personalidades de carne e osso, mas que são hierogramas simbolizando Patriarcas, Pontífices, Princípios sociológicos ou teológicos, fácil se torna a leitura do primeiro sentido em que se acha escrita a Bíblia, e mais fácil compreender-se a longevidade inconcebível de certos personagens que, mesmo em idade inaceitável, pela Ciência, iam procriando filhos e filhas, mesmo depois de falecidos (Gênese XI, Li e seguintes), Tomemos, por exemplo, uma dessas Congregações, a de Jacó: —**Ya-Kob** por si só significa movimento aparente sobre o Centro oculto, — Revelação sobre a Base — modulação sobre a tônica.

Ele tem seis filhos, como Abraão, cujos nomes desmembraremos em sílabas, dando-lhes seu valor próprio nas línguas então faladas:

I - **Ru-bem**, que significa Videntes filiados.

II - **Sim-Eon**, que significa Olfativos, sensitivos, fluídicos internos.

III - **Lev-I**, que significa Associados no amor ou na Simpatia em Iod, o Deus macho, o Princípio Dórico.

IV- **Jud-A**, que significa Machos multiplicadores do Centro ou do Princípio — Decadários da Mônade — Extensores do ângulo universal.

V - **Is-Sach-Ar**, que significa manifestantes do Princípio Fogo.

VI - **Zab-Ulon**, que significa Ordenadores do Elemento Princípio da Substância Primitiva.

Desse modo vê-se que **Am-Ram**, o suposto filho de Kohath, significa o Sacerdócio de todos os países ortodoxos, a Tribo de Levi, a Casta Sacerdotal, como claramente ainda se vê de Ex: III, 15 em diante.

Senão, vejamos ainda:

Em egípcio primitivo, em hebraico e em árabe, Am significa origem, descendência, família, mãe, metrópole, regra.

Em árabe, essa raiz exprime ainda a ação de servir de tipo e de modelo, de regular e de metodizar, de ser ou ter um princípio ou uma causa.

Logo, no hierograma de **Am-Ram**, Moisés significa hermeticamente a quem o possa compreender, que ele é o herdeiro da tradição teocrática e social de Rama por **Io-Ka-Bed**, isto é, pelo Santuário de Io ou de Ísis.

Agora, eis aqui os elementos hierogramáticos de **Io-Ka-Bed**:

Em ideografia egípcia, **Io** exprime, no positivo a Lua, no comparativo a doutrina e no superlativo a inteligência manifestada.

A mesma raiz exprime em cota, a Lua, em árabe o Sol, os árabes propriamente ditos, **filhos da serva** ou do princípio feminino desligado, segundo a alegoria assaz injuriosa dos ortodoxos, tendo do cisma de Irshu tomado o partido pela inversão dos atributos, como os touraneanos, os tártaros e os mongóis, daí o crescente lunar sobre os estandartes. Os germanos e os chineses adotam o mesmo sistema.

Ka exprime propriamente um lugar, no figurado um ajuntamento, no intelectual puro uma condensação, uma formação.

Em árabe, esse sinal indica ainda uma ação de reunir em volta por um apelo.

Bed, raiz céltica do termo bodhone, sem leito, exprime um leito, no figurado, um isolamento, no intelectual uma existência particular.

Em árabe, essa raiz afeta ainda a significação mista de meio.

É, pois, por meio da condensação de doutrinas de que os templos de Ísis eram os Institutos, que Moisés reencontrou a tradição de Rama e é assim que, semelhantemente à Ordem dos Abramides, **Melquisedeque*** era um dos Pontífices, ele se religa à regra, à Lei pura do Carneiro ou do Cordeiro.

Nessa pequena excursão pelo bambual da Bíblia encontramos mais:

Num: III, 17 — Ex: VI, 16... que um dos filhos de **Levi** se chama **Gerson**.

Mas, Ex: II, 22 diz que Zéfora, mulher de Moisés, pariu um filho, a que chamou **Gerson**, porque, disse: Peregrino fui em terra estranha. Ora, se esse nome tivesse essa significação, o **Gerson** de **Levi** também deve significar a mesma coisa, o que se torna uma anomalia porque Levi não foi peregrino em terra estranha, mesmo porque Levi é uma Casta Sacerdotal, a casta dos levitas.

Ex: IV, 2 diz que Moisés teve filhos, os quais não tiveram a importância que os de Aarão, seu irmão.

O nome de iniciação de Moisés, no templo do seu sogro Jetro, foi **Assar-Shiph** e tem muita significação, como já vimos.

De onde resulta que Moisés não foi filho carnal, nem de hebréia, nem de Amram e Iokabed; mas filho espiritual, filiado e iniciado nesses templos e categoricamente declarado ali o depositário da Religião de Rama por **Am-Ram**, **Ab-Ram** e pelo último Pontífice da Ordem, o famoso Melquisedeque.

Ordem de Melquisedeque

* N. do E.: A respeito de Melquisedeque, sugerimos a leitura de *O Arcano da Transmutação — Melquisedeque*, de José Ebram e Wagner Veneziani Costa, lançamento da Madras Editora.

Ab-Ram (Abraão), ou anteriormente o homem que personificava a Academia ou o Templo de Rama, ou melhor, o Princípio Religioso, já que ele era pontífice em Uhr, não se conformando com a anarquia reinante na Babilônia, resolveu de lá retirar-se com seu Colégio, ou seja, sua Congregação.

Nessa retirada, passando por Salém (cidade da Paz), hoje Jerusalém, no monte Tabor, ficou muito admirado de ainda encontrar um Pontífice da sua Ordem, pois a perseguição implacável do ionismo havia dizimado grande número de sábios (magos), destruindo seus Colégios, de onde a explicação de não se conhecer genealogia e ainda menos parentela, isto é, colegas pontífices, que não mais eram eleitos nos templos, e não pai ou mãe ou primos ou causa que valha, como se traduziu nas Bíblias correntes (Gênese XIV, 18 e refer. Hebreus, VII, 1 — V, 6 — VII, 1, 10).

Com ele comungou sob as espécies de pão e vinho, tal qual o fará mais tarde Jesus e como o faziam há dez mil anos os Pontífices da Etiópia, pagou o dízimo da Ordem e seguiu viagem; assim diz qualquer Bíblia e assim é ensinado pela Igreja Católica, o que prova que Melquisedeque lhe era superior em categoria.

Esse pontífice, cujo nome, ou antes, cujo título usado por seus antecessores era **Millik-Shadai-Ka**, corrompido pelas traduções em **Mil-chi-Se-de-ka**, que significa **Rei de Justiça**, era um dos últimos sobreviventes filiados à **Ordem de Rama**, ali deixado o primeiro por aquele reformador, na ocasião da tomada daquela cidade.

Ora Abram (Abraão) chamava Deus de Senhor **Jeová** (Gênesis XV, 8); logo, o Deus de Melquisedeque devia ser o mesmo, e esse Deus seria o de Rama, conhecido na Caldéia como já vimos.

Se, por um lado, Abraão curvou-se a Melquisedeque pagando-lhe o dízimo da Ordem, é claro que Jacó e seus descendentes eram todos filiados à mesma Ordem de Rama (de Ab-Ram) como claramente se verifica no Pentateuco.

Por outro lado, Deus (Jeová) fez um pacto com Abraão e prometeu tornar sua geração tão grande como os grãos de areia (Gen: XII, 2, 3).

E, se Jeová não mente, esta é que deve ser a religião da humanidade.

Ora, sendo Moisés o depositário das tradições e da religião de Abraão; e se Davi, os profetas e o próprio Paulo repetiam que o Messias havia de ser o **Pontífice Eterno, segundo a Ordem de Melquisedeque**; e se Jesus venerou, de fato, como dizem os Evangelhos, Abraão, Jacó, Davi, Moisés e todos os profetas, será possível restar a mais leve dúvida acerca da religião de Jesus, que ele mesmo não cessava de frisar, dizendo que a doutrina que prega não era sua, que vinha cumprir as escrituras sem faltar uma vírgula, e que ela perduraria até a consumação dos séculos?

Para mostrar o que significava naquela época ser **Rei de Justiça**, ser **Millik-Shadai-Ka**, ou seja, **Melquisedeque**, damos em seguida a tradução feita por Cabas, do Papiro de Torino, encontrado ultimamente no túmulo de **Tutankhamon***, faraó, rei de Tebas, que viveu há cerca de 3.350 anos. Diz ele:

> *"Eu puno os criminosos. As palavras que os homens proferem não as conheço, mas vejo suas ações. Ora, pois, eu digo: Tende ânimo, livrai-nos de castigar o inocente, eu estou com os Reis de Justiça. Mas, qualquer coisa que tenha sido feita, que aquele que a fez, a veja cair sobre sua cabeça. Eu*

* N. do E.: A respeito desse assunto, sugerimos ver *também As Profecias de Tutankhamon — O Segredo Sagrado dos maias, egípcios e maçons*, de Maurice Cotterell, Madras Editora

protejo... e estou com os Reis de Justiça que estão presentes perante Amon".

"Amon quer dizer: Lei do Carneiro — Lei de Rama. Amon era o Verbo dos egípcios e sua palavra é textualmente encontrada no Evangelho de João."

"A luz, diz o Pimander[73–A] *sou eu, Deus Pensamento, mais antigo que o Princípio Úmido que surgiu brilhante do seio das trevas, e o Verbo radiante do pensamento é o Filho de Deus e o Pensamento é Deus-Pai; ele não está separado, pois, sua união é a Vida."*

"Amon era a luz revelada, o Verbo divino e, como tal, segundo Jamblique, era representado nos mistérios do Egito."

"*A revelação personificada e separada da divindade pelo pensamento tornou-se o Filho de Deus; Hórus, filho de Osíris e de Ísis, nasceu da união do espírito e da matéria, como o Verbo da religião dos persas, Honover e como Jesus do Cristianismo*."

Swedenborg[74], o fundador da Nova Jerusalém, assim se exprime: "*É evidente que tivesse havido entre as nações antigas um culto divino semelhante ao culto instituído por Moisés na nação israelita*." Que esse culto tivesse existido mesmo antes de Abraão, isso parece resultar da palavra de Moisés (Deut. XXXII, 7, 8) e mais evidente torna-se pelo fato de Melquisedeque, rei de Salém, ter apresentado pão e vinho e ter abençoado a Abraão e este ter-lhe pago o dízimo da

[73–A] PIMANDER — Séc. V e VI.
[74] Escritura Santa, 101.

Ordem; e pelo fato de Melquisedeque representar o Senhor, pois ele é chamado Sacerdote do Altíssimo e Davi diz: "*Tu és sacrificador para a eternidade segundo a Ordem de Melquisedeque*".

A cidade de Salém era ocupada em sua origem quase que exclusivamente por mulheres, antigas druidas celtidas, tendo os homens como escravos e se cognominavam de **amazonas** (Hamas-Ohne), que significa **Sem macho**.

No *Bundedesh*, Zoroastro diz que elas habitam a cidade de Salém.

Os indianos chamam esse país das amazonas de Striradjya.

Essa palavra compõe-se da raiz **mãs** em latim, **maste** em francês antigo, **maschio** em italiano, **moth** em irlandês. **Ohne** é a negativa, de onde mas-ohne, ao que o fenício aplica o artigo ha, dando, portanto sem macho[75].

As amazonas do Brasil (e isso é assaz curioso para provar mais uma vez a aproximação dos continentes) têm a mesma origem européia, pois eram mulheres brancas e guerreiras e se denominavam amazonas. Daí o nome dado pelos primeiros descobridores da América àquele pedaço do Brasil.

Portanto, quanto mais se aprofunda a História, auxiliado pela chave e pelas línguas antigas, confrontando-se os livros de vários povos, mais convencido se fica de que Abraão (Ab-Rama), cujo nome pessoal não foi conservado pela tradição, por não ter isso importância alguma, como não têm importância para a posteridade os nomes pessoais dos Diretores de nossas academias, era o representante da Ordem de Rama, era seu Pontífice, de cuja doutrina Moisés foi o depositário e Jesus o herdeiro que a transmitiu à humanidade.

[75] Fabre d'Olivet — *Histoire Philosophique du Genre Humain* — T. I, página 175.

Ademais, basta ler o cap. XXII da Gênese para ver qual era sua religião, na qual o Carneiro e o Cordeiro são as principais figuras simbólicas, já usadas na Caldéia, no Egito inteiro e na Pérsia. A Bíblia está cheia desse simbolismo, a questão é lê-la fazendo comparações como a que, imperfeitamente, temos feito.

Da genealogia posterior a Abraão, foi surgindo uma infinidade de nomes de Pontífices, de Melquisedeque, como os de Isaac, Jacó, Davi, Salomão etc., sem que, entretanto, esses nomes signifiquem entidades de carne e osso, como mais adiante provaremos; mas, positivamente, **Princípios** científicos ou sociológicos, como pode ser verificado em Saint-Yves, até o aparecimento de Moisés.

. É muito natural, pois, que enquanto não se estude aquelas obras que se afastam completamente de tudo quanto se tem escrito a respeito, por enfrentarem o terreno puramente científico e não metafísico, continue a perdurar a errônea interpretação de representarem todos os nomes citados na Bíblia, personalidades de carne e osso.

Hoje, porém, a crítica moderna, baseada na ciência, e todos os credos, inclusive o católico, estão de acordo em reconhecer essa verdade — é, pois, de admirar, que ainda haja intelectualidades que se aferram à letra; mas esses são os que têm olhos e não querem ver, têm ouvidos e não querem ouvir; eles lá sabem por quê.

O próprio termo fornicação freqüentemente ali empregado é tomado por eles no sentido lúbrico, quando significa simplesmente apostasia, isto é, passar para culto contrário.

Maria e seu filho Jesus

Na escolha, por ordem de Deus, de um povo apto a conservar essa tradição, já completamente esquecida e desvirtuada pelos inúmeros cultos introduzidos no Egito, pela série de Faraós[76], dentre os quais se destacaram os Ramsés (Ram-Shes), filiados à Ordem de Rama, Moisés, organizou a corporação sacerdotal dos levitas (tribo de Levi) com seus Colégios masculinos e femininos[77], de onde saíam os profetas e as profetisas, ou seja, sacerdotes e sacerdotisas, como a filha de Aarão etc.

E de um destes que, cerca de 1.500 anos depois, sairá Maria, mãe de Jesus.

Como sacerdotisa dos templos mosaicos, pertencendo a uma família de sacerdotes, e, em virtude da predição feita por Moisés[78], a respeito da futura vinda de um profeta maior do que ele, de um Messias, ela só via em pensamento o Salvador do Mundo, e, mais especialmente o **libertador do povo de Israel**; ela o concebia espiritualmente, como o concebeu fisiologicamente[79].

Foi nessa ocasião que o anjo **Gabriel** lhe teria anunciado o acontecimento, ordenando-lhe que desse ao seu filho o nome de JESUS[80], confirmando, desse modo, a **sólida tradição**, embora em desacordo com o profeta que já o havia chamado de EMANUEL.

E curioso mesmo notar-se que foi o mesmo anjo **Gabriel** quem ditou o Alcorão a Maomé, no sétimo século depois de Cristo, para destruir, talvez, a anarquia em que vivia o Cristianismo.

---

[76] Pha é o Sopro — o reflexo; Rawhon é Rei. Eram os Reis de Justiça da Etiópia que enviavam seus representantes após suas invasões vitoriosas. Alguns permaneciam nas suas idolatrias e outros adotavam a religião pura de Rama, de Amon, como Tutankhamon.
[77] Êxodo XIX, 6.
[78] Deuteronômio XVIII, 15 a 19.
[79] Segundo SAINT- YVES a mulher tem dois cérebros: um que concebe e outro que realiza
[80] Mateus I. 21 - Lucas II, 21.

É falso, porém, que Jesus tivesse ido habitar a cidade de Nazaré, como afirma Mateus II, 23, para ser chamado **Jesus Nazareno**, cumprindo-se desse modo o que fora dito pelos profetas, pois nenhum deles jamais disse tal coisa. Essa idéia partiu da cabeça de quem redigiu 150 anos depois o chamado Evangelho, segundo Mateus, o que contribuiu para sempre provar que tais Evangelhos não podem merecer a Fé que lhes é prestada.

É também interessante notar-se a luta que existe entre Lucas e Mateus: este, procurando trazer os parentes de Jesus de Belém à Nazaré, aquele em levá-lo, antes deste nascimento, de Nazaré para Belém, a fim de confirmar a profecia de Miquéias e a descendência de Davi, da tribo de Judá.

Essa divergência dá razão a Dupuis quando diz que Belém era uma cidade pertencente à tribo de Judá. Esta tribo está indicada no planisfério do padre **Kirsher**, sábio jesuíta e historiador, sob o signo de Leão, de onde provém a expressão evangélica **Leão da Tribo de Judá**. E, como o Sol tem **domicílio** astrológico no signo de **Leão**, segue-se que Jesus é filho do Sol, de onde fizeram **Filho de Deus**, de acordo com a antiga religião astrológica dos primeiros povos.

Curioso, igualmente, é reparar-se na contradição entre os dois evangelistas sobre a origem de Jesus:

Lucas II, 4 — III, 31, diz que Jesus descendia de Davi*, logo pela carne, como corrobora São Paulo; Mateus I, 20, diz que ele é o produto do Espírito Santo; portanto, sem genealogia terrena e em desacordo com Lucas.

Mas, Jesus, por seu turno, censurava que os rabinos dissessem que o Messias pertenceria à descendência de Davi (Mateus XXII, 41. — Marcos XII, 35),

* N. do E.: A respeito desse assunto, sugerimos ver também *A Linhagem do Santo Graal: A Verdadeira História do Casamento de Maria Madalena e Jesus Cristo*, Laurence Gardner, Madras Editora.

portanto, entra em contradição com Paulo e Lucas e consigo próprio quando diz que tudo quanto está escrito no Velho Testamento se refere a ele.

Ademais, ele nunca se julgou nascido do Espírito Santo, como uma das partes da trilogia divina, e nem seus discípulos, parentes ou ouvintes jamais o julgaram como tal, mas como o filho de José, o carpinteiro (Mateus XIII, 55). A tal respeito reportamo-nos ao que fica dito na tradução que damos no artigo Dogmas, pela qual se verá, claramente, desafiando a menor contestação, pela base histórica dos fatos, a maneira pela qual criaram a lenda da filiação divina de Jesus.

A analogia da passagem que se refere a Herodes mandando matar todas as crianças para englobar Jesus é mais uma prova da simbiose do Catolicismo e do preparo dos evangelhos muito posteriormente à morte do divino Mestre. Visto que, no século XVI antes de Jesus Cristo, lê-se nos livros chineses que toda a dinastia dos Tao foi destruída, exceto o último filho que foi sonegado por ordem celeste. O destruidor havia mandado matar todas as crianças do sexo masculino para englobar este no número.

Essa lenda de Herodes também se encontra no Bramanismo com relação ao nascimento de Krishna: seu tio Kansa mandara prender Devanaky, mãe de Krishna, e tomou todas as precauções para que ele não viesse ao mundo, mandando, mais tarde, massacrar todos os filhos homens. Felizmente os deuses o salvaram.

Diante de tais incoerências, a razão tem de estremecer e cria ânimo para novas pesquisas.

Virgindade de Maria

A virgindade de Maria, portanto, antes do parto, é um dos dogmas do Catolicismo, que mais guerra tem sofrido por parte de igrejas contrárias e entre as próprias confrarias católicas, pois, da virgindade após o parto, os próprios apóstolos que lhe conheceram a família jamais aventaram essa questão, que deveria ter capital importância para a propaganda da doutrina, como nem sequer o povo sabia desse acontecimento, que só veio a ser conhecido com a publicação, mais tarde, dos evangelhos que teremos ocasião de estudar mais adiante.

Nenhum dos apóstolos fala do nascimento virginal de Jesus. Marcos I, 10, o nega, mesmo, implicitamente, quando diz que o Espírito Santo entrou em Jesus no ato do batismo e que, portanto, antes disso, nada havia nele de sobrenatural. O evangelho Ebionita cita: "*Tu és meu filho, hoje o adotei*".

Se na ocasião do registro do nascimento da criança, José tivesse declarado que seu filho era o produto do Espírito Santo, por assim lhe ter dito um anjo em sonho, é fácil de imaginar a hilaridade que tal declaração produziria, tanto mais desconhecido como era essa terceira pessoa de Jeová. Ele teve, portanto, de confessar que o menino era seu filho legítimo. A lenda a respeito do nascimento de Jesus foi tramada século e meio depois e, segundo Dupuis, baseada nos poemas mitológicos bordados acerca da cosmogonia e da astrologia.

Se tal crença tivesse existido entre os próprios apóstolos, eles não se refeririam pela forma por que o fizeram em várias passagens, muito antes de serem seus discípulos.

Assim:

Mateus, XIII, 55*: "Não é este o filho do carpinteiro? E não se chama sua mãe — Maria — e seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? E não estão aqui entre nós todas as suas irmãs?"*

Mateus XXVII, 56*: "Entre as quais Maria Madalena, Maria mãe de Tiago e de José etc.".*

Marcos VI, 1,6*:"... sua mãe, seus irmãos e suas irmãs tinham se fixado em Nazaré."*

Marcos VI, 3*: "Não é este o carpinteiro, filho de Maria e irmão de Tiago e de José e de Simão? E não estão aqui suas irmãs?"*

Marcos III, 32*: "Eis que tua mãe e teus irmãos te buscam lá fora."*

Marcos III, V, 37*: "E não permitiu que alguém o seguisse senão Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago (o que faz supor que João era filho de Maria e irmão de Jesus, o que confirmaria as palavras de Jesus na Cruz: 'Eis tua mãe', se bem que Marcos não poderia ter ouvido esta frase, por lá não estar), pois 'Atos dos Apóstolos I, 14, diz mesmo: 'Todos perseveraram unanimemente em orações e súplicas com as mulheres e Maria, mãe de Jesus e com seus irmãos', e isso longe do sacrifício, como dizem as escrituras. — Mas, prossigamos, porque neste pequeno período ainda se poderia glosar a respeito das orações e súplicas, feitas naturalmente a Jeová." Paulo — Gaiatas I, 19: "E não vi a nenhum outro dos apóstolos senão a Tiago, irmão do Senhor" frase impossível de torcer.*

João II, 12: "Depois disto desceu a Cafamaum, ele e sua mãe e seus irmãos e seus discípulos e ficaram ali não muitos dias". Melhor especificado é impossível. João VII, 3, 6: "Disseram-lhe, pois, seus irmãos. Sai daqui e vai para a Judéia, para que também teus discípulos vejam as obras que fazes". "... porque nem ainda seus irmãos criam nele". Francamente, é possível haver mais clareza?

Lucas XIV, 26: "Se alguém vier a mim e não aborrecer seu pai, sua mãe e mulher e filhos, irmãos e irmãs e ainda também sua própria vida (como ele fez) não pode ser meu discípulo[81]".

Este versículo parece colidir com a doutrina de Jesus a respeito de amar o próximo, honrar pai e mãe, e que a mulher e o marido só faziam um e não deviam ser separados, pois o que se separasse da família ou da mulher para ser discípulo de Jesus (Mateus X, 8, 9) infringiria, ipso facto, este preceito.

Ademais, este versículo parece corroborar o procedimento que ele teve para com sua família, quando, simbolicamente, respondeu aos que lhe avisavam que sua mãe e seus **irmãos** estavam lá fora o esperando: "*Quem é minha mãe e meus **irmãos**? Minha mãe e meus irmãos são estes que aqui estão*", confirmando assim aquela frase e provando mais que sua doutrina fora bebida na Índia, pois a frase acima citada por Lucas encontra-se no Bhagavad-Gita, leit. 8 a 13, e constitui também um dos deveres dos Lamas: "*Abandonar sua família*".

[81] Isso está em contradição com a doutrina de Moisés em Deuteronômio XXVII, 16: "*Maldito aquele que desprezar seu pai e sua mãe*".

E muitas outras passagens, apesar da distorção que o Catolicismo lhes procura dar, interpretando o termo de **irmão**, tão claramente definido nos evangelhos, pelo de **primo-irmão**, o que a crítica científica refuta com argumentos filológicos e com os usos e costumes daquele povo, que tinha termos apropriados para nomear o grau de parentesco e que o sutil casuístico Paulo não teria confundido.

É, pois, um fato a terem valor as escrituras, se é que nosso raciocínio está certo, que a esposa de José conheceu seu marido após o misterioso nascimento de Jesus, sem que isso possa de modo algum diminuir a pureza de sua alma.

Ademais, legalmente casado, como José devia ser, parece lógico que ele não pudesse continuar convivendo com uma virgem, pela simples honra de ser pai nominal de mais um Messias, aliás, não aceito, mais tarde, pelo povo e ainda menos no seu nascimento, pois já havia surgido muitos outros antes dele e com o mesmo nome[82], além de Judas o gaulonita e Barcoquebas, tanto mais que o anjo anunciador do advento não fez nenhuma alusão a sua condição marital após esse acontecimento que, em suma, para José e para o povo israelita, não podia se apresentar com a importância que, inesperadamente, teve séculos depois.

A relutância dos credos contrários repousa, pois, sobre o primeiro parto, não narrado nos Evangelhos nem por Marcos, nem por Pedro, nem por João, nem por Tiago, seu irmão, nem por Paulo. Só Mateus é que a ele se refere, mas de um modo vago e contraditório.

Daí é que surgiu, mais tarde, após uma incubação de 1.300 anos, o famoso dogma da Imaculada Conceição de Maria, promulgado pelo papa Pio IX, nascido da controvérsia havida entre os frades franciscanos e os dominicanos. Os

[82] João X. 8.

franciscanos afirmavam que Jesus não havia pecado no ventre de sua mãe, isto é, que não era o produto do homem, mas sim do Espírito Santo, ao passo que os dominicanos garantiam que Jesus pecara no ventre de sua mãe, por isso era o produto de José e não do Espírito Santo.

Tal disputa, que já vinha de longe, deu em resultado a que os franciscanos resolvessem vingar-se deles. Para não nos alongarmos na descrição do processo arquivado em Berna, diremos simplesmente que, tendo eles catequizado um pobre imbecil, chamado Jetzer, que vestiu o hábito, este se prestara a jurar em público ter visto a Virgem Maria, Santa Bárbara e mais dois anjos, que nada mais eram que quatro frades disfarçados na meia escuridão. Um belo dia, um deles, fantasiado de Santa Maria, ordenou, como se fosse esta, que lhe cravassem pregos nas mãos e nos pés, como estigmas comprobatórios da aparição, ordenando-lhe mais que no dia seguinte fosse em pleno templo, ainda com as feridas gotejantes de sangue, e afirmasse que Maria lhe havia mandado dizer aos homens que Jesus não havia pecado no seu ventre, sendo seu filho o produto do Espírito Santo.

O sucesso da comédia os levou novamente a preparar novo milagre; mas, tendo o idiota descoberto que a voz era do seu superior, então se lhe abriram os olhos, e recusou-se ali a representar essa farsa, prometendo tudo desvendar lá fora. Receosos da ameaça, os franciscanos prepararam uma hóstia envenenada com cloreto de mercúrio, e, num simulacro de comunhão, o administraram. Ele, porém, sentindo ardor na língua, retirou-a, e, conseguindo fugir, foi queixar-se às autoridades. O resultado do processo foi terem sido os frades queimados vivos no dia 31 de março de 1509, na porta de Mazzilly. Fatos idênticos há aos milhares na história do santíssimo Catolicismo.

Entretanto, por um lado, as inúmeras experiências de Partenogêneses, encetadas e incessantemente prosseguidas por Tichemirof, Loeb, Yves Delages e M. Goldsmit[83] e muitos outros, não deixam mais dúvida a respeito da procriação sem o concurso do macho, não só no reino animal como no vegetal.

Orígenes (L. I. XXXVII) diz: "*O corvo produz sem o concurso do macho*".

O escaravelho nasce de si próprio, sem pai nem mãe. Ele se junta consigo mesmo, deposita sua semente no solo, mistura-a com o pó da terra, dá-lhe a forma de um ovo, de uma esfera e a rola como o Sol do Oriente para o Ocidente. O velho escaravelho morre e o ovo evolui[84].

Que a experiência não tenha sido tentada no reino animal, na opinião daqueles sábios, não invalida a possibilidade do fenômeno, tanto mais se sabendo que fortes impressões na mulher grávida modificam grandemente o produto do homem, que se apresenta, às vezes, com caráter animal, perfeitamente definido, provando, com isso, certa ação auto-sugestiva, que lhe transforma a composição do sangue, pela absorção de elementos químicos atmosféricos, mais ou menos ionizados, como se verifica naquelas experiências, e que poderia se ter dado com a mãe de Jesus, pela sua excepcional condição mística, e, por assim dizer, já decretada pelo Criador.

Já que, para a encarnação do **Verbo**, da palavra de Deus, é lógico admitir-se a necessidade de um corpo humano, ou, antes, de um espírito puro, e, como diz Saint-Yves: "*O espírito pode ser violado sem que o corpo cesse de ser virgem, apesar desse monstruoso atentado*".

Por outro lado, segundo as teorias de Teosofismo, Ocultismo, Espiritismo, Cristianismo, Catolicismo, Budismo, Mosaísmo etc., existem no invisível certas

[83] La Parthenogenèse — Paris, 1918.
[84] D. Mekijkowskv - Mystères d'Orient.

entidades boas e más, chamadas astrais, elementais, íncubos, súcubos, espíritos, anjos, arcanjos, demônios, querubins etc., ou seja, forças inteligentes genésicas de fenômenos aparentemente contrários às Leis do Cosmos. O próprio Jesus confirmou essa crença, ensinando até aos seus discípulos o modo de os expulsar, havendo até uma categoria dele tão renitente, que só pela oração é possível vencê-los, o que se aproxima muito das práticas católica e espírita.

Mas o Catolicismo monopoliza esta lição do Mestre, não admitindo que mais ninguém possa ou tenha o direito de expulsar os maus espíritos (o que não é nada caridoso), a não ser os padres, armados de fórmulas latinas e de uma vassourinha mergulhada em água ben... suja.

Lembramo-nos de ter lido há cerca de 30 anos, em uma obra de ocultismo, um caso melindroso, que emocionou Paris, passado com a esposa de um almirante francês, ausente 18 meses no Tonkim, a qual dera à luz uma criança, sem que, de modo algum, tivesse havido adultério, como se verificou dos debates nos tribunais. Apelando aos advogados para essas teorias de íncubos e súcubos, e, dada a perfeita semelhança da criança com o pai, resultou vir à baila uma simultânea comunicação espiritual havida entre os dois em determinado momento de um sonho mútuo, com suas conseqüências fisiológicas.

Diremos, mesmo, a título de documentação, que, já em 1318, a célebre Academia da Sorbonne havia decretado o seguinte: "*É erro crer que essas artes mágicas e invocações dos diabos (súcubos e íncubos) sejam sem efeito*".

O próprio São Tomas de Aquino, doutor da Igreja Católica, tratou desse assunto admitindo-lhe a possibilidade[85].

[85] SUMMA — P. I. — Qaest. 51 — arts. 2 a 6.

O papa Inocêncio VIII (1434), também por sua Bula, afirma "*ser possível manterem-se relações impudicas com súcubos e íncubos*". E, se os papas são infalíveis...

Não citaremos a enorme literatura que trata desse assunto em todos os credos citados, porque isso iria longe; bastam estas do próprio Catolicismo.

Há, pois, nesse caso, uma questão de transmissão de substância e não de matéria, entre as quais há uma grande diferença. "*A matéria, segundo Saint-Yves, é um caput-mortuum, momentâneo, intercíclico, interorgânico; mas resultando de um trabalho biológico anterior*."

As antigas escolas egípcias e gregas já diziam que a matéria não existe, que ela é uma ilusão dos nossos sentidos; o que existe é a **substância**.

Essa substância, segundo Georges Lakowski[86], é imaterial, permanente e subsiste eternamente.

São os **Íons**, partículas invisíveis da eletricidade[87], que dão vida a todo o Universo sideral, preenchendo todos os espaços e penetrando todos os corpos.

Baruck Spinoza, judeu, nascido em Amsterdã, em 1632, há quatro séculos, construiu um sistema filosófico de tal natureza grandioso, que ele faz repousar todo o edifício em um só termo: "**Substância**".

Segundo a definição que Adolphe Coste[88] tirou do estudo que fez acerca desse sistema, a "***Substância***" é o que se julga oculto sob as aparências que percebemos, o que não muda através dos fenômenos que passam, o que permanece **um** e idêntico entre as qualidades múltiplas e variáveis, que não há fenômenos, qualidade, modo de ser, que não se relacione com a "*Substância*".

---

[86] L'Universion, 1927 — *Genial concepção destinada a estremecer os alicerces da Ciência*.
[87] Quando escrevíamos isso, o telégrafo da Califórnia comunicou ao mundo científico ter-se ali descoberto um superultramicroscópico que permite a visibilidade dos Íons.
[88] Dieu et L'Ame — 1880.

Esta "*substância*" não nos é conhecida senão por meio dos seus atributos, sem que deixemos de considerá-la independente dos seus atributos.

A "*substância*", por conseqüência, não pode ser produzida por outra coisa qualquer; ela não pode provir de outra substância e ela é causa de si mesma. Daí, conclui Spinoza que ela é única, eterna, infinita, que ela é Deus, e, por conseguinte, **Deus** só é livre, ficando o resto determinado em seus atos; que o espírito e a matéria são, pela mesma razão, atributos da "*substância única*", isto é, de Deus, e que, finalmente, as coisas não foram produzidas por Deus, nem de um modo, em outra ordem, do que aquela em que foram produzidas, visto como tudo quanto existe é necessário como fazendo parte do todo que é Deus, ou, segundo outra expressão, da **Natureza** Naturante.

Foi da substância inicial e não da matéria que se originaram os quatro reinos terrestres: mineral, vegetal, animal e hominal. Assim como nasceu o animal, do mesmíssimo modo nasceu o hominal. Da mesma forma por que surgiu o gorila (o homem das selvas), assim surgiu o homem (nas selvas), diferentes, porém, em cor e conformação craniana, conforme a parte dos continentes, cujas condições vitais estivessem de acordo com seu ser.

É de notar, mesmo, que bem diferentes dos de hoje eram esses quatro reinos nos seus inícios. Havia minerais ainda não formados, vegetação colossal, animais fantásticos e homens gigantes, de cujas espécies ainda restam vestígios na África e na Patagônia, embora degenerados.

A guerra dos gigantes com os deuses, citada pela Bíblia, é um fato; mas, no sentido da guerra que esses gigantes africanos sustentaram contra o **deus**, isto é, contra os Magos da Ordem de Rama, conforme se lê claramente no *Ramayana* e nos tijolos da Babilônia.

Portanto, em sã consciência, haverá quem possa se arrogar o direito de sentenciar que alguma dessas ou de outras forças desconhecidas possa ter agido ou possa agir no organismo humano, dadas, além disso, circunstâncias especiais, como as de Maria?

Não estão aí os fenômenos teratológicos e os estigmas divinos, tanto em santos da Igreja Católica como em santos de cultos contrários, chamados pagãos e hereges?

Segundo Yves Delages, "*não raro é encontrarmos, sem a menor suspeita, indivíduos nascidos partenogenicamente, embora com pais conhecidos, os quais, entretanto, não contribuíram biologicamente no desenvolvimento do óvulo feminino*".

Pobre da razão humana, portanto, que quiser pôr limites às leis biológicas da Natureza.

Para negar-se essa possibilidade, como fazem os contrários, era mister que baseassem seus argumentos em critério científico; mas sequer os apresentam; negam puramente a possibilidade, porque querem negar, porque acham-na simplesmente impossível, absurda e contrária às Leis da Natureza, como se as conhecessem todas e delas dispusessem à vontade.

É, pois, um fato admissível ter Maria concebido sem o auxílio de José; mas auxiliada pelo Espírito da Terra, pela alma da Natureza, pelas suas Leis imutáveis.

Virgens que Concebem

Pelos livros sacros do Tibete, da Índia, da Pérsia, da Babilônia etc., verifica-se que muitos legisladores nasceram de mulheres virgens.

Assim nasceram **Tsong-Kaba**, **Krishna**, **Zoroastro**, **Sargão I**, **Lao-Tsé**, etc.

Gêngis Khan, o reformador da Mongólia, teria nascido de um raio de luz solar[89].

Do próprio Moisés, segundo a escritura, tal qual Sargão I, da Babilônia, 2.500 anos depois, nem a mãe se conhece e ainda menos o pai.

Rômulo, o fundador de Roma, nascera de uma religiosa que não conhecera homem.

Simão, o mago, que revoltou os discípulos de Jesus pelos milagres que praticava, curando enfermos, dizia: "*Não cuideis que eu sou um homem como os outros. Eu não sou filho de Antônio, pois Raquel, minha mãe, me concebeu antes de dormir com ele, estando minha mãe virgem*[90]".

Na Índia, as tradições hindus a respeito da vinda de uma criança anunciada como o **Salvador do Mundo** estão reunidas em um tratado intitulado **História de Vicramaditia** (Vicrama-Charitra — pedimos reparar nas sílabas Rama, intercaladas).

Para não embaçar o brilho das palavras de Ernest Bosc[91], transcreveremos as páginas referentes ao Salvador do Mundo, na índia:

"*Os Pandits hindus dizem que a prova certa da missão divina de um* ***avatar*** *é a predição da sua vinda. Ora, as profecias relativas ao Salvador do Mundo encontram-se a cada passo em seus livros*." Vê-se ali que Krishna é considerado como o primeiro em dignidade, como a principal encarnação, e que as outras lhe são muito inferiores.

No tempo de Krishna, os oráculos eram lançados por escrito...

[89] Alusão a dinastia solar, a Ordem de Rama de que fazia parte.
[90] S.CLEMENTE. In. Recogn. Lib.II – c.14
[91] Vie ésotérique de Jesus de Nazareth.

Krishna é o penúltimo avatar que deve aparecer antes da dissolução do Universo (**Pralaya**).

Abordemos a legenda:

A maravilhosa criança devia manifestar-se depois dos 3.100 primeiros anos do **Kali-Yuga**, isto é, no ano 3101 dessa era, que corresponde ao primeiro ano da era cristã, segundo o **Cumarica-Chanda** e o **Vicrama-Charitra** ou a história de **Vicramadytia**.

Segundo essa autoridade, o fim dessa encarnação divina era de afastar do mundo a maldade e a miséria e seu nome devia ser então **Saca**, ou Rei Poderoso, ou Rei Glorioso.

(Lenda) **Saliva-hana** era filho de **Tachana** (carpinteiro)[92]; ele nasceu e foi criado na casa de um oleiro. Esse carpinteiro não era um simples burguês; mas o chefe dos **Tacchacas**, tribo **Serpentina** de que falam os **Puranas**, que são declarados os mais hábeis artistas mecânicos existentes no mundo.

O oleiro tinha por hábito fazer figuras de barro para distrair seu netinho que não tardou em imitá-lo; chegava mesmo a dar-lhes vida.

Um dia sua mãe o conduziu a um lugar cheio de serpentes e lhe disse: "*Vai e brinca com elas, são teus parentes*[93]". A criança brincou e nada sofreu.

Na mesma época, **Vicramadytia**, imperador da Índia, foi alarmado por um rumor geral, pois profecias anunciavam que uma criança nascida de uma virgem devia conquistar a Índia e o mundo inteiro; por isso ele enviou um emissário por todo o país a fim de se informar da veracidade desse acontecimento e descobrir, se possível, o recém-nascido celeste.

---

[92] Analogia com José, marido de Maria.

[93] S. Francisco de Assis considerava os animais, por mais perversos que fossem, como seus parentes. Jesus disse que, quando chegasse o reino do céu (o reinado da paz), as crianças brincariam com as serpentes.

Em breve os emissários do imperador voltaram e lhe anunciaram que o fato era verídico e que a criança celeste entrava no seu quinto ano de nascido.

Vicramadytia levantou logo um exército a fim de exterminar, com a criança[94], todos os partidários que ela pudesse ter. Ele se encaminhou em grande diligência e achou a criança entre inúmeras figuras de soldados de barro, de cavalos e de elefantes de guerra. A criança deu vida a essas figuras e atacou **Vicramadytia**, desfez seu exército e o feriu mortalmente no campo de batalha...

No IV Livro de Esdras, o Cristo é representado como **vindo do lado do mar**.

O **Scanda-Purana** encerra, por assim dizer, as tradições Messiânicas, pois, no §42 lemos: Quando 3.100 anos do **Kali-Yuga** se esgotarem, orei de Glória **Sacca** aparecerá e libertará o mundo da miséria e do mal.

Ora, essa data corresponde precisamente, como já foi mencionado, ao primeiro ano da era cristã.

A deusa Kali havia predito a **Vicramadytia** que sua posteridade reinaria até que uma criança divina, nascida de uma virgem, pusesse termo à sua dinastia.

O **Agni-Purana**, também em um apêndice, profetizou que um poderoso Espírito de retidão e de justiça não tardaria a aparecer com o nome de Salivahana.

A concepção milagrosa de **Salivahana** teve lugar no seio da virgem, sua mãe. Ele era o filho do grande artista e sua virtude foi suspeitada[95]; mas o coro dos **Devas** (deuses) desceu sobre a Terra para adorá-lo e chuva de flores caiu do alto.

O rei do lugar procurou matá-lo, mas em vão.

Ele ultrapassou os mestres com a idade de cinco anos, ensinava aos mesmos perante a Assembléia[96], cheia de admiração.

---

[94] Outra analogia com a história de Herodes.
[95] Analogia com Maria.

No **Vrihat-Catha** lê-se: "*Então **Mahadeva** apareceu ao pai deste futuro Salvador do Mundo e o informou que sua mulher conceberia, que o fruto de suas entranhas seria uma encarnação divina e que seu nome seria **Vicrama***[97].

Quando a mãe o concebeu, ela tornou-se deslumbrante de luz, como o Sol nascente[98] e esse esplendor corresponde ao **Nur** dos muçulmanos, de onde saiu Issa[99], conforme veremos adiante.

Quando nascido, todos foram adorá-lo.

O Sumo Sacerdote, que não tinha filho, teve um nessa ocasião[100].

No **Raja-tarangidi** lê-se que o rei **Arrya**, 146 anos depois da ascensão ao trono de **Vicramadytia**, seria infeliz, perseguido e que, enfim, morreria sobre uma cruz, mas que ressuscitaria depois[101].

Vá, nosso bom leitor, prestando atenção nas intermináveis analogias do Catolicismo com as primitivas religiões da Antigüidade, e verá que um dia surgirá em seu espírito um formidável ponto de interrogação. E não se diga que esses livros foram escritos posteriormente, pois isso seria dar prova de muita ignorância. O contrário é que é verdade.

Mas, prossigamos, já que temos em mãos mais alguma documentação:

Tcheng-tsai, mãe de Confúcio, recebeu igualmente a visita de um espírito que lhe disse: "*Terás um filho cuja sabedoria excederá a de todos os homens*".

O **Kilin** sagrado, estranho animal intermediário entre o licorne, o veado e o dragão, apareceu-lhe igualmente e depositou em sua fronte uma pedra preciosa,

---

[96] Analogia com Jesus.
[97] Analogia com José e com Rama.
[98] Analogia com os planisférios astronômicos.
[99] Nikolas NOTOVITCH — *La vie cachée de Jesus*.
[100] Esta passagem tem surpreendente analogia com o nascimento de João Batista, filho de Zacarias, o Sumo Sacerdote.
[101] Analogia com Jesus.

sobre a qual se achavam gravadas essas palavras: "*O Filho será um rei sem trono*[102]".

A tradição diz que a criança nasceu em uma gruta[103]. As primeiras versões do nascimento de Jesus dizem que ele viu a luz, não em um estábulo, mas, sim, em uma gruta.

Na China, **Tchu-King**, na ode inserida no **Chi-King**, escrita no século XII antes da era cristã, diz:

> *"Quando homem, Hu-Tsi (fundador da dinastia dos Tchu) nasceu, Kiang-Yuen tornou-se mãe. Como se operou esse prodígio? Ela oferecia votos e fazia sacrifícios com o coração aflito, porque o Filho não vinha. Enquanto ela se achava possuída desses grandes pensamentos, o Chang-Ty (Senhor Supremo ou Céu) satisfez aos seus rogos. Ela parou em uma praça, na qual o Soberano Senhor tinha deixado o traço do dedo do seu pé, e no mesmo instante sentiu suas entranhas emocionadas, foi penetrada de um religioso espanto e concebeu Hu-Tsi".*
>
> *"Chegado o termo, ela concebeu seu PRIMOGÊNITO como um terno CORDEIRO, sem esforço, sem dores, SEM MANCHA. Prodígio espantoso! Milagre divino!"*
>
> *"Mas, basta que Chang-Ty queria. Ele acedeu ao seu pedido, dando-lhe Hu-Tsi.*"

[102] Jesus disse que seu reino não era deste mundo.
[103] Analogia com Jesus.

"Essa terna mãe o deitou em um pequeno Recanto ao lado do caminho[104]*; bois e cordeiros o aqueceram com seu hálito; os habitantes das matas acudiram, apesar do rigor do frio; os pássaros voaram sobre o menino como que para cobri-lo com suas asas; entretanto, ele dava gritos poderosos que eram ouvidos de longe*[105]".

Diz a escritura mazdeana: "*um raio da Glória divina (Hvareno) entrou na mãe de Zoroastro*".

Há analogia com o **Espírito Santo** penetrando no seio de Maria.

Na doutrina de Zoroastro, todo ser humano é nascido da conjunção de um espírito chamado **gandharva** com a genitora no tempo da gestação. Há, pois, semelhança com o relato de Lucas, referindo-se ao Espírito Santo, que fez Maria conceber.

A mãe de Buda, adormecida, sonhou que o Elefante branco descia do céu e entrava no seu seio. Sobre a coluna 89 do templo se acham gravadas estas palavras: **Bhagavato Okranti**, que se traduz por **Descida do Senhor**.

Esse nascimento já havia sido predito por Asito. Em grande parte da Ásia Meridional e Oriental, muito transitada pela via da Babilônia e da Antioquia, já era desenvolvida no tempo de Jesus a legenda de um Salvador, descido do céu num seio humano, e seu nascimento já havia sido anunciado por um anjo para o bem da humanidade, cuja frase se encontra em todo livro canônico pali (língua arcaica), o que prova que a história contada por Lucas é um simples plágio.

---

[104] Equivalente à gruta. — *Chamamos a atenção do leitor para os termos que salientamos pela perfeita analogia com o Cristianismo*.
[105] R. P. de PREMARE, J. J. — *Vestiges des principaux dogmes chrétiens, tirés des anciens livres chinois avec reprodution des textes chinois*. – Paris, 1878.

É possível desejar-se maior analogia com a história de Belém?

Isso significa que os reformadores da Antigüidade tinham de ter um nascimento misterioso, fosse ele verídico ou simbólico, e que os evangelistas, séculos depois, foram beber nessas fontes os elementos necessários à formação do culto judeu-cristão, que o Catolicismo mais tarde desvirtuou com seus dogmas e rituais.

Pode o fanatismo fechar os olhos e os ouvidos à História da humanidade, pode o Catolicismo desviar dessas leituras as gerações infantis, que pais incautos lhes confiam, pode mesmo o jesuitismo queimar todas as bibliotecas ocidentais, jamais conseguirá abafar a voz dessa História, que repercutirá eternamente, consignado em suas inflexíveis páginas os nomes dos atuais anarquizadores e mistificadores da humanidade, com sede em Roma.

Portanto, parece-nos mais conforme com a ciência que a Deus pertence, mais consentâneo com a lógica que é a resultante do raciocínio, da sã razão e com a consciência que é a fé íntima, conseqüente da ciência e da lógica, do que se negar a priori a possibilidade de um fenômeno só porque não lhe conhecemos as leis.

Predição da Vinda do Messias

Mas essa predição não partiu só de Moisés. Muitos séculos antes dela, os druidas também profetizaram que o Messias nasceria de uma virgem, e isso se verifica nos farrapos ainda existentes de obras célticas e nas esculturas dos templos por eles construídos.

Assim é que no local em que se acha construída a catedral de Chartres[*] existia outrora o Grande Colégio dos druidas[**]. Ali foi descoberta nas escavações, numa capela subterrânea, uma estátua representando uma jovem segurando uma criança no colo, tendo esta inscrição: "*Os druidas à virgem que deve conceber*[106]". (Figura 6)

Ora, tendo os druidas existido 18 séculos antes da era cristã, não se pode admitir que eles tivessem feito essa estátua, com tal inscrição, só para agradar a uma futura Roma.

Essa virgem era chamada Ísis, tal qual a deusa Ísis do Egito.

É a mesma figura da constelação da "*Virgem*", representada em todos os antigos planisférios, de uma inconcebível origem. Vê-se ali a fonte bíblica da árvore da ciência do Bem e do Mal, dos frutos que tentaram Eva, da Serpente tentadora, com cabeça e asas do anjo decaído, da criança com o globo terráqueo na mão.

Na forma do costume, o Catolicismo transformou essa estátua do paganismo na Virgem Maria do Cristianismo.

A própria catedral de Notre Dame de Paris é templo construído em honra à deusa Ísis e todas as suas esculturas são a representação astrológica da Cosmogonia caldaica, ou vice-versa, o que é mais provável, pois sabemos agora que o Celta Rama, cuja semelhança de doutrinas com a das Atlântidas, do México e do Peru, foi quem as difundiu há cerca de 9.188 anos pela índia, pela Pérsia e pelo Egito, conforme veremos mais adiante.

---

[*] N. do E.: Saiba mais a respeito desse monumento por meio da leitura *de Catedral de Chartres — A Geometria Sagrada do Cosmos*, de Sonja Ubrique Klug, Madras Editora.

[**] N. do E.: A respeito dessa cultura, sugerimos a leitura de *Os Druidas — Os Deuses Celtas com Formas de Animais*, de H. D'arbois de Jubainville, Madras Editora.

[106] Annales de Philosophie Chrétienne, T. VIII, pág. 327.

Por sua vez, Isaías VII, 14 diz: "*que uma virgem concebera um filho, que se chamaria Emanuel*"[107].



Figura 6

O profeta Malaquias disse: "*Eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande dia do Senhor*".

Em **Provérbios** VIII, todo o capítulo, especialmente de 22 em diante, deixa ver, sem a menor dúvida, que se trata ali de Jesus, do Verbo Criador. O versículo 35 diz: "*porque o que me achar achará a vida*".

Jesus repetiu essa frase em seus discursos.

[107] De acordo com o Arqueômetro, este nome significa: Lei de Deus M-No-El MNL.

Nos **Números**, que é o livro que encerra os mistérios da Ciência, lê-se no capítulo XXIV, 17, o seguinte: "*uma estrela procederá de Jacó e um cetro subirá de Israel...*" "*e isso foi visto por Balaão, mago, em êxtase e de olhos abertos*", tal qual praticam ainda hoje os Magos da Índia e do Tibete. Essas frases serão igualmente explicadas mais adiante.

No *Livro dos Mortos do Antigo Egito*, milhares de anos antes de Jesus nascer, lê-se que "*nas cerimônias dos mistérios de Abidos, comemorava-se a vida, a paixão, a morte e a ressurreição de Osíris, desse Deus Homem, que ensinou aos homens a mumificação dos corpos...*" e... "*Osíris, redentor e justiceiro*[108]*, espera sobre seu trono seu filho que vem da Terra*."

O livro apócrifo de Enoch, composto antes de aparecerem os evangelhos, já trata da pessoa misteriosa que tem de sentar-se à direita do Altíssimo, ora chamando-o de **Filho do Homem**, de Filho da Mulher, ora de **Eleito**, ora de **Misterioso**, ora de **Verbo**, ora de **Filho de Deus**.

Este filho que tem de sentar-se à direita do Pai יהדה — EVE — I, é a letra I de IShO, pertencente, como já vimos, pelo Arqueômetro, ao Verbo, acerca do qual ainda teremos de voltar.

Lê-se em Plutarco (Ísis e Osíris) "*Das profundezas do templo de Amon*[109]*, o Tebano Pamylou, ouviu uma voz misteriosa dizer-lhe: 'Anuncia aos mortos o nascimento de Osíris, o* ***Grande Rei Salvador do Mundo***' ".

Para Dupuis, o Cristo nada mais é do que a mesma alegoria das mitologias orientais, com seus **Filhos de Deus**, nascendo, sofrendo, morrendo, descendo aos infernos e ressuscitando, tudo de acordo com o funcionalismo das constelações, descrito pelas cosmogonias, do qual ele deduz que Jesus nunca

[108] Ressalta daí uma certa analogia com o "*Jesus, Rei dos Patriarcas*" e com Jesus ressucitado.
[109] Lei de Rama

existiu, sem se lembrar que só a correspondência, arquivada em Roma, trocada entre Tibério e Pilatos, bastaria para provar sua existência, embora sua vida, seu sofrimento, sua morte e sua ressurreição se harmonizem com o movimento sideral e com as adaptações mitológicas personificadas, o que seria mais uma prova da sua messianidade, mas não da sua divindade, porque Deus não pode passar por essas fases.

Eis a carta textual que Públio Lêntulus, procônsul da Galiléia e amigo particular de Pilatos, dirigiu a Tibério, imperador romano, quando este interpelou o Senado:

> "*Aí vai a resposta que esperáveis com ansiedade: Surgiu há pouco tempo na Judéia um jovem de grande poder, chamado Jesus, cognominado pelo povo de Grande Profeta e tratado pelos seus discípulos como Filho de Deus.*
>
> *"Dele contam grandes prodígios: cura as enfermidades, dá saúde aos moribundos e Jerusalém anda assombrada com sua doutrina extraordinária. É homem alto e de aparência majestosa; sua expressão fisionômica é severa e doce ao mesmo tempo, inspirando amor e respeito a quem o vê. Seus cabelos da cor de vinho lhe descem pelos ombros, repartidos ao meio, como usam os nazarenos. Sua fronte é lisa e altiva; a cútis é límpida e rosada; a barba da cor do cabelo é abundante, tem olhos azuis, brilhantes e meigos; mãos finas e longas; braços encantadores. E grave, compassado e sóbrio quando fala. É temido quando repreende ou condena e,*

quando exorta ou instrui, sua palavra é doce e afável. Nunca o viram rir, mas muitos o viram chorar. Anda descalço e com a cabeça descoberta. Quem o vê a distância deprecia-o, mas na sua presença não há quem não se curve com respeito. Os que dele se acercam afirmam ter recebido dele grandes benefícios; alguns há que o acusam de ser um perigo para vossa majestade, porque proclama publicamente que reis e escravos são todos iguais perante as leis que regem o Universo".

O Catolicismo, porém, desvirtuou os evangelhos e transformou o divino profeta numa divindade real, enquadrando sua vida de acordo com aqueles Mitos astrológicos e dando ganho de causa aos católicos.

Inúmeras e idênticas analogias com os dogmas fundamentais do Catolicismo provam o sincretismo deste culto que, afinal, é uma amálgama de todos os cultos do Oriente e não um culto organizado ou pregado pelo fundador do Cristianismo. Mas, continuemos.

Platão, em um trecho memorável da sua obra, parece que já profetizava a vinda de Jesus quando disse: "*O justo perseguido, flagelado e crucificado é mais feliz que o tirano triunfante*".

Virgílio V, 4, diz: "*Os tempos da Sibila já chegaram enfim; um novo rebento desce do alto dos céus*". E isso 19 anos antes do nascimento de Jesus.

Um dos Zoroastros também profetizou nesses termos, 3.200 anos antes: "*Ó vós, meus filhos, que já estais avisados do seu nascimento antes de qualquer povo, assim que virdes essa estrela, tomai-a por guia, ela vos conduzirá ao lugar*

onde ele nasceu. Adorai-o e ofertai-lhe presentes, pois ele é a ***palavra*** *(o verbo) que formou os céus*". (Zenda-Avesta).

Essa história da estrela, como está nos evangelhos, foi tirada do discurso de Euzébio, de Cesarea, que tudo idealizou, calcando-a sobre a doutrina de Zoroastro.

Como Zoroastro (Zaratustra) significa: Chefe da Milícia Celeste, isto é, Chefe do Observatório Astronômico, essa estrela, simbolicamente falando, como era hábito na Antigüidade, referia-se à conjunção de Saturno com Júpiter, o que, de fato, se realizou 3.200 anos depois, como foi verificado pelo astrônomo Kepler, ou, pelo menos, ao cometa que apareceu em Jerusalém dois anos antes da data convencional do nascimento de Jesus; esse cometa reapareceu 65 anos depois para assistir à destruição de Jerusalém, e isso prova mais que esse Pontífice, também da Ordem de Rama, possuía a fundo as ciências que se relacionam com toda a mecânica celeste.

Se dissemos **convencional** é porque o Nascimento de Jesus e a Paixão foram colocados, o primeiro, no solstício do Inverno e o segundo no equinócio da Primavera, dando-lhe nove meses de intervalo para coincidir com o tempo da gestação.

O Natal foi fixado em 24-25 de dezembro para favorecer a luta do Cristianismo contra a religião de Mitra de Zoroastro, na Pérsia, cuja festa principal celebra-se no solstício de Inverno (25 de dezembro), assim como a Paixão em 25 de março, coincidindo com a festa da Paixão de **Attis** ou de **Mani**.

Santo Agostinho dizia: "*Celebramos com razão o nascimento de Nosso Senhor neste dia, não porque o Sol passe a nascer de novo, mas porque o Senhor criou o Sol*" (é a lógica católica!).

E mais uma adaptação porque, de fato, a data exata não é conhecida.

Quem tiver noções de astronomia facilmente verificará essa adaptação nas constelações do **Cordeiro**, da **Virgo**, da **Serpente**, do **Aquário** etc.

Pela religião de Zoroastro, baseada na astrologia, Mitra, também chamado Jesus e Cristo, nasceu em uma gruta, no mesmo dia em que nascia o Sol no solstício de Inverno, isto é, em 25 de dezembro, à meia-noite.

Quais foram os personagens que renderam homenagem ao Cristo Jesus, em Belém?

Padres da religião de Zoroastro, magos, sábios astrônomos, adoradores de Mitra.

Que ofereceram eles?

Os três primores que eles consagravam e ofereciam ao Sol, ao filho de Deus, à Mitra, ao Cristo ou Jesus, e se compunham de ouro, incenso e mirra. O ouro era o metal consagrado ao Sol, como a prata o era à Lua.

Como foram eles instruídos do nascimento do Deus-Luz, ou seja, do Cristo?

Pela astrologia. Foi no Oriente, no ponto do horóscopo, que eles reconheceram o nascimento do filho da Virgem: "*Vimos sua estrela no Oriente, dizem eles*".

Pois bem, olhemos com Dupuis o Oriente, no momento preciso desse nascimento. Que vemos no planisfério? A constelação da Virgem, tendo nos braços uma criança. Ela é chamada Ceres, e Ceres se chama a **Virgem Santa** que dá à luz Baco, nos Mistérios.

Atrás dessa virgem surge a constelação da Serpente que parece persegui-la, tal como é representada pelo Apocalipse de João, que assim se esclarece.

Pelo planisfério vê-se mais a Constelação de Câncer, na qual figuram a creche e o asno, que os antigos chamavam *presepe jovis*.

Segundo Mateus, Jesus nasceu sob o reinado de Herodes, o Grande. Ora, Herodes, o Grande, morreu quatro anos antes de Jesus nascer, o que destrói a lenda da matança dos inocentes, ordenada por Herodes, para apanhar Jesus.

Segundo Lucas, Jesus nasceu no ano sexto antes da era vulgar, pois este evangelho diz que "*Maria e José partiram de Nazaré, daí seguiram para Jerusalém e daí para Belém, a fim de obedecer à lei do recenseamento decretada por Quirinus, Prefeito da Síria, nomeado para tal cargo depois da deposição de Archelaus, sucessor de Herodes"*, e isso nos transporta ao ano sexto depois da nossa era.

Ao norte vêem-se as estrelas da Grande Ursa, que os árabes chamavam de Marta e Maria e o sarcófago de Lázaro.

Outro fato que corrobora a incerteza da data do nascimento de Jesus reside no seguinte:

O evangelista diz que Jesus no seu batismo tinha 32 anos, e que este fato se deu no décimo quinto ano de reinado de Tibério, isto é, entre 29 e 30 da era vulgar.

Mas, se Jesus tivesse nascido sob Archelaus, ele só teria 25 anos no batismo, em vez de 31 ou 32, como afirma Lucas.

Foi, pois, na ocasião desse recenseamento que Maria dera à luz, em Belém, para onde teria ido, como vimos, recolhendo-se a um estábulo, por falta de alojamento, em virtude da afluência do povo.

Dez ou quinze dias depois Maria apresentou Jesus ao templo e regressou para Nazaré, que dista daí 50 quilômetros! Nazaré se chama hoje **In-Naria**. Essa expressão em Sânscrito INRI (Inaraia) significa: Ele, o homem Deus, mas como homem Superior. Mais adiante ainda tocaremos neste ponto.

Foi o frade Diniz-o-menor, originário da Cítia, quem, no ano 532 da nossa era, instituiu o Calendário ora usado, supondo, erroneamente, que Jesus nascera em 25 de dezembro do ano 753 da fundação de Roma.

Essa questão de data do nascimento de Jesus nos faz lembrar também a da sua morte, que está em desacordo de dois anos entre as dadas por João e Lucas.

Pela carta de Públio Lêntulus a Tibério, se deduz, igualmente, que Jesus teria morrido com 50 anos e não com 33, o que é atestado por Santo Irineu, talvez segundo Papia.

Voltemos à questão da Estrela.

Quem não ignora que uma estrela é um Sol milhões de vezes maior do que o que nos ilumina, não pode deixar de revoltar-se ante o atraso que o Catolicismo mantém, ensinando a crianças e adultos, por meio de catecismo e lições orais, semelhante contra-senso de três Reis Magos, só referido por Mateus II, 1, numa linguagem dúbia, vindos de pontos bem distantes, um dos outros, a se juntarem, sem combinação, em determinado ponto da Palestina. Tais reis teriam deixado seus domínios, sem acompanhamento, durante meses e meses, atravessando desertos e sendo guiados de noite e mesmo de dia por essa estrela, só vista por eles, como quem segue um guia no espaço, armado de facho em punho, a qual, de repente, cai como um bólido em um determinado ponto, sem

maiores conseqüências! Por que preparar a mentalidade de gerações futuras com conhecimentos condenados pelos seus próprios observatórios astronômicos?

É porque, dizem as escrituras, "*Felizes dos ignorantes, é deles o reino do céu*".

Mas retomemos nosso fio.

Daniel, igualmente na Babilônia[110], profetizou a vinda do Messias, marcando-lhe mesmo a data de 652 anos, sob um simbolismo de tempos e meios tempos, cuja exatidão acaba de ser verificada pelo astrônomo e padre católico, Moreux, já citado, e cujo desenvolvimento matemático daremos no capítulo que se refere ao **fim do mundo**.

Esse fato tem contrariado bastante a facção judaica, que não quer reconhecer Jesus como o Messias, mas, sim, como um simples profeta; em virtude de Moisés ter anunciado a vinda de um maior do que ele[111] e por ter Jesus mesmo se considerado como tal.

Além dessas, temos ainda as profecias de vários profetas, como Isaías, Ezequiel, das quais se destaca a de Miquéias, quando diz: (V. 2) "*E tu Belém, Eufrata, ainda que és pequena entre os milhares de Judá, de ti me sairá o que será o Senhor em Israel e* ***cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade***".

Só este final que salientamos basta para confirmar o que dissemos a respeito da Revelação aos Patriarcas. E quem poderá refutar com provas, que **essas saídas** (do empíreo) **desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade**, não se relacionam também com as encarnações de diversos

[110] Daniel XVIII, 14 etc.
[111] Deuteronômio XVIII, 18-19

reformadores que surgiram na Terra, tais como Rama, Manu, Zoroastro, Hermes, Krishna, Buda, Lao-Tsé, Moisés, Orfeu, Pitágoras, Platão, Sócrates etc. etc.?

Esses nomes simbolizam séculos, povos, filosofias e religiões precursoras de Jesus, os quais caminharam anunciando-lhe a vinda.

Todos esses grandes homens iniciados contribuíram para a preparação da humanidade futura.

Nessa série, Rama foi quem deu a chave do templo, Moisés, Orfeu e Pitágoras mostraram-lhe o interior e Jesus veio representar o Santuário[112].

Em Atos XV, 16, os apóstolos citam o seguinte, dos profetas: "*Depois disso voltarei e reedificarei o tabernáculo de Davi que está caído, e reedificarei suas ruínas e tornarei a levantá-lo*".

Jesus repetia que veio para cumprir a Lei que a ele se referia e que reconstruiria em três dias o templo em que estava, o que significa que esse templo era o da sua religião, pois de outro modo ele teria respondido que derrubaria esse templo, para não mais ser reconstruído.

Ora, o tabernáculo de Davi, árvore genealógica de Jesus, era positivamente o de Rama, por Abraão, Jacó, Isaac e Moisés, por eles venerados, reconstruído por Salomão, novamente destruído e que Jesus terá de reedificar quando voltar, pois é **esta sua religião e não outra**.

Não prometeu Jesus que voltaria? Mentiria ele?

Nesse tabernáculo ele oficiava, sacrificava segundo o ritual mosaico, ensinava o povo a interpretar a Lei Mosaica, já esquecida, mandava que todos se guiassem pelos que estavam sentados na cadeira de Moisés — e muitas outras passagens, que veremos no correr deste estudo.

[112] ED. SCHURÉ - Os Grandes Iniciados, Madras Editoras.

De avisos dados por anjos a respeito do nascimento de crianças se acha a Bíblia cheia, como os de Sansão, Daniel, Zacarias e muitos outros.

A rainha egípcia Mutanait, há cinco mil anos, teve um sonho com o Deus Amon (Lei do Carneiro), o qual, juntando-se a ela, anunciou-lhe que teria um filho, que seria o rei de Tebas, e que, de fato, foi Amenófis III, avô de Tutankhamon[113], cuja múmia acaba de ser descoberta.

Ora, a negação ou o repúdio dessas profecias importaria na derrocada de todos os Livros sagrados da Antigüidade e, conseqüentemente, de todo o edifício cristão por ser ele alicerçado e construído com os materiais de todas as religiões do passado.

Por elas verifica-se, até agora, com as migalhas que fomos apanhando pelo caminho, que o **Verbo** já era conhecido desde a mais remota Antigüidade, **desde os dias da eternidade**. No decorrer, porém, deste estudo, essas migalhas se avolumarão de tal modo que, dificilmente, se conseguirá destruir a prova de que a religião professada na Terra há 8.600 anos, era a de Rama, transmitida a Melquisedeque, a Abraão, a Moisés, e que Jesus veio novamente confirmar com seu sangue.

Verifica-se, igualmente, que o nome de Jesus obedece a uma **sólida tradição** e mais consolidada ficará a prova, quando tratarmos da Astrologia e das Mitologias dos antigos.

Provado ficará pelo artigo — Dogmas — que o Catolicismo, arbitrária e blasfemicamente, fez desse Jesus um Deus, e de sua progenitora a **Mãe de Deus**, imitando ainda, como é seu costume, a Frígia, que dava este título à deusa mitológica **Cibele**.

[113] Esse nome significa Imagem Viva de Amon (Rama, Lei de Áries, do Carneiro).

Ora, dar uma mãe terrena ao Deus eterno, incriado, só mesmo da cabeça dos fornicadores desse Culto.

Nestorius, padre Siriaco de Antioquia, em 428, pregava e fez Santo Anastácio, seu secretário, pregar, contrariamente ao que haviam estabelecido os Concílios acerca da divindade de Cristo. Diziam eles que Jesus Cristo, filho de Deus, não se podia confundir com o filho de Maria, que a carne só engendra a carne, que a criatura não pode engendrar o Criador, que só havia entre o Verbo e o homem uma união de afeto, de operação e de graça, que, por conseqüência, Maria não podia ser chamada "**Mãe de Deus**", quando muito se podia chamá-la de "**Mãe de Cristo**".

Essa crença na maternidade divina já existia desde tempos inconcebíveis entre tribos selvagens degeneradas. Assim é que os ibibios, negros habitantes no Eket, distrito da Nigéria, na África meridional, crêem que a deusa **Eka-Abassi**, que quer dizer **Mãe de Deus**, isto é, a Causa Primordial, concebera seu primogênito chamado **Obumo**, sem o concurso de homem algum. Essa crença existe entre milhares de tribos da África de Leste a Oeste e de Norte a Sul e vem de uma antiga tradição muito anterior ao advento do Cristianismo, por isso nunca se pôde atribuí-la ao contato de missionários católicos[114]. Encontra-se igualmente entre os babilônios.

O Concilio de Éfeso, no século XV, entretanto, confirmou a Maternidade divina a Maria, por assim entenderem meia dúzia de átomos ignorantes e fanáticos. E assim fizeram eles do Cristianismo; primeiramente um **deísmo**, depois um **diteísmo**, em seguida um **Triteísmo** para acabar em um **Tetraísmo**!

Puro paganismo!

[114] J. C. FRAZER — Les Dieux du Ciel.

O próprio dogma da Imaculada Conceição de Maria só começou a ser aventado em 1854, e promulgado em 1870, pela suposta infalibilidade de um homem, o Papa Pio IX.

Isso prova que a inspiração divina, de que se dizem detentores, estava longe de os ter guiado nessa interminável disputa.

Maria era prima de Izabel, esposa do sacerdote mosaico Zacarias, que pertencia à família de Aarão, irmão de Moisés, depositário da tradição de Abraão.

Maria, portanto, era de uma família de sacerdotes e, como tal, sacerdotisa[115] da casta sacerdotal dos levitas.

Dos 18 anos da ausência de Jesus, bem como após sua morte, nem o Novo Testamento nem os antigos doutores da Igreja jamais fizeram a mínima referência. Ignora-se o paradeiro de Maria e de sua família.

Mesmo no século IX, ainda nada se sabia acerca da morte e do destino do corpo de Maria.

Mas isso não podia ficar assim; era mister endeusá-la e dar-lhe um fim misterioso.

Por isso, nos séculos IV e V, aparecerem dois escritos apócrifos, atribuídos a João e ao bispo de Melito, de Sardes, em que se dizia que Maria fora arrebatada ao céu[116]. Dogma sem base e visivelmente fabricado para servir de esteio.

Mais tarde o Concilio resolveu, em sua **alta sabedoria**, criar o dogma da **Ascensão de Maria**, para servir, como tem servido, de arma sugestionável do Espírito feminino.

---

[115] Lucas, I, 36
[116] GUSTAVE D'ALMAN — *Les itinéraines de Jesus* — 1930.

Não nos agacharemos atrás do confessionário. Se algum pai de família quiser se inteirar do que se passa nessa ratoeira a fim de salvar sua mulher, sua filha e sua honra, procure as dezenas de obras escritas pelos próprios padres que tiveram de abandonar a batina horrorizados pelo que eles mesmos foram forçados a cometer — e dentre as obras procure ler *Chiniqui*.

O Catolicismo representa a mãe de Jesus vestida de Sol, com a Lua aos pés, coroada pelo zodíaco de 12 estrelas e segurando seu filho ao colo, tal qual se representava em eras inconcebíveis, nos planisférios astronômicos, a Constelação de **Virgo**.

Nos selos babilônios vê-se a deusa **Istar-Mami nua**, **vestida de Sol**, isto é, de Luz, a Lua sob os pés, coroada com 12 estrelas: Na Babilônia já se lia gravado nos templos:

> *"Mãe misericordiosa dos homens".*
>
> *"Que todos teus filhos, ó Mãe, sejam por ti protegidos e salvos."*
>
> *"Rainha Poderosa, Protetora misericordiosa; não há outro refúgio senão em ti."*

Não será isso uma litania católica?

Não, responde Mereykowsky, é um texto cuneiforme da Babilônia! Que se verifica de tudo isso?

Que o Catolicismo (nunca confundir com Cristianismo) é um grosseiro plágio do Paganismo encoberto com a túnica branca de Jesus!

Divindade de Jesus

Depois de ter estudado as profecias acerca da vinda do Cristo, do Messias, seu nascimento misterioso e a possibilidade desse fenômeno, estudaremos, agora, a vida mais ou menos esotérica de Jesus, e a verdadeira religião que ele pregou.

Como é fácil notar, esse trabalho não pode ser desenvolvido aqui, tendo em vista a colossal literatura existente no mundo a respeito do assunto; mas entendendo que todo homem bem intencionado tem, por assim dizer, o dever de esclarecer seu semelhante, pouco afeito a essas leituras, externando o resultado de suas pesquisas, tanto mais baseado na História e nos próprios livros sacros indestrutíveis e não em sua própria opinião, diremos mais algumas palavras acerca da personalidade de Jesus, julgando-as acertadas até encontrar alguém que destrua nosso modo de ver, mas com sólidos argumentos, como o fazemos, e não com uma simples interpretação pessoal, metafísica ou infantil, porquanto nosso fim é o de nos aproximarmos da **Verdade**, que todos os credos têm a pretensão de possuir, como exclusivo monopólio, e só lhe possuem a sombra e assim mesmo fugitiva.

Na opinião de Edouard Dujardin[117], "*o trabalho da crítica e da História deve consistir em estudar a imagem que as comunidades fizeram de Jesus*".

Sainte-Beuve disse que "*a crítica é um homem que sabe ler e ensina a ler aos outros. Para se adquirir o espírito crítico, é mister, portanto, saber resistir à necessidade de crer. Devemos lutar contra a preguiça de raciocinar*."

Ademais, esse modo de pensar, resultante da Ciência, da História antiga, da sã razão e das próprias palavras dos Evangelhos, felizmente implica, unicamente,

[117] Le Dieu Jânus.

na consciência individual de cada um a quem cabe a responsabilidade espiritual, guiada pelo célebre **livre-arbítrio**, que, dizem os teólogos católicos, aliás, os mesmos competentes em afirmá-lo por terem dele abdicado, ter sido dado ao homem por Deus; mas que, por outro lado, procuram tirá-lo, mesmo à viva força... Para o católico, a liberdade de consciência só pertence a ele, e dela se serve para destruir a dos outros. É o inimigo implacável da liberdade. O absolutismo é sua essência.

Sua tese assemelha-se à do reacionário Veuillot, quando, na tribuna da Câmara francesa, disse aos liberais:

> *"Se triunfardes, deveis me conceder a liberdade, porque ela figura no vosso programa; se, porém, for eu quem triunfe, eu a recusarei porque ela não figura no meu".*

O Vaticano se apavora ante o fantasma da liberdade de crenças e de consciência, que julga prejudicial ao seu predomínio, sem se lembrar, porém, de que a essência dessa liberdade é exatamente sua conservação no terreno espiritual.

Diz M. Miron[118]: "*Distinguem-se duas liberdades: a da Consciência e a da Religião; a da consciência repousa sobre um direito tal, que é difícil lhe ser contestado, a da religião é mais ampla por conter a da Consciência*".

Além disso, se formos considerar os critérios filosóficos em que cada credo se baseia, teríamos de deduzir, logicamente, que nenhum possui ainda essa **Verdade**, uma vez que esses critérios são calcados sobre outros critérios,

[118] La séparation du spirituel et du temporel.

redundando numa vã metafísica que, por isso mesmo, deve estar errada por não passar de mera concepção humana, visto como nada há de sobrenatural.

Todo dogma fecundo tem por essência produzir a heresia e a mãe da heresia é a metafísica.

Em que critério científico, por exemplo, se fundam os que apregoam que Deus é positivamente feito à imagem do homem, porque a inversão se equivale; que o corpo de Jesus era simplesmente fluídico; que este é o próprio Deus encarnado na Terra; que ele tinha duas naturezas e uma pessoa, como quis o Concilio de Calcedônia em 412, já que o papa Leão era da opinião que ele só tinha duas naturezas e mais nada? Em nenhum. As conclusões a que chegaram são os frutos dos seus acanhados raciocínios e de decisões de Concílios, de encarniçadas lutas sangrentas e de arbitrárias sentenças papais.

Poder-se-ia chamar Jesus de Homem-Deus, não porque ele fosse de uma natureza diferente da dos homens; mas porque, sendo da mesma natureza, ele lhes foi superior. Assim é que todos os Super-homens na Antigüidade eram cognominados.

Tão fácil, também, é negar-se a existência do Messias, como a de garantir haver habitantes na Lua, ou, por meio de um silogismo, provar que a virtude é um vício, pois não há virtude que não tenha seu vício oposto.

Mas o único critério aceitável é o que seja baseado na história e na matemática dos antigos, como veremos mais adiante, porque esta ciência, origem de todas as outras, como da do próprio Verbo, partindo de Deus, que é a própria Unidade, encerra toda a razão de ser do Cosmos, visto ser tudo regido pelos números nos infinitos Universos. E a lei das vibrações atômicas. Tudo é numerado,

pesado e medido, e nada se cria como nada se perde, segundo o velho aforismo de Hermes.

Jesus mesmo já o havia dito: "*E até mesmo os cabelos da vossa cabeça estão todos contados*" (Mateus X, 30).

É exatamente nesse critério, profundamente científico, revelado pelo *Arqueômetro*, que nos apoiamos, porque ele nos demonstra o valor do termo "*Verbo*", tão mal compreendido pelos que não lhe conhecem a significação, confundindo-o com a parlanda do povo.

Ora, que o filho de Maria fosse o próprio Deus Criador em pessoa, ou uma parcela desse Deus, em carne e osso, a sã razão e todo e qualquer credo, salvo o Catolicismo, repele: porque Deus, abstração espiritual, não só na expressão do próprio Jesus[119], como na de todos os legisladores da Antigüidade, de centros civilizados ou dos sertões da África, inconcebível pelo homem e inexprimível pela palavra, não precisaria lançar mão de expediente tão mesquinho, para fazer cumprir seus Decretos e nem deixaria seu trono no empíreo, que ficaria acéfalo por 33 anos, para vir representar um papel risível dos seus poderes onipotentes, no menor átomo de pó desses infinitos turbilhões de sóis.

Para corroborar o que acima fica dito, pediremos ao grande apologista católico J. J. Ampére[120] que nos defina o termo Deus:

> *"Se se segue até o fim o desenvolvimento da abstração, se não se é retido sobre o declive da dialética pela necessidade de se apegar a um Deus inteligente e moral, chegar-se-á, assim, a negar mesmo a espiritualidade, a*

[119] João IV, 23, 24.
[120] La Science et les lettres en Orient.

bondade, a personalidade do princípio universal. Por que será ele Espírito? Por que será ele bom? Por que será ele uma pessoa? Todas estas qualificações poderão ser aplicáveis ao Ser inefável? Todo atributo não será um limite ao Infinito? A unidade não será superior a todas as diferenças que distinguem as coisas limitadas? A maior, a mais alta dessa diferença, a que separa o Ser do Não Ser, não será ainda uma coisa inferior à idéia que deveremos fazer de Deus? Dizer que ele E, quando não temos outra palavra para exprimir a existência restrita e passageira, não será empregar um termo inexato e insuficiente, uma vez que se trata da existência absoluta e soberana? Como se quer, pois, reduzir o Inefável a um corpo humano tão imperfeito como o nosso na pessoa de Jesus?"

Como pode-se ver, é um teólogo católico que interroga!

Além disso, choca o bom senso admitir-se que um Deus se encarne na Terra, no corpo de um belo Rafino, para repetir *ipsis verbis*, sentenças, aforismos, contos e parábolas, já escritas nos vedas, e manifestasse prodígios já manifestados antes dele e por seus **próprios** conterrâneos.

Que o Criador de todos os Universos encarnasse no ventre de uma mulher é uma concepção só permitida a espíritos pagãos, que a parodiaram das mitologias pagas.

O sarcástico cristão Voltaire, o fanático católico Pascal e o beatífico Santo Anastácio disseram que "*Deus nas entranhas de uma mulher era uma abominação*!"

Sendo Deus indivisível, é inconcebível que ele se refugiasse no corpo de um homem que, aliás, ficou distinto dele. O Deus-Filho encarnado é distinto do Deus-Pai e morreu, se bem que a morte de um Deus é inadmissível a não ser nas mitologias.

Diderot dizia: "*Já que o Filho é Deus, como se admitir um Deus, matando um Deus para apaziguar um Deus*?"

Que essa encarnação fosse o filho carnal desse mesmo Deus, Jesus foi o primeiro a repelir a insinuação, como veremos mais adiante. Ademais, tendo Jesus vindo para ensinar nas sinagogas e confirmar a Lei Mosaica, ele não iria destruir o cap. XX de Êxodo, embora tivesse respondido a Caifás: "*Vós o dizeis, eu o Sou*" à pergunta que este lhe fizera de ser ele o **Filho de Deus**, pois, como veremos, esta expressão significava outra coisa bem diversa naquela ocasião e não o **Filho Carnal do Onipotente**.

O católico, com sua liberdade de pensar acorrentada pelos cânones, vaidoso, presunçoso e incomparavelmente orgulhoso, comete a mais grosseira das blasfêmias fabricando Deus à imagem do homem, dando-lhe um corpo tão imperfeito como o nosso, assemelhando-o, além disso, com o macaco, sem falarmos na questão de raças ou de cores, pois não disseram a qual delas Ele pertence. O negro há de o desejar preto, como as outras raças hão de o querer branco, amarelo ou vermelho.

Xenofonte, iônico, disse que, se os bois pensassem e quisessem um Deus, eles o fariam "*boi*" à sua imagem.

A palavra ADM Adam (Adão) foi traduzida pelos samaritanos como sendo o **Homem Universal**, isto é, o **Reino Hominal**, e não um homem; mas também

sabemos que essa tradução foi feita do primeiro sentido da Bíblia, visto lhe desconhecerem o segundo e ainda menos o terceiro.

Que o homem seja feito à imagem de Deus espiritualmente e não materialmente, aí está o versículo 27 da Gênese, que não a indica claramente — Jesus disse: "*Deus é espírito e importa que os que o adoram o adorem em Espírito e Verdade*", portanto, sem figuras.

Ou esta frase tem supremo e decisivo valor teologal na boca de Jesus, ou, então, rasguem-se as escrituras: haja ao menos coerência com os ensinos do Mestre.

Mais de acordo com essas palavras estão os protestantes, os evangelistas, os swedenborgistas, os espiritistas, os budistas, os maometanos, os israelitas etc., que não usam figuras em seus templos, cumprindo, assim, a Lei Mosaica que Jesus veio confirmar.

Que Jeová, o Deus de Moisés e dos israelitas fosse o Deus de Jesus; não precisamos reunir aqui todos os passos que se encontram nos Evangelhos, basta citar Marcos, em XII, 29, 30, que põe essa sentença na boca de Jesus: "*E Jesus respondeu-lhe: O primeiro de todos os mandamentos é: 'Ouve, Israel, o Senhor NOSSO Deus é o* ***único Senhor'****. 'Subo para meu Pai e nosso Pai, para meu Deus o vosso Deus*' ". E esse Deus é Jeová!

Heródoto já dizia que os primitivos persas da religião de Zoroastro consideravam como profano fabricar estátuas ou ídolos, levantar templos ou altares, considerando louco quem isso fizesse.

Os **Atos dos Apóstolos** confirmam essas declarações de Jesus; mas o Catolicismo respondeu-lhe: Não sejas bobo, vou dividir Jeová em três pedaços, dos quais você passará a ser um deles. Fabricaremos uma estátua da tua pessoa, outra

da tua Mãe, outra de um pombo, como sendo o Espírito de Jeová, e te adoraremos, apesar da tua proibição, e até te imolaremos todos os dias, num templo, cuja construção condenaste e teu apóstolo tudo confirma, e procuraremos mesmo fugir tanto quanto possível das tuas predicações.

E assim foi que Constantino fez de Jesus um Deus.

Nos "*Adendos*", no artigo "*Dogmas*", o leitor conhecerá os fabricantes desse dogma, a época, os materiais que empregaram e a argamassa de ossos e sangue com que foi alicerçado.

A cidade de Belém, cidade da luz, pertencia à tribo de Judá, uma das 12 que Moisés organizou como povo de Israel, ou seja, a denominação dessa tribo já figurava nos antiqüíssimos mapas zodiacais e constava, igualmente, do planisfério de Kirkev, sob o signo zodiacal do Leão, daí a expressão: "*Leão da Tribo de Judá*".

O Leão da Tribo de Judá pertencia ao Sol, isto é, fazia parte do domicílio astrológico do Sol; Sol invictus, que galga o zênite em 25 de dezembro.

A analogia, pois, de chamar-se Jesus, filho da Tribo de Judá, de cuja tribo se originou Davi, por Jessé, e de cuja árvore genealógica procedeu José, pai de Jesus, não pode deixar de concorrer para a destruição do dogma da Divindade de Jesus, no tocante à partícula que o Catolicismo lhe deferiu por Decreto de Constantino, fazendo dele um Deus. Segundo Mateus I, 1, Jesus é da geração de Davi e de Abraão, portanto filho carnal de José e não de Espírito Santo nenhum.

Filho de Deus

Não só Rama, mas, antes dele, os primitivos patriarcas da humanidade que residiam, provavelmente, nos continentes submergidos, os antiqüíssimos livros védicos, os de Hermes, os de Jo, etc., cujas origens vão longe, as doutrinas de

Cakya-Muni, o Buda, de Manu (Ma-Noé), de Zoroastro, de Krishna, de Moisés e... do próprio Jesus, sempre consideraram Deus como uma abstração espiritual, inexprimível pela palavra, inefável, em suma, e, sobretudo, indivisível, luz que falava aos homens como no diálogo que Pimander teve como Thot, pois nela residia o Verbo, porque por ele é que foi ela criada em primeiro lugar.

Assim, também se exprime Paulo, o fundador do Cristianismo no Ocidente, a respeito de Deus, isto é, do Pai, sendo que o **Senhor** (Jesus) "***era o filho da semente de Davi, segundo a carne (frisa ele) e que foi demonstrado Filho de Deus, pela potência do espírito de Santidade que o ressuscitou dentre os mortos***".

Em **Atos**, II, 30, lê-se que "*Jesus teria que sair dos lombos de Davi*", portanto, longe de ser do Espírito Santo.

O padre Alba em seu estudo a respeito de Paulo[121] diz: "*Jesus Cristo é o Logos, e, portanto, o* ***Verbo*** *encarnado no Homem Cristo-Jesus*".

E, João diz: "*E o* ***Verbo*** *se fez carne*".

Swedenborg[122], o grande vidente, escreve: "*aprouve ao Senhor descer do céu e vir ao mundo realizar sua palavra (perdida) para reintegrá-la e de novo dar a luz aos habitantes da Terra*". Mas, isso não quer dizer que esse Senhor habitava o céu em carne e osso como nós.

O fato de Jesus dizer e repetir que "*quem via o Filho via o Pai*", que "*ele ia para o Pai, para onde ninguém[123] podia ir*" e "*de onde ele tinha saído*" etc., não significa que esse Pai seja de carne e osso como ele, habitando um planeta idêntico

[121] Pau en l'an 51 — Paris, 1926.
[122] Escritura Santa, III.
[123] Este ninguém é inexplicável sem o Arqueômetro — No "*Reino do céu*" e onde reside o Pai, segundo ele, e para lá têm de ir os justos — que naturalmente verão o Pai.

ao da Terra em densidade atmosférica, que passaria a ser o céu, o que contradiria suas próprias palavras de ser Deus-Espírito e Verdade.

Jesus nunca falou com clareza ao povo, nem mesmo a todos os seus discípulos, mas, sim, por parábolas[124], como o faziam todos os reformadores antigos, empregando, até, uma fraseologia que feria o bom senso e não esclarecia a inteligência, tanto que os próprios discípulos não o compreendiam, ficando às vezes perplexos. Há, entre muitas outras passagens, uma em que a imaginação se perde em um labirinto, é quando lhe perguntaram:

> *"Rabi, quem pecou, este homem ou seus parentes, para que ele nascesse cego? Nem ele, nem seus parentes pecaram, mas para que as obras de Deus sejam manifestadas nele"*

A resposta, como se vê, não satisfaz à pergunta; permanece vaga e indecisa, a não ser que se queira admitir que esse homem nascera cego, só para que Jesus pudesse ter ocasião de lhe restituir a vista e servir de prova a um povo que tinha a petulância de duvidar de Jeová. Fraco meio para um Todo-Poderoso e fraca justiça e bondade para com um desgraçado que foi criado para lhe servir de joguete.

Marcos III, 21, chega mesmo a dizer que Jesus havia perdido o juízo.

De modo que o termo Pai tanto podia referir-se ao Pai espiritual que o iniciou no templo essenico ou alhures como a seu Pai nominal José, como mesmo

[124] "*Por isso lhes falo por parábolas, para que vendo eles não vêem, e ouvindo, eles não ouçam*." A parábola era uma maneira de falar ao povo só usada na índia e que Jesus não desconhecia por ter lá estado.

ao Pai Celeste, de um modo simbólico, pois, segundo ele, Jeová (o Pai) é Espírito e Verdade.

J. Bricout[125], em seu profundo estudo católico, diz: "*Não estando estabelecida (pelo Catolicismo) a relação de filiação entre o indivíduo e Deus, era o povo de Israel, em seu conjunto, que se chamava '**Filho de Deus**[126]'. A idéia de Deus, no evangelho, é caracterizada por este traço que cada homem em particular tem o direito de considerar Deus como seu Pai. Desse direito ninguém é excluído*".

Jesus disse: "*Sede perfeito como vosso **Pai celestial***". "*Ora a teu Pai que está oculto e que vê secretamente em público*" etc.

Quando ele disse: "*Subo para meu Pai e nosso Pai e para meu Deus e vosso Deus*[127]", o que se poderia simplificar por este modo: "*Subo para nosso Pai e nosso Deus*", isso não especializa, absolutamente, ser este Pai e este Deus unicamente seu, tendo dele derivado direta e carnalmente, pelo contrário, esclarece que este Pai e este Deus são tanto dele como de todos.

João em seus capítulos XIV, 28 — XVII, 3 — XX, 17, refere-se fartamente a essa questão de Pai e de Deus.

Dizendo Jesus que ***quem via o "Filho via o Pai" "eu e meu Pai somos um***", etc., pronunciaria uma blasfêmia por se considerar igual a Deus e, portanto, Deus.

Porém, dizendo mais adiante[128]: "***Vou para meu Pai porque meu Pai é maior do que eu***" ele destrói, por esta forma o que disse acima, de ser ele um com o Pai; o que prova as incoerências dos evangelhos.

---

[125] *Où en est l'histoire des religions — Tom.* II, página 189 — *em que colaboraram 15 personalidades católicas.*
[126] Êxodo IV, 22.
[127] João XX, 17.
[128] João XIV, 28.

O arianismo estava de acordo com essa passagem de João de ser Jesus menos que Deus. Mas Roma entendeu que Jesus não soube o que disse e fê-lo nem maior, nem menor, mas igual a Deus — isso é ousadia.

No entanto, essas frases perdem completamente seu sentido, lendo-se a que o fizeram pronunciar: "*que te conheçam a ti só (Jeová) como único Deus verdadeiro e a **Jesus-Cristo** (o que é um contra-senso do escritor, pois, certamente ele teria dito: **a mim**) a quem enviaste como Messias*" (ou profeta).

Essas frases de Jesus explicam-se psicologicamente e não teologicamente.

Não há que fugir ante tais argumentos.

Além disso, segundo Dupuis, toda essa alegoria de Pai e Filho é a perfeita reprodução de todas as mitologias antigas, chamadas pagas, baseadas, aliás, cientificamente, sobre os mapas celestes ou planisférios estrelados, em que **Mitra, Osíris, Baco**, etc. já eram considerados, pelos diversos povos, como **Filhos de Deus**, sendo Deus alegoricamente representado pelo **Filho**, que era o Sol — como ainda teremos ocasião de repisar.

Por outro lado, o sucessivo nascimento de irmãos e família, tendo, até, um irmão de Jesus entre eles[129], senão mais, distinguindo-os claramente de discípulos, sectários ou primos irmãos[130] apesar da torção que pretenderam dar, séculos depois, ao termo de **irmão**, esclarecido agora no lúcido estudo de Ch. Guignebert, já citado, e no de muitos outros escritores como Renan, tira, por isso mesmo, o caráter de divindade à entidade de Jesus, na acepção, bem entendido, de ser ele o próprio Deus onipotente incorporado ao Homem-Cristo ou, pelo menos, seu Filho carnal.

[129] Paulo 1, 10 — Aos Gálatas.
[130] João II, 12 — VII, 3,5 — Marcos VI, 3 etc.

Filho espiritual, ainda passa; encarnação desse Filho Primogênito que era o **Verbo**, isto é, a Faculdade Verbal de Deus, criada em primeiro lugar, mas não em carne e osso, pois sem a Palavra nada existiria, ainda se pode admitir[131]. É este Verbo, conhecido por todos os templos patriarcais e simbolizado em I-Sh-O — I-Ph-O, conforme já vimos, e de que Jesus, o Cristo, o Messias, tinha perfeito conhecimento de nele residir por meio da Revelação direta, pela missão que vinha cumprir, recebida nos templos, que ali percorreu em 18 anos de sua iniciação, que se corporificou nele.

É essa reencarnação, ou seja, mesmo, como querem alguns espíritas, essa encarnação especial de Jesus, entre o povo de Israel, isto é, NO **Filho Primogênito**, como Deus chamava este povo, nesta raça escolhida por Ele e confiada a Moisés para ser a guardadora da Sua palavra perdida, como o próprio Jesus não cessa de confirmar, que o Catolicismo transformou em **Filho Carnal** de um **Deus antropomorfo**, aliás, sumariamente condenado em toda a Bíblia que representa a Palavra de Deus.

Por isso o **Verbo** se fez carne[132], isto é, se encarnou em um homem puro para reencaminhar o **povo de Israel** e a humanidade anarquizada pelo despotismo político.

Lao-Tsé que viveu 1.122 anos antes de Cristo, chefe da sei Ia taoísta, uma das três religiões oficiais da China, já falava do **Verbo** (Tao) que tudo produziu pelos números: Um, que é a Unidade, produziu dois; dois, que é 0 Verbo produziu três; e três tudo mais que essa doutrina vai enumerando e multiplicando ao infinito.

[131] João I, 3.
[132] João I, 4

O termo chinês **Tao** se traduz por via, **caminho**. É igualmente a pronúncia da última letra do alfabeto hebraico. Jesus dizia: "*Eu sou o primeiro e o último, eu sou o **alfa** e o Tao, eu sou a via*."

Para o taoísta, um se chama ***Yang***, é a linha inteira, é o positivo. **Dois** se chama ***Yin***, é a linha partida, é o negativo. São os dois princípios, ativo (luminoso) e passivo (escuro) que, procedendo de uma sorte de polarização da Suprema Unidade metafísica, dá origem a toda manifestação Universal.

O homem participante do céu e da terra, ou seja, das duas forças contrárias, é o termo médio da Trindade, isto é, o mediador entre o céu e a terra. Trata-se, porém, aqui, não do homem material, mas do homem espiritual, do verdadeiro homem, como foi Jesus.

> *"O Yin e o Yang residem em um princípio cósmico único — o **Tai-I** o Grande*
>
> *Um, isto é, um universo Éter, não ainda diferenciado.*
>
> *Não é a escuridão, mas o que a produz.*
>
> *Enquanto não polarizado, este éter é imperceptível para nós. No estado de potência, ele contém todos os seres e todos os corpos da natureza. Ele se manifesta sob duas formas de atividade chamada Yin e Yang[133]".*

Essas teorias conhecidas dos chineses há milhares de anos, estudadas agora pelo Dr. Vergnes, correspondem às teorias presentemente descobertas por Georges Lakowski[134].

---

[133] Les Dieux Du Ciel
[134] Dr. VERGNES – em *Voile i'Isis* – Número especial, 1932 – *La médecine chinoise*.

Segundo Fabre D'Olivet, o *Yin* é o repouso e *Yang* o movimento, de cuja ação resulta o princípio mediador, o terceiro termo, o equilíbrio chamado Pan-Ku, o Ser Supremo.

Dupuis diz que *Yang* é a matéria celeste móvel e luminosa e o *Yin*, a matéria terrestre inerte e tenebrosa de que se compõem todos os corpos.

J. C. Frazer[135] reportando-se a Smith e Dale, conta que a tribo dos **Bas-Ilas** chorava a morte do Filho do céu, **Muana-Leza**, que desceu à terra em Lusaka. Ele era bom e meigo, aconselhava aos homens cessarem as lutas fratricidas. Mataram-no no Congo. Dizem, também, os negros de **Loango**, que Deus (Mpungu) fez descer seu filho do céu para velar pela humanidade e consolar os aflitos, o que foi feito com amor, mas os malvados o mataram.

É bom relembrarmos que essas crenças, por muita analogia que pareçam ter com as do Cristianismo, já existiam entre os povos africanos, desde uma inconcebível Antigüidade. Se houvesse qualquer afinidade com ele, por certo ela transpareceria nos radicais dos nomes que os missionários não se cansariam de introduzir na língua indígena, e tal não se verifica por serem seus termos oriundos de raízes seculares, e os lugares indicados pertencerem aos seus territórios e não à Palestina.

Nos livros de Hermes, cuja origem se desconhece, encontra-se a seguinte prece a Deus:

> "*Eu te imploro, poderoso Criador do céu, eu te imploro, voz do pai, primeira palavra por ele proferida, seu Verbo único, de me ser favorável*".

[135] L'Universion

Temos ainda a doutrina de Charles T. Russell, chamada por isso de russelismo ou milenismo, porém, mais generalizada sob a denominação de "*Associação Internacional dos Estudantes da Bíblia*".

De uma de suas obras Estudo das Escrituras, vol. I, p. 179, faremos a seguinte súmula, que parece bem definir a personalidade de Jesus:

> "*Antes de Cristo vir ao mundo, era ele um Ser espiritual, possuindo natureza espiritual, não sendo, porém, na acepção mais elevada, um Ser divino. Essa natureza espiritual mudou-se quando ele apareceu no mundo, transformando-se em perfeita natureza humana".*
>
> *"Depois da crucificação, ele mudou a natureza humana pela divina. Não compartilha de duas naturezas simultâneas, mas experimentou as duas cada uma por sua vez".*
>
> *"Lá, ele era completamente espiritual, aqui era completamente humano. Nele não houve união espiritual com a humana, ou divina com a humana. Agora ele é completamente divino, não possuindo coisa alguma de humano. Nem foi Jesus uma combinação das duas naturezas humana e espiritual. A união de duas naturezas não produz nem esta nem aquela; mas, sim, uma coisa imperfeita, híbrida, prejudicial a todo ajuste. Quando Jesus estava na carne, ele era um perfeito Ser humano; antes disso ele era um perfeito Ser espiritual; desde*

sua ressurreição é um perfeito Ser espiritual, pertencente à ordem mais elevada ou divina".

"Um homem perfeito foi experimentado e fracassou, sendo condenado; e só um homem perfeito poderia pagar o preço correspondente como um redentor".

"O humano teve de ser consagrado à morte antes de poder receber mesmo o penhor da natureza divina. E, só depois de efetuada essa consagração e haver ele realmente sacrificado a natureza humana, mesmo até a morte, é que N. Senhor Jesus se tornou perfeito participante da natureza divina. Não foi ele exaltado à natureza humana antes de ter sido esta realmente sacrificada — morta".

"Tornando-se o resgate do homem, Nosso Senhor Jesus deu o equivalente daquilo que o homem perdera; e, por isso, toda a humanidade pode receber de novo, pela fé em Cristo e obediência às Suas exigências, uma natureza, não espiritual, mas uma gloriosa, perfeita natureza humana, isso mesmo que se perdera".

"Jesus apresentou em sacrifício Sua perfeita humanidade".

"Jesus, na idade de 30 anos, era um perfeito homem natural. Era necessário que morresse pela humanidade um homem perfeito, porque as reivindicações da Justiça não poderiam ser satisfeitas de modo diferente. Esta recepção do Espírito (por meio do batismo) foi a geração de uma nova

natureza — a divina — a qual haveria de achar-se completamente desenvolvida ou nascida quando ele tivesse realizado a Oferta — o Sacrifício da natureza humana?"

Segundo a doutrina budista, Jesus é um **Nirmanakaya**, isto é, um ser humano muito evoluído, que, por uma série de existências, atingiu o **Nirvana** e de cujas reencarnações ele se esquece para ficar simples homem como toda a humanidade.

Diz Alfred Poizat[136], irredutível católico: "*muitas pessoas se afiguram que nós, católicos, acreditamos em três deuses, numa família de três deuses, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, quando, afinal, o Filho é a Palavra (o Verbo), o pensamento do Pai e, como tal, reside em si.* ***O Verbo está*** *em Deus e o* ***Verbo*** *é Deus, diz o evangelista João; ele está em Deus, como seu princípio de atividade e de expressão; Deus nada pode fazer sem seu* ***Verbo****, nem dispensar seu Espírito Santo, pois seu* ***Verbo*** *e seu Espírito, comum ao Pai e ao Verbo, estão nele, são dele e são sua tríplice maneira de ser* ***um****, de contemplar-se, de se possuir a si mesmo e de se amar*."

Ora, isso está perfeitamente de acordo com nossa tese de que o Verbo é um atributo de Deus e não um **Filho Carnal**. É uma centelha desse atributo que Ele delegou a um homem puro para repor no mundo anarquizado sua primitiva Lei.

Entretanto, o próprio João Batista, que o profeta Isaías, da Ordem de Rama, chamava de "*Voz que clama no deserto*", que vinha preparar-lhe o caminho, não tinha certeza de que Jesus fosse mesmo o Messias prometido, pois já tinham aparecido falsos Messias como Judas, Galonite e Barcocheba, apesar dele dizer ter

[136] La Vie ET l'Ceuvre de Jesus

ouvido uma voz dos céus que dizia: "*Este é meu filho amado, em quem hoje me comprazo*[137]", para depois, quando na prisão, mandar dois dos seus discípulos perguntar-lhe: "*És tu aquele que havia de vir ou esperamos outro*[138]?".

Só as incoerências contidas neste trecho dão margem a uma severa crítica.

Jamais Jesus se proclamou ou ensinou ser Deus, repelindo até essa classificação, como se vê em muitas passagens dos evangelhos, que seria fastidioso destacar.

Convém, porém, citar Marcos[139], em que Jesus se considera um simples profeta: E Jesus disse: "*Não há profeta sem honra senão na sua pátria, entre seus parentes e na sua casa*". "*De mim profetizou Moisés*", isto é, que viria um profeta maior que ele.

> "*Examinai as escrituras, disse ele, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna e são elas que de mim testificam." "Porque se vós crêsseis em Moisés, creríeis em mim, porque de mim escreveu ele*." (João, V, 39, 46)

Mesmo Mateus[140] faz Jesus dizer: "*Jerusalém, Jerusalém, tu que matas os profetas e que lapidas os que te são enviados, quantas vezes (como enviado, como Messias, como profeta) quis reunir teus filhos como uma galinha junta seus pintinhos sob suas asas e não o quisestes*".

[137] Mateus III, 17.
[138] Mateus XI,3
[139] Marcos VI, 4.
[140] Mateus XXIII, 37.

Lucas[141] empresta a seguinte frase a Jesus: "*Importa caminhar hoje e amanhã e no dia seguinte para que não suceda que morra um profeta fora de Jerusalém*". Esse profeta não podia ser outro senão ele.

Jamais, tampouco, os apóstolos o consideraram como tal, isto é, como Deus, mas unicamente como o Messias, como o ungido, como o Enviado, como a Palavra de Deus encarnada nele, para ser ouvida pelos homens de boa vontade.

Pedro, no Pentecostes, dirigindo-se ao povo, disse: "*O Jesus que crucificastes, ressuscitou. Ele era verdadeiramente o Messias que os profetas anunciaram*".

A samaritana, o próprio Jesus disse que era o Messias.

Visto que, apesar de todos esses argumentos e de mais alguns que se seguem, o Concilio de Nicéia, no ano 325, em sua presunçosa sabedoria, resolveu promover o pobre Messias a Deus. E em 1930, a Rei dos Reis, a Rei da Terra, sendo o Papa seu representante, como se depreende e, portanto, Rei do Mundo, politicamente falando.

Entretanto, o que dizem os Evangelhos, livros básicos do Catolicismo? "*Sabendo, pois, Jesus que haviam de vir arrebatá-lo para o fazerem Rei, tornou a retirar-se, ele só, para o monte*" (João VI, 15).

O padre Alta, já citado, eminente professor da Sorbonne, que fez uma rigorosa tradução dos originais gregos das Epístolas de Paulo, assim se exprime:

> "*O estado de espírito que criou entre nós, há séculos, a pretensa teologia cristã, falseou consideravelmente a idéia que tinham de Deus os apóstolos de Cristo".*

[141] Lucas XIII, 33.

"Para Paulo e para João, Deus é o Princípio Infinito[142]*, absolutamente inimaginável de que não teríamos a menor idéia se ele não tivesse emanado de si esta imagem do Cristo, em que as nações têm a esperança da glória celeste no reino desse Filho bem amado do Pai! (Aos Colossenses I 27 (14)*".

"*Mas o homem Jesus, mesmo, não é senão uma manifestação desse Cristo, que nele se fez carne, unindo-se de modo transcendente ao corpo, à alma e ao espírito desse homem, único entre todos os homens, e, quando Paulo diz: 'Cristo', com ou sem o artigo, como João diz: 'Logos', o Verbo, seu pensamento por meio do visível vê o invisível e em Jesus adora este Primogênito, divino, anterior a toda criatura e superior a todas as criaturas, mesmo as mais elevadas que são sua obra, dele Cristo de Deus. Logos — ou Reflexo de Deus*".

"*Paulo, que se tornou cristão por ter visto Jesus em espírito e dele ter recebido a Revelação, diz que Jesus, o Cristo, é a imagem da Substância de Deus, o Primogênito de Deus (o texto grego diz: — a imagem de Deus invisível e o primeiro concebido de toda a criação) o que não quer dizer que 'este primeiro concebido' seja idêntico fisiologicamente ao homem terrestre. "O Filho Primogênito de Deus, que nos céus superiores foi criado antes da projeção do Cosmos, é o Cristo, cabeça de vida de todos os espíritos e que, na Terra, no*

[142] Princípio não é começo no tempo; mas a essência, o radical.

momento favorável, encarnou-se no homem Cristo, para reconduzir novamente ao conhecimento e ao amor espiritual os espíritos caídos ou engendrados na vida animal".

"O Filho Primogênito de Deus é preexistente ao homem Jesus. "O Cristianismo é a Fé, a crença, a instrução pessoal de cada cristão, de que Jesus é o Cristo, isto é, o homem todo inteiro penetrado por Deus e enviado por Deus, para reconduzir progressivamente todos os homens a se amarem fraternalmente no amor deste mesmo Deus, pai de todos."

Basílio, gnóstico do segundo século, dizia: "*Deus falou e tudo foi feito — esta palavra, este Verbo é o Filho de Deus. A filiação é a Palavra pela qual o Pai projetou o gérmen do seu Pensamento*".

Não é possível definir-se melhor e em tão poucas palavras a personalidade de Jesus.

Sendo análogo a Deus, por ser uma encarnação da Substância, não é, contudo, semelhante a ele.

Basílio e os gnósticos eram os homens mais instruídos do Cristianismo, razão pela qual foram amorosamente queimados pelo Catolicismo como hereges!

Foi este Filho, na acepção de coisa criada, como o artista cria e realiza sua concepção, foi essa faculdade divina, a Palavra, este Verbo, que Deus concedeu ao homem para glorificar Sua obra, amando a seu semelhante, e que o homem, pervertendo-se pelo egoísmo e orgulho, transformou em uma arma de perseguição e de desamor. Foi este Filho Primogênito, este Cristo (salvado) que, de

novo, Deus compadecido das misérias terrenas pelo despotismo que então reinava no Ocidente, e especialmente em Jerusalém, contra seu povo, encarnou no corpo de Jesus para chamar os homens ao bom caminho.

E, se dissemos que o despotismo reinava no Ocidente, é porque no Oriente, Índia, China, Mongólia, etc., só reinava a teocracia, isto é, a religião e não a política.

Que Jesus fosse um homem e não um Deus, aí temos, ainda, a maior afirmação da boca dos próprios apóstolos:

Atos dos Apóstolos, II, 22:

> *"Homens israelitas, ouvi: 'Sabeis que Jesus Nazareno foi um homem, um varão, que Deus tornou célebre entre vós, pelas maravilhas, prodígios e milagres que Ele fez por seu intermédio no meio de vós*' ".

Pode haver coisa mais clara?!

Ou valem ou não valem as palavras das escrituras, afinal de contas?

Mas os Papas e os Concílios rasgam-nas e proclamam que este Jesus não foi homem, mas, sim, filho carnal de Deus e por fim Deus próprio em uma das três pessoas!

Entretanto, quantos poemas encerram aquelas simples palavras!

"***Homens israelitas, ouvi***"! ... Por que não "*ó humanidade ouvi*?!"

Sabeis que Jesus ***Nazareno***... por que não Belenense?

"*Foi **um homem***" ... porque não, o **Filho de Deus**, um profeta, um Messias?

"*Que Deus tornou célebre, pelas maravilhas que Ele fez por seu intermédio*"... porque não um enviado especial para este fim?...

Porque esta concepção da necessidade de um intermediário entre Deus e o homem já era conhecida há talvez mais de 8 mil anos, entre os sumerianos, os acadianos, os babilônios, por isso, adoravam Marduk, sendo Nabú, seu digno Filho, intercessor junto ao Pai.

Outrora era Ea seu Pai e Marduk seu filho.

O profeta Oséias XI, 1, disse, como porta-voz de Deus: "*Quando Israel era menino eu o amei e do Egito chamei seu Filho*" (o povo de Israel).

E se um dia Jesus, em sua misteriosa oração, exclamou: "*Ó Pai, coroa-me com a Glória que eu já tive antes que este mundo fosse*[143]", é porque o termo **Glória** naquela época era sinônimo de **Palavra — Verbo — Justiça**, e não como se tendo visto aureolado em algum trono celeste.

A etimologia da palavra **eslavo** é slava, que significa **Palavra** e **Glória**. Porque essa analogia em línguas tão antigas e distantes como o eslavo e o caldaico? pergunta Saint-Yves. É porque, responde ele, isso se relaciona com a Constituição primordial do Espírito humano, num princípio comum, ao mesmo tempo científico e religioso, o Verbo.

De braços abertos na cruz, também ele exclamou: "*Eloí, Eloí! Lama, sabactâni*[144]",que as Bíblias traduzem por "*Ó Pai, por que me abandonaste*?"

Segundo o Reverendo J. Tissul Davis, em sua obra: In League With Life, é possível que ele tivesse exclamado: "*Eli, Eli, Lama **Azabhthani***" que melhor traduz

[143] João XVII, 5
[144] Marcos XV, 34 — Mateus XXVII, 46.

o sentido: "*Senhor, Senhor, como me glorificas*!" pois esta frase era pronunciada pelos iniciados quando passavam por grande prova.

Mas em celta **Lama** se traduz por **Cordeiro**, brasão que Rama adotou como Pontífice, e é com o título de **Lama** que se designam os Pontífices do Lamaísmo.

Portanto, Lama não podia referir-se ao Pai Celestial, conhecido por Jeová, mas unicamente ao Pai espiritual, ao Pontífice da sua Ordem, que o iniciou na Índia, na Agartha ou em Engaddi.

E se Jesus reconhecesse que seu pai celeste, Jeová, o abandonava naquela trágica ocasião, ele mesmo, dessa maneira, destruiria sua filiação divina e contradiria tudo quanto disse a respeito do Pai, duvidando, até, do seu poder e da sua graça, nesse grito de desespero, ele que proclamava ser a Fé capaz de remover montanhas, sendo até preciso que viesse um anjo reconfortá-lo.

Moisés, o depositário das tradições religiosas, por ordem de Jeová, no monte Sinai, proibiu que se materializasse Deus, sob qualquer forma que fosse, e Jesus, que veio ao mundo para cumprir a Lei Mosaica, a Lei de Deus, a Palavra de Deus, condensada nos simplíssimos dez mandamentos, não iria destruí-la, contrariando os desígnios de Jeová, mandando ou ensinando que o adorassem como Deus, dizendo que "***Quem via o Filho, via o Pai***".

Ele mesmo repeliu essa insinuação quando replicou aos fariseus que diziam ser ele Deus: "***Vós também sois deuses***".

Mais adiante explicaremos essa frase.

Quando Jesus dizia: "*Estou no Pai e Ele em mim*", nada mais fazia do que repetir, parodiando o que os livros de Hermes, de Platão, de Pitágoras etc., escritos milhares de anos antes dele, já diziam: "***Deus vive em nós e nós vivemos nele***".

Hoje a ciência reconhece que não há vácuo interplanetário. Todo o firmamento é um campo infinito de íons elétricos em que se acham mergulhados, terra inclusive, todas as miríades de estrelas. Logo Deus será esses **íons** que vivem em nós e que fazem vibrar nossas células como nós vivemos nesses **íons** que é Deus.

Se Jesus fosse Deus ou mesmo filho de Deus, no sentido católico, onde estaria seu mérito?

Seus sofrimentos seriam uma fantasia e ele teria desempenhado uma tragicomédia, porque Deus Infinito não pode sofrer. Ao passo que sendo humano nada do que é humano lhe é estranho; ele sentiu a alegria, bem como a tristeza, a dor, a humilhação, o sofrimento e, em decorrência da sua natureza altamente sensitiva, possuía a acuidade das sensações em seu último grau. Se ele resistiu à tentação, aí é que lhe cabe o mérito. Ele sofreu, foi injuriado, esbofeteado, carregou a cruz e tudo com a maior humildade e perfeito conhecimento de causa, como exemplo para o bem dos seus semelhantes, pois ele era livre de aceitar ou não essas provações, como se verifica em suas palavras, em que ele vacilou por um momento. "*Ó Pai! Afasta de mim este cálice; mas, que seja feita a tua e não a minha vontade*" que era a de não tragá-lo, tendo mesmo sido assistido por um anjo que o encorajou[145].

Essa passagem dos Evangelhos também não deixa de ser confusa, pois tendo Jesus se retirado dos apóstolos, cerca de um tiro de pedra (admitamos, sem exagero, 30 metros) para orar, não se pode compreender como, estando eles dormindo, pudessem ver na escuridão grandes gotas de sangue que lhe corriam pelo rosto e ouvir aquelas palavras que, certamente, haviam de ter sido

[145] *Lucas XXII. 43-45.*

pronunciadas em tom baixo, como quem ora, e não como os alto-falantes modernos. É bom notar, mesmo, que essa passagem só é relatada por este evangelista que, aliás, não estava lá.

Visto que, apesar de todas essas repulsas e negações por parte de Jesus, o **culto católico**, que, repetimos, nunca devemos confundir com **Religião cristã**, e ainda menos chamá-lo de **Religião Católica**, porque o Catolicismo não é Religião, mas simplesmente um culto político-romano[146], entendeu, como já dissemos, endeusar esse Jesus, como Filho carnal do Criador, como sendo o próprio Deus inefável, em suma.

Das distorções e pescoções que o culto católico deu aos textos das escrituras, resultou formarem-se duas facções: uma que acredita que Jesus é Deus, esta é a maioria, mas constituída de indivíduos que só conhecem o culto exterior e as especialidades de cada Santo Milagreiro do Panteão; outra, a minoria, mas constituída na sua totalidade de indivíduos libertados, pelos estudos, das peias dogmáticas, que reconhecem Jesus como homem, de acordo com os Atos dos Apóstolos.

A maioria qualifica a minoria de falsos cristãos e esta qualifica aquela de arbitrária, pois a maioria pratica a religião de Jesus e a minoria, a religião **segundo** Jesus.

E a mesma controvérsia do Budismo moderno que se divide em Grande Veículo e Pequeno Veículo.

A divindade de Jesus cai assim por terra.

Religião e Culto

[146] Carlos Süssekind de Mendonça — *O Catolicismo, partido político estrangeiro*.

Para melhor definirmos os dois termos, **Religião** e **culto**, em que se esconde a malícia, passaremos a pena a Saint-Yves D'Alveydre.

> *"Religião indica a ligação por excelência, o que tende em reunir todos os homens indistintamente e todos os povos, raças, coletividades humanas, em um mesmo princípio e mesmo fim."*
> *"O Culto, ao contrário, indica uma coisa particular, um sistema de cultura humana, prestando-se às exigências do seu próprio campo de atividade".*
> *"A Religião é una em sua essência'".*
> *"Os Cultos são e devem permanecer indiferentes em suas formas".*
> *"Os monarquistas só consideram a Religião, que eles confundem com o Culto, como meio de governo".*
> *"Os Republicanos, imbuídos de preconceitos e erros consideráveis, embora em sentido inverso, procuram isolar o culto e submetê-lo à vontade dos indivíduos; os liberais bordejam em volta desses dois modos de ver."*

É o que se está passando na 2º República brasileira em 1932.

Embora inofensivo na aparência, todo o mal de que sofre o mundo reside exatamente na confusão desses dois termos — **Religião e Culto** —, confusão esta que o próprio clero estabeleceu entre o povo, por isso, não sabendo o padre discernir o joio do trigo, os confunde na sua imaginação, tachando de contrário à

Religião aquele que só profliga os erros do Culto, arquitetado por homens interessados.

A religião cristã abrange indistintamente todas as seitas que têm Cristo por base e são inúmeras: protestantes, evangelistas, reformados, quacre, ortodoxos, swedenborgistas, espiritistas etc.

O Culto católico as repudia e condena todas por não quererem cultuar esse mesmo Cristo de acordo com sua idolatria, seus dogmas e sua liturgia.

A religião cristã assemelha-se a um espelho quebrado em vários pedaços; os cacos são os Cultos, que, aliás, refletem mais ou menos embaçados, pelo manusear de mãos sujas, o brilho que tinha aquele quando inteiro.

É uma Babel; ninguém se entende, nem o próprio sacerdote, quando, pateticamente, do púlpito exclama que a **Religião Cristã** ou a **Religião Católica**, conforme a conveniência, está sendo perseguida pelos hereges[147]. Cada qual embaralha, seja pela palavra, seja pela imprensa, os termos de **Igreja Cristã, Igreja Católica, doutrina cristã, doutrina católica, religião cristã, religião católica**. Por quê? Por ignorância? Por astúcia?

O termo católico vem do grego **katholikós** e significa **Universal**.

Este termo foi adotado pelos Concílios, séculos após a ressurreição, porque os primitivos adeptos, na maioria judeus, só eram conhecidos por **cristãos**, com a idéia de que a Religião do Cristo, a cristã, se tornasse universal, o que, infelizmente, ainda não se realizou em virtude exatamente dos famosos dogmas do Romanismo.

O termo **Católico** seria mais apropriado ao Budista, porque abrange mais da metade da população da Terra.

[147] O termo herege não se aplica somente ao indivíduo sem religião, basta, para ser herege, discordar do mais insignificante ponto da doutrina católica.

Além disso, no termo **Católico** reside a mais flagrante contradição. O filiado à Igreja de Roma tem de confessar-se "***Católico***", "***Apostólico***" e "***Romano***", *sine qua non*. Ora, é impossível ser Universal e Romano ao mesmo tempo.

O Romanismo, portanto, é o pior inimigo do Catolicismo, ou seja, do universalismo e, conseqüentemente, do Cristianismo, e torna o indivíduo um renegado da sua pátria, para tornar-se súdito romano.

O pior, porém, é quando esse indivíduo é padre e ocupa cargo público ou postos militares no Exército, apesar de desligada a Igreja do Estado.

Não raro é encontrarem-se indivíduos que se dizem católicos, mas não apostólicos e ainda menos romanos. Ora, tais indivíduos não são coisa alguma, a não ser: pobres inconscientes, e essa é a apregoada maioria do Brasil que, ingenuamente, serve de instrumento a uma agremiação estrangeira, puramente política, cujo fim único é de se assenhorear desse torrão privilegiado, para recuperar o que acaba de perder na Espanha, no México e em outros países, de onde são sempre escorraçados, após um lapso de tempo, deixando a prova evidente da ineficácia do seu sistema.

De modo que essas expressões só se têm prestado a ambigüidades no espírito das massas, servindo de espada de dois gumes nas mãos de sacerdotes pouco escrupulosos ou na de... pobres de espírito, dando lugar aos contrários para encararem as locuções como armas da malícia. Basta ler-se qualquer apologia católica. As ambigüidades dos termos se chocam, se repelem, se atraem conforme as conveniências da frase e do fim almejado.

Pouco importa à Igreja Católica a questão de **qualidade**, a sua questão é de **quantidade**; quanto maior o número de analfabetos, boçais ou fanáticos e cretinos, tanto melhor para... os cofres e para... futuras cruzadas.

A religião cristã, na sua essência primordial, não encerra dogmas de espécie alguma e os primeiros cristãos, que eram divididos em cerca de 30 seitas, sempre combateram essas excrescências.

Na Idade Média, o povo romano andava saturado de todas as doutrinas filosóficas do mundo; era o Druidismo céltico, o Hermetismo egípcio, o Cabalismo judaico, o Helenismo grego, o Zoroastrismo ou Maniqueísmo persa, o Pitagorismo, o Esoterismo maometano, o Gnosticismo, sendo ainda desconhecido o Bramanismo e o Budismo, apesar de milenários.

O Cristianismo condensou todas essas doutrinas em seus evangelhos, amalgamando-as de acordo com as necessidades oportunistas. A política romana, sob a bandeira do Catolicismo, isto é, do Universalismo, confeccionou, copiando delas, catecismo, dogmas, ritual, liturgia, para encobrir sob a capa do Espiritual o poder Temporal de que usaram e abusaram à vontade, até o dia em que o dedo de Cristo derrubou o orgulhoso trono pontificai, tirando-lhe esse Poder Temporal.

Mas o espírito do Mal, que não cessa de insuflar a vaidade dos poderosos, conseguiu repor no trono o anti-Cristo, servindo-se por mefistofélica ironia do punho daquele que mais o guerreou pela imprensa e pela palavra: o Sr. Mussolini.

O tempo dirá quem será o vencedor.

Antagonismo entre Cristianismo e Catolicismo

Com um pouco de atenção, verifica-se, que a chamada **Religião Católica**, **Apostólica** e, sobretudo, **Romana**, ou antes, o **Catolicismo**, ou, melhor, o **Romanismo**, é exatamente o contrário da Religião de Cristo.

Jesus nunca disse que seu Pai tivesse três pessoas numa só, das quais uma delas era ele. Jesus nunca batizou, considerando este ato como mera formalidade de seita; o Catolicismo fez disso um sacramento, do qual tira fantástica renda, aliás, sem pagar os devidos impostos de Indústria e Profissões, Licenças, Selos de consumo, vendas a dinheiro, recibos e nem o próprio aluguel do templo em que negocia, que, aliás, não é dele, por ser propriedade de todos os fieis coletivamente e, portanto, da Nação.

Jesus proibiu categoricamente, como se verifica em Mateus V, 33 e seg. que "*ninguém jurasse, nem pelo céu, nem pela terra, nem por Jerusalém, nem pela sua cabeça e que bastava a palavra do homem: sim, sim, não, não, porque, fora disso, tudo é de* ***procedência maligna***".

Essas palavras se acham textualmente no chamado Livro de Enoch, de existência anterior a Cristo (Livro II, capítulo 49, versículo 1).

Claríssimo! Não acha o leitor?

Pois bem! Que faz o Catolicismo?

Obriga ajurar sobre os **Santos Evangelhos**! Sobre aquilo mesmo que tal proíbe!

Jesus nunca comeu porco, por ser proibido pela Lei Mosaica e por considerá-lo imundo, como ainda observam os judeus e muçulmanos, mas o Catolicismo aprecia a carne deste animal, que serve de refúgio aos demônios e é o veículo da lepra e da tênia.

Jesus foi circuncidado, como medida de higiene, já existente na Babilônia em honra ao Deus Priapo, e os católicos não o são. O próprio Paulo, que se arvorou em apóstolo da incircuncisão, sendo ele mesmo circunciso, circuncidou um discípulo seu, o que constitui o cúmulo da incoerência.

Os moscovitas não comem pombo, porque dizem que seria comer o Espírito Santo, representado por essa ave.

Jesus comia, de pé, o **Cordeiro Pascal** com alface, e o papa, além de outras iguarias, o come, bem repimpado, com vários temperos.

Jesus celebrava a festa dos tabernáculos, o que os católicos não fazem.

Jesus observava o sábado e os católicos observam o domingo, certamente por espírito de contradição, por não haver outra razão plausível, pois ainda douto algum do mundo foi capaz de dizer se a criação do Mundo teve lugar no solstício do verão ou no do inverno; se foi de manhã, à tarde ou à noite!

Jesus sacrificava o cordeiro no templo e os católicos sacrificam o pobre Jesus-Cordeiro diariamente, chegando a comê-lo e a beber seu sangue.

Jesus lia no templo os **Aftorath**, cantava os hinos de Davi e de Salomão, que os católicos censuram.

Jesus não se intitulava Deus e o Concilio de Nicéia fez-lhe a pirraça de o promover a Deus...

Jesus não instituiu a sagração do diaconato e os católicos reconhecem este ato como sacramental.

Jesus não aconselhou a confissão, aliás, usada no Budismo, de fiel a fiel, e os católicos instituíram esse sacramento como visível arma de devassa e perseguição.

Jesus dispensava templos para orar e os católicos não fazem outra coisa se não construí-los, mas à custa de outro.

Jesus correu os vendilhões das portas do templo de Jeová e disse: "*Está escrito, a minha casa é de oração e vós fizestes dela covil de salteadores*[148]", e os

[148] Lucas XIX. 46.

católicos vendem leitões e galinhas na porta dos mesmos, ao som de sinos benzidos, repenicados com o compasso de chulas carnavalescas e desafinadas charangas e aos berros de pregoeiros.

Jesus mandou que seus discípulos impusessem as mãos e curassem, e os católicos, detentores do poder, perseguem e punem quem tal caridade ousar praticar.

Jesus mandou que seus discípulos andassem sem dinheiro e, apesar do voto de pobreza que fazem, conhecem-se fortunas de padres e, sobretudo, o tesouro do Vaticano, que acaba de avolumar-se com o recebimento de cerca de dois bilhões de liras pagos pelo governo italiano[149]. Jesus disse (Mateus X, 9, 10) "*Não leveis ouro, nem prata, nem cobre em vossos cintos, nem alforje para o caminho, nem duas túnicas, nem alparcas, nem bordão, pois, onde estiver vosso ouro, estará vosso coração*."

Já São Jerônimo censurava que os bispos vivessem no templo cobertos de jóias e pedrarias, enquanto o pobre Jesus agonizava no adro, nu e cheio de feridas.

São Francisco de Assis pretendeu cumprir à risca essa recomendação de pobreza, mas assim que ele entregou a alma ao Criador, não tardaram os filiados à sua Ordem em adquirir bens por toda a parte, não só comprando-os a dinheiro, como os obtendo por meios tortuosos, como entre nós sucede com os da avenida Rio Branco e alhures.

[149] Só do Brasil são remetidos anualmente milhares de contos de réis (moeda vigente na época da edição original), sob o título de Dinheiro de S. Pedro, empobrecendo o nosso erário público, pois é dinheiro que não volta. Foi o rei Ethelwolf, vencedor dos bárbaros em Londres, que, indo a Roma, comprometeu-se a pagar anualmente ao Papa um tributo que fixou, chamando-o Dinheiro de S. Pedro, e prejudicial às nações. Filippo Turati, ex-deputado da Itália e chefe da concentração antifascista, assegura que o tratado de Latrão, que melhormente se chamaria de Ladrão, deu ao Papa 150 milhões de liras em dinheiro e um bilhão de letras em títulos de 5%. Isso e mais afortuna do Vaticano dão cerca de dez milhões de contos de réis. Lucas VII — Mateus XI.

O clero católico, contrariamente ao que preceitua o cap. XXII, 14 de Mateus, que censura aos fariseus hipócritas de devorarem as casas das viúvas com pretextos de prolongadas rezas por suas almas, não faz outra coisa a não ser insinuar a essas pobres viúvas e a capitalistas de legar à Igreja suas fortunas para missas e rezas.

Há mesmo instituições de mulheres cujo fim é descobrirem velhas ricas moribundas, para, sob o pretexto de amparo espiritual, lhes arrancarem uma parcela de suas fortunas — o autor dessas linhas foi parente de uma das vítimas, em 1911, em Vila Izabel.

Jesus mandou que Pedro embainhasse sua espada[150] e teve uma frase adequada ao ato, e o Vaticano mantém um exército... certamente para guerrear com os demônios...

Jesus disse que seu reino não era deste mundo e o Vaticano acaba de ser reintegrado em seus domínios, constituindo um Reino em outro Reino, com o título de Rei.

Jesus disse[151]: "*Ficai, porém, vós na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder*". Entretanto, a sede passou-se para Roma, sem que essa ordem viesse do Alto.

Jesus mandou amar e perdoar seu próximo setenta vezes sete e os católicos odeiam-se e odeiam os contrários, anatematizando-os, excomungando-os por gerações afora, isto é, enxotando-os do rebanho, contrariamente ao que praticava o Mestre, as ovelhas desgarradas, que reunia. No próprio termo — **Roma** —já se encontra a antítese de **Amor**.

[150] Nos Adendos estudamos esta questão de espadas.
[151] Lucas XXIV, 49.

Por isso os verdadeiros cristãos devem se constituir em turmas de bombeiros para prevenir e apagar esses incêndios de carne humana.

Jesus usava barba e não era tonsurado e o clero católico a raspa e usa tonsura, imitando o sacerdote egípcio.

Jesus foi sempre antipolítico e anticlerical como fartamente se vê dos seus atos e palavras, e foi esta a causa do seu suplício e não a doutrina que ele pregava, que era, exatamente, a de Moisés, pois ele mesmo dizia: "*Se crês em Moisés crê em mim, porque de mim escreveu ele*[152]". Ele não cessava de tratar os fariseus padres e os escribas de raça corrompida, raça adúltera, raça de víboras, sepulcros caiados, cegos e condutores de cegos, filhos do diabo, doudos, insensatos, ignorantes, hipócritas, salteadores, ladrões, etc. Ele era contrário à política e ao domínio romano, como provam seus atos e suas respostas a Pilatos. Ao próprio João, seu discípulo amado, ele o chamou de inconstante e leviano, censurando-o várias vezes[153]. Ao próprio Pedro, a quem acabava de prometer as chaves do céu, chamou-o de Satanás[154].

O próprio letreiro da Cruz — INRI — exprime clarissimamente que sua condenação foi motivada por ele intitular-se — **Rei dos Judeus** — (Tu o dizes).

A epístola de Paulo aos hebreus é toda saturada de anticlericalismo. E que é o Catolicismo, em suma, senão um clericalismo intolerante?

Para corroborar ainda mais a antinomia existente entre o Cristianismo e o Catolicismo, transcrevemos da bela obra colorida de Guilherme Delhora[155] a concisa comparação que segue:

Quadro 1

[152] João V, 46.
[153] Lucas VII — Mateus VI.
[154] Mateus XVI, 23.
[155] La Iglesia católica ante la crítica en el pensamiento y en el arte — México 1929.

O CRISTO	O PAPA
Teve uma coroa de espinhos	Usa coroa de ouro e brilhantes
Lavou os pés dos seus apóstolos	Dá-os a beijar a reis e vassalos
Pagou os tributos	Cobra-os com usura
Nutria seus cordeiros	É nutrido por eles
Era paupérrimo	É o monarca mais rico
Não quis títulos honoríficos	Monopoliza até o de Santidade
Levou a cruz ao ombro	É levado ao ombro por nobres
Expulsou os mercadores	Acolhe-os com agrado
Pregou a paz	Abençoa a guerra e as armas.

Quadro 2

CRISTO em	BULA DO PAPANICOLAU II
Mateus, ver. 39, 40,41,45. A qualquer que te ferir numa face dá a outra; quem quiser apossar-se de tua roupa dá-lhe também tua capa; Amai vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem; fazei bem aos que vos aborrecem e orai pelos que vos ultrajam, para que sejais filhos de vosso Pai que está no céu, que faz com que seu sol brilhe sobre maus ou bons, justos e injustos.	"*Anátema eterno e excomunhão ao temerário que não tenha em conta nosso Decreto e que em sua perseguição tentar submeter ou perturbar a Igreja Romana. Que nesta e na vida futura prove a cólera de Deus e a ira dos apóstolos Pedro e Paulo, cuja igreja ele tenha tentado derrubar; que sua casa fique deserta, que seus filhos fiquem órfãos e viúva sua mulher; que seja desterrado e seus filhos obrigados a mendigar seu pão e expulsos de sua*

	casa. Que o usurário se arroje sobre seus bens, que o fruto de suas fadigas seja disperso; que toda a terra combata contra eles e que todos os elementos lhes sejam hostis!" Brr!!! Sai Satanás!
O MAOMETANO Aqueles que seguem a religião judaica, os cristãos e qualquer que haja acreditado em Deus e praticado o bem receberão a recompensa do próprio Senhor. A virtude não consiste em voltar a face para o Nascente ou o Poente para rezar, mas sim em ser tolerante. Se qualquer idolatra te pedir asilo apressa-te em lhe dar.	**O CATÓLICO** **Por decreto de São Luiz — rei da França** Os heréticos que derramam seu veneno em nosso reino e sujam grandemente nossa Igreja devem ser exterminados. Quem se desvia da fé católica que seja imediatamente queimado vivo. Proibimos a toda pessoa dar hospitalidade aos heréticos, defendê-los de qualquer modo, sob pena de confiscação de seus bens. Ao que denunciar um herético lhe será dada uma pensão.

Para reforçar o que fica dito, pediremos permissão ao padre Mattos Soares para extrair da sua moderna obra *O Novo Testamento*, aprovada pelo Papa Pio XI e pelas autoridades eclesiásticas, as seguintes passagens dos Evangelhos por ele feitas, que produz exatamente um efeito contrário aos que ele desejava. O tiro saiu-lhe pela culatra, pois põe em evidência os próprios erros do Catolicismo. São carapuças admiravelmente talhadas.

Assim faz ele falar Jesus. (Os parênteses são as carapuças) — (p. 39): "*Este povo honra-me com os lábios, mas seu coração está longe de mim (é o que se vê nos templos). E em vão que me honram, ensinando doutrinas e mandamentos*

*dos homens (**dogmas e catecismo**), transgredindo o mandamento de Deus (a Bíblia) por causa da sua tradição*" (**Judaica**).

(Pág. 217): "*Examinai as Escrituras (a Bíblia), porque julgai ter nelas a vida eterna e elas são as que dão testemunho de mim*" (**repudiada pelo Catolicismo**).

(Pág. 217): "*Porém, se vós não dais crédito aos seus escritos, como dareis crédito às minhas palavras*?" (**E ainda teimam em não lhe dar crédito**?).

(Pág. 223): "*O que crê em mim, como diz a Escritura, do seu seio correrão rios de água viva*" (**Fizeram correr rios de sangue**).

(Pág. 225): "*Se vós permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos e conhecereis a verdade e a verdade vos tornará livre do pecado*" (**A verdade é um mistério**)...

(Pág. 241): "*Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim*". (**Passando previamente pela mão do padre, sem o que vai para o inferno ou, quando muito, para o purgatório**).

(Pág. 183): "*Guardai-vos dos que querem andar com vestidos compridos e gostam de ser saudados nas praças e de ter os primeiros assentos nos banquetes; os quais devoram as casas das viúvas a pretexto de longas orações. Receberão uma condenação mais severa*" (*Que profecia terrivelmente verdadeira aplicada ao clero católico*).

(Pág. 561): "*Assentam-se no templo de Deus, apresentando-se como se fossem Deus*" (**Quem não vê aí o Papa**?).

(Pág. 409): "*E enquanto todo sacerdote se apresenta cada dia a exercer seu ministério e a oferecer muitas vezes as mesmas hóstias, que nunca podem tirar pecados (**oh! Reverendo, está comprometendo os colegas**), Jesus, ao contrário,*

tendo-se oferecido uma só vez, como hóstia pelos nossos pecados, está assentado para sempre à direita de Deus" (**o que nulifica o efeito das missas**).

(Pág. 212): "*Deus é espírito; em espírito e, verdade, é que deve adorar os que o adoram, porque é desses adoradores que o Pai procura*" (**Logo não é na Igreja Católica que serão encontrados, pois ali só predominam os ídolos**).

(Pág. 269): "*Jesus Cristo é a pedra que foi rejeitada por vós que edificais, a qual foi posta por fundamento de ângulo e não há salvação em nenhum outro nome, porque nenhum outro nome foi dado entre o homem pelo qual devam ser salvos (**este nome de Jesus e de Cristo já existia na religião de Zoroastro**). (Esta pedra angular é a Pirâmide de Gizé*)".

E toda sua obra gira se contradizendo.

Vejamos agora o guarda-roupa do Papa para mostrar a pobreza que Jesus aconselhava (Figura 19).

> "*Solideus de seda, luvas de lã branca finíssima, tirada de 50 ovelhas especialmente criadas para esse fim e para sua indumentária, sandálias de finíssima camurça e sobrepelizes de pura seda. Todos esses ornamentos são bordados a ouro com incrustações de custosas pedras preciosas. O trono em que se senta vale uma fortuna, que tiraria muita gente da miséria".*
>
> *"Cada dia muda de uniforme, os quais se desafiam em pedrarias caras e fios de ouro maciço".*
>
> "*Como pode essa vaidade se coadunar com as palavras de Jesus e seu exemplo de humildade?"*

"A alma da antiga religião está escondida sob as roupagens pomposas dos Pontífices romanos, razão pela qual não se pode ver".

"O tesouro de São Pedro é mais precioso do que a pureza das almas. Para essa Igreja mais valem alguns servos submissos e amigos endinheirados do que legiões de beatos".

"Arnaldo Brescia, discípulo de Abelardo, escrevendo ao papa Eugênio III, disse: 'Quem me dera antes de morrer ver a Igreja de Deus, tal qual foi nos antigos dias, quando os apóstolos atiravam suas redes, não para recolher ouro e prata; mas, sim, almas'."

Esse prelado e tribuno foi perseguido por Frederico Barbaroxa e o papa Adriano IV e queimado vivo sem testemunhas no Campo de Nero.

Se, como escreve Lucas, o reino de Deus é dos pobres e o reino dos ricos é de Satanás, segue-se que o Vaticano é a Tesouraria do Príncipe do Mal.

O Plágio Católico

Pecado original, venial ou capital, batismo, confissão, comunhão, céu, purgatório e inferno, foi tudo adaptação feita, pelos bispos romanos, de crenças básicas, de religiões antigas, que chamam de pagãs[156]. A própria missa, como veremos mais adiante, também é uma adaptação de cerimônias da Etiópia, do Egito e, ainda hoje, das ilhas da Oceania.

[156] Pagão vem de paganu, *o homem do campo e não como sendo religião alguma. Esses campônios serviam de intermediários entre o campo e a cidade e professavam vários credos orientais, onde o Catolicismo foi beber seus dogmas e ritos*.

O padre Huc, que sofreu da cúria romana o castigo de ser atirado ao ostracismo, por ter divulgado verdades que não agradaram ao papa, estabelece a perfeita analogia que existe entre o Catolicismo e o Lamaísmo, do Tibete, modalidade do Budismo hindu.

Diz ele, na p. 45, *Dans le Thibet*: por pouco que se examine as reformas e as inovações introduzidas por Tsong-Kabá, no culto lamaico, não nos podemos deixar de impressionar pela relação que existe entre ele e o Catolicismo. O báculo, a mitra, a dalmática, o pluvial, o ofício com dois choros, a salmodia, o exorcismo, o incensório suspenso por cinco correntes, podendo abrir-se e fechar-se à vontade, as bênçãos dadas pelos lamas, estendendo a mão direita sobre a cabeça dos fiéis, o rosário, o celibato eclesiástico, os retiros espirituais, o culto dos Santos, o jejum, as procissões, as litanias, a água benta, a consagração do pão e do vinho ofertados ao Criador, a extrema-unção, as rezas para os doentes e para os mortos, a manutenção de mosteiros que honram sua religião, as missões de proselitismo feitas por missionários descalços e desprovidos de dinheiro, a igualdade do Papa e do Lama, além de muitas outras paródias, como, por exemplo, as medalhinhas de santas, escapulários (imitação do escaravelho da medalha egípcia hieroglífica), que, certamente, não foram copiadas pelo Budismo, que é mais velho milhares de anos. A raspação (retirada — depilação) dos pêlos faciais é outra paródia tirada dos sacerdotes asiáticos.

O ritual, o cerimonial, o aparelhamento católico, nada mais são do que cópias de religiões orientais e do paganismo romano, com o qual os primitivos cristãos se mancomunaram até sentirem-se suficientemente fortes paia persegui-los em dezenas de sanguinolentas cruzadas, como hereges.

O templo católico assemelha-se aos templos pagãos. Em ambos se vê um verdadeiro jardim zoológico: pombos, cobras, porco, asno, águia, dragão, serpentes, cordeiro, boi etc.

O Catolicismo é o único culto que costuma passear seus ídolos pelas ruas, certamente não para os arejar, mas, possivelmente, para farejar aquilo com que os manda fabricar.

Então não censurem o budista, quando seu pontífice, montado no sagrado elefante branco, percorre as ruas da cidade em dia de comemoração a Buda.

A não ser que considerem essas manifestações carnavalescas, como a expressão de um culto altamente divino da Costa da África, como de falo se verifica pelos Tópicos do Dia do **Diário Carioca** (**11-IX-1931**), que transcrevemos com a devida vênia:

> "*O esnobismo na religião — Pode-se dizer que todo o povo paraense agora se agita, no empenho de conseguir o retorno do tradicionalíssimo Ciro, imponente precisão porque se encerram as famosas festas de Nossa Senhora de Nazaré, ao ritual de todas as épocas, somente há cinco ou seis anos proscrito pelo então arcebispo daquele Estado, D.João Irineu Joffily. Foi extraordinário o descontentamento que essa medida despertou no seio de quase todas as classes de Belém. E ter-se-ia tal estado de alma coletivo concretizado em sérias perturbações da ordem, por ocasião do majestoso cortejo, se as autoridades eclesiásticas não houvessem obtido todo o*

apoio das civis — fato esse que, aliás, andou perto de impopularizar o senhor Dionysio Bentes, governador, a esse tempo, da referida circunscrição.

"Em que consistiu, a rigor, a providência adotada por D. Irineu Joffily? Na supressão de práticas que realmente davam à cerimônia caráter um tanto profano, por pitorescas em demasia, e assim chocavam os observadores de sensibilidade mais fina, os próprios fiéis de maior unção. Aqueles, porém, e são quase todos os paraenses, que se não resignaram com as inovações decretadas, e apelam agora para quem de direito, na esperança de as colocarem abaixo, facilmente defenderiam o seu ponto de vista recordando aspectos verdadeiramente carnavalescos e até por vezes nada edificantes que, em vários países da Europa, notadamente a Espanha, a Itália, a própria França, conservam até hoje algumas festas católicas, sem que os impugnem os representantes da Santa Sé. Compreendem estes, com certeza, que, uma vez estilizadas, como as gostaria de ver o esnobismo — flagelo ridículo apontado em toda a parte, tais solenidades perderiam sua maior sedução para as massas, o que redundaria em dano para a propagação e incremento da fé".

Diz Swedenborg:

"Haverá coisa mais detestável do que render culto a homens mortos, ajoelhar-se ante suas estátuas e beijar seus ossos e os restos dos seus cadáveres?"

Toda idolatria era reprovada por Moisés, Jesus e demais fundadores de religiões; entretanto, a Igreja Católica faz disso seu maior comércio colocando a cruz como tabuleta de reclame.

Lê-se em Êxodo XX, 4, 5, a seguinte Lei, ditada por Jeová: "*Não farás para ti imagens de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima no céu ou embaixo na terra, nem nas águas, nem debaixo da terra. Não te encurvarás a elas, nem as servirás*". Jesus confirma esta Lei.

O papa Gregório, o Grande, no ano 590, apercebendo-se do alastramento da idolatria, mandou retirar das igrejas todos os ídolos de santos e santas, censurando os bispos que tal consentiram. Mas, depois, vieram Bonifácio III e IV, que ordenaram o restabelecimento do Culto dos ídolos.

Como a coisa é rendosa para a indústria, para o comércio e para seus cofres, o Vaticano atualmente não faz outra coisa senão canonizar santos e santas, e isso aos centos de uma vez para economia de cera!

Que o leitor consciencioso dê um nome a esse procedimento.

Os templos dos primitivos israelitas eram construídos em **lugares altos**. Os profetas e o Rei Josias, porém, para moralizarem as depravações que se praticavam nessas alturas, condenaram esses templos, o que foi ratificado por Moisés e, conseqüentemente, por Jesus.

Jeremias disse: "*que Deus censurava a construção de templos sobre as colinas*".

Ezequiel... "*eles galgaram as colinas e aí me ofereciam seus sacrifícios que me irritam*."

Cristo, venerando Moisés e os profetas, e cingindo-se as leis, estava com isso de acordo. Entretanto, que faz o Catolicismo? Entendendo que Jesus não soube o que disse, não faz outra coisa senão construir templos a ídolos em **lugares altos** e sacrificar diariamente o pobre **Cordeiro**, que ali está em carne e osso, isso, naturalmente por quatro razões: a primeira para estar em desacordo com a Bíblia, que adota e detesta; a segunda para mais facilmente escaparem de algum novo dilúvio; a terceira porque ali, costumando haver uma residência para o vigário, os ares são mais puros para sua saúde; e a quarta por estar mais afastado das vistas curiosas e bisbilhoteiras dos desocupados que perambulam pela vizinhança ou de comadres despeitadas.

A religião de Cristo, fundada como todas as outras sob o culto do Sol, recebeu as mesmas idéias, as mesmas práticas, os mesmos mistérios; os acessórios é que foram diferentes; a base, porém, é a mesma: **Luz e Trevas** (João, 1,5). É o que claramente se lê no Apocalipse.

A vestimenta do Grande Lama, no Tibete, conforme já dissemos anteriormente, é rigorosamente idêntica à dos Bispos católicos. A cabeça é coberta por uma mitra amarela, longo báculo recurvado na mão direita; seus ombros são revestidos de um manto em tafetá violeta retido sobre o peito por um grampo.

Sobre o peitoral acha-se gravada a palavra hebraica I H O H (Jeová) significando **Deus-Vida**. Muito posteriormente Moisés designou esses ancestrais pelo termo **Nepalim** ou **Nefilim** (O Nepal, o Tibete).

O Dalai-Lama é a encarnação de Deus, que passa de um pontífice ao outro; a forma visível desaparece, mas o ser divino nele reside sempre. O papa

romano representa Jesus Cristo, repetindo assim a mesma arenga, e como este é Deus, na sua opinião, segue-se que, sendo ele o representante de Jesus, ele passa a ser o próprio Deus em pessoa. É possível haver maior heresia?

Todas as festas do Catolicismo têm sua semelhança com as do Paganismo.

Para mostrar como a ignorância e a credulidade de muitos homens da Igreja copiaram e deturparam as palavras latinas usadas nas festas pagas, fazendo desses termos santos e santas da Igreja, citaremos somente algumas:

Os pagãos adoravam Baco, conhecido pelos latinos como **Líber.** Celebravam duas festas, uma chamada **urbana**, na cidade, e a outra, **rústica**, nos campos. Para honrar o rei da Macedônia — Demétrio — acrescentaram mais uma como se vai ver.

Este rei tinha sua Corte no golfo de Tessalônica. Pois bem, desse rei fizeram um mártir desse golfo, no ano 303, e o canonizaram como São Demétrio.

Eleutério, que estabeleceu essas festas com a denominação de **Festim Dionísio**, **Festim Eleutério**, **Festim rusticum**, passou a ser **Santo Eleutério** e as festas chamaram-se **São Diniz**, **Santo Eleutério** e **Santa Rústica**!

O deus Baco tinha uma amante chamada Aura, e o vento plácido personificava a doçura. Desses termos fizeram **Santa Aura** e **Santa Plácida**!

Os pagãos felicitavam-se mutuamente com os termos *perpetuum*, *felicitatum*; os católicos fizeram disso Santa Perpétua e Santa Felicidade!

No ano novo eles usavam a fórmula: *Quid faustum felixque sit*; os católicos transformaram isso em **São Fausto** e **São Félix**!

Das palavras **rogare** e **donare** fabricaram **São Rogaciano** e **São Donaciano**!

De Gobineau[157] diz que "*a ignorância e, mesmo, a política apostólica contribuíram para agravar a devoção rústica. Via-se Júpiter com Thor transformado em São Pedro; Apolo em São Miguel; Wodan ou Marte em São Martinho; as mães célticas tornaram-se as três* ***Santa Maria****; Ísis, a virgem que deve engendrar, assimilada à mãe de Cristo; e, coisa mais estranha, Buda colocado nos altares cristãos com o nome de São Josafá*!"

Citando Henri Estienne[158], apologista do Catolicismo, lê-se: "*Há grande conformidade em várias coisas entre os deuses dos pagãos e São Bento, entre as deusas e suas sonatas; não há conformidade da parte dos verdadeiros santos e santas, a fim de que meu dito não seja caluniado; mas sim da parte de seus adoradores. Pois, se bem considerarmos a adoração dos deuses e das deusas pelos pagãos, e a adoração dos santos e das santas pelos da religião romana, achar-se-á completa semelhança, afora o modo de sacrificar. E, assim, do mesmo modo que os pagãos se dirigem a Apolo ou a Esculápio, fazendo esses deuses profissão de medicina e de cirurgia, os católicos não se dirigem também a São Cosmo e a São Damião*?

E Santo Elói, o santo dos ferreiros, não ocupará a mesma função do deus Vulcano?

A São Jorge não dão eles, os católicos, o título que se dava outrora a Marte?

A São Nicolau, não fazem eles a mesma honra que os pagãos faziam ao deus Netuno?

São Pedro, como porteiro, não corresponderá ao deus Janus[159]?

Por pouco eles fariam crer ao anjo Gabriel que ele é o deus Mercúrio!

---

[157] Les religions et les philosophies dans l'Asie Centrale.
[158] Edição Le Ducha! 1735.
[159] Da respectiva constelação astrológica.

Pallas, como deusa das Ciências, não estará representada em Santa Catarina?

E, em vez de Diana, não têm eles Santo Humberto, o santo dos caçadores?

Idêntico ofício é atribuído a Santo Eustáquio.

E quando vestem João Batista com uma pele de leão, não será para oferecer à vista o deus Hércules[160]?

Não se vê comumente Santa Catarina com uma roda, como se quisessem representar a deusa Fortuna?

Delfos decidia as questões religiosas fabricando deuses, como Roma fabricava santos[161].

Ora, quem fala assim é um católico de quatro costados!

Diz Léon Denis que na Capela Sixtina do Vaticano, por ordem do Papa e pelo genial pincel de Miguel Ângelo, vêem-se ali agrupadas as sibilas do Paganismo com os profetas do Catolicismo. É que naquela época a Igreja Católica ainda vivia dos ensinos dos invisíveis; invisíveis estes que ainda se manifestam no Vaticano, como acontece com as aparições de Pio X, verificadas pelos eclesiásticos ali residentes, de cujas indiscrições têm-se conhecido cá fora, apesar da expressa proibição de Pio XI, de serem divulgados esses fenômenos.

Nem as superstições do Paganismo escaparam a essa mania de macaqueação.

Raro é o católico que não possua uma dose de superstição, que aberra, absolutamente, dos ensinos de Jesus e o filia à feitiçaria.

---

[160] Idem, idem.
[161] LEI NAIN DE TILLESMOND — Mémoires a servir a l'Histoirc ècléstasiastique - 1701.

Assim, são poucos os católicos que não tenham fé na ferradura atrás da porta, na mão de guiné dependurada na janela ou no pescoço, orações a vários santos em saquinhos sobre o peito, escapulários com dentes de animais, raízes etc., ramos de alecrim para benzer a casa, incenso para afugentar os maus espíritos, imagens de Santa Bárbara e de São Jerônimo para preservação do raio, além do panteão de santos e santas em péssimas oleografias ou de um museu de grotescos personagens fabricados em gesso para cada especialidade milagreira.

Não basta, igualmente, um Jesus e uma Maria, é preciso fracioná-los em uma infinidade de atribuições, cada qual requerendo, forçosamente, uma igreja, padres, sacristãos etc.

Não será, também, uma superstição crer e fazer crer a milhares de homens que, por meio de palavras místicas, ditas só em latim, o sacerdote é capaz de lazer baixar do céu a divindade e passá-la numa simples obreia para ser comida, como contendo ou sendo o próprio Corpo de Deus?

Como qualificar um povo que se diz católico e que desregradamente se entrega durante uma semana às maiores orgias carnavalescas, condenadas pelo próprio Catolicismo, festejando o Deus Saturno do Paganismo, sob o irônico pretexto de que é para se divertir?

Verdade é que depois é representada a comédia do arrependimento, para no ano seguinte recomeçarem as mesmas cenas.

Mas o que ultrapassa as raias do absurdo, da incoerência e da loucura de um povo é ter o governo brasileiro oficializado essa festa paga, num país que, diz, conta uma maioria de católicos.

Não há dinheiro para dar água à população, as ruas suburbanas acham-se em petição de misérias, há falta de escolas, falta de higiene; mas a Prefeitura

gasta centenas de contos de réis para embalar uma população nas vésperas de uma eleição, a cujos cargos os mandantes, desse modo, fazem jus.

Não será de admirar, para vergonha do Brasil, que um dia seja criado o Ministério do Carnaval, com repartições de carros alegóricos, seção de críticas, ateliês de cenografia, ateliês de escultura em papelão, orquestra de professores para sambas etc.

Panem et Circenses, já dizia Juvenal aos romanos.

Impostos para o Carnaval, diz o Prefeito aos cariocas.

Entretanto, não nos consta que tais anomalias sejam praticadas por israelitas, maometanos, protestantes, budistas, espiritistas etc.

Que concluir, portanto, daí?

Que o Catolicismo é professado por pagãos, feiticeiros e ocultistas. Que é uma deturpação do Cristianismo, o qual, por sua vez, se derivou do Judaísmo, do Budismo, do Maniqueísmo e das filosofias gregas.

> "*O Cristianismo deve muito ao profeta do Irã, e, se a idéia da vida futura, tal como a concebe a ortodoxia cristã, fosse despojada de todos os elementos Zoroastrianos que ela encerra, ela preferia seu lado pitoresco. Mas, como todos os devedores, os cristãos têm a memória curta e pouco há que reconheçam seu débito*." (C. Potter).

Se se perguntar hoje a um católico qual foi o grande chefe religioso que, segundo as escrituras, nasceu de uma virgem, escapou da degolação dos inocentes, confundiu os sábios pela precocidade da sua ciência, começou pregando aos 30 anos, foi tentado no deserto pelo diabo, expulsou demônios, deu vista a

cegos, realizou outras coisas milagrosas e ensinou a existência de um Deus Supremo de Luz, de Verdade e de Bondade, provavelmente ele responderá logo: **Jesus Cristo**, pois tal é o ensino dos Livros Sacros.

Mas, o persa, ao qual se formulasse a mesmíssima pergunta, responderia sem titubear: **Zoroastro**, pois tal a vida desse reformador e o ensino do Avesta que existiu milhares de anos antes de Cristo.

Os maniqueístas têm bispos, patriarcas, anciãos, batismo, eucaristia, jejum, ofício com orações cantadas, comemoração anual da morte do seu fundador — Mani — tal como Cristo.

A oração diária dos maniqueístas é a seguinte:

> "*Eu me prosterno e adoro com um coração puro e uma linguagem sincera, ó Grande Deus, Pai das Luzes, Essência da Luz. Adorado e abençoado sejas tu! Tua majestade e teus mundos que criaste, abençoado. Ele te adora, aquele que adora teus exércitos (os astros), teus santos, tua palavra, tua majestade e o que te parece bom, porque tu és o Deus, que é ao mesmo tempo Verdade, Vida e Santidade*[162]".

Todo Catolicismo contemporâneo reside no seguinte:

> "*Misticismo e ignorância, danação e mercantilismo, rigorismo e ausência de senso moral,.devoção e pó de arroz*." Qulio Vinson).

[162] C. F. Potter — *Les fondateurs de religions*.

Disse alguém: o Cristianismo atual é um erro; o Catolicismo é um crime.

Doutrina de Jesus

Como já vimos, Jesus era de descendência judaica e, como tal, teve de submeter-se a todas as exigências da Lei Mosaica que abrangia a Economia, o Ensino, a Justiça, a Higiene, a Moral e o Culto a Jeová.

As primeiras palavras que Jesus balbuciou foram, certamente, orações a IEVE (Jeová) e nem sua mãe poderia ter lhe ensinado outra doutrina senão a que ela mesma professava nos templos, tanto mais, crente como estava, de ser seu filho o Messias, isto é, o profeta anunciado por Moisés, não podendo, pois, a religião ser outra, por isso o nazareou, mesmo para estar de acordo com a Lei que mandava consagrar ao senhor todo primogênito macho[163].

Criado o menino, foi ele entregue ao templo para sua educação e final desempenho da sua missão, tendo se dado essa ausência entre a idade de 12 a 30 anos, isto é, 18 anos, justamente o tempo omisso nos Livros Sagrados a respeito da Vida de Jesus nesse interregno; mas exatamente concordante com o tempo prescrito pelos templos da índia para as iniciações que regulava ser de 18 a 21 anos.

Esses 18 anos de ausência de Jesus são comparáveis aos 15 anos em que Zoroastro também esteve ausente.

Apelemos para Lucas. O que ele diz em I, 80?

"*E o menino crescia e se robustecia em espírito*".

[163] Lucas II, 23.

"*E esteve nos desertos até o dia em que havia de mostrar-se a Israel*"

Esse deserto era toda a parte que se estende para o Oriente, cujo limite pouco importava a esse evangelista.

Se as palavras **do** Evangelho devem ser consideradas **palavras de evangelho**, não há como curvar a cabeça ante essa declaração que corrobora todas as pesquisas feitas pelos cientistas.

Segundo Nicolas Notovich[164], Jesus esteve em Djaguernat, na Índia, onde os Bramas lhe ensinaram a doutrina dos vedas, a medicina, a matemática etc.

Notovich afirma que ele era conhecido sob o nome de **Issa**. Não haverá neste nome uma corrupção profética de Isso — I-Sh-O — IESU?

Em celta **Esus** é análogo ao **Eso** etrusco, que era o epíteto de Júpiter, ao ATsa grego, à Ísis egípcia. **Esu** significava o Ser, assim como **Esuk**, **Eson** ou **César** significava Deus.

Mas, como esse **Issa** não se conformara com a hierarquia dos deuses brâmanes, produzida pelo cisma de Irshu, 3.200 anos antes, ele retirou-se para as montanhas do Nepal, no Tibete, onde reinava a doutrina budista, a qual aprendeu, iniciando-se nos outros mistérios, dirigindo-se, então, para sua terra natal, atravessando a Pérsia e chegando à terra de Israel, com a idade de 29 anos, o que concorda com Lucas III, 23: "*Jesus estava quase com 30 anos de idade, **sendo como se cuidava**, filho de José*", o que significa, claramente, que seu súbito aparecimento ali, após tão prolongada ausência, produziu aquela dúvida entre as pessoas da localidade.

[164] *La vie inconnue de Jesus* — CHACORNAC — Paris — Obra raríssima. Consultar também Araujo Jorge. Jesus. 7909, Rio.

Aprofundando-se, também, o sentido da exclamação de Marcos e de Mateus VI, 3 etc.: "*Não é este o **carpinteiro**, filho de Maria e irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simão? E não estão ali suas irmãs conosco*?" verifica-se logo o súbito aparecimento de Jesus, entre seus parentes. É de notar, mesmo, que Mateus, não se referindo a seu pai José, faz supor que eleja tivesse morrido; mas João VI, 42, supre esta falta dizendo: "*Não é este Jesus, filho de José, cujo pai e mãe nós **conhecemos***?"

Segundo esse notável escritor, toda a documentação por ele copiada e resumida em sua citada obra, cujas edições foram em grande parte queimadas na Rússia e em Paris pelo clero interessado, se acha, entretanto, conservada nos templos em Lhassa, para onde foi levada cerca de 200 anos após a morte de Jesus, da qual é também ali falada e, igualmente, é encontrada em Bombaim e na própria Biblioteca do Vaticano.

A história parece ter seu cunho de verdade, se compararmos as palavras, as sentenças, as parábolas, os atos de Jesus com os ensinos da doutrina de Buda, na qual elas se encontram em toda sua pureza, e do que faremos, mais adiante, uma vasta comparação.

Também, segundo Saint-Yves[165], Jesus fora iniciado em Agartha, no Tibete, e sua doutrina é saturada da budista, que ele soube adaptar à Mosaica e de acordo com a mentalidade e os costumes do seu povo.

Por outro lado, confrontando-se Notovich com Ed. Schuré[166], ex-discípulo de Saint-Yves, este escritor faz supor que, da idade de 29 para 30 anos,

Jesus havia se recolhido ao templo que funcionava em Engaddi, perto de Belém, nas margens do Mar Morto, e que era dirigido pelos essênios (Assaia, em

[165] Mission des Juifs.
[166] *Os Grandes Iniciados*, de Edouard Schuré. Madras Editora.

siríaco) que significa — Médico — Terapeuta, os quais tinham por missão curar doenças físicas e morais. Era o resto de uma casta sacerdotal pertencente às Confrarias dos profetas, instituídas ali por Samuel, o qual, por sua vez, era filiado às doutrinas de Rama.

Proibiam o matrimônio, a servidão e a guerra; recomendavam o amor a Deus e ao próximo e ensinavam a imortalidade da alma; formavam uma singular associação moral e religiosa e viviam numa espécie de mosteiros (*Koinobions*), pondo seus bens em comum e entregando-se à agricultura. Eram opostos aos saduceus, que negavam a imortalidade da alma. Há grande analogia entre esta seita e os primitivos cristãos. Tinham, porém, muitas idéias e práticas budistas[167]. O título de **irmão** usado na Igreja primitiva é de origem essênia.

Segundo F. Delaunay[168] os essênios surgiram 150 anos antes de J. C, nas cercanias da cidade dos Patriarcas, ao norte de Engaddi, não longe, portanto, de Belém, onde se achavam disseminados seus templos.

Plínio, por sua vez, relata que os essênios eram budistas.

A doutrina dos essênios, se bem que aparentemente ligada à legislação de Moisés, dela se afasta em pontos essenciais e especiais. Essenciais porque ela admite, como no Budismo, uma vida futura, uma natureza das almas, uma eternidade de penas, contrariamente ao mosaísmo ao pé da letra e de acordo com a doutrina de Jesus. Especiais, com relação ao ritual e a certos costumes cristãos, tais como orar com as mãos estendidas para o Oriente, o que era abominável para os profetas.

Tal como os evangelhos, ou vice-versa, os essênios pregavam a proibição do Juramento, o desprezo à riqueza, a renúncia ao mundo e à própria família, a

[167] La Haube Magie
[168] Moineo et Sybilles — 1874.

caridade, a abolição dos templos, a refeição mística, a hierarquia fundada sobre a igualdade dos homens perante Deus; a distinção entre eles era dada ao mais velho e a superioridade era medida pela virtude.

E o que fez Jesus senão cumprir à risca todos esses preceitos? Se ele distinguiu Pedro foi só pela idade, obedecendo à regra, pois até uma vez o chamou de Satanás.

Os terapeutas tinham estreita relação com os essênios e com o Cristianismo posterior. Festas, abluções, cantos, predica, refeições místicas, caridade, amor a Deus e ao próximo, luta contra a carne são análogas às virtudes cristãs.

O nazareado essênio e terapeuta é idêntico ao mosaico: interdição dos gozos físicos, celibato, austeridade ao último grau. Jesus foi o modelo.

Segundo Eusébio[169], os terapeutas são judeu-cristãos dos tempos apostólicos. Pertenciam a uma Igreja fundada pelo apóstolo Marcos, em Alexandria, por volta do ano 45.

São Jerônimo, falando a Philon, disse: "*vamos incluí-lo no número dos escritores eclesiásticos porque ele elogiou os nossos, escrevendo um livro a respeito da primeira Igreja fundada em Alexandria, pelo evangelista Marcos*[170]."

Philon chama os terapeutas de discípulos de Moisés. Joio Batista parece ter feito parte da ordem dos essênios, tal a semelhança da sua doutrina em certos pontos teóricos, porém, opostos em relação ao lado prático.

O profeta Jeremias, predileto de Jesus, foi o precursor de João Batista, assim como Sofônio o foi de Jeremias. Ambos, como seus antecessores, todos da ordem de Rama, por Melquisedeque, Abraão, Jacó, e o próprio Jesus, anunciavam a

[169] Histoire Ecclésiastique — I, II, cap. XVI.
[170] Catal. Ecriptor. Ecclesiasticos.

mesma coisa: "*O grande dia de Deus está próximo... dia de vingança, dia de desgraças... dia da trombeta final*!"

Jeremias foi o traço de união entre o Mosaísmo e o Cristianismo.

Esse profeta, em que Jesus não cessava de apoiar-se cm suas citações, predisse o tempo em que não mais seriam precisos mestres, sacerdotes, pregadores ou livros. Ninguém dirá: "*Este que eu prego é o Deus Verdadeiro, pois o mais ínfimo dos homens conhecerá Deus diretamente*".

A tradição dos essênios foi violentamente sufocada pela Igreja Católica, a partir do 2º século, a fim de fazer desaparecer, com o tempo, a verdadeira origem da doutrina de Jesus, que ele mesmo não cansava de dizer **que não era sua** e atribuia-a, por este modo, à inspiração divina, isto é, ao **Pai**, que, afinal, era Jeová, deus de Moisés — deus de todos e não só dele.

Por isso os teólogos desconhecem hoje o verdadeiro alcance das palavras de Cristo, com duplo e tríplice sentido, só lhe conhecendo o literal que embaralham.

A cidade de Belém e a de Engaddi distam poucos quilômetros uma da outra, sendo, portanto, muito admissível que Jesus tivesse recebido ali seu título de Iniciado, dada a analogia da sua doutrina com a budista que ele conhecia da Índia.

Na proximidade havia o convento do profeta Elias, também da Ordem de Rama, tão venerado por Jesus, que até o fez aparecer no monte, juntamente com Moisés.

Segundo Silvain Levi[171], é muito provável que essa seita dos essênios seja o produto do Budismo, quando os monges indianos se espalharam pela antiga Ásia, tal a semelhança de doutrina.

[171] L'Inde et le Monde Paris.

"O Budismo não faz da existência do homem um drama trágico, um ponto de interrogação entre dois infinitos, em que se joga uma eternidade de salvação ou de danação: a existência não passa ali de um acidente efêmero, numa série de extensão incomensurável; a natureza não é um cenário, um simples quadro: animais, plantas e a própria matéria bruta, bem como o próprio homem, não são senão estágios temporários na universal metamorfose da vida; uma imensa comunhão liga todos os seres, desde as alturas dos céus às profundezas do inferno, tudo submetido à mesma Lei do Carma."

Os indianos vivem em uma atmosfera divina. São humildes, dóceis, tolerantes, inimigos da violência. Seu protesto contra o domínio inglês limitou-se a uma guerra moral, *sui generis*, sem armas, sem insultos, sem intrigas, sem represálias; só por meio da oração eles pediram a Deus (a Brahma) que convencesse a Inglaterra da injustiça do seu ato.

O indiano possui a arte de tornar melhores seus compatriotas, seus filhos e seus inimigos.

Confúcio disse: "*Minha doutrina é fácil de penetrar. Ela consiste unicamente em possuir a retidão de coração,* ***a amar seu próximo como a si mesmo****. Os homens que habitam os quatro cantos da terra são meus irmãos. As cinco virtudes cardeais são: bondade, probidade, polidez, sabedoria e sinceridade. Ele não inventou sistema algum de moral, já o achou pronto no coração de todos os homens*".

O budista não só proíbe matar qualquer animal, por mais peçonhento que seja, como proíbe comer-lhe a carne. O budista só se alimenta de vegetais ou frutas, obedecendo assim às leis naturais, tal como o faz o gorila, antropóide robusto, deixando a carnificina aos carnívoros. Assim, também, praticavam os valdenses que foram sacrificados pelos católicos.

O Budismo pode vangloriar-se de jamais ter conquistado territórios recorrendo à violência ou impondo-se pelas armas. E pela santidade e doçura de coração, pelo exemplo de humildade, pelos sãos costumes, pelo incomparável moral, pelo amor fraterno que ele se aninha em quase um bilhão de almas. O Budismo tem monges, mas não tem clero. O Budismo não promete, dá no presente.

O católico promete tudo e nada dá, nem no presente, nem no futuro. No Budismo só se aspira à perfeição, e este é o estado normal do budista. A lei de Manu foi elaborada com todos os códigos da prudência, da moral e da prática de milhares de anos.

Buda disse: "*Não quero obter a suprema sabedoria perfeita, se houver, neste mundo, um ser vivo que, depois de ter acreditado em mim, do fundo de sua alma e do seu coração, e repetido meu nome, não deva renascer no paraíso*".

A Igreja Católica, pela pena de São João Damasceno, na lenda de Barlaão e Josafá, extraída do *Ramayana* no século XVII, e da qual La Fontaine fez a fábula dos **Patos do mano Philippe**, tomou a virtude búdica como modelo de santidade, e, como tal, aceita e aprovada por Gregório XIII, Xisto V, Urbano VIII, Alexandre VII e Pio IX. Tirou igualmente do Apólogo Búdico, por parábolas e contos, fartos exemplos de moral que foram introduzidos nos seguintes livros da Igreja

Romana: *Gesta Romanorum, Vida Sanctorum, Vida Patrum, e Disciplina Clericales etc.*[172].

O Budismo predomina entre os chineses, monges, tibetanos, afegãos, tribos mongóis do Turquestão, tártaros, quirguiz, calmucos, indianos, japoneses, etc.

No Japão existem duas religiões sincretizadas: a **Xintó** (via dos Deuses), religião familiar, culto dos espíritos, e a **Butsudo** (via de Buda), religião da moral.

Quando um peregrino depara com um templo, ele interroga: "*Qual é o ser que aqui reside? Não sei, lhe responde o sacerdote, mas meu coração transborda de reconhecimento e as lágrimas me correm dos olhos*".

No rito xintoísta verifica-se uma completa semelhança com o culto católico. Assim: benzer pedra fundamental, consagrar casa nova, exorcismo para afastar o espírito da raposa, venda de amuletos, de água benta para a cura de doenças, assistência aos moribundos e preces ante o defunto, comemoração de aniversário mortuário, preces para chover, para preservar de tremores de terra, de incêndio, de inundações, para ganhar a vitória em combates, procissões do deus Kami, culto dos mortos tal como no Catolicismo.

Há cerca de dois séculos o Budismo era totalmente desconhecido no Ocidente. Foi Eugênio Burnouf, falecido em 1852, quem presenteou o mundo estudioso do Ocidente com uma tradução da língua zende, que ninguém mais compreendia na própria Índia, e a restituiu exumando, para o bem da humanidade, a doutrina de Buda, que, sem isso, continuaria letra morta, para gáudio da Igreja Romana!

Segundo sérios estudos, o Budismo, escrito há cerca de 1.300 anos antes de Cristo, é originado do Bramanismo, religião que Rama (BA-Rama, Brahma)

[172] G. DE VASCONCELLOS ABREU — *Manual de Estudo de Sânscrito clássico*.

implantou na Índia, na Pérsia e no Egito, oriunda provavelmente da Atlântida, por se encontrarem vestígios na América, no México, no norte europeu e na própria África.

Segundo Marcel Clavelle[173], os termos **hindu** e **indiano** não significam a mesma coisa. São **hindus** aqueles que aderem à mesma tradição, mas, de fato, e não de um modo exterior e ilusório como sucede ao Catolicismo.

São **indianos**, ou seja, não *hindus*, aqueles que não participam dessa mesma tradição, como, por exemplo, os **janias** e os budistas.

Pode-se, pois, falar de Budismo indiano, mas não de Budismo hindu, de muçulmano indiano e não de muçulmano hindu, o que seria um contra-senso.

Ora, à vista do que fica dito, não é de estranhar que Jesus curasse os enfermos por simples imposição das mãos. Aos seus discípulos ele ensinou secretamente o sistema de curar, mandando que impusessem as mãos, mas obedecendo, como está provado, a certas regras científicas já conhecidas dos antigos.

Contudo, com medo das autoridades civis, ele recomendava sempre a todos que curava que nada dissessem a quem quer que fosse. A melhor maneira de difundir um segredo é, exatamente, de recomendar segredo.

Alarico, Aristeu, Pitágoras, Empédocles, Apolônio de Tyane, Alexandre, Abonetico, Peregrino Proteus, Simão, o mago, o rei Pyrrhus, o Imperador Vespasiano etc., todos realizaram, muito antes de Jesus, curas maravilhosas à sua maneira e de seus apóstolos — que vieram depois.

Que o homem possua fluidos magnéticos que influem no organismo de outrem, que esses fluidos sejam regidos por leis naturais descritas em obras

[173] Le Voile d'Ísis – jan. 1932.

especiais, como as de Reichenback, Durville etc., é uma questão perfeitamente verificável por meio dos biômetros de Majewski, Baraduc e outros.

Nós mesmos, em 1905, provamos perante a imprensa e o corpo médico reunidos em nossa casa, a influência desses fluidos sobre aquele aparelho.

A experiência consistiu em um pedaço de algodão hidrófilo conservado durante cinco minutos na mão de Majewski (Boulevard Strasbourg, 3 —Paris) que, após 21 dias de viagem em um envelope, sem dele sair, fez mover a agulha quantas vezes se repetia a experiência.

Cada assistente repetiu a experiência com algodão de farmácia, e o aparelho demonstrava graus diversos de forças fluídicas, conforme as pessoas, sendo mesmo de notar que pela manhã são elas mais abundantes que à noite, indicando, assim, que o homem se assemelha a um acumulador elétrico, que recebe a carga do Cosmos durante a noite e a descarrega durante o seu labutar diário. O corpo humano é um conjunto de minerais e dentre eles destaca-se o ferro, que se imantará mais ou menos pelo magnetismo do Sol, como a minúscula agulha é imantada pela mesma força e vibra indicando o eixo magnético da Terra. Daí certas recomendações de orientar-se a cama de acordo com os quatro pontos cardeais.

Essa medicina elétrica já era conhecida na China há milhares de anos. Atualmente algumas notabilidades médicas européias estão voltando sua atenção para lá, conforme se vê do curioso estudo feito por Th. Vergnes, em *Le Voile d'Isis*, número especial sobre "*A China*" (1932).

Essa experiência corrobora as de Reichenback, Mesmer e outros, acerca dos fluidos humanos, e demonstra que, além dessas irradiações, ainda o homem possui as luminosas, verificadas por Leadbetter, fotografadas por Baraduc, Majewski

e, em março de 1930, por um sábio italiano, cujo nome, transmitido pelo telégrafo, nos escapa no momento.

Foi descoberta uma tela feita de uma película de dicianina e outros produtos químicos prensados entre duas placas de vidro, através das quais é possível ver-se uma forte irradiação luminosa em volta da cabeça da pessoa examinada (Atalaia, março, 1933).

Nada há de extraordinário nessa luminosidade.

Os livros sagrados de todos os povos estão cheios de exemplos de homens que irradiavam luzes.

Moisés, quando saía do Santuário para falar ao povo, tinha o rosto resplendente; Buda tornou-se deslumbrante de luz ante seus discípulos. A representação artística dos santos do Catolicismo, aureolados por uma coroa de luz, demonstra, igualmente, que essa técnica da arte foi baseada numa tradição senão nas visões diretas.

O fluido, a luz e o som ocupam na escala das ondas números correspondentes às suas vibrações. Tudo que se move e vive vibra e é colorido e musical.

Além dessas emanações, cuja ciência oficial sempre tratou de pôr em dúvida, o homem possui mais as aromáticas e as visuais a distância.

Cada corpo humano, o que quer dizer, bilhões de homens, tem um perfume característico, reconhecível pelo cachorro vagabundo e, sobretudo, pelo cachorro policial. A raça negra é a única que exala esse **perfume**, tão pronunciadamente, que a torna reconhecível pela pituitária das outras raças, no seu conjunto geral, sem, contudo, se poder discernir a personalidade como faz o cachorro.

As irradiações visuais a distância, chamadas de **sexto sentido** dos antigos, já foram possuídas pela humanidade que as atrofiou. Essas experiências, como as de telepatia e leitura do pensamento, são facilmente verificadas na metapsíquica e tomam o nome de telecinesia[174].

Já antes de Jesus, Simão, o mago, que citamos acima, também curava os enfermos em nome do Messias, sem mesmo conhecê-lo, o que escandalizou os apóstolos que se foram queixar ao Mestre, que, felizmente, os tranqüilizou dizendo: "*quem não é contra nós é por nós*[175]".

Essa propriedade de curar enfermos físicos e morais não era, pois, monopólio de Jesus; mas se um dia resolvesse encarnar-se no Brasil e produzisse esses supostos milagres iria para o rol dos paranóicos, como Laureano Ojeda, cognominado o profeta da Gávea, o professor Mozart etc., a não ser que, patrocinado pelo clero e por certa imprensa venal, agisse como as Santas Dicas, Manoelinas e quejandas boçais.

Mas retomemos o nosso fio.

Finda, portanto, sua educação no templo essênico, condensando ali os ensinos da doutrina de Moisés e, por conseqüência, da de Rama, Abraão, Brama e Buda, numa doutrina mais simples, mais ao alcance das fracas inteligências, a quem ele ia dirigir-se, sintetizando Deus (Jeová) na singela e meiga expressão de — Pai —, com o que, ainda assim, cumpria com o hábito judaico de não pronunciar o sacratíssimo nome de Jeová, substituindo-o pelo de **Adonai**, com medo de ofendê-lo, saiu ele a campo com a idade de 30 anos, a fim de manifestar-se publicamente, restituindo, por essa forma, a Palavra perdida, destronando a anarquia dos poderes

[174] CH. RICHET — La Métaphysique.
[175] Lucas IX, 49, 50 — Mais adiante, porém, XI, 23, ele faz Jesus contradizer-se: "*Quem não é comigo é contra mim*!" Entenda-se lá. 176.

sociais, quebrando a espada do militarismo insaciável, consolando as vítimas do despotismo, curando os males físicos e morais e prometendo àqueles que nele acreditassem a volta do **Reino de Deus**, do **Reinado da Paz**, do **Evangelho de Deus**, cumprindo, aliás, o que dele mesmo já se achava escrito, assim como obedecendo aos conselhos de seus próprios irmãos que lhe diziam: "*Sai daqui e vai para a Judéia, para que também seus **discípulos** vejam as obras que fazes*", porque, como frisa João[176]: "*Nem ainda assim seus irmãos criam nele*".

Ele não cessava de repetir que sua doutrina não era dele; mas sim do Pai (Jeová); disse que não tinha vindo ao mundo para destruir a Lei, mas, sim, para cumpri-la; ensinou-a aos seus discípulos e nas sinagogas, o que confessa a excelência da mesma.

"*Porque se acreditásseis em Moisés, acreditaríeis em mim*", dizia ele.

"*Eu vim salvar o povo de Israel*."

"Eu não vim ab-rogar a Lei."

"Da lei não se perderá um til."

"A salvação vem dos judeus."

É possível haver declaração mais concisa e peremptória?

Pois bem, os evangelhos fazem Jesus contradizer-se quando disse: "*Foi dito aos antigos... mas, eu vos digo agora...*" Ora, isso significa que o que foi dito aos antigos não tem mais valor, só o que ele agora disser é que terá valor.

[176] João VII, 3, 10.

Desse modo ele se desmente, desmente Jeová e todo o valor das palavras do seu Pai.

Era crença entre os apóstolos que Jesus entraria em Jerusalém para reconstruir o antigo brilho político do Estado Judaico e romper com o poder de Roma.

Essa esperança só se desvaneceu na ocasião em que fugiram covardemente, abandonando Jesus a seus algozes, pois ele ainda não se tinha compenetrado do sentido espiritual da expressão "*Reinado de Deus*", traduzida como "*Reino de Deus*", por ser o Reino das Leis Morais entre os homens, por isso a mãe de João e de Tiago, que caíra aos pés de Jesus, pediu-lhe, à pergunta que este lhe fizera acerca de seu maior desejo: "*Quando estabeleceres teu **reino**, eleva meus filhos à categoria que vem logo após a tua*".

O apóstolo Judas não pensava de outro modo, por isso, como vingança de ver frustrado seu intento, agiu do modo que todos sabem.

Mas já que falamos em Judas, permitido nos seja aproveitarmos este ensejo, para salientar mais uma contradição e incoerência dos Evangelhos, além das dezenas que ali se encontram, o que lhes tira o caráter de inatacáveis, de inspiração divina, de Sagradas escrituras.

Mateus XVII, 5, diz "*que Judas entregou o dinheiro ao templo e foi enforcar-se*."

Em Atos I, 18 lê-se: que ele comprou um campo onde arrebentou o ventre, por onde lhe saíram as entranhas.

Há mais versões, mas bastam estas.

Vejamos agora a parte moral do ato:

Segundo a Moral Católica, expendida em vários livros teológicos, **Judas recebeu licitamente sua paga**.

Senão, vejamos o que ensina esta Igreja:

> *"Os bens adquiridos por atos vergonhosos, como, por exemplo, por um assassinato, por uma sentença injusta ou por ações desonestas, são legitimamente possuídos e não existe a obrigação de restituí-los". (Escobar)*
>
> *"Há exceções quando esses bens são recebidos de quem não tem o poder de dispor deles, como os menores, os religiosos etc. Porque, ensina Lessius, se pode estimar em moída uma ação má, pela consideração da vantagem que recebe aquele para quem a executou. Eis por que não existe a obrigação de restituir a paga recebida para fazê-la, seja qual for sua natureza, homicida, sentença injusta, ação infame (porque esses são os exemplos de que ele se serve em todas essas matérias!) salvo o caso em que se haja recebido de quem não tenha poder de dispor de seus bens."*
>
> *"Direis, talvez, que quem recebe pagamento pela prática de qualquer malvadez comete pecado. Mas, eu respondo que depois da execução não há mais pecado algum, seja em pagamentos, seja em recebimentos[177]!".*

Logo, Judas não é digno de censuras! Voltemos ao nosso ponto.

[177] ERNESTO LUIZ DE OLIVEIRA — Roma e a Igreja... (Anti-Cristo).

Essa doutrina de Jeová, do Deus dos Exércitos, como foi traduzido, é a que se baseia nos dez mandamentos e foi essa e não outra a que Jesus ensinou, repassada com toda a incomparável doutrina budista, como denunciam suas sentenças e suas parábolas, doutrina simplíssima, sem complicações metafísicas, sem dogmas, sem templos de pedra e sem sacerdotes hierarquizados.

E, se Jeová foi traduzido como Deus dos Exércitos, cabe a culpa aos tradutores, pois isso não significa que seja literalmente o Deus dos Exércitos de terra, mas, positivamente, o deus dos ELOHIM, isto é, das Forças Fenomênicas, dos Princípios, das Potências, e que, por inversão, MIHELA, significa MILÍCIA celeste — Astralidade, o Universo sideral, o Deus, portanto, dos exércitos celestes. Em última análise, ainda se poderia sofismar que esse exército fosse o constituído pelo povo de Israel, como se vê em Jeremias VII, 3.

Paulo I — Tes. II, 1, assim se exprime a tal respeito: "*Assim os céus e a terra e todo seu exército foram acabados*".

São esses Elohins, plural de Eloha, babilônio, são essas torças, princípios — que Moisés faz agir nos cinco primeiros dias de formação da terra, da vegetação, dos animais, simples almas viventes, inclusive macacos e o homem andrógino, macho e fêmea (Gênese I, 27), sendo que, só no sexto dia, é que aparece o nome de Jeová (o Ea Babilônio, o deus da vida) criando Adão só (o Adam, babilônio) soprando-lhe a vida nas narinas, isto é, dando-lhe o espírito inteligente e arrancando de suas costelas sua infeliz companheira (Gênesis II, 21,24).

Se os críticos tivessem todos os conhecimentos de Saint-Yves e chegado às suas mãos os tijolos de Babilônia, certamente não teriam interpretado esses dois termos de Elohins e Jeová como dois deuses diferentes, criando, o primeiro, o

homem andrógino e o segundo o casal desobediente, dando ensejo às correntes contrárias dos Eloístas e dos Jeovistas.

Alfred Poizat em suas Conclusões diz:

> "*Jesus não veio fundar uma nova religião. Uma religião não se funda, ela se reforma, se enriquece, se estende, se completa; porém, é sempre julgada como sendo a religião primitiva saída do primeiro casal humano*."

Jesus disse que não tinha vindo destruir a religião de Moisés, mas completá-la.

"*Se o Cristianismo é verdadeiro, o Judaísmo de onde ele saiu também o é. Se o Cristianismo é falso, o Judaísmo perde sua maior prova e fica suspenso*" e, conseqüentemente, completamos nós, Jesus confirmando o Judaísmo, se ele fosse falso, cometeria o maior embuste e suas palavras seriam falsas. Mas, como Jesus veio confirmar o Judaísmo verdadeiro, segue-se que o Judaísmo é verdadeiro e o Cristianismo seu corolário, reformado e enriquecido pela doutrina budista, que jorra a cada passo dos lábios de Jesus e que não é encontrada no Pentateuco.

Não é demais nos estendermos sobre este ponto, embora caiamos em repetições para esclarecer a doutrina que Jesus pregou.

Jesus disse: "*Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o Único Senhor*".

Ora, o Deus de Israel era Jeová, cujo nome, como já temos repetido, era substituído pelo de Adonai, e tendo Jesus adotado o termo **Pai**, como fazia Platão

muito antes, claro é que este Pai é o Senhor nosso Deus, o Jeová, o único Deus, a quem se deve adorar sem figuras ou emblemas e não um pai antropomorfo.

Dizendo mais, que não era dele a doutrina que pregava, mas do Pai que o enviou como Messias, claro, ainda que essa doutrina era a que Moisés recebera diretamente de Jeová (?) mandando que todos obedecessem aos escribas que estavam sentados na cadeira de Moisés.

Ora, como Moisés era o depositário da tradição de Abraão, o qual, a seu turno, era filiado à Ordem de Rama, a cuja ordem também pertencia Melquisedeque, tanto que lhe pagou o dízimo da mesma, e, tendo Jesus venerado Abraão, Moisés, Jacó e todos os profetas, e sendo ele o Pontífice eterno anunciado, **segundo a Ordem de Melquisedeque**, confirmado por Paulo, claríssimo que a religião de Jesus era a de Rama, difundida na Índia, na Pérsia, na Babilônia e, por fim, no Egito.

É uma das razões de Jesus ter dito: "*Quando Abraão existiu, eu sou, isto é, eu existia como Verbo*".

Diz Gustave Dalmann[178]:

> *"Não se poderia conceber que Jesus nunca tivesse orado de pé diante do altar. Segundo o Direito judaico, todo israelita adulto, indo ao templo para uma Festa, tinha de oferecer um tríplice sacrifício; um para apresentar-se perante Deus (reiyya), outro, a título mesmo da solenidade (Kbagîgâ), outro, finalmente, o da alegria da festa (Shimkha). Jesus uma vez ou outra, ter-se-ia colocado à esquerda do altar, onde se imolavam os animais, e, apoiando fortemente suas mãos sobre*

[178] Les itinéraires de Jesus.

um cordeiro pascal, o terá, mesmo, sacrificado, voltado para o templo, enquanto o cordeiro era mantido na direção norte-sul, com a face voltada igualmente para o santuário...".

"O altar era considerado por Jesus como santificando as ofertas (Mateus XXIII, 19) porque ele tinha consciência da vontade divina, sancionando o serviço que ele desempenha. Jesus nunca exigiu que se cessasse de sacrificar, mas, somente, prescreveu de só se entregar à realização desse rito, depois de confirmadas as relações entre os irmãos à ordem agradável de Deus". (Mateus, V, 24).

"Foi no último pátio interno que Jesus se teria achado no principal dia da festa dos tabernáculos (João VII, 37). O povo implorava que Deus fizesse chover dando sete voltas no altar. Jesus convidou, então, o povo a estancar sua sede nele mesmo (João VII, 38) etc."

O estudo atencioso dos capítulos dos **Atos dos Apóstolos** revela, claramente, essa doutrina, que foi a da primitiva Igreja, pois ali não se trata nem da doutrina de Pedro nem da de Paulo.

Verifica-se mesmo em Atos que Pedro, João e Tiago, os discípulos escolhidos por Jesus para assistirem a sua transfiguração, ficaram em Jerusalém para estabelecer a aliança de uma igreja Judeu-Cristã, que chegou a espalhar-se por toda a Ásia, pela Grécia, indo mesmo até Roma e mais além.

A primitiva comunidade cristã praticava os costumes judaicos, participava do culto do templo, observava a Lei; seus adeptos eram cristãos, mas judeus.

Na opinião de Albert J. Edmunds, o Budismo e o Cristianismo, sejam ou não historicamente conexos, partiram de um grande movimento espiritual, de uma elevação da alma humana, que surgiu primeiro na índia e, depois, na Palestina com o advento cristão.

Pouco importa que as duas correntes de lava se encontrassem ou não no primitivo tempo, o certo é que elas vieram do mesmo foco, espalhando-se sobre todo o planeta. Desse encontro sairá a forma religiosa do futuro.

Entretanto, forçoso é reconhecer que a legenda cristã se aproxima mais da masdeísta do que da budista, conforme teremos ainda muitas ocasiões de fazer confrontos.

O que é certo, porém, é que a doutrina de Jesus nada tinha de original.

É fato incontestável que ele nada deixou estabelecido, a não ser a confusão entre seus próprios discípulos.

É essa a doutrina de Jesus e não outra, conforme ele mesmo confessou. Os primitivos cristãos, isto é, os primeiros discípulos do mestre, do Cristo, do Salvador, do Redentor, como foi cognominado depois, nem sequer criaram uma religião ou formularam uma doutrina com o nome de cristão, porquanto não existiam livros nem dogmas do Mestre nem ritual. As cerimônias eram realizadas a Jeová, pai de Jesus, como ele o chamava e no mesmo templo mosaico, sacrificando-se o mesmo carneiro de Abraão e de seus descendentes.

Só posteriormente, quando os evangelhos principiaram a aparecer, é que, por se atribuir a Jesus a paternidade das frases e da moral que pregou, se convencionou chamar essa doutrina de cristã.

Os Concílios, porém, mais tarde, introduzindo a política nesse credo, entenderam que Jesus não soube o que disse nem o que fez, e criaram, então, um

Culto à sua pessoa, a que denominaram de Católico, isto é, como se fosse Universal, com um ritual à cruz, cheio de dogmas e, sobretudo, com um Código Civil que conseguiram impor às nações, subjugando monarcas e povos a um suposto direito divino, do qual o Bispo de Roma era o legítimo e único representante na terra.

Luta entre Pedro e Paulo

Foi por isso que surgiu com Paulo um conflito, de alcance universal, que devia terminar pela vitória desse apóstolo, o que prova que nem sempre a verdade é vencedora, pelo menos temporariamente.

Suas epístolas aí estão contradizendo vários pontos dos evangelhos, dando ocasião ao aparecimento de inúmeras seitas contrárias ao Catolicismo.

Paulo disse a Pedro, quando este procurava ligar os cristãos de Antioquia às rigorosas observâncias do Mosaísmo clerical: "*O que tu ligas fica desligado*". Ora, esta frase contradiz a de Jesus quando ele disse a Pedro: "*O que ligares na terra, ligado será no céu*".

Apesar de Pedro ter recebido diretamente de Jesus a investidura da doutrina (Atos XV, 7), Pedro andou indeciso e com medo de Paulo, que se dizia mais Apóstolo que os outros apóstolos (Coríntios); é por isso que, como já dissemos, este organizou uma doutrina a seu modo, relegando a de Pedro, João, Tiago e Barnabé, para um plano diferente. E, como só ele andou pregando e escrevendo sua nova doutrina ou modo de ver, levando-a até a Europa, é claro que a de Pedro teria de soçobrar, apesar de bem divulgada pela palavra no Oriente, como no Ocidente, pelos 70 iniciados.

A verdade ressalta claramente de **Atos dos Apóstolos** XV, 7, confrontando-se com a Epístola de Paulo aos Gálatas II, 7, de onde surge uma tremenda contradição[179]. Senão vejamos:

Pedro diz em Atos XV, 7: "*Sabeis, meus irmãos, que Deus há muito tempo me escolheu para que, por minha boca, os gentios ouvissem a palavra do Evangelho e cressem*". O termo evangelho era tomado unicamente no sentido de Boa Nova, pois não havia evangelhos escritos como os atuais. E Paulo diz:

Gálatas II, 7: "*E vendo que o Evangelho me foi confiado para os incircuncisos, como a Pedro para os circuncisos*".

Essas duas doutrinas, uma da **Circuncisão** e outra da **Incircuncisão**, confeccionada por Paulo, porque Jesus nunca tratou disso, circuncidado como ele era, se opõem fundamentalmente e se contradizem.

Ora, se Jesus disse a Pedro, fazendo um trocadilho, que ciência não mais aceita, que sobre essa pedra é que seria edificada sua Igreja, a do judeu-cristianismo, não se pode, em boa consciência, aceitar as interpretações silogísticas de Paulo, emérito casuístico e sofista, que, com admirável facilidade, transformava o preto em branco, como se verifica em todas as suas epístolas e, especialmente, em Gálatas IV, 4, 5, e fizessem de Paulo a pedra fundamental.

Aos Coríntios III, 10, 15, ele chegou a dizer que a obra de Pedro e, conseqüentemente, a de Jesus seria destruída pelo fogo!

Como prova de sua astúcia, basta ler-se em Atos a passagem que se refere à sua permanência no templo, durante sete dias, por isso, foi acusado de profanação e, como tal, teria de ser condenado. Para defender-se, ele disse aos juízes: "*Meus irmãos, sou fariseu e filho de fariseus; é por causa da esperança de*

[179] Les fondateurs de religions – 1930.

uma outra vida e da ressurreição dos mortos que querem me condenar". (Atos XXIII, 6, 7, 8.)

Não se tratava, absolutamente, disso. O que ele queria era provocar uma discussão entre saduceus e fariseus, afim de ser dividida a Assembléia; porque os saduceus não acreditavam em ressurreição, em anjo ou espírito, ao passo que os fariseus acreditavam nisso.

Paulo, entendendo, erroneamente, que Jesus havia ab-rogado a Lei, com sua morte, o que colide com suas palavras e ensinos, torceu todo o sentido e combateu tenazmente os apóstolos diretos do Cristo, tendo mesmo acerba discussão com Pedro, o qual o chamou de hipócrita e covarde, e conseguiu pela sua incansável propaganda no Ocidente desfazer aquela Igreja, o que lhe foi fácil, porque esta não tinha representantes ali nem escritos por onde se pudessem guiar, visto como os evangelhos só apareceram 150 anos depois das epístolas de Paulo.

Pedro proclamava a perpetuidade da Lei Mosaica, ao passo que Paulo a negava.

Pedro foi o instituidor da Salvação pela Graça, ao passo que Paulo mantinha que a salvação só era obtida pela Fé e pelas obras.

A facção de Pedro, em Jerusalém, logo após a morte do Mestre, seguia a doutrina mosaica, como a praticava Jesus, adorando Jeová, ao passo que a facção grega, a qual ainda não pertencia Paulo, divinizava a Jesus.

O versículo 46 de **Atos** atesta que os apóstolos e seus discípulos perseveravam diariamente no templo e que, nem Jesus nem seus discípulos conceberam jamais a idéia de atentar contra a Unidade de Deus, de destruir a lei ou de fundar uma nova religião, pois qualquer motivo de suspeita que eles tivessem

dado a tal respeito importaria na revolta do povo contra eles, içando-lhes interdito formalmente a entrada no templo.

O Catolicismo é que forjou essa agremiação política que nada tem de cristã.

Pedro proclamava a circuncisão, o sábado e o desprezo das carnes sacrificadas.

Paulo pregava a incircuncisão e o desprezo do sábado.

Pedro acreditava na superioridade do judeu sobre o gentio.

Paulo declarava a igualdade de ambos.

Pedro acreditava que o pecado de Adão foi expiado pelo dilúvio e que o mundo descendia de Noé, o que é mais razoável.

Paulo acreditava no pecado original e na redenção pela graça de Jesus. O Bispo de Roma, da facção de Paulo, era incircunciso. O Bispo de Jerusalém, da facção de Pedro, era circunciso.

A igreja de Roma era saturada das doutrinas de Paulo e a de Jerusalém, a judeu-cristã, era guiada pelas doutrinas do seu fundador, Jesus, e dirigida pelo seu irmão Tiago.

A facção de Pedro era composta de Ebionitas (Ebjon), que significa: pobre (Atos 45), e contava no seu início com 120 pessoas (Atos 15) aumentadas em 500, depois, em Jerusalém. A maioria, porém, era grega, sendo diminuto o número de palestinos. A seita chegou a contar com três mil almas.

A facção grega, como acima dissemos, era, portanto, contrária à de Pedro que era o chefe da Congregação.

De acordo com seu regulamento, Pedro tinha de convocar uma Assembléia para a eleição do novo Chefe. Este, porém, não querendo largar a

cadeira, com receio desta cair nas mãos de gregos, ia constantemente adiando o dia, até que, forçado por circunstâncias políticas, realizou a Assembléia em que foi destituído e substituído por Santo Estêvão e mais os seis seguintes diáconos gregos: Felipe, Proctore, Nicanor, Timon, Parmenos, Nicolau de Antioquia.

A intolerância e o fanatismo começaram a nascer das disputas entre Estêvão, eleito Chefe da Congregação dos Ebionitas, e Pedro, seu pregador, os quais se insultavam e se anatematizavam, tornando-se inimigos mortais (Atos VII, 48, 53, 58).

Pedro, judeu de origem, era fiel às tradições judaicas, ensinadas e confirmadas por Jesus; ele desprezava todos os que viviam fora do Judaísmo (Orígenes C.C. II — 1).

Perante o Grande Tribunal do Sanedrim, ele não cessava de afirmar que suas doutrinas estavam de acordo com as crenças judaicas, com o espírito da Tora e sua interpretação. Dizia mais que a única diferença existente é a de saber se Jesus é o profeta anunciado por Moisés, pois uns crêem que Jesus é o Messias e outros não acreditam em tal.

Mas como ele pregasse em nome de Jesus ressuscitado, o Sanedrim de Jerusalém, por ordem de Caifás e de Pilatos, lhe proibiu de pronunciar tal nome em público, por ser uma afronta ao Tribunal que o condenou e, portanto, a Roma, e uma constante ameaça ao sacerdócio judaico.

Pedro desobedeceu duas vezes; foi repreendido e castigado pelas autoridades. Mas a facção grega, mais numerosa, não cessava de fazer pressão sobre a de Pedro. Chegou, porém, o dia em que Roma vendo que os cristãos gregos suplantavam os da Palestina, com a divinização de Jesus, tratou de solucionar o caso. Estêvão foi apedrejado pelos habitantes de Jerusalém.

Por causa de uma questão de dogmas, Pedro foge. Percorre o Oriente à procura do seu maior rival, Simão, o mago, conhecido por Simão o impostor, que chamava Pedro de falso evangelista. Este Simão foi primeiro discípulo de João, o Batista, e um dos 30 discípulos de Dositéia, produzia milagres tais como Jesus, Pedro e os apóstolos, os quais chamavam de Magia (Atos VIII, 9).

Felipe ficou substituindo Estêvão, mas, depois de mil peripécias, ele dirigiu-se para Cezaréa com suas quatro filhas virgens, que profetizavam (Atos XXI, 89), o que prova que a primitiva igreja reconhecia a existência do dom de profecia, substituída mais tarde pelas **Santas**.

> "*A escola de Tubingue (Baur, Strauss, Zeller, etc.) estabeleceu solidamente que os Atos dos Apóstolos são obras de um paulino que, para aproximar e conciliar as duas partes hostis que dividiam a sociedade cristã, se esforçou por fazer parecidos tanto quanto possível Paulo com Pedro e Pedro com Paulo e de substituir, assim, ao quadro de seus desacordos reais o de um acordo ideal*." (H. Rodrigues)

Paulo que, nessa ocasião, ainda se chamava **Saul**, forma hebraica do nome **Paulo**, assistiu impassível à morte de Estêvão, cuja roupa jazia a seus pés.

Em decorrência da sua inteligência, se bem que horrendamente feio e disforme, pois era ventrudo, narigudo e tinha as pernas tortas, Paulo foi incumbido de perseguir e prender os cristãos gregos que fugiam para Damas. Entre esses figurava o célebre Simão, o mago, inimigo de Pedro, pelos milagres e curas que ele produzia em concorrência com Jesus (Atos VIII, 9).

Foi nessa viagem de oito dias a pé, acompanhado dos centuriões, que Paulo tivera aquela suposta visão, ficando **cego e ouvindo vozes**, o que, segundo os anais gregos, nada mais foi do que o resultado de um forte temporal com relâmpagos e trovões, caindo, por isso, sem sentidos e com a vista ofendida pelos clarões.

Aqui se verifica ainda outra contradição, como aliás, estão repletos os tão apregoados livros sacros: em Atos IX, 7 lê-se que "*os varões que iam com ele, pararam atônitos, ouvindo a voz, mas, não vendo ninguém*", ao passo que em Atos XXII, 9, "*os varões que estavam comigo (Paulo) viram, em verdade, a luz e se atemorizaram muito; mas, não ouviram a voz*..."

Paulo diz mesmo aos Gálatas e aos Coríntios que viu Jesus e uma luz Que dizia: "*Saul! Saul! Porque me persegues*?"

É curioso notar-se que tendo Paulo nascido mais ou menos na mesma época de Jesus, tendo morado em Jerusalém durante sua vida, como verdadeiro judeu e fariseu, suas cartas nunca mencionem que ele tivesse jamais visto Jesus que, para ele, era absolutamente desconhecido, apesar do rebuliço que o nome de galileu ali causava.

Paulo declarou, mesmo, que a idéia que ele fazia de Jesus nada tinha de comum com as opiniões dos 12 apóstolos. Foi o Cristo crucificado que ele pregou toda sua vida e não o filho do carpinteiro, cuja doutrina e vida pouco ou nada lhe interessavam.

Conduzido à casa de Ananias, chefe da Congregação Cristã, em Damas, ali foi tratado durante alguns dias, em que esteve de cama.

Ali se converteu, foi batizado e começou sua pregação após um certo tempo de preparo.

Os **Atos dos Apóstolos** foram escritos por um dos discípulos de Paulo, a fim de conciliar as duas partes hostis, em um judeu-cristianismo. Este discípulo, segundo todas as aparências do estilo, da língua e das idéias, foi Lucas, o qual teria redigido os 12 primeiros capítulos, sendo os 12 restantes escritos posteriormente no ano 52.

É inadmissível e incoerente, como já dissemos, que Jesus depois de morto, numa suposta aparição a Paulo, seu maior inimigo, tivesse dito a este: "*Vejo agora que eu estava em erro, quando apregoei a excelência da Lei Mosaica; vai, derruba essa lei e arranja outra doutrina do seu jeito, baseada sobre minha ressurreição e próxima vinda nas nuvens*."

Não se pode conceber um Deus onipotente, produzindo tantos milagres por intermédio de Moisés, durante 40 anos, no deserto, para firmar uma religião que ele levou séculos a formar, que jamais deveria perecer, devendo-se mesmo lapidar os que pretendessem destruí-la, entregando sua guarda a um povo escolhido, para, finalmente, depois, na carne de seu próprio filho que a confirmou, ordenar, em suma, a Paulo que refundisse tudo aquilo!

Como admitir-se que ele fizesse nascer esse filho, judeu, professando e ensinando essa mesma doutrina que ele pretendia agora aniquilar, filho que se rodeia de 12 judeus e de 70 iniciados incumbidos de transmitir a posteridade a essa doutrina que ele, agora, execra pela boca de Paulo?

É inadmissível e ilógico que, tendo Jesus dito a Pedro "*Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei minha Igreja, contra a qual não prevalecerão as portas do inferno*", Paulo tivesse sido a pedra fundamental de uma igreja da incircuncisão quando a de Pedro era a da circuncisão.

Além disso, a incoerência e a contradição resultam logo, algumas linhas abaixo, no versículo 23, capítulo XVI, quando Mateus faz Jesus dizer indignado a Pedro: "*Arreda-te de diante de mim, Satanás, que me serves de escândalo*...", sentença esta que Jesus não revogou, antes, a corroborou quando, nas vésperas de ser condenado, ele disse a Pedro: "*Quem, tu?... Não cantará o galo duas vezes que não me renegues*".

O imbróglio é patente e irretorquível!

Mas, mesmo que Pedro ficasse investido dessa hierarquia pela idade, o que anula contradiria os preceitos de Jesus de "*não haver maior nem menor*", não se pode admitir que este tivesse revogado seu decreto, para instituir Paulo como chefe de uma só parte do povo, dos incircuncisos, ficando a outra parte, dos circuncisos, com Pedro.

E se Pedro foi considerado por Jesus como um dos mais eminentes apóstolos, o que parece lisonja de colegas, como Paulo declara (Coríntios II, XI, 5) que não se considerava em coisa alguma inferior a qualquer apóstolo?!

Um psiquiatra ou psicanalista moderno encontraria em suas epístolas evidentes sintomas de sadismo, masoquismo, dualidade de personalidade, transes periódicos e outros estados patológicos, na expressão de C. F. Potter[179–A].

Se não fosse Paulo, o judeu-cristianismo teria florescido no Ocidente e no Oriente, e, se não fosse Santo Agostinho, que nele se baseou, o Cristianismo moderno não seria conhecido no Ocidente, apesar do sacrifício do Calvário, aliás, tão comum ali, sacrifício este que 200 anos antes de Cristo teve um culto sob o nome de **Culto da Cruz**, sem relação alguma com o futuro Cristo. Este culto também existiu entre os astecas e os incas, milhares de anos antes de Cristo.

[179–A] Les fondateurs de religions — 1930.

O Culto da Cruz só foi introduzido na Igreja Católica no século V da nossa era. Antes disso, não havia templos católicos, nem cruzes, nem imagens e ainda menos os dogmas de hoje.

A **cruz ansada** da arte cristã é uma imitação da letra egípcia, copiada da sânscrita, da qual se originou a hebraica, que, por seu turno, parece ligar-se ao culto fálico da Caldeia.



sânscrita



egípcia



hebraica



caldéia

Paulo fez de Jesus o centro de uma Igreja, de um culto, não pelo que ele era, mas pelo que não era; não pelo que ensinou de verdadeiro, mas por predições que não foram realizadas, e, portanto, falsas.

E, se o Cristianismo criou raízes no Ocidente, isto é, em Roma, de onde se espalhou por toda a Europa, foi por lhe terem erigido um culto baseado unicamente numa política local, criando um Poder Temporal, que absorvia e absorve monarcas e povos.

O Bispo de Roma, abusando do seu título de Pastor, trocou seu modesto báculo pelo orgulhoso cetro.

> "*Foi, diz Saint-Yves, graças a Constantino, que a religião do Cristo tornou-se um culto oficial e o clero começou a formar uma classe privilegiada e a Igreja uma das principais engrenagens do Estado*."

Foi por causa do concurso de várias nações, odiando-se mutuamente, que o Cristianismo não conseguiu sobrepujar as outras crenças no Oriente, pois demonstrava falta de unidade de vista em seus Princípios Psicológicos, afugentando, por conseqüência, as que ela pretendia catequizar.

Não caberia aqui um resumo sequer da vida desse imperador, o que já foi feito em volumosas obras, mas salientaremos, somente, que foi um rei perjuro e um dos maiores assassinos de sua época, tendo chegado a ponto de lavar suas mãos no sangue de sua esposa.

Ele construiu um lupanar no qual ia assistir aos maiores deboches.

Cheio de remorso de sua infame vida, ele dirigiu-se aos padres pagãos a fim de lhe serem perdoados os crimes por meio das expiações praticadas nos templos. Os padres lhe responderam que, entre as várias fórmulas de expiação de seu culto, não havia nenhuma com força suficiente para apagar tantos crimes e nenhuma religião as possuía capazes de abrandar os deuses tão ultrajados.

Mas um dos bajuladores do palácio, vendo o rei atormentado pelos remorsos, disse-lhe, um dia, que seu mal não era desesperador; que existia na religião dos cristãos várias maneiras de purificações, fosse qual fosse a natureza dos delitos ou dos maiores crimes, que todos eram redimidos. Bastaria, para isso, abraçar essa religião.

Assim fez Constantino, declarando-se o protetor de uma seita que trata tão carinhosamente os maiores culpados. Como ele impôs os dogmas da Trindade, da divindade de Cristo e outros, o domínio público sobre as nações etc., o leitor terá ocasião de se instruir no capítulo dos **Dogmas**.

Entretanto, só no fim da sua vida, já às portas da morte, esse rei se fez batizar, para, desse modo, aproveitar a eficácia desse sacramento, que tem a

propriedade de clarificar a alma mais pichada do mundo, como se deu com o próprio Santo Agostinho, a ponto de ser aquele celerado canonizado santo.

Foi daí que começou o prestígio do Cristianismo.

Se o terrível Nero tivesse agido do mesmo modo se veria hoje seu amaldiçoado nome figurando no calendário gregoriano como um respeitável santo, tendo seu altar nas igrejas como o tem aquele.

Os padres do seu culto recusaram-lhe a entrada nos templos de Elêusis; as portas do Vaticano lhe estariam abertas.

Portanto, repetimos, foi Paulo o único e principal culpado de ter sido a doutrina de Jesus, o Cristo, completamente transformada, agravando-se o mal com a organização do Culto Católico, criador dos dogmas, da adoração a santos, dos milagres, dos mártires, das relíquias, da Eucaristia, do batismo, da confissão, da idolatria e da simonia, tudo positivamente contrário ao ensino do divino Jesus.

Não é de admirar, portanto, que tenham surgido tantas doutrinas constituídas cada qual com outras charadas com pretensões a explicar hieróglifos.

> *"Falsificadas por cada um dos partidos triunfantes, cheias de asserções teológicas opostas aos fatos da história, às leis da natureza e ao exercício da razão esses documentos, aliados, assim, a substâncias perturbadoras, tornaram-se fermento de misticismo, de engenhos e de servilismo." (H. Rodrigues)*

Mas Jesus também disse: "*Toda cidade ou casa dividida contra si mesma, não subsistirá*" e "*se Satanás levantar-se contra si mesmo e for dividido, não pode subsistir; antes, tem fim*" (Marcos III, 24). É o que se vê no Catolicismo.

A fonte era limpa, mas, a força de chapinharem nela, turvaram-na de tal modo que, presentemente, é muito difícil destilá-la novamente ou mesmo filtrá-la.

E, por que essas exegeses se verificam exatamente no Catolicismo e não em outras religiões?

É porque não tendo Jesus escrito coisa alguma, ele se limitou a dizer: "*Na cadeira de Moisés estão sentados os escribas e os fariseus. Observai, pois, e praticai tudo o que vos* ***disserem****; mas não* ***procedais*** *como eles, porque dizem e não praticam*"; isto é, não sejais hipócritas.

O Cristianismo primitivo tem quatro fases: o Palestiniano, o Pauliniano, o Judeu-Grego e o Joânico.

A Igreja Apostólica ensinou a humanidade de Jesus, Paulo sua natureza humana e João sua preexistência. A Igreja Católica e o evangelho de João ensinaram sua divindade e o Concilio de Nicéia, sua **deidade**.

Diz Hippolite Rodrigues[180]: "*A doutrina de Paulo é tão diferente e tão oposta a de Jesus, que elas se anatematizam mutuamente. O antagonismo já vinha entre Paulo e Estêvão*".

Pedro chegou a ter o direito de vida e morte sobre seus adeptos (Atos V, 5, 10).

A morte do casal que havia sonegado parte dos seus bens à Congregação deixa o espírito bem suspenso a respeito da santidade da doutrina.

[180] Saint Pierre.

Os Evangelhos

É certo que Paulo fez sua propaganda imediatamente após a morte de Jesus, consignando sua doutrina em epístolas, ainda conservadas, mas cuja essência, como vimos, destoa bastante dos dogmas e ensinos católicos[181]; ao passo que os chamados Evangelhos não foram escritos pelos apóstolos, mas por outros escritores, cerca de 150 anos depois, por isso são designados segundo Mateus[182], isto é, segundo Marcos, segundo Lucas, segundo João[183], isto é, segundo a lenda e a tradição grandemente pervertida e esquecida, e, por isso, sujeitos à crítica científica, que têm encontrado divergências, supressões, acréscimos, imprecisões de datas e de fatos, contradições e incoerências a granel.

Não é demais dizer que, por ocasião do Concilio de Nicéia, que resolveu a questão adotando somente aqueles quatro livros, eram cerca de 30 os alfarrábios que tratavam do mesmo assunto e pertenciam a 30 seitas diferentes, escritos alguns pelos outros oito apóstolos, como Barnabé, Judas, Tiago, Pedro, havendo muitos outros apócrifos, mas cuja contextura não agradou.

De fato, reunidos nesse Concilio 318 bispos e arcebispos e não se conseguindo ao cabo de alguns anos, de acaloradas discussões, em que ferviam epítetos insultuosos, chegar-se a um acordo pelas incoerências e contradições verificadas naqueles escritos, o Papa resolveu o seguinte: "*Colocar-se-iam debaixo do altar todos aqueles alfarrábios, o Cenáculo se concentraria, como nas sessões espíritas, invocar-se-ia o espírito do próprio Cristo, e se lhe pediria indicar, por um milagre, qual ou quais daqueles livros que deveriam ser considerados verdadeiros*".

[181] Mateus IX, 9.
[182] ALTA — Saint Paul — Le christianisme en l'an 51.
[183] RENAN — La vie de Jesus.

Assim foi feito: os livros foram atirados para baixo do altar, a invocação se fez, e... após um tempo mais ou menos longo... aparecia **sobre** o altar os quatro livros que hoje servem de colunas sustentatórias da tiara do Papa.

Se isso não se parece com espiritismo, então, com fraqueza, tem muita semelhança com... feitiçaria!

Ora, se apenas há um século [período referente à edição original], desconhecemos, por falta de provas positivas, a vida, o martírio e, sobretudo, o local do suplício de Tiradentes, protomártir da República brasileira, fácil é de calcular o que não seria há dois mil anos, em que os meios de se consignarem os acontecimentos eram muito deficientes; razão pela qual, também, não é possível achar-se nos livros do Novo Testamento a prova de que Jesus fosse crucificado por ordem do procurador Pilatos pelas imediações do 14° ano de Tibério, nem o verdadeiro local do seu suplício, por serem falsas **todas** as indicações do Templo de Cristo, em Jerusalém, conforme teremos ocasião de estudar mais adiante.

Esses quatro evangelhos e os **Atos dos Apóstolos** estão saturados de judeu-cristianismo, e o Apocalipse de João, que lhe adicionaram, encobre a chave dos mistérios.

Ademais, em que se firma fundamentalmente o Catolicismo?

Nesses chamados Evangelhos.

E que vêm a ser, em suma, esses evangelhos?

Um resumo da tradição oral, contada por gerações de anciãos, que suprimiam ou acresciam, como sempre sucede a quem conta um conto, fatos criados pela imaginação do povo, de acordo com os sentimentos de cada um, coordenados por escritores judeus, que compuseram, igualmente, um evangelho chamado: "***Evangelho dos hebreus***", que, por seu turno, serviu de base aos quatro

adotados pela Igreja, e isso, repitamos, 150 anos depois da ressurreição, e não um código social ou religioso ditado ou escrito por seu fundador ou pelos apóstolos, indoutos e iletrados como eram (Atos IV, 13).

Tais evangelhos são um amálgama de simbolismo, de fatos contados sem ordem, sem critério, com frases evidentemente copiadas umas das outras, cheios de contradições, repletos de incoerências, em que abundam as ambigüidades charadísticas, com supressões de textos que suspendem, ex-abrupto, o sentido lógico da oração.

E quem o diz não somos nós somente. Entre inúmeros estudos, citaremos, não um antagonista do Catolicismo, como costumamos fazer, mas um dos seus maiores apologistas, Maurice Goguel[184]: "*Sem negar que a censura oficial ou oficiosamente exercida pelos cristãos pudesse ter feito desaparecer muitos textos, que seriam preciosos para os historiadores, não pensamos que os destroços que ele possa ter ocasionado fossem tão grandes quanto o supõe Eisler*". Santa ingenuidade!

"*Ninguém mais do que nós é sensível às lacunas e insuficiências da Ciência atual do* ***Novo Testamento***."

O já citado apologista católico, Sr. Alfred Poizat[185], igualmente, assim se exprime: "*O conjunto dos Evangelhos é composto de retalhos entre os quais há vácuos, mais do que vácuos, verdadeiros buracos e numerosas obscuridades que é preciso esclarecer*."

Há nos Arquivos do Vaticano muitos outros evangelhos que foram rejeitados, uns por falarem da infância de Jesus, de um modo por demais

[184] Jesus et le messianisme politique — 1931.
[185] La Vie et l'CEuvre de Jesus.

maravilhoso, outros relatando, mesmo, que Jesus teria dado a morte a um companheiro em um momento de cólera.

O primeiro evangelho, dito segundo São Marcos, conforme os estudos de Renan, parece ter sido ditado por Pedro, por isso é de um laconismo imperdoável, pois Pedro não dava a menor importância ao nascimento de Jesus, sua genealogia, sua infância etc., razão pela qual nada disso é encontrado no de Marcos.

Mas os cristãos exigiam um evangelho completo que relatasse tudo quanto Marcos menciona; mas acrescido do que se ouvia pela tradição.

Foi daí a origem do segundo evangelho, dito segundo São Mateus. O autor que escreveu esse evangelho tomou por base, sem contestação possível, o de Marcos, duplicando um grande número de citações que o leitor estudioso encontrará detalhadamente em Renan[186] e em muitos outros escritores. Mateus era judeu-cristão, o que faz supor que Marcos também o fosse como Pedro.

O evangelho de Mateus e o de Marcos foram escritos em grego, cuja língua comparada com a hebraica apresenta certas dificuldades de interpretação, tanto mais, sendo este último escrito em siríaco, que era a língua que Jesus falava.

O terceiro evangelho, dito segundo São Lucas, que não foi apóstolo nem discípulo direto de Jesus, mas sim de Paulo, foi escrito muito posteriormente e é uma composição genuinamente sua, firmada nos ensinos de seu mestre, antagonista de Pedro, João e Tiago, de Barnabé e outros, que doutrinavam o puro judeu-cristianismo de Jesus.

Assim é que, por exemplo, o anjo que apareceu a Jesus no Getsêmani, o suor de sangue, a cura milagrosa da orelha cortada por Pedro, o comparecimento de Jesus perante Antipas etc., é de sua exclusiva invenção, pois nada disso se

[186] Les Evangiles. pp. 179-180-181.

encontra nos outros evangelistas que, pré-supostamente, poderiam ter assistido a esses acontecimentos, ao passo que Lucas bem longe dali estava e nem sequer ainda cogitava isso.

A própria frase: "*Eli, Eli, Sabactani*..." foi transformada por ele em: "*Pai, em tuas mãos entrego meu espírito*".

O Jesus ressuscitado é contado em um pleno artificial e de acordo com o Evangelho dos hebreus, cuja ressurreição só teria durado um dia e terminado com sua ascensão aos céus, o que Marcos e Mateus ignoram!

A parábola do joio e do trigo, em que Jesus condena o perigoso e falso semeador que vem após o legítimo, é omissa em Lucas, porque parecia uma indireta a Paulo, pela sua predicação contra o judaísmo-cristão de Pedro, João, Tiago, Barnabé e de Marcos e Mateus.

Os ebionitas primitivos consideravam Paulo como o homem inimigo.

Em Mateus, Jesus detesta Samaria e recomenda aos discípulos de evitar seus habitantes, pois é o país dos pagãos.

Em Lucas é o contrário: Jesus está em freqüentes relações com esse povo e dele fala com elogios.

Lucas é o único que fala dos 70 filiados.

Em suma, o evangelho de Lucas é um livro remendado e acrescido pelos seus adeptos e baseado na legenda, como simples historiador, cujos dados foram fornecidos pelo seu mestre Paulo, para produzir efeito diferente do dos apóstolos.

O quarto evangelho, dito segundo São João, foi escrito em siríaco. Hensius, em seu Aristarchus Sacer, nota que João faz alusões ao duplo sentido das palavras que só existiam em siríaco e não em grego, de onde foi o mesmo traduzido como convinha à política dos redatores, todos saturados de platonismo.

João foi sempre contrário à doutrina de Paulo e cumpridor intransigente da lei Mosaica até 96 anos de sua vida.

Foi preciso que a Igreja recorresse a sutilezas de linguagem para poder colocar seu livro como o quarto esteio do Vaticano.

Atualmente, porém, em decorrência ao progresso da Ciência, profundos estudos têm sido feitos a respeito dos quatro evangelhos, resultando ser o de João considerado apócrifo, contraditório e adredemente preparado, e os três sinóticos como sendo um relatório da historicidade de Jesus.

O Cristo de João e o Cristo dos Sinóticos não concordam.

Por isso se pode dizer que as palavras **do** evangelho não são palavras **de** evangelho.

Se um dia surgir um escritor de talento que extraia dos quatro evangelhos as repetições, as viagens, os milagres e deixe somente a parte puramente doutrinária, verificar-se-á que tudo é da doutrina budista e masdeísta, nem mais nem menos, como já dissemos e teremos ocasião de provar com um largo confronto.

Esses livros não são, pois, um monumento original construído pelo próprio Verbo encarnado, para servir de Estatuto a um futuro Culto à sua pessoa, que se chamaria Catolicismo.

Os evangelhos só tratam da vida social de Jesus e não cogitam absolutamente da parte teologal, a não ser em uma frase vaga de João: "*E a luz era luz...*"

Santo Agostinho, mesmo, disse: "*Não acreditaria nos Evangelhos, se eu não fosse* ***forçado*** *pela autoridade da Igreja*". Ora, quem assim fala é um doutor da Igreja e não o taberneiro da esquina.

O padre Benevente, escrevendo ao rei da Espanha em 1555, disse: "*Aqueles que não quiserem ouvir de bom grado o Evangelho, que o seja à força*". E Jesus mandou que o pregasse a quem o quisesse ouvir!

Os evangelhos, portanto, nada mais são do que um parco resumo da primitiva religião da humanidade, da Religião Vera, segundo Santo Agostinho, mal confeccionados por incompetentes historiadores judeus, que procuravam satisfazer suas paixões políticas do que consignar fatos históricos para o futuro, o que nada lhes interessava.

O Evangelho, genericamente falando, não tem a pretensão de encerrar um dogma desenvolvido, nem de ser um Código doutrinal da religião; ele nada mais é do que um resumo da **Boa Palavra**, dita por Jesus no seio do Judaísmo e já conhecida na Índia.

O Evangelho representa a predica de um judeu, como Jesus, eminentemente apto ao pensamento e à ação religiosa a respeito de alguns temas da fé judaica do seu tempo.

Do ponto de vista histórico, o Evangelho não passa de um ponto de partida da fé cristã, que não deve ser confundido com **fé católica**.

E que têm realizado no mundo esses famosos Evangelhos em benefício da humanidade?

Unicamente a discórdia entre os homens e a própria Igreja Católica. Negá-lo é impossível.

Para isso, insuflada pelo Princípio do Mal, a Igreja Romana obteve dos evangelhos todas as frases de Jesus que pudessem servir a um programa de banditismo e de ódio ao gênero humano, como se vê na Bula do Papa Pio V, que damos em seguida, e as adotaram canonicamente, como se fosse o principal fim do

meigo nazareno destruir pelo fogo todo aquele que não se submetesse à Igreja de Roma.

> "*Caríssimo irmão. Que nenhuma consideração humana ou divina vos faça parar no caminho em que entrastes; lembrai-vos de que nosso divino Mestre disse: 'Aquele que amar seu pai e sua mãe, seu filho ou sua filha mais do que a mim, não pode ser meu discípulo. O homem deve ter por inimigo os de sua própria casa, porque eu vim para separar o esposo da esposa, o filho e a filha do pai e da mãe. Não penseis que vim trazer a paz à terra, vim trazer a espada: combatei, pois, por mim sem trégua e sem temor, porque aquele que conservar sua vida perdê-la-á, e aquele que a tiver perdido por amor a mim achá-la-á*'."
>
> "*Que estas santas (!) palavras sejam a regra do vosso proceder: torturai sem piedade, dilacerai sem misericórdia, queimai sem dó nem compaixão vosso pai, vossa mãe, vossos irmãos e vossas irmãs se não estiverem submetidos cegamente à Igreja Católica, Apostólica, Romana*!!!"

O bom leitor, certamente, dirá que isso só podia ter sido ditado pelo próprio Satanás, encarnado no corpo desse padre canonizado santo... Pois é este genuinamente o programa da Igreja Romana. É com essa lógica sofisticada que a política do Vaticano age. E não há como negá-lo, porque os fatos a confirmam

diariamente. Só não os vêem os que fecham os olhos para que seus interesses não sejam atingidos pela luz. Certamente, não foi este o intuito do mártir do Gólgota. Mas a cúria romana, manejada sempre pelos jesuítas, não podendo suportar as discussões a que esses evangelhos davam lugar, nos próprios colégios eclesiásticos, entendeu cortar o nó górdio da questão, criando a infalibilidade do Papa, organizando catecismo *ad-hoc*, o que veio piorar a anarquia filosófica que regia e continua a reger os povos ocidentais.

Estes, por exemplo, no fim do século IV, queriam o apocalipse e os orientais não o queriam. A epístola de Paulo aos hebreus foi o contrário, os orientais a queriam e os ocidentais não a queriam.

De As Religiões Comparadas, editada pela Cruzada Espírita, extrairemos agora uma comunicação feita pelo apóstolo João. Diz ele:

> "*Se ouvirdes dizer que o Evangelho de Jesus é a guerra e o derramamento de sangue, eu vos digo, em verdade, que esse é o Evangelho dos rancorosos e vingativos, mas não o de Jesus, que amou os homens e lhes pregou a paz. Se vos disserem que o Evangelho é o fausto, as riquezas, as comodidades dos ministros da palavra, eu vos digo, em verdade, que esse é o Evangelho dos mercadores do Templo, mas não o de Jesus que recomendou aos seus discípulos a pobreza de coração e o desprendimento dos bens da Terra. Se vos disserem que o Evangelho é a sua água, as mãos levantadas aos céus, as pancadas no peito, as formas e o culto externo, eu vos digo, em verdade, que esse Evangelho é o dos hipócritas, mas não o de Jesus, que recomendou o amor e a*

adoração a Deus em espírito e em verdade. Se vos disserem que o Evangelho é a resistência às leis e aos princípios que governam os povos, eu vos digo, em verdade, que esse Evangelho é o dos rebeldes e ambiciosos, mas não o de Jesus, que mandou dar a César o que era de César e a Deus o que era de Deus".

"*Se vos disserem que o Evangelho é a intolerância, o anátema, a perseguição, a violência e o ódio, eu vos digo, em verdade, que esse Evangelho é o da Soberba e da Ira, mas não o de Jesus, que rogava ao Pai de Misericórdia pelos seus mortais inimigos*".

Pergunta o padre E. Loyson[187–188]: "*Devemos acreditar no Cristianismo, senhores*?"

Então interroguemos, não o direito canônico fabricado pelos papas ou fabricado para eles, não os decretos dos inquisidores ou as apologias dos frades, mas Jesus Cristo, nosso único Mestre, o Filho do Deus Vivo!

Que diz ele na sua Igreja?

Ele nos responde claramente: "*Não dominadores, mas servidores de seus irmãos; não carrascos, mas mártires; não o fogo, nem o gládio, nem lobos que devoram, mas cordeiros que se deixam devorar*!"

Eis o Evangelho, eis a raça e os tempos novos.

[187–188] Ni cléricaux, ni athées — pp. 178-182.

"*O mal de que sofrem os católicos é o esquecimento de suas origens*."

O mal do Catolicismo são seus dogmas, seu catecismo, sua liturgia, seus ritos, seu comércio e suas pompas carnavalescas, criadas para empolgar a massa ignara.

O dogma não admitindo a lógica nega o direito que assiste ao homem de raciocinar.

Eliminai do pensamento do crente a **esperança** de um céu e o **temor** de um inferno e o culto desaparecerá e, conseqüentemente, o padre, pois, onde o negócio não rende, a casa tende a fechar.

O aparato e a indumentária do padre, o órgão e o incenso, são criações do Paganismo para impressionar a vista, o ouvido e o olfato, empolgando desse modo o espírito em um efeito hipnótico.

Suba este mesmo padre ao altar, vestido de paletó ou fraque, sem órgão e sem incenso e digam-nos, em boa consciência, se o efeito é o mesmo. É possível, até, que a dignidade do celebrante venha a acabar, um dia, numa risada irreverente e impiedosa, pelo desalinho da jaqueta ou pela tortura do tacão da bota, e, sobretudo, como é crença geral na camada iletrada, se ele **bater no chão com o pé** esquerdo, ao dizer missa, como que repelindo o diabo, que o está denunciando por viver amancebado! É a mula-sem-cabeça!

Todos os legisladores ou reformadores de povos, como Rama, Manu, Zoroastro, Krishna, Gauthama-Buda, Tsong Kaba, Fo-Hi, Lao-Tsé, Confúcio, Moisés, Orfeu, Pitágoras, Platão, Sócrates e mesmo Maomé, além de muitos outros sem a importância universal que estes têm, escreveram suas doutrinas ou condensaram e

explanaram a de seus mestres, e só Jesus nunca escreveu coisa alguma, porque ele nada criou, nem destruiu, mas simplesmente realizou a religião dos Dez Mandamentos, conhecidos por todos os povos da terra e a Lei Social instituída por Moisés e por aqueles legisladores.

Acresce dizer que, se Jesus nada escreveu, é porque não valia a pena deixar coisa alguma escrita à posteridade, pois o mundo tinha de acabar com a geração de sua época, conforme ele profetizou, bordando, mesmo, alguns detalhes, como veremos no artigo "*Fim do Mundo*" e fez com que seus discípulos e Paulo, principalmente, não cuidassem de outra coisa senão em esperar o próximo dia em que ele teria de voltar sobre as nuvens para julgar os homens em um juízo final.

Orfeu, Moisés e Fo-Hi foram os três personagens escolhidos pela Providência para serem os portadores da sua Lei — difundida pelo patriarca Rama, mas já esquecida.

Se a Providência tivesse julgado oportuno, tê-los-ia reunido em um só homem e, nessas condições, é possível que houvessem tornado conhecida a Divindade absoluta.

Moisés com sua insondável Unidade; Orfeu com a infinidade de suas faculdades e de seus atributos e Fo-Hi com o Princípio e o Fim de suas concepções — isto é, Deus é um, indivisível e eterno, cheio de faculdades e atributos, cujo Princípio reside no Amor e cujo Fim é irmanar os homens.

Orfeu criou as artes e desenvolveu o espírito humano na apreciação do Belo; Moisés concentrou-lhe o espírito na adoração do seu criador, e Fo-Hi domou os ímpetos do coração, revelando os mistérios das existências sucessivas.

F. E. Krauss[189] diz que Lao-Tsé e Confúcio, duas grandes personalidades que viveram nos séculos VI e V a.C, não foram os fundadores, nem de uma religião, nem de uma filosofia; eles nada criaram que fosse novo em sentido algum e não tivesse já preexistido.

Um e outro coordenaram, simplesmente, em uma doutrina, os elementos existentes desde um insondável passado, cada qual patrocinando um lado especial para lhe atribuir a suprema importância.

Enquanto Lao-Tsé formulava o sistema chinês em uma especulação teórica, King-Fu-Tse (Confúcio) o orientava para a conduta da vida prática. Um estabeleceu, pois, a filosofia individualista, baseada no indiferentismo pessimista, e o outro, uma moral prática, concedendo à vida um valor positivo e ativo.

Confúcio dizia: "*Quando se comparam as palavras dos Santos Homens que pertencem às três religiões da China, dir-se-ia que elas saíram da mesma boca*".

Assim saiu a essência dos Evangelhos de todas as religiões do Mundo

Incoerências e Contradições dos Evangelhos

Se fôssemos destacar todas as contradições e as incoerências dos Evangelhos, o resultado forneceria matéria para um folheto muito volumoso, o que desgostaria, sobremodo, Santo Agostinho, se fosse vivo, pois, bastava lhe uma só, e desgostará certamente muitos **católicos sem marca**, na expressão do padre Júlio Maria; contudo, pegaremos algumas, com o fim de provar que as quatro colunas do

[189] Les Religions du Monde — p. 85 — 1930.

Vaticano não são inabaláveis como dizem, e proporcionaremos, assim, um ensejo para fazer meditar um pouco nossos benévolos leitores adversos.

Uma das incoerências que se notam logo em Mateus IX, 9, que prova que tal evangelho não foi escrito por ele, é quando o fazem dizer: "*E Jesus, passando adiante, viu sentado na alfândega um homem chamado Mateus e disse-lhe: 'Segue-me'. E ele, levantando-se, o seguiu*". Ora, quem escreve de si próprio não emprega o pronome na terceira pessoa.

A primeira incoerência, como já temos repetido tantas vezes, é de não serem esses quatro livros os únicos que se escreveram a respeito do assunto; eram, segundo uns, cerca de 50; conforme outros, de 30.

A segunda é terem sido todos esses livros escritos 150 anos após a ressurreição por adeptos que se guiavam em uma tradição oral, viciada pelo decorrer do tempo.

A terceira é terem esses quatro livros sido escolhidos pela forma por que já dissemos, depois de manuseados quatro ou cinco vezes, até chegarem a ser expurgados de tudo quanto pudesse ir de encontro à facção vencedora, antijudaica, pelo menos de um modo por demais patente. Daí as interrupções dos discursos, os saltos etc.

Comecemos nossa catação:

Mateus, Marcos e Lucas dizem que Jesus pregou sua doutrina somente por um ano, e João diz que ele levou **três** anos a pregá-la. Ora, a diferença é assaz notável para admitirmos falta de memória.

A respeito da lenda da Virgem Maria, há contradição entre Mateus e Lucas: Mateus diz que José habitava Belém, e só por acaso é que foi a Nazaré, na

sua volta do Egito. E Lucas diz que José habitava Nazaré e para lá voltou depois de ter ido ao templo fazer a apresentação do menino.

Mateus, que desconhece a visita dos pastores, diz que os Magos chegaram logo após o nascimento de Jesus, e em seguida à partida de José para o deserto eles se retiraram, Lucas, que desconhece a história dos Magos, diz que os pastores chegaram **logo após** o nascimento de Jesus, e diz que José esperou 40 dias em Belém antes de apresentar seu filho ao templo, de onde ele se retirou logo, não para o Egito, mas para Nazaré, onde ele permaneceu.

Apesar das torceduras que a Igreja quis dar a esses trechos, nunca ela conseguirá conciliar a partida imediata de José, de Belém para o Egito, em Mateus, e a permanência em Belém durante 40 dias, depois do que, ele vai, não para o Egito, mas para Nazaré.

Em Mateus, José tem por pai Jacó, com 28 gerações desde Davi. Em Lucas é Heli, o pai, com 40 gerações desde Davi. Nas duas genealogias unicamente dois nomes é que conferem: Zorobabel e Salatiel, o restante é uma balbúrdia.

A questão da legalidade paterna de Jesus azedou-se no terceiro século, quando Júlio Africano entendeu solucionar o caso do **pai legal**, em Lucas, e do pai legítimo, em Mateus; mas, depois de procurar estabelecer uma sentença final, ele teve de abandonar sua lógica por duas vezes. A Igreja de hoje vacila e joga com pau de dois bicos; mas o simples fato dos apóstolos se darem ao trabalho de procurar uma genealogia para Jesus prova, exuberantemente, que eles acreditavam na verdadeira paternidade de José e nem cogitavam de sua filiação carnal com Deus, pai, e ainda menos na intervenção do Espírito Santo, completamente desconhecido naquela época, pelos judeus.

Vejamos mais algumas, extraídas do conciso estudo de Alber J. Edmunds, *I Vangeli di Budda e di Cristo*, traduzido do inglês para o italiano pelo professor M. Anesaki, da 4ª edição de Filadélfia em 1908, cuja propriedade literária é do editor Sr. Remo Sandron. Faremos um confronto entre os Evangelhos e os livros sacros da Índia, produzindo assim dois fins: um de tornar conhecido o belo e profundo estudo daquele escritor, mestre em sânscrito e línguas orientais, e outro o de permitir ao leitor poder mais facilmente tirar suas conclusões.

Assim:

Marcos I, 39 — diz que Jesus ensinou em toda a Galiléia e Lucas IV, 40 diz que ele ensinou na Judéia.

Lucas XVIII, 35: Jesus curou um cego e Mateus XX, 29, diz que foram dois.

Marcos diz que muitos foram curados, o que significa dizer que nem todos o foram; mas Mateus diz que ele curou toda doença e enfermidade.

Lucas XXIII, 26 — Mateus XXVII, 32 — Marcos XV, 21 concordam que foi Simão, o Cirineu, quem levou a cruz ao Calvário e não Jesus que a deixou cair logo; mas João XIX, 17 diz que foi Jesus quem a levou ao ombro, sem nada mais explicar.

João diz que Jesus morreu no dia 14 de Nisan; Lucas, Mateus e Marcos dizem que foi no dia 16.

D. F Strauss[190] nota que Jesus, pelos Evangelhos, se contradiz a cada passo: por exemplo, quando ele começou a reunir os apóstolos, proibiu-lhes que se dirigissem aos pagãos e samaritanos, e, mais tarde, nas suas viagens a Jerusalém, pela sua parábola do bom samaritano e pela cura de dez leprosos, ele apresentou aos discípulos os membros desse povo estrangeiro como modelo. Depois da

[190] L'ancienne et la nouvelle Foi.

parábola do real festim das bodas, predisse a reprovação dos judeus endurecidos, substituindo-os pelos pagãos; e, finalmente, depois da sua ressurreição, ordenava ainda aos apóstolos de anunciar o evangelho a todos os povos sem exceção.

Mateus XVIII, 15 "... *repreender seu irmão sem testemunha*". Paulo, Tim. 1, 5 a 20, ... manda repreender perante todos.

Mateus XXVII, 44 e Marcos XV, 32 dizem que os dois ladrões crucificados ao lado de Jesus o insultaram. Lucas XXVIII, 39,42 diz que foi **um** só que o insultou. João nada diz a respeito, o fato não tinha a importância que teve depois para Lucas, que, aliás, lá não esteve. Sobre a frase do outro ladrão, o Catolicismo bordou um poema.

Marcos V, 2 — Lucas VII, 27 dizem que surgiu um homem endemoniado. Mateus VIII, 38 diz que foram dois.

João XVI, 30... que Jesus sabe tudo. Marcos XIII, 30, 31 ... ninguém sabe quando há de ser, nem os anjos, nem o **Filho**, mas só o pai.

João V, 31... "*se eu dou testemunho de mim mesmo, não é verdadeiro meu testemunho*". João VIII, 14... "*ainda que eu mesmo sou o que dou testemunho de mim, meu testemunho é verdadeiro*!"

Mateus e Paulo "... *Deus prepara as tentações*". Tiago... "*Deus não tenta ninguém*".

Paulo (Rom.) ... as autoridades são todas de Deus.

Pedro XIII, 1... as autoridades são todas dos homens.

Lucas I, 70 — Zacarias profetizou dizendo: "*Como falou pela boca de seus santos profetas desde o princípio do mundo*". Atos III, 21, Pedro arroga a si esta frase.

Lucas I diz que relata o curso dos acontecimentos, e, pouco depois (1, 65), diz que colheu tudo da tradição na montanha da Judéia.

Marcos XVI, 7, diz que Jesus apareceu na Galiléia; mas Lucas XXIX, 36 diz que foi em Jerusalém.

E a Igreja Romana tem a coragem de apregoar que os Evangelhos são de inspiração divina!

Já Santo Agostinho, considerado o mais douto e mais santo da Igreja, apesar de uma vida de libertinagem e de viver amancebado e com filhos, retratando-se a cada passo (Retratações) do que asseverava antes (confissões), disse, em sua 72º carta a São Jerônimo que, se em qualquer livro da Escritura sagrada se encontrasse **uma só** falsidade, **uma só** contradição, ficaria perdida toda a certeza do livro.

Então? Não basta este pequeno confronto?

No correr deste estudo haveremos de apontar mais algumas.

O que, porém, não pode admitir contestação é que a doutrina católica é diametralmente oposta à doutrina de Jesus.

Todas as palavras que Jesus pronunciou, todas as máximas e sentenças que proferiu, todas as parábolas com que ele respondia às perguntas sem responder ao pé da letra, já tinham sido escritas por aqueles reformadores, e ainda se encontram textualmente nos respectivos livros da Índia, da Pérsia, do Egito e da China.

Diz o padre jesuíta Wallace[191]: "*o católico não se tem compenetrado de que o **Sanatana — Dharma**[192], é o natural pedagogo que conduz ao Cristo*".

[191] De l'Évangile au catholicisme par la route des Indes.
[192] Livro Védico.

"*O Cristianismo é a religião que reinava nos tempos patriarcais e será a do fim*."

"*Res ipsa, quoe nunc religio Christiana nuncupatur erat apud antiquos, nec defuit ab initio generis humani, quousque Christus veniret in carnem unde vera religio quoe jam erat, coepit appellari Christiana*."

Quem poderíamos achar de mais autorizados para confirmar o que temos dito?

Todo nosso estudo é encerrado nessas sentenças que não se parecem com as do pároco da nossa freguesia.

Para comprovarmos o que acabamos de afirmar, destacaremos, de passagem, algumas frases e sentenças de Jesus que se encontram textualmente naqueles livros védicos.

Assim:

O budista e o lamaísta acreditam na reencarnação, pois o Grande Lama é o primeiro Buda que renasce e morre.

Jesus acreditava na reencarnação, tanto que disse que renasceria para cumprir a Lei e julgar os homens no juízo final. "*E, se eu for... voltarei*", disse João.

Quando uma vez, referindo-se a João, disse: "*Se eu quero que ele fique, que tendes vós com isso*". Mas João não ficou, morreu com 96 anos. Em outra ocasião, disse ele: "*Para obter o reino do céu, é mister nascer outra vez*". E ainda: "*Elias já esteve entre vós e não o conhecestes*". No Bhadaramyaka, lê-se: "*O brâmane, despojando-se de tudo que o tornou sábio, deve tornar-se criança*".

Jesus disse: "*Quem quiser obter o reino do céu, tem que se tornar criança*".

Buda: "*Eu sei que um reino me é destinado; mas eu não reclamo reino deste mundo*".

Jesus: "*Meu reino não é deste mundo*".

Buda, quando menino, foi encontrado debaixo de uma árvore ensinando anciãos e jovens discípulos.

Jesus foi igualmente encontrado, ainda criança, ensinando no templo.

Buda disse: "Que aqueles que têm ouvido para ouvirem, ouçam".

Jesus empregou a mesma frase.

Buda proibiu a seus discípulos de produzir milagre, mormente para impressionar o povo; o único milagre que lhes exigia era o seguinte: "*Escondei vossas boas ações e confessai publicamente vossas faltas*".

Jesus (Mateus VIII, 11, 12): "*Em verdade vos digo que não será dado sinal algum a essa geração*".

Buda: "*Não deveis manifestar o poder psíquico, nem operar milagres, mormente ante leigos. Quem o fizer, será culpado*".

Jesus relutava sempre em dar sinais e pedia aos que curavam que nada dissessem.

Confúcio* quando desanimava ante o indiferentismo do povo, como tantas vezes sucedeu a Jesus, consolava-se dizendo: "*O céu me conhece*".

Jesus exclamava igualmente: "*O Pai me conhece*".

Buda tinha um discípulo chamado Ananda, tão estimado por Buda, como o foi João por Cristo.

* N. do E.: Sugerimos a leitura de *Aforismos de Confúcio*, de Confúcio, Madras Editora.

Ananda, após um longo passeio pelo campo, encontrou Mâhangî, mulher de humilde classe dos kandatas; ela está junto a uma fonte e ele pede-lhe um pouco de água. Ela diz-lhe quem é e que se não deve aproximar dela. Mas ele responde-lhe: "*Minha irmã, eu não indago da sua casta ou de sua família, eu te peço só um pouco de água*". Essa mulher tornou-se discípula de Buda. (Max Müller).

Jesus disse uma vez: "*Se teu olho direito te escandalizar, arranca-o e joga-o fora, longe de ti*" (Marcos IX, 45, 47).

Buda: "*Em um livro sacro da Índia, lê-se a parábola de um jovem padre, cujos olhos brilhantes e sedutores haviam exercido grande império sobre uma dama que ele vira, e que, por esta causa, resolveu arrancar seu olho direito e o foi mostrar à dama para lhe fazer ver quão feio ele era*" (Max Müller).

Buda: "*O que não quiserdes que vos façam, não o faça a outrem*".

Jesus: "*Faça aos outros aquilo que queres que te façam*". — "*Faz o bem a quem te faz mal*" já figurava numa antiga inscrição babilônia.

Jesus aconselhava a mesma coisa.

Cabe aqui um pequeno reparo a respeito do Sermão da Montanha. O de Lucas é abrupto, direto, rude, revolucionário; o de Mateus é mais atenuado, mais terno, mais harmonioso em seu desenvolvimento.

Por que essa diversidade de sentimentos?

Buda. Em **Savati**, na Índia, vivia um homem chamado Sangaravo, que era um **batista**, literalmente, homem da purificação com água, que acreditava que esta purificava o corpo e o espírito, mergulhando-se pela manhã ou à tarde. Buda foi visitá-lo.

Jesus fez a mesma coisa com João, o Batista.

Buda. No decálogo (123 —col. media 14) lê-se: "*Bendito sejas, Majestade, de ti nascerá um filho eminente*" (Majestade ou Déa eram sinônimos).

Lucas I, 28 — "*Bendita, tu, entre as mulheres*."

Buda, não foi virginal, mas milagroso seu nascimento, pois sua mãe Lalita Vistara se absteve da união por 32 meses, e dez meses depois concebeu, não podendo, pois, ser humana a gestação.

Jesus. A mesma analogia.

Buda. O **Leão da Tribo de Sakya**, segundo Thomaz, é o mesmo **Leão da Tribo de Judá**. Foi esse Thomaz quem transportou essa frase para o Egito e a aplicou a Jesus. Esse leão de Judá figura igualmente nos planisférios astrológicos.

O título de **Bom Médico** dado a Jesus não é cristão; mas, sim, budista e encontra-se no cânone budista (Suta Nipata, 36 — Tivutikaka), "*Médico incomparável*" é a frase.

Jesus. Um homem perguntou a Jesus: "*Bom Mestre, que é preciso fazer para ganhar a vida eterna*?". "*Guardai os Mandamentos que são: não matarás, não cometeras adultério, não furtarás, não caluniarás*", respondeu-lhe ele (Mateus XIX, 16, 18).

Buda. Um homem perguntou a Buda: "*Que é preciso fazer para obter a possessão de Bodhi? (o conhecimento da verdade eterna)*". "*Que precisa fazer para tornar-se Uposaka? Guardar os mandamentos que são: não matarás, não furtarás, não cometeras adultério, não mentiras*", respondeu-lhe o Mestre (Pittakalayar I, III — vers.).

Jesus foi tentado no deserto pelo diabo.

Buda foi igualmente tentado pelo maligno.

Zoroastro foi, também, tentado por Arimã.

Buda: "*Eu sou vossa segurança contra o retorno à terra*".

Jesus disse que iria preparar o lugar para os justos.

A narração de Lucas, da parábola do filho pródigo, é de origem indiana e não palestina (Vide Hermon Jacobs. Ed. Joseph Jacobs — Londres, 1889).

Jesus jejuou 40 dias no deserto e foi tentado.

Buda jejuou 28 dias no deserto e foi tentado.

Moisés jejuou 40 dias e foi tentado pelo povo que preferia o bezerro como ídolo.

Evangelho. Esta palavra é perfeitamente idêntica à indiana: a boa doutrina — a boa lei — a Boa Nova (Saddharma).

Jesus (Mateus I, 14, 16): "*O tempo está maduro, próximo é o reino de Deus, arrependei-vos e acreditai no Evangelho*".

Buda (Dharmagupta Vinaya-Nangid 1117): "*Para fundar um Império Espiritualista, eu vou a Benarés, lá farei tocar o tambor do imortal nas trevas do mundo*".

O primitivo evangelho de Mateus, mencionado por Papia (Euzébio H. E. III, 39), foi perdido; mas pelo evangelho budista de Itivutaka, que não foi perdido, e cuja Antigüidade não pode ser contestada, verifica-se a analogia das fórmulas cristãs com ele, o que denota uma adaptação feita pelos escritores evangelistas cristãos.

Por exemplo:

No Itivutaka, lê-se:

Buda: "*Isso foi dito pelo Senhor (Buda), o Santo, e ouvido por mim*".

No evangelho cristão:

Jesus: "*Isso é a expressão do quanto disse o Senhor (Jesus) e assim reza*".

"*Isso é a expressão do quanto disse o Senhor e foi por mim ouvido*."

Jesus (Marcos IV, 10, 11, 33, 34): "*A vós é dado o mistério do reino de Deus; mas, aos que estão de fora, todas essas coisas se dizem em parábolas*".

Buda (Diálogo 143 — C. T. 28): "*Ao pai da família nenhum discurso religioso é revelado; só é revelado aos eremitas*" (discípulos iniciados).

Jesus (Lucas VI, 27, 28): "*Amai vossos inimigos, fazei bem a quem vos odeia, abençoai quem vos amaldiçoa, rogai por quem vos despreza*".

Buda (Hino da Fé, 3,5 — C. T. Nanzio 1365): "*Enganaram-me, perseguiram-me, denunciaram-me, derrubaram-me. Quem se justifica agindo assim, não acalma a própria cólera, nem neste mundo será acalmada a ira com a ira; com a doçura se acalma tudo. Esta é a antiga doutrina: a cólera se vence com a doçura, o mal com a bondade, a vileza com a dádiva, o mentiroso com a Verdade*".

Jesus (Mateus V, 8): "*Bem-aventurados os limpos de coração porque eles verão Deus*".

Buda: "*Aquele que anda na solidão por quatro meses ao ano e pratica a meditação com piedade, verá Deus, com ele conversará e o consultará*".

Jesus (Mateus VI, 19, 26) — (Lucas XII, 21, 23): "*Não acumular ouro na terra, que o ladrão rouba; acumular tesouros para o céu*".

Buda: "*Praticar a Justiça é o Tesouro que ninguém pode dividir, nem roubar e que não passa*".

Jesus (Mateus VII — Lucas XI): "*O exterior é caiado, mas o interior é podridão*".

Buda: "*Andas bem penteado, vestes boa pele de cabra. O exterior é limpo, mas o interior é a rapacidade*".

Jesus (Marcos VI, 7, 13) ... "*que fossem sem sandálias, sem bastão, sem pão, sem saco, sem dinheiro nem duplo vestuário*."

Buda aconselhou a mesma coisa a seus discípulos.

Jesus — (Lucas XI)... "*designou o Senhor 70 filiados e os mandou dois a dois pregar a boa nova*."

Moisés fez o mesmo com 70 iniciados. Este número tem relação com as 70 nações conhecidas pela geografia judaica e com outras alegorias indianas, como veremos no "*Adendos*".

Buda (Disciplina 1, 10, 11). Mandou que 61 dos seus discípulos andassem dois a dois, por estradas diferentes, proclamar a religião perfeita e pura. A cópia do número 70 é de Lucas, porque nenhum dos apóstolos refere-se a tal coisa.

Zoroastro: "*Quando Deus organizou a matéria do Universo, ele enviou sua Vontade, seu Verbo, sob a forma de Luz brilhante, acompanhado por 70 anjos*".

João diz que: "*O verbo se fez carne, o Verbo era a Luz dos Homens*".

Jesus (Marcos I, 35): "*Jesus se retirou para o deserto*".

(**Marcos VI, 46,48**) "... *pela quarta hora da noite*."

(**Marcos XIV, 37,38**) "... *não podeis vigiar por uma hora*?"

Buda. Foi para o deserto. Vigiou durante a primeira hora, depois durante a hora média e de novo durante a última hora.

Jesus (Atos X, 10, 11): "*Ele teve fome, desejou comer, mas caiu em êxtase*".

Buda: "*Quem pratica o êxtase é para ouvir o som divino, isto é, para obter o Nirvana*".

O êxtase de Atos é acidental, o de Buda é constante.

Jesus (Lucas VI, 20 — IX, 58) — (Mateus VIII, 30) Aconselham a pobreza.

Buda (Hino 91,421) Aconselha a mesma coisa.

Jesus (João II, 14, 24, 26): "*A fé separada da obra é letra morta*".

Buda: "*Rigorosa conduta e rigorosa Fé; sem uma a outra nada vale*".

Jesus (Paulo — Gálatas, III, 28 — Marcos III, 34, 35 — João XV, 14, 15) — dizem, por paráfrase: "*Seja judeu, grego, escravo ou liberto, todos são um em Jesus Cristo*".

Buda (Enumeração V, 5): "*Seja o Gange, o Jaina, o Rapti, o Gogre, o Mahi, quando deságuam no grande oceano, perdem seu nome e se consideram como o portentoso mar. O mesmo se dá com o Nobre, o Bramine, o Mercador ou o Escravo, quando abandonam a vida domestica pelo ascetismo, renunciando ao próprio nome e à estirpe, para abraçarem a doutrina de Buda*".

Jesus (Mateus XXV, 44, 45): "*Quem bem fizer a um doente, a mim o faz*".

Buda: "*Quem assistir um enfermo, assiste a mim*".

Jesus (João VI, 60): "*Duro é este discurso, quem o pode ouvir? E muitos discípulos se afastaram*".

Buda (após um discurso): "*Duro é o Senhor, muito duro é o Senhor. E seus discípulos se afastaram*".

Jesus (Lucas XIX, 37, 38) Toda a descrição acerca da entrada triunfal em Jerusalém acompanha paralelamente a descrição Pali da entrada de Buda.

Jesus (João VII): "*Quem crer em mim, fará sair fogo da água viva*".

Buda: "*O milagre de Tathagato (termo equivalente a Cristo) consiste em fazer sair fogo da parte superior do corpo e água da parte inferior e vice-versa*".

Jesus (Mateus XVII, 20, 21): "... *se tivésseis fé como um grão de mostarda, direis a este monte: passa daqui para acolá*".

Buda (C. N. VI, 4): "*Com a fé se move o Himalaia*".

Jesus (Mateus VIII, 16 — Marcos I, 34 — João XV, 20) *Falam a respeito da fé que cura*.

Buda (CCXLVI, 14) Discorre acerca do mesmo assunto.

Jesus (João XVI): "*Mas tende bom ânimo, eu venci o mundo*".

Buda (CCXXII): "*Nasci no mundo, cresci no mundo e tendo vindo ao mundo, aí morro imaculado*".

Jesus (João VIII, 12): "*Eu sou a Luz do Mundo*".

Buda (Livro do Grande Morto): "*Depressa o Senhor entrará no Nirvana. Depressa a Luz do Mundo se extinguira*".

Zoroastro já havia dito que Deus mandara seu Verbo, a Luz do Mundo.

Jesus (João VI, 46 — VII, 29): "*Não que alguém visse o Pai, senão aquele que é do Pai; este tem visto o Pai. Eu conheço-o porque dele sou e ele me enviou*".

Buda: "*Conheço tanto Deus como seu reino; quanto a via que para lá conduz, eu a conheço por ter entrado no reino do céu*".

Jesus (João XII, 34): "*Ouvimos dizer na Lei que o Cristo volta para sempre*".

Buda: "*O **Tathagato** (equivalente a Cristo) pode ficar na terra para sempre*".

Jesus (Mateus XXVII, 51): "... *e tremeu a terra e fenderam-se as pedras*" (na morte de Jesus).

Buda: "*Quando o Senhor entregou sua Vida ao Nirvana, houve um grande terremoto, terrível e fulminante*".

Jesus (João XIV, 6): "*Quem me vê, vê meu Pai*".

Buda: "*Aquele que vê a doutrina, me vê*".

Jesus (João XI, 26): "*Quem vive e crê em mim, não morrerá*".

Buda: "*Quem crer em mim está certo de ter a salvação final*".

Jesus (Marcos IX, 2, 8): *"... e seus vestidos tornaram-se resplandecentes, muito brancos, como a neve. E ouviu-se uma voz que dizia: Este é meu filho amado, a ele ouvi*".

Buda (dial. 16. C. I. 2): "*Quando eu pus sobre a pessoa do Senhor (Buda) as vestes de pano e ouro, toda sua pele foi iluminada e era Incomparável, e Santo Anando disse: '*A ele ouvi' ".

O Pratikarya-sutra conta que Buda mostrava-se à multidão com essa aparência luminosa. O mesmo contam de Moisés sempre que saía do santuário.

Jesus (Marcos XIII, 31): "... *o céu e a terra passarão; mas minha palavra não passará*".

Buda: "*Sete sóis passarão, uns após outros, numa imensidade de tempo incomensurável, e minha doutrina existirá*".

Jesus (Mateus XIX, 28): "*Quando o filho do homem sentar-se no trono da sua glória, também vos assentareis para julgardes as 12 tribos de Israel*". (O que prova que Jesus vinha salvar e julgar este povo e não a humanidade inteira.)

Buda: "*Quando tudo for consumado, me vereis cheio de esplendores (Isso foi dito aos seus discípulos)*".

Jesus (Lucas VII, 16, 19 — Mateus II) (referindo-se a João Batista quando este mandou dois discípulos indagar de Jesus): "*Serás tu que esperamos ou devemos esperar outro*?" (Jesus respondeu): "*Dizei-lhe que os cegos vêem etc.*".

Buda (dial. 3, C. T. 20) "*Pokkarasadi (análogo a João Batista) mandou seu discípulo Ambattho indagar de Buda se ele era de fato o santo que todos esperavam. (A resposta deste foi): 'Aquilo que vos digo não ouvi de ninguém, nem de filósofo, nem de Brahma, mas daquele que eu conheço, vi e compreendo*.' "

Ascensão — Atos I, 9: "*E havendo dito estas coisas, foi elevado às alturas e uma nuvem o ocultou*".

Buda — Enunciação VII, 6 — São Dalbo disse a Buda: "*Estou no ponto de entrar no Nirvana. Então São Dalbo saudou o Senhor e, colocando-se à sua direita, elevou-se ao céu e manteve-se nesta atitude de meditação, no éter, no empíreo, e, meditando acerca da natureza da chama, passou-se para o Nirvana*".

Essa passagem tem muita coincidência com a frase de Lucas XXIV, 26.

Jesus — Lucas XVIII, 8: "*Quando vier o Filho do Homem, porventura achará Fé na terra*?"

Buda — Coll. Num. V, 79. CTNC 468 — Ch. p. NC. 123,470 e 766. "*A disciplina e a doutrina se corromperão ao cabo de 500 anos*".

Jesus — João VIII, 12: "*Eu sou a luz do mundo*".

João IX, 5, 6: "*Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo*".

Buda — Livro da Grande Morte — Tradução S B E, volume XI, p. 119, 122, 127. "*Depressa o Senhor entrará no Nirvana*". "*Depressa a luz do mundo se apagará*."

Coll. Classif. LVI, 38. (Resumindo) "*Quando um Buda surge, findam as trevas, é a luz do mundo que aparece*."

Mais analogias

A realeza divina ou sacerdotal é que constituía o que chamavam Homem-Deus.

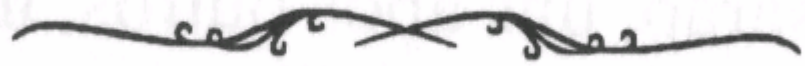
A ceia do Cristo é uma comemoração do Êxodo dos israelitas, como a última ceia de Buda perpetua uma prática igualmente antiga.

Jesus — Pilatos: "*Serás tu um Rei*?"

"*Tu o dizes, eu sou rei. Nasci, vim ao mundo para testemunhar a verdade*."

Buda — Coll. dei Sutta e Coll. Med. Dial. 92:

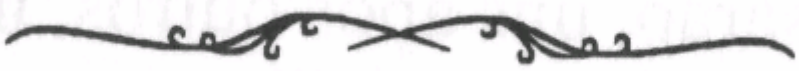
"*Eu sou um rei. Um incomparável rei da religião, etc. — Sou médico incomparável. Divino, além de tudo. Destruidor do demônio etc.*".



In illo tempore dixit Jesus é a frase latina dos evangelhos, para significar que assim falava Jesus naqueles tempos.

No *Itivutaka*, lê-se constantemente:

"*Isso foi dito pelo Senhor (Buda) e ouvido por mim (Ananda)*". "*Isso é exatamente o significado do que disse o Senhor e foi ouvido por mim*."



Jesus. Se Jesus pregava o reino do céu, não se compreende que ele falasse ao povo por parábolas, as quais, depois, eram explicadas aos discípulos, que, aliás, nem assim chegavam a compreendê-las (Marcos IV, 10, 11,33,34).

Buda — Coll. Med. Dial. 143, C T 28.

"*Ao pai de família nenhum discurso religioso é revelado, mas sim ao eremita (pabbajîta)*".

Elias foi arrebatado aos céus, tal qual sucedeu a São Balbo, na Índia, pelo próprio Buda.

O episódio dos peixes é puramente budístico, com a diferença que, no texto indiano, está escrito cinco mil peixes, ao passo que Marcos e Mateus diminuíram para quatro mil e, além disso, se contradizem.

A lenda do Lázaro dos evangelistas é a mesma dos vedas, cuja descrição levaria longe.

O milagre das bodas de Cana ó uma paródia das três jarras cheias de água que Baco, na Índia, transformara em vinho.

A primitiva tradição do evangelho de Cristo começa com a pregação de João, o Batista (Atos I, 22).

Marcos e João não se relerem à infância de Jesus. Há, porém, um evangelho da infância de Jesus recusado pelos Concílios.

Os "*Atos*" e as Epístolas não contêm alusão alguma à virgindade de Maria e ao nascimento de Jesus.

Marcos, não se referindo ao nascimento virginal de Jesus, deixa, portanto, de o reconhecer, tanto assim que, em I, 10, ele relata que o Espírito Santo entrou em Jesus, no ato do batismo, do qual se segue que sua filiação divina só foi reconhecida por Deus dessa ocasião por diante. Assim, dizem:

Marcos I, 9,11: "*Tu és meu filho dileto, em ti me comprazo*".

Lucas III, 22: "*Tu és meu filho dileto, em ti me tenho comprazido*", segundo uns tradutores, e, segundo outros: *"Em ti hoje me comprazo*", de acordo

com o que dizia Justino Martyr: "*Tu és meu filho dileto, hoje te hei adotado*", como também se acha escrito em Atos XIII, 33: "*Meu filho és tu, hoje te gerei*".

Buda disse que sua doutrina duraria ainda 500 anos, até a vinda de outro Buda. É exatamente o intervalo que separa a morte do último Buda ao nascimento de Jesus.

A esse respeito diz Saint-Yves: "*Os ciclos de mil anos são cromáticos e se harmonizam em períodos similares de oitavas, de 500 anos. Sua harmonia ou triplicidade se efetua por três milênios espaçados em períodos de 600 anos*[193]".

Foi assim que, de Pitágoras a Herócles, se estendeu um milênio e o Paganismo mediterrâneo viveu, arrastando na sua morte, depois de as ter aniquilado, a maior parte das divisões étnicas do antigo império patriarcal, ele mesmo em decadência um milênio antes de Pitágoras.

Este milênio se divide em dois períodos de 500 anos. De Pitágoras a Júlio César, 500 anos. A apoteose de Nimrod (o militarismo) é renovada. Todo o antigo Paganismo oriental é completamente refletido e agravado no Ocidente. Foi então que o **Verbo** adorado pelos patriarcas se encarnou e ressurgiu n'Ele, acima de toda a humanidade, toda sua tradição, toda sua Revelação passada ou futura.

Cinco séculos depois, continuando sua obra do alto do trono do Invisível, ele arrancou a apoteose aos Césares, rendendo a Deus o que pertence a Deus: o Princípio, a Lei, a Razão ensinante e a Razão social da Humanidade.

Desde então, a testa dos Césares é curvada por Ele, sob a potência espiritual dos apóstolos, representados pela ressurreição de um patriarca Universal e de outros tantos patriarcas quanto igrejas étnicas.

[193] O Arqueômetro, *Apêndice I.*

Foi então que apareceu Herócles. Cinco séculos depois dele, todas as raças étnicas, aniquiladas pela Roma paga, são ressuscitadas sob a bênção dos patriarcas de Jesus Cristo, e sua vivificação se encaminha para a realização da sua civilização, do seu Estado Social, da sua promessa do Reinado de Deus sobre a terra como no Céu.

Todas as nações revivem com o sopro evangélico, França à frente.

Cinco séculos depois, o Antiverbo, o grande Adversário, faz surgir o Espírito pagão do seu Inferno: é a Renascença — humanista paga.

Cinco séculos ainda e a Unidade da Europa está a tal ponto destruída, que todo este continente está doravante à mercê da Ásia e da América.

E em outra página, como corolário, lê-se: Depois das maiores catástrofes, de guerras, sangue e luto, a Europa pode espetar no Cabo Finisterra uma bandeira com o seguinte letreiro: "*Continente a Vender*". Terrível profecia realizada.

Muito mais citações poderíamos apresentar aqui; mas parece-nos que bastam estas para satisfazer a curiosidade do leitor e provar, suficientemente, que os Evangelhos são um repositório de adaptações, de simbolismos, de incoerências e de contradições, que lhe tiram o sabor da originalidade e ainda menos o de Inspiração divina, como quer o Catolicismo.

Milagres

Quase todos os chamados milagres realizados por Jesus já tinham sido executados por outros reformadores ou magos, como pelo próprio Simão (o mago), que Jesus conheceu, bem como por Apolônio de Tyana, também contemporâneo de Jesus, além de Moisés, de Rama, de Krishna, de Buda e inúmeros outros taumaturgos, pois, prestando-se atenção aos evangelhos, verifica-se que a maioria

de seus milagres cingia-se a curas de moléstias nervosas, curas essas conhecidas dos essênios.

São Justino (Dial. com Tryphon, nº 7, p. 105) diz que: "*os falsos profetas e os falsos apóstolos faziam os mesmos milagres que os verdadeiros, não havendo diferença entre eles, senão que uns agem em nome do diabo e outros em nome de Deus pai e do seu filho, o Cristo*".

Ora, isso significa que ao diabo é dado o mesmo poder que a Deus, o que torna difícil a distinção, uma vez que o fim é um só: fazer o Bem.

Nas antiqüíssimas esculturas da Índia existem representações de "*Rama*" caminhando sobre as águas[194], assim como a multiplicação de alimentos, realizada também por Moisés, durante os 40 anos no deserto, fazendo cair diariamente maná e codornizes, tal qual fez Jesus, multiplicando pães e peixes em uma certa ocasião, como Buda já o havia feito, conforme vimos acima.

Jesus teria ressuscitado Lázaro, Pedro também ressuscitou uma jovem (Atos IX, 40), e, segundo Filostrato, Apolônio de Tiana igualmente teria ressuscitado uma jovem.

Antes de Jesus, Elias ressuscitou o filho da viúva de Sarepta; Eliseu o filho da mulher de Sunam; Asclepíades, Empédocles e, posteriormente, Jesus, Paulo e São Remo teriam ressuscitado mortos, o que, como se vê, deixa de ser monopólio de Jesus.

Jesus curava os enfermos, como Vespasiano, e muitos outros, impondo as mãos, conforme praticavam os antigos Magos e os essênios.

[194] Révue — *Les Arts* — nº 57 — setembro, 1906.

Moisés fazia surgir água dos rochedos[195] e Jesus transformava a água em vinho, como fez Baco.

Moisés passou o Mar Vermelho a pé enxuto, segundo diz a Bíblia[196], e Jesus andou sobre as águas, como Rama outrora e o próprio Pedro também andou um pedaço.

Moisés jejuou 40 dias, como Jesus também o fez e faziam centenas de anacoretas, e ainda se verifica na sociedade moderna entre presos recalcitrantes.

O corpo de Moisés não apareceu; dizem ter sido arrebatado aos céus, e o mesmo se dera com o de Jesus, por invenção muito posterior do Catolicismo. O próprio Elias, também, já havia sido arrebatado ao céu em um carro de fogo e o profeta Habacuc, na Babilônia, foi transportado aos ares pelos cabelos. Os sectários de Khawvaf, o reformador do Zoroastrismo, dizem que, perseguido, ele se elevou ao céu em um cavalo amarelo, prometendo voltar para vingar-se (J. Vinson).

Se fôssemos colher essa lendas em todos os livros da Antigüidade e em todas as religiões que surgiram na face da Terra, um livro seria pouco para relatá-las.

Ora, naqueles tempos em que não existia imprensa, bastava que um mago possuidor de uma parcela das ciências templárias produzisse um fato aparentemente inexplicável, para que este fenômeno, este **milagre**, se propalasse, se formasse no espírito público, como modernamente sucede com curas produzidas

[195] A vara que Moisés usava era um galho de aveleira, que tem a propriedade de voltar com força uma das pontas para o lado em que houver água. Foi assim que ela indicou haver o precioso líquido naquela passagem e uma vez encontrada a fonte fácil foi captá-la. Daí a fantasia de Moisés bater com a vara em uma pedra seca e fazer dela brotar uma cachoeira — ao mesmo em mágicas teatrais. — Vide Recherches par leurs influences, de HENRI MAGER — 1914. — Há fonteiros europeus que se encarregam por este meio de descobrir novas fontes.

[196] Esse passo está hoje explicado em livros especiais e relaciona-se com a maré baixa do mar Vermelho, que Moisés não desconhecia.

por certos indivíduos, e passasse de gerações a gerações, cada vez mais acrescidos de um ponto, cada vez mais floreados pela imaginação do contista.

As leis naturais não eram mais conhecidas pelo povo nessa época, com o desaparecimento das academias templárias; logo o supernatural não se podia distinguir do natural. Não havia, pois, milagre, mas sinal, porquanto milagre supõe-se ser o avesso de uma lei natural.

Ora, com as testemunhas de um **milagre** (ou sinal), **sendo**, em regra, constituídas de ignorantes, crédulos e supersticiosos, ou tendo mesmo interesse em afirmá-lo, este se realizava tão facilmente quanto o prodígio ou o sinal. Daí a superioridade do milagre sobre o sinal. Pregresso de credulidade essencialmente católico; pois o israelitismo não admite o milagre como crença.

A cura, portanto, de uma doença era a prova mais convincente que se poderia dar de uma doutrina. Quem poderia replicar sobre a cura de um aleijado, de um paralítico ou de um possesso?

Nessa época, a arte de curar não era nem arte nem ciência; era um mistério.

O acaso é que operava.

E, quando aquele que curasse o fizesse em nome de uma divindade qualquer, ou pela virtude de tal pessoa, o curado se apressava em honrar tal nome ou tal pessoa, e de proclamar que esse era o sinal de Deus. Depois, o acontecimento se passava de boca em boca, chegava ao estado legendário, transformava-se em milagre e, por fim, acabava por constituir a crença.

Tendo sido sempre a casta sacerdotal a depositária das tradições, compunha bálsamos, linimentos e receitas, ao acaso, e os aplicava, indistintamente,

sem base científica, interditando qualquer concorrência leiga, pois dizia ela possuir a missão de libertar a alma dos falecimentos e o corpo de suas enfermidades.

É verdade que nem sempre ela curava; mas isso pouca importância tinha; os insucessos eram atribuídos à enormidade dos pecados do paciente e não à ignorância do médico; era uma punição do céu e não a intensidade da doença; que era, enfim, a culpa do doente e não do médico.

Daí a justificação do dom de curar que possuíam os apóstolos, segundo Paulo (I Cor. XII, 7 e Tiago V, 15), dom que só durou até a separação da Igreja e da Medicina (da Ciência), dom que se tornou completamente leigo, depois de Ambroise Pare, em 1584.

O bispo Synesius disse que nada é mais acreditável do que o incrível e que eram precisos milagres, fosse como fosse, para manter a fé do povo.

Disse alguém: "*Se a alma não fosse regida por uma lei inteligente, preexistente, o mundo seria um caos sem as leis matemáticas que o regem, porque nem o Universo sideral poderia existir, como não existiria*".

Milagres, também, com caráter de sobrenatural e não dos menores e muito superiores aos de Jesus, foram os efetuados por Moisés perante o Faraó nas oito tentativas que fez para convencê-lo deixar sair seu povo; eram repetidos imediatamente pelos magos do mesmo monarca, ora transformando a vara em cobra[197], as águas do rio em sangue, o surgimento de legiões de rãs, a transformação do pó da terra em piolhos, as casas invadidas por enxames de moscas, o pó produzindo chagas e úlceras no homem, chuva de saraiva, nuvens de

[197] Hoje está sabido que a transformação de uma cobra em vara e vice-versa reside na propriedade que possui uma espécie de ofídio do Egito em tornar-se rígida uma vez que se lhe cospe na boca. Esta serpente é a víbora Hajé. Basta depois constrangê-la a fechar a boca e carregar a mão sobre a cabeça. Para acordá-la se rola a mesma fortemente entre as mãos — (Champolion — Figeac).

gafanhotos etc. etc., pondo de parte o esquisito duelo entre taumaturgos, ordenado por Jeová, para vencer um rebelde às suas deliberações.

Plínio (Hist. Nat., t. XXX, cap. I) e Ben Ouziel dão, mesmo, dois nomes dos magos do Egito que operaram à porfia com Moisés, perante o faraó.

Vespasiano operava cura em cegos e paralíticos. Arnufis (mago egípcio) invocava os demônios e fazia chover à vontade.

O primitivo Cristianismo não destruiu essa prática. Orígenes afirma a importância de certas palavras egípcias para operar sobre certos demônios, assim como palavras persas para agir sobre outra classe de gênios indomáveis.

O deus Baco, introduzido na mitologia grega, muitíssimo antes de Cristo, fez os mesmos milagres que Jesus: curava as moléstias e predizia o futuro. Desde sua infância foi ameaçado de morte, tal qual Jesus por Herodes. Ele encheu três vasos com vinho, como fez Jesus. Esse Deus, na legenda grega, era chamado **Deus — Filho de Deus**, e isto, é bom repetir, acha-se escrito muitíssimo antes de Jesus existir.

Hoje que a ciência progride, desde a queda do Poder Temporal e da extinção do Santo Ofício da Inquisição, hoje, que a Humanidade foi dotada dos meios de registrar os acontecimentos de outra extremidade da Terra, não mais se podem admitir milagres, apesar das repetidas tentativas do clero católico; não mais se acredita na ressurreição de mortos, vítimas de ataques catalépticos; não mais se pode explorar desabusadamente a credulidade com hóstias ensangüentadas, sabido que há bactérias que segregam um líquido colorido, por isso chamado — micróbio milagroso — e que se reproduz sobre a batata, o pão, a hóstia etc.; não mais se atribui a milagre um homem curar outro pela imposição das mãos ou por meio da palavra; não mais se aceitam estigmas em santos ou profanos, como sendo marcas

divinas; tudo tem sua explicação científica e daí a impossibilidade de qualquer fenômeno, ou suposto tal, passar à posteridade como **milagre** realizado, apesar dos incessantes esforços do clero, auxiliado por certos jornais venais que falseiam sua missão, tal qual a de esclarecer o povo.

O maravilhoso nada mais é do que o impenetrado; um milagre nada mais é do que um fenômeno inexplicado[198].

Segundo Berthelot, o grande sábio francês, "*a Ciência desempenha um papel capital na educação intelectual e moral da humanidade. Pelo conhecimento das leis da física, a ciência, desde dois séculos, renovou a concepção do Universo e derrubou, para sempre, as noções do Milagre e do sobrenatural*."

Washburn escreveu: "*Para lançar um milagre, basta um mentiroso que o invente e um imbecil que nele creia*".

A fábrica de milagres faliu por ter o Catolicismo abusado dos materiais de primeira ordem de que dispunha nos claustros e entre a massa ignara e crédula, fabricando o artigo, tão mal imitado, e em tal demasia, a ponto de perder seu valor na consciência geral.

É verdade que, de vez em quando, a Igreja Católica tenta fazer funcionar essa fábrica, apregoando, pela imprensa, fatos para impressionar a imaginação do povo ignorante e deles tirar partido, já obtendo **esmolas** para edificar-se ali um templo, sob uma invocação qualquer oportuna, mas nunca uma escola, já mantendo escravizada essa massa fanatizada; mas a ciência de quem o Vaticano é irreconciliável inimiga não tarda a desmascarar o embuste, paralisando o movimento ascendente de tão perniciosa propaganda. É o que sucedeu com a célebre Manoelina, Santa de Coqueiros; o próprio clero católico ilustrado e sincero,

[198] Cel Biottot— *Les grands Inspires devant la Science*.

destacando-se Monsenhor João Pio, reprova e condena semelhante exploração de certa imprensa carioca (*Diário da Noite* — 18-V-1931). E o que ia sucedendo novamente em janeiro de 1932 com a apresentação de um padre milagreiro, na estação da Piedade, pelo mesmo vespertino *A Noite*; esse padre, felizmente, foi proibido de continuar na sua exploração. Tal notícia chegou a indignar a imprensa européia, da qual basta citar o jornal *A Fraternidade* de Lamego (Portugal). Este jornal corava de vergonha por nós.

As nações deviam repetir a sentença do monarca francês:

"De par le Roy

Defense à Dieu

Defaire miracle

En ce lieu".

Toda a questão para o Catolicismo reside no dinheiro, como já dizia Victor Hugo: "*Vende-se a Virgem a retalho, dois vinténs com milagre, um só sem milagre*".

Adão e Eva

Como todas as religiões têm um Princípio em que se assentam seus dogmas, seu ritual e sua liturgia, procuraremos agora estudar as premissas do Catolicismo. Se forem falsas, logicamente as conclusões serão falsas.

Como já sabemos que o Cristianismo é uma continuação aperfeiçoada do Mosaísmo, é claro que os evangelhos aceitem a Gênese como a fonte da Revelação divina, como a palavra de Deus, e os demais livros do **Pentateuco**, como escritos pelos profetas e pelos continuadores de Moisés, se bem que os tradutores e

Concílios tenham podado os ganhos que os incomodavam e feitos enxertos heterogêneos.

Assim é que partiram da criação de um casal humano, de uma serpente verbosa e de uma desobediência, cujas conseqüências infelicitaram o mundo.

Essa lenda do casal junto à Arvore da Ciência, cujo fruto lhe daria a inteligência, foi tirada por Moisés dos livros babilônios, cuja página ali encontrada ultimamente reproduzimos abaixo.

Ali se vê o casal sentado, a árvore com sete galhos representando a ciência, os frutos pendentes e a prolixa serpente.

Para não nos alongarmos copiando *in extenso* os versículos da Gênese, empregaremos simplesmente as frases que exprimem a essência dos mesmos, deixando que o leitor inteligente, como temos certeza de ser o que nos lê, lhes tire as conclusões:

Assim, se exprime a Gênese:

I, 26 - "... *façamos o homem à nossa imagem*..."

I, 27 - "... *e criou Deus o homem; macho e fêmea os criou*..."

I, 28 - "... *crescei e multiplicai-vos*..." Ora, essa criação foi feita no sexto dia.

O homem e a mulher já existiam, portanto, aptos a multiplicar-se e a lavrar a terra (provavelmente com as unhas, pois Deus não lhes deu nenhuma ferramenta).

II, 5 — Entretanto, no sétimo dia, ainda "*não havia nem planta, nem erva do campo, nem homem para* ***lavrar a terra***".

A contradição já está patente.

II, 7 — Por isso que, não havendo no sétimo dia **ninguém para lavrar a terra**, formou Deus o homem do pó da terra e deu-lhe vida e o chamou Adão.

II, 18 — "... *mas Deus entendeu que não era bom estar o* ***homem*** *só*..."

II, 21 — "... *por isso o adormeceu, lhe arrancou uma costela*..."

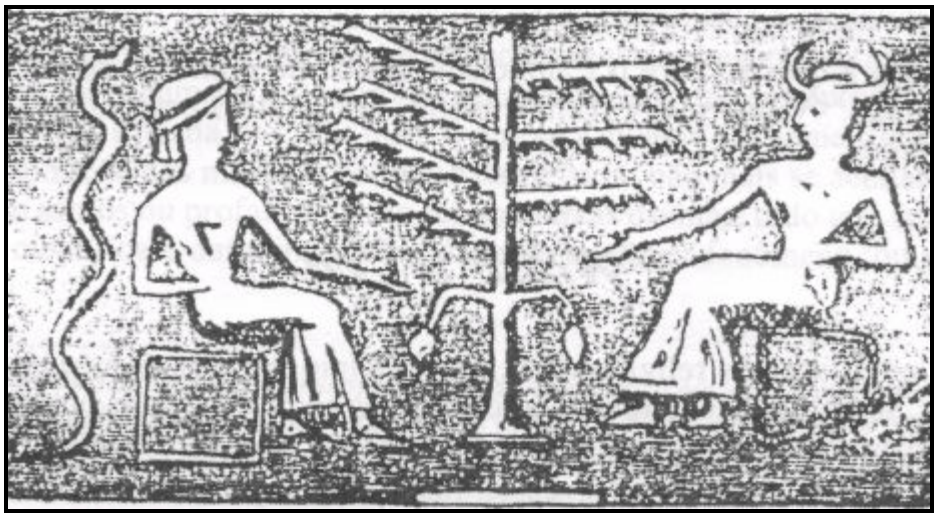


Figura 7

II, 22 — "... *e formou com ela uma mulher*".

Não é mister ser teólogo, sábio ou perspicaz para descobrir nessas simples linhas a embrulhada dessa narração ontológica.

Idêntica contradição se verifica na questão da vegetação.

I, 29 — "... *deu ao homem toda erva que dá semente e toda árvore que dá fruto, para seu mantimento, isso no sexto dia*."

Mas, no sétimo dia...

II, 5 — "... *ainda não havia plantas, as quais não tinham nascido por falta de chuvas*." Portanto, Deus não havia dado nem erva nem árvore.

Por felicidade, atualmente, o Vaticano, apesar de irreconciliável com a ciência e com a civilização moderna, já aceitou a tese de serem esses dias, não

tomados como compostos de 24 horas, mas imensos períodos geológicos e cosmogônicos.

Porque, pois, não suprime de seus catecismos essas anomalias cosmográficas, ensinando à infância o verdadeiro sentido cosmogonico de Moisés?

Vejamos, agora, a questão dos filhos de Adão e Eva:

IV, 1, 2 — "... *e concebeu Eva Caim e Abel*."

V, 1,2 — "... *diz que, no dia em que Deus criou o homem a sua semelhança, macho e fêmea, isto é, no sexto dia, os abençoou e chamou seu nome — Adão*." — Isso não está certo, porque o nome de **Adão** só foi dado por Deus no sétimo dia quando ele o criou do pó da terra; e nesse mesmo dia Adão chamou sua mulher de Eva, o que não concorda com o versículo citado, nem com o versículo seguinte (IV, 1,2,3) em que Eva concebeu Caim e Abel, o qual ao **cabo de dias** foi assassinado por Caim, com o versículo (V, 3) que diz que Adão, depois de **ter vivido** 130 anos, gerou seu terceiro filho Seth. Como pode ser isso, pois, se este filho só veio a ser concebido depois de uma infinidade de gerações partidas de Caim? (18, 19, 20, 21 e 22).

Igualmente confusa é a questão do assassinato de Abel e da fuga de Caim para o deserto.

IV, 8 — "... *e Caim matou Abel*."

16 — "... *e fugiu para a terra de Nod*." (?)

17 — "... *e ali casou-se e teve um filho*."

Ora, como explicar-se essa terra de Nod, com habitantes, pois se não existia mais ninguém na terra, a não ser Adão e Eva? Só depois é que estes tiveram Seth o qual gerou Enos... Como? Com quem?

Acresce dizer que Seth viveu **105 anos** quando gerou Enos e depois de ter gerado Enos viveu mais 807 anos, gerando filhos e filhas a granel, morrendo então de verdade com 912 anos!

E nessas condições de viverem, morrerem e tornarem a viver para morrerem de uma vez é escrito todo este capítulo V.

Mas quem possui a chave e o conhecimento da língua templária facilmente verifica, sem a menor dúvida, representarem todos esses personagens, templos ou academias, que forneciam iniciados e iniciadas, isto é, sacerdotes e sacerdotisas, terminando esses patriarcas, fechando a academia um belo dia, por qualquer circunstância.

Em Loango, os negros acreditam que Deus Mpungu criou o homem de barro, misturado com sangue animal.

Como essa crença tem certa analogia com a da Babilônia, transmitida a Moisés, houve missionários que quiseram fazer crer que essas tribos estiveram em contato com aquele povo. Esse esforço foi facilmente destruído pela Ciência, provando ser essa crença muito anterior aos sumerianos.

Ademais, tendo havido na terra quatro raças distintas, não se pode admitir que raças tão diferentes em cores tivessem surgido de um casal de uma só cor.

O Cristianismo, ou melhor, o Catolicismo, tem por base a questão da queda do homem, isto é, do pecado de **Adão e Eva** em comerem um fruto proibido. Daí a necessidade de um redentor e este foi Jesus, mandado à terra por aquele que criou o dito casal e plantou a célebre árvore.

Ora, isso é uma fábula inadmissível, no sentido que a interpretaram; pois não existindo infração não pode haver redenção, e, portanto, a suposta missão de Jesus ter vindo para redimir esse pecado cai logo por terra, porque ele não cessava

de repetir que vinha para salvar o povo de Israel, **filho primogênito de Deus**, e a mais ninguém.

Santo Agostinho em *Cidade de Deus* diz que a aventura de Adão e Eva e do paraíso terrestre não passa de ficção e alegoria!

Mas não nos alongaremos mais neste estudo que pode ser continuado pelos interessados; bastam essas observações, por nós feitas, muito superficialmente, para provar que as premissas do Catolicismo são falsas, quão falsa é a interpretação do primeiro sentido da Bíblia em que ele se baseia.

Bem diz o padre Moreux: "*O que ler a Bíblia como um livro comum, pode ficar certo de nada entender nem lhe tirar proveito. Os pais da Igreja já o notaram há muito tempo; a Escritura oferece três sentidos*".

Do mesmo modo pensa o padre Vigouroux — que a Gênese de Moisés é uma Cosmogonia, isto é, a descrição astrológica do céu e dos fenômenos meteorológicos que ali se operam por efeito da sua movimentação. Vamos extrair da obra de Dupuis a **Projeção dos símbolos astronômicos que servem de base à fábula do paraíso terrestre e da Serpente de Eva**.

Pelo planisfério da Figura 20, o leitor acompanhará com facilidade a formação da fábula hebraica sobre a qual assenta todo o edifício cristão.

O céu está ali dividido em duas partes, correspondentes aos impérios de Orzmud, o deus do bem e da luz, e de Arimã, o deus do mal e das trevas, tal como o Zenda-Avesta os apresenta. O Cordeiro (Áries) está colocado na porta de Orzmud (à esquerda) e a Balança que também é a Serpente está na porta de Arimã (à direita).

A felicidade do homem dura nos seis primeiros signos, começando no sétimo sua infelicidade que dura outros seis. Sob os seis primeiros, do bem e da luz, vemos as seguintes constelações do zodíaco: *cordeiro, touro, gêmeos, câncer, leão*

e virgem, que correspondem, pela ordem, à primavera, ao zefir, à verdura, à seiva e à flor, ao calor, ao estio, ao bom tempo, à colheita, à vindima.

Sob os outros seis signos, do mal e das trevas, temos a balança (ou serpente), o escorpião, o Sagitário, o capricórnio, o aquário e os peixes que, respectivamente, correspondem ao despojamento da natureza, ao frio, à neve, à bruma, às chuvas e aos ventos impetuosos.

Essas séries de seis correspondem, nas cosmogonias antigas, aos seis mil tempos, ou seis mil anos em que o homem vive feliz contrastando com os outros seis mil de Arimã, até que ele torne a ingressar no reino de Orzmud ou **paraíso**, pelo qual penetra pela porta do Cordeiro (Áries) e no qual corre o rio Gyon, como se vê no Apocalipse de João. Nessa porta está postado um querubim armado com uma espada flamejante para impedir a entrada e defender o Cordeiro.

É esse anjo que proíbe a entrada do primeiro casal delinqüente.

Sobre o Cordeiro vê-se a figura do Sol, que Platão chamava de Filho do Ser Supremo e de que o Cristo tomou a forma. Foi nessa data que os adoradores do Sol fixaram sua maior festa, tal qual fizeram os cristãos com a celebração da páscoa, na mesma data, e os judeus a da passagem do império do mal ao do bem e à terra prometida.

Vê-se ali entre as constelações o famoso dragão do pólo que guardava as maçãs das Hespérides e que as esferas representavam enrascado a uma árvore, como a **serpente de Eva**, conhecida ainda hoje dos persas e vista nas esferas árabes.

Todas essas constelações fixam o termo do bem, como as dos hebreus fixam, no sétimo dia, o repouso de Deus e depois a queda do homem seduzido pela mulher e pela famosa serpente.

Depois disso, o homem decaído foi condenado pelo Deus de Moisés a trabalhar a terra, cujo fato corresponde astrologicamente ao aparecimento das plêiades, se bem que no sexto dia, quando Deus criara o homem (Gênese I, 27), ele já havia reconhecido a falta deste para lavrar a terra (Gênese II, 5) e criou (outra vez) o célebre Adão, predestinado à desobediência e à condenação de lavrar a terra. Vê-se ali também a estrela Syrius, também chamada Seth, na Gênese.

Ora, por essa história do Cordeiro e da Serpente, astronômica, o leitor inteligente tem a chave do enigma de uma cosmogonia com uma serpente que introduz o mal no mundo e um Cordeiro que vem redimir esse mal na época exatamente dos frutos ou das maçãs. Essa constelação do Cordeiro, na sua marca astronômica, repele de si as trevas e os rigores do inverno trazidos pela Serpente.

Pecado Original

Um dos principais fundamentos do Catolicismo, senão o principal, que daí adveio, é a criação do original **Pecado Original**, que bem se pode considerar como sendo seu o próprio **pecado original**!

Foi, segundo essa Igreja, da desobediência do infeliz casal, de que acabamos de nos ocupar, em ter comido uma fruta proibida, que o Criador, indignadíssimo, o amaldiçoou e lhe infligiu, por toda a eternidade, e aos seus pobres descendentes, uma série de pragas, cujo terrível crime, só a Igreja Católica, Apostólica e Romana tem o exclusivo monopólio de redimir.

Entretanto, esse dogma do **Pecado Original** não se encontra nem no Velho nem no Novo Testamento. E obra dos Pais da Igreja, que levaram 400 anos em fabricá-lo, transformando uma Serpente em Satanás.

Senão, vejamos o que diz a Gênese, a respeito:

Quando Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden para cultivá-lo e guardá-lo, ele lhe disse: "*poderás comer o fruto de todas as árvores do jardim; mas, quanto à árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás, pois, se o fizeres, morrerás certamente*".

Ora, a serpente era a mais astuta de todos os animais selvagens que Deus havia feito, e disse à mulher: "*Deus te proibiu de comer de toda árvore do Jardim*?" A mulher respondeu à serpente: "*podemos comer o fruto das árvores do jardim; mas, quanto ao fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: 'não comerás e nem lhe tocareis para não morrerdes*"'. Então, a serpente disse à mulher: "*Não morrereis, é certo; mas Deus sabe que desde que comeres dela vossos olhos se abrirão e sereis semelhantes a ele, sabendo o bem e o mal*". Então, a mulher, vendo que a árvore era boa para a nutrição, agradável à vista e desejável, porquanto devia dar a inteligência, tomou do fruto, o comeu e o deu também a seu marido, que estava perto e este o comeu.

Nesse momento seus olhos se abriram, e eles reconheceram que estavam nus. Eles coseram folhas de figueira e fizeram túnicas. E tendo ouvido o ruído dos passos de Deus, que passava no jardim, tomando fresco à tarde, ambos se esconderam por entre as árvores. Mas Deus chamou o homem e lhe disse: "*Onde está tu, que não te vejo*?" Ele respondeu: "*Quando ouvi o ruído dos teus passos no jardim, tive medo, porque estou nu e me escondi*". E Deus disse: "*Quem te ensinou que estavas nu? Terás comido da árvore que eu te havia proibido de tocar*?" E o homem respondeu: "*A mulher que me destes por companheira me deu o fruto da árvore e o comi*". Então, Deus disse à mulher: "*Por que fizeste isso*?" E a mulher respondeu: "*A serpente me seduziu e comi*". Nisso, Deus disse à Serpente: "*pois já que tu fizestes isso, sejas maldita entre todos os animais domésticos e todos*

os animais selvagens; tu rastejarás sobre teu ventre, e comerás pó durante tua vida. E eu porei a inimizade entre ti e a mulher e entre tua raça e a sua; esta te perseguirá na cabeça e tu a perseguirás no calcanhar". A mulher ele disse: "*Multiplicarei as penas de teu parto e com dores parirás. Apesar disso, teus desejos se dirigirão a teu marido e ele será teu senhor*". E ao homem ele disse: "*Pois que ouvistes a voz da tua mulher, e que comestes da árvore que te havia proibido, maldito seja o solo por tua causa; é com trabalho que tirarás dele teu sustento, durante tua vida. A terra te dará espinhos, e quando comeres a erva dos campos é com o suor do teu rosto que te nutrirás, até que volvas a terra, pois dela é que saíste; tu és pó e em pó te tornarás*".

E o homem chamou sua mulher, Eva, pois ela é a mãe de todos os viventes. E Deus fabricou para ambos vestimentas de pele e os cobriu dizendo: "*Vede, o homem tornou-se nosso semelhante, pelo conhecimento do bem e do mal*". Com medo, então, que Adão não tocasse, também, na árvore da vida, e que depois de ter comido seu fruto, não vivesse indefinidamente, Deus o expulsou do jardim do Éden, para que ele cultivasse a terra, onde havia sido fabricado. E quando foi banido, por causa das dúvidas, Deus estabeleceu no Oriente do jardim do Éden os querubins armados de espadas flamejantes, para interceptarem o caminho da Árvore da Vida.

Desta lengalenga, lida no primeiro sentido, cheia de anomalias e contra-sensos, um espírito são não deixará de salientar as seguintes incongruências, para não empregar outro termo, produzidas por um Deus Criador, Onipotente e Misericordioso, que fabrica um homem de barro e uma mulher de uma costela, para **guardar** um jardim, não habitado por mais ninguém; planta uma árvore desconhecida da botânica; proíbe que se coma o fruto, proibição esta que ele sabe

será infringida; suscita uma cobra para vir enganá-los, cobra que anda verticalmente, na pontinha do rabo, para depois ser condenada a rastejar sobre o ventre, dá-lhe o **Verbo** para se exprimir, sem os órgãos necessários a tal fim; que tem medo que o homem soubesse tanto quanto ele; que anda passeando à tarde pelo jardim, tomando ar fresco; que assusta o casal com o ruído dos seus passos pesados; que não sabe onde ele se esconde, por isso o chama e o inquire a respeito; que lhe fabrica roupas de pele, sem dizer de que animal, e isso, depois do casal ter cosido folhas de figueira, com uma agulha de espinho e fio de cipó; que condena todas as fêmeas do reino animal, que não comeram do fruto, a sofrerem as dores do parto; que, decepcionado de ter o casal se tornado semelhante a ele, pelo conhecimento do bem e do mal, o expulsa do paraíso e manda dois policiais montarem guarda à porta do mesmo, para que eles não regressassem.

Essa história da Gênese foi uma adaptação feita por Moisés, como todas de seu livro, da lenda do *Zenda-Avesta*, quando os persas andaram pela Mesopotâmia, 2.300 anos antes daquele legislador, cujas doutrinas deixaram raízes aqui e ali. Eis essa lenda, segundo Marius Fontane[199], extraída do Bundedesh, na última parte do Avesta:

> "*Orzmud, o Deus bom, colocou na terra o primeiro homem e a primeira mulher Meshia e Meshiahé, destinados a morrer como todos os seres criados. Prometeu-lhes constante felicidade neste e no outro mundo, com a condição de o adorarem como sendo o Autor de todos os bens. Durante muito tempo o casal se conformou com isso, e suas palavras,*

[199] Histoire Universelle

pensamentos e ações eram puros, e executavam santamente a vontade de Orzmud quando se aproximavam um do outro. Mas, um dia, o Deus do Mal, Arimã, apareceu-lhes sob a pele de uma serpente, sua forma habitual, os enganou, pela habilidade de sua palavra, e fez-se adorar por ele, como sendo o princípio de tudo quanto era bom: desde então suas almas foram condenadas ao inferno até a Ressurreição. A vida tornou-se-lhes cheia de penas e sofrimentos; tiveram frio, fome e sede, e, aproveitando-se dos seus tormentos, um demônio veio, e lhes trouxe uma fruta, sobre a qual eles se atiraram sedentos. Foi a segunda fraqueza, em conseqüência da qual seus males dobraram. Sobre cem prazeres anteriores só lhes restou um. Caminhando, então, de tentação em tentação, de queda em queda, joguetes dos demônios e da miséria, só conseguindo prover a existência à força de invenção e de fadigas, eles esqueceram-se de se unirem durante 50 anos, e Meshia só concebeu após esse lapso de tempo".

Tais árvores, portanto, não passam de uma alegoria da Cosmogonia de Zoroastro, como se vê nos planisférios, representando o bem e o mal. Os seis meses que dominam o hemisfério superior representam o verão e a primavera, luz, vida e alegria, e são indicados por constelações (Figura 12) das quais faz parte a do **Cordeiro**, que simboliza o Cristo; ao passo que o hemisfério sul, outono e inverno, é precedido pela da **Serpente**, que representa a noite, a morte e a tristeza, e simboliza o Diabo.

A **Serpente** Python, a que se refere Moisés, é a constelação do pólo Norte, que desce com a da **Balança**, trazendo o frio e as noites longas. Daí a necessidade de Adão e Eva cobrirem-se com peles.

Da Stella que damos na Figura 7, verifica-se que os dois personagens estendem a mão para colher um fruto. Atrás da mulher se vê uma serpente erguida.

Outros teólogos, porém, mais audaciosos, consideraram esse famoso pecado original como a resultante de um ato meramente animal, atraídos pela mesma lei que rege a multiplicação dos seres vivos. Foi, pois, segundo o Catolicismo, do saboreamento deste **fruto proibido**, isto é, do ato da procriação que surgiu todo esse mal, tanto assim que Adão e Eva se envergonharam de estar nus e furtaram-se aos olhos do Criador, o qual, escandalizado, pela pouca vergonha, fabricou-lhes roupas de pele.

Ora, se a união carnal desse suposto par de anjos devesse fazer exceção à regra da procriação dos demais animais, incluindo o gorila, o chimpanzé e talvez o Ptecantropo, isso implicaria a idéia de que Deus tivesse fabricado este grão de pó, a toda pressa, para a exclusiva residência desse ingênuo casal, e isto, em uma inadmissível ignorância do que teria de acontecer.

Ademais, se por essa desobediência o Onipotente, além de várias penalidades, condenou Eva a sofrer as dores do parto, como se admitir que todas as fêmeas de animais, inclusive as daqueles macacos, concebam do mesmo modo, sem terem comido do célebre fruto?!

A maioria dos primeiros Pais da Igreja Católica era formalmente oposta a que o Ato da procriação constituísse o pecado original. Entre eles citam-se Santo Hilário (*in* Mateus L. XII e XXI, n°. 5), Santo Atanásio (Epístolas IV, ad Serapion 8-10), Santo Agostinho (Serm. Domini in monte. XXII, Retract, L. I, 9), São Crisóstomo

(Homil XLIV), Santo Ambrósio (L. c e et in Luc. S. X, 94), São Tomás de Aquino (Secunda Secundoe — Quest. CLIV art. 9), São Jerônimo (in Mateus XII e Epístolas CXLIV ad Marcellano), os quais chegaram a considerar essa doutrina como blasfematória.

Ora, se em Gênese 1,26,27, 28, Deus criou o homem e a mulher no sexto dia, abençoou-os, deu-lhes a terra para trabalhar (e não para gozo), e lhes disse: "*Crescei e multiplicai-vos*", claro é que, nessa determinação, eleja considerava o ato da procriação como imprescindível à multiplicação da espécie, não podendo, portanto, este ato constituir terrível crime, só expurgado milhares de anos depois, pelas águas batismais de uma futura Igreja Romana.

Antes de Santo Agostinho, a Igreja Cristã repudiava esse dogma.

Para ele, porém, a "*fé católica ensina que todos os homens nascem tão culpados que, mesmo as crianças, são, certamente, condenadas quando morrem sem ter sido regeneradas em Jesus*".

O tema causou tanto horror na própria Igreja que foi preciso que um Pedro Crisologo imaginasse um sanatório do inferno, a que chamou de **Limbos**, para onde as crianças inocentes, mortas meio minuto após o nascimento, iriam purificar-se, até poderem seguir viagem para o Paraíso.

São Clemente de Alexandria, Orígenes, Pelágio e outros sábios que tais condenaram essa monstruosa idéia, como ofensiva a Deus e à própria razão humana.

O papa Pelágio e seus discípulos diziam mesmo que, "*se todos os homens nascessem da cólera eterna daquele que lhes deu a vida; se antes de pensarem, eles já são culpados, é, pois, um crime hediondo permitir-lhes vir ao mundo; o casamento seria o mais horrendo delito, e, neste caso, o matrimônio não*

passaria de uma emanação do Mau Princípio dos Maniqueístas. Isso não mais seria adorar Deus; mas o diabo".

O interessante de tudo isso é que Pedro, o Chefe da Igreja, como querem, era de opinião que o dilúvio efetuou uma lavagem em regra nesse crime, e que a humanidade, sendo depois oriunda do santo homem, escolhido por Deus, o fervoroso Noé e sua família, não mais co-participava do pecado de Adão (*vide* Atos dos Apóstolos).

Mas a Igreja, como é seu hábito, teima em afastar-se sempre dos fundadores do Cristianismo.

A rotina, o conservadorismo e os interesses políticos de Roma têm mantido, até hoje, o tabu romano, rodeado de pajés, ornamentados desde a púrpura à batina preta.

Mas a cristandade, livre das cadeias medievais, vai, aos poucos, esclarecendo os embustes do seu culto, e dia virá em que o laboratório Papal, no qual se destilam os maiores venenos da humanidade, rotulados com os nomes de militarismo, política, diplomacia, feminismo, voará pelos ares, em conseqüência da explosão humana e dos seus escombros surgirá, então, o Templo da Verdade.

Foi em um Concilio de bispos da África que o tema do **pecado original** ficou resolvido, e foi São Cipriano, bispo de Cartago, discípulo de São Tertuliano, quem propalou, por isso, a necessidade do batismo.

Os partidários foram aumentando até o século IV, quando se deu a polêmica entre Santo Agostinho e Pelágio, cujos livros foram destruídos posteriormente pelo clero romano, como tantos outros, se bem que os Concílios de Diospoles e de Jerusalém, em 415, reconhecessem que Pelágio tinha razão.

O Concilio de Milano também foi a seu favor, mas os bispos da África, estimulados por São Agostinho, pediram ao papa Francisco II que condenasse os dois Concílios supra, bem como o próprio Pelágio. Inocêncio I interrogou Pelágio e recusou-se a condená-lo, bem como os Concílios, que o absolveram. Inocêncio I morreu logo após, e os bispos africanos voltaram à carga, junto ao papa Sózimo. Este interrogou Pelágio e confirmou a recusa de Inocêncio. Santo Agostinho estourou de raiva e o forçou para interrogar novamente Pelágio. Sózimo, fracalhão, com medo de um cisma, terminou condenando Pelágio e seus adeptos.

Foi daí em diante que o dogma do **pecado original** começou a tomar foros e a tornar-se, por assim dizer, o pedestal do Catolicismo.

Os primeiros cristãos, não podendo explicar um Deus, princípio do Bem, como criador do princípio do Mal, imaginaram que ele criou dois filhos: Jesus e o Diabo, sob forma simbólica de Cordeiro e de Serpente, e que foi por causa da Serpente que o Cordeiro veio sacrificar-se na terra, para redimir aquele pecado.

A idéia de pecado, de culpabilidade, de castigo, foi inventada para combater a ciência e a emancipação do homem; é o instrumento do Poder Sacerdotal, do qual vive; pois, se não houvesse pecador, o clero não teria razão de ser.

Camille Crevell, um dos 16 apologistas, colaboradores de *Christus* de Joseph Huby, na página 115, dá a tradução da prece que o padre da primitiva religião Nahuatl, do México, há milhares de anos, recitava perante os fiéis: "*Ele não pecou livremente, pois ele agiu sob a influência do astro que se prende ao seu nascimento*". É mais uma prova dos conhecimentos astrológicos de povos antiqüíssimos e do desconhecimento do pecado de Adão.

Ora, por essa Cosmogonia, o suposto pecado de Adão deixa de ser um fato histórico para ser uma alegoria, e sendo uma alegoria a redenção também o é, pois sem crime não pode haver redenção nem redentor.

É a luta de Osíris com Tiphon, Orzmud com Arimã, Cristo com o Diabo.

O Mal é uma privação do Bem e uma negação da verdade[200].

Na Gênese não se encontra que Deus tivesse condenado o pai Adão ao inferno, por ter saboreado uma maçã, pois Deus disse: "*Se comeres desse fruto, morrerás certamente*".

Ora, como tal se não deu, antes pelo contrário, tendo ele vivido 930 anos, isso faz crer, com muita razão, que Deus lhe perdoou a desobediência e, nessas condições, desaparece o pecado original, se é que desobedecer tão ingenuamente constituísse tão grave crime para recair sobre toda a sua posteridade.

Igualmente, nem no Pentateuco, nem nos Evangelhos, sejam eles canônicos ou apócrifos, nem nos Profetas, nem nos primeiros doutores do Cristianismo, se encontra uma só referência a essa invenção, partida no século VII, da cabeça do volúvel africano Santo Agostinho, debochado e penitente, maniqueísta e cristão, indulgente e perseguidor, que levou toda sua vida a se contradizer em suas obras *Confissões e Retratações*.

Os egípcios, no cap. 125 do seu *Livro dos Mortos*[*], já mencionavam uma respeitável lista de pecados, isto é, de infrações às leis morais e sociais.

O Catolicismo a copiou, adicionando-lhe o de Adão e Eva, e enriqueceu-a com mais alguns modernos, que os diabos humanos vão inventando com o progresso, para gáudio de suas finanças.

---

[200] Frederich Portal — *Les Couleurs symboliques*.

[*] N. do E.: *O Livro dos Mortos do Antigo Egito*, do Dr. Ramses Seleem, Madras Editora.

Quanto à infração das leis naturais ou das sociais, como gula, luxúria, inveja, calúnia etc., ninguém as infringe impunemente neste vale de lágrimas, sem que seja necessária a intervenção de padres, nesses delitos de lesa-natureza, pois, para corrigir esses pecados venais, há os médicos e os juízes.

As leis, propriamente ditas, que Moisés instituiu para governar um povo de seis milhões de almas, são copiadas das de Hammurabi, rei da Babilônia, que viveu cerca de 600 anos antes dele e 2.123 antes de Cristo e se relacionam com a Justiça, com a higiene, com o comércio, com a moral, com a sociologia, com a economia pública e particular etc., tais como as que regem todas as nações calcadas, aliás, sobre elas e que nada tinham que ver com o culto a Baal, a IEVE (Jeová) que foi regulado pelo Deuteronômio, pelo Levítico, pelos Salmos, pelo Eclesiastes. A aparente crueldade que se nota na Lei do **olho por olho, dente por dente** (Ex. XXI, 26, 27) é um princípio de jurisprudência para dirigir os juízes em suas decisões, mas essa dureza tinha por fim libertar a sociedade de então do iníquo regime do bel-prazer de cada um. Essa pena equivalia à pena de morte, que também existiu no Brasil, no reinado de Pedro II, sem que jamais este monarca houvesse confirmado uma só das inúmeras sentenças que eram apresentadas à sua sanção pelos seus Ministros, aos quais respondia, com um gesto de repulsa dos autos: "*Tem tempo, tem tempo*". Bem necessária mesmo seria para pôr um freio aos apavorantes homicídios que se sucedem, por **privações de sentido**, a menos que este país, constituído de uma maioria de católicos, só seja habitado por católicos loucos, criminosos irresponsáveis.

Nenhuma dessas leis Jesus ab-rogou; ele veio confirmá-las, aprová-las, ensiná-las aos seus discípulos e ordenando que todos fizessem o que manda

Moisés, o que ensinam seus doutores, mas não o que estes fazem, o que quer dizer que em todos os tempos houve hipócritas que dizem, mas não cumprem.

É exatamente o que se dá com o padre católico, a quem é permitido pecar, mentindo ou praticando atos contrários à moral, uma vez que faça **restrição mental**.

Não basta ao Catolicismo a verdadeira moral contida nos dez mandamentos, criou ele uma infindável nomenclatura de pecado com três categorias: capitais, mortais e venais, de que Jeová não cogitou no Monte Sinai, sendo, porém, forçado agora pelo padre a se guiar, no céu, por essa tabela, para a distribuição de sua justiça, pois o Vaticano dispõe a seu bel-prazer da clemência divina, submetida como está a sacramentos e formulários reprovados pelo próprio Jesus.

O famoso **pecado original**, portanto, como o entende a **Igreja Romana**, isto é, a desobediência de Adão em comer um fruto proibido, nunca existiu em nenhuma religião e nem Jesus jamais se referiu a isso, e se a Bíblia tem uma passagem que deu causa a essa interpretação, é em um sentido bem diferente do das traduções.

Batismo

Tendo a Igreja Católica, em organização, forjado um crime por umas palavras vagas da Gênese, como repercussão em todo o gênero humano, servindo de base a seu edifício, é claro que procurasse uma fórmula que fosse capaz de purificar aqueles que quisessem engrossar suas fileiras. Essa fórmula foi encontrada logo na passagem do batismo de Jesus.

Coube, pois, a São Cipriano a tarefa de criar o dogma do **batismo**, embora São Tertuliano (Monogamia) dissesse que as crianças não precisam dessa formalidade, por serem muito jovens e não saberem o que fazem. Até os adultos, disse ele, podem ser dispensados disso, unia vez que possuam a Fé.

Foi João, o Batista, filiado à ordem essênia, quem propagou na Palestina a prática de batizar, como um ritual da sua seita e, por analogia, com as abluções do Bramanismo, do Budismo e do próprio Mosaísmo. Quando ele convidou Jesus para que o batizasse, este lhe respondeu, a seu turno: "**Deixa por agora**" e não o batizou; o que prova que Jesus não dava importância a esse ato, tanto que nunca batizou ninguém nem instituiu essa prática em sua doutrina.

Ora, se o batismo católico tem a propriedade de apagar o pecado de Adão, o batismo de Jesus é um contra-senso, uma vez que a Igreja o apresenta como filho carnal de Deus e puro de mancha.

Ademais, sua própria mãe, os discípulos e filiados devem todos estar curtindo as penas do inferno, uma vez que não foram batizados.

As epístolas de Paulo não se referem a esse famoso pecado original. Foi sobre um versículo obscuro de "*Romanos e Coríntios*", que começaram, mais tarde, a bordar este tema, embora ele tenha dito que Jesus veio por **nossos pecados pessoais** e não por pecado original de Adão. Paulo diz, mesmo, que todas as crianças nascem puras.

Os Coríntios, contemporâneos de Paulo, chegaram a ponto de se fazerem batizar novamente em nome de um parente falecido, para que ele, também, se salvasse, tal a acanhada compreensão que atribuía virtudes celestiais a um ato meramente convencional.

Os primitivos cristãos não batizavam seus filhos ao nascer. Esperavam anos e anos para, quando o fizessem, pudesse esse rito apagar todos os pecados cometidos, sendo este ato adiado, às vezes, como sucedeu a Santo Agostinho[201], mesmo, até a hora da morte.

O que faziam era inscrever a criança entre os catecúmenos, fazendo-lhes na testa o sinal-da-cruz e pondo-lhes nos lábios uma pitada de sal.

Os anabatistas consideravam louca magia batizar as crianças.

Os donatistas, que se consideravam como os verdadeiros cristãos, por isso se guerreavam, rebatizavam seus adeptos.

O papa Pelágio declarou necessário no batismo a invocação da Trindade; mas o papa Nicolau I afirmava que só bastava ser em nome de Cristo.

Estêvão III permitiu que se batizasse com vinho, na falta de água.

Gregório decretou que o batizando, quer consentisse ou não, ficava sendo vassalo do Vaticano até a morte (*Et pour cause*).

O papa Teodósio chegou a decretar que "*seria decapitado quem não se batizasse*". À vista de tão santa maneira de converter pagãos, não é de admirar que todos corressem a levar a cabeça, não ao cutelo, mas ao benfazejo chuveiro! E Jesus não quis batizar João!

Não falaremos da seita dos batistas, dos quacres, dos ebionitas, dos Elkasai, porque isso nos levaria longe. Todas eram rigorosamente cristãs, mas não católicas.

Os antigos persas apresentavam o recém-nascido ao padre, perante o Sol, simbolizado pelo fogo. O padre pegava a criança e a colocava em uma bacia com água, a fim de lhe purificar a alma. Nessa ocasião o pai dava nome ao filho.

[201] LOUIS BERTRAND — *Saint-Augustin*.

Outra praxe paga é essa, copiada pelo Catolicismo, porque no batismo dado por João, este não aplicou nome algum a Jesus.

A cerimônia do batismo, no verdadeiro sentido de **banho expiatório**, já havia, também, na Índia, milhares de anos antes de existir a Europa, tendo daí passado para o Egito. Na Índia eram as águas do Gange, consideradas sagradas, como ainda hoje, que possuíam esta propriedade purificadora, apesar de ser o foco da cólera-morbo; do Gange passou-se para o Indus, igualmente sagrado, de onde se propagou ao Nilo, do mesmo modo sagrado, para, finalmente, terminar no Jordão, onde João as empregava com o mesmo fim e como simples formalidade do seu rito.

Na Grande Coll. Dial. 16 (S. P. no E. Kottara Chinês — *Livro da Grande Morte*, traduzido no S. B. E. vol. XI, p. 109) lê-se: "Subhaddo, ermita", disse a Santo Anando: "*Feliz amigo Anando, muito afortunado és tu que foste batizado na presença do Mestre*!"

O comentador Budhagoso, do século V, cita escritor mais antigo, quando disse que Anando espargia água sobre a cabeça de Subhaddo (SBEXI, p. 110).

Na Coll. class. VII 2,11, lê-se: "*Nesta ocasião havia um brâmane chamado Sangaravo, que vivia em Savathi e era um* ***batista*** *(literalmente: um homem que purifica com água) e acreditava na purificação por meio da água. Ele continuava com devoção a prática de mergulhar-se na água manhã e tarde. Ora, Santo Anando, tendo madrugado, entrou em Savathi. E havendo atravessado a cidade, voltou à procura do Senhor (Buda) a quem disse: 'Mestre, vive em Savathi um homem chamado Sangaravo, que é um batista e crê na purificação por meio da água; ele continua com devoção a prática de mergulhar-se na água pela manhã e à tarde. Bom Mestre, possa o Senhor, por compaixão, chegar à morada do brâmane Sangaravo*' ".

O Senhor consentiu pelo silêncio.

Visto que o Senhor madrugou, foi à residência do Brâmane Sangaravo. E o Brâmane, aproximando-se do Senhor, o saudou e lhe cedeu o leito.

Nesse ínterim, o Senhor disse: "*O Brâmane, é verdade que és um* ***batista*** *e crês na purificação por meio da água? Continuas por devoção a prática de mergulhares manhã e tarde*?"

"*Sim! Senhor Gotama*".

"*Que significado vês tu nisso, brâmane*?"

"*Grande bem, Gotama. O fato é que qualquer ação má que eu tenha cometido durante o dia eu a lavo com água à tarde e qualquer ação má que eu tenha cometido à noite eu a lavo pela manhã. Este é o significado que eu vejo, ó Gotama, em ser batista, e é por isso que eu creio na purificação por meio da água e assim continuo com devoção a prática de mergulhar na água manhã e tarde*".

Buda respondeu: "*A religião é um lago, ó brâmane! E a ética não é o batismo, límpido, estimado pelo maior dos sábios, no qual se deve fazer suas abluções*". Ao que o brâmane se converteu imediatamente.

E evidentíssimo, portanto, que essa prática higiênica nunca constituiu ritual algum com privilégio de apagar pecado original ou originalíssimo nem João a empregava com esse fim.

Mas, por que e para que se deixou Jesus batizar, pois, se ele era, como dizem os evangelhos, isento do suposto **pecado original** de Adão, pela sua condição virginal?

É que, com este ato, Jesus proclamava fazer parte da doutrina do profeta João Batista, que era a de Rama, por isso passou a ser seu discípulo, vindo, porém,

a romper mais tarde com ele por causa de certas praxes e costumes que Jesus não podia adotar.

Em Lucas verifica-se que João, o Batista, era de origem sacerdotal.

João Batista e os essênios professavam a mesma doutrina, afastando-se dos centros e internando-se nos desertos; Jesus ao contrário fugia do deserto procurando os centros populosos para melhor espalhar a semente do Reinado da Paz.

O batismo, nos seus primitivos tempos cristãos, só era dado aos adultos por espontânea aceitação do credo, como ainda hoje se pratica entre os batistas, os menonistas, como um diploma de membro da seita e não com a finalidade de apagar ou remir pecado algum. Esse batismo era aplicado de graça, ao passo que a Igreja Romana o cobra por bom preço.

Há mesmo casos interessantes em que o cura após proceder ao batismo de uma criança em agonia, levada aos braços do pai, pobre operário sem recursos, lhe exigiu o pagamento do ato, sob pena de ser a criança desbatizada, o que causou indignação entre os fiéis assistentes.

Como este fato está generalizado, deixamos por isso de citar o nome do padre-capitão, a localidade suburbana e a Matriz.

Ora, se, como dizem os teólogos católicos, o batismo é um sacramento que tem a propriedade de extirpar o **pecado original** de Adão e Eva, não deixa de ser irrisório e até revoltante a cerimônia do batismo de navios de guerra, monumentos, armas mortíferas etc., com seus respectivos padrinhos e madrinhas, como estúpido é o ato de certo padre interventor, batizando seu filho espúrio, com o nome do maior reacionário do século XX — Lenin!

A incoerência é tal que assistimos constantemente boquiabertos a cerimônias de batismo e benzimento de espadas, canhões, navios de guerra e quejandas armas mortíferas e tudo em nome daquele que veio, exatamente, para destruir a violência, mandando que se desse a César o que era de César, e a Deus o que era de Deus, isto é, ao governo a obediência das suas leis políticas e a Deus a obediência das suas leis de amor (Figura 23).

Um dos mais eminentes estadistas ingleses, Lloyde George, fez em 1929[202] a seguinte declaração à imprensa londrina:

> *"Nunca acreditamos na influência política e social das igrejas para o bem, posto que elas pudessem exercê-la, se seus diretores e inspiradores soubessem e pudessem se amoldar à presente época. A cada dia torna-se mais evidente que os diferentes cultos são apenas supervivências materializadas das idéias e anelo espirituais, sem força própria".*
>
> *"A última guerra, sobretudo, demonstrou que as igrejas cristãs são tão ineptas para o bem, como tão inábeis para o mal".*
>
> *"Sacerdotes de um mesmo credo, crentes em um Deus de Amor e de Bondade, não relutavam, de parte aparte, em benzer armas que deveriam tirar o sangue dos irmãos de outros países".*

[202] Gazeta de Notícias, 26 de fevereiro de 1929

"Desde os púlpitos das igrejas cristãs, na França, como na Alemanha, na Áustria, santificaram a matança e a destruição em nome do Cristo".

"Como é possível pensar que as igrejas cristãs possam servir ao ideal da paz?"

Mas há muitos cristãos, na rigorosa acepção moral e religiosa, que não são batizados. Há outros também que, apesar da aspersão na pia batismal, agem diferentemente da doutrina. Ao contrário, igualmente, um recém-nascido batizado é tão cristão como Nietzsche, Renan e outros.

Sendo essa formalidade aceita e praticada na família, ou por convicção própria, ou por simples atavismo, é claro, que ela procure alistar um recém-nascido inconsciente, como um futuro soldado nas fileiras romanas. O padre católico apodera-se da alma do pimpolho desde seu primeiro vagido até seu transporte ao túmulo, arrancando-lhe neste intervalo o mais que pode de seus bens, indo mesmo além, se lhe pagarem missas.

Mas, não raro é ver tais católicos batizados, crismados, comungados, como nós mesmos, libertarem-se na idade da razão, após sérios estudos, da escravidão espiritual que seus pais lhes expuseram logo que viram a luz. Daí o outro sacramento: a excomunhão!

E, se chegado a essa idade conseguirmos arrancar o véu que a educação e a autoridade paterna nos lançaram sobre os olhos desde a meninice, essa desvendagem nos deve servir para mais firmemente caminharmos iluminados pela Ciência e pelo raciocínio que as leis canônicas pretendem em vão ofuscar.

Quantos seminaristas, uma vez terminados seus estudos, não se apressam em sacudir o pó dos seus sapatos ao sair dali, onde foram internados ainda jovens, por obediência aos pais? Quantos dos que permanecem e se ordenam não se retiram por medo da luta pela vida fora daquele ambiente? Quantos, dos que tomaram ordens, têm atirado a batina às urtigas, após maduro estudo? São legiões que assim procedem, horrorizados e enojados da vida enclausurada que levaram e revoltados contra certos dogmas e sacramentos. Muitos escreveram obras a respeito. E quantos conservam a batina por simples conveniência?

Os católicos são indiferentes ao verdadeiro culto que tomam como uma festividade paga. O número de padres diminui de maneira assombrosa, sendo mesmo notável no Rio de Janeiro a falta de um padre para satisfazer os desejos de seus paroquianos, o que dá motivo a vergonhosas explorações entre os sacristãos. As vocações rareiam e as que aparecem são trabalhadas desde a meninice entre a classe pobre ou proletária, cujos pais, fanatizados, julgam desse modo ter encontrado um bom futuro para seu rebento e para si próprio, no caso de que ele galgue os postos até Cardeal e, quiçá, a Papa!

O próprio clero nacional desanima ante a injusta pretensão de aventureiros estrangeiros que aqui aportam aos milhares.

O fato, pois, de ser batizado não exonera o católico de excomunhão e das penas eternas do inferno, o que prova que semelhante título não tem valor algum para o possuidor, uma vez que ele não cumpra os regulamentos, embora continue a dar provas de uma vida exemplar.

Aí vai um fato oportuno que evidencia o espírito anticristão do Catolicismo: a imprensa de 16 de fevereiro de 1930 publicou o seguinte telegrama dr Roma: "***Efeitos da Concordata***. ***Um apóstata, excomungado***, *proibido pelo*

governo *italiano de usar o* ***hábito eclesiástico****. Roma, 26 (U. P.) — Teve agora pela primeira vez aplicação o artigo 29 da Concordata entre a Santa Sé e a Itália, relativo ao tratamento dispensado pelo Estado aos religiosos apóstatas. O padre Buonianti, excomungado em 1926, pelas suas idéias avançadas, vai ser obrigado pelas autoridades civis a não usar a indumentária eclesiástica, segundo a ordem da Congregação do Santo Ofício, a qual se recusou a obedecer*".

E foi o que ele ganhou com o batismo.

Em qualquer outro Credo não se usam esses atos tragicômicos.

Céu, Purgatório, Inferno

Mas a Igreja Romana não se limitou ao dogma do batismo, insuficiente para manter financeiramente os Palácios do Vaticano. Para isso, lançou mão da doutrina de Zoroastro, na qual há um céu e um inferno dirigidos cada um pelo Deus do Bem e pelo Deus do Mal — Orzmud e Arimã.

A Bíblia não se refere absolutamente a Deus do Bem e Deus do Mal e seu respectivo Inferno.

Se Marcos IX, 47, 48, põe este termo na boca de Jesus é porque esta expressão tinha outro significado bem diferente do que o Catolicismo lhe emprestou.

E, senão vejamos:

Em grego, a palavra **inferno** se traduz por *geena*. Este nome era aplicado ao vale de Enom, ao Sul de Jerusalém, onde se praticava toda sorte de idolatria e de imoralidades sem nome, por isso, mais tarde, as autoridades transformaram esse local em depósito de cadáveres humanos e de animais.

Para evitar o surto de sérias epidemias, que daí pudessem advir, resolveu-se atear fogo àqueles monturos de podridões, mantendo-se, para isso, constantemente, um fogo ardendo, como que eterno.

Quando Marcos IX, 48, faz Jesus dizer: "*onde seu bicho não morre e o fogo não se apaga*...", trata-se evidentemente dos vermes e do fogo mantido para essas cremações.

Não há nessas palavras, pronunciadas naquela época, espírito algum de localidade extraterrestre, mesmo porque Jesus não iria criar uma Lei metafísica que não existia na Lei mosaica, imutável como ele a considerava.

Para descrever o lugar de suplício, a Igreja Romana lançou mão do *Livro dos Mortos do Antigo Egito*, em cujo capítulo XVIII se lê: "*Zonas incandescentes, abismos de fogo, em que as águas de chamas são os carrascos dos condenados que habitam salas, cujo assoalho é água, cujo teto é fogo e cujas paredes são serpentes vivas, nos quais há grelhas e caldeiras para o suplício dos pecadores*".

Entretanto, a primitiva Igreja Cristã (ainda não católica) já tratava de herege todo aquele que acreditasse em tal, e por isso Santo Agostinho condenou os simonistas e os origenistas.

Se subsistisse um inferno com um só homem condenado, o sangue de Jesus teria corrido em vão e a Redenção seria uma ironia[203].

A religião de Orfeu, contemporâneo de Moisés, visava também à necessidade de redenção, mas sem deixar de oferecer ao mesmo tempo um ensino dogmático, bem definido, sobre a catártica e o acesso, a cosmologia e a escatologia, o destino da imortalidade numa migração da alma, na recompensa e no castigo

[203] PHIMOTEON – Não creio em Deus

além-túmulo. Ela desenvolveu muito essas concepções da outra vida e criou, propriamente dito, o inferno.

Encontram-se em Píndaro, Empédocles e Platão essas representações colhidas nas fontes órficas; elas floresceram muito nas comunidades pitagóricas, aparentadas com as do orfismo e mais tarde os cristãos também as admitiram. Pitagóricos e órficos foram, além disso, os precursores da religião cristã, pelas suas prescrições de ascetismo.

Particularmente Platão que, em país grego muito antes de Cristo, foi o que mais preparou o caminho do Cristianismo, sofreu fortemente a influência do orfismo, e aquelas de suas doutrinas que mais se irmanaram com o Cristianismo são ao mesmo tempo ligadas à dogmática órfica[204].

A concepção filosófica de um paraíso e de um inferno foi boa para uma época de ignorância e necessária para moralizar os povos eivados de um materialismo resultante do esquecimento das doutrinas patriarcais; mas, na nossa época de progresso científico, moral e social, não mais corresponde às necessidades da lógica e da razão.

Platão descreve um inferno para os culpados com várias modalidades nos sofrimentos infligidos aos condenados; um, a penas eternas, conforme a gravidade dos delitos (de onde o Catolicismo tirou cópia); outro, atenuado pelas suas virtudes (o purgatório católico), e outro, comutador quando o culpado conseguisse após várias tentativas obter, por meio de preces, o perdão daqueles a quem tivesse ofendido na terra (o que dá razão ao Espiritismo).

No Catolicismo, o ofendido é Deus. É, pois, necessário subjugá-lo por meio de preces, de cerimônias especiais, de promessas, de presentes, e, para isso,

[204] F. PFISTER – Prof. Fil. Cláss. Da Universidade de Wursburg.

o intermediário oficial legitimado é o padre, que de tal missão se encarrega, mediante uma taxa estabelecida. Eis o segredo da fonte de suas imensas riquezas.

O purgatório só foi inventado no fim do século XIII, e daí por diante surgiu a Inquisição para manter o poder do Papa. Essa invenção se impunha para salvar as finanças do Catolicismo e dar-lhe novo sangue; pois, segundo disse um bispo em um Concilio, indo umas almas para o céu, gozar felicidade eterna e outras eternamente condenadas para o inferno, claro é que missas e rezas eram improfícuas. Havendo, porém, um lugar intermediário onde elas pudessem estacionar, logicamente se poderia encaminhá-las para o céu com uma liturgia especial, que forçosamente custa dinheiro.

Contudo, já no século X, Santo Odillon, padre de Cluny, imitando certos frades, pôs-se a rezar pelos mortos, chegando a criar a fama de ter libertado do purgatório um número incalculável de almas, o que forçou o papa João XVI a instituir o **Dia de Finados**.

O padre Odillon fez fortuna (já se vê), e o clero continua tirando boa renda desse comércio.

A idéia de Purgatório, isto é, um lugar de provações passageiras, já era conhecida dos Bramas 3.100 anos antes de Cristo e se acha desenvolvida em seus livros. Neles, também se encontram a revolta dos anjos e a queda dos gênios. Esses anjos rebeldes, embora fabricados com perfeição pelo Criador no próprio Paraíso, cuja história Moisés transplantou na sua Gênese, foram condenados por Deus e por seu Filho a 1.000 anos de purgatório; mas, sendo Deus misericordioso, os perdoou e... os fez homens na terra.

Esta idéia foi defendida na Pérsia e no Egito e é daí que Platão tirou seu "*purgatório*", escrevendo *Phedon*.

Virgílio igualmente em sua Eneida VI, 740, descreve essas pobres almas, ora enforcadas no espaço, ora totalmente queimadas, ora afogadas, condições estas singularmente embaraçosas por não poderem as mesmas subirem depois ao Paraíso, como concordou o Papa Gregório, o Grande!

A primitiva Igreja Cristã condenava e chamava de herético todo aquele que admitisse o purgatório.

Zoroastro conta, no *Sader*, que, tendo tido uma visão, viu no inferno um rei sem um pé, e perguntando a **Orzmud**, por que, este lhe respondeu: "*Esse rei perverso, vendo uma vez um camelo um pouco afastado da sua selha, que ele não podia alcançar para comer, este rei empurrou-a com o pé, praticando assim uma boa ação. Guardei-lhe o pé no céu e precipitei o resto aí*".

Ao menos este Deus de Zoroastro é mais justo e conciliador do que o Deus Católico, que não leva em conta as boas ações cometidas, uma vez que esta alma não faça parte da Igreja Romana.

Além disso, Zoroastro não admitia a danação eterna, pois, no fim do mundo, "*todos os mortos terão de ressuscitar e o próprio inferno se aniquilará nas suas próprias chamas*".

O maometano não crê na eternidade das penas do inferno.

Ora, Jesus nunca disse que houvesse um lugar onde as almas iriam sofrer eternamente. Quem redigiu os evangelhos deturpou o sentido das palavras, fazendo igualmente, por exemplo, do termo Scheol (sepultura) **o inferno**, que vem da palavra latina *infernus*, lugar inferior, abaixo da terra.

Mateus VIII, 11 — XII, 42 etc., faz Jesus dizer que ora serão lançadas na fornalha de fogo e enxofre (cópia do Livro dos Mortos do Antigo Egito e de Platão) e

ora que serão lançadas nas trevas exteriores, o que não é a mesma coisa, mas sem determinar tempo.

Paulo, em sua Epístola a Timóteo, 11,4, diz: "*Pois isso é belo e agradável a Deus, nosso senhor Salvador,* ***que quer*** *que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade*", portanto, contra a eternidade das penas.

Nem os evangelhos nem os Atos dizem que Jesus desceu aos infernos, como se lê no "*Credo Católico*", no sentido de lugar de suplício dos condenados a penas eternas, pois, como vimos anteriormente, nem o termo hebraico **Scheol** significa tal coisa, mas simplesmente a fossa, o túmulo, o subterrâneo.

Segundo Saint-Yves, como o Tártaro era o inferno dos antigos, isto é, o Hades, e como Jesus andou no Agartha, é possível, ainda, que transmutassem a legenda. O Tártaro era tido como o inferno dos povos orientais, em decorrência das incursões dos terríveis bárbaros. Eram chamados filhos do Tártaro, filhos do inferno.

O que, porém, não podemos compreender c que, morrendo um ente qualquer, confessado, comungado, com extrema-unção, com missa de corpo presente, com preces e orações ao baixar a sepultura, se possa ainda dizer missas de sétimo dia, mensal e aniversário, para tal alma; porque, para ler valor aquele cerimonial, sancionado pelo representante de Deus na Terra, deve ter seguido direitinho para o Paraíso, com seu passaporte perfeitamente em regra, dispensando o resto, ou senão, permitam-nos a expressão empregada por Frederico Figner, em um dos seus artigos no Correio da Manhã: "*Foi tudo um conto do vigário*".

O mais curioso ainda é isto: É a anomalia de se dizerem missas aos Papas que morrem! E que missas! São apoteoses fúnebres!

Ora, se o Papa é infalível, *ipso facto*, é inatacável pelo pecado. Logo, sua alma, sendo puríssima, pois já o chamam em vida de **Santidade**, dispensa esta

formalidade, para garantir-lhe o lugar no céu; e, se sua alma não é isenta de manchas, por isso até precisa de um Confessor Jesuíta, deixa ainda necessariamente de ser **Infalível** e passa a ser um pobre... farsista, pois nem na sua liturgia tem ele confiança.

Além disso, sendo o Papa o representante, por procuração outorgada a si, por ele mesmo, já não mais do Cristo, mas do próprio Deus na terra, porque promoveram Jesus a Deus, e, portanto, Deus em pessoa, em carne e osso, a lógica se impõe de que este Deus-bis ou vice-Deus, não necessita de missas ou preces para encontrar a estrada que conduz à Corte Celeste, que deve estar ladeada por uma legião de anjos e santos de todas as categorias, à sua espera.

Dizer missa a Deus para recomendar o próprio Deus a si mesmo, é o maior absurdo, senão a maior heresia que a Igreja comete, e, talvez, faça rir à socapa algum sacerdote com a consciência liberta das algemas canônicas.

Valha-nos, ao menos, a declaração que um **Bhakla** lamaísta (sacerdote) fez à escritora A. D. Niel já citada:

> "*O Deus a quem adoro pode atirar minha alma no inferno, torturando-a, se tal for seu desejo, e eu me regozijarei dessas torturas, porque lhe são agradáveis*".

O verdadeiro inferno, o verdadeiro castigo para os que infringem a lei divina, condenada nos simplíssimos dez artigos, é a paralisação da evolução do seu espírito em órbita criminosa em que viveu e onde continua a viver sem corpo, ansiosa de luz e de progresso, ansiosa de reintegrar-se na essência divina da qual emanou, até que, auxiliada pelas preces de vivos puros, e por intermédio do Verbo

Jesus, Deus se compadeça dele e permita sua reencarnação neste ou em outro planeta mais adiantado.

Propagar a falsidade e a iniqüidade do Céu, do purgatório e do inferno do Catolicismo é, pois, obra de caridade à humanidade cega.

Ora, se houvesse um céu e um inferno, é lógico que esses domínios fossem regidos por uma entidade especial. Assim pensou Zoroastro, por isso deu o predomínio eterno do Céu a Orzmud, deus do Bem, e a direção eterna do Inferno a Arimã, deus do Mal.

Mas os tempos evoluem; o que Zoroastro não se lembrou de criar, fê-lo O Catolicismo, edificando a cidade do Purgatório. Como, porém, não era possível pôr ali um Deus com duas faces, uma do bem e outra do mal, para reger aquela nação, nem fria nem quente, lembraram-se os Concílios de investir o Papa na terra, com todos os poderes para rubricar os passaportes com destino ao Céu. E, como todos sabem, isso não se faz de graça.

Daí (quem sabe?) a razão das três coroas da tiara: uma como representante de Deus na terra, outra significando seu império no purgatório e outra representando a Soberania no mal, pelas perseguições que comete.

Quanto aos Limbos, os petizes que se divirtam por lá, enquanto não é chegada a hora do último banho purificador.

Como se vê, se bem que ninguém veja onde possam ser situados esses territórios, nada mais fácil ao Papa, infalível como é, do que decretar a existência dessas imensas nações, povoadas de trilhões e trilhões de entes desaparecidos da terra, embora isso faça sorrir o Criador, Onipotente e Misericordioso, que perdoa a todos os pobres micróbios terrestres delinqüentes, inclusive seu suposto representante.

O Diabo

Ora, uma vez que há inferno, é lógico que haja um Regente do domínio. Aí reside a chave da abóbada do templo católico.

Que seria do Catolicismo se não fosse a adaptação desse burlesco personagem, criado pelos persas, sobre a Mitologia em que é baseado o Mitraísmo de Zoroastro, Mitologia esta originada, a seu turno, da Astrologia ou Cosmogonia, e que Moisés, mais tarde, sintetizou na figura da Serpente, ali em evidência, mais ao alcance das pobres inteligências a quem ele se dirigia.

Essa Serpente figura em todos os planisférios astronômicos, de uma Antigüidade pré-histórica, a que já nos referimos e que descreveremos ainda, mais adiante, representando o inverno, as trevas, o sofrimento, o mal, etc.

Essa serpente, que era **o mais astuto de todos os animais**, como diz a Gênese, era a imagem simbólica do **alfabeto adâmico**, que já conhecemos, e que encerra, conseqüentemente, todas as ciências.

Essa serpente, Moisés, mesmo, a fabricou em bronze e a ergueu no deserto, para que todo aquele que a olhasse e a compreendesse ficasse curado intelectualmente.

Se não fosse a maquiavélica interpretação que o Catolicismo deu a essa figura zodiacal, é claro que semelhante entidade nunca se teria desenvolvido no Ocidente, produzindo o rosário de 1.001 maldades, cuja autoria ele arrumou no lombo desse **pobre diabo**, perpétuo tentador dessa miserável e indefesa humanidade.

Se não fossem as inúmeras contravenções às mais insignificantes leis da natureza, crismadas com o termo — pecado — e divididas em três categorias:

capitais, mortais e veniais, para que serviriam o templo católico, o confessionário, a missa, a comunhão, o batismo e o próprio sacerdote?

Sem dúvida deixariam de existir, porque onde não há mercadoria para vender impossível se torna o comércio.

Ao diabo, pois, é que o Catolicismo deve sua existência, porque o Cristianismo de Jesus, de Pedro, de Paulo, não cogita desse **Princípio Eterno do Inferno**, como a figura de um Deus do Mal. Por que, então, leva a Igreja a espantá-lo com água benta, erguendo a cruz na outra mão?

Se ela bem pensasse, veria que de nada disso ele tem medo, pois, segundo conta Lucas, IV, 5, ele levou Jesus a passeio, comodamente sentado sobre suas asas, por cima das cidades, a um ponto bem distante, no deserto, onde o tentou, tendo-lhe Jesus respondido a célebre frase: "*Vade retro Satã*!" A história não conta se essa viagem foi diurna ou noturna, o que, na primeira hipótese, deveria ter assombrado as populações, por falta de aeroplanos naquela época, nem como Jesus de lá voltou, o que deveria ser importante saber.

Marcos diz que essa ausência durou 40 dias, o que prova a grande distância.

Mateus e Lucas falam em três tentações pelo diabo em pessoa; mas de um modo diferente na ordem e nos detalhes, sem mesmo marcar o tempo.

Essa passagem da tentação de Jesus, no deserto, é, como já vimos, absolutamente idêntica à que sofreu Zoroastro, pelo Mau, como se lê no *Zenda-Avesta*[*], e como, igualmente, sucedeu a Buda, personagens estes, repetimos, que existiram muitos séculos antes de Jesus.

[*] *Zenda-Avesta*, atribuído Zoroastro, lançamento da Madras Editora.

Nos milenares livros chineses: *Lie-Tseu*, cap. II, e *Tchuang-Tseu*, cap. I, se lê que aquele teria sido visto, pelos seus contemporâneos, atravessando os ares. Onze séculos mais tarde, se verificou, igualmente, este fato, passado com o asceta tibetano **Milarespa**[205].

Inúmeros missionários, sem querermos citar Jacolliot, que foram à Índia estudar costumes, confirmaram o fenômeno da levitação.

O simbolismo, pois, dessa passagem, significa que tais reformadores foram peitados pelos Poderes constituídos para deixarem de prosseguir na propaganda de suas doutrinas antimilitaristas, que feriam os interesses do clero e da política.

Pelas escrituras se vê, mesmo, **Satã** confabulando com Deus, a respeito de Jó, a quem ele pretendia perverter, uma vez que Deus lhe entregasse o corpo à sua discrição, o que foi feito, como faria qualquer regulo despótico, mas não o Inefável.

Ademais, esta história de Satã, só descrita no Apocalipse XII, 7,9 e mais em parte alguma dos evangelhos, do mesmo modo que **o anjo rebelde** não é falado na Bíblia.

O **Adversário** que Zoroastro chama **Arimã** é o mesmo **Adversário** do Judaísmo — Satã.

Os judeus adotaram esse termo às suas crenças, três anos depois da morte de Zoroastro, quando eles foram levados em cativeiro para a Babilônia (568 a. C), onde vigorava sua religião e a ciência astronômica.

Esta conclusão, estudada por C. F. Potter, é comprovada pelo capítulo XXIV, do Livro II de Samuel, composto antes do exílio, e pelo capítulo XXI, do Livro I

[205] JACQUES BACOT – *Le poète thibetain Milarespa*.

das Crônicas, no qual se vê que os judeus reconheceram a inconseqüência de um Deus bom praticando o mal, matando 70 mil pessoas, por isso adotaram o dualismo da teologia Zoroástrica.

Mas o termo Satã, na sua origem, nunca foi criado para personificar entidade alguma do Inferno.

Esse termo originou-se do seguinte, como magistralmente explica Fabre d'Olivet: "*A raça branca originária do pólo boreal era chamada, pelos europeus, de raça* ***boreana*** *e* ***hiperboreana****. Moisés a chamava de* ***Ghiboreana****. Essa raça tinha horror à raça negra pelas suas funestas incursões, por isso a denominaram de* ***Sudeana****. Desse termo se originaram os termos de Suth ou Soth dos egípcios, Sath dos fenícios e Shatan ou Satã dos árabes e dos hebreus. Este nome serviu de raiz a Saturno entre os etruscos, Sathur, Suthur ou Surthur entre os escandinavos. Do celto saxônio South deriva o termo inglês South, o belga Suyd, o alemão e o francês Sud*", o português Sul etc.

Foi, pois, um termo criado como que para simbolizar a raça negra, inimiga que era da raça branca, porque, nessas épocas atrasadas, os povos ainda não conheciam o Princípio do Mal, como a entidade celestial decaída, que só muitíssimo mais tarde foi surgindo da imaginação dos místicos.

Os povos fizeram dessa entidade um horrível boneco, pintaram-no de preto, arrumaram-lhe uns cornos, outros espetaram-lhe um apêndice no fim da coluna vertebral, outros encravaram-lhe unhas aduncas, outros afiaram-lhe os dentes caninos, e cada qual, em suma, o cobriu com quantos vícios e males a humanidade engendrava, e, horrorizados por ver o terrificante personagem que eles mesmos fabricavam, fugiram espavoridos da própria obra.

É esse monumento que hoje serve de esteio do Catolicismo.

Os insulares de Java e dos mares do Japão dirigem suas preces ao diabo, para que ele não os persiga muito ou não lhes faça muito mal, se bem que, ao mesmo tempo, fazem oferendas, acompanhadas de preces, ao Deus do Bem, ao Deus Criador.

Os hotentotes chamam o **Bom Princípio** de **Capitão do Alto** e o **Mau Princípio** de **Capitão de Baixo**. O raciocínio desses pobres homens é sobremodo racional e justo. Dizem eles que é inútil orar ao Bom Princípio, para lhe pedir que não faça o mal, visto como seu poder só se limita à terra. Comungam a mesma teoria os de Madagascar, os teutônicos, os peruanos e até, mesmo, nossos indígenas.

É mais razoável pedir diretamente ao inimigo que não nos faça mal, porque este ato, até, encerra em si o cumprimento do axioma: "*amai-vos uns aos outros*", do que fazer intervir um terceiro, para dele obter sua benevolência muito problemática.

A medida que uma religião se afasta da sua primitiva fonte, toda a espiritualidade cada vez mais cai no puro materialismo, chegando até ao fetichismo, como sucede com o culto dos negros da África, que é uma degenerescência dos primitivos dogmas do Egito, da Etiópia, da Pérsia etc.

O fetichismo supersticioso, amplamente praticado em alguns países europeus e no Brasil, é o resultado inevitável do fim de uma Igreja.

É o que se verifica com a Igreja Católica.

A intervenção do diabo, como a entende a Igreja, de uma entidade criada por Deus para ser eternamente, como ela quer, seu próprio rival, com poderes ilimitados para tentar e aborrecer a desgraçada humanidade, é de uma aberração inominável, porque estabelece, como na religião de Zoroastro, a existência de dois

deuses antagônicos, um do bem e outro do mal, se bem que, nesta religião, o Princípio do Mal tem de se aniquilar nas suas próprias chamas, que, por seu turno, se extinguirão, ao passo que no Romanismo **diabo** e **inferno** são eternos.

Ora, se o Princípio do Mal fosse criado pelo Princípio do Bem para eternamente se oporem, sem que este pudesse exterminar aquele, ele deixaria, *ipso facto*, de ser o Deus Onipotente e todo e qualquer sistema rui por terra. Mas se o Mal tende a desaparecer da face do mundo, subjugado pelo Bem, o inferno terá de fechar suas portas, cessando, por conseqüência, suas penas **eternas**, o que destrói o sistema católico, que coloca a humanidade entre duas eternidades.

E, se o diabo é **eterno** como seu reino, o Mal tem de existir eternamente, o que torna evidente a impotência e a injustiça do Criador. Por outro lado, se o Mal tem de ser **eterno**, como um domínio e um dominador, essa eternidade estabelece uma paridade entre o Criador e a Criatura e aberra da sua Onipotência, Justiça e Misericórdia.

Mas, pregando Jesus o **Fim do Mundo** e Paulo (Hebreus II, 14) o **Fim do Diabo**, isso significa que, desaparecendo esta pílula amarga, a eternidade do **Diabo** e de suas penas é uma questão liquidada, salvo se ele for aposentado ou passe a aborrecer os habitantes da Lua ou de outro planeta, o que não convém ao Catolicismo, por lhe destruir a igrejinha e a balela de só ser a terra habitada.

Mas, neste caso, que seria feito dos miseráveis hóspedes que tiveram a infelicidade de ser criados muitíssimo antes do advento de Cristo?

Logicamente, se esse Deus se compadecesse dessas pobres almas, que não lhes pediram para ser criadas, e as perdoasse, inclusive o próprio Diabo, isso provaria mais um **blefe** do Catolicismo.

A questão do Bem e do Mal sempre foi o espantalho da Igreja Católica, porque, como se vê, ela é insolúvel com os argumentos que apresenta.

O Mal é relativo. O que é mal para um é bem para o outro, segundo afirma Heráclito.

A idéia do Bem e do.Mal, conforme diz Julien Vinson, é puramente humana e subjetiva; é idêntica à idéia do Belo e do Feio, do Grande e do Pequeno.

Para um Bosquímano, da África, a diferença é a seguinte: "*Se roubares a mulher do outro é Bem; mas se roubares minha mulher é Mal*".

O dualismo de Luz e Trevas de João já simbolizava nas primitivas religiões os dois princípios do Bem e do Mal, não como entidades divinas, mas, simplesmente, como as duas modalidades extremas dos seres vivos ou mortos.

O Bem eram os dez frutos da Árvore que, simbolicamente, Deus plantara no paraíso e que Moisés sintetizou em dez capítulos; o Mal são os frutos contrários, do mesmo modo que a virtude tem um vício oposto.

A idéia do Bem e do Mal é uma conseqüência lógica da astrologia, fantasiada pelos poemas mitológicos — conforme veremos no respectivo artigo. A entidade simbólica, que preside àquele é Orzmud; a do Mal é Arimã, que o Catolicismo personificou com o nome de Diabo, rei dos Infernos, para aterrorizar seus ingênuos adeptos.

E antes que o padre nos mande paia o diabo, vamos dai uni tiro no "*dito*".

Livre Arbítrio

Mas, retruca o teólogo católico, é por causa do mau uso que o homem fez do **livre-arbítrio** que Deus lhe deu, que ele será punido com as penas eternas de um inferno.

Além de ser um ponto de partida falso, criado pela imaginação mística, por não assentar em base alguma, esse tema é aberrante dos próprios dogmas do Catolicismo porque são os primeiros a cercear essa liberdade aos adeptos e ao próprio clero, além de encerrar a maior blasfêmia a Deus.

Senão, vejamos:

Se Deus, criando o espírito, **ignorava** seu fim, temos que negar sua Onisciência.

Se, **ciente** de um mau fim, ele persiste em criá-lo, temos que negar sua Onmisericórdia e Amor.

Se tal espírito criou-se espontaneamente, sem que Deus o soubesse, temos que negar sua Onipotência.

Se criado o espírito, Deus lhe concedeu o **livre-arbítrio**, ficando, todavia, na ignorância do seu fim, que só dele dependeria, ainda assim temos de negar sua presciência e justiça.

E, desse modo, teríamos que negar Deus, por lhe faltar qualquer um dos atributos acima.

Goethe, conversando com Eckermann em 1825, disse: "*Desde que se conceda ao homem o livre-arbítrio desaparece a Onisciência de Deus; e, se por outro lado Deus sabe o que farei, já não sou mais livre de fazer outra coisa senão aquilo que ele sabe, e o livre-arbítrio deixa de existir, para só existir o destino, o fatalismo ou o determinismo*".

"*Em conseqüência, não sendo livre de agir no Bem e no Mal, nossa responsabilidade, também, deixa de existir, subsistindo, unicamente*, *o despotismo divino. Tal a súmula da doutrina católica com o Céu e o Inferno*."

Para o católico é só pela graça divina, isto é, por um favor de Deus, que o espírito se aperfeiçoa e se eleva. De modo que, sem essa graça, sem esse favor especial, o desgraçado, criado por esse mesmo Deus de amor, sem ter sido consultado, tem de ir sofrer eternamente nas fornalhas do seu eterno rival. Pois, segundo Paulo (Rom. XI, 5, 6), "*Se a salvação provém de **eleição da Graça**, logo não provém das obras, porque se proviesse **das obras** a Graça não seria mais Graça*".

Do qual se infere que as **boas obras** que o homem possa realizar não têm importância alguma. Só a graça é que o salva. E o que praticar más obras será salvo se tiver recebido a Graça.

Paulo tanto fez malabarismos com as bolas das palavras que elas lhe caíram no seu enorme nariz.

> "*Não se pode admitir que Deus fosse tão ilógico de nos criar dando-nos uma faculdade com proibição de fazer uso dela*[206]."

Pascal[207] dizia: "*A conduta de Deus que dispõe de todas as coisas é de pôr a religião no espírito pela razão e no coração pela graça. Mas querer colocá-la no espírito e no coração pela força e pelas ameaças não é pôr ali a religião, mas sim o terror. **Terror** potius religionem*".

Ademais, repugna aceitar que Deus fabrique um pobre espírito da sua própria essência, consciente de que ele mesmo criado, a fim de atormentar a pobre humanidade indefesa, para, afinal, lhe impor as maiores torturas, por toda a eternidade, ao passo que outro irá gozar as delícias do Paraíso.

---

[206] Príncipe J. Lubarsmiski.
[207] Pensées, XXIV, 3 — *Ed. M. Havet*, p. 295.

Sois Papa, sois bispo, sois cristão ou entre cristãos; se, porém, houvesses nascido na Turquia, na Índia, na Grécia ou alhures, certamente seria o mais fanático dos muçulmanos, dos budistas ou dos cristãos ortodoxos.

E, se, em boa lógica, Deus é quem cria os espíritos para atirá-los em duas extremas eternidades, não é justo que ele povoe essas regiões, antagônicas ao Catolicismo, de pobres espíritos inconscientes, para fazê-los sofrer no fim de uma efêmera existência.

Mas isso é um mistério, responde o padre, e mistério não se discute.

Diógenes, o Cínico, célebre filósofo grego, já dizia que os "*Mistérios*" tinham a pretensão de garantir a felicidade eterna a celerados, uma vez que fossem iniciados, ao passo que homens honestos que deles se afastam terão de sofrer nos infernos[208].

De fato, repugna aceitar que um homem virtuoso, caridoso, temente a Deus, possuindo, em suma, todos os requisitos de um santo, como os há aos milhões em credos contrários e em várias partes do mundo, se veja condenado como herege à excomunhão e às penas eternas de um inferno, só pelo fato de não aceitar os dogmas de um certo credo que lhe cerceia a liberdade de pensar, ao passo que um celerado, assassino, ladrão, devasso e hipócrita, merecerá todas as honras e as regalias do céu, uma vez que ele tenha abdicado do seu **livre-arbítrio**, como fazem os jesuítas e satisfaça as tabelas absolutórias dos maiores crimes, ou, na hora extrema, se tiver tempo, peça perdão a Deus, o que não deixa de ser de uma grande comodidade para os bandidos, mas pouco edificante em moral e religião.

[208] *SALOMON REINACH* — Lettres a Zoé.

Reencarnação

Se a doutrina que Paulo diz ter recebido de Jesus é uma Verdade, Paulo ensina que nossa alma tem de reencarnar-se em sucessivas vidas, neste ou em outros planetas até chegar à perfeição, reintegrando-se na Essência Divina, da qual emanou e por culpa sua decaiu, o que está de acordo com o próprio ensino mosaico, brâmane, búdico, zoroástrico, órfico, pitagórico, platônico, do Cristo e dos próprios selvagens de todos os sertões do mundo.

Ora, é claro que não poderíamos em tão poucas linhas documentar cada uma dessas doutrinas, por isso citaremos, por assim dizer, ao acaso, Salmos CXLVI, 4, que Jesus cantava nas Sinagogas, como era de seu dever: "*Sai-lhe o espírito, volta para a terra; naquele mesmo dia perecem seus pensamentos*", isto é, desencarna-se, reencarna-se e esquece sua vida anterior.

Orígenes, considerado por São Jerônimo como a maior autoridade da Igreja, diz em seu livro *De Principiis*: "*As causas das variedades de condições humanas eram devidas às existências anteriores*". "*A maneira como cada um de nós põe os pés na terra, quando aqui aportamos, é a conseqüência fatal como agiu anteriormente no Universo*". "*Elevando-se pouco a pouco, os espíritos chegaram a este mundo e à ciência dele, daí subirão ao melhor mundo e chegarão finalmente a um estado tal que nada mais terão de ajuntar*".

O próprio Jesus, respondendo aos apóstolos que o interpelaram a respeito de Elias, lhes disse: "*Já esteve entre vós e não o conhecestes*" e a um fariseu: "*É preciso renascer outra vez para alcançar o reino do céu*".

João XIV, 3 e referências, põe na boca de Jesus a seguinte frase: "*Se eu for*[209]*, virei Outra vez*..."

E no mesmo João III, 6: "*O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do espírito é espírito. Não vos maravilheis de ter dito: necessário vos é nascer de novo*".

Atos I, 22 — referindo-se a João: "*Se eu quero que ele fique até que eu venha*..." João morreu aos 96 anos, sem que Jesus voltasse.

Assim se exprimindo, Jesus repetia a súmula da doutrina búdica que se resume na preparação de uma nova alma, isto é, reconsiderar seus erros, seus pecados, pedir perdão a Deus, evitando, sobretudo, de reincidir, pois Deus, como Pai Misericordioso, perdoa a seu filho, e não o condena a penas eternas como faz o Catolicismo; e, se o malfeitor ou iníquo não quiser abandonar sua vida de erros, terá de recomeçar nova existência até ser reintegrado na essência da qual emanou, e antes dessa reencarnação, segundo a Cabala dos Judeus, os espíritos combinam de se unirem na terra, ou por matrimônio ou por outro modo, a fim de se coadjuvarem para a perfeição.

Segundo Léon Denis[210], o Krishna na Índia e o Cristo da Judéia seriam a mesma entidade espiritual reencarnada na terra, em suas épocas próprias.

E. Heuseler[211] conclui que o último Buda que existiu estaria na 550ª reencarnação.

No Bhagavad-Gita (o Evangelho da Índia), Krishna assim se exprime: "*Eu e vós tivemos vários nascimentos. Os meus só são conhecidos por mim; mas vós não conheceis os vossos. Conquanto eu não seja mais, por minha natureza, sujeito*

---

[209] Tal condicional estabelece uma dúvida pouco agradável, depois de muitas asserções neste sentido.
[210] Le Génie Celtique et le Monde Invisible.
[211] *L'âmc et le dogme de la transmigration dans les livres sacrés de l'Inde ancienne* - I928.

a nascer ou morrer, contudo, todas as vezes que a virtude declina no mundo e que o vilão e a injustiça exorbitam, então eu me torno visível e, assim, me mostro de era em era para a salvação do justo, o castigo do mau e o restabelecimento da virtude".

> "*Tudo que nos sucede neste mundo é a conseqüência dos atos anteriores. Somos o que pensamos, e os atos da presente existência amadurecem em uma vida futura*."

E crença no Budismo que Krishna é a reencarnação de Rama, e, **Issa**[212] é a 23ª reencarnação de Buda.

Buda, na primeira página do Itivutaka, diz: "*Eu sou vossa segurança para o retorno à terra*".

Os muçulmanos esperam do mesmo modo a volta de Maomé, como os primitivos cristãos e Paulo acreditavam firmemente na próxima volta de Jesus que devia ser efetuada naquela geração, antes que as que ali estavam morressem. Ou foi por brincadeira que ele fez essa promessa?

Entretanto, diz o príncipe J. Lubomirski[213]: "*Ensinar ao proletário que, depois da sua morte, ele tornará a ver num dado momento o Sol, a vegetação e seus semelhantes, que ele gozará com mais largueza dos prazeres terrestres, apenas pressentidos por ele e verá, ao mesmo tempo, diminuir as misérias da sua atual existência e isso com a condição de trabalhar para o bem-estar comum da humanidade, de que ele beneficiará sob outro invólucro, não será encorajá-lo ao bem*?"

---

[212] *Nosso Jesus*, segundo NICOLAS NOTOVICH.
[213] Une réligion nouvelle.

Essa antiqüíssima doutrina da reencarnação, conhecida no mais recôndito da terra, professada pelos sábios da Grécia, pelas escolas de Alexandria e outras, por Cristo, antes e depois dele, por Orígenes, São Jerônimo, Swedenborg, Allan Kardec e por vários pais da Igreja, foi violentamente abafada pelo fanatismo de bispos sem cultura e sem freio, no Concilio de Nicéia, em 325, a fim de limitar a existência da alma a duas eternidades: a do paraíso e a do inferno, em cujos domínios a Igreja Romana pretende manter a chave a justificar a criação do Purgatório, sua principal fonte de renda.

Segundo a metáfora de Ed. Schuré[214], a encarnação do Cristo — Jesus se assemelha ao fenômeno da tromba marítima. O mar arqueando o dorso em corcovos agudos parece ir ao encontro da nuvem negra que, em turbilhão espiralado, desce sobre ele.

De repente, as duas pontas se atraem e se confundem, como duas bocas tilânicas. A tromba está formada! O vento bebe o mar e o mar absorve o vento!

Assim foi o Cristo, o Messias, que, descendo do mundo espiritual ao mundo físico, através do plano astral e do plano etéreo, se assemelha ao meteoro marítimo. Ele absorve o mundo e o mundo o absorveu.

A vida de Jesus foi uma confirmação pública dos antigos Mistérios a que se assistia nas iniciações dos tempos do Egito, da Grécia e outros.

Como não tratamos neste trabalho de fazer a apologia de um determinado Credo, aconselhamos ao nosso leitor católico ou acatólico a leitura metódica das obras que tratam da reencarnação, encontradas na Livraria da Federação Espírita.

[214] L'Évolution Divine.

E certo que seu espírito inteligente ou o seu guia espiritual fará brotar em seu cérebro a centelha que lhe iluminará a estrada.

A adivinhação, a feitiçaria, a crença em sonhos, os fantasmas e seus derivados: duendes, lobisomens, mula-sem-cabeça etc., os intermediários entre vivos e mortos, hoje chamados de médiuns, são fatos que remontam a uma tal Antigüidade, que é impossível estabelecer-lhe, sequer, um período, pois encontramos essa crença não só no mais recôndito das selvas e nas ilhas da Oceania, entre tribos que, de humanas, só têm a forma, Como entre os povos de adiantadas civilizações, o que prova que os primitivos habitantes deste globo, afastadíssimos uns dos outros, se entregavam, com fundamento, a essas práticas metapsíquicas.

Assim é que na China, 3 mil anos antes de Cristo, o espiritismo já era bem conhecido. Uma prancheta servia de **médium** entre o morto e seus descendentes. Invocavam-no com preces, música e canto. E quem o relata agora é Léon Wieger, incorruptível missionário católico, no Tcheli, na parte que lhe toca na obra — *Christus* — de Joseph Huby, p. 135, *Religiões e doutrinas da China*.

Na Índia, Buda já dizia que tudo quanto nos sucede neste mundo é a conseqüência dos atos anteriores. Somos o que pensávamos; e os atos presentes amadurecem numa vida futura.

Swedenborg, o filósofo místico, falecido em 1772, foi talvez, senão o primeiro médium vidente e auditivo, muito antes do aparecimento das irmãs Fox, pelo menos um dos que se salientaram pelo saber, médico como era, e pelas suas virtudes morais. A diferença que se nota em suas manifestações é que, em vez de invocar os desencarnados, ele desprendia seu espírito que ia ao empíreo ver e ouvir

as lições de Jesus, tal como procedem aos budistas. Suas obras podem ser consultadas, com proveito, pelos estudiosos.

As visões de entidades ultraterrestres, as audições de vozes celestiais, as manifestações materiais, aparentemente infratoras das leis da física, são fatos constatados pela ciência positiva e pelo próprio clero católico, como já temos citado no correr deste trabalho, clero inimigo da doutrina espírita, pois, a negá-los, teria de negar os mesmos fenômenos de que estão cheios o Evangelho e a Bíblia.

Na Bíblia são os querubins que, de espada em punho, guardavam a porta do paraíso, para que o casal desobediente ali não mais penetrasse; são sarças ardentes a falar com Moisés; são vozes de trovão arengando o povo de Israel; são querubins a confabular com Abraão e outros patriarcas e reformadores; são mãos luminosas aparecendo no festim de Baltazar; são os profetas em contínuas audiências com Jeová; são espíritos falando pela boca de um asno para convencer sua carga humana; são aparições do espírito de Samuel, invocado pela pitonisa e muitos outros fenômenos espiríticos (espirituais), que seria fastidioso espiolhar no Pentateuco.

Nos Evangelhos, é um anjo que anuncia a Maria seu faustoso acontecimento; são anjos a reconfortarem Jesus; são Madalenas dialogando com espíritos; é o próprio Jesus aparecendo aos seus discípulos; são repetidas aparições da virgem mãe, sob várias invocações; são legiões de maus espíritos encarnados em corpos humanos e transferidos por Jesus para uma manada de porcos, por um jogo de passe-passe; é o próprio Satanás aparecendo a Jesus e transportando-o sobre suas asas, à guisa de aeroplano; são mulheres de visões e audições de vozes, sentidas por santos e santas do Catolicismo.

Em suma, a humanidade sempre esteve em constantes relações com o Além. Nada se fazia ou se faz sem consultar o mundo celeste ou infernal.

Entretanto, o clero ignorante e fanático, aquele a quem é vedada a leitura de obras profanas que não tenham o necessário *Nihil obstat* e o *Imprimatur*, que desconhece a aceitação desses fenômenos supranormais, como os qualificou o sábio Charles Richet, em sua *Metapsíquica*, não só por parte da Ciência como, o que é mais interessante, por parte dos seus próprios teólogos, trepa no púlpito de uma igreja e, de lá, desanda uma desenfreada catilinária contra os espíritas, contra aqueles que, a exemplo dos seus santos (e como ele próprio faz invocando santos), invocam espíritos desencarnados, os quais, com suas novas luzes, guiam os homens na terra, no caminho do bem, do amor ao próximo, da caridade incondicional, para a felicidade desse mesmo clero e da humanidade em geral.

Para esses energúmenos, todos os fenômenos espirituais que não sejam produzidos por seus adeptos são obras do diabo, sem se lembrarem, para serem coerentes, se este termo não se chocasse com sua própria incoerência, que o princípio do Mal, criado por Zoroastro, e por ele adotado como entidade dogmática, já deve estar completamente regenerado pelas virtuosas prédicas que ele mesmo transmite à humanidade por intermédio dos médiuns espíritas.

O Budismo aceita a crença da reencarnação que já vem de tempos pré-históricos.

O Mosaísmo aceita a mesma crença, embora proíba as invocações.

O Cristianismo, pela boca do seu próprio fundador, aceita igualmente essa crença.

Só o Catolicismo, em desacordo com a doutrina do Mestre, recusa formalmente aceitar as sucessivas reencarnações, forjando para seu fim comercial duas eternidades com parada de descanso e respectiva tarifa de trânsito.

Pluralidade dos Mundos

Mas, não se segue daí que, desencarnado um espírito, ele tenha forçosamente de reencarnar-se nessa misérrima jaula de feras humanas.

Então para onde ela irá?

Jesus mesmo nos responderá com suas palavras: "***Na Casa de meu Pai,*** *há muitas moradas*", referindo-se, assim, à imensidade infinita de mundos habitáveis.

Para dar uma pequeníssima idéia dessa imensidão indescritível do Universo sideral, peguemos um punhado de pó, atiraremos para o ar e o fotografaremos imediatamente. Que vemos na chapa? O mesmo aspecto que se nos apresenta à noite na **Via Láctea**, a qual pertencemos, bem como o Sol e os planetas que constituem nosso sistema. Um daqueles minúsculos pontos de poeira, um pouco mais grosso, representará nosso Sol, e o mais pequenino deles será a Terra em que vivemos.

Por que só esse microscópico ponto é que seria habitado por nós e os outros não?

Por que não haveria habitantes nas miríades de pontos que constituem a Via Láctea?

C. Flammarion responde por nós com sua maestria[215].

[215] La pluralité des mondes habitats.

W. W. Coblenz, sábio físico americano, confirmou, pelos seus estudos em 1924, ser a atmosfera do planeta Marte muito parecida com a nossa, não havendo mais dúvida acerca da existência de água e dos minerais que possuímos.

Igualmente, R. A. Milikan, também sábio astrônomo americano, verificou a nova descoberta dos **íons** emitidos pelos astros, cuja teoria já era conhecida da antiga astrologia[216].

Se compararmos o valor nominal desse pobre planeta, com os demais do nosso sistema solar e com os milhões de planetas que circulam em redor dos milhões de sóis, milhões de vezes maiores do que o nosso, constituídos geologicamente idênticos e com os mesmos gases do nosso, veremos nossa empáfia reduzida a zero; verificaremos quão ínfima e microscópica é sua capacidade no Universo, para que o Criador só tivesse povoado esse grão de pó, com uma humanidade ainda mais microscópica, moldada, conseqüentemente, na sua microscópica personalidade uma vez que o homem é feito à imagem de Deus.

Para dar ao leitor, não afeito a essas expressões astronômicas, uma idéia dessas colossais dimensões, faremos ainda uma pequena comparação: por exemplo, **Canope** é uma dessas brilhantes estrelas que vemos cintilar à noite no firmamento, entre milhões de bilhões de outras idênticas. Pois bem, esse pequenino ponto brilhante é o Sol (como, aliás, todos os outros), um milhão de vezes maior que o nosso Sol. Se a representarmos do tamanho de uma roda de automóvel, nosso Sol será representado por um grão de areia colocado sobre o pneumático. Ora, sendo nosso Sol um milhão e meio de vezes maior que a Terra, façam-nos o favor de dizer de que tamanho poderíamos representar a Terra ao lado desse grão de areia?

[216] Science et La Vie — Junho 1929.

Outra comparação mais palpável é tomarmos a Terra como um grão de chumbo, colocado sobre um zepelim.

Diante disso, de que tamanho se poderia representar ali o homem e, portanto, esse Deus?

Pobre vaidade e presunção humana!

Para que serviriam, então, esses milhões de sóis, esses milhões de terras habitáveis, obedecendo a uma complicada mecânica, com enormes ponteiros representados pelos infinitos cometas que, em seu giro elíptico, matematicamente anunciados pela ciência astronômica, marcam imensos ciclos de séculos?

Esses imensos ciclos são contados pelos sábios antigos como abrangendo um período de 432 mil anos, época em que as constelações voltam à sua primitiva posição, o que é um fato científico constatado desde uma inconcebível Antigüidade.

Pergunta D. Mijeikowsky: "*Quantos ciclos há? Um número infinito? Não; três somente, pois o mistério dos Três realiza-se em três mundos*". Se isso é certo, estaremos no segundo ciclo de destruição pelo fogo.

Isso está de acordo com as **três terras** do Apocalipse de João.

Não está, porém, de acordo com os decretos dos Papas e Concilio, que querem que todos esses pontos luminosos sejam **luminares** para clarear a Terra e que nossa alma tem de ir, quer queiramos quer não, para o céu ou para o inferno.

Se não houvesse essa lei da reencarnação, e se toda alma tivesse de ir para essas duas extremidades, segue-se, em boa lógica, que Deus há de ter uma **fábrica de almas puras**, com suficiente estoque e pessoal de alcatéia e de prontidão para, nos milhões de atos da fecundação do gênero humano, poder suprir,

à *la minute*, todas as nações e raças, para depois atirar essas desgraçadas, que não pediram para ser fabricadas, umas no céu e outras no inferno.

Não! Não é a Terra o Centro do Universo, como quer o Catolicismo. Existem outras milhares de terras, com sistemas solares idênticos ao nosso, obedecendo às mesmas leis de atração e repulsão, e com movimentos rotativos contrários ao nosso, como sucede a Netuno e Urano que procuram encaixar no nosso sistema.

Tudo isso era conhecido desde uma Antigüidade pré-histórica, como provam os monumentos astronômicos do México, do Peru, da Pérsia, do Egito, da China etc.

Entretanto, o Catolicismo reduziu a cinzas nas fogueiras de Roma o pobre Giordano Bruno, frade dominicano, e outros, tendo Galileu escapado do braseiro pela sua célebre retratação, porém foi condenado à prisão em 1633, pelo papa Urbano VIII, na qual morreu em 23 de janeiro de 1642, sendo-lhe negada a própria sepultura pelo referido papa! O mesmo sucedeu ao frade dominicano Campanelli, condenado a 27 anos de prisão. Cristóvão Colombo, o descobridor da América, Abelardo Savonarola, Vanini e muitos outros foram presos e morreram nas masmorras, por pregarem a Verdade da Ciência. Descartes foi morrer na Suécia, Spinoza é proscrito, J. J. Rousseau é cercado de asilo em asilo e uma legião de outros que seria demorado demais enumerar.

Infelizmente, o catecismo católico, que alguns apologistas preconizam como o supra-sumo do **ensino religioso**, continua a enublar o cérebro infantil, com ser o Sol, a Lua e as estrelas, luminares colocados na abóbada celeste, para separar o dia da noite, em vez de ilustrar o espírito ainda em embrião, de gerações futuras, com outras noções que não as que seus próprios observatórios

astronômicos reconhecem como antagônicas com aqueles livros. O mais que pode sair daí são sacristãos; mas não homens de ciência.

Mais tarde se transformarão em reacionários contra o clericalismo, como acaba de suceder à ultracatólica Espanha e à própria Roma.

Mas o céu deve ser povoado de ignorantes, diz o cura da freguesia... *et pour cause*.

Desgraçadamente, estão esses ignorantes espalhados pela face da Terra, somando uma assombrosa maioria de analfabetos; dentre eles há uma respeitável porcentagem de cretinos, verdadeiros bosquímanos, que constituem a fantástica legião de cegos do Catolicismo; uns porque nunca ergueram os olhos para o firmamento, interrogando-se a si próprios do que vêem; outros por nunca lerem tido ocasião de admirar pelo telescópio as deslumbrantes maravilhas do Universo sideral, de observar o incessante nascimento de novos sóis e a morte de alguns por terríveis explosões ou resfriamentos, de extasiar se ante a ofuscante cromatonia; outros, ainda, embora tendo vagas noções por leitura passageira de obras a respeito de astronomia, as põem de parte por incômodas as lições do catecismo que receberam na infância, lições que lhes falam de uma terra fabricada às pressas em seis dias e de um Sol e uma Lua, criados no quarto dia, depois de feita a luz no primeiro dia, pregados na calota celeste para servir de lampiões aos homens.

Sem que se possa afirmar, no estado atual dos nossos conhecimentos, que os planetas sejam, de fato, habitados com entes idênticos a nós, podem, pelo menos, ser habitáveis pelas suas condições vitais, com seres adequados às suas densidades, embora sem corpo material como o que compreendemos.

Se nos deixarmos levar unicamente pelo nosso sentido visual, mesmo auxiliado pelo telescópio, para descobrirmos habitantes na Lua, por exemplo, que é o que está mais próximo de nós, o resultado seria o mesmo que se nos transportássemos sobre ela e empregássemos os mesmos meios de visão para descobrir habitantes na Terra. Vista de lá, a Terra apresenta o mesmo aspecto da Lua vista de cá, branca com suas manchas, seus quartos minguantes e crescentes, e a impressão que nos causaria sobre a existência de habitantes na Terra seria a mesma que a que nos causa quando olhamos a Lua: negação absoluta de vida terrena.

É possível que um dia, se é que esta bola não venha a estourar antes pelo fogo interno que a consome, o homem disponha de possantes aparelhos que permitam a visibilidade da vida animal nos planetas. E mesmo muito provável que isso se realize a curto prazo, dado o fantástico progresso da ciência neste século de luzes, em que já se consegue fotografar os ultra-íons, partículas inimagináveis da eletricidade, a não ser que o Vaticano, irreconciliável com a ciência e a civilização moderna, conforme confessa o "*Syllabus*", implantando o pólo Norte sua bandeira branca e amarela, como a tiara e a coroa ao centro, restabeleça a proibição desses estudos, como sendo armas de Satanás, para afastar o homem do caminho de Roma.

Jesus, São João, São Paulo, os apóstolos, os profetas, São Jerônimo, Orígenes e muitos sábios e legisladores acreditaram na pluralidade dos mundos.

Pode-se, pois, presumir, sem incorrer na pecha de visionário, que neles resida uma **humanidade**, tomando este termo no sentido de **espécie**, dotada com o **Verbo**, embora fisiologicamente diferente, sem o que não poderia respirar, caminhar, alimentar-se tal qual o fazemos neste vale de lágrimas, e, *ipso facto*, seu próprio

Criador, uma vez que ele é feito de carne e osso como nós, segundo afirma o Catolicismo.

"*Na casa de meu pai há muitas moradas*", disse Jesus. Pois bem, preparemos desde já a nossa, enriquecendo nosso espírito com as luzes da fraternidade.

Ressurreição

Além dos que já temos citado, um dos principais alicerces do Catolicismo é, também, sem contestação, a ressurreição de Jesus.

Mas como esse assunto não está positivamente explicado nos Evangelhos, se bem que o aceitemos em tese, procuraremos sondá-lo, trazendo a legenda desses livros diante da crítica científica.

Estamos de perfeito acordo com Albert J. Edmunds[217] quando diz: "*Como cristão (porquanto não adoto nenhuma seita ou igreja) eu, pessoalmente, sustento que o encargo da missão de Jesus, após sua ressurreição, não é uma simples invenção para imitar o Budismo; mas uma realidade*".

Mas, logo ao abrir o primeiro Evangelho, nota-se que Mateus não se refere a esse extraordinário acontecimento, nem consta dos anais de Roma.

O que é citado pelos outros escritores, que redigiram aqueles livros 150 anos depois, não pode merecer a mínima fé, porque nenhum dos apóstolos assistiu ao suplício e ao sepultamento provisório, tendo fugido covardemente, e, mesmo, pelas contradições que apresentam.

E a prova disso é que:

[217] I Vangeli di Budha e di Cristo.

João XIX, 25, diz: "*E junto da cruz de Jesus (portanto, mais perto não pode ser) estavam a mãe e a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Cléofas, e Maria Madalena*".

Mas, Mateus XXVII, 53, 56 e Marcos XV, 40 e Lucas XXIII, 49, que se repetem, dizem: "*E estando ali olhando **de longe**, vimos muitas mulheres, entre as quais estavam **Maria Madalena**, Maria, Mãe de Tiago e de José, que também era discípulo de Jesus*".

Quem está com a verdade evangélica?

Ah! Santo Agostinho não leu com atenção!

Ademais, a leitura atenciosa desses três evangelhos salienta várias contradições, dúvidas e inverossimilhanças, que vamos esmiuçar um pouco.

Assim é que, dizem uns e outros, ter aparecido no túmulo, ora **um**, ora **dois** anjos; que Madalena não reconheceu o próprio Jesus, tomando o vulto por um jardineiro (João XX, 14), o que se não pode admitir, dada a intimidade que havia entre ambos, a não ser que Jesus se tivesse transformado de tal modo, a ponto de tornar-se totalmente irreconhecível, o que, neste caso, faz transparecer a dúvida de ser realmente ele, Jesus, que ali estivesse.

Ora, se o fim de Jesus, ressuscitando, era o de provar sua identidade depois de morto, e confirmar as escrituras, sua palavra e a doutrina que pregou, é inadmissível que ele se transfigurasse de modo a não ser reconhecido três dias depois por Madalena e, mais tarde, pelos próprios apóstolos.

Não se pode conceber, em boa consciência, que seus próprios discípulos, caminhando com ele e conversando durante 40 dias (número curioso), também não o reconheceram; era outro homem que ali estava, comendo e bebendo com eles, aparecendo e desaparecendo, sem mais explicações, episódios contados

unicamente por João, sem o mais leve comentário, como quem conta um conto das 1.001 noites.

Mas concentremo-nos um pouco e reflitamos sobre essa aparição a Madalena.

Se Jesus tivesse saído do sepulcro, afastando sozinho, pelo lado de dentro, a pesadíssima porta de pedra que tapava a entrada, o que estava além de suas forças físicas, máxime naquela ocasião[218], ele teria aparecido a essa mulher, completamente nu, visto como sua túnica fora dividida entre os centuriões, e o Sudário em que o envolveram jazia dobrado a um canto.

Ora, semelhante apresentação em público não teria deixado de impressionar vivamente os olhos de Madalena, que se teria apressado em comunicar essa particularidade aos discípulos.

Mas o vulto que Madalena interpelou sobre o lugar em que teriam posto o corpo de Jesus estava vestido com uma túnica idêntica, sem o que ela não o poderia confundir com o jardineiro, ou coisa que o valha, no caso em que este estivesse nu, sendo mesmo de notar que, nem pela própria voz, ela reconheceu Jesus. Era, portanto, outro homem.

Esse raciocínio, que ainda não encontramos em nossos estudos, dá razão à escola que admite ter Madalena sido vítima de uma ilusão, motivada pelo estado anormal e sugestivo em que se achava; visão esta que representava Jesus tal qual era visto antes, sem se lembrar que lhe haviam carregado a túnica.

Acreditam os críticos pesquisadores que os personagens (anjos) que ali apareceram a Madalena eram membros da seita essênia ou terapeuta, da qual Jesus fazia parte, como já vimos, que para ali fossem com a finalidade de deslocar a

[218] *Não nos venham com a arma do Milagre!*

pesada pedra e remover o corpo para seus templos, por não serem mortais os ferimentos, auxiliados por José de Arimatéia, dono do sepulcro, bom amigo e discípulo oculto, a fim de tratá-lo, mandando-o, em seguida, completar sua obra como redivivo, para melhor cimentá-la, recolhendo-se, por fim, ao templo, sendo ignorado o resto.

Marcos XVI, 7, conta, mesmo, que as mulheres, entrando no sepulcro, viram um mancebo sentado[219], vestido com uma roupa comprida, branca (como a dos essênios) que lhes disse: "*Não vos assusteis; buscais Jesus Nazareno que foi crucificado? Já ressuscitou; não está aqui*" etc.

Sendo a indumentária, o corte da barba e do cabelo desses essênios idênticos aos de Jesus, não é de admirar que isso tivesse concorrido no espírito atribulado de Madalena para que ela afirmasse aos discípulos ter visto o Rabi, e fizesse com que eles, eivados de dúvida, acabassem por crer, sendo, porém, preciso que fossem ao local, com medo, verificar a... solidão do sepulcro.

De modo que, se os próprios discípulos que Jesus havia escolhido, dos quais só um desnorteou, chegaram a duvidar da ressurreição do Mestre, como conta Marcos XVI, 9 a 14, Lucas XXIV, 14, Mateus XXVIII, 17 e o próprio Tomas, ex-arquiteto; se só João, cujo evangelho é considerado apócrifo, é que se estende sobre esse fato, como quer o Catolicismo que seus antagonistas acreditem numa história tão mal contada por uma mulher sugestionável? O tema da ressurreição é todo decorrente de Madalena. Se não fosse essa mulher, o Cristianismo não teria florescido por intermédio de Paulo, que se baseou na ressurreição; o corpo do Cristo teria desaparecido dali, para ser devidamente inumado em outro lugar, por ser aquele provisório; os discípulos se teriam dispersado, como fizeram alguns, e nem

[219] É curioso ver anjos descansando, sentados!

eles teriam tratado mais da questão, que se cingia, exclusivamente, doravante, ao **Reino do Céu**.

Por isso Paulo, emérito sofista, em Coríntios XV, 4, frisa, com alguma intenção, certamente, que Jesus ressuscitou no terceiro dia, segundo as escrituras, isto é, conforme já estava escrito pelos profetas, mas não de fato, porque ele não assistiu ao ato, nem acreditava no boato que corria naquela ocasião.

Só depois ele organizou seu programa sobre essa ressurreição, fazendo os apóstolos repudiarem a tese do **Reino de Deus**, do que não mais cogitaram.

Diz Hippolite Rodrigues[220]: "*Encarando este assunto de mais alto, a história, pelo que parece, deve procurar saber se a crença na ressurreição de Jesus depende ou não em linha reta da crença nas ressurreições de Enoch, Moisés e Elias*".

> "*Se este ponto for aceito, resultará a necessidade absoluta da ressurreição de Jesus."*
>
> *"Pois, com efeito, segundo as idéias do tempo, se Jesus não ressuscitou, Jesus é reconhecido inferior àqueles que Deus havia ressuscitado, e, então, toda a doutrina nazarena fica derrubada*."

É possível, portanto, que, recolhido o corpo de Jesus pelos essênios e terapeutas, reanimado e tratado, fosse ele, de fato, conviver 40 dias com seus discípulos, abatido pelos sofrimentos, sendo por fim reconhecido.

[220] PIERRE, p. 53.

Lázaro e outros personagens, segundo os evangelhos, teriam igualmente ressuscitado, sem que tal fato extraordinário focasse consignado nos anais de Roma, apesar da estupefação que deveria ter causado.

A curiosidade pública teria ido verificar o estado de suas carnes, que já tinham sofrido a segunda fase da putrefação cheirando mal e teria indagado acerca do destino que teria tido seu espírito, nesse intervalo de quatro dias.

Quanto tempo viveu mais e quando morreu, de fato, tal ocorrência as escrituras não dizem.

Ademais, toda a magistratura judaica teria organizado um relatório a respeito de tão importante acontecimento, pois Tibério exigia que todos os Pretores, Procônsules etc. o informassem minuciosamente de tudo quanto ali se passasse.

Tibério não teria igualmente deixado de interrogar o ressuscitado, a filha de Jair e o filho de Nun, igualmente ressuscitados, como conta Lucas VII, 14, e Marcos V, 41.

Contrariamente ao que pensam os protestantes, quando Jesus disse: "*Lázaro, sai para fora*", não foi à **alma** que ele se dirigiu, pois esta não mais fazia parte desse corpo putrefato, visto ser a **alma** o sangue, segundo as próprias escrituras; mas, sim, a outra essência mais elevada, ao **espírito**, que ele teria feito baixar do céu, novamente, para reencarná-lo no mesmo corpo decomposto, sem células, sem fibras, sem sangue, em suma, sem as condições de funcionamento; e, admitindo-se mesmo, a hipótese de um milagre, remédio eficaz para os casos difíceis, seria isso de uma grande crueldade.

A crença na ressurreição dos mortos era do domínio da religião egípcia, da qual surgiu o embalsamento de corpos. Essa crença espalhou-se e perdura em certas religiões, como no próprio Catolicismo.

Anquetil Duperron diz que a idéia cristã da ressurreição da carne já se achava na doutrina de Zoroastro.

O Cristianismo pôs fim, no Egito, ao costume de embalsamar os corpos, condenando essa superstição; mas o Catolicismo, sempre por espírito de contradição e incoerência, aprova e santifica essa operação em um católico e mesmo nos papas, benzendo o corpo e encomendando-o a Deus.

O egípcio levava o cadáver ao Templo de Osíris, em Abidos, para que pudesse entrar em comunicação efetiva com Deus. O mesmo faz o Catolicismo levando seu morto à Igreja.

O egípcio transportava, depois, o corpo à necrópole, onde abriam os olhos e a boca, procedendo-se então a descida do sarcófago ao túmulo, na presença de padres e turiferários.

Do mesmo modo se procede no Catolicismo, mas sem abrir olhos, nem boca... Pudera...

Os egípcios colocavam amuletos no túmulo para afugentar os maus espíritos; o católico deposita rosários, santinhos etc., e espeta a cruz com o mesmo fim. O livro chamado Horas também é posto no sarcófago pelo Catolicismo tal qual faziam os egípcios com o *Livro da Manifestação da Luz*.

Ora, por que toda essa imitação do Paganismo? Provavelmente pelos benefícios financeiros que daí resultam, pois de outro modo como poderia a Igreja viver?

Os mitos de um Deus que morre e ressuscita e o nascimento virginal de um libertador são crenças que já existiam muito antes do Cristianismo.

Assim é que se lê no *Livro dos Mortos do Antigo Egito*:

"*Osíris é o Filho que deve vir da terra ressuscitado. Osíris é a alma do pão. Os homens devem comer a carne de Osíris. Tu és o pai e a mãe dos homens; eles respiram pelo teu sopro, eles comem tua carne". "Em um papiro se lê: 'Que este vinho seja o sangue de Osíris*.' "

Junte-se a esse trecho o que dissemos a respeito da missa e digam-nos, em boa consciência, se todas as palavras que Jesus pronunciou, neste sentido, não têm íntima relação com as doutrinas egípcias, conhecedor como ele era das mesmas, por Moisés e pelos templos que ele percorreu.

Isaías LIII, 7, parafraseado por D. Merejkowski, em *Mystères de l 'Orient,* assim diz: "*Osíris conhece o dia em que não será mais. Conhece seu sacrifício. Ele tem o poder de dar a vida e de a retomar. Seu suplício é voluntário. Ele foi supliciado, mas ele mesmo o quis*".

No Livro dos Morto do Antigo Egito, capítulo CLIV, também se lê: "*Como impedir que o corpo se corrompa*?" O corpo de Osíris responde: "*Não conhecerei a corrupção; o verme não me atacará. Eu sou, eu sou! Eu vivo, eu vivo! Eu creio, eu creio*!" que se pode resumir nas palavras que Jesus pronunciou: "*Eu sou a vida, a via, a verdade*!".

Não está evidentíssima a analogia de doutrina?

Ou Jesus conhecia essa religião egípcia, como é de supor, bem como a profecia de Isaías e soube aplicá-la ao seu caso, ou os evangelistas, século e meio depois, fizeram-lhe uma adaptação, transformando Osíris em Cristo, ou ainda, o que é muito aceitável, Jesus era o Osíris esperado, o Messias prometido por Moisés, depositário das tradições.

Na religião de Zoroastro, os magos representavam os fenômenos celestes por figuras humanas, para a boa compreensão da massa ignara. Uma dessas figuras era a ressurreição de **Mitra***, filho do Deus-Sol, que simbolizava o equinócio da primavera, após a morte do inverno. **Mitra** havia morrido antes, descido aos infernos, isto é, ao hemisfério Sul, e ressuscitado em seguida, tal qual fizeram com o Cristo.

Adônis, outro deus egípcio, também morreu, desceu aos infernos e ressuscitou no equinócio da primavera. O mesmo se deu com Hórus, Atis, na Frígia, Orfeu na Grécia e tudo isso, repetimos, muitos séculos antes de Cristo.

A todos esses deuses se erigia um túmulo, chorava-se sua morte e cantava-se sua volta, anualmente, a vida, como se faz com o Cristo.

Era a vitória do Deus-Sol sobre o monstro do inverno, a Serpente que lhe tirava a vida e o princípio de fecundidade de toda a terra.

P. Wendland[221] notou uma extraordinária analogia entre a morte de Jesus, em Jerusalém, por soldados romanos, e a que foi imposta em tempos idos, igualmente por soldados de Roma, ao falso rei das Saturnais, em *Denostorium*, o qual foi revestido da mesma roupagem com que foi revestido Jesus e executado no mesmo dia em que se celebrava a Páscoa.

Idêntica analogia se encontra com o rei dos saceus, na Babilônia.

Mateus XXVII, 26, diz: "*Então soltou-lhes Barrabás e, tendo mandado açoitar Jesus, entregou-o para ser crucificado*" (28, 29, 31). "*E despindo-o, cobriram-o com uma capa de escarlate. E tecendo uma coroa de espinhos, a puseram sobre*

* N. do E.: Acerca do Mitraísmo, sugerismo a leitura de *Os Mistérios de Mitra*, de Franz Cumont, Madra Editora.

[221] Jèsus als Saturnalien – *KONING* – PP. 175-179.

sua cabeça, e em sua mão direita uma cana... E depois de o haverem escarnecido, tiraram-lhe a capa, vestiram-lhe seus vestidos e o levaram ao sacrifício".

Dion Chrypostomo descreveu o tratamento infligido ao rei dos saceus, nestes termos: "*Eles tomam um dos condenados à morte, e o colocam no trono do rei, o vestem com a roupa escarlate do soberano, o deixam desempenhar o papel de tirano, beber e se entregar a todos os excessos, usar das concubinas do rei; durante esses dias, ninguém o impede de agir como bem entender. Mas, depois, o despem de suas roupas, o flagelam e o crucificam*", tal qual como entre os astecas dez mil anos antes.

O costume de matar-se um Deus data de um período muito remoto; posteriormente, continuaram a praticá-lo, interpretando-se mal o ato, como sucedeu a Cristo. Ora, segundo o costume antigo, o assassino de um homem tido como divino nada mais representava do que um **bode expiatório**, que carregava todos os pecados e misérias da humanidade. Os israelitas possuíam tal **bode** como simulacro do **bode humano**.

No magistral estudo de James George Frazer[222] que se embrenha nos mais recônditos lugares da Terra, assiste-se a milhares de sistemas, ora vegetais, ora minerais, ora animais, para descarregar sobre eles os pecados ou os males da humanidade, passando, por fim, a usar-se do próprio homem, assassinando-o, anualmente, de um modo tão cruel, que o espírito moderno, embora pervertido, jamais conceberia coisa igual, assunto a respeito do qual já tivemos ocasião de falar.

Do bode expiatório dos israelitas ao suplício de Jesus, a diferença não existe, se considerarmos que os evangelhos, o apocalipse e o atual Catolicismo

[222] *Le boue émissaire*.

representam Jesus como o *"Cordeiro*" imolado a bem da humanidade, tal qual rezam os livros de Zoroastro.

Na mistagogia dos antigos, o Sol nascente tinha forçosamente, após seu percurso, de ficar, ainda, três meses nos signos inferiores e na região afetada ao príncipe das trevas e da morte, antes de galgar a passagem do equinócio, que lhe garante o triunfo sobre a noite, e repara o mal causado à terra.

Daí, segundo Dupuis, a analogia da mistagogia cristã fazer Jesus, o Cristo, nascer, crescer, morrer, ir aos infernos e ressuscitar no terceiro dia.

A ressurreição dos mortos, do Catolicismo, é outra paródia da religião de Zoroastro. Diz o Bundadesh: "*Os homens serão tais como foram e os mortos ressuscitarão pelo que vier do Touro*" (signo zodiacal).

E como o signo do Cordeiro segue o do Touro, a adaptação não foi difícil. Todas as alegorias das mitologias seriam um absurdo, se os planisférios astrológicos não estivessem aí para se verificarem as correspondências astronômicas com toda a mecânica celeste. Fazendo-se as comparações, as mitologias perdem seu sentido enigmático e deixam em evidência seu aspecto puramente científico.

Dupuis foi quem descobriu a **chave dos mistérios**.

Na Babilônia era hábito flagelar-se, antes de crucificar-se, a vítima que desempenhava o papel de deus.

Essas cerimônias de sacrifícios de um deus humano, segundo o jesuíta Acosta, testemunha ocular, na época da invasão do México, pelos fanáticos católicos, e, segundo o frade franciscano Sahagun, eram realizadas entre os astecas na festa da Páscoa e já correspondiam, tanto em datas como no cerimonial, à festa cristã, o que é confirmado por J. C. Frazer.

Todos os costumes pré-históricos que foram transmitidos de gerações a gerações, entre os povos de todos os continentes, modificados de acordo com o grau de desenvolvimento de cada povo ou com as necessidades locais, provam uma origem única em sua essência.

Segundo Dupuis, documentado pelo mapa 17 da sua *Grande Obra*, os apologistas da religião cristã, Tertuliano e Justino, reconheceram que a mais razoável opinião que os pagãos podiam ter acerca da nova religião dos Sectários de Cristo era a de assimilá-la à dos persas e de crer que seu Salvador nada mais era do que o Deus-Sol, adorado por estes sob o nome de Mitra. Com efeito, **Mitra** e **Cristo** de Zoroastro nasciam no mesmo dia, em uma gruta ou em um estábulo; o Cristo e Mitra regeneravam o Universo pelo sangue de um Cordeiro ou de um Boi; eles morriam na época do renascer da luz, como tinham nascido na estação das Trevas etc.

Ambos tiveram iniciações secretas, purificações, batismos e mesmo confissões.

Os nomes Jesus e Cristo eram sinônimos de **Mitra** na religião de Zoroastro, ambos se referiam ao **Filho de Deus**.

A ressurreição, portanto, do filho de Maria, pelo modo como está contada nos evangelhos, não só deixa muito a desejar como estabelece uma prova impossível de refutar, a de que o Catolicismo é uma adaptação malfeita das religiões antigas, que ele chama de pagas, bárbaras e heréticas, adaptação que se foi corrompendo com o tempo, pelas inúmeras transformações por que passou nos Sínodos, nos Concílios, nas resoluções papais, em terríveis discussões que motivaram excomunhões de papa a papa, de papa a bispo, de papa ao clero, de

papa aos homens, que eram trucidados e queimados, aos milhares, por não aceitarem seus disparates.

Que Jesus tivesse ressuscitado, isto é, voltado à vida ao cabo de algumas horas, não podemos, sem boa consciência, pôr em dúvida, porque inúmeras **ressurreições** de homens notáveis das escrituras já se tinham realizado, como inúmeras **voltas à vida** após algumas horas de catalepsia se têm verificado e se continuam ocorrendo constantemente nos hospitais e alhures.

Nós que escrevemos essas linhas também já ressuscitamos, uma vez, depois de uma paralisação do coração por quatro minutos, a dar crédito aos médicos que, em 1917, nos operaram, na Santa Casa da Misericórdia, tendo a ciência acudido a tempo com injeções.

Segundo os anais de medicina há, até, fatos muito mais importantes, a respeito da volta à vida, após longo prazo.

Historiadores de nomeada contam que o verdadeiro Faquir na Índia, após uma prévia preparação psíquica e submetido a um rigoroso e complicado ritual, é enterrado durante meses, voltando à vida entre seus adeptos.

A constatação oficial, mas meramente superficial, da morte de Jesus, por ignorantes centuriões, não pode ser tomada a sério, atendendo-se às dificuldades de verificação, o que a ciência médica atual é a primeira em reconhecer.

Quantos catalépticos, após o formal reconhecimento da medicina, têm sido enterrados vivos e encontrados, mais tarde, em posição contrária à que foram enterrados, pelo esforço empregado para se libertarem da prisão?

Quantos, no ato de serem inumados, têm pulado do caixão, apavorando os assistentes?

Ora, tendo Jesus ressuscitado, claro é que seu corpo deveria volver à terra. Ele mesmo disse a seus discípulos, quando o reconheceram, que um espírito não tem corpo. Que foi feito do dele? As escrituras nada dizem.

Só mais tarde é que acharam prudente, ou de bom aviso, fazê-lo ascender ao céu, como Elias e outros. Deste modo, punha-se um ponto final a qualquer interpelação.

Templos

Além do que disse Jesus a respeito dos Templos, como temos repetido várias vezes, lê-se nos "**Atos dos Apóstolos**" (XVII, 24, 25, 29): "*Deus não habita em templos construídos pelos homens, nem tampouco é servido por mão de homens*". Isso quer dizer, claramente, que ele condena templos e sacerdotes.

Ou o que foi dito pelo divino Mestre e escrito pelos apóstolos que ele enviou tem valor teologal, ou esses livros são uma pilhéria, e o Catolicismo, uma formidável farsa, porque age em sentido contrário.

Os que pensam que a vitória de uma religião depende da freqüência dos templos pelos fiéis se iludem. Os verdadeiros crentes procuram isoladamente, no recôndito de suas consciências, uma solução para a tranqüilidade de seus espíritos, e, se aceitam a exterioridade do Culto, é como mera satisfação convencional à sociedade, forma elegante de hipocrisia.

Se querem elevar um templo de pedra em desacordo com a proibição feita por Moisés, por Jesus e pelos Apóstolos, que seja um templo aberto, sem ornatos ou figuras, como o dos quacres, como o dos protestantes, tendo gravado na parede do fundo os simplíssimos dez artigos do Código Social da Humanidade, único que agrada a Deus, e a seguinte inscrição do templo de Sais, no Egito: "*Aqui*

se adora o Ser que é a Causa de todos os outros, que encerra todos e de que nenhum mortal jamais rasgou o véu".

Na China, de tempos imemoráveis, o templo era uma simples torre, construída no lado sul da capital, e cercado de um bosque sagrado tão espesso que o menor ruído lá não penetrava e o silêncio absoluto reinava ali. Sob uma cúpula azulada representando o firmamento, erguia-se um altar de pedra, no qual o Sumo Pontífice, que era o próprio Imperador, fazia surgir, uma vez por ano, o fogo sagrado, por meios que nada tinham de humano, a não ser o servir de intermediário, tal qual agia Moisés na Arca da Aliança. Sobre a parede do fundo, o nome **Sangté**, o Supremo Regulador, representa a divindade. Prostrado, descalço e despido dos seus ornamentos imperiais, ele adora o **Espírito do Universo**.

Essa analogia com a cerimônia do antigo rei de Salém, Melquisedeque, é flagrante para quem estuda o Ciclo de Rama.

Na primitiva Índia, anterior à China, o templo era cavado na própria rocha, obedecendo a um plano arquitetônico, previamente delineado, cujas esculturas causam, hoje, assombro aos modernos arquitetos. São aos milhares esses templos.

Ali, o espírito humano se concentra por tal forma que chega a ser exteriorizado.

Nos templos católicos, o espírito humano se concentra no semblante de uma **santa**, que anda à procura de seu **santo**, e a crítica fervilha acerca da moda, do pó-de-arroz e do carmim.

Sendo os Templos ou mosteiros, na generalidade, construídos com o dinheiro dos seus respectivos fiéis, em terrenos adquiridos por compra ou doação, claro é que tais edifícios, sem dono personificado, devem pertencer à nação e não a entidades eclesiásticas de qualquer culto que seja, desconhecido oficialmente pela

Constituição. Tais templos são **patrimônio** da nação e, como tais, podem ser cedidos a título precário, ao clero do respectivo culto, como se procede em nações adiantadas, inclusive o México, percebendo o governo todas as taxas a que estão sujeitos os estabelecimentos que auferem lucro da sua atividade. Não se pode, pois, conceber em boa justiça que um templo que mercadeja com a venda de missas de vários preços, de acordo com a sua qualidade ou eficácia, com casamentos, batismos, água benta, talismãs, rosários, figuras e quejandos artigos próprios de um bazar, esteja isento de aluguel, das licenças da prefeitura, dos impostos de indústria e profissões, dos prediais, territoriais, de renda, dos selos de vendas a dinheiro, dos de consumo, de cuja renda sai o décimo de São Pedro, que é remetido para Roma!

Salvemos, ao menos, nosso patrimônio, para que não suceda como no México, onde, em 250 anos, o Catolicismo construiu 15 mil igrejas, mais do que casas particulares e as do governo, e nenhuma escola!

Façamos reverter esses templos para o patrimônio da nação e nacionalizemos, mesmo, o próprio clero, sujeito como está, o nacional, a revoltantes preterições de estrangeiros escorraçados de outros países, não decerto pela eficácia da doutrina que pregam.

Não fechemos os olhos, nem cerremos os ouvidos, aos gritos de alarme dados por todas as nações mais velhas que a nossa, que já sofreram as más conseqüências da tolerância aos maiores intolerantes. Não nos deixemos acorrentar, de novo, como nos templos medievais. Disso depende o futuro social, comercial e artístico de uma nação nova como a nossa, atrasada em alguns séculos pelo imperialismo católico.

Se os exemplos de povos cultos e mais velhos de nada valem, então se entregue o Brasil de uma vez, de mãos ligadas, ao Vaticano; mas não procedamos

como procedemos, com hipocrisia e falsidade, fingindo um divórcio oficial, para, de fato, vivermos numa vergonhosa mancebia.

Identidade de Religiões

Pelo caminho percorrido até agora, por assim dizer, de avião, atravessando mares e continentes desaparecidos, aterrissando nas primitivas capitais do antigo mundo, penetrando em seus templos, nos quais, devotamente, assistimos à redenção de graças ao Deus de cada povo, pelos seus puros Melquisedeques, introduzindo-nos em suas Academias, em que, sentados, ouvimos as lições dos Magos, verificamos, a não ser possível a menor dúvida ou contestação, que a humanidade inteira, há muitas centenas de milhares de anos, adorava o mesmíssimo Deus, Criador, Onipotente e Misericordioso; que a base de todas as ciências que conhecemos e outras que ainda desconhecemos foi por essas academias estabelecida e desenvolvida até o mesmo grau em que hoje se acha, embora as aplicações das suas leis tenham encontrado maior campo, como diversos eram os aspectos dos cultos externos criados pela língua, pelos costumes, pela crendice supersticiosa das camadas iletradas, pelas imposições de hordas invasoras e vencedoras.

Foi nessas alturas que o Verbo de Deus se reencarnou na Terra, para pôr um pouco de ordem na balbúrdia produzida pelo Poder, isto é, pelo Militarismo e pela sua filha dileta, a Política, para restabelecer sua Palavra perdida que dormia sob a letra dos hieróglifos mosaicos e nos empoeirados livros da índia, da Pérsia e da Babilônia.

É essa antiga religião que o Verbo-Jesus procurou reimplantar na Terra, como já tivemos ocasião de estudar, mas que o homem pretensioso desvirtuou

completamente, com a formação de um Culto absolutamente antagônico com as palavras de Cristo, motivando exegeses, cismas, rebeliões, guerras de religiões, perseguições, entre seus próprios adeptos.

A primeira das provas reside exatamente na Igreja Ortodoxa, grega, origem da Igreja Cristã, da qual saiu a Igreja Latina, que se cindiu daquela, com a criação do culto católico, e que, por isso, lhe dedica o mais extremado ódio.

A ortodoxia, que significa **Com ciência em religião**, adotou no seu início a doutrina de Platão, aceita pelos primeiros pais da Igreja Latina, para, mais tarde, no século XIII, seguir a de Aristóteles, bastante tarde, como se vê, para provar que o Catolicismo não era a doutrina que Jesus pregou e que os ortodoxos gregos adotaram e continuam usando.

Tratando do Cristianismo na Rússia, que professa a mesma ortodoxia grega, diz P. Seeberg, fervoroso cristão, professor de **História da Igreja**, na Universidade de Berlim:

> "*Aqui ressalta, como inconscientemente preparada pela própria História, o problema da sorte da Europa e podemos, às apalpadelas, suspeitar do papel que, talvez, na transformação da nova Religião, no correr dos tempos futuros, o Cristianismo ortodoxo grego será chamado a desempenhar*[223]".

[223] Les Révolutions du Monde — p. 419.

Os maometanos que perseguem os cristãos também são cristãos, porque, de acordo com o Alcorão e o Talmude[224], continuam esperando a vinda do Messias, anunciado por Moisés, que eles veneram, bem como ao próprio Jesus, considerando, porém, falsa a qualidade de filiação divina, no sentido que o Catolicismo lhe dá. Jesus, para eles, não passa de um respeitável profeta, cheio de graças, dadas por Deus[225], como exemplo, aos israelitas (Capítulo XLIII, 59). Todo o Alcorão é judaísmo-cristão, e todo seu ensino é baseado na religião de Abraão, que, já sabemos, era a de Rama, a de Melquisedeque, a de Jacó, a de Davi e a de Jesus.

Para que o leitor possa ajuizar do epíteto de **herege** dado pelo Catolicismo ao povo muçulmano que adotou esta religião, transcrevemos em seguida seu **Credo**: "*Cremos em Deus, no que nos foi enviado a nós, a Abraão, a Israel, a Isaac, a Jacó e às 12 tribos de Judá. Cremos nos livros que foram dados a Moisés e aos profetas do Senhor e nos* ***Evangelhos de Jesus Cristo****. Entre eles não fazemos diferença; entregamo-nos, inteiramente, ao Deus único, clemente, misericordioso, vivo, imutável, sábio, poderoso, que está em toda a parte, Criador do céu e da terra. Deus Onipotente, Senhor sem princípio, nem fim, que é o que é*".

Os maometanos como os ortodoxos, como se vê, crêem no mesmo Deus, nos anjos, nos santos, nos Livros Sagrados, nos profetas, na ressurreição dos mortos, no Juízo Final, na predestinação, no céu e no inferno, denunciando, sempre, uma origem judeu-cristã, se bem que, em 624, Maomé tivesse se separado do Judaísmo, por isso, não mais se voltava para os lados de Jerusalém quando orava, mas sim para Meca. O maometano usa rosário, sobre o qual vai remoendo um a um os 99 nomes de Alá!

[224] Livro da "*Lei Oral*", isto é, a explicação do desenvolvimento da "*Lei Escrita*" — a Bíblia.
[225] De acordo sempre com os costumes mosaicos Jeová é chamado Alá!

Os maometanos dão aos pobres uma porcentagem de sua renda, com o que praticam uma espécie de socialismo. No dia de Bairã, eles se reconciliam com seus inimigos (o que o católico não faz). Cinco vezes por dia eles fazem preces (99% dos católicos nem sabem rezar). Jejuam rigorosamente, não havendo despensas como no Catolicismo. Não bebem vinho nem álcool de qualquer espécie (não raro é ver-se um **pau-d'água** que não seja católico). Anualmente fazem peregrinações a Meca por obrigatoriedade. (Os católicos vão a Jerusalém por turismo.) Não comem carne de porco, por ser animal imundo, portador da lepra e da tênia, já condenado por Moisés e Jesus; este simbolizou a abstenção do porco com a passagem dos maus espíritos pelos seus corpos.

Os maometanos estão perfeitamente de acordo com os próprios evangelhos, quando Lucas IV, 24 faz Jesus dizer: "*Nenhum profeta é bem recebido em sua pátria*".

Eis uma oração que a maometana Santa Rabia dirigia a Alá:

> "*Meu Deus, se eu te adoro pelo temor do inferno, faz-me queimar nesse inferno: se te adoro na esperança de ir para o céu, exclui-me do céu; mas, se te adoro, só por ti mesmo, não me ocultes tua eterna beleza*".

Para o Catolicismo isso é uma heresia!

O Talmude proíbe que se interrompa o idolatra em prece perante seu ídolo; pois sem que ele o suspeite é ao Deus Supremo que ele se dirige.

O Catolicismo não é dessa opinião: reduzia a torresmo quem tal fizesse.

O padre J. Michon[226] proclama que, se não fossem os Maometanos, não existiria hoje em Jerusalém o Templo destinado à Comemoração do Cristo. Foram eles que evitaram a destruição dos **Lugares Santos**. E, coisa curiosa, são eles, os **anticristãos**, os proprietários daquele templo; são eles que permitem aos cristãos, mediante prévio pagamento, o uso e gozo, durante um pequeno lapso de tempo, de uma reduzida parte da sala, a fim de se reunirem e orarem. Mas, verifica-se pelas estatísticas, que as visitas àquele lugar são feitas por milhares de **cristãos não-católicos,** já que os católicos só vão lá como simples **turistas** ou como qualquer sábio em visita a um museu, sem se ajoelharem, orarem ou verterem uma lágrima como fazem aqueles.

O Santo Sepulcro foi destruído uma vez por incêndio em 1808 e reconstruído pelos maometanos. Se fosse o contrário que teriam feito os católicos?

Por que não procura o Vaticano adquirir aquela propriedade dos muçulmanos e instalar-se ali definitivamente? Pergunta o padre Michon.

É porque não lhe convém afastar-se da Roma política, onde haure a vida que emana do Ocidente; pois, se tal fizesse, seus dias seriam contados.

Ao menos, ao lado do falso túmulo do Cristo, se veria o verdadeiro túmulo do seu último Pontífice, único que se poderia garantir como legítimo, porque está provado que o Santo Sepulcro e tudo quanto ali é venerado, lugares, relíquias, etc. são absolutamente falsos[227].

Os protestantes, ironicamente chamados **Bíblios** pelos católicos, também são cristãos, porque usam a mesma Bíblia e os mesmos evangelhos do Catolicismo. E, se houve separação de Roma, foi por ter Lutero, frade Augustiniano, protestado contra a escandalosa venda de indulgências, o vergonhoso tráfico de coisas

[226] *Questions des Lieux Saints* – 1852.
[227] GUSTAVE D'ALMAN – *Les Itinéraires de Jesus*

sagradas e contra os dogmas da Igreja, pelo que, após uma terrível luta, foi excomungado, não conseguindo, porém, a Igreja deitar-lhe a mão; se o fizesse teria se transformado em carvão.

O protestante está de acordo com Paulo, que reconhece a necessidade da pregação ser feita na língua vernácula de cada povo.

São idênticas as bíblias católica e protestante e não podem deixar de o ser, pois o católico confessa que a Bíblia é a **Palavra de Deus**. Mas, incoerente e arbitrariamente, substitui alguns artigos que lhe contrariam os planos.

O padre católico era obrigado a ler esta Bíblia todos os dias na missa, cantar-lhe os hinos de Salomão, os Salmos de Davi, venerar Abraão e os Profetas, mas, o fazia em latim, de modo a não ser compreendido, e, além disso, de costas voltadas para a assistência, a qual, nesse intervalo, era obrigada a recitar orações, com o intuito de desviar a atenção desse livro; e o padre, brevemente, do púlpito e com ela debaixo do braço, o condenará como sendo obra de hereges!

É tal o rancor do clero católico contra o protestante e israelita, embora venere Moisés que, sem recorrermos aos volumosos livros da História da Humanidade, vamos encontrar exemplos de verdadeira selvageria cometida, aqui mesmo no Brasil, nos tempos presentes e em vários Estados da União; a própria dinamite, substituindo a palavra de Jesus, fez saltar templos protestantes.

Em Recife, por exemplo, um padre católico fez desenterrar do cemitério secular a filha de um protestante, para ser novamente enterrada à beira da estrada e isso sob as vistas de um juiz pusilânime, estando a Igreja separada do Estado; em Pesqueira, no mesmo Estado de Pernambuco, os padres católicos atacaram e estraçalharam um pobre homem, por andar vendendo Bíblias, a mesma que os matadores traziam debaixo do braço.

Entretanto... (é de ficar-se perplexo!) a *Tribuna de Recife*, de 9 de julho de 1931, publica um artigo do frade João José P. de Castro a respeito da Bíblia. Acentua este frade que tal livro é **usado pelo clero católico, mas não lido por católico algum**, o que **É LAMENTÁVEL**, diz ele, por causa da proibição de Roma, que até as manda queimar.

Termina ele dizendo: "*Sirva o exemplo dos metodistas a espalhar sua Bíblia por todo o mundo para relembrar a humanidade de hoje sua grande fonte de vida. Se esses pobres cristãos, eivados de erros protestantes, compreendem a importância e a eficiência da leitura da Bíblia, como é que os verdadeiros cristãos, que são os católicos, poderão deixar de lado o* ***Livro dos Livros****, o* ***Livro Divino****,* ***a Carta*** *que Deus mesmo lhes escreveu*?!"

Pondo de parte o maquiavelismo do trocadilho, perguntemos então ao católico: "*Por que queimar o* ***Livro dos Livros****, o* ***Livro Divino****, a* ***Palavra de Deus***?!"

Arrancai a venda que vos puseram sobre o entendimento, e praticai, como pratica o protestante, as palavras do meigo Jesus.

Mme. de Brinon e Pelisson escreviam: "*Há muito que eu disse que, quando se transformarem todos os protestantes em católicos, verificar-se-á que os católicos se tornaram todos protestantes e, portanto, surgirá um misto que possuirá tudo quanto reconhecereis de bom em nós e tudo quanto reconheceremos de bom em vós*".

Contudo, diz Pierre d'Angkor, "*o puritanismo anglo-saxônico, notadamente, nada mais é do que uma exageração do próprio espírito católico que considera a Natureza como a inimiga da humanidade, e os mais naturais instintos humanos como simples tentações do demônio para nos desviar de Deus*".

Nos limitemos a essas três igrejas saídas da mesma fonte para mostrar, ainda uma vez, o modo nada cristão como o Culto Católico, com as armas na mão, e fogueiras acesas, procuram impor dogmas criados por ele, que não tem nenhuma relação com a essência da doutrina do fundador do Cristianismo.

Intolerância

O Evangelho faz Cristo dizer que se deve repreender seu irmão, primeiro sem testemunha; se ele não quiser ouvir, **denunciá-lo à Igreja** e tratá-lo como pagão. Esta sentença está em flagrante desacordo com o perdoar 70 vezes sete; e foi daí que surgiram as delações que levaram tanta gente à fogueira.

Buda mandava que seus discípulos não se incomodassem com as faltas de seus semelhantes.

Deus é o Pai de todos e não só dos cristãos. Tanto faz ser judeu, muçulmano, hindu ou ateu: todos são filhos de Deus.

Dizia Voltaire[228]: "*Deve-se lamentar um ente pensante que se desvia; persegui-lo é insensato e horrível*".

> "*Somos todos irmãos; mas, se um de vós, animado do mesmo amor filial e da mesma caridade fraterna, não saudar nosso pai comum (Deus) com as mesmas cerimônias que emprego, devo eu degolá-lo e arrancar-lhe o coração*?"

A oração que Mahatma Gandhi, o grande nacionalista indiano, compôs para seu povo, em 5 de novembro de 1919, bem mostra que o budista é mais cristão

[228] Traite de l'intolérance.

que o católico. Assim reza ele: "*Senhor, guiai a Índia no caminho da verdade, ensinai-lhe, para isso, a religião do Swadeshi*[229] *e estreitai a união dos hindus, dos parses, dos muçulmanos, dos cristãos, dos judeus que vivem na Índia*".

Citemos ainda Voltaire a respeito: "*No primeiro século da Igreja, antes que o nome de Cristão fosse conhecido, houve uma vintena de seitas na Judéia, que se julgavam de acordo com a doutrina que Jesus pregou. No fim desse primeiro século, esse número atingiu a uma trintena de seitas cristãs, na Ásia, na Síria, em Alexandria e mesmo em Roma, as quais, vivendo em subterrâneos, se perseguiam mutuamente*".

> "*Quando, por fim, os cristãos abraçaram os dogmas de Platão, que eram baseados nas religiões da Antigüidade, misturados com um pouco de filosofia, a religião que eles separaram da judaica, aumentou-lhes o número, mas sempre duvidoso em seitas, sem que houvesse um só tempo em que* a *Igreja Cristã fosse unida. Ela nasceu das divisões dos judeus, dos samaritanos, dos fariseus, dos saduceus, dos essênios, dos judaítas, dos discípulos de João e dos terapeutas. Ela foi dividida em seu berço, ela o foi nas perseguições que às vezes sofreu os primeiros monarcas. Às vezes o mártir era considerado como um apóstata por seus irmãos, e o cristão carpocrata morria sob o cutelo dos carrascos romanos, excomungados pelo cristão ebionista, o qual era anatematizado pelo sabeliano".*

[229] . GANDHI – La Jeune Inde — Swadeshi é a boicotagem dos produtos dos seus opressores.

"Esta horrível discórdia, que dura desde tantos séculos[230]*, é uma lição de que devemos perdoar mutuamente nossos erros. A discórdia é o grande mal da humanidade, e a tolerância seu único remédio".*

"Não há ninguém que não concorde com essa verdade, seja que ele medite de sangue-frio no seu gabinete, seja que ele examine tranqüilamente a verdade com seu amigo".

Se o Cristianismo se desenvolveu foi em decorrência exatamente da tolerância da Roma paga, porque os primeiros cristãos eram todos judeus. Ora, se o cristão ou o católico persegue o judeu ou outro qualquer credo é porque, decididamente, o cristão ou o católico não possui as virtudes nem as crenças cristãs; eles permanecem, positivamente, pagãos. Não se é anti-judaico sem ser, *ipso facto*, anticristão. Contestar semelhante aforismo é impossível.

O imperador Julião, o apóstata, já dizia que "*os cristãos haviam herdado dos judeus sua cólera e seu furor contra o gênero humano*".

Amiano Marcellino, historiador do século IV, citando o imperador Julião, disse: "*Os animais ferozes não são tão terríveis quanto são os cristãos entre si, e quando divididos por crenças ou por sentimentos*".

"*A consciência geral dos cristãos, diz Saint-Yves, à medida que ela evolui, não aprova esses anátemas, essas*

[230] Escrito há duzentos anos.

excomunhões, essas cóleras, essas violências que são armas da fraqueza e da impotência irritadas."

A intolerância é a represália dos santuários ameaçados em seus interesses materiais.

Por que, pois, homens que admitem em particular a indulgência, a benevolência, a justiça, se erguem publicamente com tanto furor contra essas virtudes? Porque seu interesse é seu dever. A esse monstro eles sacrificam tudo.

Uma anedota oriental conta que, numa discussão teológica, um dos assistentes dissera que Moisés, Cristo e Maomé foram três impostores que enganaram os judeus, os cristãos e os muçulmanos; ao que o outro respondeu dizendo que um pai possuía um anel que representava uma fortuna; mas, como possuísse três filhos, mandou ele fazer mais dois anéis semelhantes para, assim, ser dado um a cada um.

O pai morreu, os filhos reclamaram a fortuna que devia estar encerrada no anel original. Houve discussões, e o juiz sentenciou que cada um teria de herdar igualmente daquele anel, provando assim que todos os três eram filhos do mesmo pai, com direito à herança, assim como o judeu, o cristão e o muçulmano são filhos do mesmo Deus.

Atualmente o católico combate o anglicano, o luterano, o ortodoxo, o maometano e suas próprias igrejas estão divididas e subdivididas.

Entretanto, como disse D. Antônio, bispo de Viseu, a respeito das manobras do clero católico: "*A religião de Jesus Cristo é tão boa, que, estando os padres encarregados de dar cabo dela, ainda não o conseguiram*".

Se Deus consente a anarquia do Catolicismo é porque ele entregou a malícia do diabo aos pastores do Cristianismo, como fez com Jó.

O caráter do sacerdócio católico é de não saber viver em paz com nenhum outro sacerdócio. Ele reclama, para si, a liberdade como privilégio de oprimir os outros; quer libertar a consciência acorrentando a dos outros sacerdócios.

E, se Jesus vendo das alturas a corrupção e a imortalidade da sua Igreja e de seus ministros, segundo as expressões de F. R. dos Santos Saraiva, não fulmina esses clérigos hipócritas e charlatões que comem dele, é porque, certamente, ou está dormindo há tantos séculos, ou já se desinteressou dessa humanidade.

Fukusawa, um dos maiores letrados do Japão, escreveu: "*Toda religião basta ao fim a que se propõe. Há diversas religiões, o Budismo, o Cristianismo e muitas outras. No meu ponto de vista, não existe entre esta e aquela maior diferença do que entre chá verde e chá preto. Quer se beba de um ou de outro, a diferença não é grande. Para aquele que ainda não provou do chá, o que ele deve fazer é prová-lo uma vez para conhecer-lhe o sabor. Os doutores de religiões são como os vendedores de chá. Cada qual se esforça em colocar melhor sua mercadoria. Mas não é justo depreciar os produtos de outrem, para encarecer o seu. Deve-se, simplesmente, tratar de oferecer a mercadoria bem sortida e barata*".

Se não fosse a revogação do Edito de Milão, lançado por Constantino e Licinius, é possível que a Igreja não tivesse cometido os horrores que cometeu. Esse Edito concedia aos cristãos e a todos os outros cultos a faculdade que se tem hoje de seguir a religião que se quer.

Aí vai mais uma exuberante prova da intolerância, da incoerência e da perversidade do Catolicismo.

Quando Jesus disse que "*aquele que ferisse com a espada, com ela seria ferido*", quando ele ensinou o amor ao próximo, quando aconselhava perdoar 70 vezes sete, quando ensinava a humildade, mandando dar a outra face ao agressor, quando definiu os dois poderes, ordenando que se desse a César a matéria e a Deus o espírito, ele apregoava que a doutrina que pregava era contrária à sangueira, à carnificina, ao ódio, à guerra em suma.

Mas, quando o mundo inteiro, por meio de Ligas, de Congressos internacionais, de intervenções diplomáticas, procura resolver o mais importante problema deste século, qual o do desarmamento, para garantir a paz neste pobre planeta, quando todos os homens de boa vontade, de religiões antagônicas em seus cultos, confraternizam e se abraçam para descobrir a magna equação, eis que surge, em maio de 1933, o Monsenhor Gillet, do púlpito da Catedral de Notre Dame de Paris, em discurso, perante 27 delegados de várias nações, aconselhando a que todas as nações "*se armem até os dentes, que multipliquem seus engenhos de morte para uma futura hecatombe*!"

Eis a doutrina católica, doutrina de Satanás; mas não a do meigo Jesus, que de pretende representar, quando, de fato, representa o gênio do mal!

Edificante de ironia!

E ainda há homens que se ajoelham perante esses criminosos inimigos da humanidade!

Ódio Católico

Como já temos repetido, Jesus nunca instituiu sacramentos ou dogmas de espécie alguma, a não ser os pontos de moral da doutrina que pregou, pontos que

se aplicam à humanidade inteira. A doutrina de João forjou o sacramento e o dogmatismo produzindo o Catolicismo.

Os dez mandamentos que os próprios evangelhos citam incompletamente, por causa de interesses de doutrinas, são repetições dos de Moisés com criminosa variante; a oração que Jesus ensinou aos seus discípulos: "*Pai Nosso*..." é um resumo da oração de Zoroastro; as sentenças que pronunciou são repetições de Buda; os atos que praticava eram todos pautados na moral do patriarca Rama. Nunca ele perseguiu ou mandou perseguir ou odiar crença contrária; ele procurava convencer por palavras e atos. Nunca ele excomungou ninguém, nem mesmo Pedro, que o negou três vezes, nem Judas, que o traiu nem o Pontífice que o entregou à multidão.

Entretanto, o Papa, seu representante, não cessa de vomitar excomunhões e anátemas a quem não pactuar com sua Igreja.

A excomunhão, além de aberrar da própria doutrina de Cristo, e das palavras de Paulo, é o maior contra-senso do Catolicismo, pois, em vez de procurar salvar as ovelhas perdidas, como prescrevia Jesus, as precipita aos milhares nos braços de Satanás, tolhendo-lhes, no seu modo de ver, até o direito de salvação eterna. É verdade que, com dinheiro, é possível obter-lhe a revogação dessa sentença, porque em Roma tudo se vende, lei, consciência e alma.

Todos os discípulos de Jesus fugiram desabridamente apavorados, quando ele foi preso e ia ser levado ao Calvário; e o meigo Cordeiro não teve sequer um gesto de censura, ao contrário, sorriu docemente para Pedro quando passou por ele.

Por que se perseguir esse povo israelita, genericamente cognominado de Judeu? Esse povo é da mesma descendência de Jesus, segue a mesma doutrina

dos dez mandamentos, por ele apregoado como base, usa a mesma Bíblia que o Catolicismo usa, entoa os mesmos hinos de Davi e de Salomão, cantados por Jesus[231] e pelo clero católico, celebra as Vésperas, como o católico, que venera Moisés e seus profetas como Jesus os venera e também a Igreja Romana, que, afinal, foi o principal motivo da sua encarnação: reunir as ovelhas perdidas desse povo e salvá-lo mesmo com o sacrifício de sua vida, conforme se vê em Mateus X, 5, 6, 9, 10: "*Não ireis pelo caminho dos gentios, nem entrareis em cidades de samaritanos; mas, ide antes às ovelhas perdidas da Casa de Israel*". Quando Jesus atravessou a região de Tyr e Sidon, uma cananéia exortou-o para que tivesse piedade de sua filha que era atormentada por maus espíritos; Jesus não quis atendê-la apesar da intervenção dos Apóstolos.

"*Não! Disse ele, porque só fui enviado às ovelhas perdidas da Casa de Israel*".

Em Atos XIII, 23 e em muitas outras passagens se lê: "*Da descendência deste (Davi), conforme a promessa, levantou Deus a Jesus para Salvador de Israel*".

Em todos os atos e das palavras de Jesus, ressalta, claramente, que todo seu sacrifício em pregar a boa palavra tinha, unicamente, por fim, instruir o povo de Israel e não a humanidade ou a Ásia, fonte da própria doutrina difundida.

Não se pode, pois, compreender semelhante antonomia, semelhante ódio a um povo amado pelo Mestre. Será pelo fato de terem os antepassados desse povo levado seu Salvador ao Calvário?

Seria pueril essa lógica, pois, se Jesus veio ao mundo para redimir o povo de Israel com seu sangue, que ele **sabia tinha de ser derramado**, onde está, portanto, o crime dos judeus? Estes nada mais fizeram do que contribuir,

[231] Marcos XIV, 26 — XXVI, 56.

materialmente, para a realização de um fato já previsto por seus profetas, portadores da palavra de Deus, uma vez, como dizem as escrituras, que este **enviou seu filho para ser imolado**!

Nem por ser o carrasco o executor da Lei, deixa ele de merecer o respeito do povo.

Não é o ato que faz o crime, mas sim a intenção. É por isso que os judeus que crucificaram Jesus, sem conhecê-lo, não podiam ter pecado. Mais criminosa e mais contrária à doutrina de Jesus é a propaganda, a guerra e o ódio à Casa de Israel, pelos discípulos daquele que, exatamente, veio se sacrificar por ela e a qual ele perdoou: "*Perdoai-lhes, Senhor, eles não sabem o que fazem*".

Seria o caso dos judeus dizerem também dos católicos: "*Perdoai-lhes Senhor, eles não sabem o que dizem nem o que fazem*".

Mas, infelizmente, há judeus que repudiam a Jesus, por não o considerarem como o Messias, o Verbo, o qual, aliás, ainda esperam. E por que não este e sim outro? Pois se os evangelhos dizem que Jesus é da raça de Davi, de cujos lombos deveria sair o Messias, como esperar outro, uma vez que esta raça já está extinta?

É de pasmar-se, portanto, ver-se que, no século XX, ainda haja terrível perseguição da Igreja do Cristo contra os israelitas em geral e, especialmente, contra as duas tribos de Judá e Benjamin; pois chamar-se este povo, geralmente, de judeu, é erro e maquiavelismo do Catolicismo, visto como as dez tribos há muito tempo se haviam separado, por quererem essas duas um rei, ao passo que aquelas cingiam-se à Sinarquia de Moisés, que só admitia um Pontífice. O epíteto de **judeu**, com caráter deprimente é obra genuinamente católica.

Pergunta, com razão, o ex-padre Santos Saraiva:

"*De onde veio ao Vaticano o direito de condenar sem ouvir o delinqüente, de excomungar sem instruir e esperar o arrependimento do pecado? Do Evangelho? Não, porque este manda perdoar 70 vezes sete. Dos exemplos do Cristo? Também não, porque ele disse que não vinha julgar e ninguém tinha o direito de o fazer. Logo, este suposto direito nasce do capricho, da arbitrariedade, da imprudência, do espírito tirânico, cruel e vingativo do culto católico, e este Espírito reside no Princípio do Mal, que é a força que move os cordéis do Vaticano*".

A excomunhão é uma paródia do Deus Júpiter do Paganismo, que fulminava a torto e a direito os que discordavam do culto que lhe rendiam.

Mas não é de admirar essa prática estulta, para com a humanidade, quando o leitor souber que a excomunhão é lançada até a pobres vermes e insetos, obedecendo a uma curiosa legislação e a um complicado ritual.

Seria fastidioso relatarmos, aqui, os inúmeros processos intentados pela Igreja Romana contra animais, acusados e defendidos por advogados, para, por fim, serem condenados à excomunhão, sofrendo as penas que lhes eram impostas. O leitor ávido dessas informações recorrerá a J. G. Frazer, em seu *Folclore*, do qual vamos extrair um escandaloso processo que se realizou no Brasil (p. 353):

"*A prática de intentar processos aos animais malfazejos existia ainda na primeira metade do século XVIII e foi transportada pela Igreja para o Novo Mundo. No ano 1713,*

os frades de Piedade, da província do Maranhão (Brasil), intentaram uma ação às formigas desse território, por cavarem traiçoeiramente os alicerces do mosteiro e saparem as adegas dos ditos frades, o que enfraquecia os muros do mosteiro e o ameaçava de ruína total. Não contentes de saparem as fundações do edifício sagrado, as ditas formigas se tinham introduzido nos compartimentos das provisões e carregado a farinha destinada ao consumo dos frades. Isso não se podia tolerar; por isso que, depois que todos os remédios foram empregados, em vão, um dos frades exprimiu a opinião de que era necessário voltar ao espírito de humildade e de simplicidade, que tinha, tão eminentemente, distinguido seu fundador seráfico, quando ele chamava todas as criaturas de irmãos e irmãs, tal como irmão Sol, irmã Lua, irmão Lobo, irmã Andorinha, e assim por diante, e que era preciso intentar um processo às suas irmãs 'Formigas', perante o tribunal divino da Providência; ele convinha em designar advogados para as acusadas e para os queixosos e o bispo devia, em nome da Justiça suprema, presidir ao processo e pronunciar o julgamento.

Essa sábia proposta foi aprovada e quando todas as disposições foram tomadas para o processo, o advogado dos queixosos tomou a palavra e mostrou que seus virtuosos clientes, os frades, viviam da caridade pública, recolhendo as esmolas dos fiéis, o que lhes causava grande trabalho e

amofinações; enquanto as formigas, cuja moral e vida eram evidentemente contrárias aos preceitos do Evangelho e que eram, por conseqüência, encaradas com horror por São Francisco, fundador da Ordem de seus clientes, subsistiam por pilhagem e por embuste; pois, não contentes em se entregarem a roubalheiras ordinárias, elas empregavam a violência para fazer arriar a casa sobre a cabeça dos frades. Em conseqüência, as acusadas deviam se justificar ou serem entregues ao extremo rigor da lei, a saber: a morte por pestilência ou pelo dilúvio ou pelo menos ao extermínio na comarca. Por outro lado, o advogado das formigas argüiu que, tendo recebido do seu Criador o dom da vida, elas eram constrangidas, pela natureza, a conservar por meio dos instintos naturais que lhes eram inerentes; que era de conformidade com esses meios que elas serviam a Providência, dando aos homens um exemplo de prudência, de caridade, de piedade e de outras virtudes, em prova do que o advogado citava as passagens das Escrituras, de São Jerônimo, do abade Absalão e mesmo de Plínio; que as formigas trabalhavam mais duramente que os frades, os fardos que elas transportavam eram às vezes mais volumosos que seus corpos e sua coragem ultrapassava suas forças; que aos olhos do Criador os homens mesmos nada mais são do que vermes da terra; que suas clientes possuíam o terreno muito antes dos queixosos lá se instalarem; que, em conseqüência,

eram os frades e não as formigas que tinham de ser expulsos do território, sobre o qual não lhes assistia outro direito senão o da força; enfim, que os queixosos deviam defender sua casa e suas provisões por meios humanos, aos quais as acusadas nio se oporiam, uma vez que elas pudessem continuar sua maneira de viver, obedecendo à lei que era imposta pela natureza, gozando da liberdade da terra, tanto mais não pertencendo ela aos queixosos, mas sim ao Senhor, 'assim como tudo quanto ela contém'.

Essa resposta foi seguida de réplicas e tréplicas, no curso dos quais o advogado da acusação se viu constrangido a confessar que os debates tinham mudado sua opinião acerca da criminalidade das acusadas... O resultado dessa causa foi que o juiz, depois de ter cuidadosamente considerado os fatos, decidiu que os irmãos escolheriam um campo na vizinhança, onde poderiam habitar as formigas, para onde elas se dirigiriam imediatamente sob pena de excomunhão maior. Graças a esse arranjo, ele observou, as duas partes ficaram satisfeitas e reconciliadas; pois as formigas deviam se lembrar que os frades tinham vindo ao país para semear o grão do Evangelho, enquanto as formigas poderiam, facilmente, ganhar sua vida alhures e com menos despesas. Esta sentença, tendo sido pronunciada com toda a gravidade exigida, um dos frades foi designado para levá-la ao conhecimento das formigas, o que ele fez lendo-a em voz alta em frente aos buracos de suas

galerias; os insetos conformaram-se lealmente e todos as viram em espessas colunas abandonar seus formigueiros para irem, apressadamente, em linha reta, até o território que lhes foi designado".

"Risum teneatis?"

"Vinte séculos de infamantes delitos, de rapinas sem número, de sangueira; os cruéis tormentos inquisitoriais, a ereção de horripilantes fogueiras, um imenso acúmulo de males, de corrupções, de ignorância, de ferocidade, de escravidão de tantos países da terra, nos fazem estremecer a alma e pensar que é o sacerdote católico que tem sido a causa de todas as misérias da humanidade[232]".

Teria sido este o programa de Jesus?

Judeu-Cristianismo-Búdico

Se as 12 tribos de Israel quisessem estudar Saint-Yves, a aliança do Judeu-Cristianismo seria um fato em curto prazo e o resultado ultrapassaria os mais importantes feitos, desde que a terra existe, não só em benefício de Israel, como da humanidade inteira, porque a cristianização da índia e da China e do próprio Catolicismo seria uma conseqüência lógica.

Os israelitas, em geral, se convenceriam de que todo o fim de Jesus foi exatamente reconciliá-lo na mesma Lei de Sinarquia, e que sua doutrina é a mesma que Moisés lhe ensinou, pois é a condensação de todas as outras.

[232] J.M. PING CAUSARANC – Secretário da Educação Pública do México

Monsenhor Duchesne[233] escreve: "*É certo que o Cristianismo tem suas raízes na tradição judaica; que as primeiras crises de sua história são comparáveis às de uma criança que se separa da mãe; que os livros sagrados de Israel são também seus livros sagrados; e houve, mesmo, um tempo em que ele não conhecia outro".*

> *"As cristandades constituíram-se, mais ou menos, como as sinagogas judaicas. Como estas, elas foram núcleos religiosos fundados sobre a comunidade da fé e da esperança. Mesmo no ponto de vista do culto propriamente dito, a semelhança é ainda maior. Os dois termos de sinagoga e igreja significam a mesma coisa: ajuntamento e reunião".*
>
> *"Naqueles primeiros tempos, a analogia vai mais longe: assim como os judeus de todos os países se consideram irmãos em Abraão, Isaac e Jacó, do mesmo modo as cristandades locais sentem vivamente sua fraternidade em Jesus Cristo. De ambos os lados, todos olham para Jerusalém, que ainda é o coração do Cristianismo, assim como do Judaísmo".*

Jean Izoulet[234] diz que Jerusalém é a capital da terra cristã, maometana e judaica. Jerusalém é venerada pelos judeus, adorada pelos cristãos e respeitada pelos muçulmanos.

[233] Histoire Ancienne de l'Église.
[234] Paris, Capital dês Réligions.

Com efeito, replica Alfred Bizat, ultracatólico, "*os primeiros cristãos permaneceram judeus na estrita observância da lei, que constituía uma sorte de higiene corporal e espiritual. Talvez fosse uma infelicidade o desaparecimento, por extinção, das comunidades judeu-cristãs, e, talvez, se possa, até certo ponto, encarar sua ressurreição como desejável e capaz de favorecer a entrada eventual dos israelitas na comunidade cristã, quando vierem os dias prescritos por Paulo*".

O Judeu-Cristianismo dominou em Jerusalém e em Roma. O papa Clemente I era bispo judeu-cristão.

A Índia e a China, ou seja, quase 2 bilhões de almas, verificariam, igualmente, pelos seus Pontífices, que a doutrina que Jesus pregou ao mundo é positivamente a que se acha expressa nos Livros Védicos, isto é, no Mahabharata, no Upanishaba, no Bhagavad-gita[235], nos de Confúcio[236] etc., porém, reduzida a termos mais singelos.

O Bhagavad-gita (Canto dos Santos), que contém 700 hinos, assim se exprime (12, 5-8):

> *"A dificuldade é maior para aqueles que tendem ao Incognoscível por meio do seu pensamento; pois, o fim, que se não deixa de reconhecer, é dificilmente atingido por seres encarnados. Mas, para aqueles que oferecem a mim todas suas obras, abandonando-se inteiramente a mim e que me servem, pensando em mim com devoção, que se não deixam orientar por lado algum contrário, aqueles cujos pensamentos me são dirigidos, para estes eu me torno rapidamente seu*

[235] EMIL SINARD - Já em português
[236] W.G GAUTHIER - Paris

salvador; eu os liberto do fluxo da existência no mundo que encaminha para a morte."

"Volta teu coração para mim só, dirige tua vida interna para mim e tu viverás futuramente junto a mim; isso não padece dúvida alguma."

É possível ver-se nessas palavras doutrina de hereges, de pagãos? São as mesmas que, milhares de anos depois, Jesus veio repetir à humanidade sofredora.

Os únicos dois pontos divergentes entre o Catolicismo e o Budismo baseiam-se na Origem do Mundo e na Transmigração da Alma. Para o Budismo, o mundo foi criado há milhões de anos; para o Catolicismo somente há 6 mil anos. Para o Budismo, o espírito evolui até chegar à perfeição, reintegrando-se em Deus, como ensina o próprio Paulo; para o Catolicismo ela vai para o céu ou para o inferno.

Segundo Edwin Arnold[237]: "*as Leis da evolução, de causalidade, de continuidade, de energia, a unidade do mundo, a homogeneidade e o encadeamento dos seres, sua metamorfose em formas passageiras, a diminuição progressiva do mal pelo acrescimento do saber, do altruísmo e da solidariedade, teorias estas dominantes da ciência e da filosofia modernas, são, com efeito, as Sublimes Verdades pregadas pelo Buda*".

Buda, ou Cakya-Muni, ou ainda o Fo-Hi da China, foi o Lutero do Bramanismo, o pregador da Caridade Universal e da igualdade fraterna entre todos

[237] Lumière d'Asie

os filhos dos homens, o restaurador da tradição deformada por um clero ambicioso e açambarcador da riqueza nacional.

Sua doutrina, saturada de uma profunda e incomparável moral, pauta o mais insignificante ato da vida corrente de um budista. O verdadeiro budista é aquele que vive com a cabeça de um adulto e o coração de uma criança, de onde as palavras de Jesus, com referência ao reino do céu que pertencia às crianças; ao passo que, no Ocidente, os fiéis católicos só se lembram de seus deveres religiosos aos domingos ou dias de festas, ou quando, por circunstâncias fortuitas, vão ao templo assinar o livro de presença em missa de defunto graúdo, ou tiram o chapéu, automaticamente, com uma cara compungida, com o pensamento alhures, ou lendo o jornal, no ônibus, à passagem pela frente do mesmo templo, embora de portas fechadas.

Outros há, também, que guindados ao Poder, para satisfazer a uma facção política, se declaram publicamente, da tribuna do Parlamento, contrários ao Catolicismo e, no dia seguinte, beijam pública e oficialmente os pés de um ídolo de pau, venerado como santo e não reconhecido pela Constituição do país.

Jesus disse um dia: "*Hipócritas! Bem profetizou de vós Isaías quando disse: 'Este povo honra-se com os lábios, mas seu coração está longe de mim'. Em vão, pois, me honram, ensinando doutrinas e mandamentos que vêm dos homens*".

> "*O hindu esquece seu Eu no Todo e se identifica com o Todo; o homem moderno ocidental esquece o Todo em seu próprio Eu e se identifica com este*[238]."

[238] Formichi — La pensée réligieuse de l'Inde.

A nomenclatura, a tecnologia e o simbolismo dos livros védicos, frutos de uma série de observações e estudos milenários, por isso mesmo aparentemente tão diferentes dos livros ocidentais, compreendem um Deus único e Inefável, adorado em Espírito e não em figura, como geralmente se crê, porque o **Brahma** dos Bramanistas não é representado por boneco nenhum, mas simplesmente pelo termo Brahman, que simboliza o Deus supremo, do mesmo modo que o Buda do Budismo, embora representado pela figura de um homem sentado[239], espécie de estátua do primeiro legislador da índia, como o Cristo do Corcovado representa o profeta da Galiléia, não simboliza de modo algum o Criador Onipotente, nem seu filho antropomorfo; mas, simplesmente, uma síntese da Teocracia de Rama. No Oriente entra-se descalço no Templo, deixando-se as sandálias à porta do mesmo. Nas igrejas católicas... é visível a falta de escrúpulos de certas devotas, a falta de compostura de certos moços, a falta de respeito à Santidade do lugar.

A maioria lá vai como que para assistir a uma representação teatral ou a uma conferência quando há sermão ou com fins mundanos.

Como não ser assim, pois, se na torre os sinos repicam jazz-bands e chulas carnavalescas, se no adro a charanga de circo remói polcas e tangos, se no coreto se vendem leitões e o altar se torna um balcão, se na rua a garotada, aos berros, corre atrás dos foguetes comprados com dinheiro de esmolas, que melhor aplicados seriam para socorrer os famintos ou edificar escolas?

No Oriente, as romarias aos templos são acontecimentos profundamente religiosos. No Ocidente, e especialmente no Brasil, as romarias são verdadeiras festas ao deus Baco, são piores que as bacanais do Paganismo. Sem falar de outros

[239] Vide Capa.

Estados, citemos só a Festa da Penha, do Rio de Janeiro, cuja orgia é bem conhecida.

Já Ovídio, em Fastos, como que assistindo há dois mil anos a esta festa, escrevia a respeito da de Ana Petronilha (Ana Perena):

> "*Nos Ides, é a festa genial de Ana Perena, não longe das tuas margens, ó Tibre vagabundo. A plebe açode, e, cá e lá, deitados sobre a relva verdejante, bebe-se e come-se, cada qual com sua companheira. Uma parte permanece ao ar livre; outra, arma tendas; alguns arranjam barracas com ramos de árvores; outros espetam moirões à guisa de colunas e neles penduram suas roupas. Entretanto, o Sol e o vinho aquecem essas cabeças. Cada qual pede tantos anos de vida quantos são os copos de vinho que esvaziam, cujo número se conta. Alguns engoliriam os anos de Nestor pela série de seus bródios, atingindo a idade da Sibila. Ali também se canta tudo quanto se ouviu nos teatros e os gestos acompanham a letra; depois, pousando a taça, executam danças grotescas, e a companheira se esbate com a cabeleira ao vento. No regresso, cada um vem cambaleando e os transeuntes que os vêem passar, divertem-se e acham que são felizes*".

O que se não pode contestar é que todos os adeptos das várias formas de religiões existentes no mundo sejam eles israelitas, protestantes, bramanistas, budistas, lamaísta etc. cumprem à risca os preceitos do culto interno, já cantando

seus hinos e orações diariamente às horas próprias, já fazendo suas abluções, já se abstendo de carnes e bebidas alcoólicas, já realizando rigorosos jejuns, já repartindo suas fortunas entre os necessitados. Nelas não há meios-termos, nem confissões, nem perdões, nem indulgências, dispensados por procuradores do céu; quem transgride suas leis morais, encontra em si mesmo a punição e se impõem certos rigores psíquicos.

O pecador procura não recair no pecado, porque está persuadido que as reincidências nulificam seus frágeis arrependimentos e o condenam às penas do além. O católico, porém, reincide constantemente no pecado, porque está convencido de que cada absolvição pelo sacerdote, que lhe permite aproximar-se do altar para engolir Cristo em uma hóstia, e redime, tornando sua alma negra tão pura como a de um anjo, seja ele, embora, o maior assassino ou o mais desprezível recidivo.

O culto católico é tão contrário à eqüidade, que ele proclama que Deu-Pai mandou seu Filho sofrer na terra, fez correr lágrimas a sua mãe, consente as torturas infligidas em seu nome por um carrasco a quem não fulmina, impõe o Espírito Santo a 12 homens quando devia fazê-lo à humanidade inteira.

O Catolicismo romano compreenderia, então, que se fez da doutrina que o Cristo-Jesus pregou, um código político que só tem servido para irritar o mundo e causado as antipatias que se verificam, de vez em quando, em certas nações e, por fim, poderia exclamar como Saint-Yves:

"Sim, sou católico, isto é, universal, até o alto do Himalaia".

E, olhando, não para tão alto, mas para o cume do nosso Corcovado, veria o Verbo Redentor, não mais como o **Cristo Sofredor**, pregado a uma cruz; mas como o **Cristo Glorioso**, dispensando, por isso mesmo, o contínuo sacrifício, em atitude de abraçar toda a humanidade sem distinção de raça, de cor ou de crenças.

O Cristianismo primitivo teve quatro fases: o palestiniano, o pauliano, o judeu-grego e o joânico.

A Igreja Apostólica ensinou a **humanidade** de Jesus; Paulo sua natureza **humana** e João sua preexistência, sua **divindade**, terminando o Concilio de Nicéia, por decretar sua **deidade**, o que causou o rompimento.

Entretanto, a diferença aparente entre o **Judaísmo** e o **Catolicismo** reside, igualmente, no seguinte: o judeu crê no imenso valor da vida terrestre, ponto final da alma e do homem; o católico crê no infinito valor da vida terrestre e só aceita a vida do além, no céu ou no inferno. Se o judeu aprofundasse seus livros veria que Moisés cogita esotericamente da alma, do espírito e da sua sobrevivência. Basta citar Deuteronômio XXXIII, 1, 2: "*O senhor veio do Sinai. Ele levantou-se sobre vós de Seir. Ele apareceu no monte* ***Faran***[240] ***e milhões de santos com Ele***".

Entre esses milhões de santos, figuravam, provavelmente, os antigos ortodoxos que foram espíritos terrestres.

Em Deuteronômio XVIII, 11: "*Moisés proíbe terminantemente que seu povo interrogue os mortos*", isto é, o espírito, o que denota que as religiões da Antigüidade já se ocupavam de **espiritismo**, o que não pode ser contestada. Na previdência desse teurgo, não convinha que seu povo, a que ele acaba de arrancar da idolatria espiritual, se entregasse a essas especulações perigosas, que teriam

[240] Referência a Rama

certamente desorientado aquelas fracas inteligências. Contudo, essas práticas não deixaram de ser difundidas entre o povo de Israel, tanto assim que se vê o rei Saul invocando, por meio da pitonisa, o espírito de Samuel que lhe apareceu (Samuel XXVIII, 3, 7, 8, 9 etc.).

E que é a invocação dos santos do Catolicismo senão a invocação dos espíritas?

O caso é que, em boa lógica, tanto o israelita como o muçulmano ou o budista, ou mesmo o ateu, podem, perfeitamente, atravessar a existência sem entrar em explorações metafísicas, procurando sondar a divindade, merecendo, por fim, a recompensa com a condição de cumprir fielmente os simplíssimos dez mandamentos que resumem a Lei de Deus, para os homens, lei em uso em qualquer povo do mundo, desde que se adote a frase resumida do Espírito da Verdade:

"*Sem Caridade não há Salvação*".

Elucidações

No alinhar desta colcha de retalhos, tivemos ocasião de tocar em alguns pontos, dos quais, depressa, nos afastávamos, para não argumentar a complexidade do assunto.

Julgamos, porém, ser útil elucidar alguns, embora muito superficialmente, pois seu completo desenvolvimento poderá ser obtido, recorrendo-se às obras de Saint-Yves, de Fabre d'Olivet, de Edouard Schuré e de outros escritores que temos citado. Estamos certos de que não será pequeno o benefício que isso trará aos estudiosos e sedentos de Verdade, porque é pelo estudo, remontando às principais fontes e fazendo comparações, que o espírito inteligente tirará suas conclusões, descobrindo, senão a **Verdade**, pelo menos o **erro** que os sofismas produziram.

Assim é que várias vezes nos referimos a **Rama**, como primeiro patriarca legislador das índias, do Irã[241] e do Egito.

A existência desse personagem foi descoberta por Fabre d'Olivet[242], porém mais profundamente pesquisada por Saint-Yves, que remontou a 86 séculos.

Edouard Schuré[243], igualmente, estuda esse primitivo patriarca e reconhece sua passagem na Terra.

Mas como conhecemos pessoas eruditas, que duvidam dessas existências, considerando-a, pelos enciclopedistas interessados, como uma divindade mitológica da Índia, vamos passar a pena a Saint-Yves:

---

[241] *Chamado mais tarde de Meda, Persomeda, Pérsia etc*.
[242] Histoire philosophique du genre humain.
[243] Os Grandes Iniciados.

"Há três meios para fixar a data do ciclo de Rama: 'a cronologia dos Bramas, a de Arriano e um documento escrito pelo próprio Rama no céu mesmo[244]".

"Daçaratha, o Rawhó[245] destronado pelo patriarca Rama, era o quinquagésimo monarca solar desde Ikshauku, filho do sétimo Menu, filho de Vaivasuata, que foi salvo do último dilúvio".

"Ora, os Bramas contam 12 mil anos por Menu ou Lei Orgânica interdiluviana; eles recuam o reino de Daçaratha a 21 séculos após o último cataclismo".

"Esses cálculos dão pouco mais de 86 séculos antes da presente data de 1884 e concordam com os do sábio historiador Leonard W. King, já falecido, que os computava em seis ou sete mil anos antes de Jesus Cristo".

Ademais, para confirmar essa relativamente pequena Antigüidade de 8.600 anos pelas provas acima, basta recorrer-se aos incontestáveis livros de Heródoto, historiador do Egito, que lá viveu familiarmente entre os sábios, enquanto o país estava sob o domínio dos persas, os quais lhe mostraram as 341 estátuas dos Pontífices Reis, dos Melquisedeques, representando gerações de homens, cuja duração é estimada por esse historiador em 11.340 anos.

Em Assur, antiga Capital da Assíria, o deus do céu era chamado **Anu**, o qual compartilhava do templo de **Raman**, que supunham ser o filho daquele deus,

[244] Subentende-se – o planisfério astrológico.
[245] Monarca – sendo seus representantes os Pha-Raós (Reflexo do Rei).

isto é, do pontífice Ram, igualmente conhecido na Babilônia, conforme veremos abaixo.

> *"Segundo os dados dos Santuários gregos, sírios e egípcios, Arriano diz que, desde **Rama** até Sandrocottus, contavam-se 64 séculos.*
>
> *"Ora, Alexandre foi contemporâneo e rival de Sandrocottus, três séculos e 26 anos antes de nossa era, o que dá para a fundação do ciclo de Rama, de Dionísio, de Osíris, 86 séculos e alguns anos.*
>
> *"Plínio concorda com Arriano."*

Priaulx e Lightfort, dois reputados sábios orientalistas, sustentam que **Hércules**, da mitologia grega, bordado sobre o planisfério a que se refere Plínio, foi **Rama**.

> "*Enfim, continua Saint-Yves, Rama, tendo escrito ele mesmo um dos seus livros em língua hermética e em hieróglifos primitivos, na Esfera estrelada que lhe devemos*[246]*, tomou o cuidado de lhe indicar a data astronomicamente, pondo ali seu Carneiro zodiacal à frente, face para a retaguarda, fugindo o Ocidente."*
>
> *"Ora, o ano céltico era lunar, e, se bem que **Rama** conhecesse o ano solar e reservasse o total sistema do mundo*

[246] O Arqueômetro.

ao ensino esotérico, ele deixou a seus povos o uso do ano lunar, ao qual estavam habituados."

"*Esse ano começava na **Modra-Necht**, nessa **noite-mãe** do Solstício de Inverno, em que se celebravam em volta dos Cromlechs a festa da Nova-Salvação, da Nova-Saúde, New Heyl, Noel, nosso Natal*."

"*Esta noite, ponto de partida da Ordem Zodiacal do **Carneiro**, corresponde hoje ao Sagitário."*

"Esse afastamento, de cerca de quatro signos, nos dá mais de 86 séculos na hora atual."

*"Essa quádrupla concordância cronológica dos Bramas, de Arriano, de Plínio e de Rama mesmo, fixa, exatamente, o início do ciclo do **Carneiro** ou do **Cordeiro**."*

"Não é indiferente notar-se que as festas de Mammon e de Osíris celebravam-se no Natal[247]*, como a de Baco, de Devanahirsha, de Gian-Shyd etc*."

Rama, cujo nome em celta e em inglês (Ram) significa **Carneiro**, era celta europeu, tendo adotado esse epíteto, que lhe deram insultuosamente, como brasão do estandarte que guiou seu povo na conquista da África, da Índia, da Pérsia, do Egito.

Os persas substituíram o nome da constelação do **Carneiro** pela do **Cordeiro**, quando Rama, deixando o Poder, assumiu a Tiara pontificai com o título de **Lama**, que significa **Cordeiro**.

[247] Isto é, no dia em que o Sol, se achando no zênite, recomeça uma nova carreira. O Cristianismo adaptou esta tradição ao nascimento de Jesus, por considerá-lo como o início de uma nova era.

E esse povo celta europeu, que constituirá mais tarde os arianos, derivação de **Áries** (carneiro) e que os modernos historiadores aplicaram, erroneamente, como sendo um povo de raça ariano, que nunca existiu, como raça propriamente dita e que o chanceler alemão **Hitler** queria ainda mais embaralhar, atribuindo a **origem** desse povo, como provindo da antiga Germânia, o que é falso.

É esse povo Celta que, muito mais tarde, Moisés selecionará no Egito para constituir o povo de Israel. "*Lembra-te que eras estrangeiro na terra do Egito*", lhe repetia Moisés.

Sylvain Levy[248], com sua abalizada opinião como erudito professor do Colégio de França, acha que os arianos têm como fonte principal a ítalo-celtida.

C. P. Tiele[249] diz que a mitologia comparada provou que os arianos, no sentido amplo do termo, abrangem os hindus, os persas, os leto-eslavos, os frígios, os germanos, os gregos, os ítalos e os celtas, os quais possuíam, outrora, a mesma língua, bem como a mesma religião, dando assim razão a Moisés quando diz que **a terra era de uma só língua e de uma só fala**.

Do mesmo modo, errada é a denominação de **raça semítica**, que, mais tarde, deram como origem dos israelitas, pois, **Sem**, o suposto filho carnal, do suposto **Noé**, o princípio biológico do nosso sistema solar, corresponde a **Abel** e significa espaço etéreo.

As **raças** da terra, propriamente ditas, foram somente quatro: a vermelha, a negra, a amarela e a branca[250]. Classificar, portanto, como **raça** os povos germânicos, teutônicos, anglo-saxônicos, latinos etc., é tomar a nuvem por Juno.

---

[248] L'Inde et le Monde — 1928.

[249] Manuel de l'histoire des religions.

[250] Nos tijolos achados na Babilônia e estudados por François Martin, já citado, existe um com o oráculo dedicado a Assurbainpal, que, numa das linhas, assim se exprime: "... *afim de que sobre os homens das quatro línguas*..." o hino a Varuna, no Atharvaveda, fala em cinco raças humanas.

São essas confusões e deturpações de termos que têm produzido as incoerências de que a História está cheia. E é pela rotina que os erros se vão confirmando.

Foi no ciclo de **Rama**, no Império Sinárquico Universal e especialmente nas Índias, que se instituiu uma lei que dividiu o povo em quatro categorias sociais: a raça vermelha à dos **Xátrias**, isto é, a casta militar; a raça amarela aos **Vaixiás**, isto é, a casta comercial e industrial; a raça negra ou **Sudras** aos trabalhadores ou párias e a raça branca ou **Bramas**, à classe sacerdotal.

No túmulo de Sethi I, que a ciência há de reconhecer um dia como o sucessor de Rama, foram pintadas essas quatro raças com suas respectivas cores (Figura 8).

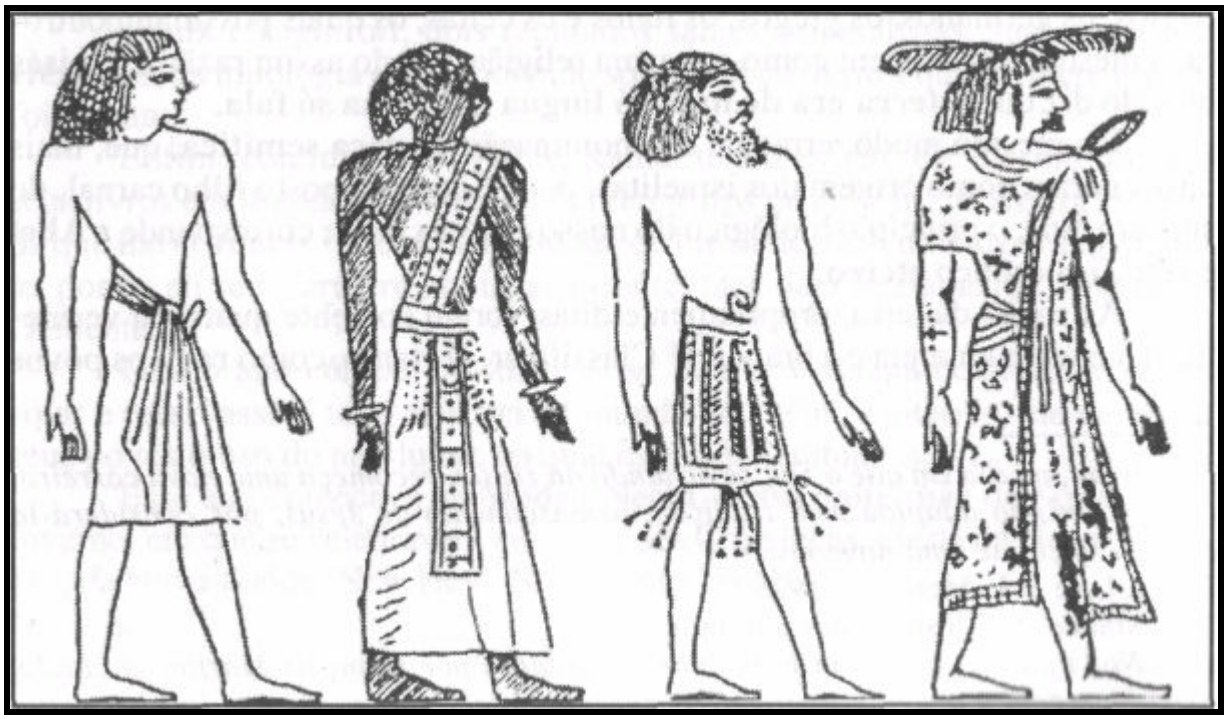
Cada figura tem um nome inscrito: a branca é **Tamahu**; a amarela, **Amu**; a negra, **Halasiu** e a vermelha, **Rot**, provavelmente os **Rutas** da História.

Não seria de estranhar que essas figuras, ali gravadas, representassem uma comemoração à visita que esses reis, representantes dos seus países, tivessem feito ao primeiro monarca Rama ou ao monarca então reinante e cujos títulos pessoais fossem ali inscritos.

E bom lembrar, também, que essa antiga tradição, gravada por Moisés na Gênese, simboliza essas quatro raças como sendo quatro rios oriundos de uma mesma fonte (a religião) deslizando para os quatro pontos cardeais da terra. Moisés chama-os de fluidos e dá-lhes os seguintes nomes: **Phishon**, **Gihon**, **Hiddekel** e **Prath**.

Segundo tudo leva a crer, pelos destroços ainda espalhados no México e na África, a primitiva raça da terra devia ter sido a Vermelha, por isso Moisés a simboliza no seu **Adão**, feito de barro vermelho, segundo a crença babilônica de onde ele a transplantou para a Gênese.

RAÇAS CONHECIDAS DOS EGÍPCIOS



Vermelha Negra Branca Amarela

Figura 8

A vaca de **Deir-el-Bahari**, descoberta por Naville, em 7 de fevereiro de 1906, em Tebas, tem mais de três mil anos. Junto a ela se vêem dois faraós, um de pele preta, de mãos postas, como que submisso à vaca; e o outro de cor vermelha, segurando-lhe o leite. Entre os chifres da mesma, se vê o disco solar, representativo da raça Vermelha e da sua respectiva dinastia solar, submetendo a Africana. É a mesma dinastia solar que vigorava na. Atlântida, no México, no Peru, no Egito etc.

A vaca tem por nome **Hathor**, emblema da Ordem Touraneana (Thor-Ram), o antigo Touran.

Pela tradição de todos os povos de Norte a Sul, cuja origem se perde na noite dos tempos, dentre as quais se destacam os habitantes da zona glacial, os escandinavos (que significa **navegantes**), bem como pelos livros sacros, dos relativamente mais modernos, como sejam os caldaicos, os egípcios, os gregos, os

persas, os chineses na parte oriental, os de Angola, Congo, Tenerife e quase todo o litoral da África, dos incas, do Peru, dos astecas do México, dos guaranis e tupis do Brasil no novo Continente, em todos se verifica, a não se poder pôr em dúvida, que a dinastia que regia esses povos era a mesma, por isso, todas adoravam o Sol como símbolo visível da Potência Vital Criadora, como sendo o **Filho do Deus** Onipotente.

Esses povos possuíam uma profunda e antiqüíssima ciência acerca da astronomia, que exigia, forçosamente, vastos conhecimentos matemáticos, químicos e físicos. São essas ciências que Rama veio difundir pelo Oriente. Uma vez vencedor no Continente africano, onde ele foi cognominado de Gian-Cid, corrompido, com o tempo, em **Djem-Shid**, ele se dirigiu para a Índia, onde, mais tarde, o poeta Valmiki lhe dedicou um poema intitulado *Ramayana*, verdadeira obra-prima, já traduzida em todas as línguas.

O *Ramayana*[251] é o histórico inicial da grande conquista das índias pelos celtas, tendo Rama à testa. A índia era uma colônia da raça negra.

Antes de Rama conquistar o Hindustão, ou seja, a Índia atual, cujo nome era então **Bharat-Khant** ou **Bharat-Versh** que significa **Tabernáculo de Bharat**, já esse país possuía, por intermédio do seu primeiro legislador, Bharat, a síntese divina, representada por Wôdha, isto é, a **Eternidade**, ou antes, o padrão de tudo quanto é eterno; a eterna bondade, a eterna sabedoria, a eterna potência etc. Esse termo, que é encontrado em todos os cultos e mitologias da Terra, degenerou, com o tempo, em Buda e passou a ser assim adotado até hoje. Bharat dava-lhe o sobrenome de **Iswara**, isto é, o Ser Supremo.

Rama conservou esses termos.

[251] Le Ramayana – *H. FAUCHÉ* – 1864.

É certo que todo aquele que ler este inimitável poema e não possua os conhecimentos que, muito imperfeitamente, temos indicado nestas páginas, considere **Rama** como um personagem puramente nacional ou mitológico, o qual, auxiliado por uma legião de macacos, teria desenvolvido sua atividade, atravessando florestas e vencendo, por fim, o inimigo.

Sabendo, porém, que esses macacos se referem aos negros bosquínianos e a um povo de pigmeus, que ainda vivem na região mais povoada desses quadrúmanos, e que os nomes ali citados são símbolos religiosos, facilmente se reconhecerá o erro cm que muitos laboram, por falta de leitura.

Nessa ilusão vivem igualmente os Maçons que tomam o termo **Hiram**, como um personagem de carne e osso e referem as enciclopédias, que construiu o templo de Jerusalém, e **foi morto**.

A Pérsia, atual **Irã**, foi a terra em que Rama estabeleceu seu primeiro templo, na cidade que ele chamou de Paradesa (paraíso), conforme veremos mais adiante.

Não é de estranhar, portanto, a quem sabe pesquisar, encontrar-se, na Maçonaria, o **triângulo** como um símbolo cabalístico, quando nada mais é do que um resumo dos dois triângulos de que é composto o hexágono (Figura 2) redução, por sua vez, do dodecágono do Arqueômetro de Rama, ou seja, da Síntese das Ciências.

No *Zenda-Avesta*, p. 108, 9a., lê-se o seguinte: "*Zoroastro consultou Orzmud nos seguintes termos: 'O Orzmud, absorvido na excelência, justo juiz do mundo... qual foi o primeiro homem que vos consultou como o estou fazendo!' Então, Orzmud disse: 'o puro Giam-Shid, chefe dos povos e dos rebanhos, ó Santo Zoroastro! foi o primeiro homem que me consultou como tu o fazes agora'. Eu lhe*

disse: 'no começo, eu que sou Orzmud, tudo criei, submete-te à minha Lei... medita-a e propaga-a entre teu povo... Depois ele reinou... Eu lhe pus na mão um gládio de ouro. Ele se encaminhou para a Luz, para o país do meio-dia e ele o achou belo...'".

Depois de firmados ali seus ensinos, recebidos da tradição antediluviana, seguiu ele para a Pérsia, fundando observatórios astronômicos sob a direção de vários Zoroastros (Zaratustra)[252], instituindo a dinastia solar, isto é, a religião do Fogo sagrado, representado pelo Sol, pelo **Filho de Deus**, pelo Cristo em suma, salvador e potência divina, como era conhecida.

Continuando sua marcha vencedora, entrou ele no Egito, onde fundou a Ordem dórica, como tipo da ciência arquitetônica, a mesma que se encontra no México, na Índia e alhures, e organizou seu Império sob a égide do Carneiro, não só por simbolizá-lo (Ram) como chefe do rebanho, como por coincidir sua chegada ali, com a entrada do signo zodiacal, representado por esse animal. Esse estudo foi verificado por astrônomos e as descobertas arqueológicas vieram confirmar a existência naquelas eras de um **Reinado do Carneiro**, ou seja, da Lei de **Amon** (carneiro).

A arca de Amon, em Tebas, como se vê em qualquer livro de egiptologia, Maspero e outros, é representada tendo à frente e atrás uma cabeça de carneiro e é encimada pelo disco solar, representando a religião de Rama e sua dinastia.

Na Índia ainda hoje se vêem inúmeras esculturas nos templos, milenários, reproduzidas pela revista *Les Arts*, na qual figura Rama, entre Carneiros e Cordeiros, e na qual, igualmente, se descreve a vida de Buda, já se preparando para descer a Terra, já caminhando sobre as águas, já distribuindo alimento à população faminta etc.

[252] Chefe da Milícia Celeste, ou seja: Diretor do Observatório Astronômico.

Na Babilônia, achou-se uma estrela representando Rama de pé sobre um Carneiro, e coroado com o disco solar[253].

Inúmeras alamedas conduzindo aos templos, ladeadas por carneiros esculpidos, ainda são vistas no Egito.

Foi o **Reinado do Carneiro** — o **Reinado da Paz**.

A este reinado sucedeu o de Touro, cujo signo Zodiacal, igualmente, sucede ao do Cordeiro.

Eram os touraneanos, os povos de **Thor**, do **Thor-Ram**, inimigos dos persas. O touro alado, representando o rei da Babilônia, ainda é uma prova.

Quando Jesus se reencarnou na Terra para restabelecer o **Reinado da Paz**, o Reinado do Cordeiro, entrava, igualmente, no Zodíaco, o signo correspondente aos **Peixes**. Os primitivos cristãos perseguidos usavam este signo como símbolo para se reconhecer[254]. Não haverá também nisso certa analogia com os pescadores discípulos do Nazareno?

A atual tribo dos angamis, no Vale de Assam, ao nordeste da índia, nos limites da Ásia Central, do qual alguns credos cristãos querem que tenha nascido o primeiro casal humano[255], é descendente dos conquistadores que agiram sob as ordens de Gian-Cid, ou Shid.

Entre as três primitivas tribos romanas, havia a de **Ramnensis**. O sufixo nensis significa: Autoridade, Poder.

Abdicando, mais tarde, do bastão de comando, tomou esse patriarca o báculo pontifical, sob o título de **Lam**, ou seja, **Lama**, que significa Cordeiro.

---

[253] François Lenormand — Histoire Ancienne de l'Orient.
[254] Quo Vadis, de SIENKIEWICZ.
[255] O Padre Raymundo Pennafort é mais arrojado; garante que foi no Amazonas! – História do Brasil.

Sua religião propagou-se por tal modo que vamos encontrá-la no Lamaísmo, no Tibete, na Mongólia, para onde foi levada pelo grande guerreiro e conquistador **Gêngis Khan**, e mesmo na China.

Ossendowski[256] diz que o culto a Rama ainda existe na Mongólia.

Em um dos diferentes ritos lamaicos, da seita dos **Bonés amarelos**, discípulos de Tsong Kaba, cuja descrição se encontra em *Initiations lamaiques*, de Alexandra David Niel, surge a sílaba **Ram** em um círculo vermelho de fogo.

Vigoravam, pois, em todo o Universo o Império do Carneiro e a Religião do Cordeiro.

Seu templo, ou antes, o templo que ele ergueu ao Deus Todo-Poderoso, foi instalado no Irã (I-Ram) hoje Pérsia, entre Balk e Bamian, num local que ele denominou **Paradesa** (Paradêsha) e que a lenda, mais tarde, transformou em **Paradesa**, **Pardesa**, **Paradiso**, **Paraíso**...

Daí a história do famoso personagem maçônico que nunca existiu. Daí a fantasmagoria do nascimento de Adão e Eva nesse lugar, que, certamente havia de ser um jardim de delícias, não só pelo clima, que é o melhor do mundo, correspondendo geograficamente ao dos planaltos da nossa hinterlândia, como pela pureza da religião de amor que ali reinava e ainda reina no Budismo.

Adam (A D M), como teremos ocasião de estudar, significa naquelas eras: Academia, Universalidade.

Da árvore da Ciência dos Patriarcas, que Rama ali implantou ou, simbolicamente, plantou, isto é, a divulgação da Ciência astronômica, cujo planisfério, como teremos ocasião de estudar, representa um hemisfério que encerra o Verão e a Primavera e outro o Outono e o Inverno, o primeiro sentido da Bíblia fez

[256] *Homens, bestas e deuses* – em português.

duas árvores desconhecidas da botânica; uma do bem e outra do mal, e numa delas enroscou uma vil serpente, dotada, por milagre, só naquele momento, dos complicados órgãos próprios a emitir voz humana e formar palavras, cuja prosódia nunca se conheceu, para enganar torpemente uma pobre e ingênua mulher, que não havia pedido para ser extraída de costela alguma[257], causando depois o famoso pecado original de que já tratamos, pecado ocorrido há uns seis mil anos, e por cujo crime o meigo Jesus veio se fazer espetar em uma cruz, crença essa, em suma, completamente desconhecida antes, e só introduzida, cerca de 400 anos depois, no tempo de Santo Agostinho, quando vigorava em todo seu esplendor a doutrina Zoroastriana de **Mani**, o Maniqueísmo, por este santo adotada.

Felizmente, a data de 8.600 anos em que Rama por ali andou, as modernas descobertas de templos e cidade soterradas no Egito, no México, no Peru, os livros de Maneton e outros, destroem por si só essa infantilidade de 6 mil anos de idade da terra, ensinada pela Igreja Romana, e arrasta consigo todas as puerilidades que a ela se prendem, e estabelece uma velhice para mais de 473 mil anos, segundo as informações de Diodoro, colhidas nas observações astronômicas dos Caldaicos.

Ora, em um país como o nosso em que muitos são analfabetos e dos restantes apenas, talvez, 2% se dediquem a esses estudos, é claro que o clero católico procure manter o povo na ignorância, pois a luz dissiparia as trevas em que vive, e algo sofreriam suas finanças, e, conseqüentemente, a Fé imposta.

O padre Vigouroux em sua citada obra diz: "*É certo que as tradições conservadas pelos escribas assírios são anteriores a Moisés e mesmo a Abraão*".

[257] Foi uma das razoes que o Concilio de Trento negou alma à mulher!

Isso dito por uma das maiores mentalidades católicas serve de rolha a apologistas incapazes mesmo de lê-lo.

Hoje, com o progresso da Arqueologia, não mais é permitido argumentar com a letra desses textos para firmar teses, uma vez que esses mesmos textos exprimem coisa bem diversa que o legislador de Israel soube condensar em sua Gênese, sob três sentidos bem distintos, conforme vimos nas Figuras 3 e 5.

A religião de Rama, que era, exatamente, a que Moisés mais tarde transmitiu à humanidade, tinha por símbolo de paz o Cordeiro. Esse símbolo servia para os holocaustos do legislador de Israel como havia servido anteriormente ao patriarca Abraão, na suposta imolação do seu filho Isaac, cujo nome, felizmente para ele, significava **Princípio de Agregação ao Centro**.

Na-Ram-Sim, o rei de Acádia, era um descendente de Rama, de quem herdou um grande império. Esse rei usava uma coroa com chifres de carneiro. O signo divino com que este rei assinava seu nome era  significando a dinastia solar.

Os próprios cornos com que se enfeita a testa de Moisés nada mais são do que o símbolo da religião do Cordeiro; pois há de convir que Moisés não era um fenômeno humano! (Figura da capa)[258].

O báculo de todos os pontífices, bem como a tiara do Papa com o simulacro de dois cornos, o bastão de João, o Batista, além do cordeiro com que o fazem sempre acompanhar, o cajado dos eremitas e profetas, nada mais simbolizam pela sua curvatura, do que os chifres daquele animal e, conseqüentemente, a religião de Rama.

[258] Cópia da estátua de Moisés, no museu do Louvre esculpida por Miguel Ângelo.

Por que, em suma, a Igreja Católica chama e representa o próprio Jesus como Cordeiro em vez de o representar, pelo menos, como o Pastor?

Porque a tradição impôs essa figura indestrutível da religião de Rama e da sua cosmogonia.

Sobre o altar católico se vê o Livro selado com sete selos, sobre o qual se acha deitado um cordeiro.

Jesus é de fato o **Cordeiro Místico**.

Até o ano de 680, sob o pontificado do papa Agatom, e no reinado de Constantino, o Cristo era representado como um Cordeiro, ora unido a um cálice que continha seu sangue, ora ao pé da cruz. Mas, no sexto Sínodo de Constantinopla, este modo de figurar o Cristo foi substituído por um homem crucificado, o que foi confirmado por Adriano I.

Nasce daí o Cristo na Cruz.

Agni, um dos atributos do Deus Persa, o deus do fogo, está igualmente sentado sobre um cordeiro azul.

O Deus Amon do Egito é sempre representado com uma cabeça de carneiro.

Essa denominação de Cordeiro, dada ao Cristo, na Cosmogonia dos persas, antes de haver Cristianismo, se acha em todos os livros sagrados dos cristãos; mas, principalmente, no Apocalipse de João. E como Cordeiro que ele representa Jesus. Ali, os iniciados nos mistérios são qualificados de discípulos do Cordeiro. Este é representado sangrado no meio dos quatro animais que, igualmente, se vêem representados nas constelações zodiacais, e colocados nos quatro pontos cardeais da esfera, um para cada um dos evangelistas. É perante esse **Cordeiro** que os gênios das 24 horas, designadas no Apocalipse por 24

anciãos, se prosternam dizendo ser ele digno de receber potência, divindade, sabedoria, força, honra, glória e bênção (sete qualidades, sete planetas etc.).

Pela Figura 9, gravada nos monumentos da Pérsia, milhares de anos antes de existir o Cristianismo, é evidentíssimo e incontestável que João tivesse extraído dali essa passagem do seu poema, como, aliás, todo seu livro, baseado como está na astrologia, conforme veremos ainda.

Segundo Dupuis, o Deus Cordeiro de Roma é o antigo Júpiter dos primitivos romanos, que já era cópia do de Amon dos egípcios, o vencedor do **príncipe das trevas** na Páscoa; é o mesmo deus que no poema de Nonnus triunfa de Tifon, na mesma época astronômica.

O Cordeiro também é a famosa **besta do Apocalipse** XIII, 1, 8, cujo número **666** tem dado o que fazer ao engenho de muita gente, e que, pelo Entretanto, é curioso notar-se que a soma dos valores dados pelos latinos às suas letras, abstração feita do M, referente ao milhar, dá igualmente o famoso 666, sem que, no entanto, as letras correspondam a nome nenhum de homem, como exige João. Esse apóstolo se baseou, certamente, no alfabeto hebraico e seus respectivos valores que, como vimos, claramente indicam o nome histórico de Jesus e sua religião.

I =	10		M =	40		
Sh =	300		Sh =	300		
O =	6		I =	10		
	316	+		350	=	**666**

É bem possível também que assim não seja, pois, do mesmo modo, isto é, pela matemática quantitativa, se pode encontrar o termo Ph-I-Sh-O-N[259] (Princípio do Mal — o Militarismo) cuja soma também é 666; não encontramos, porém,

[259] Um dos nomes simbólicos dos quatro rios ou fluidos etéreos, como já vimos, que ali é representada pela casta militar.

correlação entre esse número e o nome de homem daquela época, nem mesmo com o imperador Calígula, sob o reinado do qual foi escrito o Apocalipse, a não ser, por analogia, com Nemrod, cujo epíteto, aplicado por Moisés, quer dizer **Via do Tigre**, via do sangue, símbolo do militarismo, do qual surgiu a política, sinônimo de Anarquia, que infelicita o mundo há 7 mil anos, quando Menés rompeu com os templos de Tebas.



Figura 9

A numeração latina, representada por letras, foi uma composição confusamente plagiada da numeração dos templos antigos, dos quais se originou a Ciência do Verbo em que se baseava, por isso com essa numeração é impossível remontar-se às eras pré-históricas e tudo quanto se bordar sobre ela é pura fantasia.

Entretanto, é curioso notar-se que a soma dos valores dados pelos latinos às suas letras, abstração feita do M, referente ao milhar, dá igualmente o famoso 666, sem que, no entanto, as letras correspondam a nome nenhum de homem, como exige João. Esse apóstolo se baseou, certamente, no alfabeto hebraico e seus respectivos valores que, como vimos, claramente indicam o nome histórico de Jesus e sua religião.

Assim:

I	1
V	5
X.....	10
L.....	50
C.....	100
D.....	500
	666

Por isso todas as interpretações, por muito engenhosas que sejam, não reproduzem nenhum nome de homem, embora pareçam simbolizar um futuro personagem, como o Papa que, aliás, repudia por completo esta famosa **Besta do Deserto** pelo pavor que lhe causam suas revelações.

Este número 666 está repetido três vezes na Bíblia segundo livro de **Crônicas** IX, 13 — **Esdras** II, 13 — **Apocalipse** XIII, 1, 8.

Cordeiro em Caldaico se escreve A M R que, em hebraico, significa **Verbo**, **Palavra**. É mais uma curiosa correspondência.

Segundo as descobertas modernas na Babilônia, o epíteto de Nemrod corresponde a Izdubar, rei dos sumerianos, rei sanguinário, o que até então era ignorado.

Moisés dizia-se filho de Am-Ram (Ordem de Rama) Êxodo VI, 20; o profeta Jeremias XXXI, 15 aludia a esse personagem a voz que ouviu em Rama, Eliú, amigo de Jó XXXII, 2, mago como ele na mesma Congregação, dizia-se da **família** de Rama, e muitas outras passagens.

Abraão chamou-se primeiro Ab-ram.

Os termos Pirâmide (Pa-rama), Semiramis, Ba-rama (Brahma), Ab-Ram (Abraão), Ab-Ra-h-am (Abraão), os vários Ramsés (faraós), os Rameseuns, as inúmeras cidades espalhadas pelo Oriente, cujos nomes encerram a sílaba **Ram**, são outras tantas provas da existência desse estúpido legislador, que talvez fosse o mesmo Quetzachoaltl, a que já nos referimos, ou ainda o mesmo Jesus que, **segundo suas próprias palavras**, teria existido antes que Abraão fosse, pois a própria Igreja o chama de **Rei dos Patriarcas** de quem o profeta diz que suas saídas do empíreo são desde os dias da eternidade.

Krishna, cujo primeiro nome era **Gopalla**, que significa carreiro, chamado em grego **Bootes**, é o mesmo personagem que os árabes chamam ainda de **Muphrid-al-Rami**, isto é, o que explica Rama.

É esse patriarca, cujas ciências atuais já haviam sido por ele consignadas na Pirâmide de Gizé, que estudaremos mais adiante, e cuja **pedra**, simbolicamente tratada de angular por Jesus, os homens rejeitaram.

São essas ciências que os Magos iam transmitindo aos seus sucessores, aos Melquisedeques, aos Jós, a Abraão, a Jacó, a Isaac, a Davi, a Salomão, aos profetas, a Moisés, a Aarão, a Josué e que Jesus censurava aos fariseus de não as penetrar nem deixar que o povo as penetrasse; são essas ciências que Paulo conhecia, mas não quis explicar aos hebreus porque eles não o entenderiam[260].

Ao lado desse monumento sintético de todas as ciências, Rama esboçou e construiu o símbolo da sua religião, representado na fantástica Esfinge, religiosamente venerada pelo discípulo amado de Jesus; esfinge que, apesar de cognominada de **Besta** pelo Catolicismo, serve de brasão aos quatro evangelistas!!!

[260] Vide- sua epístola aos hebreus.

É essa religião, a do Cordeiro, que se espalhou por toda a Índia, pela Pérsia, pelo Egito, pela Etiópia, que os Zoroastros, os Jós, os Krishnas, os Budas, os Melquisedeques dizimados, se transmitiam de século a século, que Abraão legou a Jacó, a Isaac, a Moisés e que Jesus veio restituir à humanidade esquecida, e que o Catolicismo deturpou e cada vez mais anarquizou com seus Concílios, para estar de acordo com os interesses políticos.

Como este nome de Rama pode motivar confusões a leitores pouco afeitos à língua sânscrita, diremos que:

Rama (Ram), o Celta europeu é o primeiro patriarca;

Paraçu Rama, caracteriza a 6ª manifestação de Vishnu;

Rama Candra é a T. encarnação de Vishnu;

Bula Rama, irmão de Krishna seria uma manifestação de Xiva.

E, se não bastam essas citações, inumadas dos monumentos antigos, passemos então à pena ao temível apologista católico, Louis de la Vallée Poussin.

Diz ele, em seu estudo acerca do "*Budismo e das religiões da índia", na parte que lhe coube, como colaborador da obra Christus, de Joseph Huby, que "a origem do Budismo vinha do Arianismo, ou Indo-Iranismo, de onde surgiu o Vedismo, cuja história foi longa, seguramente, surgindo daí o Bramanismo e mais tarde, enfim, o Budismo*".

Àp. 288, diz ele ainda: "... *alguns (os hindus) adoram as mais sublimes hipóstases de Brama, o Sol — Vishnu (naraiana) ou sua manifestação humana, Krishna. Temos aí o Mitra da Pérsia (o Sol) como filho de Deus, chamado Jesus o Cristo, e em Jesus Nazareno, a reprodução do Cristo*".

Ora, tudo isso confirma o que temos dito a respeito do personagem Rama (áries), cuja existência, se tivesse sido sondada por este escritor, como fez Fabre

d'Olivet e outros, fácil lhe seria identificar a religião zoroastriana, ou seja, o Arianismo, que se difundiu num longo lapso de tempo pela Índia, pela Pérsia, pelo Egito, onde foi implantada pelo patriarca Rama, sobre a égide do Carneiro (Áries). Foi o ciclo do Carneiro egípcio e do Cordeiro persa.

Era a dinastia solar universalmente conhecida, como já vimos, oriunda da Atlântida, que criou o culto ao Deus Sol, o Mitra da Pérsia, o Osíris do Egito, o Adônis da Fenícia, que morria cada ano para ressuscitar no terceiro dia, pelos esforços de sua amante Istar. Daí o poema da "*Descida de Istar aos infernos*". É a razão de encontrar-se o termo de Ram, repetido em inúmeras denominações de localidades, de nomes de patriarcas como Abraão, de nomes de reis, como os Ramsés, as Semiramis e até na síntese da Ciência, a Pirâmide.

O termo **Rá**, dos egípcios, fez crer que se trata do mesmo personagem Ram, pois este nome era o do soberano de Heliópolis (cidade do Sol), ou seja, a sede da dinastia solar, da ordem dórica atestada pela arquitetura ali encontrada.

Uma das provas que fortalecem a tese da existência do ciclo de Rama é que Babilônia consigna em seus anais ter sido Amminadab, rei da Babilônia, gerado pelo patriarca Ram. A confirmação desse fato é encontrada na Bíblia em **Crônica I** cap. II, 10: "*E Ram gerou Amminadab*..." o que, por um lado, se, como já temos dito, a questão de geração não exprimisse as filiações templárias, como se verifica no capítulo I, em Enos, Cus, Mesraim, Canaã, Sidon, Hur, Ophir etc., isso contradiria o versículo 27, que diz que "*os filhos de Ram primogênito de Jerameel foram Maaz, Jamim e Eker*", o que faz com que Ram seja filho de Jerameel e não de Hesron; pois, pelo anterior versículo 9, vemos que Ram era filho de Hesron; mas, pelos versículos 10 e 25, vê-se que Ram era filho primogênito de Jerameel, aliás, do seu

irmão mais velho, e não de Hesron, o que é confirmado pelo versículo 27, isto é, ser Ram, filho primogênito de Jerameel.

De modo que Ram, como todos os outros nomes citados, não pode representar, positivamente, personalidade de carne e osso, mas, sim, nome de templos regidos por esses patriarcas, ou seja, academias ou princípios sociológicos ou ainda cidades, como igualmente, se pode ver no versículo 10 que diz ser Amminadab, filho de Judá, e, portanto, não de Ram, como se vê, ainda, no versículo 3, que estabelece a filiação de Judá.

Foi dessa genealogia templária que Jesus teria descendido, pois, da filiação dos templos de Ram, surgiu Jessé (Isaías XI, 1), cuja árvore produziu Davi, Salomão e outros, até o advento do Cristo.

Para corroborar ainda mais essas anomalias que deixam o espírito vacilante a quem não prestar bem atenção, tomemos no mesmo capítulo II os seguintes versículos:

Versículo 9, Diz ter nascido a Hesron os filhos Jerameel, Ram e Chelubai; mas, no

Versículo 18, Vê-se que Caleb também é filho de Hesron, que não consta no versículo 9, o qual gerou filhos, que não são os mesmos dos do versículo 42, e que Caleb

Versículo 19, se casou com Efrata, que lhe pariu Hur, que é a cidade em que viveu Abraão; e, tanto assim é que,

Versículo 24, Hesron morreu em Caleb-Efrata, como Jesus viria de Belém-Efrata (Miquéias V, 23).

Ora,

Versículo 18, diz que Caleb era filho de Hesron, ao passo que

Versículo 41, diz que Caleb era filho de Jerameel que, por seu turno era filho de Hesron, e o

Versículo 50, diz que ele é filho de Hur etc.

Se todos esses nomes pertencessem propriamente a personalidades geradas de casais, veríamos que uns são filhos do irmão mais velho, outros são pais dos próprios pais e outros têm vários pais.

Nota se, ainda, que os personagens, ora geram nomes de filhos diretos com suas mulheres legítimas e ora diferenciam os nomes dos filhos tidos de suas concubinas, o que significa que, além dos templos oficiais, havia os templos filiados à Ordem.

Nota-se, igualmente, que são sempre filhos e não filhas que eles geram.

Mas, para não nos alongarmos nesse labirinto, aconselhamos ao leitor abrir uma Bíblia, nesse capítulo, e analisar com atenção essa embrulhada. Quando mais não seja, servirá de divertido passatempo em noites frias e chuvosas; o leitor poderá continuar pelos subseqüentes capítulos, e neles encontrará coisas edificantes e estonteantes, senão, mesmo, um excelente remédio contra insônia. Então se convencerá, como temos dito várias vezes, que os nomes da Bíblia significam coisa diversa do que lá está, partindo, porém, tudo do personagem que levou a luz ao Oriente.

Ademais, é intuitivo para quem estuda que os primitivos povos da Terra, e sobretudo o pai Adão, estavam muito longe da invenção da grafia, que data de tempos relativamente próximos. Esses povos, como os sumerianos e acadianos, que datam de mais de dez mil anos, não poderiam ter possuído um arquivo de genealogias tão completo e cheio de detalhes e minudências como é o da Crônica I, que parte do pobre Adão, levando-se ainda em conta que, entre os atuais povos

conhecidos, civilizados ou não, e entre nós mesmos no tempo da escravatura, muitos nunca possuíram registros ou arquivos da sua origem e eram incapazes de estabelecer a genealogia dos seus avoengos.

Acresce dizer que o dilúvio de Noé, que tudo aniquilou ou soterrou, não permitiria que se reconstituísse a genealogia de Adão com tanta meticulosidade, ficando esquecidos seus filhos Caim e Abel que lá não constam.

Que houve, de fato, o ciclo de Rama, muitíssimo antes de Moisés, não padece mais dúvida; mas que esse Ram da Bíblia, com a genealogia truncada, como ali está, seja o mesmo patriarca de há 86 séculos que foi colonizar o Egito, é o que se não pode admitir, no sentido literal que lhe deram.

Que surgissem outros Ramas, depois do patriarca, como surgem reis e papas de igual nome para conservarem a dinastia, é mais uma prova da existência de um primitivo patriarca e do seu Ciclo.

Ora, por este pequeno estudo, é fácil deduzir-se, agora, que Rama não é um personagem mitológico, como entendem os enciclopedistas, na sua maioria acorrentados a interesses comerciais e ignorantes dos fatos passados nas eras que denominam de Heróicas!

Missa

Há mais de oito mil anos, na Etiópia, já se dizia **Missa** idêntica à que se diz, hoje, na Igreja Católica. A hóstia que o Pontífice consagrava ao Deus Supremo, ao Todo-Poderoso, como o chamava o Pontífice Jó e os outros que o denominado Livro de Jó nomeia, tinha a forma circular, tendo impressa, de um lado, a imagem do Sol, simbolizando a dinastia solar e, do outro, o **Cordeiro**, representando a religião de Rama.

Essa hóstia, bem como o vinho, produto das primícias da lavoura, eram consagrados pelo Pontífice reinante ao Todo-Poderoso, em missa campal, na qual o povo comungava, juntamente com ele.

Essa missa dita hoje nas igrejas católicas é a mesmíssima celebrada naqueles tempos. Foi o alexandrino Ammonius Saccha, fundador da escola neoplatônica de Alexandria e mestre de Orígenes, Plotino, Longino e outros, quem a copiou e a deu aos padres católicos, que a souberam adaptar sub-repticiamente ao seu culto, séculos depois da morte de Jesus, constituindo hoje o principal baluarte em que se apóia o romanismo.

Essa missa era celebrada pelo Pontífice, em ação de graças ao Criador, por ter ele abençoado e protegido a lavoura, razão pela qual lhe eram ofertadas as primícias da colheita que haviam sido recolhidas ao templo; mas, sem holocausto a divindade de espécie alguma. Esse ritual ainda se verifica em certas ilhas da Oceania.

A missa chamava-se **Avahna-Pudja**, ou Festa da Presença Real de Deus, e se decompunha assim:

Hassanah, que deu origem a Hosana. Invocação

Suagata, elevação (do cálice)

Arkia, consagração (da hóstia)

Madu-Parka, comunhão (no cálice de ouro)

Atchamavis, ablução das mãos (no alguidar de prata)

Dupa, incensamento do altar e do tabernáculo

Niveddia, comunhão dos fiéis

Asservadam, bênção aos fiéis e aspersão da água lustral.

Foi daí, como se vê, que a Igreja Católica (e não o Cristianismo) tirou a cerimônia da missa, criando o sacramento da Eucaristia, como analogia à Presença Real de Deus que se supunha estar ali presente, assistindo à festa de regozijo; ao passo que nesta Igreja, se sacrifica Jesus, se lhe come a carne, se lhe bebe o sangue, igual aos antropófagos, e o mais curioso e revoltante é estar isso em absoluto desacordo com as próprias palavras da vítima aos seus apóstolos estupefatos quando disse: "*As palavras que vos digo são espírito e verdade... e não carne e sangue que nada valem*".

Jesus disse mais[261]: "*Tudo que entra pela boca desce para o ventre e é evacuado[262], o que sai da boca procede do coração e isso contamina o homem; essa contaminação vem das doutrinas e preceitos forjados pelos homens, que fingem me venerar*".

Poderá haver carapuça mais bem talhada para o clero católico?!

A ceia de Cristo, usada pelos judeus, era uma comemoração do Êxodo, aliás, parodiada por Moisés da última ceia de Buda, perpetrando, assim, uma prática igualmente antiga. Essa ceia era, igualmente, usada pelos essênios. Assim, também pensava Paulo.

"*Fazei isto em memória de mim*", disse Jesus[263], isto é, reuni-vos para ceardes de acordo com a lei mosaica, que eu não vim ab-rogar, e com os costumes do povo de Israel, comemorando este dia, e não: Instituí dessa antiga praxe, um sacramento eucarístico à minha pessoa, em que comereis minha carne e bebereis meu sangue, por cujo holocausto cobrareis uma espórtula.

[261] Mateus XV, 9, 17.
[262] Pobre Jesus! Comido hoje e evacuado amanhã!
[263] Lucas XXII, 19.

Diz Swedenborg: "*Pode haver coisa mais detestável do que dividir o corpo e o sangue do Senhor, em que o pão e o vinho, na Santa Ceia, são manifestamente contra a instituição do sacramento, com o fim único de celebrar missas, das quais tiram proveito*?"

A frase que Marcos XIV, 22, 25 emprega é a mesma da de Êxodo XXIV, 8: "*Este é o sangue do novo concerto*", concerto da Aliança entre Jeová e o povo de Israel.

Essa ceia é idêntica a de Elêusis, na Grécia, a de Mitra, na Pérsia, o que escandalizou São Justino, o Mártir, que via nisso um engano diabólico; pois, assim, o Cristianismo perpetrava um rito pagão.

O Sangue do Concerto, de Êxodo, tinha por fim cimentar a amizade entre o povo; e este sangue do Cordeiro foi mais tarde, com o progresso da raça, substituído por vinho. Com isso não concordou Paulo, pois Jesus lhe informara que sua palavra recomendava a perpetuidade do rito mosaico.

Santo Agostinho, um dos pais da Igreja, nunca ensinou o dogma da transubstanciação. O próprio Papa Nicolau II, no Sínodo de Roma, em 1057, confirmou por decreto "*ser erro crer que na hóstia tocamos sensivelmente com as mãos o corpo de Cristo, o partimos e o trituramos com os dentes*".

Ou os Papas são infalíveis, ou então, o que se vê hoje é uma farsa, cinicamente impingida a uma maioria de homens cegos e mantidos nesta cegueira por espertalhões.

Suprimi essa missa e dizei-nos onde foi parar a Igreja Católica!

Recorramos ao dicionário de Voltaire, e vejamos o que ele diz na palavra **Missa**:

"*Com efeito, São Lucas nos ensina que Jesus, depois de ter distribuído pão e vinho aos seus apóstolos, que ceavam com ele, lhes disse: 'Fazei isso em memória de mim'. Ora, isso não se parece, absolutamente com o que a Igreja Católica pratica, obedecendo a uma tabela de preços, que vai da simplicidade a maior pompa, falada em língua morta, por um pobre padre, ou cantada por um bispo, com ou sem órgão".*

"Mateus XXVI, 30 e Marcos XIV, 20 dizem, além disso, que Jesus cantou um hino mosaico, cumprindo, assim, a religião de Moisés".

"João, que não se refere em seu evangelho nem à distribuição do pão e do vinho, nem ao hino, estende-se, entretanto, largamente, a respeito desse último ponto em seus Atos, do qual eis o texto citado pelo segundo Concilio de Nicéia e sonegado à literatura sacra[264]*: 'Antes do Senhor ser preso pelos judeus, diz este apóstolo bem amado de Jesus, ele nos reuniu e disse: 'Cantemos um hino em honra ao pai (Jeová) depois do que executaremos o plano que havemos estabelecido'. Ele nos ordenou, pois, de formarmos um círculo, segurando-nos pelas mãos, uns aos outros; depois, tendo-se colocado ao centro, ele nos disse: 'Amém, acompanhai-me'. Então ele entoou o cântico e disse: 'Glória vos seja dada, oh! Pai'. Todos responderam: 'Amém'; continuando Jesus a dizer:*

[264] Col., 358

'Glória ao Verbo', etc., 'Glória ao Espírito', etc., 'Glória à Graça', e os apóstolos respondiam sempre: 'Amém'."

"*Após outras doxologias, Jesus disse: 'Quero ser salvo e quero salvar. Amém. Quero nascer e quero engendrar; Amém. Quero comer e quero ser consumido; Amém. Quero ser ouvido e quero ouvir; Amém. Quero ser compreendido do espírito, sendo eu todo espírito, todo inteligência; Amém. Quero ser lavado e quero lavar; Amém. A graça arrasta a dança; quero tocar flauta; dançai todos; Amém. Quero entoar cânticos lúgubres, lamentai-vos todos; Amém' "*.

Santo Agostinho, que comenta uma parte desse hino, em sua epístola a Ceretius, acrescenta o seguinte: "*Quero enfeitar e quero ser enfeitado. Sou a lâmpada para os que me vêem e me conhecem. Sou a porta para todos que quiserem bater. Vós, que vedes o que eu faço, guardai-vos bem de o divulgar*". (Foi por isso que o Catolicismo sonegou essa parte.)

"*Esta dança de Jesus e dos apóstolos é visivelmente imitada dos terapeutas e dos egípcios, os quais dançavam após a ceia em suas Assembléias*".

Esses terapeutas eram os mesmos essênios, de cuja seita Jesus fazia parte. A crítica científica aprofundou por tal forma este ponto, que não é mais possível pôr-se em dúvida essa filiação. A ruptura do pão, o batismo e a apresentação do cálice constituíam os usos sagrados dessa seita. O pai de Jesus,

fugindo da Judéia, atravessando o monte Cassius, achou asilo em casa de um essênio.

Esta e outras supressões feitas por Concílios, dos livros atribuídos aos apóstolos, são uma das mil provas de que os atuais evangelhos são um péssimo arranjo adaptado às conveniências da primitiva Igreja Romana.

Por que razão essa Igreja procedeu a tais supressões? Porque cheiravam elas demais a Judeu-Cristianismo; não lhe convinha que as doutrinas judaico-cristãs, ensinadas pelos discípulos do divino Verbo, seguissem o rumo do Mosaísmo, combatidas, como vimos, por Paulo.

É uma das razões, igualmente, por que os livros atribuídos aos outros apóstolos foram afastados pelos Concílios, sendo até considerados falsos.

Ora, ou os discípulos ensinaram a doutrina que ouviram do Mestre, ou essa doutrina estava em desacordo com a recebida do mesmo. Neste caso, ou Jesus não soube o que fez, era um pobre ingênuo quando os escolheu, ou foi iludido por apóstolos hipócritas, o que faz também periclitar sua previdência, ou os apóstolos externaram a verdadeira doutrina de Jesus que, aliás, não era dele, e, por isso, esses livros não deveriam ter sofrido modificações de espécie alguma.

Diniz, o menor, em seu *Recueil des Canons*, e outros escritores confirmam que no começo todos os fiéis comungavam na missa. Eles traziam o pão e o vinho que o padre consagrava e depois os entregava a seus donos. Este pão não era fermentado, como de costume, e raras eram as igrejas em que ele não era levedado. O uso era mergulhar o pão no vinho, comendo-o assim ou comendo-o e depois chupando o vinho por um canudo. Esse rito que era uma imitação da ceia do Cristo mudou com o tempo, ou por prudência dos pastores ou por capricho, ou ainda por conveniência comercial, obedecendo a um plano financeiro.

Acresce dizer que o ritual organizado para a celebração da missa Católica, sobretudo nas cerimônias Fúnebres, não passa de uma verdadeira paródia da magia branca, nas práticas do ocultismo ou da feitiçaria; o mesmo se dá quando o padre traça com o hissopo ou com o incensório, petrechos mágicos, círculos de água e círculos de fogo, em volta do morto, acompanhados de palavras cabalísticas e toque de sinos para afugentar o diabo ou os maus espíritos. Com sinceridade: Jesus teria ensinado essa encenação teatral?

Não é de hoje essa prática das igrejas católicas de badalarem pesados sinos para esses e outros fins supersticiosos. Segundo J. G. Frazer[265], o Código sacerdotal Mosaico (Êxodo XXVIII, 31,35) obriga o sacerdote a usar campainhas nas orlas das suas vestimentas, com o fim de afastar os maus espíritos. O Escolasta Cristão João Tzetzes, Luciano, o grande canonista Durandus, do século XIII, o arqueólogo Francis Grose, W. de Worde em sua *Legenda Dourada*, Longfellow, o Pontifical Romano, e muitos outros escritores sacros, não cessam, com ares circunspectos e com a alma, talvez, em riso, de propalar que o som do bronze ou de qualquer metal tem a propriedade eficaz de amedrontar e rechaçar os maus espíritos e os demônios, bem como as tempestades, os raios e outras calamidades cósmicas, dirigidas, como devem ser, por entidades infernais.

Os selvagens de toda parte do mundo, na falta de sinos, usam tambores e outros instrumentos de madeira para o mesmo fim.

João Huss (1415), reformador e professor da Universidade de Praga, protestou contra a dominação italiana, adotou as Teorias de Wiclef, que propunha a supressão dos monges e a confiscação dos bens do clero; exigiu que se continuasse a comungar na missa com a hóstia e com o vinho que haviam sido

[265] Le Folklore dans l'ancien testament.

suprimidos. O Concilio recusou o pedido, declarando-o herético junto com seus adeptos, e organizou **três cruzadas** contra eles, as quais, aliás, foram funestas ao Papa, à vista do que foi novamente permitido o uso do vinho.

João Huss foi excomungado e, quando o Papa Alexandre V conseguiu deitar-lhe a mão, entregou-o ao Concilio de Constança que o mandou queimar vivo! Simplíssimo!

Segundo a descrição feita por Alexandra David Niel[266] há na seita dos **Bonés Amarelos**, no Tibete, um ritual equivalente à missa do Catolicismo, denominada "*Sete Membros*", mas sem imolação de espécie alguma.

Esse serviço é assim dividido:

1 °. — prosternação.

2°. — oferendas à divindade impessoal.

3º. — redimir falta cometida.

4° — colher inspirações virtuosas.

5°. — desejar que a doutrina de Buda se propague.

6º. — pedir aos santos para que não entrem já no Nirvana, a fim de poderem assistir os fiéis no mundo.

7°. — aplicar a acumulação de méritos para a obtenção do estado búdico.

Que conclusões, pois, tirar da Missa do Romanismo? Que é o mais vergonhoso embuste mercantil, no qual a espiritualidade se evapora por tal forma, que só restam os resíduos monetários que mais interessam aos cofres do Vaticano.

Mas, para não nos prolongarmos, digamos também: *Ita missa est*.

[266] Les initiations lamaiques.

Vós Também sois Deuses

Se, pois, todas as palavras pronunciadas por Jesus, e colhidas pelos evangelistas, devem ser religiosamente aceitas como verdades, devemos agora aprofundar, também, o sentido da frase, com que ele retorquiu aos fariseus: "***Vós também sois deuses***", e ver o que queria ele significar com o termo deuses, pois temos de convir que ele não se podia referir aos deuses dos pagãos, sendo Jeová seu Pai o único Deus.

Nas épocas faraônicas, e muito anteriormente ao seu nascimento, existiam os três Colégios, ou seja, as Academias instituídas pelo patriarca Rama: **Colégio do Povo**, **Colégio dos Deuses**[267] e **Colégio de Deus**, sem que **Deus** e **Deuses** significassem divindades, como veremos mais adiante.

O primeiro era destinado ao ensino inicial e correspondia à nossa escola primária; o segundo, destinado aos iniciados, correspondia ao nosso bacharelado em letras; e o terceiro, destinado aos sábios (magos), correspondia às nossas escolas superiores.

Do segundo Colégio, o dos Deuses, dos Iniciados, saíam os mais aptos, por exames rigorosos, para o Colégio de Deus, e deste saía, por concurso, e por provas morais, o mais sábio dentre todos, que ficava sendo o Pontífice Rei, o Melquisedeque.

Quando os fariseus, isto é, os letrados, insinuaram que Jesus era Deus, eles queriam chamá-lo de Mago, de Sábio, de Pontífice, de Rei de Justiça, ao que Jesus respondeu que eles também eram **Deuses**, isto é, Iniciados.

[267] Moisés escrevia *Celohins, isto é, metátese: Milícia celeste, Astralidade, o Exercito Celeste, as Forças fenomenais — as ciências em suma*.

Davi, em seus Salmos (LXXXII), disse: "*Deus (o Pontífice) está na Congregação dos Poderosos (dos Pontífices Reis), julga no meio dos Deuses (dos Iniciados). 'Vós sois deuses' e todos vós Filhos do Altíssimo. Os fariseus são nossos*". Ora, tachar-se Davi de politeísta seria o cúmulo da ignorância. Deus, para ele, é o Altíssimo, o Senhor, e portanto **Deus** e **Deuses** se referiam, de fato, como claramente ressalta ali, aos iniciados e aos pontífices da Ordem, de que ele mesmo fazia parte — a Ordem de Rama por Abraão, Jacó, Moisés e, por fim, Jesus.

Dos lombos de Davi saiu a genealogia de Jesus.

Ser rei equivalia, em toda a parte, naquelas eras, a ser Pontífice, padre, poeta, mas não no sentido de versejador, filósofo ou médico, porque eram homens iniciados nas ciências.

Foi uma das razões da resposta de Jesus a Pilatos[268]: "*És tu o Rei dos Judeus*?" — "*Tu o dizes*". Esta resposta, aliás, destoa bastante da que João colheu (XVIII, 34).

Que existissem esses **Deuses**, esses Reis Magos, esses Melquisedeques, na época em que Jesus nasceu, basta lembrar a vinda dos três, de pontos bem afastados da Pérsia, para adorarem o Verbo encarnado, anunciado em tempos por Zoroastro, pela coincidência da conjunção astronômica que eles conheciam, como astrônomos que eram, e se transmitiam de século em século. Um deles, Cita, de origem, conhecido na Bíblia por Gaspar, mas cujo nome verdadeiro era Gondophares, foi um dos mais poderosos reis do Grupo Saka, que invadiu a Índia, e cujo domínio se estendia pela margem do Indus. Suas moedas ainda são vistas, hoje, no museu de Madras.

[268] Mateus XXVII, II.

Esse Rei-Mago chegou a contratar o arquiteto Thomaz que, mais tarde, tornou-se apóstolo de Jesus, para construir-lhe um palácio na Índia, no estilo grego.

Um outro chamava-se Melki-Or, que significa Rei de Luz.

Chamaremos, também, a atenção do leitor, dizendo que as três estrelas que vemos no firmamento, e que o povo tradicionalmente chama de **Três Reis Magos**, já são uma cópia das três estrelas que figuram, com essa denominação, nos antigos planisférios.

Não será isso uma adaptação do Catolicismo como entende Dupuis?

As sucessivas traduções, e as diversas interpretações, cada qual mais imperfeita, satisfazendo a interesses partidários, encheram o Novo e o Velho Testamento, que por aí correm, de verdadeiras contradições e incoerências.

Jó, mago filiado à Ordem de Rama, em seu antiqüíssimo livro, incorporado à Bíblia, pela sua importância tradicional, não cessa de falar dessa Congregação, desses Conselhos de Deus, de que ele fazia parte, e de um dos quais foi destituído e sofreu a maior humilhação, por ter, como ele mesmo o declara, em vários lugares, para quem o compreende, desvendado certos mistérios, sendo, por fim, readmitido pela sua humildade, recuperando sua primitiva glória. Eis o verdadeiro sentido e não a tolice que se lê naquele livro de ser Jó uma vítima da brincadeira do diabo com a licença prévia de Deus.

São esses Colégios, essas Academias, esses templos, em suma, que foram destruídos pela invasão dos Irshuitas e dizimados seus Pontífices, dentre os quais escapou o famoso Melquisedeque, de Salém.

É esta **Ordem Dórica** que foi substituída pela **Ordem Iônica**, perseguidos seus sábios (magos), que tiveram de se ocultar, ocultando as tradicionais ciências, chamadas hoje impropriamente de **Ciências Ocultas**.

Os irshuitas ou hicsos, também chamados de Pastores, invadiram o Egito na dinastia XVII, cerca de 3.200 anos antes de Cristo, época em que apareceu Abraão, segundo o quadro de Manethon.

Heródoto confirma a existência desses Colégios, que eram regidos por um Sumo Pontífice.

A Velha Crônica dos egípcios fixa a duração do Reinado dos Deuses, em 36.525 anos (Champollion-Figeac — **L'Egypte**, p. 266).

Eis a base histórica em que se assenta a frase de Jesus — o restante é fantasia de Escolas Modernas.

Filiações Templárias

Esses Colégios, essas Academias, ou melhor, esses templos eram organizados por Confrarias masculinas e femininas, correspondendo ao que chamamos hoje — Convento de frades — Convento de freiras.

Há, porém, grande diferença a notar entre os daquela época e os de hoje. Outrora, das Confrarias masculinas saíam os sacerdotes e os profetas, e das femininas as sacerdotisas e profetisas, após prolongados anos de estudos, de meditações, de sacrifícios e de desprendimento físico, que lhes transformava o estado psíquico, dando-lhes visões do futuro e inspirações divinas, ao passo que os atuais conventos não passam de simples refúgio de almas descrentes ou arrependidas, que julgam melhor salvar-se, seqüestrando-se da sociedade e fugindo egoisticamente ao cumprimento dos seus deveres humanos, decretados pelo Criador; nisso não vemos merecimento algum, pois o verdadeiro mérito de uma alma consiste, exatamente, em conviver no seio de maus elementos, vencendo-os pela palavra e pelo exemplo.

Diz Rondelet: "*Deve-se temer a solidão da alma, por ser uma perfeita tentação do egoísmo e do orgulho*".

O egoísmo, que é o amor exclusivo de si próprio, em contraposição com o amor de Cristo, que manda amar a todos, é o princípio de todos os vícios, crimes, ódios e paixões.

São Francisco de Assis, o fundador da Ordem dos Franciscanos, dizia em seu livrinho: "*A perfeição não é inseparável do ascetismo organizado e monástico, pode ser realizada até na vida comum do mundo. Prazer e desprazer sensíveis são inócuos*".

> "... *fazei, Senhor que o distintivo da nossa Ordem seja o de nada possuir de seu sob o Sol, para glória do vosso nome, e de não ter outro patrimônio senão a mendicância*".

São Bento fundou sua Ordem, como um Porto de Salvação das tormentas humanas. São Bruno fundou o Chartreuse do mesmo ponto de vista. Para eles o gozo de Deus exigia a eliminação do orgulho, do amor carnal e de qualquer coisa que se relacionasse com a terra. O monge dizia adeus ao mundo. Questões políticas, guerras, partidarismo, festas, pai e mãe, parentes ou estranhos, tudo devia ser banido do seu pensamento. Era um suicídio psíquico.

Os ascetas das religiões orientais se recolhiam, ora no seio das florestas, ora em mosteiros, mas para adorar o Ser Supremo, sem figura, ao passo que nossos mosteiros são feitos para se adorar santos e santas de várias denominações, cujas vidas são bem problemáticas.

Jesus mandou que se amasse o próximo como a si próprio, se lhe fizesse o bem, retribuísse o mal pelo bem. Ora, é claro que, para pôr-se em prática todos esses mandamentos, é mister conviver-se com o próximo, sofrer dos maus seus efeitos. Como, pois, o monge e a monja se enclausuram entre quatro paredes, fugindo à sociedade e à própria família que repudiam execrando, portanto, a humanidade, deixando de concorrer para seu bem?

No entanto, a corrupção política conseguiu penetrar nesses claustros e foi minando sorrateiramente os alicerces da sua moral. De santos homens, venerados por todos, tornaram-se barões feudais, forçados a entrar na peleja das ambições. O monge Gregório, cognominado o Grande, que vivia em sua cela, no Convento de Coellius, foi de lá arrancado para salvar Roma e a Itália, invadida pelos Atilas, pelos Lombardos, aceitando o título de Papa, e, assim, sua vida destoou completamente dos votos que fez ao entrar ali.

O voto de pobreza toma o indivíduo preguiçoso e ladrão, o de castidade infringe a mais sábia Lei de Deus; o voto de obediência cega é a alienação da liberdade que Deus deu ao homem.

Observar esses votos é ser criminoso, não cumpri-los é ser perjuro. A vida de um frade é a de um fanático ou a de um hipócrita.

Os frades podem ser divididos em três categorias: juventude fogosa — meia-idade ambiciosa — velhice, fanatismo e crueldade.

A freira é uma imitação da Vestal, com a diferença de que esta era tirada virgem do seio das grandes famílias, sendo incumbida de zelar o fogo sagrado. Se o deixasse apagar, ou se se entregasse a qualquer homem, ela era enterrada viva.

Ao que se chama hoje de **Convento de Freiras**, mais apropriado seria o termo de Conventilho.

Apesar da dureza da nossa linguagem, expressão viva dos fatos consumados e que se consumam diariamente, não pretendemos generalizar; há de forçosamente haver exceções, como em tudo.

Contudo, para que nosso dito não fique sem um apoio, citaremos dois ou três fatos da História dos Conventos. Não assistiremos às loucuras das Ursulinas e outras, mas apontaremos os escândalos ocorridos na França e em Portugal, por ocasião da separação da Igreja e do Estado, em que o governo foi recebido à bala por frades e freiras e onde se foi encontrar uma fábrica de... meninos Jesus.

Henrique III, da Inglaterra, ordenara a visita jurídica em 144 conventos de freiras; a metade das recolhidas se achava grávida, não, decerto, por obra e graças do Diabo e ainda menos do Espírito Santo — que é useiro e vezeiro nessas coisas. O Bispo Burnet, apresentando seu relatório, atestou que Sodoma e Gomorra não chegavam aos pés da Inglaterra.

Expuseram-se ao povo todos os instrumentos e aparelhos da fraude: o famoso crucifixo de Baklau que se mexia e andava, os frascos contendo líquido vermelho, fingindo sangue, que escorria das feridas de santos de gesso, velas de ferro imitando velas que nunca se apagavam, tubos que comunicavam com a sacristia e abóbada da igreja para simular vozes celestiais, enfim, milhares de coisas inventadas pela velhacaria para subjugar a imbecilidade.

O próprio Papa Gregório, o Grande, que instituiu e sancionou o celibato dos padres, mandou escoar um lago existente próximo a um convento de monjas, e nele foram encontrados para mais de seis mil esqueletos de crianças!!! Draper[269] em seu Relatório ao Rei da Inglaterra diz: "*Contaram-se mais de cem mil mulheres corrompidas pelos padres*", o que levou o governo inglês a suprimir os conventos.

[269] *Os Crimes dos Papas — Mistérios e Iniquidades da Corte de Roma* — Maurice de Lachatre — Madras Editora.

No Oriente, os frades tornaram-se os janízaros do ignorantismo; os mais fanáticos pilhavam bibliotecas pagas para queimá-las; destruíam as obras de arte; surravam os heréticos; assassinavam, em nome de Deus. Mais tarde eles se tornaram odiados da cristandade pela sua preguiça, pela sua sensualidade, pela sua insolente riqueza; eles escandalizavam a Igreja pelos seus incessantes conflitos com o clero secular, ou por violentas querelas que as Ordens mantinham entre si: "*Conhecei a árvore pelo fruto, já dizia Jesus*[270]".

Não está aí o escândalo passado com os **bens de mão morta** da nação brasileira, durante o **reinado** de Rodrigues Alves, sendo seu Ministro J. J. Seabra, bens que, por decreto imperial, respeitado pela nova Constituição da República, passariam a pertencer à Nação pela morte do último frade ou freira brasileira, sendo daí por diante proibido todo e qualquer noviciado? E, como lá existissem no advento da República unicamente dois velhos frades, genuinamente brasileiros, frei Bento e frei João do Amor Divino, a reversão daqueles bens não deveria demorar.

Para os frades estrangeiros, porém, que enchiam os conventos, urgia que tal se não realizasse e, por meio de um sofisma, que consistia em naturalizarem-se brasileiros, alguns frades alemães, novamente importados, que lá residiam, tornaram-se **brasileiros** e milhares de contos de réis da nação, em dinheiro, jóias, antigüidades e inúmeras propriedades, inclusive os mosteiros, passaram-se para o Patrimônio do Vaticano, não sem alguma relutância da parte sã da imprensa e do povo esclarecido que, afinal, foi facilmente subjugado pela cavalaria! É verdade que isso valeu ao Brasil o Chapéu Cardinalício... e a Rodrigues Alves um bom lugar no céu!

Qual será o patriótico governo que fará reverter esse patrimônio à Nação?

[270] WILFRED MONO — Du protestantisme.

Mas ainda há coisa mais grave, ultrapassando as raias da desfaçatez e constituindo o ato mais audacioso a que se não atreveria qualquer truste estrangeiro. É o que ocorreu no Estado de Mato Grosso. A missão Salesiana obteve, em 1921, do governo desse Estado, permissão para usufruir por dez anos um latifúndio de 500 milhões de metros quadrados (território maior do que o de muitas nações européias), na melhor e mais rica zona do Brasil. Terminado esse prazo, em 30 de julho de 1931, continuou a Missão na posse e usufruto e, em vez de, pelo menos, pedir renovação de concessão, interpôs, muito ingenuamente, o pedido de **doação grátis** daquele território!

Felizmente a "*Coligação Nacional pró-Estado Leigo*" interveio em tempo, mandando um manifesto a Getúlio Vargas, chefe do governo provisório, cujo texto foi publicado por *Vanguarda* em 7 de março de 1932.

Existe, porém, um fato que bem mereceria a atenção das nossas autoridades. É o da crescente proliferação de congregações religiosas, sob diferentes invocações e esquisita indumentária, cujos fins, aparentemente destinados à caridade, são transviados em benefício dos que as dirigem.

Para isso empregam um simulacro de mendicância que, mais propriamente, se classificaria de exploração do povo e dos incautos comerciantes, como várias vezes têm sido desmascarados pela imprensa séria.

Além disso, é tão curiosa a homenagem prestada a essas congregações que as próprias autoridades sanitárias não têm ingresso naqueles **sagrados claustros**, a não ser acompanhados do bispo em pessoa, o qual, decerto, não está disposto a esses passeios higiênicos, ao passo que colégios particulares e casas de família são invadidos diariamente por legião de funcionários à cata do stegomia*

* N. do E.: Mosquito transmissor da febre amarela.

dentro dos armários, acabando por se pôr fora o vasilhame dos quintais, onde os animais bebem água, deixando-os morrer de sede.

Que vemos ainda pelo lado das finanças do país? Absoluta isenção dos pesados impostos de que se acham onerados, comércio, indústria, artes liberais etc., quando as escolas de congregações e as igrejas não passam de casas em que se negociam ensino, missas de várias categorias, batismo, casamentos, enterros, talismãs etc., dessa renda sai unicamente o **Dinheiro de São Pedro**, remetido anualmente aos milhares de contos de réis para as arcas do Vaticano.

Pelo lado patriótico, que vemos ainda?

Isenção do serviço militar e outras obrigações sociais aos noviços ou padres jovens, em condições de pegar em armas, sob o curioso pretexto de que isso é contrário aos princípios do Cristianismo! Não serão esses princípios os mesmos dos outros credos cristãos? São esses incoerentes privilégios a um credo não reconhecido oficialmente que ofende a dignidade de uma parte da nação!

Ah! Se um dia no Brasil houver uma explosão de indignação como a que se deu na ultracatólica Espanha, na Itália, sede do Catolicismo e em outras nações, e o povo invadir subitamente esses antros satânicos, certo é que a suposta maioria católica sofrerá bastante na sua porcentagem, encontrando ali, em vez de santas mumificadas, uma verdadeira fábrica de anjos, senão uma nova forma aperfeiçoada e velada dos haréns da Turquia.

Ainda hoje entre frades e padres perdura certa animosidade que, decerto, não condiz com os ensinos de Jesus. Uma das últimas razões foi a da invasão de milhares de frades espanhóis no nosso território, pela expulsão da Espanha, rechaçando o clero nacional, substituindo-o nas mais rendosas paróquias e nos melhores cargos eclesiásticos.

Para prova do que foi mostrado, transcrevemos, com a devida vênia, o artigo do *Diário Carioca* de 28.7.33, em que fala um monge baiano:

> "DEPOIS DE OITO ANOS DE MARTÍRIOS—DESPIU O HABITO DE MONGE CARMELITA O SR ANTÔNIO VALADARES — BAHIA, 27"
>
> *"(União) — Causaram verdadeira sensação nesta capital, onde o povo é essencialmente católico, as declarações do sr. Antônio Valadares, que acaba de despir o hábito de monge carmelita, deixando a vida do claustro 'depois de oito anos de martírios', conforme afirmou ao Diário de Notícias*." "*Como baiano e como brasileiro, não podia mais ouvir calado, sem ter consentimento de levantar a minha voz de patriota, contra os insultos, as pirraças, as palavras amargas de crítica e ofensa, dirigidas, constantemente, pelos monges estrangeiros do Convento do Carmo, aos homens e às coisas do Brasil. Para eles, que vivem maldizendo do solo protetor que os acolhe com carinho, nada do que é nosso presta, nada vale, no nosso querido Brasil, sempre por esses homens maltratados nas mesas de refeições, nos recreios, em todas as horas*."
>
> "*E como afirmação de maior sensação, encontramos nas declarações do sr. Antônio Valadares este pequeno trecho":*
>
> *"... É tanta coisa que causa horror: os nossos patrícios, meninos alunos da Escola Apostólica, são*

maltratados e até esbofeteados pelos habitadores do Convento do Carmo. Ainda espero que os meus patrícios, um dia, possam reagir contra esses indivíduos, que foram corridos de sua terra por não poder ela mais suportá-los".

Onde, porém, culmina o arrojo da afronta é no haverem esses mesmos frades, em número de 700, conseguido, quase, a supressão do Instituto dos Cegos e Mudos, para desalojá-los e ocuparem, à guisa de hospedaria eterna, a propriedade em que agasalhamos infelizes patrícios, que iriam para a rua sofrer os maiores rigores!

Felizmente Deus teve piedade deles e interpôs o braço de um patriota que ocupara cargo saliente no governo provisório paulista.

Não foi Jesus, decerto, nem seus apóstolos quem instituiu os conventos, e jamais eles se referiram a essas agremiações de indolentes e improdutivos. Fora os frades e os padres que inventaram essas prisões, a fim de separarem suas vítimas das respectivas famílias, e poderem governar mais à vontade essas consciências ingênuas e indefesas, apoderando-se de seus corpos, seus espíritos e de suas heranças.

Mas não julgue o leitor que é frade ou freira quem o quer ser; ou que baste querer alguém seqüestrar-se, para logo ser aceito até a morte. Esse desejo poderá ser satisfeito, após sindicância, mediante grossa jóia ou dote de quantia equivalente aos anos de probabilidade de vida, e essa não é pequena. Ademais, a soma realizada irá estabelecer a condição monástica, a qual pode abranger, desde o lugar de lavador de pratos até os mais altos cargos. A santidade ali não tem cotação

para a Congregação; só serve ao próprio seqüestrado, pois a casa não é Asilo de Inválidos.

Naquelas antigas eras do Reinado da Paz, essas Confrarias eram mantidas pelo povo, pagava-se o dízimo da Ordem, como Abraão e Melquisedeque, e os futuros profetas ou profetisas eram selecionados pelo noviciado ou pela vocação espontânea, após rigorosos exames e terríveis provas físicas e morais, antes de se poderem dedicar à missão de porta-voz do Altíssimo. Hoje os conventos são as instituições mais ricas do mundo e vivem de fabulosa renda, sem prestar benefício à sociedade, pois as supostas missões, se bem que rotuladas de propaganda cristã, visam a outros fins. Há um fato curioso a notar: para os proventos, todos esses sacerdotes são brasileiros; para as obrigações ou deveres, são romanos, isentos de tudo: sorteio militar, júri, impostos etc. Estes são para os leigos, ou seja, para os patetas.

Eis por que não há mais profeta neste planeta!

Eram nessas Congregações que se preparavam também os Pontífices, que tinham de desempenhar o cargo de **Rei de Justiça**, como Melquisedeque, Jó, Abraão, Moisés, Davi, Salomão, Samuel e Jesus.

Quem tiver lido as obras a respeito das iniciações na Antigüidade[271], bem poderá compreender o que diz Davi, em seus Salmos LXVI, 12: "*Fizestes com que homens cavalgassem sobre nossas cabeças; passamos pelo fogo e pela água, mas nos trouxestes a um lugar copioso*".

Nessas iniciações, era hábito mudar-se o nome do neófito, uma vez que ele tinha vencido as provas. Sem pretendermos citá-los, o que seria vã pretensão, destacaremos, porém, alguns: assim, Jó era o hieróglifo do cão de Syrius,

[271] Pierre Christian — Histoire de la Magie.

significando a exaltação, **tanto na alegria** como na **dor**. Abraão passou a ser Abraham, Moisés passou a chamar-se **Oshar-Siph**. O nome de Jesus já era aplicação de IshO — Verbo. Ele mesmo, ao iniciar alguns dos seus discípulos, adotou o mesmo hábito, por isso apelidou Simão de **Pedro**, Levi de **Mateus**, João de **Tiago de Boanerges**, Dídimo de **Tome**, segundo os evangelhos[272], Saulo tomou o nome de **Paulo** etc. Ainda hoje, papas, frades, freiras etc. tomam outros nomes, segundo a tradição de suas ordens. O mesmo se dá no Lamaísmo.

Quão diferentes são esses adeptos de vários santos e santas, como os monges do Budismo e do Lamaísmo, que procuram imitar as virtudes de Buda.

A maior parte desses ascetas, desses anacoretas, vive nas montanhas, sofrendo as intempéries do frio e as necessidades da fome, magros e esqueléticos, ao passo que os monásticos do Catolicismo são vistos nas avenidas, nédios, gordos e corados, usufruindo as vantagens dos automóveis e da boa mesa.

Questão de gosto e de época!

Que pobres incautos continuem a lhe beijar as mãos, e assim lhes apraz.

Filho de Deus — Filho do Homem — Filho da Mulher

A cada passo encontram-se nos livros sacros os termos **Filho de Deus**, **Filho do Homem**, **Filho da Mulher** empregados pelos profetas, e nos próprios Evangelhos, sem que esses termos tenham aplicação fisiológica.

Ser **Filho de Deus** não só era ser filiado ao Colégio de Deus como acabamos de ver, como também porque todo homem tinha e tem o direito de considerar-se como tal.

[272] Marcos III, 16, 19

O próprio Jesus disse aos fariseus: "*Pois se a lei chama deuses aqueles a quem a palavra de Deus foi dirigida, aos profetas, aos iniciados (e a escritura não pode ser anulada), a mim, a quem o Pai santificou e enviou ao mundo, vós dizeis: blasfemou, porque disse: Sou* ***Filho de Deus***".

Todos os deuses das mitologias orientais, muito antes de haver Cristianismo, para melhor impressionar as massas eram considerados homens que tivessem existido na Terra, os quais mandavam o Filho para ser morto, ressuscitar e redimir a humanidade.

Assim se deu com Mitra, com Osíris, com Baco, que os órficos chamavam de **Filhos de Deus**. Este Baco, segundo Macrobe, morreu, desceu aos infernos e ressuscitou no terceiro dia. Seus adoradores foram perseguidos, como muitos séculos depois, é bom frisar sempre, os da seita de Cristo e os de Serapis.

A expressão **Filho de Deus**, atribuída ao Sol por Zoroastro, é encontrada em todas as primitivas religiões, desde há mais de dez mil anos, entre os astecas, os peruanos, os indianos, os persas, os caldaicos, os egípcios, os chineses, os gregos, etc., dos quais os gênios filosóficos criaram suas doutrinas como Orfeu, Platão, Pitágoras e muitos outros, nas quais o Catolicismo, por intermédio dos seus doutores, como São Justino, São Tomás de Aquino, Santo Agostinho, etc., foi buscar a analogia da personalidade do Jesus material, como o Jesus espiritual, — da Luz do Sol material, com a luz do homem **espiritual**. *Ego lux mundi*, dizia Jesus.

Para Dupuis, Jesus é o Filho de Deus, do mesmo modo que o Sol era o Filho de Deus para os antigos, apesar da diversidade de nomes e de atributos "*Nam tenebras prohibens retegis quod coerula lucet; Hinc Phoebum perhibent prodentem occulta futuri; Vel, quia dissolvis nocturna admissa, Lsoeum. Te Serapim Nilus, Memphis veneratur Osirim. Dissona sacra Mithram, ditemque ferumque Typhonem*

Atys pulcher item, curvi et puer almus aratri; Ammon arentis Libyoe, ac Biblus Adonis. Sic vario cunctus te nomine convocai orbis".

Cristo é esse famoso Apolo que triunfa da serpente inimiga da luz, como Cristo triunfa do príncipe das trevas, que toma a figura da serpente para perder os filhos da Luz, seus eleitos.

É o Bacchus Lyoeus que nasce, morre, desce aos infernos e ressuscita depois de ter sido despedaçado pelos monstros serpentípedes. É o Deus Serápio, no templo do qual, no Egito, se achou a cruz, símbolo da vida futura, segundo a interpretação dada pelos próprios egípcios, como se pode ver em Sozomene e Rufino; o mesmo Serapis ou Sol Serapis, que o imperador Adriano garante ser o Deus dos cristãos. É o Osíris que nasce, morre e ressuscita como Cristo; é o famoso Mitra, cuja festa natalícia se realizava no dia do Natal; Mitra, nascido em um antro, como Cristo no estábulo, Mitra morto e ressuscitado, e que, por sua morte, salva os que nele crêem; que tem seus mistérios, seu batismo, sua eucaristia etc., Mitra, enfim, que se une a um Touro, como Cristo ao Cordeiro para regenerar a Natureza na primavera. É o Deus Amon, representado sob a forma de um Cordeiro, que tem sua sede no signo equinocial da primavera, em que o Sol tem seu mais belo triunfo. É o famoso Adônis, que morre, desce aos infernos e ressuscita, e cujas festas estão estabelecidas nos mesmos países em que nasceu a religião do Cristo. E o jovem Átis que, depois de ter sido pranteado durante três dias, volta ao império dos Deuses e cujas festas exprimem o triunfo do Cordeiro (Figura 9). É, enfim, o Deus de todos os povos.

Dupuis não acreditava na passagem de Jesus pela Terra, considerando-o como um simples mito solar, que se foi degenerando a ponto de ser personificado pelo Cristianismo.

Entre os astecas, do México, era escolhido anualmente o mais guapo rapaz para representar o papel de **Filho de Deus**. Durante esse tempo era tratado na corte do rei, com todas as honras de um deus, podendo, mesmo, dispor à vontade das concubinas do monarca. Quarenta dias antes do 25 de dezembro (número notável em todas as religiões) ele era submetido a um complicado ritual. Chegada a data, na noite de 24 para 25, era ele levado ao alto da pirâmide, e o Pontífice cravava-lhe o punhal no coração, que era imediatamente arrancado e oferecido, gotejante, ao Deus Supremo — o Deus Sol. Um deles, com uma maestria só comparável a dos **esfoladores** dos matadouros, arrancava a pele inteira do **deus que morria**, e era revestida pelo futuro **deus que nascia**. Seu corpo era retalhado e comido pelos sacerdotes (analogia com o Catolicismo). A mesma cerimônia era reproduzida com **semideuses**, saídos do povo; seus corpos, porém, eram atirados pela pirâmide abaixo e seus adeptos disputavam suas peles, que eram levadas durante oito dias pelos felizardos que delas se apoderavam.

Esse **Filho de Deus**, ou esse Deus que morria e ressuscitava no terceiro dia, para o bem da humanidade, era o **bode expiatório** de todas as religiões da Antigüidade.

A tal respeito enviamos o leitor ao extraordinário estudo de J. G. Frazer: "*Le Bouc Emissaire*".

No tempo de Jesus o termo **Filho de Deus** designava todo homem amando Deus; Jesus foi assim classificado, na acepção que os judeus lhe davam, pois este título já é encontrado em Gênese IV, 22, 23 — Deuteronômio XIV, 1.

Esta tradição continuou pelos profetas **Oséias** X, 1, 10, — **Jeremias** III, 14, — **Isaías** I, 2, — XXX, 1, — XLIII, 6, — LXIII, 8, — **Samuel** II, 7, 14, — **Salmos** 11,7,12, —**Sabedoria** 11,13, —XII, 7,21—II, 13,18, — **Eclesiastes** IV, 11, —

Depois, seguem-se os apóstolos **Mateus** V, 9 — 44,45 — **Lucas** VI, 35, — **Paulo**, **Romanos** VIII, 14, 19, — **Gálatas** III, 26 — IV, 6, — **Hebreus** II, 10 —XII, 6, — **Salmos** XI, 7.

A esse título não era ligada nenhuma metafísica ou de natureza sobre-humana, sobrenatural ou divina.

O ato da transfiguração de Jesus no monte (Mateus XVII) e a proposta de Pedro em construir ali três tabernáculos — um para Moisés, um para Elias e outro para Jesus — prova que os apóstolos não o consideravam como Deus ou seu Filho carnal; mas, sim, um profeta igual àqueles dois, o "*filho amado em que Deus se comprazia naquela ocasião*". Mais claro do que isso nem a luz do dia, se as palavras servem para exprimir o pensamento. Além disso, essa passagem da transfiguração é contada por Marcos e por Mateus do mesmo modo, sendo que Lucas IX, 32 diverge, dizendo que a aparição de Moisés e Elias só foi verificada quando os três apóstolos despertaram de um pesado sono, o que dá justificável motivo a se poder bordar algo a respeito do tema da hipnotização ou da auto-sugestão.

O termo hebraico *AElohim*, que traduziram por Deuses, não passava na mente de Moisés de uma forma poética para expressar as forças hierarquizadas da natureza, de uma imagem morfológica, de um símbolo dos fenômenos cósmicos e anímicos; mas nunca significava Divindade, pois todas as religiões do passado eram monoteístas, como o próprio Moisés, que condenava a idolatria.

A fé popular ingênua criava para cada fenômeno da natureza um Deus com determinadas qualidades a quem dava o nome.

Toda a natureza era regida, não por forças, mas por divindades especiais.

Assim, no Japão, tais divindades se chamam **Kami** e orçam, segundo cálculos japoneses, em 80 miríades!

No Catolicismo há três deuses em um só.

Todas as mitologias e filosofias oriundas da primitiva Cosmogonia ou Astrologia adotavam a expressão **Filho de Deus**, como uma das funções cósmicas da trindade que, em suma, são os três termos da eletricidade que rege todos os fenômenos nessa imensidade incomensurável.

Ser **Filho do Homem** ou ser **Filho da Mulher,** na expressão de Jesus, era ser **filiado** à respectiva Congregação, como já vimos; era ser iniciado pelo Sacerdote ou pela Sacerdotisa, como parece ter sido a mãe de Jesus, filiada como foi à Congregação dos essênios. Senão, como interpretar a frase de Jesus à sua mãe, quando esta lhe fazia sentir a falta de vinho na festa: "*Mulher, que tenho eu contigo*?", frase que, francamente, seria uma indelicadeza, senão uma grosseria, dirigida à sua mãe legítima, caso não houvesse outro sentido mais elevado, além do que seria uma transgressão ao respeito ordenado por Moisés aos seus parentes.

Esse modo de representar a paternidade intelectual pela paternidade física era de uso entre os antigos sacerdotes[273].

Moisés diz-se **Filho de Amram**, isto é, Filho intelectual da Ordem de Rama. Era **Filho do homem**.

Séfora, sua mulher, era sacerdotisa em seus templos e **Filha de Jetro**, o sumo Pontífice de Midian.

Todos os profetas se intitulavam **Filhos do homem** como se verifica nas escrituras.

Os apóstolos tratavam seus discípulos de **Filho**. Paulo chama Timóteo, Onésimo etc. de **Filhos** gerados, por ele, de suas entranhas, o que se fosse tomado

[273] Ed. Schuré— *Os Grandes Iniciados*.

ao pé da letra não havia de agradar muito àqueles discípulos, que, certamente, tinham pai legítimo.

Jesus disse que era **Filho do Homem** (João 1,51 — III, 28, etc.), "*Quando levantardes o **Filho do Homem** conhecereis quem sou*" — "*e os anjos de Deus (ele aqui não mais se refere ao Pai) subirem e descerem sobre o **Filho do Homem***".

Ora, o Homem, neste caso, não podia ser seu pai José, que já havia morrido, mesmo porque dele não era filho carnal, uma vez que o fazem nascer do Espírito Santo; é, pois, do Pai espiritual, do homem que o iniciou, a que ele se refere.

Nataniel disse: "*Tu és (o) **Filho de Deus**, tu és o rei de Israel*" (João V, 49).

Mas, se ele se diz **Filho do Homem**, como conciliar seu outro dito de ser **Filho de Deus**? É porque primeiro ele foi **Filho do Homem**, isto é, dos iniciados, para depois ser **Filho de Deus**, isto é, Mago, Pontífice, Rei de Justiça (segundo a Ordem de Melquisedeque), daí a explicação do **Cetro que sairia de Israel** e da resposta a Pilatos de ser Rei.

Ora, já vimos que naquela época ser **Filho de Deus** era ser filiado ao **Colégio de Deus**, fonte dos Melquisedeques, isto é, dos Reis de Justiça, dos Reis Magos, dos Pontífices, em suma, o que concorda com Paulo, Davi etc. etc. e, como tal, com ser o Rei de Israel, mas não como monarca, pois ele mesmo disse: "*Meu reino não é deste mundo*".

Homero chamava Reis os portadores de cetros ou pastores de povos.

A vara de pastor era sinal de realeza na Grécia, na Assíria e na Babilônia, e essa vara era recurvada simbolizando os chifres do Carneiro, a Religião de Rama.

Daniel VII, 13,14 — Ezequiel II, 1 dizem que Jesus é **Filho do Homem**. Swedenborg diz que os profetas eram chamados **Filhos do Homem**, e isso verifica-se a cada passo na Bíblia.

Toda a predicação de Paulo considera Jesus sempre como Homem, e a Igreja assim o considerou durante cerca de 300 anos, quando, afinal, entendeu um dia já não mais considerá-lo **Filho do Homem**, nem **Filho de Deus**, mas o próprio Deus, como mais detalhadamente veremos no capítulo dos **Dogmas**.

Para Paulo, Jesus (o Senhor) era o Cristo encarnado em Jesus; mas o termo Cristo significa "*Salvador*" e não filho de Deus.

Segundo Paulo, Deus criara Jesus inferior aos anjos; entretanto, o Concilio de Nicéia reconheceu Jesus como Deus, superior, portanto, aos anjos. Atualmente já o rebaixaram para Reis dos Reis.

Segundo a História Sagrada do Egito, cuja origem remonta a incalculável Antigüidade, foi Thoth cognominado o Trismegisto, isto é, três vezes muito grande, ou seja, ainda o primeiro Hermes, que escreveu a primitiva doutrina dos egípcios em 42 livros, por ordem do Deus Supremo.

Esse Thoth foi o Hermes Celeste, ou seja, a inteligência divina personificada, o único dos Seres divinos que, desde a origem das coisas, compreendeu a essência desse Deus Supremo, que o chamava de "*Alma da minha Alma*", "*Inteligência Sagrada da minha Inteligência*". No diálogo que Thoth teve com Pimander, este lhe revelou todos os mistérios, dizendo-lhe entre outras coisas:

> "*Esta luz, sou eu; eu sou a Inteligência; eu sou teu Deus; eu sou mais antigo que o Princípio úmido que se escapa da sombra; eu sou o gérmen do pensamento, o Verbo*

resplendente, o filho de Deus. Reflete que o que vês, e ouves assim em ti, é o Verbo do Mestre, é o Pensamento que é Deus, o Pai. Eles não são separados e sua união é a vida.

"Da Vontade de Deus, porquanto a Inteligência é Deus possuindo a dupla fecundidade dos dois sexos, que é a vida e a luz da sua Inteligência, ele criou com seu Verbo outra Inteligência operante".

"A Inteligência operante e o Verbo operante encerram neles os círculos que, rodando com uma grande velocidade, fez com que esta máquina se movesse desse seu começo até o fim, pois ela começa sempre no ponto em que ela acaba."

Ora, por este pequeno extrato daqueles livros, não é possível se pôr em dúvida que o Egito já conhecesse a essência de Deus e o seu Verbo operante personificado no primeiro Hermes-Thoth. É esse Verbo também personificado em IPhO e IShO conforme já vimos, que veio constituir mais tarde a personalidade de Jesus-Nazareno. E a esse **Verbo Operante** que os profetas se referem quando dizem que suas saídas do empíreo são desde os dias da eternidade. É esse Verbo que se teria encarnado nos vários legisladores que já tivemos ocasião de citar. E esse Verbo que se encarnou, por último, em Jesus, e se encarnará de novo, como ele mesmo prometeu fazê-lo, no corpo de um homem puro, predestinado por Deus para esse fim, quando a humanidade, presentemente anarquizada, não mais puder evitar a avalanche do militarismo que tudo destruirá, incendiando e dizimando os povos, cujos sobreviventes, apavorados, se refugiarão nas selvas. É este Verbo que

se fez carne e era a Luz divina, como diz João; mas não é este Verbo que o Catolicismo forjou, como sendo o Filho Carnal dessa Inteligência Operante, a fim de servir de pretexto ao seu programa político. Não é este Verbo do romanismo que atiça o ódio entre as nações, que atira as fogueiras àqueles que não comunguem com seu credo, que benze armas de guerra para matar irmãos do mesmo credo, que excomunga os que desmascaram seu embuste. É o Verbo Criador, o Verbo de Amor e de Paz, Filho primogênito de Deus.

Como se vê, o assunto é por demais vasto para ser tratado em algumas linhas. Contudo, as indicações que acabamos de dar permitirão aos estudiosos remontar àquelas eras, em que esses termos eram correntemente empregados, e verificar que as deturpações foram forjadas exclusivamente pelo Catolicismo, para tornar Jesus o filho de um deus antropomorfo, classificado mais tarde como uma das três partículas desse deus, terminando por fim em considerá-lo como o próprio Todo-Poderoso, uma vez que esse Todo é indivisível.

Reinado de Deus

As várias interpretações, como temos visto, é que levaram, também, os redatores dos Evangelhos a deturpar a expressão **Reinado de Deus**, pessimamente traduzida para **Reino de Deus**, muito pior vertida como **Reino do Céu** e sub-repticiamente ligada a de **Evangelho do Reino**, pois era do **Reinado de Deus**, do que se trata ali, e que a humanidade e, especialmente, o Egito fruíram naquelas épocas, em que era regido pelos Pontífices, de quem acabamos de falar, o regime da Autoridade[274], isto é, pelo Ensino, pela Justiça e pela Economia, e não pelo

[274] Autoridade vem de Autor. Não confundir com a classificação que lhe dão os modernos detentores de uma parcela do Poder.

Poder, isto é, pelo Militarismo que lhe sobreveio com a dinastia instituída por Menés, 5 mil anos antes da nossa era, em que reinaram a Força, o Arbítrio e o Despotismo.

São Clemente de Alexandria recolheu em seu **Strom**, III, 13, 92 a seguinte frase de Jesus, que não consta dos evangelhos em vigor e constava dos outros: "*Salomé lhe perguntou: 'Quando virá teu reino?' Jesus lhe respondeu: 'Quando dois forem um e que o masculino for feminino e que não houver nem homem nem mulher'* ".

Isto é, quando o Poder e a Autoridade se unirem em um só, quando a humanidade for andrógina, quando houver anjos, quando, em suma, voltar a Paz. Esse será meu reino, será o Reinado da Paz.

Reino é a localização de um território regido por um monarca — Reinado é o regime social, bom ou mau, em que vive o povo sob o guante desse rei.

Foi, exatamente, esse Poder que Jesus veio destruir como, aliás, o conseguiu em parte; mas que de novo reina em todo o mundo.

"*Meu reino não é deste mundo*", disse ele, repetindo a mesma frase de Buda, como já vimos.

"*O Reino de Deus está em vós*", disse Jesus, é a paz da alma.

Confúcio já havia dito: "*A lei do gentil-homem é o Reinado de Deus, que reside em nós*".

O **Reinado de Deus** sempre existiu na China; este país era o Céu real, o Celeste Império; até que a malfadada política européia tornou essa nação um verdadeiro Inferno.

Mas o Catolicismo prefere adotar a locução **Reino de Deus**, Reino do Céu, por dar aos seus adeptos uma idéia mais objetiva de um local, povoado de anjos, governado por Deus e seu filho Jesus, tendo os apóstolos como Ministros.

É mais simples e... mais rendoso.

Corrupções das Traduções

Se fôssemos estudar as corrupções que fizeram dos termos das línguas templárias da Antigüidade, da grega, da siríaca, da hebraica, traduzindo-os pela maneira por que se acham na Bíblia, seria preciso dedicar uma obra para tal fim.

Para dar um pequeno exemplo, entre centenas deles, de como as traduções transmutaram o sentido das palavras, passemos a pena a Saint-Yves:

> "*Nossos tradutores (da Bíblia), diz ele, fantasiaram em homem a rotação da Terra em volta do Sol, em 365 dias, do que fizeram 365 anos de vida de Enoch*[*]."
>
> "*Wa-ihiu Khol-imei Hanôch Lamesh w. shishim Shanah w-shelosh mosôth sanab*", cuja tradução verdadeira é:
>
> "*A totalidade dos dias de Enoch foi de cinco e seis décuplos, e de três centenas de revoluções temporais, o que, posto em algarismo dá: 5 - 6 x 10 = 60 - 3 x 100 = 300 resultando 5 + 60 + 300 = 365.*
>
> *Enoch não se relaciona com homem algum, mas sim com nosso Sistema Solar*".

François Martin[275] em seu belo trabalho diz que esse personagem nunca existiu, e que o livro que tem esse título é antes um resumo de doutrinas de várias

[*] N. do E.: Para conhecer melhor o pensamento enoquiano, ver também *O Livro de Enoch — O Profeta*, Madras Editora.

[275] Le Livre d'Énoch traduit sur la langue éthiopienne.

seitas ou escolas, que se dividiam no meio judaico ortodoxo, no 1º e 2º séculos da nossa era, depositárias das doutrinas de Rama.

Em nosso auxílio açode o erudito pastor patrício da Igreja Protestante, o Reverendo Sr. Ernesto Luiz de Oliveira, na p. 151 (*Roma, a Igreja e o Anti-Cristo*): "*Isto de tomar-se um homem como o representante de um povo, de uma instituição, é coisa comuníssima na linguagem da Bíblia*".

Paulo, em Gálatas IV, 23, 24, 25, é o primeiro a condenar o sentido literal, por considerar esses nomes como simples alegorias, dando-lhes, contudo, outra significação, conforme seu costume de tudo sofismar em prol da sua causa; mas a verdadeira tradução literal, feita sobre as línguas templárias e controlada com o Arqueômetro, é a seguinte:

Abram (Abraão) por Agar produziu Ismael. Ora, nas academias templárias, em védico e sânscrito, que Paulo ignorava, **Ag-ar** significa Faculdade Central, angular, ígnea.

Is-ma-el, Princípio fluídico de expansão.

Por **Sara**, isto é, pela esfera do seu Raio, Abraão gerou **Is-a-ac**, Princípio de agregação ao centro.

Enfim, por **Ke-Torá**, Condensação da Lei (Tora), fixação da relação da ação circunferencial à ação central, ela gera seis Princípios e não filhos carnais, como ali está, pois:

1 — **Iam-Ram** significa, literalmente, Potência múltipla do som.

2 — **Iek-San** significa, literalmente, Potência divisível da Luz.

3 — **Mad-Ian** significa, literalmente, Divisibilidade dinâmica ou química.

4 — **Mad-an** significa, literalmente, Divisibilidade estática ou física.

5 — **Ies-Boch** significa, literalmente, Potência silenciosa do Vácuo.

6 — **Sue** significa, literalmente, Ondulação, Estado Radiante, Ocultação ou Destruição da Matéria.

O que quer dizer que essas ciências eram estudadas na Congregação Adâmica.

As genealogias de Adão, Noé, Abraão etc. nada mais são do que os primitivos templos ou academias e seus filiados, dos quais foram surgindo novas gerações de pontífices e iniciados, e não como ali se acha traduzido, referindo-se a personalidades carnais, a algumas das quais se atribuem longevidades próprias de academias e não de homens, como Matusalém (Math-Salem) e outros.

Só este termo **Math** encerra em si a Tese, a Matese e a Síntese de uma série de mistérios que não poderíamos descrever aqui.

Jesus disse não em latim, mas na sua língua: "*Eu sou o **A-Math***" (a verdade viva de onde procede toda a verdade).

Amath, em toda língua templária, encerra em si, por metátese, ou seja, como querem os dicionários, por anagrama ou inversão Tha-Ma (Tema), o milagre da vida, sua manifestação na existência universal.

Ma-Tha, por inversão, a razão suprema de todas as razões, a legislação de todas as leis, a Eudoxia de todas as doutrinas.

Ath-Ma, por inversão, a Alma das Almas: ATH, Eu sou o primeiro e o último, eu sou o alfabeto templário, eu sou a palavra, o **Verbo**. A e Th são a primeira e a última letra dos alfabetos vatânico e hebraico.

Ademais, basta pegar-se em uma Bíblia e raciocinar-se um pouco no capítulo V da Gênese, em que se lê que Adão viveu 130 anos, tendo gerado um filho que foi Set, quando antes já havia gerado Caim e Abel. Portanto, quem viveu é

porque morreu, e no versículo 4 diz: "*Que, depois de ter gerado a Set* ***viveu ainda*** *800 anos e morreu, tendo ainda depois de morto gerado mais filhos e filhas*".

A mesma linguagem se reproduz matematicamente com os 12 personagens que se seguem, oriundos de Adão, os quais depois de viverem esses tantos séculos ainda viveram outros mais, gerando sempre filhos e filhas.

Não é preciso muita perspicácia, mesmo sem possuir a chave, para ver que todos esses nomes se referem a Academias ou Templos, que duravam séculos, e aos filiados deles saídos, bem como aos sacerdotes e sacerdotisas, cujos nomes de iniciação nada tinham de notável para passarem à posteridade.

E toda a Bíblia está escrita desse modo, aparentemente incoerente para quem não lhe possua a chave. Daí as intermináveis interpretações que têm motivado tantos cultos.

Mesmo sem recorrermos aos tempos antigos, vamos apontar a moderna tradução de João Ferreira de Almeida, considerada como uma das melhores. Diz ele em Gênese VI, 10: "*E gerou Noé, três filhos, Sem,* ***Cam*** *e Jafé*".

Ora, traduzir-se **Cham** por Cam, francamente, é denotar demasiado ódio ao pobre desgraçado alcoólico, que chamou a atenção dos seus irmãos para a nudez do pai, que dormia também alcoolizado, após a libação que haviam feito no sacrifício rendido a Deus, conforme relatam, igualmente, os tijolos achados ultimamente na Babilônia.

Felizmente que, lendo-se a Gênese no sentido cosmogônico e não no cosmográfico, como está redigida, de acordo com a verdadeira grafia, desaparece essa bobagem e lê-se, então, em sua pureza, o verdadeiro sentido de **Cham**, nova modalidade de Caim, além de todos os outros desde Adão.

Verifica-se igualmente que **Noé** é o Princípio biológico do nosso Sistema Solar. Noé, por metátese EON, são as vibrações elétricas deste Princípio, são os íons que ocupam todo o espaço interplanetário, princípio de vida posto em evidência por Georges Lakhowski[276]. Essa teoria já era adotada pelos cátaros, cuja doutrina descreveremos em tempo.

Ora, se Noé fosse um homem de carne e osso, tendo, como diz a Bíblia, gerado três filhos, estes forçosamente haviam de ser da cor do pai, ou seja, da mesma raça. Como se explica, portanto, a diversidade de raças existentes, além do repovoamento do mundo, pois se todos os homens e mulheres haviam morrido no terrível Dilúvio Universal e os raros sobreviventes eram todos machos e da mesma cor?

Ademais, se Deus salvou Noé e sua família, é porque achou-a virtuosa e cumpridora da Lei. Mas, sendo Deus Onisciente, ele havia de saber o futuro da raça (e não das raças) que dela teria de surgir após o repovoamento da Terra, a qual devia ser pura, o que não é. Se, porém, Deus, na sua Onisciência, viu que a humanidade havia de perverter-se novamente, como já havia sucedido com a de Adão, porque não afogou logo Noé e sua prole, carregando-os para o paraíso, deixando esse pião entregue às moscas ou aos gorilas que não se guerreiam, em vez de mandar, um dia, seu **filho**, sacrificar-se, inutilmente, para uma suposta redenção de um pequeno povo da Palestina, qual o israelita? Porque, nos responderão alguns fanáticos, Deus sabe o que faz e não dá satisfação a Leterre nem a ninguém!

Assim está certo!

[276] L'Universion.

Mas a que dilúvio se refere a Bíblia? Ao de Deucalião? Ao de Tespi, no México, de cuja arca esse patriarca mandou um corvo e um colibri reconhecerem se havia terra (Humboldt)? Ao da Atlântida, avaliada pelos maias, como tendo sido em 9973, a.C, dividindo-o em três épocas, o primeiro 8452 a.C, o segundo 4292 a.C? Ou ao relatado por Moisés, em que Noé, parodiando Tespi, fez sair um corvo e uma pomba para descobrir terra?

Cai também, sob nossa pena, o termo de **Baco**, do qual daremos uma pequena explicação.

O império de Rama chamava-se o país de Cush, em substituição ao do Bharat-Versh. Era o império arbitral do fogo sagrado de que o Carneiro era o hieróglifo.

Os países afastados para fugirem às pequenas suseranias se denominavam **país de Cush**. Por isso se encontram muitos países de Cush.

Eis a origem deste termo, a que a Bíblia tanto se refere, quando fala dos cuchitas, deixando o espírito do leitor ainda mais obscurecido.

A religião de Rama espalhou-se pelas Índias, indo até a Europa, onde sofreu várias oscilações. Em um dos movimentos recorrentes, a Itália festejou a volta desta Religião. **Back-Cush** significava **Volta de Cush**. Nesses festejos o vinho era absorvido em abundância, não tardando, pois, com o tempo, que este termo se transformasse em **deus do vinho** — Baco, com suas conseqüências, as bacanais, servidas por bacantes etc. É o mesmo espetáculo de orgia e de bacanal que se observa na nossa festa da Penha, cuja padroeira já significa, entre nós, **pagodeira**, **bebedeira**; é o mesmo festim grotesco anterior à quaresma, a que o povo se entrega em homenagem ao deus Momo, do Paganismo, entre berros ofensivos ao deus de Moisés e de Jesus EVOHE! (EVE-I — IEHOVAH — JEHOVAH).

Moisés, em Gênese X, 6, 8 — Crônicas I, 8 — Miquéias V, 6, se referem a esse país, como sendo o Império Arbitral, que foi substituído pelo império Arbitrário de Nemrod. Foi o **Poder**, o militarismo, suplantando a **Autoridade**, isto é, o Pontífice.

Saltando aos evangelhos, vamos encontrar as seguintes palavras de Jesus[277]: "*É mais fácil a um camelo passar pelo furo de uma agulha, do que um rico entrar no reino dos céus*".

Como se sabe, Jerusalém era uma cidade cercada de muralhas, com várias portas de acesso. Entre elas havia uma, a **menor**, cuja configuração assemelhava-se ao furo de uma agulha, por isso era conhecida por porta do **furo de agulha**.

Era a essa porta que Jesus se referia, porque, de fato, ela não permitia a passagem de um camelo e não como foi traduzido e correndo mundo.

Passar pelo "***furo de agulha***" e não de **uma agulha** é que deve ser.

A cena da legião de demônios, que Jesus fizera penetrar em dois mil porcos, que se achavam ali **pastando**, é outra alegoria à proibição de Moisés de se comer esse animal, causador da lepra. Hão de convir que Jesus não seria tão ingênuo de pensar que, afogando dois mil porcos, afogaria, *ipso facto*, dois mil demônios, e nem tão perverso para prejudicar o criador desses animais, o qual, certamente, se teria queixado às autoridades pelo prejuízo, perdas e danos que este ato lhe teria causado. Logo, se tal fato não se deu é porque tal acontecimento não sucedeu materialmente falando.

Será mais outra antiga alegoria, igual à do Taoísmo do Japão, que faz passarem os maus espíritos para dentro de um ovo.

---

[277] Marcos X, 25.

Além disso, não deixa de causar estranheza o fato do povo israelita não comer porco, por ser proibido por Moisés, e haver criadores desses animais na Judéia, a pastarem por cima de rochedos, quais simples ovelhas.

Há também uma evidente contradição entre Mateus VIII, 28 e Marcos V, 2 que não deixaria de desgostar Santo Agostinho. Aquele diz que foram **dois** homens e este que foi um só!

A história da figueira que não dava frutos e que foi, por isso, condenada por Jesus a secar (Marcos II, 13 — Lucas XIII, 6) é outro símbolo mal interpretado pelos tradutores, segundo Gustavo Dalmann (p. 340), portanto, não era época de figo nem de figos precoces (junho), nem da grande colheita (agosto), apesar da frondosidade da árvore. Jesus preocupava-se com a sorte de Jerusalém, cidade de soberbo aspecto, mas desprovida dos frutos da verdadeira Justiça, e a figueira lhe forneceu uma imagem.

Os discípulos não compreenderam isso, e os escritores dos evangelhos, séculos depois, concluíram que tal figura se referia à **potência da fé** que faz milagres.

Frederico Portal[278], analisando o simbolismo das cores em todas as religiões da Antigüidade, da Idade Média e dos tempos modernos, sua generalidade e suas adaptações, faz notar que "*os mesmos dogmas que estabeleceram as analogias reaparecem no Cristianismo. Neste, o Messias é vestido de manto azul, durante os três anos em que ele inicia o homem nas verdades da vida eterna, e só é vestido de preto quando ele luta com as tentações. As pinturas bizantinas, atribuídas a São Lucas, representam a virgem com a face de uma negra. Quadros mais*

[278] Couleurs Symboliques 1837.

recentes a vestem de preto, pois Jesus descido à terra revestiu, por sua mãe, os males da humanidade".

No Arqueômetro, a letra do nome de IShO corresponde ao azul.

O branco, por ser a reconstituição de todas as cores, corresponde à verdade, ao passo que o preto, que é a ausência da mesma, representa o erro.

Ora, se o branco foi sempre em todas as religiões o símbolo de Deus, por ser a Luz, é claro que o preto deve ser o símbolo do diabo, por ser a treva. Isso se verifica nos planisférios.

Não haverá também uma analogia entre o Papa branco do Vaticano e o Papa negro do Jesuitismo?

Os vitrais das catedrais góticas encontram sua explicação científica na aplicação do simbolismo, verificável com o Arqueômetro, com os vedas e com as pinturas dos templos egípcios.

Tal foi o espanto dos primitivos cristãos, vendo que os símbolos e as cerimônias do Catolicismo eram iguais aos do Mitatismo, religião de Zoroastro, que os católicos não trepidaram, com a maior desfaçatez, em atribuir tal coincidência à perfídia do diabo, que teria, maldosamente, ensinado aos persas a futura doutrina do Cristo, apesar deles não ignorarem que a religião dos persas era mais antiga alguns milhares de anos!

Por aí é fácil compreender a razão da série de incoerências, de divergências, de costuras, de sofismas, de exageros, de contradições, dos plágios com que escreveram a vida de Jesus, criando a escola dos Vancoeur, dos Lalande, dos Dupuis, que negam sua passagem por esse mundo.

Pelas constantes descobertas arqueológicas, e pela reconstituição das línguas mortas, incessantemente estudadas e guiadas por incontestáveis sumidades

científicas do século XX, não será de admirar vermos surgir, em dia próximo, uma formidável Academia, constituída pelos antigos patriarcas da humanidade, reencarnados, presidida por uma nova encarnação do Verbo — Jesus.

Então, ali, tudo se esclarecerá, o joio será separado do trigo, e a palha atirada ao fogo. Os homens se compenetrarão de que a Terra não passa de uma microscópica parcela, no conjunto Sideral do Infinito. O homem reconhecerá sua vaidade e condenará a presunção do romanismo. Voltará o **Reinado da Paz** — o **Reinado do Céu** — e a humanidade será regida por um só pastor.

Dorismo e Ionismo

Dorismo e ionismo são termos também empregados e o leitor, menos versado, não desgostará que lhes indiquemos a origem, embora de modo perfuntório, mas cujo desenvolvimento se encontrará na *Mission des Juifs*.

O primeiro termo é derivado de uma região da antiga Grécia, ao Sul da Thessalia, chamada **Dorida**.

É deste luar que teve origem, no Oriente, a Ordem arquitetônica chamada **Dórica**, implantada pelo patriarca Rama que, sem dúvida, a recebera por tradição, dos **atlantes**, pois os templos desenterrados ali, no México, no Peru, na Oceania e na Caldéia confirmam, exuberantemente, a existência dessa primitiva Ordem.

Mas, como uma Ordem arquitetônica não se cria como cogumelo, da noite para o dia, segue-se que, nessa época, deviam existir sérias academias. A prova é que os doutos modernos, apesar da evolução da arte dos bangalôs e arranha-céus, ainda não conseguiram criar outra, além das cinco clássicas.

O próprio **módulo**, por exemplo, cuja origem científica ainda é desconhecida pelas academias, era tirado de regras musicais como veremos e, de

acordo com essas regras, se construíam os templos, Seus vasos, seus vitrais etc. e baseavam sua liturgia.

Essas regras estão claramente indicadas na Bíblia por Moisés, Ezequiel e outros, quando, por ordem de Jeová, tiveram de construir o templo. Cada medida ali indicada corresponde, exatamente, à nota musical do acorde tomado por base. Cada nota possui um número certo de vibrações, facilmente verificável, com as placas vibrantes dos nossos laboratórios de física, e estas estabeleciam o desenho da ordem, do estilo, o formato dos vasos, dos vitrais etc.

Essa descoberta foi feita por Saint-Yves e magistralmente descrita por Ch. Gougy[279], arquiteto de Paris.

Séculos depois de instituída a Ordem Dórica, isto é, cerca de 3.500 anos antes da nossa era, se deu na Índia o citado cisma de Irshu.

Tendo esse revolucionário, ambicioso por uma tiara, constituído suas hostes para a propaganda das idéias naturalistas e feministas, compôs um estandarte com fundo vermelho, tendo ao centro uma pomba branca, símbolo da mulher. A pomba, em sânscrito, traduz-se por **Ionah**. Daí o **ionismo**.

O Estandarte de Semiramis[280], rainha da Babilônia, tinha como emblema a pomba vermelha, em fundo branco, tendo-se esta rainha passado para o ionismo, tal como seu falecido marido — Ninus — o terrível e sanguinário imperador da Assíria.

Deste termo **Ionah** se originou, por inversão, o de João, o Batista, **Io-han-Io-nah.**

Lucas I, 13, 60 a 63 esclarece bastante a respeito. É a pomba que João diz ter visto descer sobre Jesus, por ocasião do seu batismo — puro simbolismo;

[279] L'Harmonie des formes et des sons en Architecture.
[280] Nome que revela sua religião — Sem — Ram.

como simbolismo, também é o Sol que Jesus teria encarado nessa ocasião, figurando a dinastia solar, a Ordem dórica, a religião de Rama.

Ainda hoje, os ascetas iniciados no Taoísmo, japonês, encaram o Sol em um prolongado êxtase, até verem nele refletido seu espírito, como o corpo material é refletido pelo espelho[281].

Moisés, depositário da tradição dessa Ordem, não se esqueceu de consigná-la em Gênesis XIX, 14, citando Melquisedeque, rei de Salém, e Abraão, chefe da respectiva academia abramide.

Não há, pois, como se vê, interpretações ou idealismo; mas pura tradução ao pé da letra, da significação que essas figuras tinham naquela época e que, com o tempo, se foram deturpando, passando a pomba a representar mais tarde o Espírito Santo, em pessoa, isto é, uma das três parcelas de Deus!

Das academias que esse cisma produziu saiu a Ordem arquitetônica chamada **iônica**.

São essas duas as verdadeiras Ordens cientificamente baseadas em uma matemática quantitativa e qualitativa.

Delas derivaram, depois, a Coríntia, a Composita que, como indica seu nome, é uma composição das anteriores e, por último, a Toscana, não passando de mera expressão da vaidade e do orgulho do seu povo, com caráter puramente externo.

É bom dizer, de passagem, que a palavra Toscano (**Tos-Kans**), a antiga Etrúria, significa, em sânscrito, Ciência, Potência, Potência dos letrados, e era um dos 12 povos oriundos do Oriente, que ocupou uma parte da península italiana, do Arnus ao Tibre.

---

[281] *La Chine — Le Voile d'Isis — número especial*

Por aí se pode deduzir que não cria uma Ordem quem quer, porque esta é a síntese de vastos conhecimentos. Por isso até agora ainda não surgiu outra Ordem, propriamente dita, apesar das capacidades intelectuais que as academias possuem.

Mas, não devemos confundir **Ordem** com **Estilo**.

O mesmo se dá com a música, que lhe serviu de base, na qual ainda não se conseguiu introduzir mais uma nota, nem com a física, mais uma cor, nem com a astronomia, mais um planeta.

Dorismo e ionismo representam, igualmente, a fonte do patriarcado e do matriarcado, largamente desenvolvido por Saint-Yves. O patriarcado tinha relação com o sacerdócio do Deus masculino, simbolizado no disco solar, e o matriarcado com o deus feminino, simbolizado pela lua.

Já Orfeu, condiscípulo de Moisés nos templos do Egito, sintetizava esse monoteísmo no seguinte verso: "*Júpiter é o Esposo e a Esposa divinos*".

A Ordem Dórica, a patriarcal de Rama, foi a Ordem Teocrática, a Ordem Arbitral.

A Ordem Iônica, filha de um cisma, foi a Ordem Militar, a Ordem Arbitrária.

Para mais detalhes acerca da aplicação prática da ordem dórica, enviamos o leitor ao nosso artigo a respeito de "*Referências Bíblicas*" — inserido no Adendo.

Conseqüências do Cisma de Irshu

Do cisma de Irshu, que revolucionou o mundo naquela época, destruindo o dorismo, suas academias, seus patriarcas e seus pontífices, dos quais escapou um, mais tarde, que foi o célebre Melquisedeque, nasceu todo o mal que infelicita

atualmente a humanidade de um pólo ao outro, e que recrudesce com mais violência, apesar dos esforços tentados para paralisá-lo, à medida que se desenvolvem as idéias de militarismo e de feminismo.

Foi a substituição da **Autoridade**[282] pelo Poder[283], foi o militarismo que daí nasceu, foi a política partidária que este estado de coisas cria, foi conseqüentemente a anarquia nacional e internacional, mental e governamental que hoje rege os povos; foi, em suma, o feminismo de Irshu. Foi o desaparecimento gradual, embora lento, do dever da mulher na sociedade, perante a natureza e de seus fins no lar, que é o de preparar as gerações vindouras pela educação moral, e cujos filhos, hoje, são entregues a mercenárias, enquanto a mãe debate um processo na barra do Tribunal, ou açode a um doente, ou vai martelar em uma máquina de escrever, se não vai pelas avenidas em passeios sem destino.

É o resultado a que chegou em nossa pátria, o desinteresse das crianças e da mocidade por questões transcendentes, preferindo-as pelos jogos esportivos e fitas de faroeste.

É a anomalia desarmamentista e a criação de batalhões infantis e de escoteirismo.

A educação moral e cívica de um povo não se adquire nas escolas; é no regaço da mãe, no balbuciar das primeiras palavras e nas preces que ela ensina ao filho para elevar ao Altíssimo.

A mãe é quem educa, o pai instrui; a mãe é a Autoridade, o pai é o Poder. O lar em que faltar um desses fatores ou não for compreendida essa distinção, é um lar desorganizado, pendendo para a anarquia, porque um só não pode exercer as

[282] Autor - o que ensina e não o possuidor de uma parcela do Poder.
[283] Militarismo, Política, Anarquia.

duas funções, simultaneamente, sem que uma delas fique em perigo. Disso temos particular experiência.

Mas, para encobrir essa falta do seu sagrado dever, dá-se hoje o retumbante nome de **Emancipação da Mulher**, como se fosse uma escravidão ser o guia da humanidade, o espírito do futuro homem, o farol das gerações, o anjo intermediário de Deus.

Mas, em suma, a que Ordem de mulher se refere essa emancipação?

Tanto direito tem a essa suposta liberdade a mãe intelectual, como a mãe analfabeta, a mãe milionária como a pobretona, a branca como a negra.

E o que significa essa liberdade? Agir como o homem, ocupando seus cargos?

Ora, sendo o direito um só, quem irá se encarregar dos deveres maternos e caseiros?

A milionária não deveria encontrar substituta, porque as pobres que se empregam também se julgam com o mesmo direito a essa curiosa emancipação. Mas, como a necessidade de viver obriga uma parte a se alugar, segue-se que essa irônica emancipação é só para a milionária ou para a burguesa que, por natureza, não precisam dela. Trabalhar como criada, datilografa, lavadeira ou caixa é incidir na mesma escravidão ao trabalho, imposta pela milionária ou burguesa, que se batem por essa estupenda liberdade! Há, talvez, uma diferença: essa escravidão da classe pobre ao trabalho é livre, ao passo que a escravidão no lar indolente dos nossos tempos é insuportável e aviltante, embora sofram a prole e o futuro da humanidade.

Desse modo, em boa lógica, ao homem competirá, um dia, essa escravidão, voltando aos costumes druídicos e das Hamas-Ohnes, que povoaram

Salém, e ainda em uso nas Canárias, quando todos os empregos masculinos forem exercidos pela mulher, salvo, dirão, o de carne para canhão!

Pois, nem isso escaparia como se vai ver do telegrama passado à imprensa em junho de 1929:

> "*As mulheres pediram para alistar-se no exército; o governo de Buenos Aires respondeu-lhes que o dever da mulher era outro: no lar, para a educação dos filhos*".

Já estavam escritas estas linhas, quando nos mostraram o seguinte artigo, saído na Vanguarda, em 28 de maio de 1929, da pena de Nicolau Ciancio, ao qual pedimos licença para transcrever.

> *"As grandes questões sociais."*
>
> *"A Inglaterra proíbe às mulheres o estudo da medicina."*
>
> *"Há já algum tempo que lemos notícias contra o feminismo na Inglaterra".*
>
> *"Há tempos lemos que as universidades inglesas haviam fechado a porta às 'misses'. Isso foi no começo do ano letivo de 1928."*
>
> *"Depois, os jornais noticiaram que essa hostilidade se estendia às datilógrafas. Bancos e casas de alto comércio não admitiam mais o sexo fraco para escrever à máquina. Por quê?"*

"Porque explicavam os diretores desses estabelecimentos: As mulheres põem as casas em sobressalto[284]."

"Agora a questão é mais séria. Foi levado ao parlamento inglês por sir Graham Littis. É que as cinco principais clínicas de Londres negaram no começo deste ano a matrícula às estudantes de Medicina. Elas tiveram de concentrar-se todas nas duas clínicas, cujas diretoras são mulheres. Mas houve dois inconvenientes: 1º, não houve lugar para todas; 2º, não é nessas duas clínicas que há os melhores mestres".

"Mas, por que os homens não querem que as mulheres estudem Medicina? Alegam ser anti-social a masculinização da mulher".

"Em um estado moderno o papel da mulher deve ser principalmente a maternidade e a criação dos filhos; assim afirmam os diretores das clínicas londrinas. E acrescentam: 'Cada doutora que se forma é, ao mesmo tempo, uma boa esposa e uma boa mãe perdida'."

"A dedicação da mulher aos livros de ciências é uma subtração de carinho ao esposo e aos filhos."

E, enfim:

[284] Temos o mesmo exemplo nos nossas repartições públicas.

"*Quanto mais se enriquecem os laboratórios e os hospitais com a inteligência feminina, tanto mais se empobrece o mundo em Amor*".

A América do Norte, modelo em questões sociais, deu início a uma campanha antifeminista, como se vê em um comunicado epistolar da *United Press*:

Winnipeg, Manitoba, Canadá — Janeiro — "*Dentro de poucas semanas o governo provincial de Manitoba iniciará um movimento destinado a afastar de todos os empregos governamentais as senhoras casadas que tenham quem delas se ocupe*". Uma comunicação nesse sentido, aliás, foi feita oficialmente por C. M. McCann, comissário do Serviço Civil do Estado.

Esse movimento obedece a uma Lei que deveria ter começado a vigorar cm 1º de janeiro, e que foi esposada pelo gabinete da província, ordenando a todos os governos de departamentos que deixem de empregar mulheres casadas cujos maridos tenham com que ganhar a vida.

A exclusão das mulheres casadas, que não necessitam trabalhar nos empregos do governo, virá aliviar grandemente a atual falta de trabalho, segundo o desejo provincial e segundo espera McCann.

Não é de hoje essa campanha pela burlesca emancipação da mulher, com direitos iguais aos dos homens.

E, se essa estrambótica emancipação viesse um dia a ser legislada, como parece já o pretendem fazer nesta pobre terra de macaqueação com a reforma Constitucional, adeus à poesia da esposa, adeus ao verdadeiro sentimento amoroso do lar, como o que existia no tempo dos nossos pais, ainda há 20 anos, dando uma prole educada e respeitadora dos seus progenitores.

Já não basta o vergonhoso espetáculo a que se assiste no centro e em todos os subúrbios da nossa Capital; a prole é criada no meio da rua, onde fica até altas horas da noite, tal como as galinhas, cães, porcos e cabritos, com a única diferença que esses animais se recolhem cedo aos seus abrigos. As crianças formam grupos, nos quais os vícios e os maus costumes são transmitidos aos mais ingênuos, constituindo verdadeira sementeira de malfeitores e de mal-educados, o que concorre para depreciação de uma cidade, que pretende ser civilizada.

E como não ser assim? Não tendo os pais recebido a devida educação dos seus maiores, claro é que não a podem transmitir à prole.

Fosse o Ministro da Educação criado com o fim especial de EDUCAR e INSTRUIR, simultaneamente, a mocidade nos bons costumes de um povo que se presa, e no conhecimento das ciências, distribuindo a mãos cheias **códigos de civilidade**, se poderia, ainda, esperar, num futuro próximo, uma nova geração educada e instruída.

O indiferentismo, porém, dos nossos governos, por essas questões sociais, levará o Brasil a manter uma população de muitos analfabetos e uma legião de **gavroches**.

Mas onde está a mãe para guiar essas pobres criaturas? Está emancipada!

Não será de estranhar assistir-se um dia a diálogos desta natureza:

"De onde viestes, esposa? São três horas da manhã e tive de acudir ao petiz que reclamava a mamadeira".

"Que te importa isso? Estive numa reunião feminista tratando das futuras eleições!"

O mal já vem de tão longe que o próprio Buda era antifeminista.

Eis uma das suas lições, ao seu discípulo Ananda:

> *"Como deveremos nos comportar para com as mulheres?*
>
> *“Não as procureis, Ananda.*
>
> *Mas, se as virmos, como faremos?”*
>
> *“Não lhes faleis”.*
>
> *“Mas, se tivermos de lhes falar, como deveremos nos comportar?”*
>
> *“Concentrareis toda a força do vosso espírito".*

Ai! No dia em que o homem procurar reivindicar seus direitos naturais, respeitados no reino animal, será a repetição das eras druídicas. É essa a opinião de Saint-Yves em *Mystéres de l'Orient*. E essa a opinião da escritora Rachilde em *Pourquoi je ne suis pas féministe*.

Lei do Verbo

E sabido que o homem nunca inventou nenhuma lei, seja ela qual for. De acordo com sua evolução mental e moral lhe é dado constatar essas leis em certas e determinadas épocas.

Todos os fenômenos da natureza repousam, alguns, em leis perfeitamente definidas hoje, e outros ainda por definir. Essas leis, por sua vez, têm por base principal um Princípio. Embora o homem desconheça esse **Princípio**, como na eletricidade, nos raios X etc., ele reproduzirá o fenômeno tantas vezes quantas quiserem, se lhe conhecer a lei.

O mesmo dá-se com a Lei do Verbo, cujo fenômeno se verifica na **palavra humana**, lei intimamente ligada aos fenômenos da sonometria, da cromometria etc., e cujo **Princípio** é **DEUS**.

A Lei do Verbo, pois, é a própria Lei Matemática do Criador, porque ele é a própria Unidade, de onde tudo parte, ele é o **Princípio** incognoscível de todas as leis.

Para dar ao leitor uma pequeníssima idéia do que seja esta lei, faremos uma súmula da letra Y ou I do triângulo de Jesus, I-Sh-0 (Figura 2), comparando, em seguida, as homologias das outras letras a 180 graus sobre o Arqueômetro, sua inversão por metátese, como se compunham as palavras litúrgicas, científicas, sociais, sua junção com outras, suas correspondências com as constelações e os planetas, obedecendo, assim, às forças fenomênicas regidas pelos números, numa matemática quantitativa e qualitativa, e provaremos que as palavras não eram formadas arbitrariamente como hoje, mas, semicingindo-se à Lei Divina, à Lei do Verbo. Essa Lei formava uma tecnologia sábia em várias línguas, bem distantes umas das outras, o que corrobora a Universalidade da mesma Ciência e as palavras de Moisés.

As palavras eram formadas, unicamente, com as 12 consoantes que eram e são letras mudas, isto é, impronunciáveis, relacionando-se com certos fenômenos da natureza, representados, por sua vez, simbolicamente, pela sua conformação geométrica, por isso chamada **morfológica**, isto é, falante, como veremos.

O som dessas letras era dado por uma das sete vogais que se relacionavam, por sua vez, com uma das sete notas da música, que, a seu turno, igualmente, tem íntima ligação com a questão dos números a que está preso o

problema universal das vibrações, que tem dado lugar às estupendas descobertas modernas.

Para que o leitor se compenetre de que o Verbo, na Antigüidade, era considerado como o dom mais sagrado e misterioso que foi dado ao homem, citemos as palavras do maior sábio egiptólogo, M. G. Maspero: "*A palavra é o instrumento mágico por excelência, aquele sem o qual as operações mais elevadas da arte jamais atingiriam: 'cada uma das suas emissões alcança o mundo invisível e põe em jogo forças de que o vulgo não suspeitaria, nem as múltiplas ações nem mesmo a existência*' ".

Sem dúvida, o texto de uma evocação, a seqüência das palavras de que ela é composta, tem seu valor real, mas, incompleto, se a voz não vem animar a letra; para ser eficaz, a conjuração deve ser acompanhada de um canto, tornar-se uma **encarnação**, um **carma**. Quando se a declamava com a melopéia sacramentai, sem modificar uma ondulação, ela produzia necessariamente seus eleitos; uma nota falsa, um erro de compasso, a intervenção de dois sons de que ela se compunha, nulificava o efeito. Eis por que todos que recitavam uma prece ou uma fórmula destinada a ligar os deuses[285] para a realização de um ato determinado chamavam-se **Ma Khrôon**, isto é, **certos de voz**, gente de **voz justa**, e não só os mortos, como se crê vulgarmente, mas os vivos mesmo; o resultado favorável ou desfavorável da operação dependia inteiramente da **justeza** da voz.

Demetrius de Phatero, sábio historiador do terceiro século antes de Cristo, escreveu: "*No Egito os padres cantam louvores a Deus, servindo-se das sete vogais que eles repetem sucessivamente, e a eufonia agradável do som dessas letras pode substituir a flauta e a citara*".

[285] *Entenda-.se as forças da natureza — os Eloins*.

Esses sete sons estavam e estão em relação íntima com cada uma das sete esferas planetárias, conforme já garantia Nicomaque de Gerare, grande matemático e músico profundo do 2º século da nossa era e discípulo de Pitágoras. Diz ele: "*Os sons de cada uma das sete esferas produzem um certo ruído; a primeira realizando o som inicial, e a esses sons é que deram os nomes das vogais. Os sábios qualificam essas coisas de inexprimíveis por si mesmas, visto como o som, aqui, tem o mesmo valor que a Unidade em aritmética, o ponto em geometria, a letra em gramática. Se essas coisas forem combinadas com substâncias materiais, tais como são as consoantes, do mesmo modo que a alma é unida ao corpo e a harmonia às cordas, elas realizam seres animados, sendo que, umas realizam sons e cantos, outras faculdades ativas e produtivas das coisas divinas. Eis por que os teurgos, quando adoram a divindade, a invocam simbolicamente com assovios estridentes ou suaves, com sons inarticulados e sem consoantes*".

Esses cantochões, esses hinos de fancaria de todas as igrejas, acompanhados por um órgão desafinado, choramingados, por vozes fanhosas, em vez de produzirem a necessária harmonia nos átomos etéreos, fazendo vibrar a alma numa sintonia celeste, produzem a desarmonia entre as próprias leis que regem o som, repercutindo desagradavelmente no sistema nervoso, como sucede com os jazz-bands, os sambas, as cuícas e quejandos instrumentos, tão apreciados por indivíduos sem fibras humanas. O próprio cão uiva de dor quando se toca na vizinhança um sino ou um clarim desafinados.

Santo Irineu dizia que as vogais repercutem nos sete céus (planetas).

Euzébio de Cezarea diz que as sete vogais celebram o nome misterioso de Deus. Esse nome, segundo diz Moisés, foi-lhe revelado pelo próprio Criador na sarça ardente, e traduz-se por **I E V E**, isto é, segundo a pronúncia **I E O A**, Jeová.

O nome IEVE é igual, em matemática quantitativa, a 10 + 5 + 6 + 5 = 26; este número se encerra em duas letras sânscritas KV. Ora KaVi significa: "*O Criador pela Palavra*".

Este número 26, trazido à sua raiz de simetria que é o 13, se traduz em duas letras adâmicas: IG, segundo o sistema decimal A G.

Em sânscrito é AGNI, o Fogo Divino.

Moisés diz: "*Nosso Deus é um Fogo devorador*".

Porfírio já fazia alusão à teoria paga da pronúncia das sete vogais, de acordo com as sete notas musicais correspondentes, por sua vez, aos sete planetas e às sete cores do espectro solar, teoria esta, segundo os gregos, trazida da Caldeu-persa, por Ostanes, partidário da doutrina de Zoroastro.

Essas vogais eram as seguintes e correspondiam aos sistemas planetários sonométrico e cronométrico, como se vê:

a	e	h	i	o	(y)	(õ)
Lua	Mercúrio	Vênus	Sol	Marte	Júpiter	Saturno
Si	Dó	Ré	Mi	Fá	Sol	Lá
Lá	**Sol**	**Fá**	**Mi**	**Ré**	**Dó**	**Si**
Amarelo	Vermelho	Azul	Branco	Alaranjado	Verde	Violeta

Obs.: As notas em negrito estão de acordo com o Arqueômetro. Saint-Yves inverteu a ordem dando razão a Bailly. Verifique o Arqueômetro.

Mas segundo Edmond Bailly (*Le chant des voyelles* — 1912) deve-se inverter a ordem musical, passando o lá para a Lua e assim por diante. Este erro partiu do abade Barthelemy, pela confusão que ele fez entre o **baixo** e o agudo que **inverteu**.

Segundo R. Koening, os cinco planetas (excluídos o Sol e a Lua) do sistema grego *u o a e i*, são caracterizados pelas cinco oitavas do Si bemol, ou seja,

em números redondos respectivamente a 450 — 900 — 1800 — 3600 — 7200 — vibrações sonoras por segundo, o que está de acordo com a descoberta de Saint-Yves, do verdadeiro metro musical, baseada no número 144 mil do Apocalipse de João, correspondente à nota Sol.

Os chineses, cuja música é conhecida há mais de seis mil anos, têm cinco tonalidades na voz, por isso parecem cantar quando falam. É essa a maior dificuldade para um ocidental aprender a língua chinesa. Um mesmo sinal (*Kua*) muda de sentido conforme a modalidade musical que se lhe imprime, e só mesmo um ouvido educado por muitos anos conseguirá diferenciá-lo.

Por isso a palavra **Abraão**, em chinês, não pode ser pronunciada de outro modo senão por **A-pu-la-mu**.

Segundo a inscrição cuneiforme de Borsipa, Nabucodonosor gaba-se de ter restaurado a torre das sete luzes da terra, construída por um antigo rei do país, alta de sete andares, distinguidos pelas sete cores do espectro solar, correspondentes cada uma a um planeta, o que faz remontar sua construção e sua ciência astronômica a uma remotíssima Antigüidade, cuja torre, na opinião de A. Maury e F. Lenormont, não seria outra senão a famosa **Torre de Babel**, que já demonstramos ser uma tentativa de síntese religiosa científica.

A reunião de duas ou mais letras para formar as palavras como se verifica no Arqueômetro obedecia, portanto, a uma ciência, como a música obedece às leis da Harmonia, a física e a química às leis de vibrações moleculares, a astronomia às leis da matemática, a matemática às leis dos números e o número às leis divinas.

Analisaremos, portanto, isoladamente, ou junto a outras, as letras do **I Ph O** e **I Sh O**, que se lêem no Arqueômetro e na Figura 2, com sua significação literal em várias línguas da Antigüidade, cujo sentido era sempre o mesmo.

Daremos também, em seguida, uma demonstração clara e precisa, da maneira como foi formada a palavra Abraão (Abraham), pela qual se verá que este termo não representava uma personalidade de carne e osso, como a Bíblia o traduziu no primeiro sentido, para melhor compreensão da massa ignorante.

A respeito do Arqueômetro e da Figura 2 se vê à direita a letra:

Y ou I ou J = 10

Sua significação em várias línguas (Isoladamente)

Ya	A Potência Divina manifestando-se – Deus em ato pelo seu Verbo.....	Hebraico
	A afirmação divina.....	Hebraico
	A Potência unitiva, a Doação, a Glorificação.....	Hebraico
	A Emissiva de ida, a Remissiva de volta.....	Hebraico
Yaj	O surto da Oração e da Adoração.....	Sânscrito
I	O Santo Sacrifício, a ação de sacrificar-se.....	Sânscrito
ij-Ya	O Mestre espiritual.....	Sânscrito

As letras Zodiacais duas a duas

(Correntes e invertidas)

I Ph	A Manifestação perfeita da Graça e da Beleza.....	Hebraico e Árabe
Ph I	A Palavra de Deus.....	Hebraico e Árabe
	A Boca de Deus.....	Árabe
Ph O	O Sopro da boca e, portanto a Voz e a Palavra.....	Sânscrito e Hebraico
	A luz, Phos; a Voz, Phone.....	Grego
PA Va	A Unificação das Almas.....	Sânscrito
O Ph	A Manifestação gloriosa.....	Árabe
O ph	A Visão divina.....	Grego
Va J	A reintegração na Vida Divina.....	Védico
Y O	O movimento remissivo da Luz.....	Hebraico

Ya O	A Potência divina dessa remissão.....	Sânscrito
Va Ya	O Movimento da Volta.....	Sânscrito

A letra planetária com as zodiacais, duas a duas*

I Ça	O Mestre Supremo – o Soberano Sobrenatural.....	Sânscrito
Ya Ç	A Glória soberana.....	Sânscrito
I SH	O Pensamento Vivo em Ato Vivo.....	Hebraico
Si	A Terra dos Vivos.....	Védico

As letras zodiacais três a três

(Correntes e invertidas)

I Ph O	O Verbo de Deus — Deus Verbo.....	Sânscrito
Ph O Y	O Verbo de Deus — Deus Verbo.....	Sânscrito
O Ph Y	A Glória de Deus.....	Sânscrito
I Ou Pa	O troféu divino, a Cruz, o tronco sagrado no qual se amarra a vítima.....	Sânscrito

As letras planetárias com as zodiacais três a três

(Correntes e invertidas)

Y Sh O	O Deus Homem, o Deus Salvador, o Deus da Humanidade — Jesus.....	Hebraico
Yç Va	O Senhor.....	Sânscrito
Sh Ou Y	O Homem Deus.....	Etíope
S Va Ja	O Filho.....	Sânscrito
Ç I Va	O Bem-aventurado, o Libertador Final.....	Sânscrito

* Nota: As letras chamadas Zodiacais e planetárias são as que correspondem aos signos zodiacais e aos planetas, que se vêem no Arqueômetro.

V Iç Wa	O Universal.....	Sânscrito
O Sh I	O Homem Deus.....	Egípcio
Sa V Ya	O Norte, a Orientação dos Arianos.....	Egípcio

A letra planetária com as zodiacais, quatro a quatro

(Correntes e invertidas)

S O Ph Ya	A Sabedoria de Deus.....	Hebraico e grego
YOSh e Ph	A Esfera Luminosa de Deus.....	Hebraico
	O Livro de Luz, o Livro mostrado no Monte a Moisés, o Livro evidente de que fala Maomé, declarando não lhe compreender os mistérios. O nome de IOSEPH (José) é derivado deste hierograma.....	Hebraico

Por onde se vê claramente que os termos IShO — IPhO, como todos os outros, foram compostos, como dissemos, baseados numa ciência e não arbitrariamente.

I-PhO — Pho significa também palavra, voz, som e luz.

Por homologia a 180 graus (*vide* a figura)

Y R (Irá)	A Palavra — Divindade da Palavra.....	Sânscrito
R Y (inv.)	Sim rei — Reinar.....	Sânscrito

Vejamos agora o termo:

INRI

(I-na-ra-ya)

I-NRI	Ele, a humanidade.....	Vattan

I-Na-Ra	Ele, a Alma do Universo.....	Veda
I-Na-Ra-Ya	Ele, o Na Ra Deva, o Homem Deus (mas, como o homem superior entre os homens e não como divindade propriamente dita).....	Sânscrito

Eis o verdadeiro significado do letreiro posto na Cruz, e não com o sentido que lhe deram os tradutores que ignoravam essas línguas. Esta significação era certamente conhecida por Pilatos, iniciado nas ciências como devia ser pelo seu cargo, por isso respondeu aos judeus: "*O que escrevi, escrevi*" (João XIX, 19).

As homologias dessas letras sobre o Arqueômetro, a 180°, isto é, nas duas extremidades do seu diâmetro, são YR — LHa ou LHe — MÔ — WZ — PhE — KT e, inversamente, RY — EI — OM — ZW ou ÉPh — TaK.

De modo que, traduzindo-se seus significados em sânscrito, teremos:

IR — Palavra, Divindade da Palavra.

La ou **Le** — O Rei dos Céus, o Mestre do Swarga ou do Paraíso, o Mestre interior, a Alma, a Consciência.

MÔ — raiz de MÔX e de MOXA: Libertação, Salvação, Libertação dos laços do corpo e das misérias da vida.

WZ — o ardor e o brilho luminoso.

PhE — Pa — A Potência que governa.

KT — o K significa a alma — o T a Ambrosia, a essência imortal.

Invertendo-se a leitura teremos:

RY ou **Rã** — Ser rei — reinar.

EI, **AI** — Conter, salvação, glorificação, exaltação.

ÔM, **AUM**.

ZW ou **SWa**, Bem.

EPh — Que cobre e protege, garantia segura (hebraico).

TaK — Suportar, suster (hebraico); Sede, Trono (caldaico).

No **1° triângulo** lê-se IShO — Jesus

No **2° triângulo** lê-se M-RiaH

No **3º triângulo** lê-se La Ka Za — O Éter, a Potência Éter

No **4° triângulo** lê-se HOut — O Fogo divino

Os 3° e 4º triângulos reunidos, partindo do centro A, ao ocidente La e ao Oriente H, dá o nome ALaH significando, Aquele. Os árabes duplicam o **L**. Lê-se também nesta mesma estrela hexagonal o termo ALaH-IM (Eloim) e invertido Mi-He-La que significa Milícia Celeste — a astralidade.

Correspondências científicas Sudoeste da letra I por 60° sul

Como pequeno exemplo das correspondências das letras para com as forças fenomenais da natureza, damos em seguida a da letra Y ou I. Por aí se vê que essa letra ocupava os graus 105 da circunferência, contados da direita para a esquerda, e os graus 255 contados da esquerda para a direita: que esta letra correspondia ao verão (agosto, setembro) do hemisfério norte; que sua cor era a azul; sua forma adâmica era uma espécie de U; seu número quantitativo, 10; sua nota, MI; seu planeta, Mercúrio; seu signo zodiacal, Virgem etc. Assim:

1 Grau 105° = 360°

255°

2 Verão — Agosto — Setembro

3 Escudo — Azul 120

4 Letra vatânica — V

5 Número desta letra — 10

6 Ângulo azul 120 do triângulo de Terra

7 Letra Helicoidal pendida com dardo (vatânico)

8 Número desta letra — 90

9 A Notal Sol

10 A Virgem e suas correspondências

11 Mercúrio diurno e suas correspondências

12 Ângulo azul 120

13 O Raio branco visando este ângulo

14 A Nota Mi e a letra do Sol

Essas correspondências se lêem sobre o Arqueômetro, que, infelizmente, não podemos reproduzir aqui, e não são obra de acaso nem da fantasia, pois, como já temos dito, tudo ali obedece a uma rigorosa matemática de vibrações sonométricas, cromométricas, planetárias e zodiacais, pois tudo no Universo é numerado, medido e pesado.

São as três célebres palavras do fogo que Baltazar, o Mago, viu aparecer na sala do seu festim na Babilônia: Mane... Thecel... Pharés (número, peso e medida).

Santo Agostinho, São Paulo, Ezequiel e muitos outros da Igreja fazem copiosas referências aos números, dizendo que são as bases em que reside todo fenômeno da Terra.

A própria Bíblia tem um extenso capítulo a respeito de Números, incompreendidos hoje pelos seus milhões de leitores, bem como o Êxodo[286] — Os Reis[287] — Sabedoria[288] — etc.

Para que o leitor possa melhor se convencer da maneira como os templos depositários da Ciência do Verbo compunham suas palavras, vamos extrair do Arqueômetro a que se refere a palavra **Abraham** — Ab-ra-ham (Abraão) cujo termo é a conseqüência das três letras do triângulo de Maria da nossa figura 2 MRH. Por aí se verá, claramente, que este nome não se referia a homem algum, mas a um Princípio Sociológico que Moisés sintetizou, como, aliás, todos os personagens da sua Gênese — e cujos tradutores de primeiro sentido revestiram de carne e osso.

Assim:

As letras zodiacais uma a uma

M - Ma - Me = 40

(seu significado)

Ma	O Tempo — a Medida — o Mar,— a Luz refletida — o Reflexo, — a Morte — a Água.....	Árabe
Mâ	A negação Medir, distribuir, dar, arranjar, produzir.....	Árabe
Ma	A água — Tudo ou Nada.....	Sânscrito
	A Potência embriogênica, o desenvolvimento no Tempo e no Espaço — Esta mesma letra também exprime a possibilidade, a interrogação.....	Hebraico
aM	Adorar, sair de si; amata, o Tempo, a Doença, a Morte, concebida como mutação; amati, o Tempo, o Ano, a Aparência, o Exterior das coisas.....	Sânscrito
	A Potência receptora, plástica e formadora — a Origem temporal, antítese do Princípio eterno.....	Hebraico

[286] Êxodo XXV e XXVII.
[287] Reis VI.
[288] Reis XI, I.

A Maternidade, a Matriz, a Potência da Emanação..... Árabe

R - Ra - Re = 200

(seu significado)

Ra O Desejo, o Movimento, a Rapidez, o Fogo, o Calor enquanto fluídico e liquidificador..... Sânscrito

O movimento próprio — a irradiação visível e visual... Egípcio e Hebraico

A visibilidade e a Visão..... Egípcio e Hebraico

a Ra Rapidez, Raio, Roda..... Sânscrito

a R O Movimento retilíneo, a Força, o Vigor, o Impulso, o Ardor Gerador..... Árabe

H - Ha - He = 8

(seu significado)

Em:

Ha A água Viva, o Céu, o Paraíso, a Mor-Morte que para lá conduz, a Geração que encarna, por oposição à Morte que desencarna.... Sânscrito

A aspiração vital, o esforço humano e seu meio..... Hebraico

A Hi A serpente, emblema do tempo..... Sânscrito

As nuvens sublunares..... Védico

aH A similitude na Espécie, a Identidade, a Fraternidade, a Parentela, o Foco..... Hebraico

A letra planetária B, só — combinada com as zodiacais

(seu significado)

Em:

B'a	Luz refletida — Bondade.....	Sânscrito
B'a	O Mundo planetário e sua Luz.....	Sânscrito
Ba	O Meio, o Lugar, a Locomoção, o Temporal, a Origem, a Duração, a Extensão.....	Árabe
	O Movimento reflexo.....	Hebraico
B'U	A Terra, como meio e lugar de evolução temporal — Como Verbo: Existir num lugar e numa condicionalidade.....	Sânscrito
aB	Ter, como corolário de Ser, a Paternidade — a Frutificação, a Germinação, a Vegetação, a Água, o Mar.....	Sânscrito
Aa B	A Água como elemento orgânico.....	Persa
Ba-Ha	O fundo do âmago das águas.....	Sânscrito
BA-RH	Redizer—criar pela Palavra.....	Sânscrito
B'R â Mi	Sustentar, alimentar.....	Sânscrito

As zodiacais duas a duas

(seu significado)

Em:

Mâ Ra	A Morte — o Amor.....	Sânscrito
a M Ra	A Imortalidade, o Amor.....	Sânscrito
Ma Ra	A mutação, o Transporte fugitivo dos sentidos.....	Hebraico
Ra – Ma	A Graça — a Volúpia — a Exaltação.....	Sânscrito
Hé Ré	O Mistério.....	Hebraico
Ma Ha	A Potência que absorve.....	Sânscrito
Ra Ha	A raptora aérea — Juno.....	Grego
Ha Ra	O Sacrifício — a oblação.....	Sânscrito
	A Purificação.....	Hebraico
Ha M	O ardor gerador carnal — a Paixão — a Cólera — o Fogo — o Calor.....	Hebraico

As letras zodiacais, três a três

(seu significado, Correntes e Invertidas)

Em:

Ha R Mya O que encerra – o Órgão, vísceras – Casa – Palácio, cidade celeste..... Sânscrito

Ha R Ma A Obra, o encanto envolvido em seu efeito..... Védico

Ho R Mas Mesmo sentido. O condutor das Almas ascendentes e descendentes ..... Grego

Ra Ha M A eletricidade em movimento – o Raio, o Trovão..... Grego

Ma R-H O Mar..... Etrusco

Ma Ryâ-H A Pureza – a Virtude – a Virgindade (este sentido é do Arqueômetro que, por analogia, se refere à mãe de Jesus)..... Etrusco

A letra planetária com as zodiacais, quatro a quatro

(seu significado, Correntes e Invertidas)

Em:

B Ra H Ma Uma das três Potências da Trindade embriogênica dos Bramas — o Sustentáculo..... Sânscrito

Ma Ha Ba Ra (inversão) A grande criação pela palavra. Seu resultado — o Ato — o Poema Divino..... Sânscrito

aB Ra Ha M (inversão) Abraham (Abraão) a Potência que preside ao segundo nascimento, ao da Graça; aB Ra Ma, o pai da Graça; Ba Ra Ma, na Graça..... Sânscrito

Abraão é, como Brama, o Patriarca dos Limbos e do Nirvana, isto é, no triângulo embriogênico das águas vivas.

Os Bramas dizem: "*Extinguir-se em Brama, isto é, voltar aos Limbos*".

Em I Crônicas — I, 27 — lê-se: "*Abraão que é Abraão*".

Segundo o Evangelho, Abraão, isto é, o Princípio Sociológico, a Religião de Rama, não morreu, ainda vive. Não terá isso alguma analogia com o desejo de Jesus acerca da permanência de João na terra iniciada, como ele foi por Jesus, como se depreende do seu Apocalipse?

Ora, como se vê, por este pequeno exemplo, a confecção de uma palavra não obedecia, como hoje, ao simples capricho do povo, ou de uma Academia de poetas e romancistas, nem era formada pela derivação de outros idiomas. Elas eram construídas não só pela sua correspondência geométrica como pelas correspondências com a cor, o som, o planeta, o signo zodiacal, que elas teriam de encerrar, como hoje se representa um termo químico pelas anotações de cada componente.

Os nomes de anjos e arcanjos de que as escrituras estão cheias foram compostos por Moisés, obedecendo às mesmas regras matemáticas, de acordo com as funções divinas que representam, isto é, como representantes das forças fenomenais do Cosmos, verificáveis no Arqueômetro e na astrologia dos persas, nos quais são representados como anjos de luz e anjos de trevas.

Isso quer dizer que esses nomes não foram criados arbitrariamente como apelidos, para especificar entidades celestiais, mas são os símbolos científicos das forças que regem o Universo.

E como se disséssemos CH_3 Cl para significar o Cloreto de Metila, em que C é o Carbono, H o Hidrogênio e Cl o Cloro, e pronunciássemos estas letras: Caotricolo — formando assim um nome.

São abreviações usadas pela química, herdadas da Alquimia, em sua fonte primordial, como o sistema criptográfico usado pelos governos e pelo comércio, nas suas comunicações secretas.

Assim, há uma infinidade de nomes de anjos, todos eles compostos de consoantes que, como sabemos, são letras mudas, impronunciáveis, letras divinas, fonetizadas pelas sete vogais, correspondentes às vibrações sonoras e cromáticas, terminando todos pela letra L (EL).

Para não nos alongarmos, citaremos somente os seguintes: Gabriel: **G B R L** (Ga-Bara-El) — Ga — Harmonia em movimento desde a das vozes. Bara — Palavra. El — Deus.

É na Bíblia o portador da Palavra de Deus. É, como já vimos, o mesmo anjo que falou a Maria e a Maomé.

Rafael: **R Ph L** (Ra-Pha-El) Ra — Movimento determinado, atingindo seu fim, a palavra em Ação. Pha — O Órgão do Pensamento vivo do Criador. O sopro vital e potencial. El — Deus.

Micael: **MKL** (Mi-Ka-El) Mi — O Centro vibratório (vide Arqueômetro). Ka — o céu, o que cobre e protege. El — Deus.

Samuel: **SMOL** (Sam-U-El) — o Esplendor de Deus.

Ismael: **ISH M L** (Ishma-El) — o Princípio Fluídico da expansão.

Israel: **I Sh V R L** (Ishwarael) — Povo Real de Deus.

Esses significados são tirados das línguas vatânicas (adâmica), da Zende e da sânscrita e em todas a letra **L** significa o **Rei dos Reis** — Deus.

Há nisso, realmente, coisa mais transcendente do que as imagens de entidades celestiais, munidas de um par de asas e empunhando espada de fogo ou ramo de flor.

Cada letra corresponde a uma função cosmológica, a uma força fenomenal, a uma Potência sideral, a um □*loim* — por metátese, ou seja, por inversão — Milhela — Milícia Celeste — Astralidade, e todas estão sujeitas ao Número — base das vibrações de qualquer sistema solar ou científico.

O "*Zohar*" que explica os Mistérios da Cabala, diz que as letras hebraicas são brasas de fogo, cujo manejo requer muita prudência. Daí a razão das palavras cabalísticas empregadas até na liturgia católica.

Ora, como se vê por este pequeno extrato, a Ciência do Verbo era positivamente uma ciência e não uma linguagem do pé para a mão, como o Esperanto ou como os termos da gíria de um povo.

Orfeu escreveu a *Ciência do Verbo* hoje perdida. Pitágoras denominou o Verbo de *Hieros-Logos* (palavra sagrada).

Além dessas correspondências verbais, temos as que se relacionam com a sonometria, com a cromometria, e, em suma, com toda a matemática quantitativa e qualitativa que rege a questão de vibrações.

É certo que isso dito assim nada significa para o leitor que não conheça o Arqueômetro e as ciências positivas, por isso pedimos para dar um pequeno exemplo entre muitos.

João diz em seu Apocalipse XIV, 12, que "*viu 144 mil anjos tocando 144 mil harpas*".

Tomando-se esta frase ao pé da letra, parece que João viu uma colossal orquestra de harpistas celestiais.

Além de muitas outras correspondências, essa frase se relaciona com as 144 mil vibrações da nota Sol, que revelou a Saint-Yves o novo e verdadeiro metro musical, com o estalão métrico dos antigos, 1,44, com o número 1.440 que se refere às três letras do alfabeto adâmico AMTh (Amath) isto é, a primeira A e a última Th, que somam 1.400, ao qual se junta 40 da letra M, que significa Lei. Jesus dizia: "*Eu sou o primeiro e o último*" — "*Eu sou o Verbo, a Palavra*". Eu sou o Amath.

São Paulo, Swedenborg e tantos outros criadores e apologistas do Cristianismo estão de pleno acordo em reconhecer que os nomes da Bíblia são puras alegorias de fatos altamente importantes.

Saint-Yves, porém, foi o único que desvendou, cientificamente, todos esses símbolos, tendo para isso se aprofundado em todas as línguas a ponto de redescobrir a vatânica, ou seja, a adâmica, pelo alfabeto que os Bramas possuem, que reproduzimos mais adiante (Figura 10) — auxiliado pelo védico e pelo sânscrito que aprendeu, e da qual ele formou uma farta lexicologia em seu Arqueômetro.

Não há, portanto, fantasia, combinações ou interpretações metafísicas, como as de seus antecessores, que, certamente, se conhecessem essas chaves teriam modificado seus ensinos. Mas o leitor por ali compreenderá que não é em um ensaio como este que se poderia desenvolver o assunto.

Com essa chave se verifica que a Gênese de Moisés é uma Cosmogonia e não uma Cosmografia necrográfica, com a agravante das corrupções e deturpações feitas pelos intermináveis tradutores e interpretadores deste Esdras, Vulgata e vulgos.

Então exclamaremos igualmente com o padre Vigouroux: "*A Bíblia diz a Verdade. Ela é um repositório de todas as ciências*" que foram ocultadas até hoje.

A origem da escrita sempre foi para nós um ponto de suma importância para o estudo do desenvolvimento intelectual da humanidade desde seu berço. Por isso vamos terminar chamando a atenção do leitor para a **Árvore Sagrada**, três ou quatro vezes milenária existente no Tibete, cujas folhas reproduzem as letras do alfabeto tibetano. O próprio tronco que mede três metros de circunferência por três de altura, tirando-se-lhe uma lasca a canivete deixa ver uma letra e repetindo-se a operação no mesmo local nova letra aparece.

A descrição dessa árvore misteriosa é lida na obra Dans le Thibet, do padre Huc, missionário católico, que a foi estudar de perto, com o fim de destruir a lenda que corria, terminando por confirmá-la.

Esta árvore, segundo a tradição, surgiu no mesmo monte após o nascimento misterioso de Tsong-Kaba, o reformador do Lamaísmo.

Não é, pois, uma fantasia, mas um fato que deixa muito que pensar acerca da Ciência do Verbo.

Entretanto, é esta ciência que, por simples capricho, Brasil e Portugal entendem destruir com uma simples borradela de tinta.

Primitivo Alfabeto

Segundo as investigações de Saint-Yves (*O Arqueômetro*), nos alfabetos de Cabala (Ka-Ba-La)[289], o mais oculto, o mais secreto que, certamente, serviu de protótipo, não só a todos do mesmo gênero, mas também aos sinais védicos e às letras sânscritas, é um alfabeto **ariano**, que lhe foi fornecido pelos Bramas, os quais lhe ignoram a essência, e trazem-no inscrito em seu Peitoral, tal como os judeus o fazem com o seu (Figura 10).

[289] Ka-Ba-La tem como número 22, pois, Ka = 20, BA = 2 e La significa a potência dos 22.

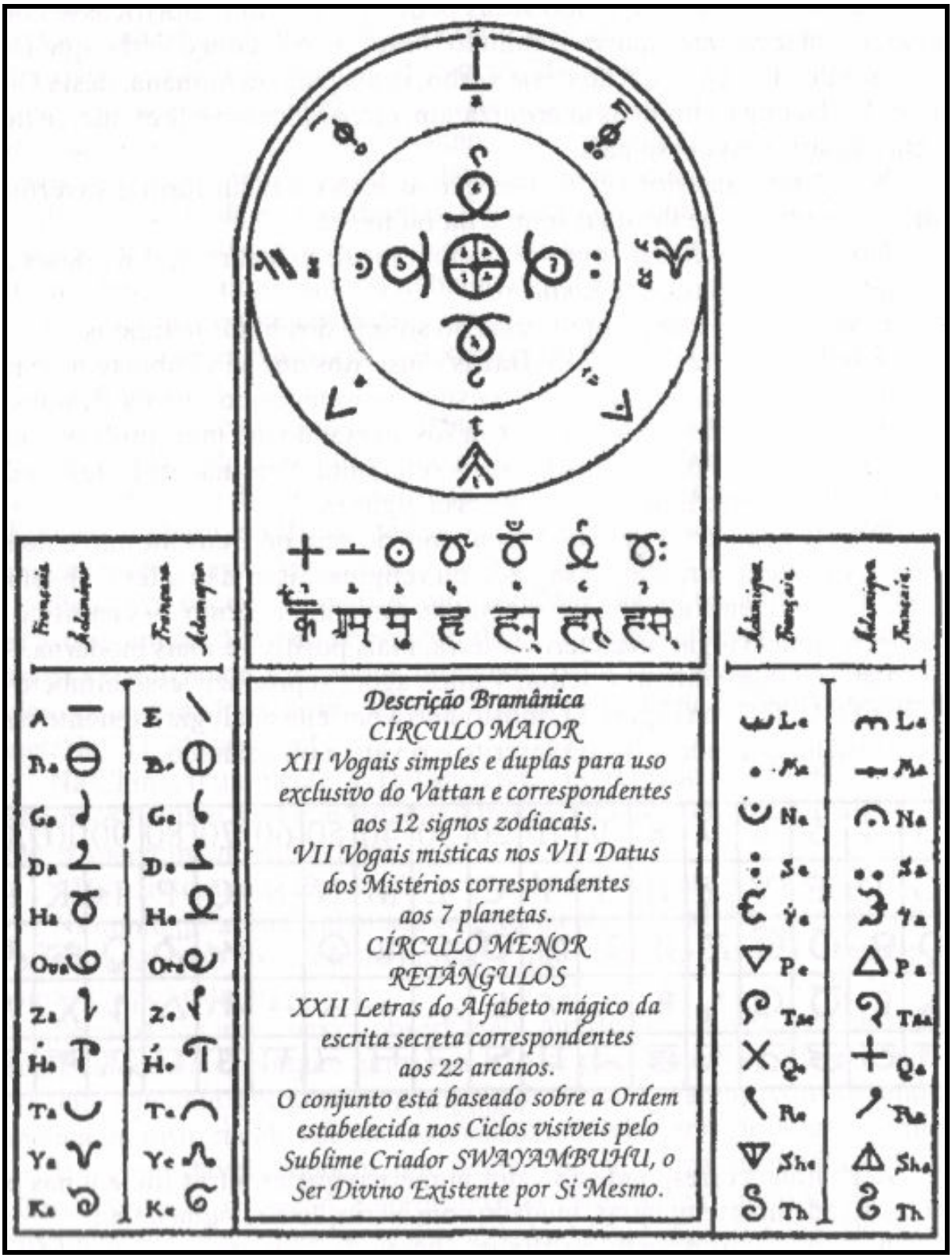

Descrição Bramânica
CÍRCULO MAIOR
XII Vogais simples e duplas para uso exclusivo do Vattan e correspondentes aos 12 signos zodiacais.
VII Vogais místicas nos VII Datus dos Mistérios correspondentes aos 7 planetas.
CÍRCULO MENOR
RETÂNGULOS
XXII Letras do Alfabeto mágico da escrita secreta correspondentes aos 22 arcanos.
O conjunto está baseado sobre a Ordem estabelecida nos Ciclos visíveis pelo Sublime Criador SWAYAMBUHU, o Ser Divino Existente por Si Mesmo.

Figura 10

Os Bramas chamam esse alfabeto — vattan — parecendo remontar à primeira raça humana, pois, por suas cinco formas rigorosamente geométricas, como veremos, ele se assina **Adam** — **Eva** — **Adamah**.

Moisés parece designá-lo no versículo 19 do capítulo II.

Esse alfabeto se escreve de baixo para cima, como veremos adiante, e suas letras se agrupam de modo a formar imagens morfológicas ou falantes.

É, pois, um alfabeto esquemático, de todas as línguas, pois esquema não significa somente "*signo da palavra*" mas, também, **Glória**. É a esta dupla significação que Paulo em Coríntios, capítulo II, versículos 6, 7 e 8, faz alusão; do mesmo modo quando Jesus pedia que o "*Pai o glorificasse com a glória que já teve antes que esse mundo fosse*", isto é, com o verbo que Deus criara, sendo ele a encarnação deste verbo, desta palavra humana, desta Ciência, do Verbo que os homens anarquizaram, embaralharam e presentemente se procura destruir no nosso país.

No quadro anterior verifica-se que as letras tomam formas invertidas, conforme a vogal que lhe dá o som: é **ba** ou **be** etc.

No círculo zodiacal superior encontram-se os neumas, e na descrição deste quadro a função deste Zodíaco.

Esses neumas eram empregados no solfejo dos hinos teúrgicos.

A frase, ou antes, a série de **Datus** sânscritos que se vê abaixo do círculo zodiacal das vogais, é seu hino mesmo, hino teúrgico que os Bramas do mais alto grau iniciático pronunciam, a sós, cantando, no mais profundo mistério, e na operação desses mistérios — que Saint-Yves não quis desvendar, embora não se visse ligado por promessa alguma.

Diz ele que, se foi guiado diretamente do seio de Deus mesmo e no seu Espírito, quanto à verificação sagrada ou religiosa, isso não altera, absolutamente, o valor científico dos fatos obtidos, tomando o termo — científico — na acepção mais vulgar, mais terra-a-terra, mais positiva e mais moderna.

Para melhor edificar o leitor, vamos agora reproduzir esse alfabeto do ARQUEÔMETRO na Figura 11, mostrando a perfeita analogia existente entre ele e os sinais astronômicos, o sânscrito e o vattan ou adâmico.

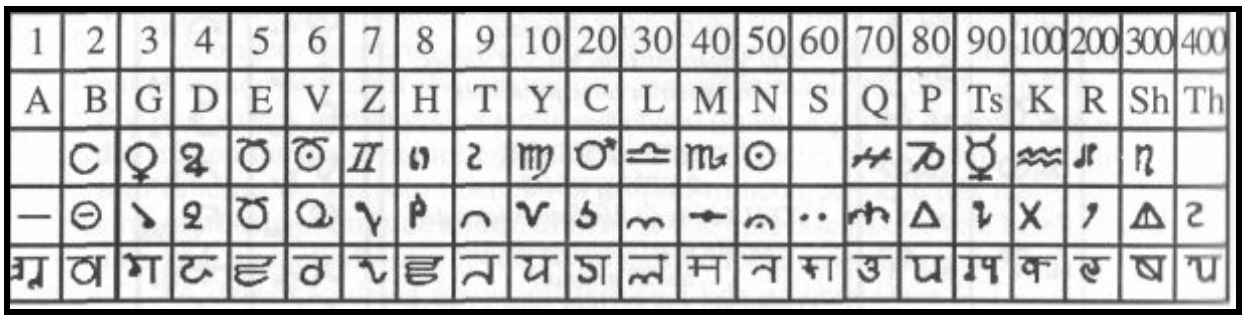


Figura 11

A 1ª linha corresponde ao valor numérico que as letras tinham nas primitivas Academias templárias, mudado com a criação da língua latina.

A 2ª linha corresponde ao alfabeto latino de 22 letras.

A 3ª linha corresponde aos sinais astronômicos.

A 4ª linha corresponde às letras vatânicas ou adâmicas.

A 5ª linha corresponde às letras sânscritas.

Queira o leitor prestar um minuto de atenção, descobrindo a analogia existente nesses sinais. Esta página merece ser meticulosamente estudada e não voltada de afogadilho. Esses rabiscos encerram poemas de alta ciência.

Notemos, desde já, que a primeira letra, a do meio, e a última dos alfabetos adâmicos e sânscritos (a 4ª e a 5ª linhas) não têm correspondência com os sinais astronômicos (3ª linha).

Essas letras são: A S Th, a respeito das quais já nos referimos e mais adiante tornaremos a falar.

Notemos, também, com certa aplicação, que as letras adâmicas e as sânscritas reproduzem, por curiosa analogia, os sinais astronômicos.

Ora, não podendo uma ciência existir sem uma academia que a professe, é claro que os sinais astronômicos foram moldados sobre o alfabeto que exista naquela época, pois o contrário seria absurdo, e esse alfabeto não pode ser outro senão o adâmico, porquanto sabemos que o sânscrito, tal como é conhecido hoje, é relativamente moderno, datando sua reforma de cerca de 400 anos a.C; ele é derivado de outros idiomas, quase semelhantes, porém, mais imperfeitos, à medida que se recua no tempo, como poderíamos mostrar com o largo confronto que possuímos em um trabalho inédito.

Os sinais astronômicos derivaram, portanto, do alfabeto adâmico, e, certamente, essa academia havia de ter existido em uma época que regula entre 80 ou 100 mil anos.

Que isso não cause espanto ao leitor, pois a velha Crônica de George Le Syncelle, as listas de Manethon, que era o historiógrafo daqueles tempos, os livros de Hermes, o de Jó, os tijolos da Babilônia, as inscrições petrográficas do México, do Peru, do Brasil, da Europa, da África, da Ásia, etc. confirmam, exuberantemente, essa Antigüidade, indo mesmo além.

Deodoro, Cícero, Oppert e muitos outros fazem remontar as observações astronômicas dos caldaicos, na Babilônia, a uma época de 473 mil anos, antes da expedição de Alexandre, provando, pelas suas inscrições, que eles já haviam determinado eclipses solares e lunares periódicos e os movimentos planetários 11.542 anos a.C.

Na China, igualmente, 2.150 anos a.C, no reinado de Chu King, alguns astrônomos haviam sido condenados à morte por terem errado, em alguns minutos, o aparecimento do eclipse.

Além disso, uma ciência não se cria de um dia para o outro.

Na contemplação da abóbada celeste, os primeiros Pastores notaram que certas estrelas eram fixas, outras móveis e que o Sol não passava sempre pelos mesmos grupos estelares.

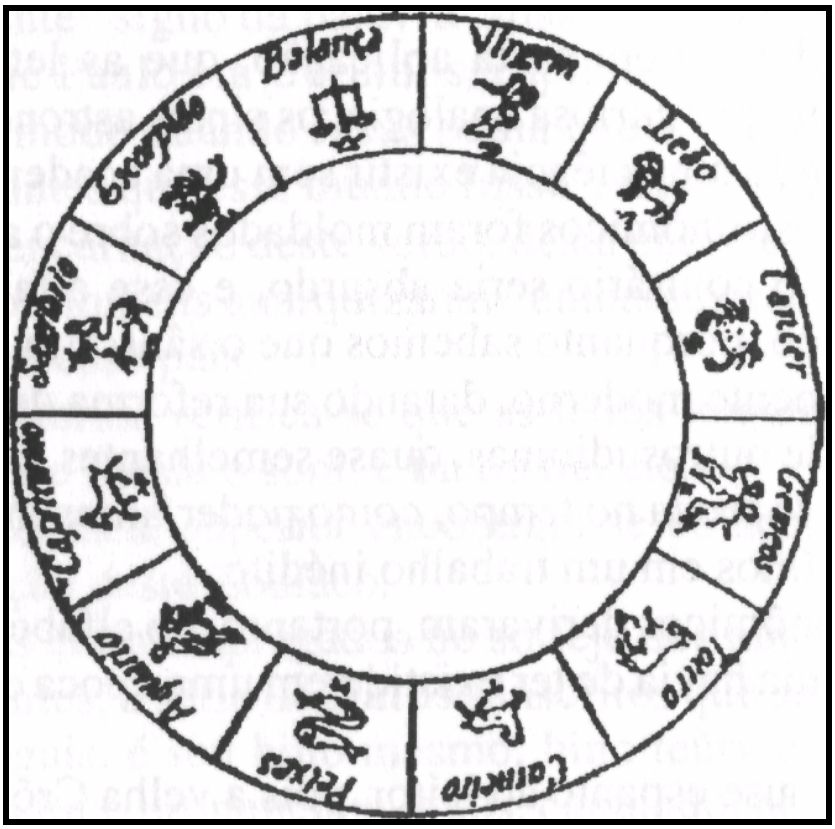
Séculos levaram nessa observação, auxiliados, talvez, por aparelhos desconhecidos hoje, porque, em suma, não se pode conceber que esse estudo fosse feito somente a olho nu ou por meio de tubos de bambu, considerando os complicados instrumentos de que dispõem os atuais observatórios astronômicos.

É incontestável, também, que deviam possuir uma matemática elevada ao último grau de perfeição, e aprofundados estudos de trigonometria, de que efetivamente se encontram as provas na grande Pirâmide de Gizé (Py Rama), símbolo Pontifical de Rama, de que falaremos mais adiante, e meticulosamente estudada por sábios modernos e, sobretudo, pelo astrônomo e padre católico Moreux, que confirmam plenamente aqueles conhecimentos.

Mas, para a observação do fenômeno da marca do Sol, tiveram os primeiros patriarcas que dividir o céu em 12 partes, dando, a cada grupo de estrelas fixas, um nome tomado na nomenclatura terrestre, que ainda perdura na Astronomia.

São eles: Carneiro, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Balança, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes, que constituem o que se chama: "*Constelações*" e formam o Zodíaco[290] (Figura 12).

[290] Zodíaco vem do sânscrito Keja-Devas ou Kaya-Devas - A estrada dos anjos.



Signos do Zodíaco
Figura 12

O México, cuja Antigüidade é ainda mais remota que a do Egito, já possuía o seu sistema Zodiacal, tal como os que foram encontrados no Egito, em Esneh e Denderah.

Os astecas conheciam a medicina, sobretudo, a astronomia. Nesse ramo de ciências, seu calendário era mais exato que o dos espanhóis, quando estes lhe assaltaram o território. O dos espanhóis estava atrasado em seu cômputo, mais ou menos dez dias, ao passo que no daqueles a diferença era, apenas, de pouco menos de uma hora.

William Prescott[291] diz que, no México, os dias da semana eram sete, assim denominados: Lebre, Serpente, Macaco, Cachorro, Onça, Camaleão e Águia.

[291] Histoire de la Conquète du Mexique — 1846.

Segundo o bispo Las Casas, o México contava o ano em 18 meses de 20 dias, o que dá o total de 360, correspondente aos graus da circunferência e mais cinco para os jogos públicos que correspondem também aos cinco epagômenos do Egito.

Os mongóis davam-lhe denominações diferentes, como nos foi legado pelos povos do Oriente. Assim: Camundongo, Boi, Leopardo, Lebre, Crocodilo, Cobra, Carneiro, Macaco, Galinha, Cachorro e Porco.

Os manchus (tártaros), japoneses e tibetanos substituíam o Leopardo pelo Tigre, o Crocodilo pelo Dragão e o Carneiro pela Cabra.

E não só dessa semelhança entre povos tão distantes, separados por dois enormes oceanos, e dos monumentos, que incessantemente vão aparecendo no Egito, no México, no Peru, na Bolívia e nas ilhas da Oceania, que tem surgido a interrogação a respeito da primazia de Antigüidade dos povos do Ocidente ou do Oriente.

A história, na sua mudez monolítica e nas folhas dos seus livros petrográficos, vem provando a existência pré-histórica da Universalidade de uma Academia, representada no termo hoje conhecido por Adam (Adão).

Por isso o mundo científico tende a considerar o Ocidente americano como o primitivo berço da civilização humana, o que não quer dizer que o berço da humanidade tenha sido o Ocidente. O homem, segundo Saint-Yves, não nasceu simultaneamente em todos os continentes; seu aparecimento na Terra fazia-se de acordo com as condições de vitalidade de cada continente; o vermelho, na Atlântida ou na América; o negro, na África; o amarelo, na Ásia; e o branco, na Europa, como último produto da natureza, pois até seu próprio continente foi um dos últimos a emergir das águas.

Os primitivos sábios, portanto, observaram que o Sol levava 2.160 anos a passar de um signo zodiacal ao outro e, naturalmente, o leitor, também, já terá observado que, em 2.160 anos havia de ter passado muitas gerações de sábios.

Pedimos para chamar a atenção do leitor estudioso para este curioso numero 2.160, tão repetido, como dias, pelos profetas e pelos apóstolos.

Os 2.160 anos iam se sucedendo, e ao cabo de 26 mil anos notaram aqueles sábios que o Sol tinha percorrido os 12 signos e voltado ao seu ponto de partida.

Esses 26 mil anos constituíram, portanto, o primeiro Ciclo de Observação (2.160 x 12 e fração).

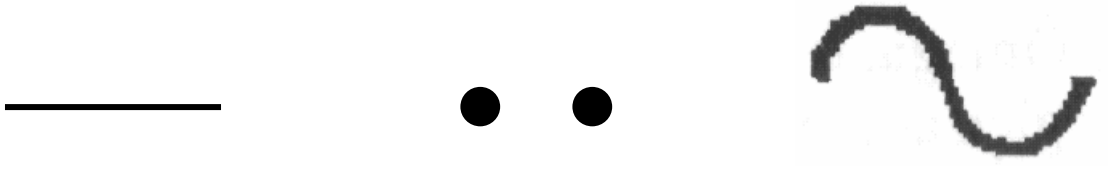
Seguiram-se outros 26 mil anos, que serviam para a verificação do fenômeno, e mais outros 26 mil anos que, finalmente, permitiram o estabelecimento da Lei da Precessão dos Equinócios.

Ora, a menos que toda esta ciência tenha caído do céu como por encanto, com livros impressos e um arsenal de aparelhos, ou mesmo sido revelada e ensinada com todas as minúcias aos primitivos homens, temos forçosamente de conceder um período nada inferior a 78 mil anos, para comprovar a existência de academias, quiçá, melhormente instrumentadas que as de hoje.

Os sinais astronômicos, portanto, são cópias, por analogia, do alfabeto usado por essas academias, o qual ainda existe no Tibete e especialmente no Agartha[292], pelo qual Saint-Yves reconstituiu a língua adâmica, cuja hermenêutica se encontra no Arqueômetro.

Os signos adâmicos eram morfológicos, isto é, falantes por si mesmos, e vamos dar um pequeno exemplo:

[292] Ossendowisky – refere-se a este alfabeto que ele sabe existir no Agartha.

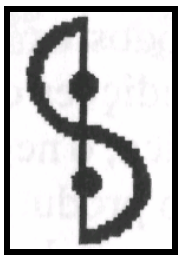


A **S** **Th**

É a primeira, a do meio e a última do alfabeto adâmico, e ainda são as do hebraico, as quais, como vimos há pouco na Figura 11, são as únicas que não têm correspondência com os sinais astronômicos.

É o diâmetro, os pontos centrais de dois hemisférios e a circunferência desdobrada nesses dois hemisférios.

É o sinal que Moisés, por ordem de Jeová, levantou no deserto, significando que ele possuía a ciência dos patriarcas[293], e que os tradutores e interpretadores transformaram em uma **Serpente de bronze**, que, afinal, nada exprime e nunca mais foi levantado. Ei-lo:



É o Aleph hebraico:  (A) do alfabeto que Moisés organizou pelo aramaico, alfabeto sírio, com o qual ele compôs a Gênese.

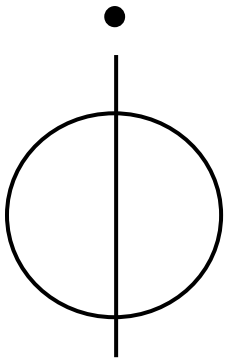
É o caduceu imaginado por Orfeu, condiscípulo de Moisés, e cuja manifestação na Grécia foi artisticamente feita por uma mitologia, em que ele procurou materializar as ciências divinas, dando-lhes formas humanas e materiais, para melhor impressionar o espírito público, o que, com efeito, produziu o resultado

[293] Êxodo IV, 3.

que esperava e que toda a História da Grécia nos relata. Daí ter sido esta nação o berço da Arte e do Belo.

Era o símbolo de Esculápio, o Pai da medicina.

É o AUM védico, do qual partiram os sinais alfabéticos das primitivas línguas zende, pehlvi etc. É a palavra mística, impronunciável, com a qual os bramas se exteriorizam nos mistérios do **instase**.



E como se vê o A (—), o U (o), o M (▪), do alfabeto adâmico do qual Moisés tirou sua Serpente de Bronze.

E, mesmo, por analogia, a ave-maria, da liturgia católica, que entrelaça estas letras



No evangelho, lê-se em siríaco: "*Eu sou o Aleph e o Thau*", que se traduziu em grego por Alfa e Omega, o primeiro e o último dos sinais adâmicos.

Na escrita morfológica adâmica, o traço indica o raio ou o diâmetro e é a letra A; os dois pontos indicam uma circunferência desdobrada em dois meios-círculos invertidos S.

Essas três letras adâmicas ASTh, essas duas letras assírias Ath, significam, pois, a tríplice potência divina constitutiva do Universo: o círculo significa o Infinito; o centro, o Absoluto; o raio ou o diâmetro, sua manifestação, sua relação.

Essas três letras são as que Jesus pronunciou quando disse: "*Eu sou o primeiro e o último — eu sou o Verbo (a palavra, o alfabeto); eu sou o A Th (em sânscrito), o espírito constitutivo, a alma, a razão viva*".

Eu sou o A Ma Th, que encerra por metátese:

A Th — a alma das almas.

A Th Ma — a Existência infinita da essência absoluta.

Tha Ma — o Milagre da Vida, sua manifestação na essência universal.

Ma Th A — a Razão Suprema de todas as Razões. A Eudoxia de todas as doutrinas.

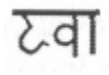
Ora, tudo isso é mais transcendente e mais científico do que as ingenuidades interpretativas dos evangelhos, feitas por certas doutrinas, em que é digno de admiração o fantástico esforço mental para materializar o que é espiritual e espiritualizar o que é material. É um verdadeiro jogo de malabarismo de palavras. São outras tantas charadas para explicar logogrifos.

Pelo **Arqueômetro** não há interpretações; lê-se o verdadeiro sentido da palavra na sua pureza originária, organizada pela **Ciência do Verbo** que encerra em si toda a matemática divina.

Vejamos agora a matemática desse curioso alfabeto para provar, mais uma vez, sua essência puramente morfológica e divina, pois cada letra adâmica, além da sua morfologia própria, ocupa no **Arqueômetro** o ponto que lhe cabe, não só com relação à sua correspondência literal no terreno da química, da física, da sonometria, como já vimos, mas também em seus números de vibrações: os

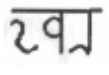
números, qualitativamente, pronunciam o ***Criterium* divino** da Constituição de IEVE (Jeovah, Deus). Assim:

As três letras básicas:	A	S	Th	
Têm por número:	1	60	400	= 461

Que, em sânscrito 

Significa: **DEVA - Divindade**

As 7 evolutivas ou planetárias ou vogais:	B	G	D	C	N	Ts	Sh	
Têm por número	2	3	4	20	50	90	300	= 469

Que, em sânscrito 

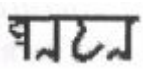
Significa: **DEVATA - Deidade**

As 12 involutivas ou constelações:	E	V	Z	H	T	Y	L	M	W	P	K	R	
Têm por número	5	6	7	8	9	10	30	40	70	80	100	300	= 565

Que, em sânscrito 

Significa: **EVE – Vida Absoluta**

Somando-se da: 1.495

Que em sânscrito 

Significa: **Indivisível Vida**

1 + 4 + 9 + 5 = 19 = 10 = I – (Iod) letra de Isho – Jesus

Sentado à direita do Pai EVE-I

Em vattan  Eu, a Vida Absuluta.

Em hebraico יהוה Eu sou a Vida Absoluta

O leitor que nutrir desejo de enfronhar-se nessa antiga Ciência do Verbo deverá igualmente deter, por momentos, sua atenção para esse quadro. Com facilidade verá, então, que as palavras não eram compostas a esmo, como se procede hoje, encerrando, portanto, a chave de muitos mistérios.

As três letras constitutivas A S Th correspondem no Arqueômetro, **matematicamente**, às três notas básicas da música **Sol, Si, Fá**; às três cores do espectro **solar azul, amarelo, encarnado**; que se relacionam com os hieróglifos **Sem-Cham-Japhet**; e, se pudéssemos ir mais longe, mostraríamos a correspondência do calor, do frio, do morno, do positivo, do negativo e de toda a trilogia em que se baseia a razão de ser de qualquer Universo.

Zoroastro já dizia que o algarismo três reina no Universo, sendo a Unidade seu Princípio, que é Deus.

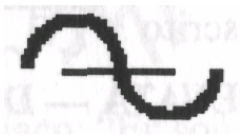
Nas mesmas condições se acham as letras involutivas, ou seja, as 12 consoantes, ou 12 constelações, e as sete evolutivas, ou seja, as sete vogais, ou sete planetas, as sete notas musicais e as sete cores.

Pitágoras, sábio grego, depositário de várias tradições do Oriente, já ensinava que "*os sete modos sagrados emanados das sete notas correspondem às sete cores da luz, aos sete planetas e aos sete modos da existência, reproduzida em todas as esferas da vida material e espiritual. O número contém o segredo das coisas*".

"Ora, diz Saint-Yves, todas as revelações que precedem são autológicas pelos números, bem como pelas letras; não são, pois, palavras de homem, mas Palavra do Verbo, diretamente por meio dos fatos experimentais."

É mais: é a Lei de π (Pi) 3,1416, isto é, da relação do raio para com a circunferência, achada, não pelos nossos modernos matemáticos, mas pelos primitivos patriarcas e consignada na própria Pirâmide do Egito (Pa-Ram).

Ei-la:



22 + 7 = 3,1428; mas suprimindo as três básicas, fica: 0,1428 x 22 = 3,1416.

22 representa as 22 letras do alfabeto templário.

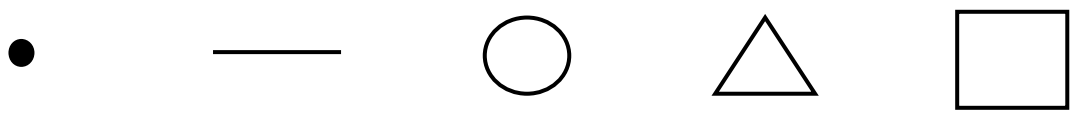
7 representa as forças fenomênicas.

3 representa a base de toda trilogia.

Até nisso há curiosa relação com a ciência do Verbo.

E... coisa mais assombrosa:

O alfabeto adâmico é baseado nas únicas cinco formas fundamentais da geometria (outrora chamada morfologia porque as formas falam): o ponto, a linha, a circunferência, o triângulo e o quadrado,

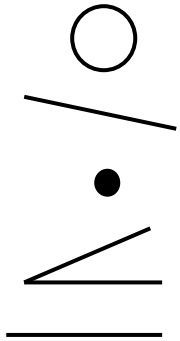


cujas formas, por si mesmas, pronunciam, exatamente, em adâmico ou vatânico

A D A M	**E V A**	**A D A M A**
(Adão)	(Eva)	(Lei, Regra)

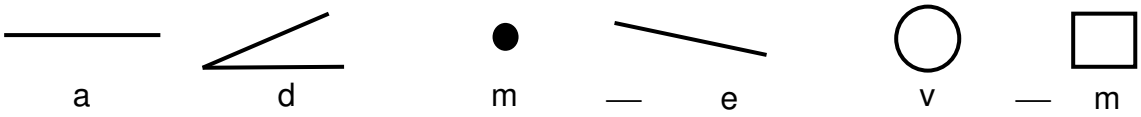
e assim se arrumam, segundo o modo pelo qual era escrita a língua:

v
e
m
d
a



Adam – Eva – Ma (Lei)

Ou seja, em linha horizontal



Só isso bastaria para destruir a interpretação bíblica do primeiro casal, como tronco do gênero humano, se não fosse por demais infantil a história ali contada, sem, contudo, fazer referência à sua cor ou raça.

Trata-se, como se vê, da Lei, da base, de uma Academia cuja Universidade é representada pelo termo Adão, sendo Eva a Natureza, a Terra, a mãe dos homens.

Não há, portanto, interpretações metafísicas, mas simplesmente verificação de uma ciência que, é certo, antes do **Arqueômetro**, vivia ainda em mistério.

O alfabeto chinês, ou antes, a base de seus sinais, assenta nos mesmos sinais geométricos, com mais a perpendicular armada de gancho:



A Academia adâmica escrevia de baixo para cima significando homenagem à direção de onde partiu a Ciência, do alto do Céu[294].

O chinês escreve inversamente de cima para baixo, voltando-se para o Sul, significando homenagem à Índia de quem recebeu, por Fo-hi, seus modernos sinais.

O Oriente escreve da direita para a esquerda homenageando o Ocidente de onde lhe veio a Luz.

O Ocidente escreve da esquerda para a direita como homenagem à Raça Vermelha, berço, quiçá, das Ciências e da Proto-síntese.

Na Grécia e na Rússia, países constituídos de vários povos orientais, e não autóctones, como se pensa, houve um tempo em que, não sabendo como homenagear a direção, escreviam uma linha da direita para a esquerda e a mesma frase da esquerda para a direita, por isso muitas de suas letras eram invertidas como se verifica ainda no alfabeto russo e no importante trabalho de Des Hautesrayes[295] publicado sob os auspícios de Luiz XIV, até que, com o tempo, este uso foi desaparecendo.

Os impropriamente chamados Semíticos do Sul, Yaqtamide, Talmudita (Safa) (1º século a.C), tinham, quase, os mesmo caracteres da Grécia e da Etrúria e

[294] Fabre d'Olivet— Histoire P. du Genre Humain —p. 191, Tom. 1.
[295] Caracteres alphabètes des langues mortes — 1653 — possuímos este trabalho encadernado com outras obras raríssimas por Elipha Levy, ex-abbé Constant, Monterayes.

são deles, positivamente, os que se encontram gravados nos rochedos do norte do Brasil[296].

O alfabeto grego é constituído de sinais indianos, persas, etiópicos, alguns dos quais eram usados nas academias templárias. Sua língua é originária das línguas orientais; não sendo, pois, uma língua indígena. Por isso, não deixa de ser curioso ler nos dicionários referências à etimologia das nossas palavras como sendo gregas, quando, de fato, essa etimologia penetra no zende, no pelhvi e outros idiomas da Índia, do Egito, da Etiópia etc.

Ora, ante tais provas matemáticas e filológicas de que aqui só apresentamos um pálido esboço, será possível atribuir-se qualquer intervenção humana, a não ser unicamente a da sua constatação, na composição do estupendo instrumento revelador da Revelação a que Saint-Yves denominou **Arqueômetro**?

Tão pouco é impossível lhe atribuir, a não ser por má-fé, qualquer qualidade ou função oculta, por ser ele o próprio a revelar o que até agora se achava ocultado sob vários símbolos, usados por diferentes doutrinas que lhe esqueceram os significados.

Seria, pois, irreflexão tachar-se, também, de ocultista, herege ou anticristão aos que, aprofundando-se nesses estudos, descobrem pela própria ciência, pelo próprio Verbo, pelas próprias escrituras, a verdadeira personalidade de Jesus e, com mais convicção, mais fé e mais ciência, tem a consciência íntima de que Jesus é, de fato, a encarnação do Logos, do Verbo Divino, da Palavra Criadora, o Primogênito e o Unigênito, isto é, a primeira coisa engendrada, a primeira concepção de Deus, o Baereschit[297], de Moisés, isto é, a Palavra hexagonal, ou o

[296] Fartas provas se encontram em um nosso sentenciado trabalho intitulado Origem da Grafia.
[297] Boera (palavra), Schit (seis), Be-Resh-I Th (princípio, radical e não começo).

hexágono da palavra, ou seja, ainda os seis dias da criação, o Princípio de João[298], o Senhor de Paulo, de Swedenborg e dos profetas, o Messias prometido e anunciado por estes, o Redentor da Humanidade e o Cristo em Jesus-Homem, segundo São Paulo, mas não o filho de um deus antropomorfo de barbas brancas.

"*E o verbo se fez carne*", diz João.

Descobrem-se mais, que a doutrina que ele pregou foi a de Moisés, amalgamada, sobretudo, com a Budista. Verifica-se que Moisés era o depositário da tradição de Abraão, o qual era filiado à Ordem de Rama, da qual também fazia parte Melquisedeque, personagens estes venerados por Jesus a ponto de os fazer aparecer no monte perante seus apóstolos que propuseram construir três templos[299].

Paulo repete que Jesus é o Pontífice eterno segundo a Ordem de Melquisedeque. Ou esta frase tem valor teologal na boca de Paulo ou então suprimam-se todas as suas epístolas.

A vista do que ficou dito, em tão mirradas linhas, é fácil compreender a pequenez do campo intelectual de meia dúzia de literatos portugueses que, em vez de se entregarem a tais estudos, entenderam atirar toda nossa literatura a uma fornalha, a fim de forçar o Brasil a dar saída às suas obras, impressas por aquele sistema, e recusando receber e exibir nas montras dos seus livreiros trabalhos brasileiros!

Há mais, ainda, e esta anarquia é exatamente um dos frutos da época em que atravessamos: não contentes em apagar a tradição do **verbo**, os pretensiosos gênios procuram ainda reformar a tradicional grafia dando formas esquisitas às letras, às vezes, de difícil leitura à primeira vista.

---

[298] A radical, a essência, o ponto de partida de uma série ontológica de fatos e não o começo, a origem, o que é muito diferente, porque o Princípio que é Deus não teve origem.
[299] Mateus XVII, 3,4 e outros.

Ora, se os alunos na aprendizagem dos alfabetos tradicionais já custam a retê-los na memória, o que não será doravante?

Mas tudo isso é o fruto da nossa época: anarquia mental, governamental e social!

Pirâmide e Esfinge

Como é nosso intuito esclarecer a algum leitor menos afeito a esses estudos arqueológicos, faremos agora uma resumida descrição dos dois colossais monumentos que têm por nome "*Pirâmide do Egito*" e "*Esfinge*", que se vêem na vista panorâmica, Figura 13, os quais, impávidos, afrontam as inclemências do tempo há cerca de oito mil anos.

Por essa descrição, o leitor se convencerá do alto grau intelectual e moral que tinham atingido aqueles povos. Verá que aqueles monumentos não representam as bobagens que, interessadamente, nos descreveram as enciclopédias; pois a perseguição sofrida pelo Egito, com várias invasões de povos orientais, dos seus faraós e dos irshuitas, e, conseqüentemente, a destruição dos seus templos dóricos, dos seus sacerdotes râmicos, dos seus Melquisedeques, que eram substituídos por outros do ionismo, como se verifica pela superposição das construções e raspações de inscrições, isso durante alguns séculos, fez com que a tradição se fosse apagando da memória dos descendentes, os quais passaram a considerar esses monumentos como túmulos de faraós, que os teriam mandado construir para sua residência final.

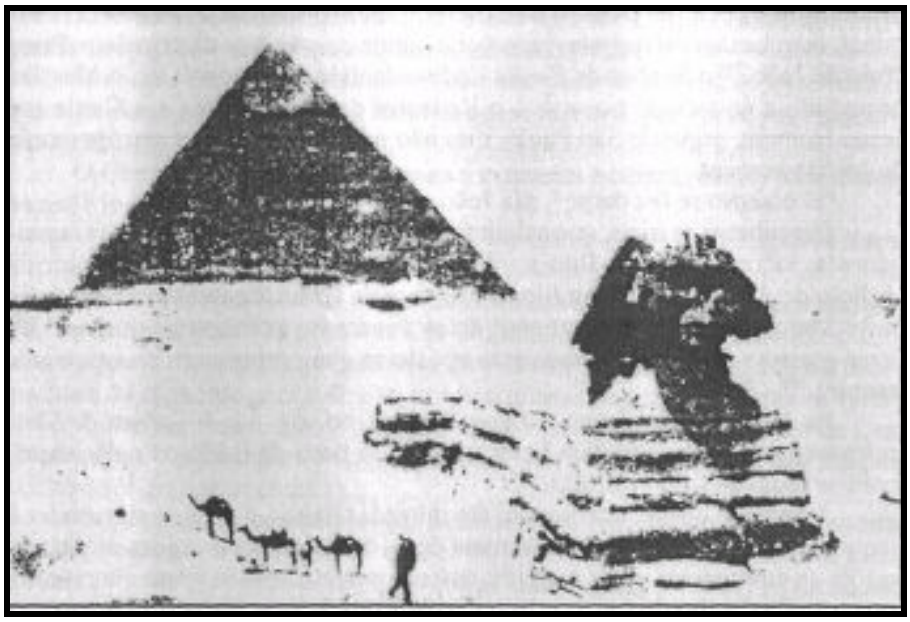


Figura 13

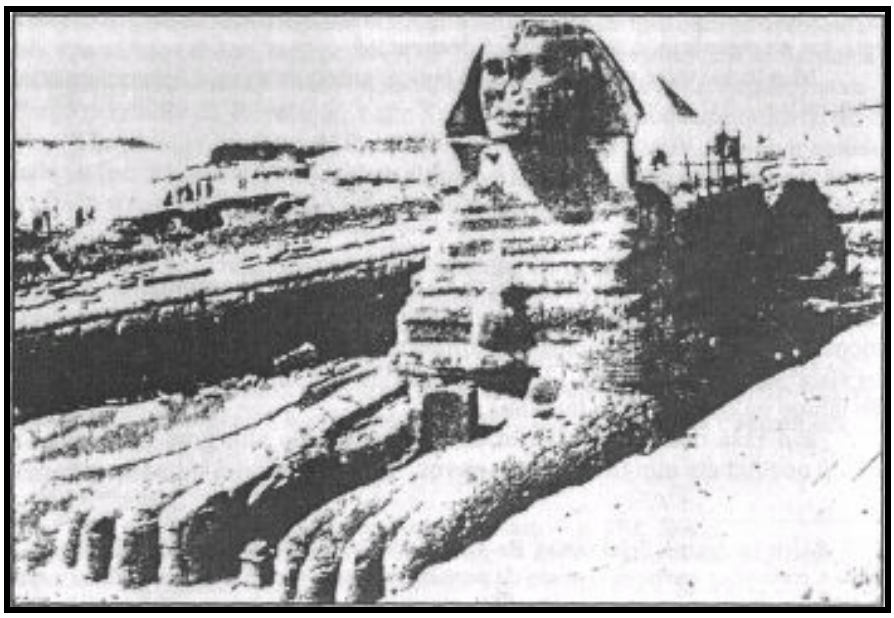


Figura 14

A lenda se perpetuou, se avolumou e o Catolicismo já teria mesmo destruído esses formidáveis livros da História da Humanidade, se não fosse o zelo dos ingleses. Por onde um frade ou um padre católico passasse e visse uma esteia, um papiro, um tijolo gravado, tudo era destruído ou queimado, pois, segundo diziam, uma vez que não entendiam aqueles rabiscos, é porque era obra do diabo, e no local erguiam logo uma cruz de Cristo.

Nabonassar, rei da Babilônia, no ano 747 a.C, já usara esse sistema. Ordenou que se apagassem todas as inscrições, que se quebrassem todas as estelas de bronze, que se queimassem todas as bibliotecas, que se destruísse, por todos os meios e modos, tudo quanto se referisse à época anterior ao seu reinado.

Na China foi Tsin-Tche-Loang quem ultrapassou, em ferocidade a Nabonassar.

Em 213 a.C. Chi-Hoang-Ti fez queimar todas as bibliotecas de 25 séculos.

Omar, fanático discípulo de Maomé, fez queimar a Biblioteca de Alexandria, incomparável tesouro das tradições da humanidade.

Papas cristãos, intolerantes, destruíram monumentos antigos e tudo quanto se pudesse referir às primitivas religiões, chegando mesmo à ousadia de transformarem os templos pagãos em templos cristãos, aproveitando as próprias imagens da Virgem Ísis, transformando-as em Virgem Maria.

Os arquivos do México e os do Peru desapareceram para satisfazer o zelo fanático do bispo espanhol Las Casas.

Foi assim que o orgulho e a ignorância de pontífices e do povo, juntamente com o fanatismo da massa clerical, privaram a humanidade de conhecer sua própria história originária, que, aliás, malgrado o Catolicismo, vai sendo refeito aos poucos, como Cuvier refez a fauna pré-histórica e para confirmar as palavras de Jesus: "*as pedras falarão a bem da verdade*". Há poucos séculos que a ciência só tem se dedicado em estudar esses monumentos, e, dentre esses sábios, já citamos o eminente astrônomo e padre Sr. Moreux, diretor do Observatório de Bourges, figura, portanto, insuspeita e a cuja palavra tem de se curvar, quer queira quer não, qualquer pé-rapado tonsurado, com ares de sabichão.

Tratemos primeiro da Pirâmide da Figura 13.

Este nome, já por si: **Pá-Rama**, diz bem claro, nas línguas orientais, que era o gnomo de Rama, isto é, o marco em que se encerraria todo o Princípio da Ciência dórica daquela época: Astronomia, Geodésica, Geometria, Trigonometria. Matemática, Química, Física e a própria Ciência do Verbo, de que acabamos de falar.

É o que vamos ver.

Cada lado da base mede 232,805 m e este número tem sua indicação como veremos mais adiante.

Sua altura é de 148,208 m e corresponde à distância da Terra ao Sol, uma vez acrescidos os zeros, de acordo com o sistema templário, isto é, 148.000.000 de quilômetros.

As diagonais da base encerram, exatamente, o Delta do Nilo (Figura 15) e constituem o mais perfeito meridiano, por abranger a maior soma de continentes, como se vê na Figura 16, extraída da obra *La Science Mystérieuse des Pharaons*, do citado padre Moreux.

Essas diagonais, como se vê, estão geograficamente orientadas para os quatro pontos cardeais da Terra.

Olhando-se pela galeria subterrânea representada no corte da Figura 17, vê-se constantemente, no firmamento, a estrela polar que, embora não sendo sempre a mesma, nunca perde aquela posição, indicando, assim, ao homem o eixo da Terra e sua inclinação na órbita.

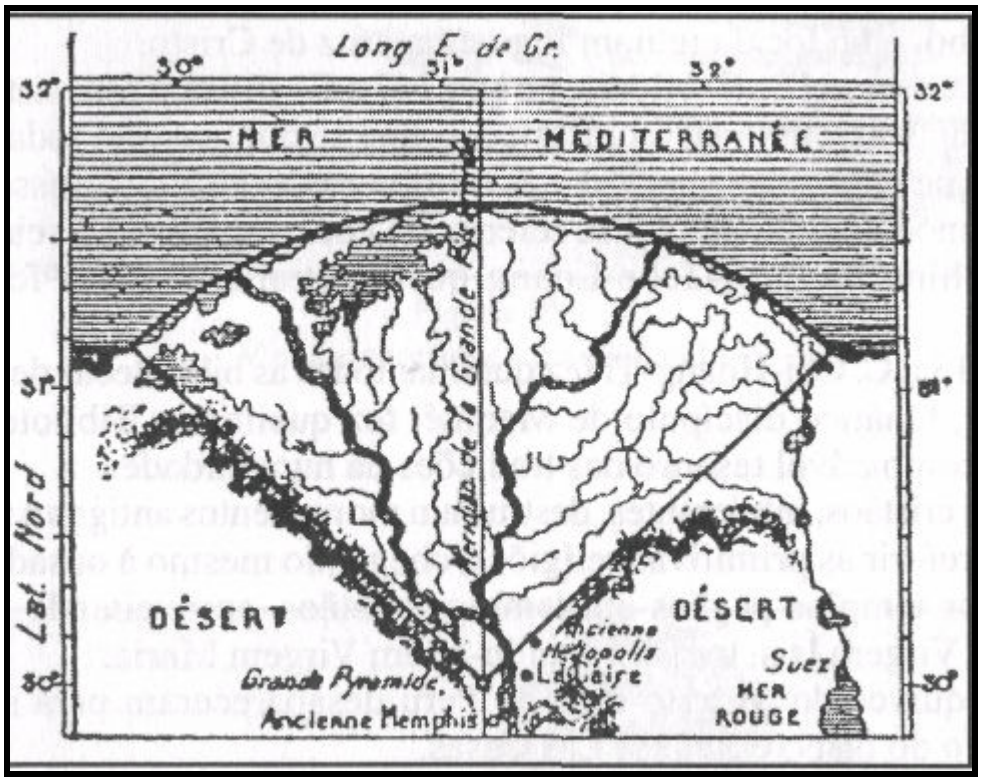


Figura 15

Essa particularidade astronômica já era conhecida na China há mais de seis mil anos, pois Jó, em seu livro, também a ela se refere.

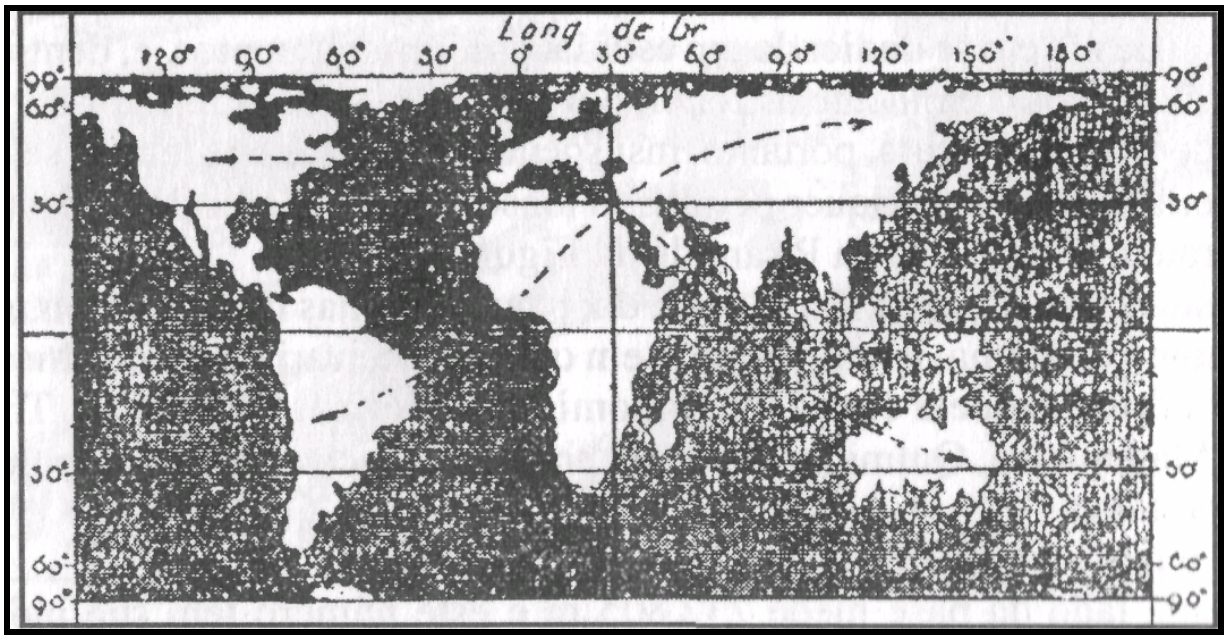


Figura 16

Igualmente no México e no Peru foram achados os instrumentos de pedra com os quais seus sábios acompanhavam o movimento sideral.

O comprimento da chamada Câmara do Rei, medida em polegadas piramidais e multiplicado por 3,1416, número também achado por aqueles sábios, dá, exatamente, a divisão do ano solar: 365d.242.

Multiplicando-se o peso da pirâmide por 2,06, que é o número da densidade da sua pedra, teremos o peso da Terra.

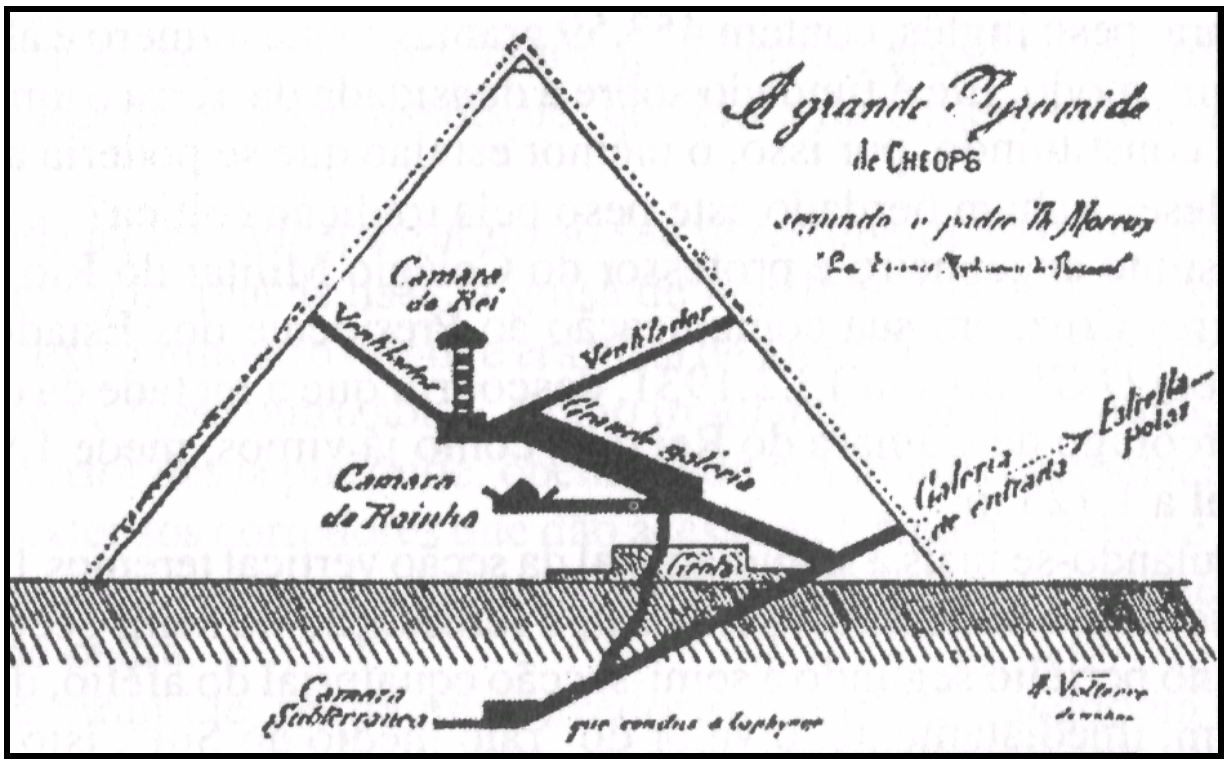


Figura 17

Na chamada **Câmara do Rei** há uma cuba de pedra, que as enciclopédias indicam como sendo o túmulo destinado ao sepultamento do faraó, cuja massa retangular é de 1,97 m x 0,68 x 0,85. Sendo seu volume interno de 69 mil polegadas piramidais, e, multiplicando-se 50 polegadas, ou seja, 1/10 do eixo interno do globo por 5,52, que é a densidade média da Terra, teremos que o volume interno desse cofre era uma medida de capacidade premeditada.

Multiplicando-se a polegada piramidal por 100 bilhões, obteremos o curso da Terra sobre sua órbita, em um dia de 24 horas.

A pirâmide tem quatro lados em sua base (2 x 2), quatro arestas na massa, cinco faces e cinco ângulos. Os números 2 e 5 são característicos do sistema decimal que é o sistema numérico da mesma.

A relação do raio para com a circunferência acima referida (3,1416) parece ter sido achada com os algarismos supracitados. Assim:

$$4 \times 232{,}805 = \frac{931{,}22}{2 \times 148{,}208} = 3{,}1416$$

Mas, coisa mais curiosa, descoberta por Saint-Yves, este número tem, igualmente, relação com a Ciência do Verbo, como já vimos acima, pois 22 -r 7 = 3,1428; mas 22 x 1428 = 3,1416.

A polegada piramidal medindo 25,4264 milímetros, teremos 25,4264 x 25 = 0,635660 m que é, exatamente, o comprimento do côvado sagrado que serviu aqueles arquitetos.

Multiplicando-se este número por 10 milhões, teremos 635.660 m que ó, exatamente, o comprimento do raio polar ao centro da Terra, sendo que, desse modo, o côvado de 635 milímetros atual já constituía o estalão métrico, que os nossos modernos cientistas Mechain e Delambre foram buscar no meridiano equatorial, após penosos trabalhos e que, por essa medição, é, igualmente, ali encontrado.

O número de polegadas piramidais contidas nas duas diagonais da base dá 25.800 e fração, ou seja, 26 mil. Este número, como já vimos, corresponde, igualmente, à precessão dos equinócios, isto é, a volta do pólo celeste ao mesmo ponto de partida.

A libra, peso inglês, contém 453,59 gramas e este número é ali encontrado do mesmo modo. Ele é fundado sobre a densidade da Terra e uma fração do eixo polar, constituindo, por isso, o melhor estalão que se poderia adotar. Será que os ingleses tinham herdado este peso pela tradição céltica?

O distinto engenheiro e professor do Colégio Militar do Rio de Janeiro, Milton Torres Cruz, em sua comunicação ao Presidente dos Estados Unidos, publicada em *O Globo*, em 13.2.1931, descobriu que a metade da diagonal do suposto sarcófago da Câmara do Rei que, como já vimos, mede 1,97 x 0,85 x 0,68 é igual a 1,125 m.

Calculando-se mais a semidiagonal da seção vertical teremos 107,277 cm.

Desse modo obteremos, primeiro, a retificação da semi-secção equatorial do Sol no periélio segundo a semi-secção equatorial do afélio, determinando-se, assim, imediatamente, o valor do "*raio médio do Sol*", isto é, 695.670 quilômetros.

Determinando-se o ângulo produzido pela semidiagonal da seção vertical, o cálculo dá 23°20'20"8 que é exatamente a inclinação da órbita da Terra na época da construção dessa pirâmide.

O que, porém, vai causar profunda admiração é dizer-se que tal pirâmide foi construída de **cima para baixo**, o que, na linguagem simbólica daqueles sábios, significava que todas essas ciências vieram de cima e foram dadas por Deus.

De fato, assim foi, conforme vamos demonstrá-lo, baseado nos estudos feitos por Jacques Hervé[300].

Na vasta planície do Nilo surgiam de terra vários blocos de rochedos. Um deles, o menor, foi escolhido para a ereção dessa pirâmide, preliminarmente

[300] L'Égypte — 1883.

submetida a longos e minuciosos estudos, pois ela teria de constituir a síntese das ciências.

Estabelecido definitivamente o plano e os detalhes, começaram os obreiros atacando o cume do bloco, na sua maior culminância, cavando ali uma redução do monumento, obedecendo provavelmente a uma escala, baseada, quiçá, no côvado anteriormente referido, pois as linhas dessa **pedra de ângulo**, dessa pedra angular, a que se referiu Jesus, seguiam em linha reta a medida que o edifício subia.

Esculpida, assim, essa primeira pedra, foram eles descendo, cavando largos degraus até o solo. É sobre esses degraus, partindo sempre de cima para baixo, que eram colocados os novos blocos de pedra, munidos, porém, macho e fêmea, de uma polegada em suas partes inferior e superior, o que dispensava argamassa. É essa a razão da inamovibilidade de qualquer bloco. O trabalho de esquadria e de justaposição era tão perfeito pela sua planitude, que ainda hoje não se pode introduzir uma lâmina de canivete nas frestas.

Antes de terminada definitivamente a pirâmide, ela tinha necessariamente a forma truncada; mister se fazia, portanto, completá-la, dando-lhe a forma aguda. Para isso esculpiram a última **pedra angular**, do mesmo tamanho que a que serviu de base e a colocaram como tampa. É essa a pedra acerca da qual disse Jesus que os **homens haviam rejeitado**, pois de outro modo não há sentido nessa frase, tanto mais que, como já sabemos, era ele o Pontífice eterno, segundo a Ordem de Melquisedeque, que era a da Ordem de Rama, por Ab-Ram.

Erguida a pirâmide, passaram ao seu revestimento externo, de cima para baixo, por meio de placas lisas, à guisa de ladrilhos, razão por que brilhava a mesma

com extraordinário fulgor e era vista de muito longe, refletindo a imagem do Sol, como se fosse outro sol. É o olho irradiante do triângulo maçônico.

No interior dessa pirâmide, obedecendo aos planos estabelecidos, foram reservados extensos corredores que dão acesso às Câmaras do Rei e da Rainha. Engenhosos são os sistemas que permitem a entrada da luz e do ar nessa imensa montanha de pedra.

Dessa pirâmide, partia um corredor subterrâneo cavado na pedra, que se comunica com a esfinge, que lhe fica pouco distante, conforme se vê na Figura 17.

Ora, tudo isso não pode ser produto de mera coincidência, e, se coincidência houvesse em cada um desses cálculos, teríamos de reconhecer que essa coincidência é terrivelmente inteligente.

Não é, pois, como as enciclopédias ensinam à mocidade: **Túmulo de faraós**, deixando transparecer, não a ignorância, mas o interesse do programa católico em esconder esses estudos aos seus fiéis, porque é o desmascaramento do embuste.

Vejamos agora a Esfinge na Figura 14.

A cento e poucos metros dali, sejam mesmo 144 como querem alguns, surgia outro bloco de pedra maior, cujo aspecto se assemelhava à pedreira de São Diogo, junto à nossa estrada de ferro, medindo mais de 20 metros de altura e mais de 30 de comprimento.

Foi nessa montanha de pedra que os milhares de operários escultores levaram séculos a cavar a fantástica figura que denominamos de Esfinge, da qual falam os profetas Ezequiel, Daniel e João em seu Apocalipse.

Fizeram-na com cabeça de homem, patas de leão, corpo de touro e asas de águia.

Basta um pouco de concentração para medir o arrojo da empresa em desbastar uma pedreira a buril, para reduzi-la a uma imagem, e a soma de conhecimentos técnicos a par do grau de perfeição artística a que tinham atingido os operários que se sucediam de gerações a gerações, operando sobre andaimes de 20 metros de altura, sem o necessário recuo para apreciação do efeito, obedecendo unicamente a um rigoroso traçado.

Pela boca que mede 2 metros e 33 centímetros de largura se pode tirar uma conclusão do resto.

A expressão do olhar, ainda hoje, é tão surpreendente que aquele monólito parece ter vida. Que seria então quando ele ainda possuía os olhos de bronze vidrado!

Ela firma a vista para o lado do Ocidente, quiçá da Atlântida, erguendo um pouco a cabeça, como que para abranger maior horizonte.

Pintaram-na de vermelho, simbolizando, talvez, a raça vermelha desaparecida no cataclismo, raça que ela conheceu, por se achar arquivada nos templos, como já vimos na Figura 8. É curioso mesmo notar que no México, no Peru e no Brasil sempre foram encontrados ídolos pintados com essa cor, bem como inscrições petrográficas.

Essa estátua sintetizava a Religião, como filha da Ciência, figurada ao lado da pirâmide, e essa Religião era fundada na Astrologia, como ainda teremos ocasião de ver, da qual os sábios compuseram a Cosmogonia e os poetas, mais tarde, as várias mitologias, para uso externo da massa ignorante, conforme se verifica do magistral estudo de Dupuis.

Esses quatro animais figuram em todos os antigos planisférios de datas pré-históricas, como sendo os quatro pontos cardeais da Terra.

É essa Besta a que João, o discípulo amado de Jesus, se refere em seu Apocalipse, dentro da qual, diz ele, havia 24 anciãos sentados, dizendo ao que estava no centro, vestido de branco, semelhante ao **Filho do Homem** (que não é outro senão Jesus) "*Santo! Santo! Santo! és, de desvendares o selo, porque as coisas que são foram criadas por ti*..." (pelo Verbo).

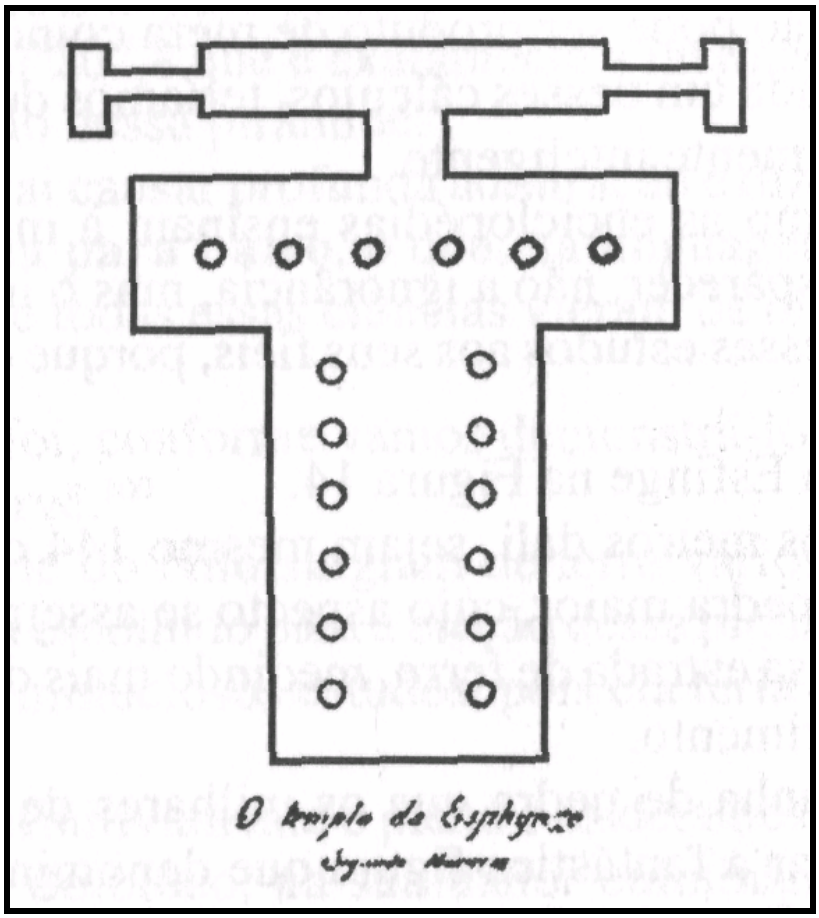


Figura 18

Ora é um fato a existência de 24 bancos numa sala subterrânea em forma de T (Figura 18) — a letra Tau do alfabeto hebraico —, sala que João desconhecia por ainda estar soterrada, cuja descoberta se deve ultimamente aos ingleses; isso prova, pois, que esta **Besta** não é a **Besta** que a Besta de duas cabeças do Vaticano quer atirar à execração do mundo inteiro, como a **Besta do Apocalipse**.

Pois, se assim fosse, João não diria em VII, 11: "*E todos os anjos estavam ao redor do trono e dos anciãos e dos quatro animais e prostravam-se*

diante do trono sobre seus rostos e adoravam a Deus". João diz mais em XIII, 11 que "*esta Besta tinha dois cornos semelhantes aos do Cordeiro e falava como o dragão*".

O Cordeiro que, para João, é Jesus tem dois cornos como Moisés, que falava como o Dragão do Budismo chinês.

Além disso, se esses quatro animais devessem ser execrados e repudiados, por que o Catolicismo os aplica como brasão nobiliário a cada um dos quatro evangelistas: a Águia a João, o Leão a Mateus, o Touro a Lucas e o Homem a Marcos?

O leitor curioso poderá verificar esse fato nas fachadas das igrejas do Sacramento e da Cruz dos Militares, nesta cidade, e notará mesmo que **o homem**, de Marcos, em vez de ser representado pelo aquário, que é um homem derramando água por um jarro, é representado por uma criança, de joelhos, de braços cruzados, com os olhos postos no céu, como quem exclama a Deus: "*E essa! roubaram-me o jarro*!"

À primeira vista não se descobre a razão dessa adaptação; mas verifica-se depois que foi uma adaptação do Maniqueísmo, religião de Zoroastro que, como sabemos, era fundada sobre a astrologia, e assim ficou até hoje, sem que os teólogos católicos lhe tenham encontrado explicação.

Essa esfinge se comunicava, subterraneamente, com a pirâmide, sendo, porém, a entrada principal para os iniciados, praticada entre as patas dianteiras.

Essa estátua esteve soterrada pelas areias do deserto numa altura de cerca de dez metros, só se lhe vendo a cabeça de fora. Se hoje ela está desafogada, deve-se isso à Inglaterra, para bem da humanidade estudiosa.



Figura 19
Édipo decifrando o enigma da Esfinge

Essa estátua sintetizava a religião de Rama, cujos mistérios astrológicos foram por Jesus desvendados a João, e que os profetas Ezequiel e Daniel, venerados por Jesus, também descrevem. Essa estátua, figurando os quatro pontos cardeais da Terra, representa, *ipso facto*, o planisfério com suas 12 constelações, seus sete planetas, cuja cosmogonia se encontra perfeitamente descrita no Apocalipse, de que falaremos mais adiante, provando, exuberantemente, que Jesus é o Cordeiro, de João, símbolo de Rama, e que sua religião era a que essa Besta sintetizava.

A Figura 21 na sua parte central nos dá uma perfeita idéia da sua íntima relação com esta Besta, vendo-se mesmo ali a descrição do candelabro com sete braços, que João chamou de **igrejas**.

Daí os mitos criados pela imaginação de poetas, como o de Édipo, decifrando o enigma que a Besta impunha a todo viajante que lhe passasse perto (Figura 19) devorando-o se não o decifrasse.

"*Olham-se*", diz ela, "*eu sou a Esfinge — Natureza — Anjo e Águia, Leão e Touro; tenho a face augusta de um Deus e o corpo de um animal alado e rugidor. Não tens, nem meu dorso, nem minhas garras, nem minhas asas, mas teu busto é igual ao meu. Quem és tu? Donde vens? Para onde vais? Terás saído do limo da terra ou descendes tu do disco faiscante desse glorioso Sol que surge, ao longe, no monte arábico? Quanto a mim, sou, vejo e sei desde sempre. Pois sou um dos Arquétipos eternos que vivem na luz incriada... mas... me é tolhido falar de outro modo, senão pela minha presença. Quanto a ti, homem efêmero, viajante obscuro, sombra que passa, procura... e adivinha, senão... desespera*!"

"*Tu vens de um mundo divino e para lá podes voltar, se queres. Há em ti algo de efêmero e algo de eterno. Serve-te só do primeiro para desenvolver o segundo*[301]".

Para melhor edificar o leitor acerca da linguagem charadística dos Apocalipses e, especialmente, do de João, que, em suma, é uma repetição mais detalhada dos de Ezequiel e Daniel, passaremos a nos ocupar dos planisférios, pedindo a Dupuis que nos forneça sua luz.

Astrologia – Cosmogonia – Mitologia

Ora, pelo que ficou dito até agora, fácil será deduzir-se que, numa época muitíssimo anterior ao Cristianismo, a humanidade inteira, de pólo a pólo, possuía

[301] Ed. Schuré — *L'Évolution divine*.

uma religião uniforme na sua essência; ela era universal e possuía a crença em um Deus Único, que era cultuado e adorado por cada povo, de acordo com seu desenvolvimento intelectual.

Seus ensinos foram gravados nas grutas, na face dos rochedos, em tijolos, papiros etc., e se verifica que são eles saturados de incomparável moral, ensinos esses que desafiam a sagacidade dos modernos sociólogos e teólogos para a confecção do mais insignificante aforismo social.

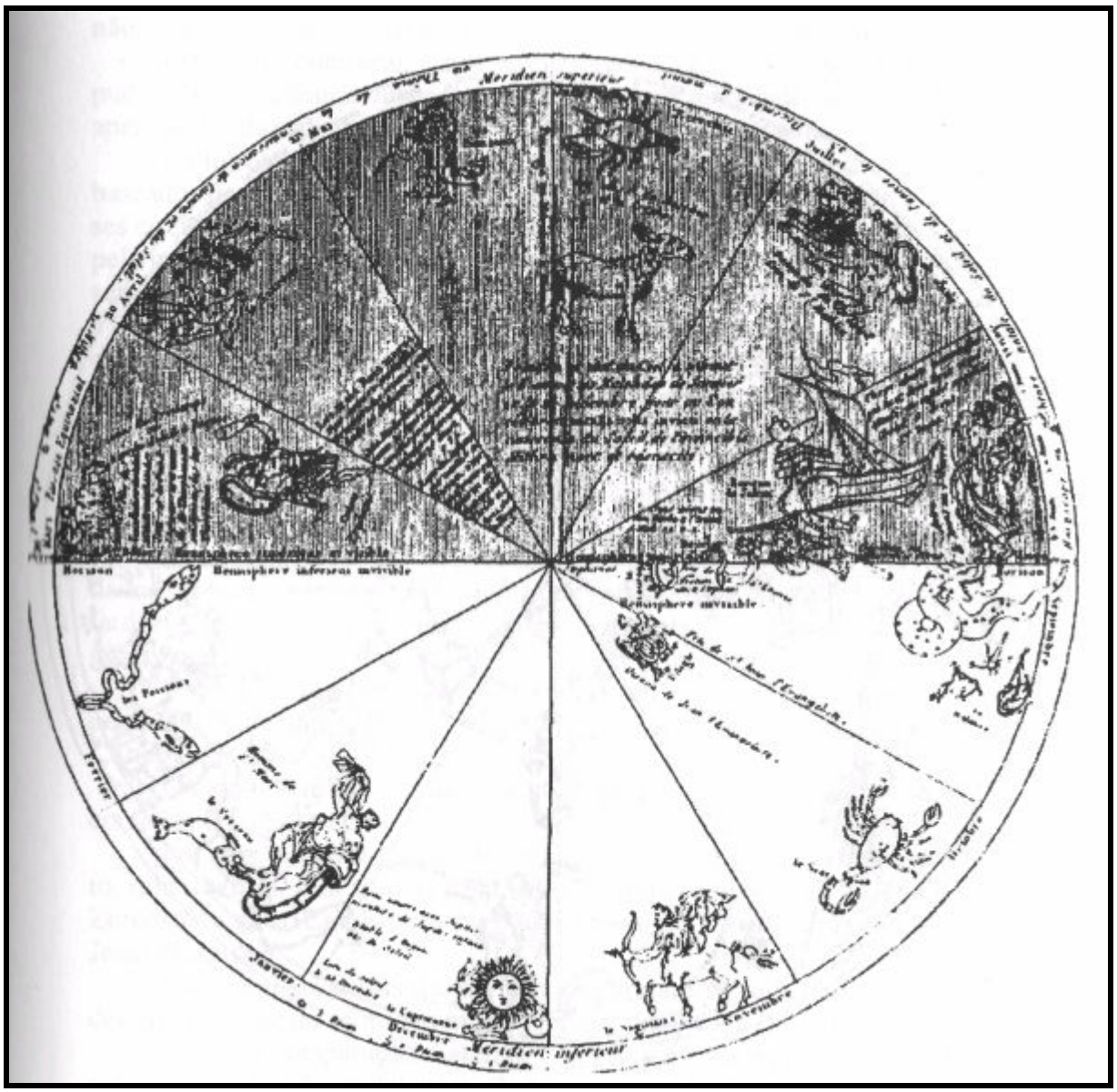


Figura 20

Planisfério que representa a posição no céu no momento do nascimento do Deus-Dia, à meia-noite de 25 de dezembro

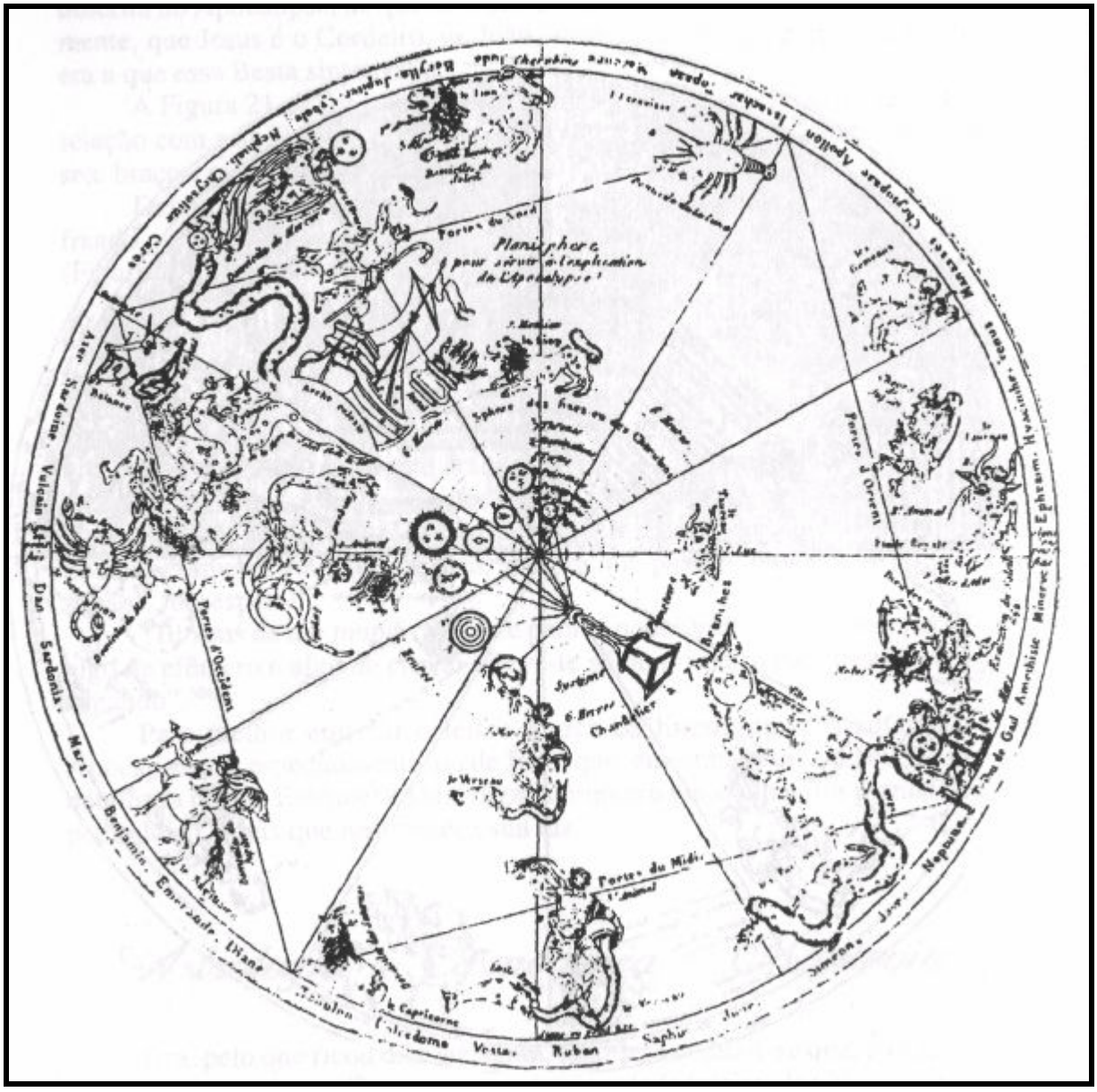


Figura 21

Planisfério explicando o Apocalipse de João

Desde uma remota Antigüidade, como já vimos, todos os povos da Terra conheciam a Ciência astronômica, o que implica, como dissemos acima, vastos conhecimentos matemáticos, geométricos, físicos, químicos etc. Se insistimos nesta repetição, é para bem salientar que nossa suposta civilização data somente de

alguns séculos, e que os povos que nos precederam não eram os bárbaros, selvagens e heréticos, como o Catolicismo propala.

Este, pelo contrário, é que os tem perseguido, destruindo tudo quanto pudesse e possa testemunhar-lhes o progresso para submetê-los a uns dogmas aparentemente espirituais, a fim de subjugá-los politicamente.

Os livros compostos pelos cristãos, nos três primeiros séculos, são todos baseados nas Cosmogonias da Pérsia, do Egito, da Síria, da Arábia e dos países circunvizinhos que eles habitaram. Essas cosmogonias nos foram legadas pelo padre Kircker, em sua obra *Cedip*, Tomo II, § 1º, páginas 425 e 426. Nela se vê todo o sistema da hierarquia celeste, tal como o ensina a Igreja Católica, e fica-se convencido, pela inspeção do mapa, que os cristãos, isto é, os católicos, nada inventaram, nem mesmo suas fábulas cosmogônicas e teúrgicas; tudo é cópia e adaptação de outras religiões que eles chamam pagas.

O próprio Apocalipse de João nada mais é do que outro poema descrevendo os mesmos fenômenos.

Por falta da chave as atuais gerações não mais compreenderam essas histórias.

É claro, pois, que daí surgissem várias religiões, ou antes, várias modalidades da mesma religião solar, em diferentes postos do globo, e que, mais tarde, isto é, muito depois do advento do Cristianismo, fossem tidas como religiões pagas.

Foi dessas mitologias que surgiram as religiões do **Mito Solar**, do Mitra persa, do Osíris egípcio, do Adônis fenício, enfim dos deuses da Etiópia, da China, do México, do Peru etc.

O mundo, em matéria de religião, guiava-se, pois, pelo **Mito Solar**, não como sendo o Sol, o Deus propriamente, mas seu **filho**, seu reflexo.

Por esse tempo surgiu o advento do Cristianismo, sem templo, sem culto, sem dogmas, sem rituais, a não ser os mosaicos. Foi sobre a Cosmogonia Zoroástrica que o Catolicismo bordou sua teologia, fazendo uma adaptação ao Jesus Nazareno.

Essas antigas academias dividiram o firmamento em 12 partes, as quais deram um nome de acordo com a tecnologia conhecida (Figura 12).

Por uma comparação material, o Ser Divino era representado pelo Sol, cercado dessas 12 constelações. A geometria o descreve e suas Forças são Numeradas.

> "*O círculo é o Ser Onipotente; o triângulo que se encerra nele é o Verbo Solar; o quadrado corresponde aos quatro elementos: fogo, água, ar, terra; o número Sete simboliza os sete deuses planetários e o número 12, as Hierarquias*[302]".

O Sol que percorre esse zodíaco entra mensalmente em um signo. Esse Sol, como símbolo da Vida, era chamado pelo nome que as teologias lhe deram: Mitra, também chamado Jesus, Cristo, Osíris, Adônis etc. etc.

O planisfério que eles dividiram em 360 graus e que correspondia, como o dissemos, com mais cinco dias epagômenos, aos 365 dias do ano, o tempo que a Terra dá a volta no Sol, era, por sua vez, dividido em duas partes, uma

[302] GABRIEL TRARIEUX – *Ce qu'il faut connaître de l'occultisme* – 1931.

representando duas estações do ano, o verão e a primavera, e outra o outono e o inverno, comportando, portanto, cada uma seis signos (Figura 20).

E claro que não poderíamos em algumas linhas nos estender a respeito dessa Cosmogonia, cujo desenvolvimento é encontrado no estudo de Dupuis[303]; mas, para dar uma pálida idéia de como foi arquitetada a teologia que forma a base do Zoroastrismo, do Mosaísmo e do Cristianismo, cataremos ali algumas lições.

Na parte inferior e invisível do planisfério (Figura 20) está colocado o Signo de Capricórnio, que, à meia-noite do dia 25 de dezembro, daquela época, isto é, há cerca de dois mil anos, estava no meridiano superior e visível.

Esse Capricórnio é seguido pelo **Homem** — Aquário — que na mistagogia cristã é o brasão do evangelista Marcos. Ele é precedido pela **Águia**, que também deram como brasão a João[304]. Ambos, isto é, **Homem** e **Águia**, são opostos diametralmente a dois outros animais, que estão no hemisfério superior: o **Leão** e o **Touro**, o primeiro servindo de brasão a Mateus e o segundo a Lucas.

Esses animais estão colocados nos quatro pontos cardeais do firmamento.

São os quatro rios alegóricos ou os quatros fluidos de Moisés; são os quatro animais da Esfinge de Gizé; são os quatro animais de Ezequiel, de Daniel e de João, no seu Apocalipse.

Na parte superior e visível desse planisfério se vê, à direita, a constelação **Virgem**. Ela tem sob seus pés, no horizonte inferior, o **Dragão** que sobe após ela com a **Balança**, parecendo persegui-la. É a mesma analogia da descrição do Apocalipse, do **Dragão**, perseguindo a mulher que ia dar à luz o Deus que devia

[303] L'origine de tous les Cultes — 1835 — Paris.
[304] *Estas duas estátuas, com seus respectivos brasões, são vistas em seus nichos na fachada da Igreja do Sacramento, no Rio de Janeiro.*

reinar no Universo. Sobre a cabeça tem ela a imagem do **Sol** e sob os pés a da **Lua**. Essa **Virgem** é ali representada levando uma criança ao colo. O Dragão faz esforços para apoderar-se da criança; mas, ao lado, há um rio navegável, que o Dragão **engole**, enquanto a **Virgem** se refugia no deserto, que é um espaço do planisfério, sem constelações (*vide* figura). Aos pés da **Virgem**, ao lado oriental, está a estrela **Janus**, representada por um homem calvo, segurando uma chave, o mesmo que serviu de modelo para São Pedro, chefe dos 12 apóstolos, a quem Jesus prometera a **chave do céu**, como **Janus** era o chefe dos 12 meses na mitologia, ou 12 signos postos aos seus pés.

A esse apóstolo o Catolicismo deu o **Galo** por brasão, como emblema da sua renegação.

Na linha horizontal, no Oriente, vê-se o **Filho da Virgem Ísis**, mãe do Deus-Luz, precedida da barca de **Janus**, da qual fizeram a barca de Pedro.

No horizonte, vê-se **Estefanos,** de que fizeram Santo Estêvão, primeiro testemunho, que se festeja no dia imediato ao nascimento de Cristo, 26 de dezembro. Ele é seguido pela **Águia**, que se festeja em 27 do mesmo mês.

A virgem é precedida do **signo de Leão**, que acompanha Mateus. Esse Leão é o que corresponde ao seu **Leão da Tribo de Judá**.

No meridiano superior acha-se **Câncer** que encerra o berço de **Júpiter** nascente, e os asnos de Baco ou Deus-Sol, que se representava sob o emblema da criança, no Solstício de Inverno. Assim, pois, no meridiano inferior, acha-se o estábulo de Augias, filho do Sol; no meridiano superior, o asno e a **creche** no Oriente, a Virgem e seu filho recém-nascido; e no poente, o Cordeiro, cuja forma ele toma no momento da sua ressurreição e da exaltação do Sol.

É o **Cordeiro** da Teofania ou da manifestação de Deus. Ele tem, por cima, **Orion**[305] que encerra as três belas estrelas que vemos no firmamento todas as noites, conhecidas, ainda hoje, pelo povo, sob a denominação de **Três Reis Magos**, os quais, avisados pela estrela vista no Oriente, foram adorar o **Cordeiro** reparador, ou Cristo. Essa estrela é a que foi anunciada por Zoroastro.

Acima dos **Três Reis Magos** está o **Touro**, aplicado a Lucas.

Tal era a exata posição das constelações na abóbada celeste, e não no papel no momento preciso, meia-noite de 25 de dezembro, em que fizeram nascer o Cristo, e o mesmo em que os persas celebravam o nascimento de Mitra que também tinha por nome Jesus, o Cristo, deus da luz e do dia, filho de Deus, o qual, como o Cristo, morria e ressuscitava no terceiro dia, redimindo seus iniciados.

Como se vê, não pode haver mais perfeita analogia, nem adaptação mais evidente, para quem tem olhos de ver, a não ser, como já dissemos, que se adote a opinião de Julius Firmicus, a de que o diabo, prevendo a vinda do Cristo Jesus, fizera Zoroastro adotar cinco mil anos antes a vida de Jesus com a ciência astronômica daqueles tempos. E quem pensasse desse modo ainda assim erraria porque a posição da esfera era muito outra na época do 1º Zoroastro. No tempo desse legislador, o Sol entrava na Constelação de **Touro**, ao passo que no de Cristo entrava na de **Peixes**.

Os maniqueístas, seita cristã oriental, da qual fazia parte Santo Agostinho, diziam que o Cristo era o mesmo Sol que Mitra. A teologia antiga, como diz Platão, chama o Sol de **Filho Único de Deus**. São Leão confirma essa opinião. O Catolicismo coloca a hóstia em uma custódia representando o Sol irradiante. Que é isso senão imitação paga?

[305] Outro sistema solar.

Por essas poucas palavras, é fácil ao estudioso deduzir a maneira por que nasceram os cultos dessa cosmogonia, cultos bordados sobre uma mitologia, preparada pelos poetas, em que eles personificavam essas constelações e descreviam feitos heróicos para melhor impressionar a massa ignara.

Antes do reinado de Augusto, o signo correspondente ao nascimento do Sol era o Cordeiro, do qual nasceu novo culto, por isso, na Grécia, se via Júpiter com chifres do Cordeiro, assim como Amon, no Egito, também era representado com esses adornos.

Para o católico, ingênua vítima política de um clero, vítima, a seu turno, de cânones decretados contra as próprias leis científicas conhecidas da natureza, Deus criou unicamente a Terra, dentre miríades de outros mundos, como sendo o único grão de pó sideral, habitável por uma humanidade feita à sua semelhança antropomorfa. O primeiro casal fabricado por Ele desviou-se de um regulamento preestabelecido, recaindo essa transgressão sobre sua descendência por toda a eternidade. Arrependido, o Criador inundou esta bola, um belo dia, salvando, porém, outro casal, para não ter o trabalho insano de reamassá-lo em alguma barreira; desse par, por sua vez, surgiu nova humanidade prevaricadora, teimosa e perversa. Foi então que, na sua Infinita Bondade, para não arrasar novamente essa pílula, pela água ou pelo fogo, lembrou-se, Jeová, num dia de tristeza, há uns dois mil anos, de mandar seu filho de carne e osso encarnar-se num homem, na Judéia, para que redimisse um povo que teimava em cometer o célebre pecado original; para essa redenção derramou o Enviado seu próprio sangue divino. Eis a súmula da doutrina católica.

Ora, sabido como é por quem estuda, que há dois mil anos a massa popular do Ocidente desconhecia a ciência astronômica, tal como existia nas

academias persas, milhares de anos antes, é claro que a humanidade, ignorante dos mistérios científicos, de que pequenos farrapos chegaram ao conhecimento de alguns sábios, como o astrônomo Cláudio Ptolomeu, nascido no Egito no segundo século da nossa era, considerasse a Terra como único ponto habitável, sendo seu Criador constituído da mesma matéria que o boçal africano ou o próprio gorila.

Por esses impuros resíduos, o citado astrônomo idealizou um sistema do mundo, que foi **cristianizado** (Figura 22), por isso os teólogos o adotaram, causando-lhes grande sucesso na Idade Média, isto é, no século das trevas; esse sistema foi derrotado pelo de Copérnico, astrônomo polaco, também professado por Giordano Bruno, Galileu e outros, que demonstraram o duplo movimento dos planetas, a rotação da Terra em volta do Sol, a habitabilidade dos mundos; por essa razão se viram condenados pelos Papas, visto como suas teorias iam de encontro às palavras da Bíblia.

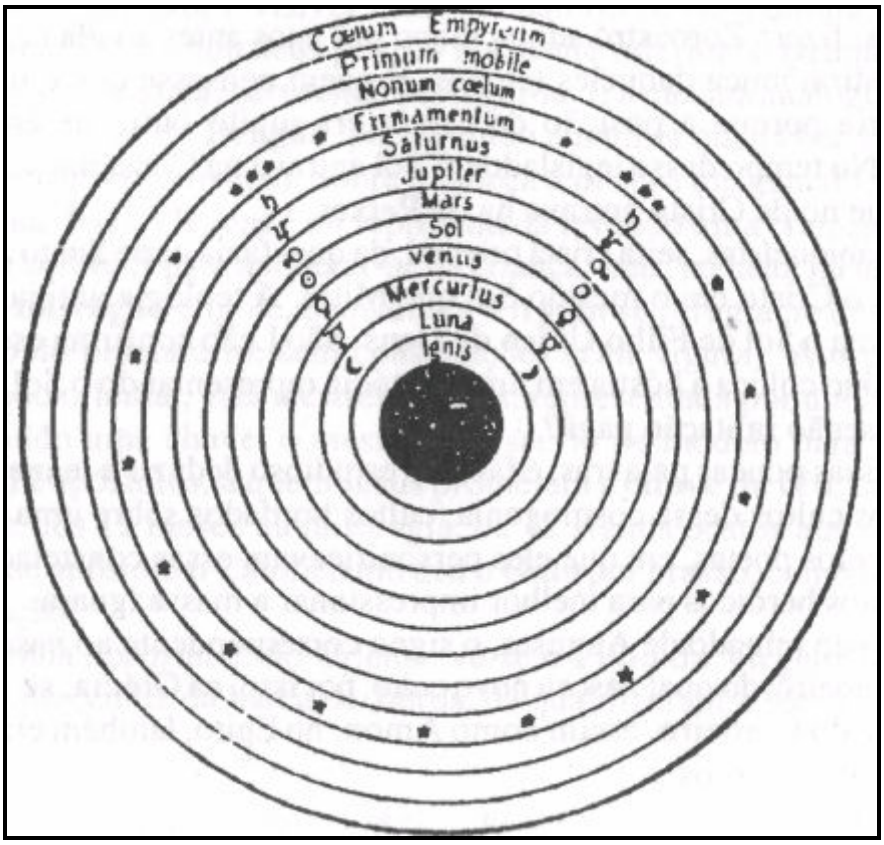


Figura 22

Nesse mapa; a Terra é representada com a parte superior voltada para a Luz e a inferior voltada para a treva, chamada *inferi*, isto é, inferior, do que fizeram o Céu e o Inferno.

Seguindo-se a marcha ascendente, atravessam-se as seguintes esferas: a do Ar, que incandesce, a dos Sete planetas, a do Firmamento, considerada como sólida, por isso lhe pregaram as estrelas, a do Nono Céu, para estar de acordo com as filosofias do Oriente, a do Primeiro móvel ou cristalino e, finalmente, a do Empíreo Celeste ou Sede propriamente dita dos bem-aventurados.

Não é de admirar, portanto, que a Igreja achasse ótimo esse sistema, que permitia que todos os planetas, inclusive o Sol, andassem numa eterna dança, sem finalidade, a não ser a de alumiar os habitantes da Terra, e representasse, com uma facilidade infantil, as residências de Deus e do seu antagonista; o diabo.

Esse sistema é encontrado na **Suma** de São Tomás de Aquino e em todos os Livros da Igreja Romana, como sendo a expressão da Verdade.

Daí a necessidade da criação de um Redentor, de um lugar para recompensar e outro para tormentos, e de uma legião de intermediários, entre os pobres homens e a Potência divina.

Desde, porém, que o Supremo Criador das miríades e miríades de mundos, julgou oportuno fazer vibrar uma pequena centelha da sua Sabedoria, no cérebro de homens puros, predestinados à evolução humana, Ele fez cair ao mesmo tempo o véu da ignorância, que essa seita ímpia jogara sobre os olhos da humanidade, derrubou seu orgulhoso Poder temporal, apagou suas infernais

fogueiras, rasgou novos horizontes sobre o infinito e permitiu ao homem poder adorar, extático, sua Grandeza, seu Poder e sua Sabedoria.

A ciência cresceu e o Antro da ignorância diminuiu. Os dogmas, porém, estacionaram, empoeirados nos Arquivos, guardados, não mais por uma elite de fanáticos espirituais, mas por um bando de políticos que sonham com a volta do Poder ao mundo, contando, para isso, com a legião de pobres analfabetos, ingênuos e fanatizados, tanto na baixa como na alta camada social. Os atores já entraram em cena, um na Itália e outro na Alemanha.

Eles foram os prepostos do Inferno, para atearem fogo ao mundo.

Para confirmar o que ficou dito terminaremos este artigo apelando para a opinião do citado padre Moreux[306], a respeito da Cosmogonia, no seu respectivo capítulo:

> "*É neste ponto de vista, algo novo, que convém examinar as cosmogonias antigas e mais particularmente a de Moisés, consignada em sua Gênese".*
>
> *"Aquele que ler a Bíblia como um livro vulgar pode ficar certo de nada entender da sua linguagem. A Escritura oferece vários sentidos: o simbólico, o hebraico e o teólogo, ou seja, o simbólico, o iniciático e o teológico."*
>
> *"E preciso dizer, também, que, na hora atual, apesar do que possam pensar certos sábios e alguns exegetas, a Cosmogonia tornou-se uma verdadeira ciência, com seus princípios e suas leis*."

[306] La Sciencie Mysterieux des pharaons.

"*... se, lendo a Gênese, escrita por Moisés, eu vejo algum acordo com o que a ciência me ensinou de mais certo, quem ousará negar-me o direito de afirmá-lo e de publicá-lo*."

Ora, quem assim fala é um eminente padre e sábio astrônomo, a cujos pés o papa-missas da nossa freguesia tem de abaixar os olhos.

Se se quer firmar a história das religiões, diz Fabre d'Olivet, baseada na Cosmogonia de Moisés, ao pé da letra como o Judaísmo, o Cristianismo e o Catolicismo, cai-se logo em uma flagrante contradição com todas as Cosmogonias, muitíssimo anteriores, escritas pelos homens mais esclarecidos da China, da Índia, da Pérsia, da Caldéia, do Egito, da Grécia, da Etrúria, dos Celtas, que dão à terra uma Antigüidade incomparavelmente superior aos infantis seis mil anos ali descritos.

Em vez de o governo cogitar de montar cinemas nas escolas e nos quartéis, fazendo passar fitas de faroeste e outras impróprias, deveria imitar a Europa montando um "***Planetário***", não diremos em todas as escolas e quartéis, mas em um local destinado ao público em geral e especialmente aos alunos e militares que, assim, conheceriam as maravilhas do Universo Sideral, assistiriam à majestosa contradança dos astros, veriam como nascem e morrem mundos, ficariam estupefatos ante a vertiginosa carreira de cometas descabelados.

Então, em um momento de concentração, arrebentando os grilhões que os prendem a essa bola e a dogmas religiosos, inventados para embrutecê-los, elevariam seus espíritos até o Supremo Criador, reconhecendo sua Grandeza, seu Poder, sua Sabedoria e sua Bondade, convencidos de que não foi a Terra o único planeta criado para ser habitado, mas que todos esses pontos luminosos são outros

tantos mundos que "*narram a Glória de Deus*", conforme o tem demonstrado o genial Camillo Flammarion[307].

Impressionado por tal espetáculo, seus espíritos evoluiriam, decerto, incitando-os ao estudo, invertendo, portanto, para a glória do Brasil, o número da porcentagem de analfabetos como, vergonhosamente, confessam nossas estatísticas.

Apocalipse de João e Outros

Segundo os estudos de Dupuis, ex-padre católico, é bom frisar[308], o Apocalipse de João, como os de Daniel, de Ezequiel e outros, é uma cópia da mistagogia dos orientais e de povos ainda mais antigos.

Não é nosso intuito, está claro, dar aqui outra interpretação a esse misterioso livro, que tem feito correr tonéis de tinta e surgir dezenas de combinações engenhosas; mas, como, por um lado, esses estudos, positivamente científicos, estabelecem uma perfeita analogia do ARQUEÔMETRO com o APOCALIPSE de João, e, por outro lado, sendo a obra de Dupuis de suma raridade, mesmo na França, julgamos merecer o agrado do leitor estudioso, traduzindo a parte referente ao assunto, do capítulo XII, volume III, do RESUMO ABREVIADO DA GRANDE OBRA.

Além disso, esse trabalho servirá para provar o que temos dito e teremos de dizer, a respeito da cosmogonia de Moisés, a respeito da analogia das passagens do Apocalipse com a astronomia, com a sonometria, com a cromometria, com a arquitetura musical e artes correlativas e preparar o espírito do leitor para melhor compreender o que tão imperfeitamente pretendemos elucidar. Diz ele:

[307] A Pluralidade dos mundos habitados
[308] Origine de tous les Cultes — 1826.

"*O Livro conhecido sob o nome de APOCALIPSE só pareceu ininteligível até aqui, porque se obstinaram em ver uma predição real do futuro, que cada um explica a seu modo, e no qual sempre se achou o que se quis, isto é, outra coisa diferente do que ele encerra*".

Newton e Bossuet, se não fossem já revestidos de glória, seriam tachados de loucos nas tentativas infrutíferas que fizeram para nos dar uma explicação satisfatória. Ambos partiram de uma hipótese falsa, a saber: que era um Livro inspirado. Hoje, que está reconhecido, pelos bons espíritos, que não há livros inspirados e que todos os livros trazem o cunho da sabedoria ou da tolice humanas, analisaremos o do Apocalipse, segundo os princípios da Ciência Sagrada e de acordo com o gênio, bem conhecido, da mistagogia dos orientais, de que este trabalho é uma produção.

Os discípulos de Zoroastro ou os magos, dos quais os judeus e os cristãos tiraram seus principais dogmas, ensinaram que Orzmud e Arimã, chefe, um da luz e do bem e o outro das trevas e do mal, tinham seus gênios secundários ou anjos e seus partidários ou povos favoritos, que se combatiam neste mundo e destruíam reciprocamente suas obras; mas que, por fim, o povo de Arimã seria vencido, que o Deus da luz e seu povo triunfariam; os bens e os males, então, deviam voltar aos seus princípios e os dois chefes iriam habitar com seus povos, um na luz e o outro nas trevas iniciais dos quais tinham saído.

Devia, pois, surgir um tempo marcado pelo destino, diz Theopompe, em que Arimã depois de ter trazido a peste e a fome seria inteiramente destruído.

Então a terra, sem desigualdade, devia ser a residência de homens felizes, vivendo sob a mesma lei e revestidos de corpos transparentes; aí é que eles deviam gozar da felicidade inalterável, sob o império de Orzmud ou do Deus da Luz.

Que se leia o Apocalipse, e então se terá a convicção de que aí reside a idéia teológica, em que se baseia toda essa obra. Todos os detalhes misteriosos que a envolvem nada mais são do que o esqueleto desse único dogma, posto em ação, e como que teatralizado nos santuários dos iniciados nos mistérios da luz em Orzmud.

Toda essa encenação teatral e maravilhosa é tirada das imagens do céu ou das constelações que presidem as revoluções do tempo e que ornam o mundo visível, das ruínas, do qual a varinha mágica do padre[309] vai fazer surgir o mundo luminoso, no qual passarão os iniciados ou a Terra Santa, e a Jerusalém celeste.

No meio da noite, diz o iniciado nos mistérios, de Ísis o Sol me pareceu brilhando com luz ofuscante e, após ter pisado o solo de Prosérpina e ter passado através dos elementos, eu me encontrei na presença dos deuses[310].

Nos mistérios de Eleusis dava-se ao iniciado o antegozo de uma felicidade futura e a idéia de que a iniciação elevava a alma depois da morte. Faziam-se suceder as profundas trevas em que ele era mergulhado algum tempo (o que representava a imagem desta vida), uma luz viva, que, de súbito, o envolvia de seu brilho e lhe desvendava a estátua do deus aos mistérios no qual o iniciavam. Aqui (em João), é o Cordeiro que é a grande divindade, cuja imagem se reproduz em toda essa obra apocalíptica.

Esse Cordeiro está colocado à testa dessa cidade celeste que tem 12 divisões como o zodíaco, de que ÁRIES[311], ou o Cordeiro, é também o chefe. Eis ao

[309] O evangelista João.
[310] Conforme disse Davi, já citado.

que se reduz toda a obra do Apocalipse de João. Para fazer-lhe a comparação com os traços da esfera e analisar nos detalhes os diversos quadros que damos na nossa GRANDE OBRA, acompanhada como está do planisfério. Entretanto, traçaremos aqui um resumo abreviado desse trabalho, suficiente para que o leitor possa ter uma idéia da correspondência que existe entre os quadros do APOCALIPSE e os do céu e de suas divisões (Figura 21).

Duas coisas ferirão logo a atenção do leitor estudioso: é a repetição freqüente que o autor[312] faz no seu livro dos números 7 e 12, sagrados em todas as teologias, porque eles exprimem duas grandes divisões do mundo, a do sistema planetário e a do zodíaco ou a dos signos, os dois grandes instrumentos da fatalidade e as duas bases da ciência astrológica que presidiu a composição desta obra. O número 7, ali, está repetido 24 vezes e o 12, 14 vezes.

O sistema planetário, ali, está designado, sem nenhuma espécie de equívoco, por um castiçal de sete braços (Figura 21) ou por sete castiçais e por sete estrelas que empunham o gênio luminoso, semelhante ao deus princípio, Orzmud, adorado pelos persas. Esse emblema simbolizava os sete grandes corpos celestes[313], nos quais se distribui a luz incriada e no centro dos quais brilha o SOL, seu principal foco. É o anjo do Sol que, sob a forma de um gênio resplandecente de luz, aparece a João e lhe descobre os mistérios que ele deve revelar aos iniciados. São os próprios escritores judeus e cristãos que nos fornecem a explicação que damos dos sete castiçais que exprimem a mesma idéia cosmogônica, indicada pelo símbolo do castiçal de sete braços, colocado no templo de Jerusalém.

---

[311] Carneiro.
[312] João.
[313] Sol, Lua, Júpiter, Saturno, Marte, Vênus, Mercúrio.

Clemente, bispo de Alexandria, pretende que o castiçal de sete braços, colocado no meio do altar dos perfumes, represente os sete planetas.

De cada lado partiam três braços suportando cada qual uma lâmpada.

No meio estava a lâmpada do Sol, centralizando os seis braços, porque esse astro, colocado no meio do sistema planetário, comunica sua luz nos planetas que estão abaixo e acima, segundo as leis da sua ação divina e harmônica.

Josephe e Philon, dois escritores judaicos, dão a mesma explicação.

Os sete recintos do templo representavam a mesma coisa. São também os sete olhos do Sepher, designados pelos espíritos que se apóiam sobre a verga que se eleva da raiz de Jessé, continua sempre Clemente de Alexandria.

Notar-se-á que o autor do Apocalipse diz, também, que os sete cornos do Cordeiro são os sete espíritos de Deus e, conseqüentemente, eles representam o sistema planetário que recebe seu impulso de **Áries**, do cordeiro, o primeiro dos signos. No monumento da religião dos persas[314], ou de Mitra, encontraram-se igualmente sete estrelas destinadas a representar o sistema planetário e junto a cada uma vê-se o atributo característico do planeta que a estrela representa.

O autor do Apocalipse nada mais fez, portanto, do que empregar um emblema aceito para exprimir o sistema harmônico do Universo, no santuário do qual a iniciação introduzia o homem, como se pode ver no nosso capítulo a respeito dos Mistérios.

Mais convencido se ficará dessa verdade, quando se refletir que este mesmo emblema designava as sete igrejas, cuja primeira estava em Éfeso e em que se adorava o primeiro desses planetas, a Lua, sob o nome de Diana.

[314] Zoroastro.

Em seguida ao sistema planetário, o mistagogo nos apresenta o quadro do céu dos fixos[315] e as quatro figuras celestes ali colocadas nos quatro ângulos, segundo o sistema astrológico.

Essas quatro figuras são o Leão, o Touro, o Homem do aquário e a Águia que dividiam todo o zodíaco em quatro partes ou de três em três signos nos pontos da esfera, chamados, por isso, fixos e sólidos. As estrelas, que a tal correspondiam, chamavam-se as **quatro estrelas**. (De onde a corruptela de **sete estrelos**.)

Nos mistérios de Mitra, além das sete estrelas destinadas a representar os sete planetas, havia uma oitava que correspondia ao céu dos fixos. Por isso, o autor do Apocalipse diz que viu uma porta aberta no céu, e que o convidaram a entrar lá para ver as coisas que deviam acontecer no futuro. Segue-se daí, partindo dos princípios da astrologia ou da Ciência que desvenda os segredos do futuro, que o autor, depois de nos mostrar o sistema planetário sob o império dos sete castiçais, nos fere a vista com o oitavo céu e sobre o zodíaco que, com os planetas, concorre para revelar os pretendidos segredos da adivinhação.

O mistagogo nada mais fez do que teria feito um astrólogo, que se apresentasse como devendo revelar os destinos do mundo e predizer as infelicidades que ameaçassem a Terra e que fossem os arautos da sua destruição.

Ele estabelece a esfera sobre os quatro pontos cardeais das determinações astrológicas e apresenta aos olhos as quatro figuras que dividiam em quatro partes iguais o círculo da fatalidade, estando essas figuras distribuídas a distâncias iguais em volta do trono de Deus, isto é, do firmamento, acima do qual se colocava a divindade.

[315] São as estrelas fixas que vemos no firmamento e que não se confundem com os planetas as quais são sóis milhões e milhões de vezes maiores que o nosso, tendo cada um seu sistema planetário.

As 24 partes do tempo, que dividiam a revolução do céu, são ali chamadas 24 **anciãos**, como o tempo mesmo ou Saturno sempre foram chamados.

Essas horas, tomadas seis a seis, são também chamadas **asas**, as quais, como se sabe, sempre foram dadas ao tempo.

Eis por que os animais celestes, dividindo o zodíaco de seis em seis horas, são considerados como tendo seis asas.

Essas figuras de animais que achamos colocados no céu dos fixos e distribuídos na mesma ordem, segundo a qual o Apocalipse as nomeia, são figuras de querubins, os mesmos que vemos em Ezequiel. Ora, os caldaicos e os sírios chamavam o céu dos fixos, o "*céu dos querubins*", e colocavam acima o grande mar ou as águas superiores[316] e o céu de cristal. O autor do Apocalipse fala, pois, a mesma linguagem que a astrologia oriental.

Os escritores cristãos justificam, ainda aqui, nossas explicações. Clemente de Alexandria, entre outros, diz, formalmente, que as asas dos querubins designavam o tempo que circula no zodíaco; as figuras zodiacais, que correspondem, exatamente, às quatro divisões dadas pelas asas, não podem ser senão os querubins, aos quais estão apegadas essas asas, pois são absolutamente as mesmas figuras de animais. Por que procurá-las em um céu ideal, se são encontradas em um céu real e astronômico, o único em que se vêem as figuras de animais, chamadas vulgarmente animais celestes? Pois bem, olhemos com ele esse céu.

Essas mesmas figuras são as dos quatro animais atribuídos aos evangelistas. São também as dos quatro anjos que, para os persas, devem tocar as trombetas do fim do mundo. Os antigos persas veneravam quatro estrelas principais,

[316] Referidas por Moisés posteriormente.

que velavam nos quatro cantos do mundo, e essas quatro estrelas correspondiam aos quatro animais celestes que têm as mesmas figuras do Apocalipse.

Entre os chineses se encontram quatro astros que serviam para designar as quatro estações, que, no tempo de **Iao**, correspondiam a esses pontos do céu.

O astrólogo que compôs o Apocalipse nada mais fez, portanto, do que repetir o que já se achava em todos os livros antigos da astrologia oriental.

Foi depois de ter assim firmada sua esfera sobre seus pontos cardeais, que ele abre o livro dos destinos do mundo, chamado ali alegoricamente o livro fechado com sete selos, cujo rompimento está **confiado** ao primeiro dos signos, **Áries**, o **Cordeiro**.

Nonnus[317] em suas Dionisíacas se serve de uma expressão mais ou menos semelhante para designar o livro da fatalidade: ele chama-o de livro das sete tábuas, em que estão escritos os destinos. Cada tábua tinha o nome de um planeta. Assim, é fácil reconhecer no livro dos sete selos o livro da fatalidade, que consulta aquele que se encarrega, ali, de anunciar o que vai acontecer ao mundo. Por isso, o capítulo VI até XI, inclusive, contém todas as predições que encerram a série dos males de que o Universo está ameaçado, tais como guerra, fome, mortalidade etc. Os traços desses quadros são bastante arbitrários e frutos de uma imaginação exaltada.

Seria, talvez, tão difícil analisá-los, segundo os princípios da ciência, quanto o de dar razão às visões de um doente em delírio. De resto, a doutrina dos magos ensinava que antes que Arimã fosse destruído a peste, a fome e outros flagelos desolariam a Terra. Os videntes toscanos publicavam também que, quando o Universo fosse dissolvido para tomar nova face, se ouviria a trombeta nos ares e

[317] Muito anterior ao Cristianismo.

sinais apareceriam no céu e na terra. São esses dogmas da teologia dos persas e dos toscanos que forneceram a matéria de amplificação do padre, autor do Apocalipse: eis a trama em que ele bordou seus seis capítulos.

No duodécimo capítulo, o autor deita ainda seu olhar ao céu dos fixos e para parte do firmamento em que está o **navio**, chamado a **arca**, a **virgem**, o **dragão** que a segue, a **baleia** que se deita ao despertar da mesma, a besta com cornos de **cordeiro**, ou Medusa, que desperta ao seu deitar; são as diversas paisagens que ele exibe em espetáculo e que encaixilha em um quadro maravilhoso e todo alegórico (Figura 21).

Depois de ter passado na tela a parte das constelações que determinam a época do tempo em que todos os anos a natureza se renova, quando o Sol atinge o signo do cordeiro, o autor do Apocalipse traça uma série de acontecimentos nos quais se vêem as predições, que ele tirara do livro da fatalidade, realizar-se, finalmente. Tudo se executa na mesma ordem em que ele predisse.

É no fim desses flagelos que se realiza o grande julgamento, ficção que encontramos em Platão e que se ligava à mistagogia oriental. Já que se tinham imaginado recompensas e penas, é natural supor-se que a justiça presidiria a essa distribuição, e que o grande Juiz trataria cada um segundo suas obras. Assim os gregos acreditavam no julgamento de Minos. Os cristãos, até aqui, nada inventaram; eles copiaram os dogmas dos antigos chefes de iniciação.

O efeito desse julgamento era o de separar o povo de Orzmud do de Arimã e de fazê-lo marchar sob o estandarte do seu Chefe, um para o Tártaro e outro para o Eliseu, ou seja, a mansão de Orzmud.

Eis o assunto dos últimos capítulos, a começar no décimo sétimo. O mau princípio ali figura como na teologia dos persas, sob a forma monstruosa da

serpente, de que Arimã se revestia nessa teologia. Ele dá combate aos príncipes do bem e da luz e ao seu povo; mas, finalmente, é vencido e precipitado com os seus na horrenda morada das trevas onde nasceu; é Júpiter, no poema de Nonnus, fulminando Typhon, antes de restabelecer a harmonia dos céus.

O deus de luz, vencedor, arrasta consigo seu povo e seus eleitos para a mansão de luz e de eterna felicidade, terra nova; o mal e as trevas, que reinam neste mundo, serão para sempre banidos. Mas, esse novo mundo ainda tem as divisões do antigo e o número duodecimal que dividia o primeiro céu ali também se acha atribuído às divisões do novo Universo: o Cordeiro ou **Áries**, igualmente ali preside.

É principalmente nessa última parte da obra que se reconhece a astrologia. Com efeito, os antigos astrólogos orientais haviam submetido todas as produções da natureza à influência dos signos celestes, e haviam classificado as plantas, as árvores, os animais, as pedras preciosas, as qualidades elementares, as cores etc., sob os 12 animais do zodíaco, pela razão da analogia que se acreditava neles residissem com a natureza dos signos.

Fizemos imprimir na nossa **Grande Obra** o quadro sistemático das influências que exprimem a relação das causas celestes com os efeitos sublunares no reino animal, vegetal e mineral. Notam-se ali 12 pedras preciosas, absolutamente as mesmas do Apocalipse, arrumadas na mesma ordem e atribuídas cada qual a um signo. Assim, os signos celestes foram representados por outras tantas pedras preciosas, e, como na distribuição dos meses, os signos se agrupam três a três para marcar as quatro estações; no Apocalipse, as pedras preciosas se agrupam, igualmente, três a três, na cidade de 12 portas e 12 fundamentos.

Cada uma das faces da cidade sagrada encara um dos pontos cardeais do mundo, segundo a divisão astronômica que atribuía três signos para cada um desses pontos, decorrente dos ventos que sopram das diversas direções do horizonte; este dividiu em 12, como as partes dos signos. Os três signos de ESTE correspondiam à primavera; os de OESTE ao outono; os do SUL ao verão e os do NORTE ao inverno.

Há, diz um astrólogo, 12 ventos por causa das 12 portas do Sol, pelas quais saem esses ventos originados pelo Sol. É por isso que Homero deu 12 filhos a Eolo, ou deus dos ventos.

Quanto às 12 portas do Sol, são elas que estão designadas aqui sob o nome das 12 portas da cidade sagrada do deus da luz. A cada uma das portas, o autor coloca um anjo ou gênio, o que presidia cada vento de um modo particular.

Via-se em Constantinopla uma pirâmide encimada por uma figura que, por seu movimento, retraçava os 12 ventos representados por 12 gênios ou 12 imagens. São, também, anjos que, no Apocalipse, presidem ao sopro dos ventos. Vêem-se quatro que estão encarregados dos quatro ventos, que partem dos quatro cantos do horizonte. Aqui, o horizonte é dividido em 12 ventos; eis por que se vêem 12 anjos. Em tudo isso só há astrologia, ligada ao sistema dos anjos ou dos gênios, adotada pelos caldaicos e persas, dos quais os hebreus e os cristãos tiraram essa teoria.

Os nomes das 12 tribos[318], escritos sobre as 12 portas, nos lembram ainda o sistema astrológico dos hebreus, que haviam acomodado cada uma das suas tribos sob um dos signos celestes, e, com efeito, vê-se na predição de Jacó que os traços característicos de cada um dos seus filhos se adaptavam a cada um dos signos sob o qual os hebreus colocam a tribo de que ele é o Chefe.

[318] De Israel.

Simão Joachitas, depois de ter feito a separação das inteligências, que ele distribui segundo as relações que elas devem ter com os quatro pontos cardeais, coloca ao centro um templo santo que sustenta tudo. Ele tem 12 portas, sobre cada uma das quais está gravado um signo de **Áries** ou Cordeiro. São estes, continua o rabino, os 12 chefes ou moderadores que foram arrumados segundo o plano de distribuição de uma cidade ou de um campo; são os 12 anjos que presidem ao ano e aos 12 termos ou divisões do Universo.

Psellus, no seu livro dos gênios ou dos anjos, a quem pertence a vigilância do mundo, os agrupa também três a três, de modo a fazer face aos quatro cantos do mundo.

Mas, ouçamos os doutores cristãos e os próprios judeus. O sábio bispo de Alexandria nos fala do racional aplicado sobre o peito do Sumo sacerdote dos judeus, que é uma **imagem do céu**; que as 12 pedras que nele se vêem e que são arrumadas três a três sobre um quadrilátero **designam o zodíaco** e as quatro estações de três em três meses. Ora, essas pedras, dispostas como as do Apocalipse, são também as mesmas com pouca diferença. Philon e Joseph dão idêntica explicação. Sobre cada uma das pedras, diz Joseph, estava gravado o nome de um dos doze filhos de Jacó, chefe das tribos, e essas pedras representavam os meses ou os **12** signos figurados no zodíaco.

Philon acrescenta que essa distribuição feita *três a três* indicava visivelmente as estações que, **sob cada um dos meses**, **correspondiam a três signos**.

Segundo esses testemunhos, não nos é permitido duvidar que o mesmo gênio astrológico que presidiu a composição do racional não tivesse dirigido o plano

da cidade Santa, resplendente de luz, e na qual são introduzidos os eleitos e os fiéis discípulos de Orzmud.

Encontra-se, também, em Luciano, uma cidade idêntica destinada a receber os bem-aventurados e na qual se vêem brilhar o ouro e as pedras que ornavam a cidade de Apocalipse. Não há diferença nenhuma entre as duas ficções, a não ser que, em Luciano, a divisão ou o sistema planetário, por ele representado, é de sete, e que, no Apocalipse, se preferiu a divisão por 12, que é a do zodíaco, por meio do qual os homens passavam a voltar ao mundo luminoso. Os maniqueístas, em suas ficções acerca da volta das almas ao **ar perfeito e à coluna de luz**, figuravam esses mesmos signos por 12 vasos ligados a uma roda que, circulando, elevava as almas dos infelizes para o foco da luz eterna.

O gênio mistagógico variou os emblemas pelos quais se designou o mundo e o zodíaco; esta grande roda é o zodíaco, chamado pelos hebreus a **roda dos Signos**. São as rodas que Ezequiel vê se movimentarem nos céus; pois, os orientais, observa judiciosamente Beausobre, são sumamente místicos e não exprimem seus pensamentos senão por símbolos e figuras. Tomá-los ao pé da letra, seria tomar a sombra pela realidade. Assim é que os maometanos designam o Universo como uma cidade que tem 12 mil pórticos, isto é, que eles empregam a divisão milésima, de que os persas fazem uso na fábula da criação, para representar o tempo ou o famoso período que se dividem entre si os dois princípios. Essas fábulas encontram-se em toda a parte.

Os povos do Norte falam, também, de 12 governadores encarregados de regular o que concerne à administração da cidade celeste. Sua assembléia se realiza na planície chamada **Ida**, que está no centro da residência divina. Eles se reúnem em uma sala em que há 12 tronos, além do ocupado **pelo pai universal**.

Essa sala é a maior e a mais esplêndida do mundo; ali só se vê ouro por fora e por dentro, é denominada **mansão da alegria**. Na extremidade do céu está a mais bela de todas as cidades e chamam-na **Gimle**; ela é mais brilhante que o próprio Sol. Ela subsistirá, ainda, depois da destruição do céu e da terra; os homens bons e íntegros habitá-la-ão durante todas as eras.

Nota-se nas fábulas sagradas desses povos, como no Apocalipse, um embasamento do mundo atual e a transferência dos homens para outro mundo, no qual eles devem viver. Vê-se, em seguimento de vários prodígios que acompanham essa grande catástrofe, aparecerem várias moradas, umas agradáveis e outras horrendas. A melhor de todas é GIMLE.

O Edda fala, como no Apocalipse, de um céu novo e de uma nova terra. "*Sairá*", diz ele, "*do mar, uma nova terra bela e agradável, coberta de verdura e de campos, onde o grão crescerá por si mesmo, sem cultura. Os males serão banidos do mundo*".

Na Volupsa, poema dos escandinavos, vê-se também o grande dragão do Apocalipse que o filho de Odin ou o deus Thor atacou e matou. "*Então o Sol se apaga, a terra se dissolve no mar, a chama devoradora atinge os limites da criação e atira-se para o céu*". Mas, do seio das ondas, diz a profetiza, vejo sair uma nova terra vestida de verdura. Vêem-se colheitas maduras que não foram semeadas; o mal desaparece. Em GIMLE, vejo uma morada coberta de ouro e mais brilhante que o Sol; ali habitam povos virtuosos e sua felicidade não tem fim.

Penso que ninguém admitirá como inspirada por Deus essa profetiza dos escandinavos. Por que olhar-se, igualmente, como inspirado o autor da profecia dos cristãos da Frígia ou da revelação do profeta João?

São absolutamente as mesmas idéias mistagógicas que vimos consagradas na teologia dos Magos, de que Theopompe nos deu uma perfeita descrição, muito tempo antes que houvesse cristãos.

Possuímos um precioso texto dessa teologia, no 24º discurso de Dion Chrysostomo, em que o sistema de embrasamento do mundo e da sua reorganização está descrita sob o véu da alegoria. Nota-se ali o dogma de Zenon e de Heráclito, acerca da transfusão ou metamorfose dos elementos um no outro, até que os elementos do fogo consigam converter tudo em sua natureza. Esse sistema é o dos indianos, em que Vishnu faz tudo voltar na sua subsistência, para dali tirar um novo mundo. Em tudo isso nada se vê de surpreendente nem de inspiração, mas simplesmente uma opinião filosófica como outras tantas. Por que a encararmos como uma verdade revelada? Será por que ela se acha em um livro reputado sagrado?

Essa noção em Dion Chrysostomo está revestida de imagens tão maravilhosas quanto às do Apocalipse. Cada um dos elementos é representado por um cavalo que tem o nome do cavalo do deus que preside o elemento. O primeiro cavalo pertence ao elemento do fogo etéreo, chamado Júpiter; ele é superior aos três outros, como o fogo que ocupa o lugar mais elevado na ordem dos elementos. Esse cavalo é alado e o mais rápido de todos; ele descreve o círculo maior, aquele que abrange todos os outros; ele brilha da mais pura luz e sobre seu dorso estão as imagens do Sol e da Lua e dos astros que estão traçados na região etérea. Esse cavalo é o mais belo de todos, é singularmente amado por Júpiter. O Apocalipse também tem seus cavalos cada qual distinguido por sua cor.

Há um segundo que vem logo após ele e que o toca de mais perto: é o de Juno, isto é, o ar, pois Juno é, às vezes, tomado pelo ar, ao qual essa deusa

preside. Ele é inferior em força e em ligeireza ao primeiro, e descreve um círculo interior mais estreito; sua cor é preta, naturalmente, mas a parte exposta ao Sol torna-se luminosa enquanto a que está na sombra conserva sua cor natural. Quem não reconhece logo o ar que durante o dia é luminoso e tétrico à noite.

O terceiro cavalo é consagrado a Netuno ou ao deus das águas. É mais pesado em sua marcha que o segundo.

O quarto é imóvel. Chama-se o cavalo de Vesta. Ele não arreda do lugar, mordendo seu freio. Os dois mais chegados apóiam-se contra ele, inclinando-se por cima. O mais afastado circula em volta como ao redor de sua estaca.

Basta notar aqui que Vesta é o nome que Platão dá à terra e ao fogo central que ela contém. Ele a representa igualmente imóvel no centro do mundo. Assim a terra, colocada no centro, vê elevar-se acima dela três camadas concêntricas de elementos, cuja velocidade está na razão inversa da sua densidade. O mais sutil, como o mais rápido, é o elemento fogo, figurado pelo primeiro cavalo; o mais pesado é a terra, estável e fixa no centro do mundo e figurada por um cavalo imóvel, em volta do qual os outros três circulam em distâncias e velocidades que crescem em proporções da sua distância do centro. Esses quatro cavalos, apesar da diferença de temperamentos, vivem em bom entendimento, expressão figurada que anuncia esse princípio, conhecido dos filósofos, em que o mundo se sustenta pela concórdia e pela harmonia dos elementos.

Entretanto, depois de muitas voltas, o fôlego vigoroso e quente do primeiro cavalo atinge os outros e especialmente o último; sua crina se queima, bem como seu paramento que tanto o orgulhava. É esse episódio, dizem os magos, que os gregos cantaram na fábula de Phaeton, cuja explicação já demos na nossa **Grande Obra**.

Vários anos depois, o cavalo de Netuno, agitando-se muito fortemente se cobriu de um suor que inundou o cavalo imóvel atrelado perto dele: é o dilúvio de Deucalião que já explicamos.

Essas duas ficções exprimem um dogma filosófico dos antigos, que diziam que o incêndio do mundo adviria quando o princípio do fogo dominasse, e o dilúvio, quando o princípio da água se tornasse superabundante. Contudo, esses desastres não levariam à destruição total do mundo.

Havia outra catástrofe ainda mais terrível e que trazia a destruição universal de todas as coisas, era a que resultasse da metamorfose ou da transmutação dos quatro cavalos um no outro, ou para falar sem figura, da transfusão dos elementos entre si até que eles se fundissem numa só natureza, cedendo à ação vitoriosa do mais forte. Os magos comparam, ainda, este último movimento a uma atrelagem de carros. O cavalo de Júpiter, sendo o mais vigoroso, consome os outros que, em relação a ele, são como feitos de cera; ele os absorve na sua substância sendo ele, mesmo, de uma natureza infinitamente melhor. Depois que a substância única se estendeu e se rarefez de modo a retomar toda a pureza da sua primitiva natureza, ele tende então em se reorganizar e em reproduzir as três outras naturezas ou elementos de que se compõe um novo mundo de uma forma agradável, com todas as graças e com o frescor de uma obra nova.

Não é, pois, de admirar ver reproduzir-se sob outras formas, nas diversas seitas religiosas, este dogma filosófico de um mundo destruído, renovado e substituído por uma melhor ordem de coisas. É este dogma que constitui a base da quarta égloga de Virgílio e das ficções dos indianos a respeito da volta da idade do ouro. É também achado no terceiro livro das questões novas de Sêneca.

Na teologia dos indianos, escrita, absolutamente, no mesmo estilo que este trecho da teologia dos magos, supõe-se que, depois da destruição total do Universo, Deus, que havia permanecido como uma chama ou como uma luz, quis que o mundo voltasse ao seu primitivo estado e procedeu à reprodução dos seres. Não seguiremos adiante o paralelo de todas essas opiniões filosóficas, que cada um dos mistagogos traduziu a seu modo. Nos limitaremos a este exemplo, que basta para nos dar uma idéia do gênio alegórico dos antigos sábios do Oriente e para justificar o uso que fizemos dos dogmas filosóficos que nos são conhecidos para descobrir o sentido dessas monstruosas ficções da mistagogia oriental.

Essa maneira de instruir os homens, ou melhor, de lhes impor idéias, sob pretexto de os instruir, está tão afastada dos nossos costumes, quanto a escrita hieroglífica é diferente da nossa. Mas, tal era a linguagem que se usava com os iniciados, diz o autor da Cosmogonia fenícia, a fim de excitar a admiração e o espanto dos mortais.

É esse mesmo gênio que presidiu a redação dos primeiros capítulos da Gênese, e que criou a fábula da árvore dos dois princípios ou da árvore da ciência do bem e do mal e a da famosa serpente, que introduziu no mundo um mal, que só pode ser redimido pelo Cordeiro.

O fim da ficção apocalíptica era, não só de excitar o espanto dos iniciados nos mistérios do Cordeiro, como também o de imprimir o terror no coração de todos aqueles que não fossem fiéis às leis da iniciação, pois todas as grandes fábulas sacerdotais, como as do tártaro, dos dilúvios, do fim do mundo etc., tiveram este fim.

Os padres quiseram governar o mundo pelo medo. Armaram toda a natureza contra o homem; não há nenhum fenômeno que não tivesse sido um sinal ou um efeito da cólera dos deuses.

A geada, o raio, o incêndio, a peste etc., todos os flagelos que afligem nossa triste humanidade foram considerados como outros tantos golpes da vingança divina, que fere as gerações culpadas.

O incêndio de Sodoma é apresentado como uma punição dos seus habitantes.

Os árabes têm tribos chamadas **perdidas**, porque elas não obedeceram à voz dos profetas. A famosa Atlântida, que talvez nunca tenha existido, senão na imaginação dos padres do Egito, foi submersa porque os deuses quiseram punir os crimes desses insulares. Os japoneses têm também a ficção da ilha Maury, igualmente submergida pela vingança divina.

Mas, é principalmente do dogma filosófico da transmutação dos elementos de que mais se abusou sob o rótulo de fim do mundo; tudo pareceu bem aos padres, para espantar os homens e mantê-los sob sua dependência. Conquanto essa ameaça nunca tivesse de ser realizada, contudo, todos a temiam e era o quanto bastava. É verdade que, nem por isso, os homens se tornaram melhores. Se, por acaso, se ousava fixar a época dessa catástrofe, ficava-se quite, por qualquer motivo, em adiá-la para outros tempos, e o povo continuava a ser engazopado; tal é sempre sua sorte quando ele se entrega aos padres.

Daí, esses terrores perpétuos, nos quais o mantiveram durante os primeiros séculos da igreja, e esses funestos receios do **fim do mundo**, que se acreditava sempre próximo[319], mas que foi mais uma vez adiado para o século XI, ou seja, o ano 1000 da era cristã. Mesmo nesses últimos séculos, se tem avivado essa

[319] Como Jesus, Paulo, seus apóstolos, etc.

quimera, que não espanta mais ninguém, nem mesmo sob a forma de cometas, dada por charlatões[320].

Compete à filosofia, auxiliada pela erudição, desvendar a origem dessas fábulas, analisando seus relatos maravilhosos e principalmente indicar seu fim. Foi o que fizemos neste trabalho.

> "*Os antigos tinham fé nas regras quiméricas da Astrologia; procuravam adivinhar a fortuna dos homens, das cidades e mesmo do Império, pela inspeção do céu, no momento do seu nascimento, ou de sua fundação; era o horóscopo de uns e de outros. Um amigo de Cícero havia tirado o horóscopo da fundação de Roma. Constantino fez tirar o da cidade, a qual ele deu seu nome. Não se ficará, pois, admirado de ver o horóscopo do Deus-Dia, na época em que ele nascia, isto é, no Solstício de Inverno, à meia-noite de 25 de dezembro, dia ao qual os mármores antigos fixam o nascimento do Sol Invencível" (Figura 20).*
>
> *"Os quatro cantos do céu, nesse instante, eram ocupados, no Oriente, pela Virgem e seu filho nascido, tais como o representam as Esferas Pérsicas, de Aben Esra e de Abulmazar, com seu nome de Cristo e de Jesus; no Nadir, pelo bode ou Capricórnio; no Ocidente, pelo Carneiro ou Cordeiro Celeste, junto ao qual brilhava o Touro e no Zênite, finalmente, pelo asno e pela creche do Câncer. Aos pés da virgem, vê-se*

[320] *Um frade de Pesqueira, Pernambuco, reviveu esta farsa para o ano de 1932, conforme veremos mais adiante, prometendo a salvação àqueles que lhe comprassem velas bentas!*

uma de suas belas estrelas, chamada Janus, que, oito dias depois, encetava o ano romano, representado calvo e tendo um molho de chaves nas mãos, sendo o príncipe ou chefe dos 12 meses."

"Acima do Cordeiro, no Ocidente, aparecem as três estrelas do signo de Orion, chamadas pelo povo de 'Três Reis Magos'."

É possível se desejarem relações mais pronunciadas com o Cristo de milhares de anos após, que nasce de uma virgem, numa creche, cercado de animais, visitado por três reis magos, fugindo para o deserto por um lapso de tempo, sofrendo, morrendo como um Cordeiro, ressuscitando, etc.?

Foi dessas mitologias, calcadas na Cosmogonia, que nasceram os famigerados deuses do **Paganismo**, profligados pelo Mosaísmo, destruídos pelo Cristianismo e atrozmente perseguidos pelo Catolicismo, cujas doutrinas, no entanto, como se vê, muito se assemelham a eles.

Os poemas de Hércules, dos Argonautas[321], de Júpiter etc., são, segundo Dupuis, a exata descrição científica e não romântica da marcha ou evolução do Universo Sideral, demonstrando, por lateral comparação, a perfeita semelhança das poéticas alegorias do nascimento, vida, combate e morte de deuses de várias categorias, com o nascimento, marcha, oposição, conjunção e ocultação abaixo do horizonte, de todo o sistema estelar, para renascer, mais tarde, sob outros aspectos, de acordo com o novo signo zodiacal.

[321] Vigilantes do mar; Argus — olho; nautos — navegantes.

E já que estamos com a mão na massa, seja-nos permitido falar da "***Nova Jerusalém***", ali descrita por João, a ponto de ter formado a igreja dos swedenborgistas.

Para se compreender esta pequena digressão é conveniente ter-se à vista a Figura 1, do Arqueômetro.

Dizem o Apocalipse XXI, 2, 3 e os dois últimos capítulos: "*E eu João vi a Santa cidade, a Nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, adereçada como uma esposa ataviada para seu marido*..."

Esta cidade, diz ele, é quadrada e mede de cada lado 600 quilômetros, sejam, portanto, 2.400 quilômetros de perímetro, ou seja, os 12 mil estádios ali indicados.

Os muros medem cerca de 80 metros e fração de altura, ou seja, ainda, os 144 côvados ali citados.

Ela tem 12 fundamentos de pedras preciosas que são ali nomeadas, cujas cores são mais belas que as do arco-íris.

Ela tem 12 portas de pérolas diferentes, isto é, três de cada lado.

As avenidas são atravessadas de ruas formando ângulo reto.

Esta cidade vem descendo do céu... etc. Isso simboliza que toda sua descrição é baseada na astrologia e nas ciências que com ela se relacionam.

A analogia, portanto, dessa cidade com a forma geométrica do Arqueômetro é por demais patente, notando-se que o Arqueômetro é o aparelho, ou seja, o livro circular que os profetas comeram achando-o doce na boca e amargo no ventre, pois ele sintetiza todas as ciências.

Vejamos agora essas ciências, começando pela matemática.

Nas medidas antigas os 2.400 quilômetros acima citados equivalem aos 12 mil estádios ali indicados.

Os 80 metros e fração são o resultado das seguintes dimensões lineares: o côvado valia 22 polegadas, número correspondente à Ciência do Verbo, e a polegada valia 0,0255; portanto, os 80 metros e fração dão os 144 côvados indicados por João. Esse número corresponde, como já vimos acima, à nota Sol, por ser constituída fisicamente de 144 mil vibrações. Os 144 mil harpistas tocando 144 mil harpas, vistos por este apóstolo, são um simbolismo da Ciência sonométrica, cuja verdadeira chave se encontra no Arqueômetro.

Desenhando-se um quadrado com seis centímetros de cada lado na escala de um por cem, teremos, de acordo com a matemática templária, um quadrado com 600 quilômetros, ou seja, um perímetro de 2.400 quilômetros. Esses 600 quilômetros correspondem igualmente ao espaço de dois ângulos de 30 graus, acrescidos de um zero como estatuía a matemática para sintetizar um determinado fato.

Os 80 metros e fração são o comprimento da diagonal do quadrado. As 12 pedras preciosas são aplicadas simbolicamente a cada uma das 12 pontas da estrela. Essas pontas são as 12 portas de pérolas diferentes, que são as letras ali colocadas, isto é, três de cada lado, correspondendo exatamente às três pontas de cada lado do quadrilátero. E o simbolismo da mineralogia e da Ciência do Verbo.

Na porta do Oriente, diz João alhures, ninguém pode entrar ou sair senão o **filho do homem**; ora, já sabemos que essa porta tem por letra o Y de IShO (de Jesus).

As cores do arco-íris são as constituídas das três cores básicas do espectro solar, azul, encarnado e amarelo, aplicadas ao triângulo de IShO; as outras

três ao triângulo de M R H, exatamente nos intervalos das três básicas, resultando daí a fusão de seis, sendo a última, a sétima, que é o raio branco no qual residem as seis aplicadas ao centro, representando o Sol, simbolizando tudo isso a Ciência Cromométrica que, ligada à Ciência Sonométrica, definem a ciência Vibratória, hoje, em progresso assombroso, em todos os ramos do conhecimento humano.

Podíamos prosseguir em mais comparações; mas bastam esses pequenos reparos para provar que o Apocalipse de João é uma perfeita descrição, por meio do simbolismo usado naquela época, da Ciência Astrológica, hoje batizada de Astronomia, que encerra todas as manifestações fenomenais do Cosmos, como física, química etc.

Essas ciências que Jesus aprendeu nos templos de Jerusalém, e que desde sua meninice já explicava nas sinagogas, cujo desenvolvimento ele foi buscar em sua longa peregrinação na Índia e alhures, as transmitiu mais especialmente ao seu discípulo amado, mandando, porém, que as ocultasse por meio de outros símbolos, visto aquele povo não as poder compreender cientificamente.

Saint-Yves, por uma divina inspiração, descobriu toda aquela fantasia e, genialmente, a transportou para seu verdadeiro terreno científico, por meio da chave que ele denominou **Arqueômetro**.

Ora, isso é mais transcendental do que interpretações pueris de pessoas espirituosas, de uma cidade já construída, estilo Agache, pronta para ser expedida um belo dia para a Palestina por algum cometa de passagem.

Isso, porém, não quer dizer que os swedenborgistas esperem por esse acontecimento material. Eles atribuem o simbolismo de João ao sentido espiritual, segundo a Ciência das Correspondências, isto é, que a nova doutrina que deverá reinar na terra, no coração dos homens, será inspirada do Céu, sem contudo a

objetivarem, embora o façam espiritualmente. E a razão é simples: desconhecem as chaves do Arqueômetro e as do genial Dupuis. Se tal se der um dia, reconhecerão então que as palavras de João, não só neste caso como em todo o seu livro, encerram uma mitologia calcada nas outras mitologias de todos os povos, mas, sobretudo, dos da Grécia, com quem estava em íntima relação, e que ela é um resumo da ciência astrológica. E uma das provas disso é que várias vezes João, entre frivolidades aparentemente sem nexo, salienta intencionalmente as seguintes frases: "***Aqui há ciência***", "***aqui há sentido***".

Mas, por que essa cidade deve ser a de Jerusalém e não outra?

Porque Jerusalém, a antiga Salém de Melquisedeque, de cuja Ordem Jesus fazia parte, segundo rezam as escrituras, sendo a capital do Mosaísmo, era o sacrário da religião de Abraão e de todas as ciências antigas ali deixadas pelo patriarca Rama, as quais tinham de ser mais tarde novamente divulgadas à humanidade, e nessa mesma cidade evoluída. Foi o que fez Jesus confiando ao seu discípulo João as misteriosas primícias dessas ciências.

O Catolicismo, porém, entravou-lhe o desenvolvimento, não só ali como no próprio Ocidente, até o final do século XVI, século de trevas, de obscurantismo, de inquisição e de infernais perseguições por parte da Companhia de Jesus, quando então, com o advento da Renascença, tomou novo impulso, até hoje, cada vez mais crescente, em benefício da humanidade, se não moralmente ao menos materialmente, embora isso faça ranger os dentes dos jesuítas de batina e, sobretudo, dos de casaca, que querem ser mais realistas que o rei e mais cristãos que o próprio Cristo.

É essa ciência astronômica e cosmogônica que encerra a matemática, a física etc., que constituíam os chamados **Mistérios** dos Templos de Eleusis e de

muitos outros, cuja revelação era feita a uma classe de homens preparados, por isso que, chamados Iniciados, tal como se pratica, hoje, em nossas academias superiores.

Os primitivos cristãos sacrificavam os **Mistérios**, tal qual faziam os judeus, Jesus e os pagãos.

O Catolicismo emprega a palavra **Mistério** para encobrir sua completa incapacidade em discutir ou esclarecer um ponto qualquer da sua ortodoxia.

Os quatro cavalos do Apocalipse estão igualmente representados nesses mapas.

Da Constelação **Persea**, simbolizada por um homem a cavalo matando um dragão, o Catolicismo fez um São Jorge. Da Constelação **Coroa**, chamada Margarida, pelo seu brilho, colocada perto da **Serpente** sobre a qual tem um pé, fizeram Santa Margarida. Santo Hipólito[322] é o filho da Constelação **Teseu**, arrastado pela constelação **Cavalo**. A Constelação **Gêmeos** serviu para simbolizar Adão e Eva. E assim por diante.

> "*Submisso à voz do padre que ordena a fé e proíbe de raciocinar, o homem se esquece de que a essência da verdade é apresentar-se mais luminosa, quando é cuidadosamente examinada e aprofundada, ao passo que está na natureza do erro e do seu prestígio o receio de um exame sério."*
>
> *"A fé ou a credulidade em religião são sinônimos. O padre diz: crê-me; o sábio diz: ouvi-me e raciocina*."

[322] Hipo — Cavalo.

"*O inimigo da Razão humana, cujo principal aliado é o fanatismo e cujo principal efeito é o desenvolvimento do sentimento religioso, chama-se misticismo*."

O homem deve ouvir sua razão, consultar seu livre-arbítrio e julgar por si.

A palavra **liberdade** não existe no Catolicismo. O católico contenta-se com o termo e não liga importância à coisa.

Roma lhe ordena não pensar nisso, porque ela disso se encarrega por si. Que o homem se limite às concepções de um paraíso de eterna beatitude indolente, de um inferno igualmente eterno e terrível e de um Deus mau e vingativo.

"*É esse medonho espectro que o Catolicismo nos apresenta hoje. É esse espectro que caminha sempre a par do carrasco e do padre, mais cruéis que ele próprio*."

O que se quer implantar no Brasil é este fantasma armado de um punhal que matou milhões de homens na S. Bartolomeu, que devorou os primitivos habitantes do México, que exterminou milhões de vidas na Vandéia, que sangrou 20 milhões de fanáticos nas Cruzadas, que acendeu fogueiras em Roma, em Madri e em Goa, que absorve e empobrece o patrimônio das nações, com a remessa de ouro para as arcas do Vaticano, que procura manter o mundo acorrentado a essa **hidra** da ignorância e do fanatismo.

Quem alimenta essa hidra é mais inimigo da humanidade e da sua pátria em particular do que ela própria.

O erro é o egoísmo e a cupidez.

O contrário é a Fraternidade e a Caridade.

O Arqueômetro e as Artes

Pelo superficial estudo que acabamos de fazer da Astrologia e pelas aplicações a que nos temos referido no decorrer deste trabalho, do maravilhoso aparelho cuja semelhança com os apocalipses é perfeita, seja-nos ainda lícito, embora em poucas linhas, citar mais algumas analogias com referência às Ciências, às Artes, às Indústrias etc.

Por aí ver-se-á que esse instrumento mobilizável não é um brinquedo criado pela fantasia ou pelo gênio inventivo de um homem, nem petrecho de magia, nem **Signo de Salomão**, nem um divertido passa-tempo; mas, sim, o **Tabernáculo da Palavra de Deus**, em que se acham encerrados todos os princípios matemáticos das forças que regem o mundo e todos os universos.

Na sonometria, por exemplo, Saint-Yves descobriu o verdadeiro estalão musical, provando o erro dos Conservatórios de Música; aliás, estão todos de acordo em reconhecê-lo, por isso o chamam de **Temperado** ou **Tolerado**. Esse falso estalão métrico foi tirado dos de Ptolomeu e Arquimedes, sábios gregos depositários de farrapos da tradição.

Esse metro de Saint-Yves, ao contrário, coincide exatamente com o metro decimal, dividido em mil milímetros, ao passo que o Tolerado apresenta uma diferença de milésimos, razão por que todos estão de acordo em reconhecer que nossa música está mais baixa alguns pontos do que deveria ser.

Daí ter Saint-Yves organizado um novo sistema de Harmonia, de cujo segredo já se acha de posse, por nosso intermédio, o eminente professor de

Harmonia do nosso Conservatório, José Raymundo da Silva, segredo desvendado pelo discípulo de Saint-Yves, J. Jemain, professor de Música em Paris.

Na Arquitetura demonstrou Saint-Yves que esta Ciência tem como base fundamental o estalão musical acima, de que o sábio arquiteto francês Ch. Gougy, também discípulo de Saint-Yves, desvendou os mistérios em sua obra[323] e dos quais nossa revista *A Casa* tem publicado fartas demonstrações e causado sensação na classe de arquitetos. Essa chave também foi dada, por nosso intermédio, ao eminente professor da nossa Escola de Belas-Artes, Raul Saldanha da Gama.

Por essas descobertas, Saint-Yves demonstra praticamente que todos os templos da mais remota Antigüidade sejam os do México, do Peru, da Etiópia, do Egito, bem como os descritos por Moisés, Ezequiel, Daniel, João, sob o ditado do próprio Deus, e os levantados por Davi e Salomão foram todos construídos por acordes musicais, perfeitamente definidos pela matemática quantitativa e qualitativa, obedecendo a uma série de vibrações físicas e verbais, das quais resulta a razão científica do **módulo**, ainda desconhecida das nossas Escolas (Figuras 25 e 26, ver p. 463).

No livro da "***Construção dos Templos***", encontrado nas escavações do Egito, datando de mais de 8 mil anos, lê-se que todos os Santuários se erguiam sobre o modelo descrito no "*Livro das Divinas Arquiteturas*", como os de Edfu, Denderah e outros, e, também, se lê no manuscrito a descrição da fundação de Heliópolis (cidade do Sol).

Os próprios vasos desses templos, de cujos modelos os nossos são grosseiras cópias, não eram também o resultado da fantasia dos artistas, mas o efeito das vibrações musicais das **placas vibrantes** dos nossos gabinetes de física,

[323] L'Harmonie des Proportions et des formes dans l'Architecture, d'après les lois de l'harmonie des sons – Massin - Paris.

de acordo com a nota musical inerente a cada placa e com o acorde do nome litúrgico tomado como base[324] (Figuras 27, 28 e 29, ver pp. 466-467).

Na física, estão destruídas as teorias de Newton e de Chevreuil a respeito da composição do raio branco, que, em vez de puro e cinzento, pois, da cromática, o estudo das cores do espectro solar com suas vibrações, resulta o raio branco puro.

A movimentação do Arqueômetro[325] em uma sala fechada, onde penetre um pequeno raio de luz, põe em evidência as ondulações vibratórias do éter, fazendo destacar sobre ele uma atmosfera amarela, que é exatamente a cor fotogênica, desaparecendo as outras que, aliás, pareciam mais vivas.

Dessa descoberta, Saint-Yves estabelece para os pintores um sistema matemático de mesclar as tintas e uma nomenclatura de cores baseada em número e não em nomes, que nada exprimem e são incapazes de traduzir a cor.

Na filosofia, ele estabelece um **critério** científico baseado na Ciência do Verbo e não uma metafísica puramente humana.

Na filologia os lingüistas irão descobrir a origem, a significação científica dos termos litúrgicos da Antigüidade, dos nomes da Bíblia, desde Adão. Como pequeno exemplo, aliás já citado, tomando a figura hexagonal, vemos ali as letras I R colocadas a 180°, as quais, em adâmico, védico e sânscrito, significam: "*Palavra*", a "*Divindade da Palavra*", na qual se vê a relação do I de IShO. Inversamente, por metátese, RI significa: "*Ser rei*", "*Reinar*".

Em INRI também se encontram essas duas letras, que bem se poderiam interpretar por "*Jesus Nazareno Rei de Israel*", como Rei de Justiça, como Melquisedeque, e não como Rei político do Reino da Judéia.

---

[324] Vide O Arqueômetro.

[325] Possuímos o único e original aparelho construído pelo próprio Saint- Yves, cuja experiência fizemos. Seria de lamentar que mãos ignorantes o fizessem desaparecer, por isso que o presenteamos a uma editora.

O Arqueômetro encerra, embora velado, o verdadeiro esoterismo e a chave de todas as religiões da humanidade e de todos os seus conhecimentos científicos. Mas, não nos iludamos, ele o diz claramente: o Arqueômetro não fornece uma casa pronta, mas todo o material necessário para construí-la. A cada um o mérito de o conseguir.

Não será fácil sua construção. Mister se faz possuir inúmeros e vários conhecimentos de matemática, astronomia, física, química, pintura, arquitetura, hebraico, chinês, sânscrito, védico e, sobretudo, música, por mais extraordinário que isso pareça. Na China houve um tempo em que se dizia: "*Ninguém pode bem governar sua casa e ainda menos um povo se não souber bem música*". Houve um Ministério de Música.

Mas, organizado um grupo de cientistas, cada qual versado em uma especialidade, é certo que em curto prazo a luz brilharia naquele Cenáculo e a Verdade dali irradiaria aos poucos pelo Universo, para glória do Brasil e benefício da humanidade.

Todo Credo religioso ou filosófico iria encontrar ali os elementos necessários à elucidação de sua doutrina; todos reconheceriam a fonte primordial da qual eles jorraram. O anticristão verificaria que Jesus existiu de fato e o cristão se compenetraria que a doutrina moral que o Nazareno pregou foi bebida na Masdeísta e na Budista, condensada no Mosaísmo. O católico se convenceria, dado o verdadeiro desejo de salvar-se, que o culto romano lhe impinge, por meio do terror, penas eternas, impostas por um Deus mau e vingativo, às ordens do Vaticano, executadas por outro Deus rival de sua própria fabricação; verificaria mais que o Catolicismo, na pura acepção do termo, não é um culto religioso como soem ser os

de outros credos; mas uma organização genuinamente política, cujo ideal, embora utópico, é o de se apoderar das rédeas do mundo.

Conclusões

Sinarquia

Após a tremenda guerra a que assistimos de perto, a qual infelicitou o mundo pela desmedida ambição do militarismo, açulado por sua nefasta filha, a política, todas as nações não têm cessado de procurar uma fórmula para reimplantar a paz neste anarquizado planeta.

Têm sido, porém, vãos os esforços.

Ligas de Nações, Convenções etc., tudo tem sido tentado, além de várias propostas avulsas de eminentes políticos e sociólogos.

Se, porém, aparece uma proposta mais ou menos viável, surgem logo a astúcia e a hipocrisia sob a capa da diplomacia para inutilizar todo o trabalho.

Se bem que a atual proposta "*Kellog*" pareça satisfazer o desejo universal; ainda assim, ela deixa uma enorme brecha para a escapatória de qualquer uma das partes.

É, em suma, a repetição da catástrofe de 1914.

É querer apagar-se o fogo com líquido inflamável.

A única vantagem que poderia resultar dessas propostas seria forçar a provocadora a meditar bastante, antes de se entregar à aventura, pois as possibilidades do fracasso deveriam ser todas contra ela.

Desarmamentos parciais ou totais nunca impedirão que os homens se estraçalhem como feras, enquanto o poder for dirigido pela espada, pela política e por sua filha dileta, a diplomacia, sinônimos de anarquia, porque esta é a conseqüência da força, da violência e da astúcia e onde elas imperam não há lugar para a reflexão, para a calma e para a fraternidade.

É de notar-se o primeiro conflito surgido no momento em que foram escritas essas linhas, entre a Bolívia e o Paraguai, signatários do referido Pacto Kellog.

É de notar-se também o quase conflito sino-russo, cujas partes aceitaram o citado Pacto.

É típico o estado belicoso a que chegaram a China e o Japão, ambas signatárias desse Pacto.

É de estranhar-se, igualmente, o afã com que as próprias nações que fazem parte da Liga de desarmamentos, constroem apressadamente canhões e navios de guerra.

Todos os Tratados entre nações só têm produzido guerras funestas, porque as ambições sobrepujam o direito do mais fraco. É mesmo frase de Guilherme II de que os Tratados são trapos sujos.

Mas, então, como transformar-se o Regime Social do Mundo?

Um meio que nos afigura como de certa eficácia na diminuição dos primeiros embates guerreiros entre duas nações, seria a boicotagem do material de guerra às nações em luta, bem como de gêneros alimentícios destinados a esse fim e sua conseqüente exportação, sujeitando-se a nação que o fizesse à rigorosa penalidade monetária.

Foi a falta de munições de boca e de guerra, foi essa boicotagem que reduziu a Alemanha a levantar as mãos, pedindo paz.

Sem um porrete, ninguém pode dar porrada em outro.

Se o Ocidente tem encarado o Oriente com injustificável desdém, pois este nunca procurou incomodar aquele, com mais razão o Oriente teria o direito de recriminar o Ocidente pelas invasões militaristas, encobertas sob o pretexto de

civilização, pois o Oriente já existia, possuindo academias e uma religião modelar, milhares de anos antes do aparecimento das tribos selvagens européias que viviam em cavernas.

Contudo, o movimento nacionalista que irrompeu na China, com justa razão, bem pode ser o prenuncio de terríveis calamidades para o Ocidente; essas calamidades, no nosso modo de ver, serviriam de cáustico aos males políticos e religiosos que têm mantido a Europa e o resto do mundo em constante pé de guerra e transformaria o **Poder** em **Autoridade** para a felicidade da humanidade.

Assim é que se exprimia uma entidade chinesa[326] muitos anos antes dos presentes acontecimentos.

> "*Deixe lá, nós chineses somos pacíficos e vós sois guerreiros. Sereis vítimas de mútuas invasões e talvez de desmembramentos."*
>
> *"Sim, talvez a Rússia se apodere do Norte, a França do Sul e a Inglaterra do Leste. Mas... a raça de cabelos pretos tem o senso da história. Dia virá que vos diremos: Gentleman, é tempo de vos retirardes para vossas casas! E retirar-vos-eis!"*
>
> *"Por assim falar, talvez eu seja debicado; mas... rirá bem quem rir por último."*

E, de fato, o atual estado de coisas na China nada mais é do que uma ordem de retirada às nações que lhe invadiram o território. Como, porém, substituir o

[326] ROBERT HART — La terre de Simim.

Tigre pelo Cordeiro? Toda obra de Saint-Yves repousa exclusivamente sob este tema.

Devemos principiar eliminando o Tigre, sedento de sangue, personificado por Moisés, no Militarismo que absorve inutilmente uma boa parte do suor dos povos, empregando-se as fabulosas somas destinadas à destruição em sementes e instrumentos da lavoura, que deveriam ser manejados em tempos de paz, por esse mesmo exército desarmado, em campos apropriados, à guisa de exercícios militares. A própria renda bastaria para equilibrar a despesa e o povo viveria feliz pela fartura de produtos. Deixaríamos, então, de importar sementes de couve da Europa!

Para alcançar este fim, todas as nações deveriam começar proibindo a fabricação não só de armas de guerra como de brinquedos que lembrassem a guerra; soldados de chumbo, armas, tambores etc. deveriam ser banidos completamente; a formações de escoteiros com fins guerreiros, transformando-os em batalhões de reflorestadores e lavradores, substituindo a farsa da Festa da Árvore numa realidade prática.

Desse modo se iria infundindo o horror à guerra desde a mais tenra idade, em vez de alimentar em seus cérebros ingênuos a paixão sanguinária.

Nos bancos das escolas se incutiria às crianças o juramento sagrado de não obedecerem a seus superiores nas fileiras de uma milícia, quando forçados a marchar contra seus próprios irmãos, em matéria de revoluções políticas, como nos sucedeu em 1930-1932, porém, que estivessem prontos a reprimir uma invasão estrangeira, que viria destruir seus esforços e sua riqueza. Por falta de combatentes, as ambições partidárias se resolveriam na praça pública entre os contendores.

Mais útil à coletividade seria o aproveitamento do vigor da mocidade no reflorestamento da paz e sobretudo no do Ceará, condenado como está, num futuro não muito longe, a ser privado da madeira e da água.

Mas, para isso se faz mister um dirigente digno deste nome e uma Câmara Parlamentarista com responsabilidade direta.

Devemos curar, conseqüentemente, as loucuras cometidas pela política — causadora da anarquia, administrando-lhe o único antídoto denominado Sinarquia.

Para isso, bastaria realizar o ideal de Saint-Yves em sua obra — *Mission des Ouvriérs*. Esse ideal sintetiza-se na escolha dos representantes da Nação em três categorias distintas de especialistas, na instrução, na justiça e na economia.

Essa escolha se faria com listas de especialistas nessas matérias entregues ao povo, que votaria no número cominado em lei.

Assim como não se entrega a direção de uma locomotiva a um doutor diplomado, ou seja, a um leigo, nem ao manicômio a um louco, com mais razão não devemos entregar a direção de uma nação a indivíduos incompetentes; mas, sim, procurar especialistas nas respectivas matérias.

Essa idéia que tivemos a honra de submeter à apreciação do Governo Provisório, cinco dias após sua vitória, foi infelizmente desvirtuada, agora, (1933), com a apresentação de **Representações de classes**.

Será curioso assistir-se na Câmara aos debates entre o pedreiro, o sapateiro, o barbeiro, o padeiro, o motorneiro etc. etc., para defenderem os complexos interesses da Nação. Preparemo-nos para rir!

Pela forma exposta tudo quanto se referisse ao ensino, à justiça ou à finança seria estudado e legislado unicamente pela respectiva Câmara especializada, sem intromissão das outras duas câmaras, leigas no assunto.

Devemos igualmente manter intangível o sacrossanto direito do homem em matéria de liberdade de pensamento e de crenças que tão alto tem elevado e engrandecido a França, Portugal, Espanha, México e a nós mesmos, durante 42 anos, já na seleção de um povo forte, sadio e inteligente como na aquisição de uma riqueza monetária extraída do próprio seio em que ela dorme, pela incúria dos homens.

Devemos, por isso, impedir a intromissão de determinado credo religioso na direção intelectual, direta ou indireta, de um povo jovem como o nosso que acaba de sair da adolescência, pois o resultado seria a sua escravidão a essa mesma seita, cujo ideal é a volta do feudalismo medieval, com todas as fatais conseqüências de perseguições, mesmo presentemente demonstradas, embora ostentando um rótulo de bondade e caridade.

Para conservar seu poder e suas riquezas, o Papa não trepidaria, por meio de novas cruzadas, em sublevar e anarquizar o Universo, embora cobrisse a Terra de cadáveres e mudasse a cor dos rios e dos mares para vermelho.

Disse Swedenborg há três séculos: "*Sem a Reforma que reprimia o domínio dos Papas, eles teriam se apoderado das possessões e das riquezas de toda a Europa, tornando-se então únicos senhores, sendo os homens seus escravos. Sua opulência já vinha de séculos em que eles podiam excomungar e destronar os reis que não lhes obedecessem*".

"*Em tais homens, a Igreja não é o que era no começo; estes, no começo, aparentavam zelo pelo senhor, pela palavra, pelo amor, pela fé e principalmente pela salvação das almas; mas hoje neste zelo está o culto em fogo de domínio que, pela marcha do tempo, explode conforme o Poder se avoluma. À medida que cresce, as coisas santas da Igreja tornam-se os meios, e o domínio é seu fim."*

"Quando o domínio alcança o fim, as coisas santas da Igreja são empregadas por eles para atingir este fim e, então, não só se arrogam o Poder sobre as almas, mas apropriam-se mesmo do Poder do Senhor."

Tais palavras parecem escritas hoje.

Foi por isso que em 14 de julho de 1789 a humanidade, representada na heróica França, apavorada, cansada de assistir a tantos horrores, farta de tanto sangue derramado e de tanta cinza humana, em nome do meigo Jesus, arfou de desespero e fulminou em nome desse mesmo Jesus essas nefastas e criminosas corporações, fazendo raiar a época de liberdade, igualdade e fraternidade, de que a humanidade tem tirado algum proveito — senão gozado plenamente dela.

Entretanto, segundo o correspondente de *O Jornal* de 24 de outubro de 1929, o Papa já cogita de coroar novamente o Rei da Itália, como prenuncio de uma volta àqueles tempos. É que os italianos sempre foram ávidos por festas carnavalescas, embora o resultado lhes seja desagradável. Pasquino, que era a voz do povo, não cessava de lamentar-se quando essas festas eram suprimidas, como se vê de uma de suas pasquinadas, pela morte de Leão XII:

"Pregaste-nos três peças, ó Padre Santo:

Aceitar o Papado, viver tanto

E morrer no Carnaval para ter pranto[327]*..."*

E Mussolini, que conhece a lama italiana, procura satisfazê-la sempre com esses aparatos carnavalescos já ferreteados por Pasquino.

Saint-Yves remontou à origem do mal, escalpelou-o em todo sentido, acompanhou a marcha milenária da moléstia por entre as nações e, por fim, verificou que o único remédio eficaz é o que tem por nome Sinarquia.

E o regime social de Rama, o mesmo que Moisés implantou de novo entre o povo que selecionou para este fim, povo rude, teimoso, inimigo da servidão e do jugo político, o mesmo que Jesus veio confirmar com seu sangue e que chamava — Reinado da Paz — Reinado do Céu.

Nesse regime quem rege a nação é a Autoridade e não o **Poder**, é a pena e não a espada, é a justiça e não o arbítrio, é o Cordeiro e não o Tigre de unhas afiadas sempre sedento de sangue.

Governar é prever; prever é saber; saber é lembrar-se; assim diziam os antigos.

Foi pela palavra, pelo saber que Amenófis IV, rei de Tebas, há 2.200 anos, pai de Tutancâmon, cuja múmia foi descoberta, evitou a invasão do seu país, convencendo o inimigo de que isso era contrário aos desígnios do Criador.

A primeira guerra travada no mundo realizou-se há sete mil anos, por Smerkt, sucessor de Menés, primeiro monarca da primeira dinastia menfítica, por ele instituída.

---

[327] F. HAYWARD – escritor católico – Le dernier siècle de la Rome Pontificale.

As armas da Autoridade são o ensino, a justiça e a economia, que fazem a riqueza de uma nação, ao passo que as do Poder são o arbítrio, a força e o despotismo que tudo desorganiza, a ponto de empobrecê-lo até seu aniquilamento.

Toda a história da humanidade aí está para confirmar o que acabamos de dizer. A única dificuldade, aliás, aparente, consiste no aparecimento de um Pontífice para o Governo Geral do Mundo, porém, destituído de dogmas ou de idéias imperialistas.

Esse Pontífice estaria indicado no Cristianismo, se não fossem aquelas peias, porque então facilmente haveria a reconciliação de todos os credos divergentes.

A liberdade poria o Papa à testa do mundo. O exclusivismo estreito o isola do mundo.

Este Pontífice deveria residir em Jerusalém cujo território seria tornado neutro e passaria a ser a **Capital do Poder Espiritual**, mesmo porque Jerusalém é a encruzilhada dos três continentes do Antigo Mundo: Ásia, Índia e África.

Neste sentido tivemos oportunidade, em junho de 1931, em virtude dos graves acontecimentos surgidos na Espanha, na Itália, na Lituânia e no México contra o Vaticano, de sugerir, por carta ao primeiro-ministro da Itália — *il Duce* Benito Mussolini —, a remoção para Jerusalém do grotesco personagem que, por procuração outorgada por si próprio a si mesmo, se intitula pomposamente o Representante de Deus na Terra, baseado em um direito de sucessão, que abrange os grandes celerados que ocuparam a cadeira pontifical. Desse modo, ficariam cerceadas suas ambições políticas européias e preparada uma nova era de paz espiritual para o mundo.

Seria a volta do Reinado da Paz, da antiga Salém, da Sinarquia de Moisés, como regime social, tendo uma religião universal a **Judeu-Cristã** que é, em suma, a religião do Cordeiro, não fusionadas, umas com as outras, no pé em que estão, porque toda fusão traz forçosamente confusão, em decorrência dos componentes heterogêneos; mas decididamente aliadas, porquanto a base, a essência, a doutrina de todas são as mesmas, emanadas da mesma Lei que é o Decálogo, alicerce de qualquer **religião** do mundo, por mais esquisita que possa parecer.

Não há nenhuma religião que mande não adorar a Deus, que mande matar, roubar, caluniar etc.; mas há o culto católico que manda cometer todos esses crimes, uma vez que faça restrição mental.

Fusionar também não é combinar. Na fusão os elementos misturados permanecem tais quais em constante ebulição; na combinação eles desaparecem na aparência, mas persistem na sua essência para dar lugar a uma nova realidade superior.

Dogmas, liturgia, teurgia, ritualismo, tudo é dispensável.

Será uma utopia?

Não.

Essa experiência já foi feita duas vezes na própria China, em 1913 e 1925. Senão leiamos o "***Eco***" publicado no ***Universo Israelita***, em 9 de outubro de 1925:

"Um Cartel das Religiões"

*"As **'Notícias Religiosas'**, bureau católico da imprensa, publicaram em seu último número que, ante as*

ameaças do materialismo ateu, inimigo de todos, constituiu-se recentemente, em Pequim, uma Sociedade de Defesa e de Socorros Mútuos das Religiões".

"Budismo, Taoísmo, Maometismo, Igreja Ortodoxa, Protestantismo e até o Catolicismo fizeram-se representar".

"Acrescentam as 'Notícias Religiosas' que esta Sociedade não se ocupava de nenhuma questão de dogmas ou de disciplina religiosa, o que permitiu que os católicos tomassem parte.

Já em 1913 o mesmo fato se produziu na China, onde se formou o ***Cartel das Cinco Religiões****, para combater a noção do Confucionismo, religião do Estado. (?!)*

O que é possível na China não será também possível na nossa Europa, de pós-guerra, onde o ateísmo e o materialismo são ameaçadores?"

J. Bricout, protótipo do católico, em sua citada obra[328], na qual colaboraram 15 personalidades das maiores intelectualidades católicas européias, assim se exprime a respeito dessa religião que talvez tenha soado pela primeira vez aos ouvidos do leitor:

"*A Religião Judeu-Cristã é uma expressão que eu emprego, com a devida permissão, para salientar a unidade*

[328] Tomo II, página 532.

substancial do Judaísmo e do Cristianismo. O primeiro é a Aurora e a preparação do segundo.

"A Religião Judeu-Cristã se assemelha, sem dúvida, em certos pontos, com todas as religiões, embora ela difira por outros".

"E claro que a Religião Judeu-Cristã por ser uma religião que corresponde às mesmas necessidades das outras religiões deve, como elas, abranger uma moral, um culto e sacerdotes".

"A originalidade, a superioridade e a transcendência da Religião judeu-Cristã é inegável".

"O Cristianismo mergulha suas raízes na religião de Israel[329] *ao mesmo tempo em que desaparecem os limites que embaraçavam a expansão da antiga religião, a nova (a Judeu-Cristã) adquire todas as aptidões que podem fazer dela a Religião Universal (Toussaint)*[330]*."*

"A religião que Maomé anunciava era uma espécie de Judeu-Cristianismo, que ele acreditava estar em conformidade com a Bíblia. Não se pode duvidar da sinceridade de Maomé".

"Esse profeta pretendia reatar a tradição patriarcal e restaurar a religião de Abraão[331]**"**.

[329] Tomo II, página 548
[330] Um dos 15 colaboradores.
[331] Página 438.

A religião que Pedro, João, Tiago, Mateus e Barnabé pregaram em Jerusalém, e por todo o Oriente, era positivamente a Judeu-Cristã, como se verifica nos evangelhos, nas Epístolas de Paulo e nos Atos dos Apóstolos. A questão é ler e não fechar os olhos à evidência.

O apóstolo Tiago, irmão de Jesus, após sua morte, usava em Jerusalém as insígnias de Grande Sacerdote Judaico, certamente por estar de acordo com a doutrina do Mestre, sem o que ele não iria usar os hábitos talares de uma religião condenada pelo mesmo.

Paulo, porém, como já dissemos, discordou desse modo de ver porque entendia que Jesus havia ab-rogado a lei mosaica com seu sacrifício, o que é um contra-senso porque a doutrinação de Jesus a confirma, a não ser que Jesus não soubesse o que fazia, nem dizia. Paulo confundiu a lei social com a espiritual, que reside no Decálogo e nem uma nem outra o Messias ab-rogou porque ele veio exatamente para confirmá-las e salvar o **povo de Israel**, isto é, o povo escolhido por Deus, seu **filho primogênito**, das garras de um terrível despotismo romano.

Ora, como o Mosaísmo é a religião depositária de toda a tradição da Antigüidade, o que ainda ninguém foi capaz de contestar, nem o próprio Paulo[332], fácil seria trazer o Bramanismo, o Budismo, o Lamaísmo, o Islamismo, o Ortodoxismo, o Protestantismo e o próprio Catolicismo à mesma fonte da qual afinal saíram.

Santo Agostinho, em **Retratações** L. I. capítulo XIII, n° 3, diz:

"*A coisa que se chama hoje Religião (ou Síntese) Cristã já existia entre os antigos. Ela não passou desde a*

[332] Epístola aos Hebreus.

origem de assistir o gênero humano até que o Cristo veio em pessoa encarnar-se nela. Daí o nome de Cristã que foi desde então dada a Religião (ou Síntese) verdadeira, a que já existia".

Ora, isso é dito pelo maior doutor da Igreja Católica e confirma plenamente tudo quanto temos dito a respeito da origem da religião de Cristo.

O próprio São Tomás de Aquino, outro eminente sábio da Igreja, reuniu todos os conhecimentos da Antigüidade, agrupados por Aristoto, com adição das doutrinas dos judeus e dos árabes e reconheceu que o Cristianismo tinha suas raízes em todas elas e que a doutrina do Cristo nada veio inovar, confirmando assim as palavras de Jesus, de não ser dele a doutrina que pregava, mas, sim, a do Pai, a de Jeová.

"*Será, como diz Saint-Yves, a Igreja Universal, porque ela se define por si própria na Sinarquia através dos tempos: é a Igreja Patriarcal — a Igreja Mosaica — a Igreja Evangelista, as quais possuem sua Língua, seus Mistérios, sua Síntese velada."*

"Essas igrejas não morreram, ainda vivem em todo seu fulgor: é a Patriarcal Noéchida ou Ramida, com seus Livros Védicos, a Mosaica com o Tora e a nossa com o Evangelho."

O Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo são as "Três Filhas da Bíblia", segundo Hyppolite Rodrigues. O mal de Roma é que tem carcomido o homem. Dia virá, porém, que a religião judeu-cristã será a Religião Católica, isto é, a Universal,

como sonhou Leibnitz, e o mundo será regido socialmente pela Sinarquia, pois a humanidade já se sente, por demais, envenenada com tantos tóxicos espirituais fabricados para matar este ou aquele pecado e procurará então voltar à primitiva fonte da qual continua a jorrar em profusão a Verdadeira Luz.

Essa fonte está no **Agartha**.

É um lugar existente pelos lados da Tartária, na direção do Himalaia, mas totalmente desconhecido dos povos, lugar descrito na *Mission de Vinde*, apesar da nossa visível contradição e ao qual também se refere Ossendowski[333], em seu sensacional trabalho já traduzido para o nosso idioma.

Esse autor, que é muito provável nunca tivesse lido aquele livro, por ter sido reconhecida e queimada por Saint-Yves a edição de 1886, da qual escapou um exemplar que havia sido dado ao seu sogro, o Conde de Keller, que por sua vez o doara aos Amigos de Saint-Yves, em 1910, para sua reedição, revela a existência desse lugar, sem, contudo, lhe determinar posição geográfica e desvendar certos fatos extraordinários que estabelecem uma perfeita concordância entre si.

Essa concordância impressionou por tal forma a intelectualidade européia, que motivou o aparecimento, em 1927, do sensacional estudo de René Guénon[334], comparando as revelações de Saint-Yves com as daquele escritor russo.

Ossendowski diz que o **Agartha**, cuja significação é o intangível, o impalpável, o inacessível, o inviolável, tem flagrante semelhança com Lhassa[335], que é o centro do Lamaísmo, religião dos Lamas, ou seja, a de Rama e a de Zoroastro, cuja sede outrora era o Paraíso. Isso parece certo, como posição geográfica, mas há

[333] Homens, Bestas e Deuses.
[334] Le Roi du Monde.
[335] Casa de Deus.

mais de seis mil anos passou a funcionar subterraneamente, correspondendo essa data com a do Kali-Yuga, ou idade do ferro, idade negra dos antigos ocidentais.

João em Apocalipse V 3, 13; Paulo em Epístola aos Filipenses II, 10 e Isaías em XLV, 23 fazem referências a habitantes de **debaixo da terra**, os quais, certamente, pela linguagem empregada, não serão as minhocas nem as toupeiras nem tampouco se pode atribuir essa concordância à força de expressão.

No norte da Rússia há ainda um povo que vive exclusivamente **debaixo da terra**, onde tem suas casas, suas plantações etc., saindo só para caçar em determinada época.

Anna Catharina Emmerich, segundo René Guénon, teve a visão de um lugar misterioso, que ela chama de "*Montanha dos Profetas*" e que se situa na mesma região do Agartha.

Swedenborg declara que é entre os sábios do Tibete e da Tartária que é preciso procurar a "*Palavra Perdida*".

O título em hebraico das Epístolas de Paulo refere-se exatamente a esse lugar: "*Agartha-al-Ephesim, Agartha-al-Galatim, Agartha-al-Romin, isto é, o Agartha aos Efésios, o Agartha aos Gaiatas e o Agartha aos Romanos*".

Será uma utopia ou uma fantasia essa localidade?

O tempo nada é na vida do homem; é o intervalo obedecendo à Lei dos Ciclos que rege a marcha dos Cometas. O que hoje é uma utopia, amanhã é uma realidade; disso tem a humanidade sobejas provas.

Tempo virá, pois, em que essa Academia se manifestará ao mundo.

A semente já foi lançada por Saint-Yves; as chaves foram por ele achadas e todo o plano **Sinárquico** se acha organizado.

Nada há que desorganizar nos regimes políticos atuais; os barcos governamentais continuarão, por certo tempo, a se moverem sob as ordens dos atuais comandantes e oficiais, que se irão substituindo, de acordo com o plano traçado.

Só restará, depois, aguardar o aparecimento do Pontífice a que já nos referimos, mas revestido da verdadeira qualidade teologal e não de um Papa-Rei armado com a espada imperialista e com legiões de fanáticos, espiritualmente cegos, aos quais nem é dado o direito de pensar.

Papa Rei

Nosso intuito agora não é de descrever a vida dos Papas, para isso há centenas de obras a respeito, baseadas na documentação arquivada na própria Biblioteca do Vaticano.

Salientaremos, simplesmente, a antinomia do título de Papa, para com os próprios princípios doutrinários do fundador da Igreja cristã.

O termo **Papa** é um diminutivo familiar de **papá**, papai, atribuído ao bispo de Roma, como sendo o Pai da família cristã. Ora, Jesus proibiu que o chamassem de Pai, porque este título só pertence a Deus que é o Pai de todos. Não consentiu que o chamasse de **Bom**, de Mestre e ainda menos de Santo; mas o Papa é chamado de **Bom Pai** e até de ... Santíssimo Pai.

Jesus não tinha onde repousar a cabeça, só tinha uma túnica, um par de sandálias e se alimentava quando a sacola de Judas, seu Tesoureiro, o permitia. Proibiu a construção de templos. Enviou seus apóstolos a pregar o Evangelho do Reinado da Paz, sem alforjes. Repudiou o título que lhe queriam dar de **Rei de**

Israel e fugiu mesmo para o monte. Em suma, pregou a bondade de coração, o amor ao próximo e deu o exemplo da perfeita humildade.

Se Jesus disse, fazendo, como querem, um trocadilho inadmissível na língua que ele falava, que sua Igreja seria construída sobre a rocha, isso não significa que ele fizesse Pedro de **pedra** fundamental do seu Templo, pois este mesmo apóstolo, em **Atos**, frisa que Deus não reside em templos de pedra, construídos e servidos pela mão do homem, confirmando as palavras do seu mestre, quando este mandava que todos se recolhessem ao seu aposento, em segredo, e aí implorassem ao Pai que tudo via e lhe concederia o voto.

Ademais, quem ficou representando esse templo em Jerusalém foi Tiago, discípulo e irmão de Jesus, revestindo as insígnias de **Sumo Sacerdote dos Judeus** e não do Cristo, que não usava nenhuma.

Pedro, portanto, conservou-se na penumbra ou quando muito, por sua idade, como era praxe respeitar-se, presidiu uma agremiação de fiéis, aliás, destruída por Paulo, que não consentia que Jesus tivesse instituído sua Igreja sobre a **circuncisão**.

Quando Cornelius se ajoelhou aos pés de Pedro para adorá-lo, este levantou-o dizendo: "*Levanta-te, eu mesmo também sou homem*" (Atos X, 26).

Entretanto, quão longe estão seus sucessores dessas lições de humildade!

Há mesmo, por parte do Catolicismo, uma declarada ojeriza aos sãos preceitos do verdadeiro Cristianismo, ojeriza que temos notado a cada passo e que não pode sofrer a menor contestação.

Os primeiros dirigentes da Igreja de Cristo eram simples bispos (vigilantes), ora escolhidos dentre eles, ora por imposições partidárias, ora por

conquista pelas armas; havia mesmo, às vezes, dois e três bispos simultaneamente, o que denotava a anarquia espiritual reinante no Vaticano, que mais parecia ser dirigido pelo próprio Satanás, conforme teremos ocasião de ver.

Era a ambição do Poder pessoal e não a humildade espiritual que os guiava. Era o orgulho satânico que fazia pulsar o coração desses energúmenos, pois, seguindo as teses que inspiraram o Reinado de Gregório VIII: "***Um Papa romano torna-se indubitavelmente um SANTO. Só há no mundo um nome único: PAPA. É o único homem a quem os povos devem beijar os pés. Ele não pode ser julgado por ninguém. Ele tem o direito de depor os imperadores. A Igreja Romana jamais errou e não pode errar***".

O Papa se considera investido de uma delegação sobrenatural, de um Poder absoluto, ilimitado, estendendo-se tanto sobre as consciências, como sobre os atos exteriores: é um **Deus Vivo**, cuja autoridade não pode sofrer limite ou **controle**, um ser sobre-humano, confidente do Espírito Santo, pronunciando oráculos.

Mas sua ousadia sobe de ponto quando ele se intitula **maior que Deus**. Senão, ouçamos o Papa Nicolau III, na 96º distinção do Direito Canônico: "***Que é evidente que o Pontífice romano não pode ser julgado por ninguém, porque ELE É DEUS***!"

Jamais se encontra maior blasfêmia satânica, vomitada em Credo algum do mundo, por mais pagão ou herege que seja. O próprio Satanás, julgando-se **igual a Deus**, não teve tal ousadia!

Se fosse no Paganismo, Júpiter teria fulminado com seus raios o canalha que a tal se atrevesse!

O Papa, protótipo do orgulho como se vê (Figura 23), se considera o **Rei dos Reis**, o **Rei do Mundo** e, como tal, mantém, além de um exército armado e municiado[336], toda a hierarquia política e nobiliária dos regimes monárquicos, representada pelos Cardeais, que equivalem a Vice-Reis das Províncias Vaticanas; estas são as nações, representadas pelos Núncios, que são os Embaixadores políticos, pelos arcebispos, bispos, monsenhores, cônegos etc., que ocupam cargos correspondentes aos de vice-rei, governador, ministro, cônsul, juiz etc., com sua Corte de Príncipes, Marqueses, Condes, Viscondes e quejandos títulos vaidosos profligados pelo Cristo, nas seguintes palavras: "*Bem sabeis que os príncipes dos gentios os dominam e que os grandes exercem autoridade sobre eles. Não será assim entre vós; mas todo aquele que quiser, entre vós, fazer-se grande, seja vosso fâmulo; qualquer dentre vós que quiser ser primeiro, será vosso servo*". "*Não é o servo maior que seu Senhor, nem o enviado maior que aquele que o enviou*" "*e entre vós não haverá maior nem menor*[337]".

Em agosto de 1929 foi comunicado ao mundo inteiro que o Papa Pio XI ia conferir títulos de nobreza a grande número de personalidades italianas e estrangeiras, antes de terminar o ano do seu jubileu sacerdotal.

Dizia-se que **Sua Santidade** (que aberração) criaria dois novos príncipes, três duques, 20 marqueses, 45 condes e 60 barões.

Príncipes? Para quê? Para herdarem o trono?

Os mais importantes príncipes romanos saíram do nepotismo. Há no Capitólio um registro, por ordem alfabética, de toda a nobreza romana a qual os Papas são ramificados. Por aí se reconhece que eles têm uma genealogia terrena, mas não celeste.

---

[336] FERNAND HAYWARD – *Le dernier Siécle de Rome Pontificiale* – 1927.
[337] João XIII, 16.

A história da nobreza romana, intimamente ligada à nobreza pontifical, é simplesmente inconciliável com os ensinos de Cristo.

A primeira elevação oficial a Papa foi feita 607 anos depois de Cristo, na pessoa de Bonifácio III, pelo imperador Phocas, cruel, assassino, o que prova que a Igreja não havia herdado esse título por hereditariedade de Pedro, Sancho ou Martinho, nem de tal supremacia se cogitava. A necessidade política é que constituiu essa nova forma de governo espiritual.

> "*Desde a primeira homenagem do beija-pé de um Papa, toda a vida desse homem é uma cadeia sem fim de adorações e tudo está ajeitado de modo a fazê-lo crer que um abismo o separa dos outros mortais*[338]."

O papismo, outorgando-se por suas próprias mãos a representação de Deus na Terra, força seus adeptos a adorá-lo como sendo o próprio Deus e aos santos como a semideuses.

Essa pretensão a Vice-Deus não passa de uma **idolatria** à sua pessoa, conforme o Cardeal Contarini já havia censurado ao Papa Paulo III.

Quando um Papa é reconhecido pelo Conclave, revestem-no com indumentária própria, passando então a ser adorado por três vezes.

A primeira consiste em beijar-lhe os pés e as mãos pelos Cardeais ajoelhados, tudo acompanhado de coros, música e badalar de sinos.

A segunda efetua-se quando ele é colocado com a mitra sobre o altar, onde é adorado pelos mestres-de-cerimônias.

---

[338] Rui Barbosa — *O Concilio e o Papa*.

A terceira, quando revestido com seus hábitos pontificais, é colocado sob um palio vermelho ante o altar-mor de São Pedro e adorado pelo povo.

Envolto em nuvens de incenso e embalado por uma música litúrgica, qual o homem que não se deixaria levar a essa tentação superior às forças humanas?

Oliva, Geral dos Jesuítas, disse: "*Tão deplorável influência tem as cerimônias no caráter do eleito a Papa, que nenhum* ***homem de bem*** *deseja essa dignidade e o melhor dos Cardeais* ***promovidos*** *a Papa não saberá desempenhar as boas intenções que tinha antes de eleito*[339]".

Por ocasião da morte de um Papa, poremos de parte as complicadíssimas cerimônias desde o momento em que, com três marteladas no alto da cabeça, imitando os costumes pagãos, se reconhece oficialmente seu falecimento, até o embalsamento que condenaram aos egípcios e salientaremos, apenas, que seu corpo é colocado no ataúde com os pés em evidência; o ataúde é empurrado junto a uma grade para permitir que o povo venha beijar-lhes as plantas, ainda depois de morto!

E é esse ostensivo protótipo do Orgulho e da Vaidade que pretende representar o meigo e humilde Nazareno!

"*Quem recebe o pobre recebe a mim*", disse Jesus; mas não seria de admirar que se este, em pessoa, tivesse a lembrança de, um dia, bater às portas do Vaticano para conferenciar com o Papa fosse repelido como qualquer vagabundo, embora ele jurasse ser o próprio Jesus; isso, aliás, já aconteceu com o Mahatma Gandhi, quando procurou humildemente o representante de Cristo; não lhe consentiram por causa de sua **ridícula** e **miserável** túnica, igual, entretanto, à que Jesus usava!

[339] Rui Barbosa — Passim.

Haverá alguém no mundo que não tenha ouvido falar de Gandhi e de sua incomparável moral, cujo Verbo manso tem feito estremecer a mais potente nação?

Como Cristo, ele veio redimir um povo de 500 milhões de almas, escravizadas pelo despotismo das armas; como Cristo, ele deu a vida por esse povo; como Cristo, ele implora ao Todo-Poderoso, a Deus, que ilumine a Inglaterra.

Será ele uma nova encarnação de Jesus, como o indicam os livros védicos?

Pois foi a esse homem que o vice-Deus fechou a porta!

É o orgulho de Satanás rechaçando pela sua sentinela armada a humildade de Jesus. É a política vaticanista de braço com a política inglesa. É o poder temporal afugentando o Espiritual.

Entretanto, se há religião que exclua a política dos seus ensinos doutrinários, é decerto a de Jesus, pois ele disse: "*Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus*", e "*entre vós não haverá nem primeiro nem último porque meu reino não é deste mundo*" (Figura 23).

Jesus cedeu a César todo o Poder deste mundo, assim disse Wyclif.

Santo Atanázio escreveu que "*é lamentável quando se lê a história do quarto século, ver a política penetrar na Igreja e a própria Igreja se dividir em partidos; de ver tantas assembléias, tanta velhacaria, tantos compromissos, tanta fraqueza, tantos anátemas*".

Shopenhauer (*Philosophie des Religions*) diz:

> "*Entre os governantes, os mais astutos fazem aliança com os padres; os outros pelos padres são dominados*".

Jesus, inspirando-se no *duum virato*, Saul-Samuel, dividia com esta frase o **Poder** em dois Poderes, o Espiritual e o Temporal, isto é, a Igreja e o Estado.

No Monte das Oliveiras, respondendo aos seus discípulos, que o argüiram a respeito da destruição dos templos, ele disse, entre muitas outras coisas, o seguinte, que repetimos em paráfrase: "*Embora o Espírito de fanatismo vos empolgue e vos atormente, pregai a tolerância, exortai ao amor e à paz e não vos interesseis por partido algum, religioso ou político*".

Entretanto, em terrível antagonismo com essas palavras do Cristo, por um verdadeiro espírito de contradição e de desrespeito às suas sentenças, o Papa Pio XI, Rei do Estado do Vaticano, cria duas moedas, em que estampou, por ironia, não só sua imagem, como a do próprio legislador que a condena e de sua venerável mãe!

São essas as características dessas moedas: as de ouro, de cem liras, têm a efígie do papa, com a legenda: "*Plus Papa XI Pontifax Maximus Anno VIII*". No reverso, a imagem do Cristo-Rei, com cetro de coroa (é o cúmulo) e a inscrição: "*Estado da Cidade do Vaticano*".

As de prata, de dez liras, ostentam o busto de Pio XI, e no reverso a Virgem coroada e sentada em um trono.

Com sinceridade: isso é religião ou política?

E de onde lhe vêm esse ouro e essa prata, que lhe permitem cunhar avultada soma, quando é patente não existir na Itália e ainda menos na cidade do Vaticano minas desse rico metal?

É do **Dinheiro de São Pedro**, colhido em todo o Universo.

É uma das causas do empobrecimento do Brasil onde, aliás, ele aflora à terra, onde as minas não faltam e onde jamais conseguimos cunhar uma só moeda nos 40 anos de República.

É sabido que ao estourar a República, em 1889, o país nadava em ouro; o caminho estava além do par, o papel valia mais que o metal.

É edificante!

Os judeus disseram a Jesus, na cruz: "*Se és o filho de Deus, desce da cruz*" (Mateus XXVII, 40).

O verdadeiro cristão tem hoje o direito de dizer ao Papa: "*Se és o Pontífice, desce do trono*". Porque os dois cargos simultâneos são incompatíveis, são incoerentes, se combatem e se repelem. A mesma cabeça não pode mandar ferir e perdoar. O trono e o altar são invenções da tirania e da fraude.

Os poderes Espiritual e Temporal, reunidos na mão de um único Senhor do Planeta, seriam a pior das escravidões e a maior calamidade humana. Além disso, o Papa torna-se um verdadeiro bicéfalo.

A perda do Poder temporal em 1648, na frase do ex-padre F. R. dos Santos Saravia, foi um benefício para os povos, pois hoje se usufrui maior liberdade, mais justiça e humanidade, menos violências brutais no funcionalismo, mais liberdade de consciência, menos opressão religiosa e, sobretudo, a ausência completa do Tribunal do Santo Ofício e o descrédito das pessoas espirituais da Igreja.

O papel da religião é todo espiritual e pessoal e é neste terreno que ela se deve conservar e de portas adentro, como em Portugal, no México e outros países adiantados.

Já Mirabeau, em 1789, declarou perante as Câmaras:

"*A Religião não é mais nacional do que a Consciência. Não se pode proclamar uma religião nacional, porque a verdade não se vota. Em uma nação só pode haver de Nacional instituições estabelecidas para produzir um efeito político e a religião não sendo senão a correspondência do pensamento do homem com o pensamento divino, segue-se que ela não pode tomar, a tal respeito, nenhuma forma civil ou legal*".

O rei Guilherme respondeu ao Papa Pio IX, em 1874:

"*O dever me incumbe de dirigir meu povo numa luta que já antigos imperadores alemães mantiveram durante séculos contra a potência católica, cujo domínio nunca se mostrou em país algum compatível com a paz e a prosperidade dos povos*".

Com que direito o Estado intervém entre o homem e a divindade para dizer ao homem: "*Proíbo-te de servir Deus desta maneira*" e a Deus: "*Proíbo-te de receberes as homenagens que são oferecidas sob uma forma que não é a nossa*!?"

Ora, se Jesus disse que "*seu reino não era deste mundo, porque, se o fosse, os judeus pelejariam por ele e seu pai mandaria legiões de anjos para combater*", como forçá-lo a ser Rei?

Mais curial seria, então, que o fizessem Rei dos judeus do que dos Cristãos, pois na própria Cruz lá está o letreiro indicando que ele é o rei dos judeus — INRI.

Ora, se ele é o Rei dos Judeus, não pode ser dos Cristãos e ainda menos dos Católicos!

O dilema é asfixiante como se vê!

Daí surgiu a maquiavélica invenção da frase: "*Jesus Rei dos Reis*", que tem envenenado o espírito das classes menos instruídas e causado os tristes acontecimentos do México e de outros países.

O sofisma é evidente: "*Se o Cristo é Rei, diz o Papa, e eu sou o representante do Cristo, claro é que eu seja o Rei do Mundo*".

Neste caso ele alça a cruz na mão esquerda, com o meigo Jesus perdoando, e na direita o gládio da política, vomitando excomunhões e anátemas, qual Júpiter do Paganismo a desferir raios!

Na Idade Média, o Papa absorvia o Poder; nos tempos modernos o Poder absorve o Papa.

No Paganismo só havia um Poder: César era simultaneamente Imperador e Sumo Pontífice.

O Catolicismo readotou a fórmula paga: Imperador e pontífice, tal qual o Dalai-Lama do Tibete, que se intitula Papa-Rei e Deus Supremo, sendo que a China, contudo, o força a acrescentar "***Súbito obediente***"!

Seria o caso de Mussolini empregar a mesma fórmula para com o Papa-Rei do Vaticano.

Diz o padre Alta, na sua citada obra:

"*Eis o que põe em evidência, o que era naquele tempo, o que chamamos hoje de Igreja. Hoje a Igreja é uma unidade administrativa como o Estado; é mais ainda do que Estado, porque o Estado é limitado pelas fronteiras de cada nação, enquanto a Igreja, por cima de todas as nações as mais separadas politicamente, é una pelo seu Chefe único, do qual dependem absolutamente todos os chefes locais, simples funcionários da Lei Canônica, do ensino oficial e do orçamento eclesiástico; e essa centralização suprime toda a liberdade de pensar e de agir, não só a um simples cura, como também a um arcebispo ou a um patriarca; nada é permitido executar Ordens que não sejam do Soberano Pontífice e de suas Congregações. Quanto aos fiéis, eles não têm outro direito nem outra função senão a de crer maquinalmente e de obedecer cegamente*".

Para o Vaticano, a religião nunca foi um fim; mas um meio para conseguir o fim. Eis seu segredo!

Pascal, fervoroso cristão, previu que a Igreja era mais uma agremiação política do que uma potência religiosa e que, por isso mesmo, teria de cair na corrupção.

Diz Saint-Yves, incontestável cristão leigo: "*A política romana dos Papas, com meios imensos, só atingirá fins nulos, e, longe de dar a vida ao que ela quer dominar, ela só lhe dará a morte*".

Roma pretende sempre ao império do Mundo, que o Cristo tanto profligou.

A Igreja de Cristo condena a riqueza e o espírito de domínio. Como, pois, se armam os padres com espadas e se colocam em tronos?!

Enquanto a Igreja se limitou à missão espiritual, suas virtudes, na expressão de Eugénie Briffault[340], foram a edificação da Igreja e suas luzes eram o facho; mas, quando seus discípulos se tornaram patriarcas, eles fundaram a dominação temporal, dividiram seu zelo entre o céu e a terra e envolveram de brilho a nova dignidade, abandonando a simplicidade evangélica. Então viram-se eles renunciando às piedosas funções do episcopado, só se ocupando de reinar.

> "*Escolheram Ministros, nomearam Conselhos, criaram Oficiais, juntaram riquezas, fortificaram o território, cogitaram de dilatar seu Estado, estabeleceram relações, formaram ligas e alianças e misturaram-se às facções e aos partidos".*
>
> *"A Corte de Roma ficou instituída, e os papas recorreram a todos os meios dos soberanos temporais para conservar e aumentar o Poder que acabavam de juntar à potência espiritual*!".

E assim chegaram a transformar presentemente o humilde Rabino da Galiléia em Poderoso Rei da Terra!

A primitiva igreja, antes de ser uma **organização** hierarquizada, como atualmente, era um **organismo** em cujo corpo circulava sangue puro. Hoje esse sangue está corrompido pela sífilis exegética.

[340] Le secret de Rome.

Daí a fatal decadência espiritual.

Quando um dia, Napoleão I aniquilou o Poder Temporal e substituiu o Poder Espiritual, anexou Roma ao império francês, expulsou o Papa Pio VII, levou-o para Fontainebleau, criando uma legislação especial, ele não teve o menor espírito anti-religioso. Ele assim procedeu, embora excomungado pelo Papa, para impedir o desenvolvimento da ingerência da Igreja Romana na política francesa, considerando que a Cúria e as esferas eclesiásticas de Roma eram um foco permanente de intrigas e **complôs** e procurou, assim, evitar o desencadeamento de uma guerra religiosa[341].

Em 1870, a Itália de hoje não existia. Roma pertencia ao Papa, mas de um modo inconfessável, porque Jesus não legou coisa alguma à Igreja e ainda menos ao Papa. E, se Roma era o domínio do Vaticano por direito divino, como se lhe entrega hoje somente uma insignificante parte, segundo o judicioso raciocínio do nosso eminente escritor e amigo Agrippino Grieco?

O general Garibaldi e o Rei Victor Emanuel empreenderam vitoriosamente a unificação do território. Os domínios do Papa Pio IX reduziram-se ao necessário e seu poder temporal cessou, de fato.

Mas isso não significa que ele se conformasse com a situação; sua política continuou a ferver, embora a fogo lento, até o aparecimento de um Benito Mussolini que, antes, exigia o arrasamento do Vaticano e a morte do Papa, terminando por beijar-lhe o anel, aceitando o título nobiliárquico de Conde e curvando-se à sua bênção Papal! O fogo foi reavivado, as fagulhas caíram sobre algumas nações e por pouco não se produziram alguns incêndios na própria Roma, entre o Quirinal e o Vaticano.

[341] FERNAND HAYWARD — Passim.

Vamos apresentar alguns fatos:

Em 5 de julho de 1929, a imprensa recebia o seguinte comunicado de Portugal: "*Desta vez o motivo é de ordem religiosa, segundo o United Press. Os ministros da Justiça, Agricultura e Instrução demitiram-se por causa da divergência com seus colegas, motivada pela ordem dada pelo primeiro permitindo os cortejos religiosos e o uso dos sinos da Igreja, sem licença especial do governo*".

No dia seguinte, outro do Chile:

> "*Confirmando o que antecipamos, El Mercúrio anuncia para breve a publicação do projeto definitivo que virá dar forma às demarques feitas por Monsenhor Estore Felice, Núncio Apostólico, perante o governo chileno, a respeito da Concordata entre este país e o Vaticano, concordata que teve por fim a separação da Igreja do Estado, mediante pagamento de 2 milhões de pesetas, o que prova que a questão é mais de dinheiro do que de Fé."*
>
> *"Haia, 24 de agosto de 1929 — 'A Conferência das Reparações passa por uma grande crise, em decorrência da pressão do partido católico, representado pelo delegado alemão Wirth'*."
>
> "*Moscou, 17.2.1930 — 'A política anticlerical dos Sovietes' — Os metropolitamos Sergius e Serafini, dois arcebispos e um bispo, compreendendo o Sínodo da Igreja Católica Grega, na Rússia, em uma entrevista concedida a jornalistas do Soviet, mostraram-se ressentidos com os*

protestos do Papa Pio XI e do arcebispo de Conterbury contra as perseguições religiosas neste país. Os entrevistados atacaram especialmente o Papa, por se estar metendo com os capitalistas ingleses, franceses e italianos e as classes ricas desses países, com as quais o Cristo jamais se associaria".

A Agência *Tass* anunciou, a título documentário, que dois metropolitanos, membros do Sínodo, exprimiram ao seu representante a grande surpresa que lhe havia causado o recente apelo do Papa.

"*O Pontífice, acentuam eles, é considerado como o Vigário de Cristo na terra; não queremos negar a Roma as atribuições que ele diz ter; mas o que não lhe reconhecemos é o direito de querer catalisar a Igreja Ortodoxa. A ação do Papa e dos Chefes das diversas religiões, na defesa da Igreja ortodoxa, é singular e muito suspeita*."

Surgiram depois outros telegramas, pelos quais se verificou que a suposta perseguição Soviética da Igreja Ortodoxa, a grega, também cristã, contra a Igreja Católica, a latina, não passa de um pretexto maquiavélico, forjado por esta, como e seu velho hábito, para levantar o mundo contra aquele país, e isso, como balão de ensaio para novas Cruzadas ou guerras de religião, nas quais certamente tombariam alguns milhares de homens, pois ninguém poderia prever o fim da hecatombe, se ela se estendesse ao Oriente asiático.

Mas, não podendo o Papa convencer aquela igreja pela lógica e pela sã razão, Oi para melhor incendiar a terra de Norte a Sul, em um irônico grito de desagravo a Deus, como se este fosse suscetível de ser agravado ou desagravado pelos homens, para exaltar os ânimos dos seus adeptos, acenando ao mundo católico ajoelhado, com os olhos em terra, como um falso farrapo, qual antigo **lábaro** romano, em que pintaram uma efígie, como sendo a de Jesus. Essa figura, segundo o Catolicismo, teria sido ali estampada por milagre na via sacra que Jesus percorreu, por uma suposta mulher, quando limpara com um lenço o suor do divino mártir e que, para melhor confundir o espírito humano, transformaram em **Santa Verônica**, quando este termo significa em grego: *veron eicon* ou icônica, cara, rosto, faces.

É falsa essa história de lenço com suas conseqüências mágicas, cujo relato não é encontrado em parte alguma dos livros sacros, o que sempre prova a invalidade desse culto.

Em "*Adendos*" faremos uma pequena descrição do Sudário de Cristo, pelo qual foi imaginada essa figura do lenço.

Bem avisada, porém, andaram as nações e a própria Liga, para as quais o Papa havia apelado, aconselhando calma e moderação.

O incidente limitou-se, pois, a algumas missas.

Entretanto, Jesus nunca pediu nem ordenou que o vingassem. Aconselhava que suportassem, por amor a ele, os ultrajes recebidos, e, se alguém fosse ferido na face direita, que apresentasse a esquerda. É essa a doutrina budista, praticada por uns 600 milhões de homens, da qual o Mahatma Gandhi acaba (1932) de dar a maior lição ao mundo.

Por que, pois, esse ódio de morte à Igreja Ortodoxa, mãe da Católica? Por que esse infernal ranger de dentes contra irmãos da mesma família?

Porque o Espírito que anima o Vaticano não é mais o Espírito Santo; mas o Espírito do Mal. É Satanás em pessoa que sopra, que atiça à carnificina seus medievais parceiros, para seu rega-bofe e de sua corte infernal.

Porque a **religião do Cristo** passou a ser um pretexto para o **Culto Católico**, de cuja confusão de termos ele vive, ora impondo-se às nações pela violência ou pela astúcia, ora provocando o que maliciosamente se chama de **Questões religiosas**, quando a questão é puramente **político-romana**, como diariamente se verifica.

Dizer que ninguém se pode opor às decisões do Papa é ir de encontro à própria essência da autoridade católica, que foi modificada no Concilio; e, sendo o Catolicismo a igreja da imobilidade e da tradição, o romanismo fere-se profundamente, operando uma transformação na sua constituição.

Todas as questiúnculas, impropriamente chamadas "***questões religiosas***", todos os cismas não saíram da essência da religião propriamente dita, mas das formas do culto, de que a política se apoderou.

A pior das guerras é a de religião, porque quando o homem simplório, fanatizado por outrem, se imagina servir a Deus, entregando-se às suas terríveis paixões sanguinárias, julga-se no direito de levar esse ódio ao infinito, destruindo desta forma a própria essência da sua crença que é o **amor ao próximo** e o **perdão**!

A superstição e o fanatismo só reinam onde as formas do culto conseguem usurpar o lugar da religião.

Diz o padre Alta: "*Qualquer teologia, mesmo imposta por uma autoridade oficial, por Concílios, imperadores ou sumos pontífices, só tem conseguido, mesmo depois de 15 séculos, produzir maior número de igrejas inimigas, censurando umas*

às outras essa autocracia ou essa habilidade, que o versículo 15 profetizou, e que pelas lufadas do pretenso ensino infalível tem impulsionado os espíritos infantis com o curso dos séculos".

"*Quando a Providência encontra um órgão capaz de transmitir sua Palavra, um Profeta, um Teólogo, um Pontífice, um enviado, em suma, digno dela, toda superstição e fanatismo desaparecem e o sangue humano não mais inunda os altares*." Assim se exprimia Fabre d'Olivet.

Não será para nossos dias; mas, dia virá, determinado pelo Criador para essa transformação, como disse o jesuíta Wallace.

Enquanto, porém, o Verbo não julgar o momento oportuno para sua volta, que os homens de boa vontade lhe prepararem, ao menos, o terreno, espalhando a semente que desde o começo do mundo ele semeou na terra e que ainda viceja no Budismo, no Mosaísmo e no Maometismo.

Jesus prometeu voltar. E, como ele é o Pontífice eterno, segundo as doutrinas da Ordem de Melquisedeque, é de almejar que essa vinda seja abreviada em benefício dessa pobre humanidade, entregue como está à sanha da política, seja ela nacional ou internacional, que destrói o labor das classes produtoras, sugando-lhes, ainda por cima, a última gota de seu sangue nos campos de batalha, até obrigá-las um dia a se refugiarem nas florestas como nas eras das perseguições irshuítas.

Diz Matter: "*A Providência fará decerto surgir uma religião do coração, que não seja suscetível de infeccionamento pelo tráfico do padre e pelo hálito da impostura*".

Gauthier[342] diz que "*o clero é uma poderosa alavanca que, bem ou mal manejada, pode destilar ópio para embalar o povo ou matá-lo*."

Por isso Lenine dizia que a Religião era o ópio do povo.

O atual Dalai-Lama, Pontífice Rei do Tibete, reconhece os inconvenientes que há em deixar ao clero certa preponderância sobre o povo, por isso procura sempre refreá-la. Se o Papa fizesse a mesma coisa, é possível que se moderasse a ambição do clero católico.

Mas, a imprensa, isto é, nossa imprensa, que só toca pelo mesmo diapasão, é a primeira a desejar-lhe essa preeminência[343].

Voltaire já dizia, confundindo os termos de **religião** e **culto**:

> "*A Religião Teológica é a fonte de todas as perturbações imagináveis; é a mãe do fanatismo e da discórdia civil, é a inimiga do gênero humano*".

A religião, para o jesuíta, é uma máscara de hipocrisia e uma máquina de política infernal do culto.

Rabindranath Tagore, o grande poeta e nacionalista indiano, diz: "*em cada religião, em cada instituição humana, há um princípio estático e um princípio dinâmico. O clero, que representa sempre o princípio estático, nunca deixou de combater a liberdade do homem e de fomentar a discórdia*[344]".

---

[342] Le livre des Róis de l'Egyte.
[343] A Noite – *Ecos e Novidades* – 12.2.1931.
[344] O exemplo do México é frisante. O episcopado pregava a desobediência do clero e os fanáticos dinamitavam Deus, os cristãos pegavam em armas.

Conta o padre Huc que um personagem tibetano lhe dissera uma vez que "*a religião não passava de uma indústria inventada por inteligentes para a exploração de imbecis*".

Não é a religião que foi inventada; esta nasceu da Ciência e se desenvolveu pelos séculos; são os cultos que o fanatismo ignorante inventou, tendo um clero apropriado para conservá-lo, e um chefe a quem obedeciam ou desobedeciam, quando este se afastava do programa, como sucedeu sempre no Catolicismo, desde seus primeiros anos. E foi isso que provocou Pio IX, em 1870, açulado pelo Jesuitismo, a declarar a **Infalibilidade do Papa**, que vamos estudar em seguida.

Estava este trabalho na composição, em outubro de 1933, quando fomos surpreendidos com a notícia publicada pelo Diário Carioca, intitulada: "***O novo Papa será Brasileiro***?"

Além da estupefação que tal pilhéria ou balão de ensaio nos causou, e provavelmente ao próprio apontado, ela contém no bojo o maior contra-senso que se pode imaginar, visto como o clero católico, em geral, renegando a pátria em que nasceu, confessa-se genuinamente romano, a cujas leis e jurisdição tem de submeter-se. Portanto, nem mesmo o simples católico civil brasileiro deve ser papa.

A notícia assim se exprime:

> "*Paris, setembro — Os círculos mais ligados ao Vaticano afirmam que Pio XI está cogitando de modificar o sistema de eleição dos Papas, retirando o exercício de voto ao colégio dos cardeais, para fazer participar o episcopado do mundo inteiro, sob a forma de um concilio ecumênico. Este*

importante projeto do Sumo Pontífice seria determinado pela necessidade de afastar a escolha do chefe da Igreja do campo estreito das intrigas políticas. Possuindo um caráter universal, a eleição pontificial ficaria menos à mercê da influência da diplomacia e dos governos, que, até agora, se tem feito sentir de uma maneira quase decisiva".

Reconhece ainda, o missivista, que depois da renúncia pelo Papado, do Poder Temporal, no Tratado de Latrão, a Santa Sé se vê cercada de iminentes perigos e ameaçada na sua independência e prestígio mundial pelas intrigas políticas da diplomacia em geral, dos governos e particularmente da sua política *sui generis*.

Até então todos os papas têm sido italianos natos com raríssimas exceções, eleitos por colégios de Cardeais, cuja carta no baralho é sempre forçada pelo detentor da cadeira, sendo esta uma das causas da inveja e da ambição dos cardeais de outras nações.

Pio XI, verificando que o tempo para tratar dos negócios espirituais propriamente ditos é absorvido exclusivamente pela nefasta política universal e vendo assim periclitar a fé e os interesses vitais da Igreja, não convindo, portanto, manter o mesmo sistema eleitoral, entendeu modificá-lo, insinuando, desde já, ao eleitorado Cardinalício o nome de um cardeal estrangeiro (?) absolutamente estranho a todas as competições políticas da Europa e, nessas condições, achou-se na pessoa do nosso Cardeal Sebastião Leme.

A preferência muito sensata, não há dúvida, apóia-se nas virtudes cívicas e morais do ilustre prelado.

Mas a escolha é perniciosa ao mesmo. É um presente de gregos que Sua Eminência deve recusar, para a tranqüilidade e salvação do seu espírito.

É lógico que, afastado como está do centro europeu e da sua efervescência política, ele não sinta as brasas assopradas de longe; mas sentirá o calor do braseiro; e, uma vez investido da tiara papal, como poderia ele fugir aos vapores deletérios que emanam do Vaticano e têm envenenado tantos papas, de que os exemplos pululam na História?

Se Sua Eminência, mesmo usando da sua prerrogativa Pontifical, encouraçada pela irretorquível infalibilidade, se lembrasse, um dia, de mudar a Santa Sé para o nosso Largo da Sé, ou qualquer outro lugar ou Estado, então a calamidade seria maior, porque seria transferir para o Brasil todos os males que afligem o atual Vaticano, a ponto de ter motivado essa malfadada idéia.

E, se Sua Eminência, qual outro Hércules, teimar em lá ficar com intenção de fazer passar o rio Alfeu pelos estábulos do Vaticano, como aquele Deus mitológico fez com os currais de Augias, perderá seu tempo, seu latim e... só Deus sabe o que lhe poderá suceder ainda, uma vez que queira introduzir inovações.

Livre-nos, Deus, dessa calamidade! Já basta o que o Vaticano nos propinou com o Chapéu Cardinalício, levando em troca, para Roma, alguns milhares de contos de réis.

Se, porém, Sua Eminência quiser ser um dos sucessores para manter o *status quo*, então, é possível que ele seja o último papa já predito pelo profeta São Malaquias.

Antes assim!

Infalibilidade do Papa

Segundo Pierre d'Angkor[345], o erro da Igreja Romana foi ter identificado a noção de **Autoridade** com a de **Infalibilidade**.

É o sofisma que J. J. Rousseau denunciou, dizendo que é, em suma, a própria igreja que decide que ela tem o direito de decidir, sem apelação.

A elevação de um homem a uma potencialidade divina, além de ser do mais puro Paganismo, é equivalente à pretensão da rã em querer se elevar ao tamanho do boi.

> "*A Igreja católica, diz Mater[346], por instinto de conservação, não achou meio melhor de defesa que o de uma forte centralização e de um regime autocrata e autoritário, que pudesse aparar os possíveis golpes de um cisma político cultural, ético e, principalmente, dogmático, graças a uma rigorosa uniformidade de direções e de decisões emanadas de várias Congregações eclesiásticas, cúrias, bispos etc., sujeitas todas ao Papa Negro, o Geral dos Jesuítas. Segundo as leis trágicas dos destinos humanos, essa centralização de todos os Poderes, temporal e espiritual, constitui sem dúvida alguma o maior perigo para a própria Igreja".*
>
> *"A razão é que, dos domínios da Onipotência e dos da Infalibilidade sem base dogmática, que residem no Papa, bajulado dia e noite, por finórios canonistas, padres e jesuítas*

[345] Le Catholicisme et l'Avenir religieux, 1929.
[346] O Geral dos Jesuítas Pio XI e o caso Bremer — 1932 — "*Um escandaloso processo eclesiástico*".

de todo jaez, de consciência e de liberdade algemadas, resulta, sem contestação, o absolutismo e o despotismo que, por isso mesma afasta o Pontífice da doutrina do fundador da igreja".

A infalibilidade do papa foi decretada em 1870 por um Concilio presidido pelo próprio interessado Pio IX e ardentemente preparado para este fim pela "*Companhia de Jesus*[*]", apesar da oposição feita por alguns bispos e, sobretudo, de Bjakovo, o Revmo. Strossmayer, cujo discurso, embora um tanto longo, convidamos o leitor a assistir, comodamente sentado em uma das poltronas daquela magna Assembléia, a fim de melhor ouvir as verdades nuas e cruas, que vão ser ditas naquele Cenáculo, por um dos seus mais eminentes membros e possa ajuizar do espírito ambicioso dos partidários que, com essa aprovação, preparavam a possibilidade de galgar um dia uma cadeira pontificai inatacável.

É bom notar desde já que nem esse bispo nem seus partidários foram condenados ou excomungados pelo referido Papa por ter desmascarado aquele antro de perdição que é o Vaticano e nem seus argumentos foram jamais refutados.

Tem a palavra o bispo Strossmayer:

"*Veneráveis padres e irmãos: Não sem temor, porém com uma consciência livre e tranqüila, ante Deus que nos julga, tomo a palavra nesta augusta assembléia."*

"Prestei toda minha atenção aos discursos que se pronunciaram nesta sala e anseio por um raio de luz, que, descendo de cima, ilumine minha inteligência e me permita

[*] N. do E.: Acerca da Companhia de Jesus, ver também As Instruções Secretas dos Jesuítas, de Charles Sauvestre, Madras Editora.

votar os cânones deste Concilio Ecumênico, com o perfeito conhecimento de causa".

"Compenetrado da minha responsabilidade, pela qual Deus me pedirá contas, estudei com a mais escrupulosa atenção os escritos do Antigo e Novo Testamento e interroguei esses veneráveis monumentos da Verdade, se o Pontífice que preside aqui é verdadeiramente o sucessor de São Pedro, vigário de Cristo e infalível dentro da Igreja".

"Transportei-me aos tempos em que ainda não existiam o ultramontanismo e o galicanismo, em que a Igreja tinha por doutores: S. Paulo, S. Pedro, S. Tiago e S. João, dos quais não se pode negar a autoridade divina, sem pôr em dúvida o que a Santa Bíblia nos ensina, Santa Bíblia que o Concilio de Trento proclamou ser a regra da fé e da moral. Abri essas sagradas páginas e sou obrigado a dizer-vos: nada encontrei que sancione, próximo ou remotamente, a opinião dos ultramontanos! E maior é minha surpresa quando, naqueles tempos apostólicos, nada há que fale de papa sucessor de S. Pedro e vigário de Jesus Cristo!

"*Vós, monsenhor Mannig, direis que blasfemo; vós, monsenhor Pio, direis que estou demente! Não, monsenhor, não blasfemo, nem perdi o juízo! Tenho lido todo o Novo Testamento, declaro ante Deus e com a mão sobre o crucifixo que nenhum vestígio encontrei do papado. Não me recuseis vossa atenção, meus veneráveis irmãos! Com vossos*

murmúrios e interrupções justificais os que dizem, como o padre Jacinto, que este Concilio não é livre; se assim for, tende em vista que essa augusta assembléia, que prende a atenção de todo o mundo, cairá no mais terrível descrédito".

"Agradeço a S. Ex. Monsenhor Dupanloup o sinal de aprovação que me fez com a cabeça; isso me alenta e me faz prosseguir".

"Lendo, pois, os Santos Livros, não encontrei um só capítulo, um só versículo que dê a São Pedro a chefia sobre os apóstolos".

"Não só o Cristo nada disse a respeito deste ponto, mas, ao contrário, prometeu tronos a todos os apóstolos (Mateus XIX, 28) sem dizer que o de Pedro seria mais elevado que o dos outros. Que diremos do seu silêncio?"

"A lógica nos ensina a concluir que o Cristo nunca pensou em elevar Pedro à chefia do Colégio Apostólico".

"Quando o Cristo enviou seus discípulos a conquistar o mundo, a todos — igualmente — fez a promessa do Espírito Santo".

"Dizem as Santas Escrituras que até proibiu a Pedro e a seus colegas de reinarem ou exercerem senhorio (Lucas XXIII, 25, 26)".

"Se Pedro fosse eleito Papa, Jesus não diria isso, porque, segundo nossa tradição, o papado tem uma espada em cada mão, simbolizando os poderes espiritual e temporal".

"Ainda mais: se Pedro fosse papa ou chefe dos apóstolos, permitiria que esses seus subordinados o enviassem, com João, à Samaria para anunciar o Evangelho do filho de Deus? (Atos VIII, 14)"

"Que direis vós, veneráveis irmãos, se nos permitíssemos agora mesmo mandar Sua Santidade Pio IX, que aqui preside, e Sua Eminência Monsenhor Plantier, ao patriarca de Constantinopla para convencê-lo de que deve acabar com o cisma do Oriente? O símile é perfeito, haveis de concordar. Mas, temos coisa ainda melhor."

"Reuniu-se em Jerusalém um Concilio ecumênico para decidir questões que dividiam os fiéis".

"Quem devia convocá-lo? Sem dúvida Pedro, se fosse papa. Quem devia presidi-lo? Por certo que Pedro. Quem devia formular e promulgar os cânones? Ainda Pedro. Não é verdade?"

"Pois bem: nada disso sucedeu! Pedro assistiu ao Concilio com os demais apóstolos sob a direção de Tiago! (Atos XV)."

"Assim, parece-me que o filho de Jonas não era o primeiro, como sustentais. Encarado agora, por outro lado, temos: enquanto ensinamos que a Igreja está edificada sobre Pedro, São Paulo (cuja autoridade devemos todos acatar) diz-nos que ela está edificada sobre o fundamento da fé dos

apóstolos e profetas, sendo a principal pedra do ângulo Jesus Cristo (Epístola dos Efésios II, 20).”

“*Esse mesmo Paulo ao enumerar os ofícios da Igreja menciona os apóstolos, profetas, evangelistas e pastores; e será crível que o grande apóstolo dos gentios se olvidasse do papado, se este existisse? Esse olvido me parece tão impossível como o de um historiador desse Concilio que não fizesse menção da Sua Santidade Pio IX. (Apartes: Silêncio, herege! Silêncio!)”*

“*Acalmai-vos, veneráveis irmãos, porque ainda não concluí. Impedindo-me de prosseguir, provareis ao mundo que sabeis ser injustos, tapando a boca do mais pequeno membro dessa assembléia. Continuarei”:*

“O apóstolo Paulo não faz menção em nenhuma de suas Epístolas às diferentes igrejas, da primazia de Pedro, se esta existisse e se ele fosse infalível como quereis, poderia Paulo deixar de mencioná-la, em longa Epístola acerca de tão importante ponto?”

“Concordai comigo: A Igreja nunca foi mais bela, mais pura e mais santa que naquele tempo em que não tinha papa. (Apartes: Não é exato! Não é exato!)”

“Por que negais, Monsenhor Laval? Se algum de vocês,' meus veneráveis irmãos, se atreve a pensar que a Igreja que hoje tem um papa (que vai ficar infalível) é mais firme na fé e mais pura na moralidade que a Igreja Apostólica,

diga-o abertamente ante o Universo, visto como este recinto é um centro do qual nossas palavras voam de pólo a pólo! Calai-vos? Então continuarei."

"Também nos escritos de São Paulo, de São João ou de São Tiago, não descubro nenhum traço do poder papal! São Lucas, o historiador dos trabalhos missionários dos apóstolos, guarda silêncio a respeito de tal assunto! Isso deve preocupar-vos muito. Não me julgueis um cismático!"

"Entrei pela mesma porta que vós outros; meu título de bispo me deu direito a comparecer aqui e minha consciência, inspirada no verdadeiro Cristianismo, obriga-me a dizer-vos o que julgo ser verdade".

"Pensei que se Pedro fosse vigário de Jesus Cristo ele não o sabia, pois nunca procedeu como papa; nem no dia do Pentecostes, quando pregou seu primeiro sermão, nem no Concilio de Jerusalém, presidido por São Tiago, nem da Antioquia nem nas Epístolas que dirigiu às igrejas. Será possível que ele fosse papa sem o saber?"

"Parece-me escutar de todos os lados: São Pedro não esteve em Roma? Não foi sacrificado de cabeça para baixo? Não existem os lugares onde ensinou e os altares em que disse missa nessa cidade?"

"E eu responderei: Só a tradição, veneráveis irmãos, é que nos diz ter São Pedro estado em Roma; e como a

tradição é tão-somente a tradição da sua estada em Roma. É com ela que me provareis seu episcopado e sua supremacia?"

"Scaligero, um dos mais eruditos historiadores, não vacila em dizer que o episcopado de São Pedro e sua residência em Roma devem ser classificados no número das lendas ridículas! (Repetidos gritos e apartes: tapai-lhe a boca; fazei-o descer dessa cadeira!)"

"Meus veneráveis irmãos, não faço questão de calar-me como quereis, mas não será melhor provar todas as coisas como manda o apóstolo e crer só no que for bom? Lembrai-vos que temos um ditador ante o qual todos nós, mesmo Sua Santidade Pio IX, devemos curvar a cabeça! Esse ditador, vós bem o sabeis, é a História!"

"Permite que repita: folheando os sagrados escritos não encontrei o mais leve vestígio do papado nos tempos apostólicos!"

"E, percorrendo os anais da Igreja, nos quatro primeiros séculos, o mesmo me sucedeu! Confessar-vos-ei que o que encontrei foi o seguinte: Que o grande Santo Agostinho, bispo de Hipona, honra e glória do Cristianismo e secretário do Concilio de Melive, nega a supremacia do bispo de Roma."

"Que os bispos da África, no sexto Concilio de Cartago, sob a presidência de Aurélio, bispo dessa cidade, admoestavam a Celestino, bispo de Roma, por supor-se

superior aos demais bispos, enviando-lhes comissionados e introduzindo o orgulho na Igreja."

"Que, portanto, o papado não é instituição divina. Deveis saber, meus veneráveis irmãos, que os padres do Concilio de Calcedônia colocaram os bispos da antiga e nova Roma na mesma categoria dos demais bispos. Que aquele sexto Concilio de Cartago proibiu o título de 'Príncipe dos Bispos', por não haver soberania entre eles."

"E que São Gregório I escreveu estas palavras que muito aproveitam a tese: Quando um patriarca se intitula 'Bispo Universal', o título de patriarca sofre incontestável descrédito. Quantas desgraças não devemos nós esperar, se entre os sacerdotes se suscitarem tais ambições? Esse — bispo — será o rei dos orgulhosos! (Pelágio II, Cet. 13). Com tais autoridades e muitas outras que poderia citar-vos, julgo ter provado que os primeiros bispos de Roma não foram reconhecidos como — bispos universais ou papas — nos primeiros séculos do Cristianismo. E, para reforçar ainda mais meus argumentos, lembrarei aos meus veneráveis irmãos que foi Ósio, bispo de Córdoba, quem presidiu o primeiro Concilio de Nicéia, redigindo seus cânones; e que foi ainda esse bispo que, presidindo o Concilio de Sárdica, excluiu o enviado de Júlio, bispo de Roma! Mas, da direita me citam estas palavras de Cristo: Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei minha Igreja. Sois, portanto, chamado para este terreno."

“Julgais, veneráveis irmãos, que a rocha ou a pedra sobre a qual a Santa Igreja está edificada, é Pedro; mas, permite que eu discorde desse vosso modo de pensar”.

“Diz São Cirilo no seu quarto livro a respeito da Trindade: A rocha ou a pedra de que nos fala Mateus é a fé imutável dos apóstolos. São Gregório, bispo de Poitiers, em seu segundo livro a respeito da Trindade, repete que aquela pedra é a rocha da fé, confessada pela boca de São Pedro. E, no seu sexto livro, mais luz nos fornece dizendo: É sobre essa exata rocha da confissão da fé que a Igreja está edificada. São Jerônimo, no seu sexto livro a respeito de São Mateus, é de opinião que Deus fundou sua Igreja sobre a rocha ou pedra que deu seu nome a Pedro. Nas mesmas águas navega São Crisóstomo quando em sua homília 56, a respeito de Mateus, escreve: Sobre esta rocha edificarei minha Igreja; e esta rocha é a confissão de Pedro”.

“Já que não me respondeis, eu vô-la darei: 'Tu és o Cristo, o filho de Deus'. Ambrósio, o Santo arcebispo de Milão, São Basílio, de Salência, e os padres do Concilio de Calcedônia ensinam precisamente a mesma coisa. Entre os doutores da Antigüidade cristã, Santo Agostinho ocupa um dos primeiros lugares pela sua sabedoria e pela sua santidade. Escutai como ele se expressa acerca da primeira epístola de São João: 'Edificai minha Igreja sobre esta rocha, significa claramente que é sobre a fé de Pedro'.”

"No seu tratado 124 acerca do mesmo João, encontra-se esta significativa frase: 'Sobre esta rocha ou pedra que me confessaste, que reconheceste, dizendo: Ta és o Cristo, o filho de Deus vivo, edificarei minha Igreja, sobre mim mesmo; pois sou o filho de Deus vivo. Edificarei sobre mim mesmo e não sobre ti'."

"Haverá coisa mais clara e positiva?"

"Deveis saber que esta compreensão de Santo Agostinho, a respeito de tão importante ponto do Evangelho, era a opinião corrente no mundo cristão naqueles tempos. Estou certo de que não me contestareis. Assim é que, resumindo, vos direi:"

"1 — Que Jesus deu aos outros apóstolos o mesmo poder que deu a Pedro."

"2 — Que os apóstolos nunca reconheceram em São Pedro a qualidade de vigário de Cristo e infalível doutor da Igreja."

"3 — Que o mesmo Pedro nunca pensou ser papa nem fez coisa alguma como papa."

"4 — Que os Concílios dos primeiros quatro séculos nunca deram, nem reconheceram, o poder e a jurisdição que os bispos de Roma queriam ter."

"5 — Que os Santos Padres, na famosa passagem 'Tu és Pedro e sobre esta pedra (a confissão de Pedro) edificarei minha Igreja' nunca entenderam que a igreja não

estava edificada sobre Pedro (super Petrum) e sim sobre a rocha (super Petram), isto é, sobre a confissão da fé do apóstolo! Concluo, pois, com a história, a razão, a lógica, o bom senso e a consciência do verdadeiro cristão, que Jesus não deu supremacia alguma a Pedro e que os bispos de Roma só se constituíram soberanos da Igreja confiscando, um por um, todos os direitos do episcopado! (Vozes de todos os lados: Silêncio, insolente! Silêncio! Silêncio!) Não sou insolente. Não, mil vezes, não!"

"Contestai a história se ousais fazê-lo; mas, ficai certos de que não a destruireis! Se avancei alguma inverdade, ensinai-me isso com a história, à qual prometo fazer a mais honrosa apologia. Mas, compreendei que não disse ainda tudo quanto quero e posso dizer. Ainda que a fogueira me aguardasse lá fora, eu não me calaria!"

"Sede pacientes como manda Jesus. Não jogueis a cólera ao orgulho que vos domina."

"Disse Monsenhor Dupanloup, nas suas célebres Observações acerca deste Concilio do Vaticano, e com razão, que, se declararmos infalível a Pio IX, necessariamente precisamos sustentar que infalíveis também eram seus antecessores. Porém, veneráveis irmãos, com a história na mão, vos provarei que alguns papas faliram."

"Passo a provar-lhes, meus veneráveis irmãos, com os próprios livros existentes na biblioteca deste Vaticano, como é que faliram alguns dos papas que vos têm governando:"

"O papa Marcelino entrou no templo de Vesta e ofereceu incenso à deusa do Paganismo. Foi, portanto, idolatra; ou pior ainda, foi apóstata! Libório consentiu na condenação de Atanásio; depois passou-se para o Arianismo."

"Honório aderiu ao Monoteísmo."

"Gregório I chamava Anti-Cristo ao que se impunha como Bispo universal e, entretanto, Bonifácio III conseguiu do patriarca imperador Phoca obter esse título em 607."

"Pasqual II e Eugênio II autorizavam os duelos condenados pelo Cristo; enquanto Júlio II e Pio IV os proibira. Adriano II, em 812, declarou válido o casamento civil; entretanto, Pio VII, em 1823, o condenou. Xisto V publicou em uma edição da Bíblia e, com uma Bula, recomendou sua leitura; e aquele Pio VII excomungou a edição."

"Clemente XIV aboliu a Companhia de Jesus permitida por Paulo III; e o mesmo Pio VII a restabeleceu."

"Porém, para que mais provas? Pois nosso Santo Padre Pio IX não acaba de fazer a mesma coisa quando, na sua Bula para os trabalhos deste Concilio, dá como revogado tudo quanto se tenha feito em contrário ao que aqui for determinado, ainda mesmo tratando-se de decisões dos seus antecessores? Até isso negareis?"

"Nunca eu acabaria, meus veneráveis irmãos, se me propusesse apresentar-vos todas as contradições dos papas, em seus ensinamentos. Como, então, se poderá dar-lhes a infalibilidade? Não sabeis que, fazendo infalível Sua Santidade, que presente se acha e me ouve, tereis de negar sua falibilidade e a dos seus antecessores?"

"E vos atrevereis a sustentar que o Espírito Santo vos revelou que a infalibilidade dos papas data deste ano de 1870?"

"Não vos enganeis a vós mesmos. Se decretais o dogma da infalibilidade papal vereis os protestantes, vossos rancorosos adversários, penetrarem por larga brecha com a bravura que lhe dá a História."

"E que tereis vós a opor-lhes? O silêncio, se não quiserdes desmoralizar-vos (gritos: É demais! Basta! Basta!)."

"Não griteis, Monsenhores! Temer a História é confessar-vos derrotados! Ainda que pudésseis fazer correr toda a água do Tibre sobre ela, não borrarei nenhuma só das suas páginas! Deixai-me falar e serei breve. Virgílio comprou o papado de Belisário, tenente do imperador Justiniano. Por isso, foi condenado no segundo Concilio de Calcedônia, que estabeleceu esse cânone: o bispo que se elevar por dinheiro será degradado. Sem respeito àquele cânone, Eugênio II, seis séculos depois, fez o mesmo que Virgílio e foi repreendido por São Bernardo, que era a estrela brilhante do seu tempo."

"Deveis conhecer a história do papa Formose; Estêvão XI fez exumar seu corpo com as vestes pontificais; mandou cortar-lhe os dedos e o arrojou ao Tibre. Estêvão foi envenenado; e, tanto Romano como João, seus sucessores, reabilitaram a memória de Formose."

"Lede Plotino, lede Barônio, Barônio o Cardeal! É dele que me sirvo. Barônio chega a dizer que as poderosas cortesãs vendiam, trocavam e até se apoderavam dos bispados; e, horrível é dizê-lo, faziam seus amantes serem papas!"

"Genebrardo sustenta que, durante 150 anos, os papas em vez de apóstolos foram apóstatas."

"Deveis saber que o papa João XII foi eleito com a idade de 18 anos tão-somente; e que seu antecessor era filho do papa Sérgio com Marozia (a prostituta)."

"Que Alexandre XI era... nem me atrevo a dizer o que ele era de Lucrécio; e que João XXII negou a imortalidade da alma, sendo deposto pelo Concilio de Constança."

"Já nem falo dos cismas que tanto têm desonrado a Igreja. Volto, porém, a lhes dizer que, se decretais a infalibilidade do atual bispo de Roma, devereis decretar também a de todos os seus antecessores, mas vos atrevereis a tanto? Sereis capazes de igualar a Deus todos os incestuosos, avaros, homicidas e simoníacos bispos de Roma? (Gritos: Descei da cadeira! Descei já! Tapemos a boca desse herege!)"

"Não griteis, meus veneráveis irmãos. Com gritos nunca me convencereis. A História protestará eternamente sobre o monstruoso dogma da infalibilidade papal; e, quando mesmo todos vós o aproveis, faltará um voto e esse voto é o meu!"

"Mas, voltemos à doutrina dos Apóstolos."

"Fora dela só há erros, trevas e falsas tradições. Tomemos a eles e aos profetas pelos nossos únicos mestres, sob a chefia de Jesus. Firmes e imóveis como a rocha, constantes e incorruptíveis nas inspiradas Escrituras, digamos ao mundo: Assim como os sábios da Grécia foram vencidos por Paulo, assim também a Igreja Romana será vencida pelo seu 98! (Gritos clamorosos: Abaixo o traidor da Igreja!) Vossos gritos, Monsenhores, não me atemorizam e só vos comprometem. Minhas palavras têm calor, mas minha cabeça está serena. Não sou de Lutero, nem de Calvino, nem de Paulo e sim e tão-somente do Cristo. (Novos gritos: Anátema, anátema vos lançamos!")

"Anátema! Anátema! para os que contrariam a doutrina de Jesus! Ficai certos de que os apóstolos, se aqui comparecessem, vos diriam a mesma coisa que acabo de lhes declarar."

"Que lhe direis vós, se eles, que predicaram e confirmaram com seu sangue lembrando-vos o que escreveram, vos mostrassem o quanto tendes deturpado o

Evangelho do amado filho de Deus? Acaso lhes diria: Preferimos a doutrina dos Loyolas à do divino Mestre?"

"Não, mil vezes não! A não ser que tenhais tapado os ouvidos, fechado os olhos e embotado vossas inteligências, o que não creio. Oh! Se Deus quer castigar-nos, fazendo cair pesadamente sua mão sobre nós, como fez ao Faraó, não precisa permitir que os soldados de Garibaldi nos expulsem daqui; basta deixar que façais de Pio IX um Deus, como já fizestes uma deusa da Virgem Maria!

"Evitai, sim, evitai, meus veneráveis irmãos, o terrível princípio cuja borda estais colocados. Salvai a Igreja do naufrágio que a ameaça e busquemos todos, nas Sagradas Escrituras, a regra da fé que devemos crer e professar. Digne-se Deus a assistir-me. Tenho concluído".

Todos os bispos se levantaram, muitos saíram da sala, porém alguns prelados italianos, americanos, alemães, franceses e ingleses rodearam o inspirado orador, e, com fraternais apertos de mão, demonstraram concordar com seu modo de pensar.

Será possível que haja um homem de espírito elevado, ou, mesmo, de medíocre inteligência, após ter ouvido semelhante discurso, que não sinta sua fé católica profundamente abalada?

Não foram palavras ditas em praça pública por algum padre reacionário ou escritas em jornal acatólico; mas foi o próprio Verbo de Jesus que chicoteou aquelas almas negras, pela boca de um dos seus mais eminentes membros, dentro

do recinto mais sagrado e onde reside, segundo eles, a terceira pessoa da divindade — o Espírito Santo.

Não há defesa possível para reabilitar uma instituição cujos princípios e fins aberram da doutrina daquele a quem pretendem apresentar como fundador.

Se não fosse a obrigatoriedade, sob terríveis ameaças de penas eternas e excomunhões de todo o católico crer sem discutir ou resmungar, evidentemente raros seriam aqueles que dessem crédito à criação, *ex-nihilo*, ao pecado de Adão e Eva, ao nascimento virginal de Jesus, à sua encarnação divina, à Redenção, à Ressurreição da Carne, ao Inferno eterno e a essa impagável infalibilidade.

As pretensões que ela afirma movem-se em um círculo vicioso. Por um lado baseia essa autoridade infalível sobre os textos escritos e por outro lado ela proclama sua própria inspiração para interpretar esses mesmos textos. É a incoerência no seu maior grau.

Se houvesse um Papa corajoso, verdadeiramente cristão, que, em vez de dizer "*Non possumus*", dissesse: "*Scimus, Sumus, possumus, volumus*", e abrogasse esta infalibilidade e certos dogmas prejudiciais à religião, facílimo seria a reconciliação de todas as ovelhas afugentadas.

Essa coragem quase a teve o Papa Leão XIII quando pretendeu reformar certos dogmas do Catolicismo, de acordo com os progressos da Ciência; a cúria, porém, se opôs, dirigida, como é, pelos Jesuítas.

O papa Pio IX disse depois que o Pontífice pode e deve reconciliar-se e pôr-se em harmonia com o progresso, o liberalismo e a civilização moderna; mas o **Sílabo** proibiu-lhe esse gesto inteligente e nobre.

Por que não tem essa coragem o Papa Pio XI? Fácil lhe seria isso, agora, após a reconciliação do Quirinal.

É porque ali reside o **anti-Cristo** em vez do Cristo; o Tigre em vez do Cordeiro; o Nimrod em vez de Rama; o Espírito do Mal em vez do Espírito Santo.

O Anti-Cristo

Já São Boaventura, Cardeal e Geral da sua Ordem, comentando o Apocalipse de João, indigitava Roma como a prostituta que embriagava príncipes e povos, com o vinho de sua crapulice, e dizia que em Roma se compravam e se vendiam cargos da Igreja. Os pontífices e príncipes da Igreja, desprezando Deus, se engolfaram em devassidão, aderindo a Satanás, saqueando o tesouro de Cristo. Ele descreveu o acervo de imoralidades, de avareza, ce preguiça, de vícios e corrupção de todo gênero, sendo os cristãos envenenados pelo clero, com veneno propinado pelos prelados.

Ora, se isso foi dito pelo Geral de uma Ordem, cumulada de honradas pelo papa, o que não se deveria esperar dos espirituais que retratavam a Igreja Romana como a igreja da carne e da corrupção[347]?

Não é, pois, de admirar que o papa João XXII mandasse queimar os 114 espirituais que faziam parte dessa Ordem.

Que o Papa seja o **anti-Cristo**, que Roma seja a Babilônia condenada no Apocalipse de João, basta que passemos a pena ao erudito engenheiro Ernesto Luiz de Oliveira[348], cujos argumentos comprobatórios são fornecidos involuntariamente pelo padre Jesuíta brasileiro Leonel Franca[349]. Diz ele:

[347] Rui Barbosa — Passim.
[348] Roma, a Igreja e o Anti-Cristo.
[349] A Igreja, a Reforma e a Civilização.

"*...a Sagrada Escritura fala de um outro Vigário ou substituto de Jesus Cristo que não o divino Espírito Santo, a saber: o Anti-Cristo. Com efeito, a palavra Vigário, da latina vicarius, significa o que ocupa o lugar de um outro, o substituto deste outro. Por sua vez, a palavra Anti-Cristo se compõe da preposição anti e da palavra cristo. Mas anti, como se pode ver em Hichie (Greck Inglish, lexiori), significa em vez de, em lugar de. Assim, anti-Cristo, significa aquele que está em lugar de Cristo. Daí resulta que anti-Cristo significa precisamente Vigário de Cristo, nome com que se apelidam os bispos de Roma. E quando a Sagrada Escritura nos declara que esse tal havia de manifestar-se na Babilônia, a Grande, e o Revmo. Franca nos demonstra que no Novo Testamento, por Babilônia, deve-se entender Roma, a lógica nos declara que ali deve tresandar a enxofre*".

Já o Papa Gregório I disse em sua Epístola Lib. VII:

"*Na verdade, digo, confiadamente, que qualquer que a si mesmo se intitula Sacerdote Universal ou deseja ser assim chamado em seu orgulho procede como Anti-Cristo, porque com soberba se antepõe aos demais*".

Dante, o glorioso poeta, considerava as "*Decretais*[350]" como uma origem de corrupção e reconhecia no Papado a realização do anunciado no Apocalipse, considerando Roma como a prostituta das sete colinas que, inebriada de sangue humano, turvava a razão a príncipes e povos.

Dante via no Papa a potência que debilitava o império, o abalava e o precipitava na ruína, reconhecendo no Pontífice o precursor do **Anti-Cristo** que vinha anunciar a volta de Satanás.

Petrarca era da mesma opinião.

Não era de admirar que Dante e outros assim se exprimissem, quando os próprios funcionários da Corte Papal o proclamavam à boca cheia e o próprio bispo Pelágio assim se exprimia: "*Nada de mais natural que tacharem os hereges a Igreja inteira de **prostituta**, atento à geral simonia que da Cúria papal se entorna por toda a Igreja e a corrupção religiosa que dali provém. No Vaticano a ambição andou sempre ao lado da baixeza*".

Luigi Marcigli, religioso da Ordem dos Agostinianos, dizia que "*os papas e a Cúria eram dissolutos, avarentos e que o papa já não dominava a Igreja pela hipocrisia, mas estadeava até seus crimes aos olhos de todos, regendo o povo pelo terror dos seus anátemas e de suas maldições*".

Peçamos ainda a Pierre Rousselet e Joseph Huby, em sua citada obra apologética "*Christus*" as suas abalizadas opiniões.

> "*Os **Cátaros**, diziam eles, adotavam a teoria gnóstica dos íons*."

[350] Infame falsificação de Decretos, sobre os quais a Igreja se guiou por muitos séculos até ser descoberta sua falsidade.

Jesus não passava de um desses inumeráveis espíritos emanados da substância divina. A encarnação e a redenção eram explicadas no sentido dos docetas. Graças, sacramentos, culto da cruz e dos santos, imagens, relíquias, missa eram rejeitados e substituídos pelo *Consolamentum*, espécie de batismo pelo Espírito, com imposição do Novo Testamento, sobre a cabeça do candidato.

A moral dos **Perfeitos** era austera em excesso: abstinência absoluta de qualquer alimento animal, excetuando o peixe, virgindade perpétua, horror à mentira, fidelidade inviolável à seita, interdição ao casamento e à generação, visto ser a matéria essencialmente má, proibição de juramento. Seguiam a regra dos apóstolos, seu superior era o **primaz da virtude**. Repudiavam, por completo, a liturgia católica, visto Cristo só ter ensinado uma única oração. Eram antimilitaristas; condenavam a guerra e negavam ao Poder civil o direito do gládio, de acordo com a frase de Jesus: "*Quem com ferro fere*" etc. E, como a Igreja Romana não correspondia a seu ideal, a repudiaram como sendo a sinagoga de Satanás.

Tais eram os Cátaros que causavam admiração e veneração aos próprios católicos.

Para as primeiras comunidades cristãs, só o Cristo existia; elas conservavam o antigo princípio da iniciação hierarquizada e graduada e a chamavam de **Gnose**. A união com o Cristo era para elas um fenômeno místico, superior a qualquer outro, uma realidade, ao mesmo tempo individual e coletiva. Mas, desde que Santo Agostinho forjou o dogma dizendo que a Fé na Igreja estabelecida substitui tudo mais, o princípio da iniciação foi suprimido e a **fé cega** ocupou seu lugar. A submissão à Igreja e aos seus decretos substituiu o Cristo vivo. Enquanto os santos e os mártires convertiam os povos do Norte pelo seu sangue e sua sublime exaltação, a Igreja, cada vez mais Romanizada, se encolheu no seu

dogma e não mais pensou senão em dominação temporal e em escravização das almas, pela mutilação do espírito.

Não mais se precisa de Jesus Cristo, disse ela, pois temos o Papa. Que as trevas reinem na consciência contanto que o arcabouço da Igreja subsista!

Que são essas pouquíssimas citações que acabamos de fazer ante os volumosos livros arquivados no Vaticano e nas Bibliotecas públicas a respeito da matéria? Certamente, uma gota d'água no Oceano; mas essa gota é suficiente para mover o dínamo da inteligência, produzindo a luz necessária à dissipação das trevas em que jaz o espírito, vendado por mãos criminosas de homens sem pátria, sem família, sem compromissos perante a sociedade civil.

É impossível que um católico, por mais fanatizado que esteja, não sinta sua consciência de cristão abalada ante tantas provas fornecidas pela própria história da sua seita e não procure, no próprio interesse, para a salvação da sua alma, pesquisar essas verdades, a fim de desmenti-las ou aceitá-las, voltando então as costas ao embusteiro que vive à custa da sua credulidade.

Celibato do Padre

Não há História, seja de qualquer dinastia asiática ou européia, por mais devassa que tenha sido, do que a **História dos Papas**, que ocuparam a famosa cadeira de Pedro.

Mais adiante, numa resenha que faremos, salientaremos somente algumas dúzias de verdadeiros Paxás da Turquia, que fizeram do Vaticano o maior harém conhecido e onde os crimes de defloramentos, de incestos, de pederastia não encontram paridade com os praticados nos maiores lupanares da Roma antiga.

Há mesmo no Vaticano, junto aos aposentos **particulares** do Papa, uma escadaria subterrânea para acesso de pessoas mais íntimas, que não passam pelas portas protocolares.

Não há quem não conheça a história de Lucrécia Bórgia e da Papisa Joana, que deu à luz em plena procissão. O escândalo foi de tal ordem que a Congregação dos Ritos teve de criar a **Cadeira furada**, na qual teriam de se sentar futuros papas, para o reconhecimento, em pleno cerimonial da sua máscula personalidade. Dizem mesmo, mas não garantimos, que eram pronunciadas as seguintes palavras, acompanhadas por órgãos e cantochão: "**Em quan... ti... da... de... Amém**!".

Onze séculos após a morte do pobre Cristo, o escândalo público era de tal ordem, não só internamente, como entre o clero civil, que o papa Hildebrando foi forçado a decretar o **Celibato do padre**.

Após uma série de peripécias, a Igreja, ora permitindo aos que fossem casados residirem com suas esposas e filhos, de acordo com a recomendação de São Paulo, era proibida a convivência sob o mesmo teto, ora permitindo a concubinagem aos celibatários, ora proibindo, ora substituindo-a pela convivência com dois noviços, ora com um só, ora anulando esse pernicioso costume, nos dá uma idéia do espírito de dissolução que sempre reinou no Vaticano.

O voto de celibato, na opinião de Estanislau Orichorius, cônego na Catedral de Premislaw, citado por M. Gregóire, bispo de Blois, em sua obra *Histoire des mariages des prêtres* (1826), é idêntico ao voto que ele tivesse feito de tocar o céu com o dedo, pois tal voto não o obriga a coisa alguma.

Valham-nos, ao menos, os Jainas, da Índia, de cuja seita só fazem parte os que triunfam da sensualidade.

Pio II escreveu que, "*por invencíveis razões, interditou-se o casamento dos padres; porém, por mais invencíveis razões, era preciso permiti-lo*".

Entretanto, ainda em 1859, era hábito no Vaticano **castrarem-se** jovens seminaristas, ainda não tonsurados para servir nos coros da igreja de São Pedro, a fim de cantar os hinos da dor e da compunção, por ocasião da Semana Santa. Quem nos poderá garantir que tal costume não continue em vigor, dado o conservadorismo dos regulamentos?

É possível que se tal medida, copiada dos haréns da Turquia, onde se castravam os eunucos, não fosse revogada e prevalecesse como uma das condições da ordenação, o clero católico seria hoje bem reduzido, mas composto de homens **comprovadamente** inofensivos à moral pública e, quiçá, verdadeiros cristãos.

Isso corroboraria a frase de Bermond Choveronius, cônego de Viviers, em seu livro *De publicis concubinariis,* página 8: "*O mugir dos bois ou o grunhir dos porcos são mais agradáveis a Deus que os cânticos dos padres fornicadores*".

Quando o clero for casado, o confessionário só se prestará para guarita de soldados.

Não há religião ou Culto no mundo que use de tal processo para santificar seu clero. Essa formalidade só tem trazido formidáveis escândalos.

Sem recorrermos a milhares de casos, extrairemos um dos processos arquivados na Torre do Tombo, em Lisboa, armário 5°, maço 7°, datado do ano 1478, referente à sentença lavrada contra o padre Fernandes Costa, que extraímos do jornal *A Fraternidade da cidade de Coimbra*.

Diz este documento:

"*Padre Fernandes Costa, prior que foi de Trancoso, da idade de 62 anos, será degradado de suas ordens e arrastado pelas ruas públicas ao rabo de cavalos, esquartejado o seu corpo e posto em quartos e a cabeça e mãos em diferentes distritos, pelo crime de que foi argüido, que ele mesmo não contrariou, sendo acusado de ter dormido com 29 afilhadas, tendo delas 97 filhas e 37 filhos; de cinco irmãs teve 18 filhos e filhas; de nove comadres teve 38 filhas e 18 filhos; de nove amas teve 29 filhas e cinco filhos; de duas escravas teve 21 filhas e sete filhos; dormiu com uma tia chamada Anna da Costa de quem teve três filhos e ... da própria mãe teve dois filhos!!! Total 275 filhos sendo 200 do sexo feminino e 75 do masculino, sendo concebidos de 54 mulheres!*

"O rei João II perdoou ao fecundo sotaina e o mandou pôr em liberdade em 17 de março de 1487 e guardar no Real Arquivo da Torre do Tombo esta sentença e mais papéis que formam o processo!"

É impossível que o leitor não tenha corado e sentido seus nervos irritados, íamos continuar com uma lista de escandalosos fatos, ocorridos no nosso país, de autoria de padres inescrupulosos, alguns já falecidos e outros vivos, que não cessavam de pregar a moral; mas que se tranqüilizem; o arrependimento ainda poderá ser útil às suas almas.

As escabrosas questões a respeito de mulheres improdutivas nunca foram abordadas por nenhuma religião do mundo e ainda menos pelo Rabino da

Galiléia que se limitou a dizer à mulher adúltera: "*Vai e não peques mais*". Isto é, não engane mais seu marido.

Mais adiante, porém, voltaremos ao assunto quando tratarmos de **Moral Jesuítica**.

Contudo, antes de fecharmos este artigo, vamos citar um dos milhares de pequenos casos que se repetem na nossa pátria, mas que a imprensa trata ce embaralhar, ou por ignorância, ou por malícia, para encobrir o nome do segundo delinqüente, visto como, em ambas as notícias, trata-se do padre Victor Coelho de Almeida, ora chamado na notícia do *A Noite*, de dezembro de 192r — Padre Victor Coelho, ora chamado na de *O Globo*, de 11 de agosto de 1932 (dois anos e meses depois) de Victor de Almeida, ora Victor Coelho; não podendo, porém, ser o mesmo, pois o do *A Noite* "*teve 15 filhos, goza a vida e sem mais explicações, abandona mulher e filhos e recolhe-se ao claustro*", a: passo que o de O Globo, três anos depois, "*abandona a mulher com uma filha de 15 anos, recolhe-se ao convento, produzindo o suicídio de sua infeliz esposa*"!

Disse Jesus que não há pior cego do que aquele que não quer ver. Pior. porém, é aquele que procura tapar o sol com uma peneira para que os outros não possam vê-lo.

É lógico que os que se comprazem nessa prostituição rebatam os honestos colegas que romperam com esse foco de miasmas, dizendo às suas incautas ovelhas: Não os ledes, não os acrediteis, são filhos do diabo, que não puderam resistir à cruz do Cristo e fugiram para o inferno; mas não dizem que aqueles se afastaram envergonhados desse centro de prostituição, ao passo que eles permanecem, hipocritamente, usufruindo os gozos da vida.

E bom chamarmos a atenção desde já do leitor para nossa abstenção em tocar no dogma da "***Confissão***". São tais os horrores, são tais as infâmias e os crimes cometidos e relatados em centenas de obras, não por hereges, mas por inúmeros padres que, muitos, enojados e apavorados desse antro de perdição de moças virgens e senhoras casadas ou viúvas, despiram as vestes sacerdotais e deram o grito de alarme.

Contudo, vejamos o que diz a tal respeito um dos Sumos Pontífices da Igreja:

Chiniqui, à página 44, relata que o Papa Pio IV, em 1560, ordenou que todas as mulheres solteiras e casadas que tivessem sido seduzidas pelos seus confessores fossem denunciá-los.

Principiou-se por Sevilha. Tornado conhecido o Edito do Papa, o número de mulheres foi tão considerável que, apesar de haver três escrivãs, não puderam concluir o trabalho no prazo determinado. Mais 60 dias foram concedidos; mas tiveram de reconhecer que o número de padres sedutores era tanto que se tornaria impossível castigá-los e a coisa ficou nisso!

Como não ser assim se o padre é forçado a perguntar às penitentes, *cautae et poucae*!

Estupenda moral! E são esses que pregam contra o divórcio e o casamento civil por desorganizador da família!

Jesuitismo e sua Moral

Não pretendemos neste estudo descrever a História do Jesuitismo. Não faltam obras a respeito, escritas por mestres e historiadores. Contudo, como acabamos de nos referir à moral do Catolicismo, justo é que também façamos uma

pequena comparação da moral da **Companhia de Jesus** com a moral que o mesmo Jesus pregou, pois essa congregação, como o indica seu nome, deve estar firmada sobre os preceitos e a doutrina do Mestre, que tomaram como modelo e como símbolo.

Foi em 1534 que sete estudantes galgaram Montmartre, em Paris, chefiados pelo espanhol Inácio de Loyola. Entraram no convento das religiosas, chegaram na capela, ajoelharam-se e, perante o altar da Virgem, formularam os três seguintes votos: Contentarem-se com o necessário, converterem os descrentes, fazerem peregrinação a Jerusalém, e, no caso de impossibilidade, oferecerem seus serviços ao Papa, ao ponto de tornar-se, mais tarde, a "*Companhia de Jesus*" sua Guarda Pretoriana.

Quando se fala em "*Companhia de Jesus*" o letrado ou analfabeto (o que é curioso) não deixa de se arrepiar ante a lembrança dos horrores cometidos pelo Santo Ofício da Inquisição, saído da satânica cabeça do frade Dominico, após as Cruzadas contra os albigenses, em que foram lançados às fogueiras e às mais cruéis torturas, dignas de cérebros infernais, milhares de almas indefesas, cujo crime consistia em não cultuar do mesmo modo o mesmo Deus dos seus algozes e ao próprio clero que ousasse divergir ou interpretar de outra maneira o que havia sido decretado pelo Papa e tudo friamente em nome de **Deus**.

A tortura da Inquisição, a pena de morte e o fogo foram autorizados pelo Papa Inocêncio IV.

Dupuis é de opinião que "*se houver alguém que possa, sem tremer, encarar a tirania daquela Companhia e contemplar sem horror todos os destroços e todas as hecatombes que cometeu, merece também ser vítima*".

Quem alimenta essa hidra e a defende é o maior inimigo da humanidade, porque a história inflexível aí está para condená-la.

Para sintetizar em poucas palavras a moral dessa instituição que ainda existe, apesar da sua dissolução, e existirá enquanto não consumirem a pobre humanidade ou esta não aniquilar definitivamente esta sucursal do inferno, cujo palácio funciona na rua do mesmo nome, dentro dos domínios do Vaticano, vamos extrair uma página de Voltaire, do seu *Traité de Tolerance*:

Carta escrita ao jesuíta Le Tellier por um beneficiário, em 6 de maio de 1774, mas cuja data pode ser transferida para a atual, porque a essência não varia.

"*Meu reverendo pai,*

"Obedeço às ordens que Vossa Reverência me deu de lhe apresentar os meios próprios de livrar Jesus e sua Companhia dos seus inimigos. Creio que não restam mais do que 500 mil huguenotes no reino; alguns dizem um milhão, outros um milhão e meio, mas, seja como for, eis minha opinião que eu submeto muito humildemente à vossa, como é de meu dever."

1º — É fácil segurar em um só dia todos os pregadores e enforcá-los ao mesmo tempo, numa mesma praça, não só para edificação pública, mas para a beleza do espetáculo.

2° — Eu farei assassinar em suas camas todos os pais e mães, porque se os matassem nas ruas, isso poderia causar tumultos; alguns mesmo podiam escapar-se o que é

preciso evitar. Essa execução é um corolário, necessário dos nossos princípios; pois se é mister matar um herético, como tantos teólogos o provam, é evidente que se deve matá-los a todos.

3º — No dia seguinte eu casarei as raparigas com bons católicos, visto como não devemos despovoar o país, máxime depois da guerra; mas, com respeito aos rapazes de 14 ou 15 anos já embebidos de maus princípios, que não nos podemos gabar de destruir, minha opinião é que devemos castrá-los todos, a fim de que essa raça não se reproduza. Para as criancinhas, elas serão educadas em vossos colégios e as sovaremos até que saibam de cor as obras de Sanchez e Molina.

4º — Penso, salvo correção, que se deve fazer o mesmo a todos os luteranos da Alsácia, visto como no ano 1764 eu vi duas velhas desse país rirem-se no dia da batalha de Heschstel.

5º — O artigo dos Jansenistas talvez pareça um pouco embaraçoso; creio que eles são em número de seis milhões, no mínimo; mas, um espírito como o vosso não se deve atemorizar. Incluo entre os Jansenistas todos os Parlamentos que sustentam tão indignamente as liberdades da Igreja galicana.

Compete a V. Rev. pesar, com sua prudência ordinária, os meios para submeter esses espíritos rebeldes. A

conspiração das polvorosas não teve o desejado sucesso, porque um dos conjurados teve a indiscrição de querer salvar a vida de um amigo, mas, como V. Rev. não tem amigos, o mesmo inconveniente não é para recear; ser-vos-á fácil fazer saltar todos os Parlamentos do Reino com esta invenção do frade Schwarz[351] *que se chama pulvio pyrius. Calculo que seja preciso relativamente 36 toneladas de pólvora para cada Parlamento e, assim multiplicando 12 parlamentos por 36 toneladas, isso dá 432 toneladas, que, a cem escudos, importam em 129 mil libras, é uma bagatela para o reverendo Pai Geral. Os Parlamentos uma vez voados pelos ares, dareis os cargos aos vossos congregacionalistas, que estão perfeitamente instruídos das causas do reino.*

6º — Será fácil envenenar o Cardeal de Noailles que é um homem simples e não desconfiaria de nada.

V. Rev. empregará os mesmos meios de conversão junto a alguns bispos renitentes; seus bispados ficarão pertencendo aos Jesuítas, mediante um decreto do papa; então todos os bispos estando do lado da boa causa e todos os curas, habilmente escolhidos pelos bispos, eis o que aconselho, caso agrade a V. Ex.

7º — Como se diz que os Jansenistas comungam na Páscoa, não seria mau polvilhar as hóstias com a droga que serviu para justiçar Henrique VII Algum crítico dir-me-á, talvez,

[351] Provado está hoje ser isso falso, pois a pólvora já era conhecida na China e nas Índias.

que arriscar-se-ia nesta operação de dar-se também a morte aos molinistas; essa objeção é forte; mas não há projeto que não ameace ruína em algum ponto. Se formos encarar essas pequenas dificuldades, nunca se fará coisa alguma, e, demais, como se trata de proporcionar o maior bem possível, é preciso não nos escandalizarmos se esse grande bem arrasta consigo algumas conseqüências, mas que não merecem consideração. Nada temos a nos repreender; está demonstrado que todos os pretensos reformadores, todos os Jansenistas, estão destinados ao inferno; assim, nada mais fazemos do que abreviar o momento em que eles devem entrar de posse do seu domínio.

Nada mais claro também que o paraíso pertence de direito aos molinistas; logo, fazendo-os morrer, por descuido, e sem nenhuma má intenção, aceleraremos seu prazer; em um ou outro caso, somos os Ministros da Providência.

Quanto aos que se apavorarem do número, vossa paternidade poderá chamar-lhes a atenção para que, desde os dias florescentes da Igreja até 1707, isto é, cerca de 1.400 anos, a teologia conseguiu o massacre superior a 50 milhões de homens e eu só proponho enforcar, degolar ou aprisionar cerca de seis milhões e meio.

Talvez nos objetem que nosso cálculo não está certo e que eu falseio a regra de três; pois dirão: se em 1.400 anos só pereceram 50 milhões de homens por questões de dilemas

e antilemas, de teologias, isso só dá por ano 35.714 pessoas, com fração e com minhas idéias, matam-se 6.064.268 pessoas mais, com fração para o presente ano. Mas, na verdade, essa chicana é pueril; pode-se mesmo dizer que ela é ímpia, pois não se vê logo que pelo meu processo eu salvo a vida de todos os católicos até o fim do mundo? Nunca se fará coisa alguma, se quiserem atender a todas as críticas. Sou com profundo respeito de vossa paternidade. O muito humilde, devotado e muito dócil, R... nascido em Angoulème, prefeito da Congregação".

Isso, quanto à parte militante.

Vejamos, agora, o **Sistema de Moral** desta Instituição baseado, como é, sobre a isenção de crime ou pecado, uma vez que forem praticados contra pessoas supostamente contrárias às suas idéias; pois matar, roubar, deflorar, violar mulheres não constituem pecado, uma vez que seja para o bem da Igreja e... *ad majorem Dei gloriaml*

Como uma das mais modestas provas do que fica dito e para que não nos caluniem de fantasistas, vamos extrair uma página de Santo Inácio de Liguório, cujos livros canônicos, por ocasião da sua beatificação, em 1803, foram severamente examinados e aprovados de acordo com a disciplina da Santa Sé Apostólica, **por nada conterem digno de censura**.

Diz mais *O Concilio*, que em Sistema de Moral foi mais de 20 vezes rigorosamente discutido pela Sagrada Congregação, que o aceita unanimemente.

Eis algumas linhas. Que as aprecie o leitor e que sua consciência de homem de bem diga se foi esta a moral que Jesus ensinou, se foi esta linguagem que ele usou, se foi este o assunto que ele doutrinou.

> *"O Confessor não deve ser denunciado:"*
>
> *"1º — Quando a mulher pede para se confessar, e, no decurso da confissão, tentando ele, começa a instigar a penitente."*
>
> *"2° — Quando o Confessor diz: 'Espere-me um pouco, porque tenho de fazer coisa com grande urgência, e depois a tenta."*
>
> *"3º — Quando o Confessor põe-se de acordo com a mulher que, para enganar sua família, se finge de doente e vai à casa dela para..."*
>
> *"4º — Quando instigado a ter com ela relações amorosas, recusa-se e apenas se diverte com toques ou apalpações só venialmente desonestas (Livro VI, páginas 682 e 683)".*

No mesmo Livro VI, na página 935, lê-se o seguinte, em latim que o leitor pedirá ao vigário da sua freguesia para traduzir, tal a imundície que nossa pena se envergonha de o fazer:

> "*Eodem autem modo Sonchez damnat virum de mortali, qui in actu copulae immiteret digitum in vas*

praeposterum uxoris, qui (ut ait) in hoc actu adest infectus sodomiam.

Ego autem censeo posse quidem reperiri talem affectum in actu, sedperse, loquendo hunc affectum non agnosco in tali actum insitum. Caeterum graviter semper increpandos dico coniuges huiusmodi foedum actum exercentes".

Agora e para encaixar no ensino religioso:

"*Atamen inchoare copulam in vase praepostero cum intentione eam consumandi in vagina; velgenitalibus tangere vas praeposterum, dummodo praecaveatur effusio seminis et excludatur omnis affectus sodomiticus, non sunt probabiliter peccata mortalia: qui prior actusfit tanquam praeparatio ad copulam in vase debito, posterior autem estsolum tactus inter cônjuges non prohibitus in gravi*".

Com relação à moralidade da teologia romana citemos seus próprios textos:

"*Tam clarum videtur, fornicationem secundum se nullam involvere malitiam et solum esse malum, quia interdicta, ut contrario omnino rationi dissonum videatur*." (Cons. De Lovanio)."

"*Si quis delectetur de copula cum muliere nunta, non quia nupta, sed quia pulcra, abstrahendo, scilicet, a árcumstanáa matrimonii, justa plures auetores, hace delectatio non habet malitiam adulteriri, sed simplicis fornicationis. Sentencia hace probabilis vocatura bento Uguorio*" (J. P. Moullet — Compendium, tomo I, página 126).

Aí vai a tradução deste último trecho:

"*Se alguém se deleita com a cópula com mulher casada, não por ser casada, mas, por ser bela, abstraindo, é claro, da circunstância do matrimônio, segundo vários autores, esse deleite não tem pecado de adultério; mas, sim, de simples fornicação*" (Livro V, 15).

Acreditamos, piamente, que não haja um só dos nossos leitores que não sinta sua alma estourar de indignação ante tal imoralidade, ensinada pelos santos da Igreja, aprovada por Papas e confirmada por Concílios.

Mas, para tudo há remédio neste mundo sublunar...

Por isso vamos extrair algumas receitas da Farmacopéia do Vaticano, mandadas imprimir em Roma pelo Papa Leão X, em 18 de novembro de 1514, e cujo título é o seguinte:

"*Taxas da Sagrada Chancelaria e da Sagrada Penitência Apostólica*".

As taxas e o valor monetário mudaram com o tempo para lira e centavos, mas a essência continua a vigorar na Sagrada Casa de Deus.

Assim:

> *"A absolvição é dada:*
>
> *A quem conhecer carnalmente sua mãe, sua irmã etc. mediante o pagamento de cinco Gros".*
>
> *"A quem deflorar uma virgem — seis gros. A quem revelar a confissão de um outro — sete gros. A quem matar seu pai ou sua mãe — cinco gros."*
>
> *"O clérigo que cometer atos reprovados com religiosas no claustro ou fora dele, com seus parentes e aliados, com sua filha espiritual (afilhada) ou com outras mulheres pagará três ducados."*
>
> *"O padre que tiver uma concubina, vinte e um torneios, cinco ducados e seis carlinos."*
>
> *"A mulher que tiver tomado beberagem para abortar ou o pai que lha tiver dado, pagará quatro torneios, um ducado e oito carlinos, e, se for um estranho, pagará quatro torneios, um ducado e seis carlinos. Um pai ou uma mãe que tiver esganado um filho pagará quatro torneios, um ducado e oito carlinos."*
>
> *"Para contrair casamento, na época própria, é de vinte carlinos e nos tempos impróprios, se os contratantes são do segundo ou terceiro grau, ordinariamente pagarão vinte e*

cinco ducados e quatro para a expedição da bula; no quarto grau será de sete torneios, um ducado e seis carlinos. A absolvição de um apóstata e de um vagabundo que querem regressar ao seio da igreja custa doze torneios, três ducados e seis carlinos. A absolvição de um sacrílego, de um ladrão, de um incendiário, de um perjuro custa trinta e seis torneios e nove ducados."

"A permissão para trocar de nome, de sobrenome custa seis torneios e dois ducados".

E por aí afora...

Tudo em Roma, por dinheiro, já diziam os romanos.

Foi por essas torpezas que os frades Lutero, Calvino e muitos outros santos da Igreja se revoltaram e constituíram igrejas de acordo com as sagradas escrituras e com os ensinamentos de Jesus e nos nossos tempos o verdadeiro Cristianismo se cinde do Catolicismo romano, criando seitas em que a imoralidade e a simonia são implacavelmente condenadas e não tachadas.

A respeito do comércio das indulgências, ainda praticado no Vaticano, citemos a resolução do Concilio de Trento[352]:

"*Aqueles que compram cartas de indulgência podem ficar certos da sua salvação; as almas que estão no purgatório, pela redenção das quais se adquirem as indulgências, logo que*

[352] Chemnitz Examen Concilii Tridentini.

o dinheiro caia no cofre, escapam-se do lugar do tormento e sobem ao céu."

"*A eficácia das indulgências é tão grande que elas podem apagar os mais monstruosos crimes, inclusive o da violação da própria Virgem Maria se tal fosse possível*" (!!!!!).

Felizmente, Jesus, os apóstolos e a própria Virgem Maria não leram essa bula porque estavam distraídos com os cânticos celestiais.

Não há no mundo religião ou culto por mais estrambólico que faça do seu altar tão vergonhoso balcão.

A Igreja Romana vende o perdão que o próprio Jesus pagou com seu sangue, vende a moral social e seus preceitos, vende os méritos do sangue dos justos, vende o direito de infringir as regras da moral, vende a justiça de Deus, de que ela proclama a eqüidade, vende o reino dos céus aos pedaços, por meio do qual Jesus fechou a corrupção dos ricos e cujas chaves, em vez de abrir suas portas, abrem as dos vícios vomitados pelo seu inferno, vende chapéus cardinalícios, púrpuras, mitras e a própria tiara pontificai, vende relíquias de santos, coroas imperiais e fachadas presidenciais, resgata almas do purgatório por pouco preço e por muito dinheiro conseguiria tirar do inferno o maior celerado.

Entre Deus e o adepto está erguida a Igreja Católica que, por isso mesmo, ofusca Deus ao crente.

"*O papa especula com os Cardeais, estes com os arcebispos, estes com os bispos, estes com os padres, estes com os sacristãos e estes com a freguesia*!"

Sinceramente! Haverá alguém de incorruptível moralidade que aceite semelhantes códigos como base da moral de Jesus? Haverá homem de bem, verdadeiramente religioso, que não sinta o desejo de empunhar o mesmo chicote que se diz que Jesus empunhou e não corra esses mercadores do templo?

Não! Não é esta a moral que o meigo Jesus pregou. Não é esta sua doutrina. Não; não é esta a moral búdica, bramânica, maometana, protestante, cristã, espírita!

É a moral de Satanás! Do Princípio do Mal! É a moral do anti-Cristo. É a moral do Catolicismo romano!

O Catolicismo da Idade Média que é o mesmo dos nossos tempos, porque Roma representa a imobilidade, empregou o mesmo raciocínio usado pelos bárbaros, cuja religião consistia em oferecer aos seus deuses o sangue dos seus inimigos ou considerados como tais.

Com um povo fanatizado como o nosso, mantido em imperdoável ignorância, não é de admirar que brevemente surja no Brasil um novo Torquemada, facílimo de encontrar, em cada esquina, e se acendam de novo as fogueiras em praça pública ou, pelo menos, se institua **oficialmente** uma sistemática perseguição a quem não fizer parte da Camorra romana, auxiliada por uma imprensa, cujo programa apologético não admite adversários.

Duvidam?

Pois bem, aí vai a transcrição do artigo publicado pelo *Semeador de Alagoas*, no seu número de 15 de maio de 1931, dirigido pelos cônegos Augusto Valente e João Guimarães Lessa:

"*O ensino religioso nas escolas, diz o articulista, foi o primeiro ponto vencido. Vamos agora à constituinte. E em nome de Deus havemos de extinguir. No nosso caminho não há espaço para os ateus. Que se definam. Que fiquem com o seu ateísmo longe de nós. Que não perturbem a gloriosa mancha que nós, católicos, preparamos para o Brasil... Não tememos confronto. Não há espaço para a dubiedade de caráter. Ou sim ou não. Ou católico e brasileiro ou ateu e não brasileiro. Não transigiremos. Um ponto perdido equivale a uma vitória de menos. E vitória de menos não nos cabe no momento. Somos e seremos brasileiros. Católicos dentro do nosso programa seremos grandes, generosos para os verdadeiros brasileiros, os irmãos católicos*..."

E segue o artigo neste tom para dizer mais adiante: "*Aqui estaremos na luta, se for preciso* ***derramaremos sangue****. A nossa luta será de ação. A da palavra já passou*".

Aí vai mais uma prova do perigo que ameaça o país!

Sob o título "***Santificação da Família***" o Estado de Minas Gerais, de 9 de setembro de 1931, publicou o programa da *Confederação Católica de Belo Horizonte*, de autoria do padre Álvaro Negromonte, cujo nome, já por demais sugestivo, há de atravessar os séculos como um insulto à família brasileira, por fazer dela vis espiãs e delatoras, a soldo de Roma:

"*Visitar todas as casas da paróquia, examinando-lhes as necessidades espirituais".*

"O pároco divide a paróquia em grupos de casas por quarteirões ou ruas, que serão confiados a uma senhora. Essa divisão racional e metódica, feita sobre a planta da paróquia, não deve deixar escapar nem uma casa. É prudente copiar a divisão e arquivá-la juntamente com o nome e o endereço da zeladora encarregada do grupo".

"Para maior eficiência do trabalho, convém que os grupos de casas não tenham muitas casas: 40, 50 no máximo".

"O vigário, que deve conhecer bem suas paroquianas, distribuirá os grupos às senhoras que mais facilmente os puderem visitar. Entregar um grupo de casas a uma senhora que morasse muito longe dele seria de antemão inutilizar as esperanças, a menos que se tratasse de uma verdadeira apóstola — o que é raro!"

"Nomeada, a encarregada começa imediatamente sua tarefa; descobrir as uniões ilícitas, as crianças por batizar, as que não freqüentam catecismo, as que não fizeram a 1ª comunhão, os que não fazem a páscoa, os enfermos que precisam de sacramentos, os que têm filhos em colégios protestantes etc., etc. A zeladora para fazer essas sindicâncias deve ter muito jeito, muita prudência. Muitas vezes, com o simples curso de uma conversa bem orientada, chega-se mais

facilmente ao resultado desejado, do que com perguntas diretas, importunas e irritantes."

"*Imprudência seria declarar que o fim da visita é conhecer as necessidades espirituais... A visita se faz sob um pretexto qualquer: um aniversário, um nascimento, um batizado, uma moléstia, um luto ou em companhia de uma amiga da casa e mil outros motivos que nunca faltarão a uma mulher para visitar outras."*

"E... toca a conversar, que nessa conversa é que sai tudo!... Aí se fica sabendo que são só contratados no civil, que os meninos ainda não estão batizados ou não freqüentam o catecismo, que aquele maiorzinho não fez a primeira comunhão e até... as rusgas dos esposos."

"De tudo o que se tiver informado, com prudência e segurança, a zeladora tomará notas escritas e apresentará em sessão para que se fique sabendo:"

1º — o número de casas visitadas;

2 °— o número de uniões ilícitas;

3º — o das legitimadas;

4º — as crianças de mais de um mês por batizar;

5º — os batismos de adultos, tanto por fazer como os conseguidos;

6º — as crianças que não freqüentam o catecismo;

7º — outras necessidades espirituais.

“Do que for apresentado em sessão do apostolado, a secretária fará um relatório sucinto e completo para apresentar à Confederação".

Isso motivou o seguinte protesto da "*Liga Mineira Pró-Estado Leigo*".

Diz ela: "Como se vê, é uma peça inteiriça de baixeza, na qual não se vislumbra o mais leve resquício de senso moral, nem de respeito, o mais elementar, ao pudor das famílias.”



Figura 23
Daí a César o que é de césar e a Deus o que é de Deus.

“*Nossos honestos e recatados lares passam a ser meras dependências das sacristias, em que os Negromontes, por intermédio das suas* ***devotas*** *sob o piedoso pretexto de 'provar necessidades espirituais', se refocilarão na intimidade de nossas famílias num trabalho soez de vil espionagem, de nojentas cascovilhices, de beatério, tudo disfarçado por meio*

das mil modalidades da hipocrisia, em que é tão fecunda a luxuriante imaginativa clerical."

"*Institui-se a violação sistemática, a devassa minuciosa dos lares, cujas intimidades, as mais secretas — **até as rusgas dos esposos**, serão desvendadas voluptuosamente na penumbra suspicaz das sacristias*!"

"*Para cúmulo da revolta, depois de descrever os mais variados processos de espionagem, Negromonte, em um ultraje aos sentimentos de dignidade e da verdadeira religião, quer fazer instrumento de tão vil mister às zeladoras da paróquia!*"

"*Isto é, às senhoras das nossas famílias, que por fervor religioso e espírito de fé cooperam com elevação no culto, competirá essa nojenta e degradante tarefa de espionagem e de delação. Eis a que papel repugnante se quer reduzir as senhoras católicas praticantes*!"

"Diante disso, quem ousará abrir a porta da sua casa a uma senhora que freqüente as igrejas católicas, sem receio de ver uma emissária do padre Negromonte, disfarçada, a farejar o recato e os segredos dos nossos lares?"

"*Nunca tamanho ultraje foi atirado à mulher mineira, cujo espírito de piedade religiosa e cujo fervor espiritual são assim tão profunda e cruelmente ofendidos*."

"*E em nome de Deus e para santificar as famílias se aconselha e se institui essa torpeza*!"

"*De quanto é capaz o fanatismo religioso, na cobiça desapoderada de dominar as consciências*".

Pois bem, não pára por aí a petulância do clero romano no Brasil. Já se formou um "*Partido Político Católico*" cujo desenvolvimento é fácil de conceber, considerando-se a auréola de respeito fanático da massa ignorante e analfabeta.

A desfaçatez chegou a tal ponto que, na ocasião da preparação das Câmaras eleitorais, o jesuíta francês Luiz Rion, de passagem por essas plagas hospitaleiras, sentenciou o seguinte:

"*A todo católico de ambos os sexos que não quiser se alistar e votar nos candidatos indicados será negada a absolvição dos seus pecados no Confessionário*".

Se no peito do verdadeiro brasileiro ainda vibram algumas notas de dignidade pátria e aquecem algumas brasas de liberdade de consciência, tão dificilmente adquirida por todos os povos, que surja essa legião de patriotas e, como domadora de feras, obrigue-as, quando mais não seja, a se manter calmas nos seus tugúrios, como heroicamente fizeram na França, em Portugal, no México e, por último, na Espanha. Sejamos brasileiros.

O que, porém, é de causar assombro é o ato que ia ser consumado por Decreto já assinado pelo Chefe do Governo Provisório, Getúlio Vargas, provavelmente iludido em sua boa-fé, referendado pelo então Ministro da Justiça, Francisco Campos, concernente à supressão do Instituto dos Surdos-Mudos, no qual se recolhem centenas de infelizes patrícios sem amparo que seriam enxotados dali,

para lá se recolherem *ad vitam* eterna, **700** jesuítas expulsos da Espanha, que aqui haviam desembarcado.

Felizmente, o meigo Jesus, do seu empíreo, entristecido, soube guiar um nosso patrício que o jornal O Jequitibá, de Presidente Soares, encobre sob as iniciais T. C, o qual, armado com sua palavra, conseguiu desfazer tão iníquo quão perverso ato.

O punhal do Jesuitismo, como se vê, tem o cabo em Roma e a ponta voltada para o Brasil.

Oh! Vós, estrangeiros acatólicos que para aqui acudistes, após a separação da Igreja do Estado em 1889, trazendo vossos capitais, vossa energia, vossa inteligência, fugi! Aí vêm os padres Valente & Lessa! "*Não há espaço para vós*!"

Como no tempo da monarquia, não tereis o direito de testar e até vosso cadáver será recusado nas necrópoles ou desenterrado e jogado na rua como fizeram há pouco os frades em Pernambuco!

Oh! Vós, brasileiros acatólicos, filhos deste torrão digno de melhor sorte, dotado como é para ser o Paraíso terrestre, cujo sangue tem corrido nas reivindicações dos direitos sociais, cujo suor tem enriquecido a mãe pátria, arrumai as malas, separai-vos de vossas mulheres e filhos que não pactuarem com vossos ideais religiosos e exilai-vos para... a China, ou para os sertões da África, porque lá ao menos se respeitará vosso livre-arbítrio!

Oh! Pais; oh! Mães, que idolatrais vossos filhos, ouça, não nossa voz, mas a voz da História, a voz dos séculos, a voz dos milhões de vítimas que vos gritam: Alerta! Não cerreis os ouvidos! Vai nisso, não vossa felicidade que é efêmera, mas a felicidade da Pátria que é eterna!

Não bastam os modernos exemplos da ultracatólica Espanha, da Itália, do México?

E, mais tarde, se viverdes, podereis saber, até, que no Brasil como na antiga Roma, vossa filha terá de entregar ao padre da freguesia, na primeira noite nupcial, sua flor virginal, para ter sanção no ato matrimonial; e vossos filhos serão castrados para destruir a maldita raça. Pode-se chegar até aí, no caminho em que vamos.

E foi por essas e outras que todas as nações do mundo e o próprio Vaticano condenaram e exterminaram várias vezes a perigosa corporação.

Os primeiros governadores do Brasil não cessavam, em suas cartas ao rei, de pedir a supressão dos Jesuítas, pelos atos reprováveis e anti-humanitários por eles cometidos contra os pobres silvícolas.

Leia-se a História do Paraguai, que fora possessão territorial dos jesuítas; compare-se o embrutecimento da sua população durante aquele domínio, com a que surgiu dali após a expulsão e digam-nos se devemos nos deixar escravizar novamente.

Não entraremos no detalhe dos motivos que determinaram, no mundo inteiro, o repúdio dessa terrível Camorra, pois centenas de livros existem que tratam da sua formação, evolução, fausto, declínio, crimes e torpezas, cujo paralelo jamais existiu entre as mais terríveis quadrilhas de salteadores.

Condenada várias vezes, por diversos papas, reabilitada por outros, suprimida novamente, reconstituída mais adiante, guerreada por nações inteiras, excedeu, por fim, descomunalmente os limites de uma satânica dominação e então o mundo se revoltou e expulsou a nefasta corporação: a Boêmia e a Dinamarca em 1618 e 1767; Nápoles, Malta e Roma em 1622; a Índia em 1623; Veneza e Gênova

em 1606 e 1768; a Espanha, na pessoa do Marquês de Arranda em 1767; Portugal e Brasil, na do Marquês de Pombal, em 1769; a França, na de Luiz XIV em 1762, a Rússia em 1676 e 1820; o Papa Clemente XIV pela bula de 21 de julho de 1773, pelo que foi envenenado em 1774; a Suíça em 1847; a Alemanha em 1827; o Papa Pio IX em 1870, apesar de se ter servido dessa companhia para o reconhecimento da infalibilidade; D. Inácio de Comonfort, no México, em 1854; o governo Calles e o de Rubio no mesmo México em 1928-1932; as duas Sicílias etc. etc.

A China de Hang-Hi consentiu que os jesuítas ensinassem ali as ciências físicas e matemáticas; mas a intolerância e a arrogância dos mesmos, que não souberam compreender o pacífico espírito do governo, forçaram Yu-tchin, sucessor daquele imperador, a afastá-lo da terra; e, Kien-Long, mais tarde, os baniu definitivamente interditando-lhes a entrada no seu território.

O mesmo fez o Japão quando eles aconselharam os japoneses a jogar no fogo as estátuas dos seus antepassados e a derrubar seus templos.

Só em 1889 o Japão permitiu a liberdade de cultos.

A Espanha, novamente, em 1931, após 400 anos de jugo, e muitos outros países condenaram e expulsaram dos seus territórios tão nefando exército, comprovadamente inimigo da civilização e da humanidade, para a qual a paz jamais pôde existir e jamais existirá enquanto houver uma semente dessa erva daninha e esta é difícil de extirpar, porque tão fácil é conhecer o jesuíta de sotaina, quão difícil é conhecê-lo de casaca.

Pascal, o indubitável cristão, deu um golpe de morte no Jesuitismo, de que se ressentiu fatalmente o Catolicismo, e, em 1660, os jesuítas tentaram obter do Parlamento francês a condenação dessa obra, traduzida para o latim por Wandick.

Já no seu tempo, em suas *Provinciales*, ele não cessa de vergastar essa Congregação, se bem que em *Pensées* ele defenda a religião cristã.

Bossuet, ultracatólico, pede que se vingue a santidade de Jesus Cristo e sua moral pervertida pelos jesuítas.

Os papas Alexandre VII e Inocêncio XI confirmaram essa condenação.

O papa Clemente XIV, anteriormente citado, em 1773, lançou a seguinte famosa bula — *Dominus et Redemptor*[353].

> "*Nossos subseqüentes predecessores houveram com a precitada Congregação, idêntica, senão mais ampla munificência e liberalidade, Júlio III, Paulo IV, Pio IV e V, Gregório XIII e XIV, Xisto V, Clemente VIII e outros soberanos pontífices ou confirmaram ou aumentaram ou determinaram mais exatamente os privilégios já outorgados a esses religiosos".*
>
> *"Entretanto, o mesmo teor e forma dessas outorgas apostólicas nos revelam que a Sociedade, quase na infância ainda, viu erguer-se em seu seio vários germens de discórdias e invejas, que só prejudicavam e desuniam seus membros, senão também que os induziam a maldizer e conspirar contra as ordens religiosas, contra o clero secular, academias, universidades, colégios, escolas públicas e até contra os soberanos que os acolheram em seus Estados; e que essas dissensões nasciam, ora em razão da natureza e caráter dos*

[353] Matatias Gomes dos Santos— *Os Jesuítas*, páginas 141, 164 — S. Paulo, 1925 — Zorilla, Hist. de los Frailes, T. 11, página 242 e segs. — Pedro Tarsier — *Roma, o Jesuitismo e a Constituinte*, 1933.

votos, tempo de admitir os noviços a pronunciá-los, da competência de lhes conferir ou não as ordens sacras, sem título algum, nem pronunciamento de voto solene, o que é literalmente contrário às prescrições do Concilio de Trento e de Pio V; ora vinham as discórdias a respeito do poder absoluto, que o Geral se arrogava, e de outros artigos concernentes ao regime da Sociedade; ora, finalmente, por amor de diferentes pontos de doutrina dos colégios, das isenções e privilégios concedidos honorifica-mente a diversas pessoas eclesiásticas seculares, e em cujas concessões se pretendia ver quebra de jurisdição e direitos. Finalmente, não houve acusação das mais graves que se não fizesse à referida Sociedade e por muito tempo andou perdida a tranqüilidade e paz da cristandade. Daí romperam mil queixas contra esses religiosos, que foram levadas a Paulo IV e transferidas a Pio V e Xisto V, não somente os motivos graves e urgentes que determinaram este papa a dar tal passo, e as reclamações que lhe haviam sido feitas pelos inquisidores da Espanha contra os privilégios excessivos da Companhia de Jesus e a forma do seu regime, mas, também os pontos de disputa, aprovados por diferentes membros da Sociedade, os mais notáveis por sua ciência e piedade, solicitando deste pontífice uma visita apostólica para sindicar os fatos". (...)

"Todas essas precauções não puderam abafar os clamores e queixas contra a Sociedade; ao contrário, então se

viu espalharem-se, recrudescerem, de mais em mais, por quase todo o Universo, rigorosas contestações relativas à doutrina desta ordem que muitos denunciaram como totalmente oposta à fé ortodoxa e aos bons costumes."

"No seio da Sociedade se ergueram discussões, argüiram-na de buscar com excessivo ardor os bens da terra".

"Tal foi a origem dessas agitações, por demais conhecidas, que tanta dor e pesar causaram à Sé Apostólica; tal é o motivo por que diferentes monarcas tomaram partido contra a Sociedade."

"Esses expedientes e vários outros tomados posteriormente não tiveram, com amarga dor o observamos, bastante eficácia, nem força bastante, para destruir e apaziguar os distúrbios, as acusações e as encrespações feitas contra a Sociedade."

"Outros nossos predecessores, Urbano VIII, Clemente IX, X, XI, XII, Alexandre VII, Inocêncio X, XI, XII e XIII em vão se esforçaram para restituir a Igreja à desejada tranqüilidade por meio de vários regulamentos e leis, quer concernentes aos negócios seculares, dos quais a Sociedade não poderia se ocupar no tempo ou fora do tempo das missões, quer tendentes às graves desinteligências e vivas controvérsias suscitadas por seus membros (não sem grande escândalo) contra as autoridades, contra as ordens religiosas e contra as comunidades de qualquer natureza, na Ásia e na

América, quer mesmo relativas à interpretação e práticas de certas cerimônias pagas, admitidas ou toleradas em algumas partes, omitindo as que são aprovadas pela Igreja Universal; quer, também, com respeito ao uso e translação de certas máximas justificadamente prescritas como escandalosas, e, sem dúvida, contrárias aos bons costumes; quer, finalmente, com relação a outros assuntos de máxima importância e absolutamente necessários para conservar aos dogmas da religião cristã toda sua pureza, integridade e esplendor, cuja perda tem ocasionado, neste e nos séculos precedentes, imensos abusos e males extraordinários, tais, por exemplo, como lutas e sedições em diversos Estados católicos e até perseguições contra a Igreja em algumas províncias da Ásia e da Europa".

"Todos os nossos antecessores tiveram com esta sociedade vivas aflições; entre outros, o papa Inocêncio XI, de mui piedosa memória, que se viu constrangido a proibir-lhe que desse o hábito a noviços; Inocêncio XIII, que foi obrigado a ameaçá-lo com a mesma pena; e, enfim, Benedito XIV que decretou uma visita de investigação às casas e colégios estabelecidos no Estado do nosso mui prezado filho em Jesus Cristo, o rei fidelíssimo de Portugal e dos Algarves."

"E nem depois a Santa Sé colheu consolação alguma, nem a Sociedade proveito, nem a cristandade vantagem das últimas cartas apostólicas de Clemente XIII, que

foram antes extorquidas (segundo a expressão de que usou Gregório X no Concilio Ecumênico de Lion, já citado) do que obtidas, e nas quais se exaltou ao infinito e se aprovou novamente o Instituto da Sociedade de Jesus."

"Depois de tantas borrascas, de tantos abalos e de tão horríveis tempestades, os verdadeiros fiéis esperavam que se visse, no final, raiar o dia que devia restabelecer a calma e a paz profunda. Mas, no pontificado do mesmo Clemente XIII, agravaram-se os males e a tormenta cresceu ainda mais. Os clamores e as argüições contra a Sociedade aumentaram dia após dia; em algumas partes ergueram-se tumultos, dissensões, sedições perigosíssimas e não poucos escândalos, que, partindo e aniquilando totalmente os laços da fraternidade cristã, acenderam nos corações o espírito de partido, os ódios e as inimizades."

"O perigo cresceu a tal ponto que aqueles cuja piedade e benevolência hereditária para com a Sociedade são reconhecidas, queremos dizer, nossos mui amados filhos em Jesus Cristo, os reis da França, Espanha, Portugal e Duas Sicílias, viram-se na imperiosa necessidade de expulsar e banir de seus reinos, Estados e províncias todos os religiosos desta ordem, profundamente convencidos de que este meio extremo era o único remédio a tantos males e o único a empregar para impedir que os cristãos se provocassem uns aos outros, se injuriassem mutuamente e se digladiassem no seio da própria

Igreja, sua mãe comum. Mas, esses mesmos reis, nossos mui prezados filhos em Jesus Cristo, sabiam que tal recurso não podia ter duráveis e salutares efeitos, nem bastava para restabelecer a tranqüilidade no domínio cristão, se a própria Sociedade não fosse em seguida inteiramente abolida. Por isso, patentearam ao dito Clemente XIII, seus desejos, pedindo a todos um tempo, escudados em sua autoridade, auxiliada por súplicas e instâncias, que assegurasse com esse meio eficaz a tranqüilidade perpétua de seus súditos e o bem geral da Igreja."

"A morte inesperada desse soberano pontífice fez sustar o andamento e a conclusão de tão importante assunto."

"Mas, apenas havíamos sido elevados pela misericórdia do Senhor à Cadeira de São Pedro, quando logo nos fizeram os mesmos pedidos, súplicas e instâncias, às quais grande número de bispos e de outros personagens ilustres por sua dignidade e ciência uniu os rogos e o apoio de sua opinião favorável."

"Contudo, para marcharmos com mais segurança, lealdade e consciência em coisa de tamanho, peso e gravidade, julgamos necessário espaçar o julgamento; a uma, para procedermos a rigorosas pesquisas e escrupuloso exame; a outra, para que o tempo nos deixasse deliberar com toda a prudência necessária, e, também, para implorarmos do Pai Eterno, que criou a luz, que nos socorresse com o auxílio da

sua luz divina, pelos nossos rogos constantes e pelas súplicas e boas obras dos fiéis."

"Importava, sobretudo, sabermos e examinarmos que fundamento havia a dizer-se e de onde vinha essa crença tão geralmente derramada de que o Instituto dos Clérigos da Sociedade de Jesus fora aprovado e confirmado solenemente pelo Concilio de Trento. E, pois, nos apraz aqui dizer que, das indagações, concluímos que o mesmo Concilio fez menção desta ordem, somente para excetuar do decreto geral, em que se estabeleceu relativamente às outras ordens religiosas, que, após o tempo do noviciado, os noviços seriam admitidos a professar ou seriam demitidos da Sociedade, segundo os julgassem dignos. Eis por que o precitado Concilio (Séc. 25, capítulo XVI, de Regular) declarou nada querer inovar, nem tolher tampouco a esses religiosos de servirem a Deus e à Igreja nos termos do seu Instituto aprovado pela Santa Sé."

"Assim, portanto, depois de madura reflexão, auxiliados, ousamos crê-lo, pela presença e inspiração do Espírito Santo; forçados, além disso, pelo dever sagrado do nosso cargo, que nos impõe essencialmente a obrigação de buscar, manter e consolidar o repouso e a tranqüilidade do povo cristão, extirpar inteiramente tudo quanto possa causar-lhe o menor dano. Por outro lado, reconhecendo que a Sociedade de Jesus jamais poderia tornar a produzir os abundantes frutos e as vantagens consideráveis de que fora

instituída e a que deveu ser aprovada por tão grande número de papas, nossos predecessores, e enriquecida com tantos privilégios e que seria quase, se não totalmente impossível, que a Igreja gozasse de paz verdadeira e sólida, enquanto a dita ordem existisse."

"Impulsionados por tão poderosas razões, as leis da prudência e sábia administração da Igreja Universal, e que deixamos cerrados no âmago do coração. Segundo o exemplo e os passos de muitos dos nossos predecessores, particularmente os de Gregório X, no Concilio Geral de Lion, pois, da mesma sorte, ora se trata de uma Sociedade compreendida no número das ordens mendicantes, assim pelo seu instituto, como pelos seus privilégios. Após acurado exame e porque temos real ciência de tudo: pela plenitude dos nossos poderes apostólicos: nós suprimos e abolimos a Sociedade de Jesus; ab-rogamos e dissolvemos todos e cada um dos cargos, empregos e administrações, casas, escolas, colégios, recolhimentos, hospícios e quaisquer outros estabelecimentos que lhe pertençam, por algum título e de qualquer maneira e seja qual for a província ou o Estado em que se achem situados; anulamos seus estatutos, praxes, costumes, decretos por aprovação da Santa Sé ou por outra diversa forma."

"E, outrossim, anulamos todos seus privilégios e indultos gerais e particulares, cujo teor, conceito e pensamento, mandamos se considere tão plena e textualmente inseridos na

presente bula, como se, de fato, estivessem palavra por palavra, e, não obstante qualquer fórmula ou cláusula em contrário, todo o decreto ou lei em que se apóiem, fiquem virtualmente compreendidas nesta supressão."

"Declaramos, portanto, perpetuamente cassada, e absolutamente extinta toda sorte de autoridade, seja espiritual, seja temporal do geral das províncias, dos visitadores e outros chefes desta Sociedade e transferimos essa mesma autoridade inteiramente, sem a menor restrição, aos superiores das dioceses, conforme as circunstâncias e as pessoas, na forma e condições que em seguida notificaremos — proibindo, como pela presente proibimos, que doravante se receba na dita Sociedade, quem quer que seja, que se admitam noviços ou se dê hábito a alguém."

"Impomos expressamente à consciência dos bispos o velar pela execução de todas essas coisas, lembrando-lhes de pensarem incessantemente na rigorosa conta que terão de dar a Deus, um dia, do rebanho confiado à sua guarda e cuidado e de se lembrarem da terrível sentença com que o Soberano Juiz dos Vivos e dos Mortos ameaça os que no mundo governam. Se entre os membros da Sociedade que extinguimos, alguns eram encarregados da instrução da mocidade ou que exercessem o mister de professor em qualquer escola ou colégio, ordenamos: que, privados absolutamente de toda a direção, administração e autoridade,

não se lhes conceda continuarem em tais ocupações a menos que se leve a toda a evidência que deles se colherá grande fruto e se mostrem bem, realmente, despreocupado dessas discussões e pontos de doutrina, cuja tibieza e futilidade ocasionam na maioria das vezes, inconvenientes e contestações mui funestas; e decretamos que as ditas funções se]a.m perpetuamente interditas àqueles que se não esforçarem por manter a paz nas escolas e a tranqüilidade pública e mesmo sejam privados do cargo que já estiverem de sua posse. Depois da publicação desta bula, nós proibimos que ouse, quem quer que seja, suspender-lhe a execução, quer a título, sob pretexto, escusa e aparência de demanda, apelo, recurso, declaração ou consulta acerca das dúvidas que possam sobrevir, quer, mesmo, sob outro pretexto qual for, previsto ou imprevisto; pois queremos que a supressão e anulação de toda a Sociedade tenha desde esse momento ou imediatamente pleno, inteiro e vigoroso efeito, pela forma e maneira prescritas sob pena de incorrer em excomunhão maior, reservada a nós, papas, nossos sucessores, contra aqueles que ousem opor o menor obstáculo, impedindo ou dilação à execução deste Breve. A todos os monarcas e príncipes cristãos, em quem reconhecemos respeito e afeição pela Santa Sé, exortamos a empregarem para inteira e plena execução deste Breve, todo o zelo e cuidado, toda a força, autoridade e poder que receberam de Deus, a fim de

defenderem e protegerem a Santa Igreja Romana; a aderirem a todos os artigos que nele se contém, a darem e publicarem idênticos decretos, pelos quais venham com segurança evitar que a execução da nossa presente vontade, não derrame entre os fiéis, nem querelas, nem contestações, nem desuniões... Ainda mesmo quando os superiores e outros religiosos desta ordem, bem como os que tenham ou pretendam ter interesses, de qualquer natureza, no que acima fica estatuído, não sancionassem o presente Breve, nem fossem chamados, nem ouvidos, queremos e decretamos que jamais o possam atacar, destruir ou invalidar, por sub-repção e nulidade, ou irregularidade, falta de intenção de nossa parte, ou qualquer outro motivo por maior que seja, imprevisto e essencial, nem por omissão de formalidade de preceitos que se devessem observar nas disposições precedentes, ou algures, nem por nenhum outro ponto capital, resultante de direito ou praxe, embora compreendido no Corpus júris; sob pretexto de uma enorme, muito grande e inteira lesão, nem finalmente por nenhum outro pretexto, razão e escusa por mais justos, razoáveis e privilegiados que pareçam, mesmo tais que fosse necessário expressá-los, para validade dos regulamentos supra."

"E proibimos que o presente Breve seja retratado, discutido, levado a tribunais; ou contra ele se promova recurso de restituição por inteiro, e discussão de redução pelas vias e

termos de direito ou por qualquer outro meio para obter de jus, de fato, por mercê, por justiça, ou por outra maneira de que possam lícita ou ilicitamente servir-se tanto em justiça como de outro modo."

"E, sim, queremos expressamente que a presente execução seja, de agora e para sempre, válida, imutável e eficaz; que tenha inteiro e pleno efeito e seja inviolavelmente observada por todos e cada um daqueles e quem observá-la compete e venha de futuro a competir de qualquer maneira. Queremos, pois, assim e não diversamente, que nenhum juiz ou delegado, nem mesmo os auditores das causas do paço-apostólico, nem os cardeais da Santa Igreja Romana, os delegados a latere, os núncios da Santa Sé, nem algum outro, qualquer que seja, ou haja de vir a ser o seu poder e autoridade (papas), possua, em que instância ou causa for, julgar e interpretar o presente Breve, de forma a tirar-lhe a força e a faculdade; e acontecendo que ele sofra a menor queda e diminuição, cientemente ou por ignorância, de antemão declaramos nulo e de nenhum efeito o julgamento, seja de que autoridade for."

"Finalmente, nós mandamos que, tanto em juízo como fora dele, se dê à simples cópia deste Breve, a mesma fé que se lhe daria se fosse exibido e exposto no próprio original, mesmo impressa, uma vez que seja subscrita por um notário

público e munida de selo de qualquer pessoa revestida de autoridade eclesiástica."

"Dado em Roma, em Santa Maria Maior, sob o anel do Pescador, aos 21 de julho de 1773, 5º ano do Pontificado".

Clemente disse suspirando: "*Assino minha sentença de morte, mas obedeço à minha consciência*".

E, de fato, sem entrarmos em pormenores que se encontrarão nas citadas obras, ele morreu em 22 de setembro de 1774, após terríveis efeitos de um envenenamento lento que lhe apodreceu o corpo ainda em vida. De quem é a obra?

Ora, após uma bula, como esta, tão jurídica, minuciosa, previdente e peremptória como a própria morte, lançada por um papa infalível, cujos decretos nunca podem ser revogados, cheia de excomunhões aos próprios papas futuros que pretendessem anulá-la, cujos direitos, mesmo humanos, lhe foram cassados *ad vitam eternam*, como compreender o ressurgimento dessa perniciosa Instituição, inimiga da humanidade?

É que a Igreja Romana, anticristã, sempre precisou de uma legião de homens sem alma, de sensibilidade empedernida, ferozes carrascos, para trucidar e queimar todo aquele que pretender esclarecer seus semelhantes no caminho errado que lhes apontam e cuja meta é a hegemonia mundial da sua política.

É que a Igreja Romana sabe que a maioria de seus adeptos, em todos os países do mundo, é constituída de analfabetos, e a pequena minoria dos letrados ou semi-letrados ignora esses fatos da História do Catolicismo, que ela confunde com o Cristianismo de Cristo.

Daí a razão das adesões a esse culto por alguns homens eminentes nas letras e nas ciências positivas, mas ignorantes em matéria da História em apreço que não leram e não podem ler, por lhes ter sido proibida sob terríveis penas espirituais e excomunhões.

E é a esses homens que se entrega a direção de uma nação?

Cromwell, grande estadista inglês, perseguia e matava muito angelicamente, dizendo que era para obedecer a Deus que tal fazia!

Eles possuem um arsenal de fórmulas de variadas experiências para atacar ou defender os mesmos princípios, conforme convier mantê-los ou aniquilá-los. Há capítulos de restrições mentais, de transações e acomodações, de capitulações de consciência e de interpretações de compromissos etc.

Doelinger disse que por onde passa o espírito jesuítico a boa erva não mais cresce.

Citemos ainda Mater, o fervoroso apologista católico, irradiando alguns conceitos da sua obra *Les Jesuites*, edição de 1931.

Diz ele na página 187:

> "... *emigraram para a América e aí se instalaram como brancos entre negros*".
>
> "... *pois os fiéis brancos ou boçais precisam de certezas que os dispensem de refletir e não de revisões doutrinais que se agitam sem interessá-los." "Seu sistema conduz a substituir por um automatismo religioso a inteligência da religião e dos religiosos*."

"*Em seus colégios eles ensinam a religião o menos possível e recomendam que não se fale em Deus, nem das noções ligadas às de Verdade da Fé*."

Quem vai confirmar isso agora é o próprio jesuíta Porée, o mais famoso educador francês e professor do célebre Voltaire...

Diz ele: "... *é uma loucura ligar-se importância a coisas estéreis e puramente fantásticas. Para que falar da existência de Deus e da imortalidade da alma? Tudo isso só serve para trazer inquieto o coração e criar dúvidas indiscretas. É bom falar-se nisso, algumas vezes, mas como de passagem, para demonstrar desejo de provas*".

Fontenelle, também discípulo de *Porée*, disse:

"*Eu tinha dez anos quando comecei a não entender mais nada de religião."*

"Assim professam os jesuítas que recebem a formação teológica a mais minuciosa e praticam entre eles a piedade a mais esclarecida; fazem da religião para os fiéis, uma matéria de disciplina; mas não de discussão. Dir-se-ia que eles se inspiram na frase de Voltaire: 'É preciso uma religião para a canalha!' 'Sob pretexto de formar homens do mundo e homens cortesãos eles fabricam dançarinos e cortesãos'."

"O fim do jesuíta é combater contra tudo que incomode Roma."

Môhler, um dos acatados teólogos da sua época, escreveu:

> "*Sua maneira de tratar a **moral** é por vezes um veneno que atingiu a vida cristã até a medula; ela fez desaparecer toda a profundeza religiosa, toda a regra de santidade e impediu toda a disciplina eclesiástica séria".*
>
> *"A dogmática na mão deles tornou-se um esqueleto dissecado, uma abstração sem vida*."

Sob a máscara da paciência, da prudência e da moderação se encobrem a dissimulação, a astúcia e a perfídia.

Na Irlanda, os jesuítas fabricavam velas para o altar com a banha dos protestantes.

Quando se intrometem nas discussões é só para embaralhá-las e obscurecê-las.

Chegou-se, mesmo, a dizer que a delicadeza e a gentileza de um jesuíta eram um artifício do diabo.

Eis uma linha tirada da sua Disciplina:

> "*Flagelaram-se gritando: 'Cessa de revoltar-se asno insolente, contra a razão, tua senhora. Trata de sacrificar a vontade, mas não a carne. Antes de tudo é útil ter um ódio absoluto e sem reserva em relação ao que o mundo ama e abraça*' ".

Em teoria, essa obediência cega não é prescrita pelas regras da Ordem; mas, na realidade, ela é praticamente exigida de todos. Os que resistem são expulsos por falta de vocação e atrozmente perseguidos, como se está passando atualmente (1932) contra o Jesuíta Bremer, na Alemanha[354].

O Jesuíta Przywara[355] estabeleceu o seguinte dilema:

"*A obediência cega é a pedra de toque do verdadeiro Catolicismo*", daí tiraram o paradoxo: "*pela boca do Papa é sempre São Pedro que fala, pouco importando que este papa seja pessoalmente indigno e se pareça com o anti-Cristo, isto é, leve uma vida privada às avessas da vida modelo do Cristo*".

Apavorante, porém, seria esta outra calamidade:

> "*Houve, em Flandres, em 1631, duas inglesas que instituíram a 'Congregação das jesuítas femininas'.*"
>
> *"O Papa dissolveu-a. Os jesuítas, porém, sofismaram a coisa e criaram o 'Sagrado Coração de Jesus'* ".

Que são essas dezenas de Congregações femininas que acabam de ser importadas da Europa, senão modalidades jesuíticas, acobertadas pelas asas de uma simulada caridade?

Houvesse uma séria devassa policial e reconhecer-se-ia que meia dúzia de crianças asiladas ali não passa de simples rótulo ou isca. Já tem mesmo surgido escândalo pela imprensa que, infelizmente, é logo arrolhada!

Juridicamente, para o Vaticano, o Brasil faz parte da **Província dos Jesuítas** que encerra Roma, Alemanha e Portugal.

---

[354] Maler — *Un scandaleux procés èclésiastique* — Le General des Jesuites, Pie XI et le cas Bremer.
[355] Le Pape-Roi.

Entretanto, o Brasil revolucionário de 1930 abriu-lhes as portas de par em par, quando todas as nações lhes fechavam, e oficialmente compareceu à festa que o *soi-disant* povo organizou em honra dos jesuítas, em 2 de abril de 1931, para o assentamento da pedra fundamental da futura estátua de Inácio de Loyola!

Já é!

Se essas poucas linhas, que encerram vasto programa dos tempos medievais e inquisitoriais, não conseguiram despertar vossa alma de verdadeiro cristão, de verdadeiro discípulo do meigo Jesus, que pregou a paz e o amor ao próximo, correndo a vergalho essa legião de padres, frades e freiras estrangeiros, aventureiros improdutivos que acabam de invadir o Brasil, após a repulsa em massa de todos os países do mundo, então que seja feita vossa vontade que, certamente, é a de Deus, para vos castigar com a tremenda provação por que tereis de passar. Quando reconhecerdes o erro, como acaba a Espanha de constatá-lo, após 400 anos de catecismo, tarde será porque o mal já terá corroído o sangue de 85% de pobres analfabetos, a nação estará financeiramente reduzida a ser vendida a retalho à Europa pela remessa de toda sua fortuna e novos séculos serão precisos para refazer uma nova geração inteligente, livre e honesta, como sucedeu a Portugal e está sucedendo ao México.

Os que se filiam ao Jesuitismo têm de prestar o solene juramento que segue:

"*Juro não poupar indivíduo algum pertencente ao infame partido dos liberais, não ter compaixão nem das lágrimas das mulheres, nem das crianças, nem dos gemidos*

dos velhos e derramar até a última gota do seu sangue, sem consideração pelo sexo, idade ou categoria[356]".

Entre milhares de crimes inauditos, citemos somente parte dos que cometeram contra os monarcas e outras entidades salientes na direção dos povos:

Envenenaram o papa Clemente VIII e todos os que haviam incitado e auxiliado o papa Clemente XIV que abolira a ordem. *Idem* a Clemente XIII que havia aventado essa idéia. Henrique IV foi assassinado pelo jesuíta Ravaillac. A rainha Elisabeth, por Babington jesuíta. Luiz XV ferido pelo jesuíta Roberto F. Damiens. Henrique III assassinado com uma punhalada no baixo-ventre pelo jesuíta Jacques Clement, dominicano. Urbano VI envenenado. Leão XI envenenado. Cardeal Touinn envenenado. O legado Mezabarba envenenado etc. etc.

O cúmulo da hipocrisia e da desfaçatez do Catolicismo é transformar em culpados as vítimas dos crimes praticados por seus algozes.

Por isso disse Voltaire, ex-discípulo dos jesuítas:

"*Persécuteurs du genre humain"*
"Qui sonnez sans miséricorde,"
"Que n'avez vous au cou la corde"
"Que vous tenez de votre main?"

O Jesuitismo tem como essência o espírito de divisão. E como se chama esse espírito já nomeado por Cristo? Satanás!

[356] M. Lachatre — volume 5°, página 240.

Ensino Religioso

Até nesta denominação já se descobre o maquiavelismo da Igreja Romana, porque tão religiosos são os ensinos do Budismo, do Maometismo, do Ortodoxismo ou de qualquer seita quanto o são os do Cristianismo.

Há nessa qualificação o evidente intuito especulativo de tornar sinônimas as duas expressões: **Ensino Religioso** — **Ensino Católico**; repudiando qualquer outro ensino que se apresente à concorrência.

Ora, todo ato que encobre uma segunda intenção não pode de modo algum cheirar a santidade, antes tresanda ao Jesuitismo.

A polêmica havida entre a Associação de Professores Católicos e a Diretoria Geral de Instrução Pública, cuja magistral resposta final foi publicada pelo *O Globo*, em 16.7.33, bem esclarece a intenção da Igreja.

Felizmente, ainda temos homens no Brasil para salvar a Pátria! O reino do céu é dos ignorantes, diz a Igreja Católica! Pudera!

Fosse ela permitir que a célebre maioria de católicos no Brasil, constituída de 85% de analfabetos, se ilustrasse, aprofundando a origem e a formação do seu Culto, pesquisasse os embustes atirados à credulidade das massas, seria o aniquilamento do monumento Vaticanício em mais breve tempo do que era de esperar, porque é das economias dessa pobre gente que ele ostenta o luxo. Daí o esforço que faz o Jesuitismo em reter o mais que pode a vertiginosa queda da Fé. Pois é evidente que essa Fé já se não parece com a Fé dos primitivos tempos do Cristianismo, em que só o Poder espiritual predominava; hoje essa fé é um pretexto para se elevar ao Poder Temporal e ao Governo do Mundo. É a mistificação pelo misticismo.

Bem sabe a Cúria Romana que não é o arquiteto que delineou o plano que vai construir o edifício; são os obreiros que, embora de crenças contrárias ou indiferentes, erguerão o templo, uma vez que lhe paguem seus salários. Mas a evolução humana nada faz aos saltos; o que nos parecem hoje revoluções políticas nacionais, como as que têm infelicitado nossa pátria, quando encabeçadas pelo bispo, pelo vigário geral (como sucedeu em São Paulo), não passa, no fundo, de momentânea anarquização espiritual das massas, pelo veneno que a Companhia de Jesus continua inoculando por toda parte, como a mira no Poder, para repor no trono sua supremacia.

E tu, pátria nossa, que esperas?

Que sejas completamente subjugada pelo polvo, cujos tentáculos já se apoderaram de vários Estados, que atravesses alguns séculos de atraso, como sucedeu à Alemanha, à França, à Áustria, à Portugal, à Espanha, à Itália, à América do Norte, ao México, à Argentina etc., acabando todos com o repudiar, como nefastos, os famosos ensinos católicos, para, finalmente, fazerem o mesmo que elas?

Para que sofrer tão rude experiência, já sofrida por essas nações? Para que deixar derramar nas nossas escolas o veneno já bebido por elas?

Deixai, só, que pobres mães ignorantes e fanatizadas propinem esse veneno aos seus filhos; mas não permitais que se torne obrigatório o suicídio espiritual de uma nação inteira.

Bendito será o homem que abrir os seus olhos.

No Estado de Minas Gerais, no reinado de Antônio Carlos, impôs-se o ensino católico obrigatório nas escolas públicas. Desse modo, rasgou ele a própria Lei Básica da República, que separou a Igreja do Estado, concedendo liberdade de

crenças e cultos aos cidadãos brasileiros e estrangeiros que aqui habitam, negando, com esse ato, a liberdade do povo brasileiro e escravizando-o a uma seita repudiada.

Mas que vem a ser, em suma, esse tão falado **Ensino Católico**?

Um grande estadista francês, perguntando aos clericais perante a Câmara, dará, por nós, a resposta:

> "*Que podeis vós ensinar às crianças quando não há um só filósofo, um só historiador, um só orador, um só naturalista, um só fisiologista, um só pensador, em suma, desses homens perante os quais se ajoelha a consciência humana, que não esteja condenado e excomungado por vós*?"

Não basta isso? Pois, queiram ler o próprio Sílabos, livro de Leis do Vaticano, em seu artigo 80, de 8 de dezembro de 1864, que diz: "*É erro condenável supor-se aceitável ou exeqüível a reconciliação da religião com a ciência, o liberalismo e a civilização moderna*". A instrução é a causa da demagogia, disse Pio IX em outra ocasião.

E por que a Igreja Católica é inimiga do progresso da humanidade? Porque ela se baseia na frase da Bíblia quando Deus proíbe a Adão de tocar no fruto da árvore da ciência do Bem e do Mal. Ora, diz ela, se Deus proibiu à humanidade o conhecimento da Ciência, justo é que se queimem e persigam todos os cientistas. Ademais, se o reino do Céu é dos ignorantes, claro é que se devem extirpar os doutores pela fogueira, salvo, bem entendido, os que fazem parte da agremiação.

Foi Tertuliano quem criou o seguinte aforismo sobre o qual a Igreja Católica se guiou durante séculos, destruindo, desse modo, todo o incitamento às ciências que ela condena: "*Não precisamos de nenhuma ciência, depois do Cristo, nem de nenhuma prova depois do Evangelho; aquele que crê não deseja mais nada; a ignorância é boa, em geral, a fim de que se não aprenda a conhecer o que é inconveniente*".

Por isso a ciência estacionou durante séculos. Aquele que acreditasse nos antípodas, isto é, que a terra era redonda, era considerado herege e a fogueira o esperava.

É na Concordata de 1855, feita entre a Cúria Romana e a Corte de Viena, que se conhecem a fundo os verdadeiros fins do papado em relação à sociedade moderna.

Combes, o grande estadista francês, disse perante o parlamento que "*acorrentar a razão humana a uma fórmula, quando não existe outro fundamento senão a fé, equivale a obrigar o homem à dúvida, à negação e à heresia*".

> "*A república, como governo da razão humana, não pode admitir a seu lado outra potência que não esteja debaixo da sua fiscalização*."
>
> "*A coexistência das duas autoridades, temporal e espiritual, é uma anomalia em uma república*."

E Herriot, o moderno chefe do gabinete francês cuja ação a respeito da paz mundial é notável, reconhece que o progresso (de uma nação) consiste em separar mais e mais a religião da política.

"*Quando se unem estas duas coisas sobrevêm as perturbações sociais*."

E o Brasil procura fazê-lo!

Para melhor avaliarmos o que vem a ser o ensino religioso nas escolas brasileiras, ouçamos o padre Guilherme Dias, ainda no tempo da monarquia, quando o Estado andava amarrado à cruz.

Diz ele em Ecos de Roma, publicado em 1873:

"*Nas escolas primárias e secundárias, em que se deve preparar o espírito, não se tem ensinado o homem a ser cidadão, familiar, social, bom, virtuoso, pundonoroso, humanitário, honrado e trabalhador; não se tem ensinado a mulher a ser boa filha, desvelada esposa, carinhosa mãe, virtuosa, dócil, dedicada ao trabalho, boa educadora e administradora. Nada disso. O ensino escolar nos Estados Católicos é... católico!"*

"*Não se educam cidadãos nas escolas católicas, criam-se escravos do papa. Não se instrui o homem nos direitos e deveres civis e políticos, ensina-se a adorar o Papa e seu infinito exército de Santos. Não se ensina o respeito da Consciência, negam-se os seus direitos. Não se evangeliza a liberdade, ensina-se o despotismo e encaminha-se o homem para o fanatismo. A educação católica, apostólica e romana, e era essa a única que tínhamos até há pouco e ainda assaz*

preponderante, neste império, é tão oposta à verdadeira educação social e constitucional, como o papismo é adverso e oposto ao liberalismo, e vem dessa educação os vícios da sociedade atual e vêm dela as inclinações e simpatias de alguns chamados liberais pelo papismo. Apesar da aberta oposição, mais do que isso, da absoluta incompatibilidade do papado com o liberalismo, por exemplo, o governo do Brasil, como o de Portugal, sustenta um grande número de seminários destinados a viveiro do Catolicismo e muitos dos denominados 'liberais' mandam educar neles seus filhos e netos."

"E temos, infelizmente, quem pense ainda que não se pode dispensar tal educação católica, apostólica e romana, que é a educação dos mistérios, dos preconceitos, dos prejuízos, dos absurdos, da condenação, da inteligência, da consciência, da liberdade e do... ócio."

"Os padres católicos romanos não têm família ou a têm bastarda e condenada; como hão de eles ensinar e exemplificar os direitos e os deveres da família, que são os primeiros que se devem ensinar às crianças, destinadas a estabelecê-la?"

"Os padres romanos não têm pátria; como hão de incitar as crianças ao verdadeiro patriotismo?"

"Os padres romanos negam a liberdade; como hão de eles instruir a mocidade nos princípios liberais?"

"Os padres romanos tiveram uma educação toda fantástica ou mística, como hão de eles ensinar às crianças os direitos e deveres que são positivos? Os padres romanos sem família e sem pátria são egoístas pela educação e posição, como hão de mover as crianças no amor pelos outros, à devoção cívica, à obrigação e aos princípios da confraternidade? Os padres romanos com uma educação hipócrita e hábitos hipócritas, como hão de educar a mocidade pelos princípios da verdade e da franqueza? Os padres católicos, interessados, interessadíssimos, no obscurantismo, na cegueira dos povos, no embrutecimento geral, como hão de empenhar-se na ilustração da sua vida que os desmascararia?"

"Enfim, os padres católicos, apostólicos e romanos, tendo recebido uma educação católica, apostólica e romana, como podem dar aos mancebos uma educação social, constitucional e humanitária, absolutamente oposta à deles? Se é inquestionável o princípio de que ninguém pode dar o que não tem, os padres romanos, por melhor boa vontade que tivessem, mas, não a podem ter, não poderiam dar ao povo uma educação que eles não têm e que só conhecem para detestá-la."

"O Catolicismo transformou os homens em escravos e a escravidão mata a inteligência, mata o brio e o pundonor, mata o amor à família, mata os estímulos nobres, mata, enfim,

tudo o que podia mover à nobreza, à generosidade, ao brio e, dizem mesmo, mata até o próprio católico".

Não há pior cego do que aquele que não quer ver.

Apesar da História nos mostrar, incessantemente, a indesejabilidade do ensino desse credo, pavor de todos os governos do mundo, o Brasil inteligente foi abalado com o decreto forjado pelo Ministério da Educação, **facultando**, mascaradamente, o ensino religioso nas escolas! Bastou que surgisse tal mentalidade, não como representando facção alguma da nação, mas como mero instrumento da Cúria romana, para destruir o trabalho de uma Constituição modelar, na própria opinião dos Papas, o sossego e a paz de 42 anos em que tem vivido a nação e a própria liberdade em que viveu a igreja nesse longo lapso de tempo.

E, para que se não diga ser animadversão da nossa parte, o que acima fica, transcrevemos, em seguida, a declaração que o outro projeto fez perante a "*Legião Revolucionária*", em Belo Horizonte: "*Os compromissos que assumimos para com a Igreja Católica não constituem um desses artifícios políticos com que no Brasil se costumava ludibriar as forças para as quais políticos apelavam*?!"

E, que tal a franqueza?!

Os protestos afluíram de Norte a Sul. Ligas se têm formado sob a direção da "*Coligação para o Ensino Leigo*" e a "***Questão Religiosa***" acaba de ser instituída no Brasil.

Isso motivou de nossa parte a seguinte carta ao Exmo. Sr. Chefe do Governo Provisório:

"*Do Norte ao Sul do país V. Ex. tem recebido e há de continuar a receber os mais veementes protestos com relação ao decreto acerca do Ensino Religioso."*

"Isso já é um prenuncio de que a alma da nação brasileira, adormecida durante quase meio século, em um ambiente de paz, foi acordada, em sobressalto, por um terrível pesadelo, pois quero crer que isso seja um sonho passageiro, que V. Ex. dissipará com a luz da liberdade que irradiava do facho que empunhou nos campos sulinos, porquanto, não é possível que V Ex., ilustradíssimo como é, ignore as própria palavras do Sílabo: 'É em condenável supor aceitável ou exeqüível a reconciliação da religião com a ciência, o liberalismo e a moderna civilização'."

"V. Ex., como velho político, deve igualmente lembrar-se das palavras de um deputado francês, perante o parlamento, por ocasião da separação da Igreja do Estado, dirigida ao clero católico: 'Que podeis vós ensinar às crianças quando não há um só filósofo, um só historiador, um só orador, um só naturalista, um só fisiologista, um só pensador, em suma, desses homens perante os quais se ajoelha a consciência humana, que não esteja condenado e excomungado por vós?' "

"V. Ex., certamente, deve ter prestado atenção na reação que a alma espanhola, saturada do tão decantado ensino religioso, acaba de manifestar a: mundo; V. Ex., sem

dúvida, volveu seus ouvidos para os gritos de 'Morte ao Papa', 'Morte ao Traidor', 'Abaixo o Vaticano', que acabam de repercutir do próprio foco do Catolicismo, em Roma, e saídos do peito da mocidade católica; V. Ex. conhece, de sobra, as terríveis lições da história da humanidade nos tempos medievais e mesmo moderno, como o que nos acaba de dar o martirizado México desde o tempo dos Corteses; V. Ex. já terá ponderado as conseqüências retrógradas ou atrofiantes do progresso do Brasil monárquico; V. Ex., em suma, não há de ter esquecido suas próprias palavras no parlamento quando, em boa hora, representava a nação."

"E, num grito nobre, inteligente, altamente patriótico e humanitário revogará, decerto, aquele decreto, a fim de receber as bênçãos dos cidadãos brasileiros e estrangeiros aqui residentes, embora se moleste o sentimento religioso de uma facção, por maior que ela seja, a qual, aliás, não fica tolhido direito algum de expansão. Assim o espera o mais ínfimo criado de V. Ex."

Oxalá, que, no futuro, não venhamos assistir à tragédia por que acaba de passar a ultracatólica Espanha, conforme se verifica no seguinte telegrama passado pelo próprio Vaticano:

"*Acaba de ser publicado o relatório oficial dos prejuízos sofridos pelos jesuítas espanhóis por ocasião dos*

últimos acontecimentos de Madri e nas províncias da Espanha."

"Por esse documento verifica-se que na Capital foram incendiados e reduzidos a cinzas uma casa de Professores com a igreja que lhe ficava contígua e onde repousavam os restos de São Francisco de Bórgia e o grande Instituto técnico de formação de engenheiros, contra-mestres e operários. Em Málaga, um convento. Em Sevilha, um colégio. Em Alicante, um asilo onde florescia a obra de educação dos filhos dos operários. Foram ali saqueados, também, outros estabelecimentos de Jesuítas, entre os quais alguns colégios. Em Málaga e Valência foram incendiadas e destruídas duas escolas. Em Sevilha foram igualmente saqueados estabelecimentos, em que 300 operários recebiam instrução gratuita, ministrada por 20 professores, e mais duas casas, uma para operários sem trabalho e outra para auxílio aos presos. Os jesuítas foram obrigados a deixar muitas outras casas que estavam ameaçadas de incêndio pela população; três noviciados em Aranjuez, Gandia e Salamanca, três colégios em Cruela e Gigon e a Casa dos Escritores em Madri."

"Relativamente às outras casas de religiosos, o balanço diz que foram incendiadas ou devastadas entre 100 e 200 pertencentes aos padres Dominicanos e aos Capuchinhos."

“Em Andaluzia, parte das Comunidades religiosas da região teve de ser dispersada.”

“Os Salesianos tiveram também algumas casas incendiadas, entre elas o grande colégio de Alicante. Também foi destruído pelo fogo o Colégio de Madri dos Irmãos das Escolas Cristãs. O Convento de religiosos de Pueblo Nuevo foi incendiado.”

“As religiosas da Companhia de Maria foram obrigadas a abandonar os conventos em Manreza, Lerida, Saragoça, San Lucas, Madri, Corunha e Xerez. O Convento desta ordem em Alicante foi totalmente destruído pelo fogo com tudo o que continha.”

“As irmãs do Sagrado Coração de Maria perderam sua Grande Casa de Chamartin, perto de Madri.”

“Quando o externato desta Ordem estava ardendo, a Madre Superiora pediu benevolência para as crianças e para as religiosas velhas. O pedido foi atendido e o fogo extinto pelos próprios populares e pelos bombeiros. As religiosas deixaram depois o edifício secretamente. Os prédios que arderam foram evidentemente saqueados antes pela população. O Relatório que acompanha o Balanço termina assim: todas essas devastações foram obra de elementos comunistas, que pareciam verdadeiramente organizados e procuravam horas em que era impossível qualquer defesa".

Poderá haver prova mais evidente da ineficiência de tal ensino? Não prevalece a insinuação *supra* de serem tais acontecimentos promovidos por comunistas, pois o sentimento político, propriamente dito, não levaria as populações de todas as províncias a destruir as escolas, os asilos e os templos da sua devoção, perseguindo seus professores espirituais, de uma a outra extremidade do país. Pode-se ser católico, apostólico e romano e ao mesmo tempo reacionário político. Uma coisa nada tem com a outra. Mas, uma vez que este reacionário político se volta para seu templo, a fim de destruí-lo, é porque seu espírito religioso sentiu que a causa do seu atraso e a falta de liberdade provinham dali e o meio de externar a reprovação não pode deixar de ser outro.

E quem vai confirmar nossas palavras é o jesuíta espanhol Pascual Godo, expulso da Espanha nessa ocasião, quando de passagem pelo Rio de Janeiro declarou o seguinte à nossa imprensa: "*Diário da Noite*, 20.2.1932:

> "*A queda do trono espanhol e a implantação do novo regime em meu país trouxeram uma grande desilusão para todos aqueles que acreditavam ser a Espanha um dos países mais católicos do mundo. O que se passou, então, em quase todo o país, com a destruição e o incêndio de grande número de templos católicos, vem provar, de modo insofismável, que o povo espanhol era católico, porque a religião oficial da Espanha era a... católica*".
>
> Excusez du peu!

Ora, é evidentíssimo que se tal ensino católico fosse de fato eficaz, que se deveria esperar da geração espanhola? Certamente, quando mais não fosse, um colossal convento, senão, uma legião de sacristãos!

Foi exatamente o contrário que se produziu.

Foram reacionários contra esse pernicioso ensino que escravizara sua liberdade.

A Igreja Católica quebra lanças para introduzir o ensino do seu catecismo, porque, em suma, é o único ensino que ela pode administrar a seus discípulos, isto é, que Deus é Deus, que ele está em toda parte, que é dividido em três pedaços, que isso e aquilo são pecados, que há céu, purgatório e inferno etc., porquanto, para as ciências positivas não só a padralhada não teria a necessária competência, como possuímos, para isso, escolas apropriadas, com professorado leigo competentíssimo e diplomado.

Jamais, porém, se viu o menor esforço por parte do Catolicismo em edificar Escolas Públicas, nas quais, com mais propriedade, poderiam ensinar seu obsoleto catecismo.

O que vemos são edificações de igrejas por toda parte, mas com o dinheiro dos fiéis, adquirindo por essa forma indireta grande parte do território nacional como sucedeu com o México. Fazer correr numa localidade suburbana uma subscrição para a construção de uma Escola é tempo perdido, como já tivemos ocasião de verificar, em infrutífera tentativa, ao passo que se esta subscrição for para a construção de uma igreja ou para festejar o Santo padroeiro o resultado monetário ultrapassa sempre os limites do necessário, queimando-se uma boa parte em foguetório. Em Niterói já houve até um dia de "*florzinha*", para se festejar um bispo e muitos caíram na ariosca pensando que se estava angariando para um asilo.

Entretanto, bem podia uma pequena parcela da fantástica renda produzida pelo **Dinheiro de São Pedro** que é remetido às dezenas de milhares de contos para as arcas do Vaticano, ficar aqui e ser destinada à edificação de escolas. Neste sentido, tivemos a ingenuidade de, acreditando nas boas intenções do Ministro da Fazenda, José Maria Witaker, dirigir-lhe uma petição em que expusemos este e outros rombos do tesouro, por onde se escoa o patrimônio nacional e nem sequer fomos dignos de um simples recado: está entregue! É o que aconselhávamos a que olhasse esse rombo não com seus olhos de Ministro, mas com os de... herege.

É expressivo e confere com a época de anarquia mental e governamental por que atravessa o mundo e principalmente o Brasil. Quem paga imposto para manter as parcas escolas que possuímos tem o direito de educar seus filhos como quiser.

Não concordamos, absolutamente, com a opinião do deputado francês La Cour Grammaison quando alega que o ensino leigo é agressivo aos católicos.

Por que só aos católicos e não aos outros cultos que contêm superior número de fiéis? Não serão eles tão respeitáveis, ou, mesmo, mais pela sua Antigüidade?

Não é a instrução do povo que deve atemorizar o Catolicismo; só tirano ou velhaco é que a teme; mas o que se deve temer é a ignorância que arrasta a massa aos vícios pelo primeiro agitador social.

Uma geração livremente instruída, sem peias espirituais que cerceiam o desenvolvimento da ciência, produz outra geração mais esclarecida, a qual, ao cabo de alguns séculos, pode empunhar o facho da razão e iluminar os povos infelizes que se deixaram acorrentar ao erro.

A influência nefasta do Catolicismo sobre a política e a moral, sobre a felicidade ou infelicidade dos homens em particular e da coletividade em geral é por demais evidente para que se entregue a Roma o direito de governar os homens, modificando-lhes sua ação, sua predileção, seu regime de vida e, principalmente, degradando-lhe a razão. Ele se apodera do homem logo ao sair do seio materno, de quem já se havia apoderado anteriormente, preside sua educação, marca-lhe os limites da ciência, põe-lhe o "***visto***" nos mais importantes compromissos de sua vida íntima, rodeia seu leito mortuário, o conduz ao túmulo e o acompanha no além por algum tempo, se o ajudarem com o produto de missas.

J. Most dizia: "*Quanto mais se crê, menos se sabe; quanto menos se sabe, mais ignorante se é, e quando o homem é ignorante melhor o podem governar*".

O Cardeal Gonsalvo declarou que nenhum católico pode respeitar a liberdade de culto; mas este pândego quer que os outros respeitem a sua!

Com a encíclica que Pio XI acaba de lançar ao mundo (1933), protestando contra o governo espanhol a respeito da separação da Igreja do Estado e outros atos inerentes a essa medida profilática, terminando por excomungar **automaticamente** o Presidente Alcalá Zamora (fervoroso católico) e todos os deputados, saiu-se ele com esta beatífica frase maquiavélica, por demais transparente de hipocrisia: "*Ao **amado** povo espanhol proclamo que a Igreja se **ACOMODA** a todas as formas de governo e de instituições civis, **uma vez que fiquem intactos os direitos de Deus** (?) e os da consciência cristã*" (aqui não lhe convinha o termo **católica**). O que bem interpretado quer dizer, que a Igreja Católica (e não cristão) **se acomoda** com todas as formas de governo e instituições civis, contanto que não se submeta às leis que lhe cerceiem a liberdade de poder abafar a

liberdade daqueles que não quiserem se submeter às suas leis canônicas, e possa exercer desassombradamente o Poder Temporal que ela arranca das mãos do Poder Nacional. Tanto isso é verdade que, na mesma ocasião, a Pastoral Universal dos Bispos publicava no *El siglo futuro*:

> *"Pais Católicos! (Já não são cristãos). Antes a morte do que consentir que nossos filhos freqüentem a escola laica."*
>
> *"Ainda com as mãos e os pés amarrados, não irão".*
>
> *"Há absoluta incompatibilidade entre o espírito da Igreja Católica e um governo liberal seja ele qual for, republicano ou monárquico. Um padre convencido pode ser republicano, mas nunca liberal, por pouco lógico que ele seja*."
>
> (L. Courdaveaux)

O Catolicismo tem por princípio que a ciência é loucura, que o exame das coisas é orgulho.

É assim que o Vaticano se **acomoda** com os governos e as instituições civis. É a igreja da incoerência e da desfaçatez. Para ela as palavras são como suas duas espadas, têm duplos sentidos; o que é uma afronta à Razão humana! E é assim, também, que se acomodam certos adeptos.

Que o Brasil e as nações em que está instituída a liberdade de crenças e de consciências e aquelas em que a religião se acha ligada ao Estado reconheçam que o **Decálogo** é a base fundamental de todas as religiões antigas e modernas e mandem pintar nas paredes de suas escolas os dez Mandamentos da Lei de Deus,

incutindo, desse modo, nos cérebros infantis, os únicos dez artigos dessa lei sociológica que rege a humanidade, sem que isso possa ferir esta ou aquela crença.

Basta que o homem adore um Deus impessoal, não mate, não roube, não calunie, não adultere, não cobice o que não é seu etc., e cumpra à risca a incomparável moral budística, para que este homem se torne verdadeiramente digno de merecer as graças do Criador, fazendo seu espírito reintegrar na sua própria essência.

Não são os zimbórios dourados dos templos e as tragédias divinas representadas neles por homens especializados, que têm conseguido evitar as guerras implantando a paz na terra.

O contrário é que é verdade.

Casa de Orates

Para provar que vivemos em uma verdadeira Casa de Orates, em que ninguém se entende, porque cada magnata detentor de uma farpeia do governo julga estar tudo certo, no seu modo de ver, e pode salvar a pátria e suas próprias finanças, apresentaremos aqui alguns fatos incontestáveis.

Quando em 1889 o país rompeu com o Poder Espiritual Romano fazia parte do nosso patrimônio, não só territorial, como em bens móveis, uma fantástica soma de alguns milhares de contos de réis.

Pela conhecida astúcia jesuítica, essas propriedades pertencem hoje ao Vaticano, porque provado ficou entre eles que tudo aquilo pertencia a Rodrigues Alves, então Presidente da República, que entendeu doar a Roma grande parte desse patrimônio nacional.

Nos primeiros meses da República, o povo bestificado, conforme a expressão de Aristides Lobo, ficou quieto. De repente, porém, vendo a Igreja que os fiéis começavam a rarear, improvisou um programa de procissões pelas ruas da cidade, em que se assistiam a bárbaros espancamentos e assassinatos de estrangeiros ignorantes dos costumes do país. Era o fanatismo católico e intolerante que, pretendendo fazer uma nova São Bartolomeu, invadia bondes e casas comerciais, apedrejando, ferindo à navalha e matando pacatos transeuntes que inconscientemente conservavam seus chapéus na cabeça, embora distantes dezenas de metros do local das exibições.

Como essas cenas de selvageria se avolumavam de ano para ano, o governo tomou providências proibindo as procissões. Mas, de ano a ano, de acordo com a mentalidade do Chefete que dirigia a plebe, as concessões para passear santos, só em volta do seu templo, foram se desenvolvendo até conseguirem passear eles, por algumas ruas, chegando mais tarde a rodear as Praças, já que, em 1930, a Cúria Cardinalícia em um raso de suprema autoridade eclesiástica entendeu **Decretar** a monumental passeata do ídolo de "*Aparecida*", como a maior afronta e menosprezo às leis vigentes.

Protestamos em tempo, por petição ao Ministro da Justiça, Oswaldo Aranha, e obtivemos como resposta que "*estando a Igreja desligada do Estado, o Governo não podia intervir nessas manifestações públicas*."

Pois bem! Três meses depois a Capital da República, **com o auxílio e a presença do elemento oficial**, assistia à maior procissão carnavalesca que jamais o próprio império e a própria Roma viram, e na qual as chapas fotográficas indiscretas gravaram a cena do Ditador curvado beijando os pés do dito ídolo, sob o olhar expressivo do Cardeal.

E... a Igreja está separada do Estado, diz o Ministro da Justiça! É fácil calcular o que não seria se não estivesse.

Mas toda medalha tem seu reverso e este é curiosíssimo: enquanto aqui, na Capital do Brasil, se prestavam homenagens à Cúria Cardinalícia, em **Roma**, o povo, nesse mesmo dia, incendiava templos, dava "***morras***" ao Papa, clamava pela destruição do Vaticano e o Papa, a toda pressa, reunia um Conclave de 22 cardeais! Edificantíssimo!

Que vimos na Revolução de 24 de outubro?

S. Ex., o Cardeal, chamado a servir de **guarda civil** para prender o Chefe do Poder Constituído, quando isso podia ter sido obtido pelo direito do mais forte, que assistia, de fato, ao exército naquele momento e representado por três distintos generais.

Essa intervenção, porém, se deu, não pelo sentimento pacificador que animava a Cúria Cardinalícia, mas pelo acréscimo, na última hora, no manifesto lançado à Nação, pela Junta Governativa do artigo 8, que só podia interessar à Cúria Romana: "***Solução da questão religiosa***" que, aliás, nunca existiu no Brasil. E o Presidente saiu na frente do Cardeal!

Outrora, era D. Pedro II, cioso de suas prerrogativas de monarca, quem mandava prender em fortalezas alguns bispos que o queriam desprestigiar, apesar de ligada a Igreja ao Estado e ser ele o maior católico do Brasil. Ironia dos tempos!

Que vemos mais na nova República?

Padres nomeados Interventores (isto é, Governadores) como Astolfo Serra, no Maranhão. Como se nomear para tal cargo indivíduo que nem sequer é brasileiro, pela poderosa razão de ser súdito romano de S. M. El-Rei Pio XI a quem

deve absoluta obediência e ser dispensado de seus **direitos civis** para com a nação brasileira?

Que se dizer da isenção do serviço militar dos noviços desse culto, pela mística razão de não permitir sua religião? Oh! Como então se nomeiam capelães no Exército?

Não estarão os outros cultos com o mesmo direito, uma vez que se alega separação da Igreja do Estado?

Como qualificar os atos de um governo leigo que devia ser o zelador das nossas leis, assistindo oficialmente à solenidade de benzer as espadas, canhões etc. e batismo de edifícios e até de um cavalo no Ceará (1933) por ocasião da excursão ao Norte do Chefe do Governo Provisório?

É sabido que o clero pelo interior do país não cessa de combater o casamento civil sob penas espirituais que apavoram aquelas pobres mentalidades.

Que fazem nossas autoridades ante as infrações das leis policiais e municipais? Calam-se... porque também são chefetes... e mandam nessa **Casa de Orates**.

Decididamente! Parece que não há mais juízo no Brasil, uma vez que se assistem a fatos dessa ordem, sem um protesto da imprensa em massa.

E, como não ser assim, pois se ela forma um só bloco com uma só pena e um só sino?!

País dirigido por incoerentes é país desgovernado e país desgovernado é país anarquizado, caminhando, cedo ou tarde, para seu esfacelamento, pois, onde não há harmonia de vistas, existe a compressão da oligarquia e o caos da demagogia.

Queda do Romanismo

Segundo Julien Vinson[357], o Cristianismo é dividido em cinco períodos distintos:

1 ° — O da sua formação, de Jesus a Paulo.

2° — O da luta e da propaganda, de Paulo a Constantino.

3º — O da doutrina e do ritual, de Constantino às Cruzadas.

4º — O da dominação e das divisões, das Cruzadas à Reforma.

5º — O da decadência, da Reforma aos nossos dias.

Diz Ch Guignebert[358]: "*O Catolicismo transformado em Romanismo não pode mais evoluir... tem de decompor-se e desaparecer... e, assim, acabam todas as religiões que, como os organismos vivos, nascem de uma necessidade, nutrem-se da morte, morrem da vida pouco a pouco, cada dia, para caírem, por fim, no cadinho eterno*".

> "*É possível que uma nova religião brote, um dia, daí que um princípio ativo de revivescência religiosa surja de suas ruínas; mas, enquanto Catolicismo propriamente dito, isto é, enquanto considerado como uma das forças históricas definidas do Cristianismo, seu principal papel parece virtualmente terminado no mundo. É um grande foco ainda rubro; mas, que nada alimenta mais, que se extingue*

[357] Les Religions actuelles — 1888.
[358] Christianisme medieval et moderne.

lentamente e no qual o frio da morte entrou. Sob toda aparência o vento do século futuro dispersará suas cinzas".

Benchara Brandford, escritor protestante inglês, em sua última obra Janus e Vesta, considera o Pontífice romano irremediavelmente caído como Poder Espiritual.

O barco de São Pedro está naufragando e o Cristo não mais ali está para amainar a tormenta.

No grande banquete diplomático oferecido ao Papa Pio XI, em 31 de março de 1930, banquete ao qual Jesus não tomaria parte, antipolítico como ele era, o Papa, falando aos representantes de 1.200 congregações, salientou que: "*O mundo está cada vez se tornando mais pagão*". E ele que o confessa publicamente é porque já reconhece a próxima *débacle* do Catolicismo romano, cuja decadência já vem desde 1757.

Seu temor é tal que, em um discurso aos Membros do Colégio Angélico, declarou que: "*Servir à Igreja no dia de hoje vale mais do que servir a Jesus Cristo*".

Querem mais franqueza?

Isso equivale a dizer: Servir ao Poder Temporal, à Política romana, vale mais que servir ao Poder Espiritual, à Igreja, ao ingênuo nazareno, a Deus em suma!

Por isso, diz A. Bertholet: "*No dilúvio das catástrofes históricas, as antigas religiões e os antigos povos desapareceram. Só Israel manteve firme sua cultura, sua fé e sua religião através dos séculos, apesar das vicissitudes e dos contratempos*."

"*Uma religião não pode ser destruída por ataques exteriores, senão quando ela não mais satisfaz às*

necessidades espirituais de seus adeptos. É o que se passa com o Catolicismo. O Judaísmo ou Israelitismo foi quem mais sofreu das perseguições que qualquer outra fé; entretanto, ele permanece como um dos fenômenos religiosos mais salientes que há no mundo."

Porque é o inimigo nato da política. Porque Israel é Sinárquico.

Bertholet, porém, esquece de citar o Budismo que, com seus milênios anteriores a Israel, é professado por duas terças partes dos habitantes da Terra.

A queda do Catolicismo reside exatamente na exaltação do Romanismo.

Damos agora a palavra a Benito Mussolini pouco antes de subir ao poder, quando profligou o tratado entre o Vaticano e o governo italiano:

"*Posto que a Congregação Jesuítica expulsa da França, afagada na Espanha, floresça impunemente sobre o belo solo da Itália; apesar de todas as imoralidades dos colégios católicos que a imprensa vai denunciando, há, contudo, milhares e milhares de pais de família, imprevidentes e idiotas, que abandonam sua prole à mercê de gente que na vida negam, violentam e suprimem a natureza."*

"O perigo congregacionista existe, portanto, para a Itália e é mais iminente do que se crê."

"O livro editado pela casa Podrecca & Galantara não a demonstra.

"O autor, Professor G. Merloni, competentíssimo na matéria, examina, em primeiro lugar, com rapidez, a história da Igreja Católica, feroz senhora de corpos e de almas, intolerante e homicida. Ele nos descreve, depois, os instrumentos típicos da igreja de Roma, que são os conventos, as congregações e os jesuítas. E com a supremacia dos Jesuítas que a Igreja pretende opor-se ao mundo e à civilização."

"É com a Congregação que a Igreja se enriquece; é com a vida monástica que a Igreja destrói os homens; é com a escola que a Igreja amolda as almas das crianças ao tipo de obediência servil, da renúncia voluntária e do fanatismo intolerante."

"A França, filha predileta da Igreja, depois de uma vintena de anos, de regime republicano, se convenceu de que as congregações, aumentadas em número e potencialidade, prejudicavam sua existência. Foi uma revelação. A França popular viu, de um golpe, a imensa tumefação que sobre seu corpo havia produzido o bacilo clerical; mas notou-o a tempo para praticar a operação cirúrgica necessária. A luta se travou a fundo. 'O Espírito da Igreja, por um lado, e pelo outro o Espírito da Revolução, era indispensável que o mal se resolvesse, embora tivesse de sofrer até o extremo'."

"Assim exclamava, em 1898, o Senador Rane."

"E o mal se resolveu. No mesmo ano Waldeck-Rousseau pôs em movimento a máquina legislativa contra as

congregações políticas e comerciantes. Destas últimas existiam 5.650 que exerciam 138 comércios (alcoóis, produtos coloniais, farmacêuticos, exploração de banhos públicos, fábricas de perfumaria e até de pedras falsas). Combes e Clémenceau continuaram a obra. Hoje Briand defende a escola leiga, que o clericalismo francês queria enforcar."

"E na Itália? Temos bons precedentes legislativos. Por certo que, em 1866, desde Florência, foi promulgada a lei a respeito da supressão das Congregações religiosas; em 1867 a supressão das entidades eclesiásticas seculares em todo o reino e liquidado o Olho eclesiástico de 59 a 60; foi dissolvida em toda a Itália a Companhia de Jesus e foram confiscados seus bens. Nesses tempos se ousava lutar contra a arrogância clerical. Em 1855, Camilo de Cavour declarava em pleno parlamento: onde há muitos padres reside a miséria. E o mesmo Victor Emmanuel II, em 1865, convocava a Câmara para deliberar acerca da supressão das Congregações religiosas. Mas, depois da tomada de Roma, a burguesia conservadora de Roma começou a tergiversar."

"A Lei das Garantias é uma solene abdicação do poder civil ante o podei eclesiástico. Nessa lei, promulgada em 1871, reconheceu-se sagrada c inviolável a pessoa do Sumo Pontífice e se lhe concede uma anuidade de 3.225.000 liras como doação contínua além de outros direitos de menor quantia."

"Todas as disposições legislativas anticlericais foram letra morta. As congregações dissolvidas se reconstituíram."

"Hoje o número é impressionante. Os padres no recenseamento oficial de 1882 eram 7.191 e hoje são 8.124."

"As monjas de 28 mil passaram a 31 mil e mais dez mil noviças. Os conventos são 5.010. Os seminários clericais durante dez anos aumentaram de 1.342 para 2.078, com mais 55 mil alunos e 100 mil alunas. É um verdadeiro envenenamento em grande escala. Em Roma as casas clericais, colégios, conventos e asilos invadiram todas as demarcações."

"Os edifícios habitados pelos religiosos são 361 com um total de 30 mil quartos, que hoje servem a três mil privilegiados da hierarquia católica. Além das congregações há um movimento econômico-social dos católicos, digno de relevo e em contínuo aumento, movimento que abarca sociedades de socorros mútuos, caixas rurais, usinas rurais, sociedades de seguro e de assistência."

"Em 2.783 instituições econômicas estão inscritos 387.706 sócios. Os governos olham com certa simpatia esse movimento com fundamento conservador e reacionário. Os capitalistas encontram ali suas vítimas e o governo seus agentes eleitorais."

"Depois dessas cifras e desses dados, que deve fazer um anticlericalismo menos apatetado? Iniciar uma

agitação obstinada para obter a abolição do fundo para os cultos (98 milhões) que poderiam muito bem passar para a Instrução e a supressão de todas as congregações religiosas. Em lugar de comemorar os mortos pensemos nos vivos! Já é tempo!".

Na obra *Os Mártires do Pensamento*, 1913, escrevia ele:

"*Espero que a leitura dessas páginas familiarizará o público de livres pensadores com a época, a vida e a obra do mais ignorado dos heréticos do outro lado dos Alpes. Dando este livro à luz, formulo o augúrio de que ele possa suscitar na alma do leitor o ódio por qualquer forma de tirania espiritual e profana, seja teocrática ou jacobina (páginas 7 e 8)*".

A grande corrupção da Igreja de Roma, nos séculos XIII e XIV e sucessivos, até hoje, está plenamente documentada e posta em devida luz. Nenhum país da Europa se pode considerar imune do escândalo moral dos eclesiásticos.

Em 1919 era este o programa do fascio:

"*Queremos o seqüestro de todos os bens das Congregações religiosas e a abolição das rendas episcopais, que constituem um enorme passivo para a nação e um privilégio de poucos.”*

"Nessa mesma obra lê-se: 'Deus não existe. Se existe, eu o desafio que me castigue aqui diante de todos. A religião antes da Ciência constitui um absurdo; em ação é uma imoralidade; entre os homens é uma enfermidade'. Quando Pedro dá a mão a César, do amplexo destila sangue humano!"

Assim pensava e escrevia Benito Mussolini na sua obra anticlerical João Huss, o Verídico quando ainda cavava a vida!

Em seu artigo "*Queda do Papismo*", publicado em *O Paiz*, nos dias 13 e 14 de fevereiro de 1929, diz o ex-vigário de Juiz de Fora, Hipólito de Oliveira Campos: "*Com a brecha da Porta Pia, caiu o Poder Temporal do Chefe do Romanismo; mas o Poder Espiritual com o non possumus de Pio IX e seus sucessores Pio X e Benedito XV, recusando as propostas do governo italiano, com a chamada Lei das Garantias, nada sofreu, parecendo até ter crescido entre os católicos sinceros. Agora, com o acordo entre o Duce e Pio XI pondo termo ao que qualificaram ultimamente de 'Questão Romana', morre completamente o Poder Espiritual e desaparece, por uma vez, mesmo entre os católicos mais aferrados o dogma da infalibilidade papal. Pio XI ganha vantagens políticas, recebe dois bilhões de liras, um grande latifúndio com muitas quintas e palácios, torna-se um pequeno rei deste mundo, por especulação de um ditador; mas nos dá o direito de repetir, com referência à Roma papal o que Juvenal já dizia da Roma paga: "Omnia Roma, cum pretio*".

Caiu! Caiu! A grande Babilônia!

Glória ao Rei dos Reis, Senhor dos Senhores, Jesus Cristo, bendito por todos os séculos... Amém!

Portanto, é racional crer-se que o Vaticano deveria passar agora a residir no próprio **Reino do Céu**. Mas o Papa-Rei desse Céu não contava com a peça que lhe ia pregar seu maior rival, Satanás, Rei do Inferno. Não tardou que entre o Rei do Vaticano e o Rei da Itália surgisse um conflito motivado pela linguagem insultuosa ao povo italiano empregado pela *Civittá Catholica*, jornal oficial do Papa, dirigido pela Companhia de Jesus. Esse artigo reeditava os antigos princípios adotados pela Cúria Romana. Eis alguns dos seus termos: "*O Estado (a Itália) está sujeito à jurisdição da Igreja... O Papa pode declarar nulas as Leis Civis... Em toda divergência entre as potências espiritual e temporal, a Igreja tem a última palavra... Ela pode resistir à força armada, pela força armada, mesmo recorrendo à intervenção estrangeira... uma vez que firam os interesses da Cidade do Vaticano ou do seu Papa-Rei*".

Vai com vistas ao Governo Brasileiro!

A polêmica se azedou e o Popolo di Roma fez um apelo em favor da sua cessação entre a Santa Sé e o Estado Italiano.

> "*O Jornal deplora que tão elevada autoridade possa descer a pronunciar frases que não correspondem ao seu próprio prestígio, visto como chegam ao exagero. E afirma que a vigilância sobre as Organizações Católicas, a qual o primeiro-ministro Mussolini se referiu, é uma função de Estado necessária. Depois, o Popolo di Roma salienta: 'Se a Organização da Mocidade Católica pôde aumentar o número*

de seus membros para 50 mil o ano passado, certamente não o teria conseguido se fosse seriamente refreada ou embaraçada pelo governo'. Querem mais claro?

"*O Jornal conclui afirmando que se o Pontífice desejou implorar a Deus, porque as dificuldades erguidas no caminho da mocidade católica deram em resultado a sua multiplicação, por outro lado o Estado italiano que paira sobre um fato de menor importância, disseminador que ele será dos rancores e da malevolência que perduram além do que seria razoável e, pelo tempo bastante, quase, para justificar a oposição e o ceticismo que as lojas maçônicas levantaram contra a concordata."*

"O primeiro-ministro Mussolini teve hoje uma longa conferência com Delvecchio, embaixador italiano junto à Santa Sé."

"Acredita-se que a palestra tenha versado acerca da situação criada entre a Igreja e o Estado pelos últimos acontecimentos."

" 'Roma, 17 (U.P) — Il Lavoro — respondendo ao discurso do Papa, do domingo, diz o seguinte: Estamos sob a impressão de que alguém do lado católico está tentando envenenar as relações do Estado com a Igreja. É difícil compreender os escopos dessa atividade que não pode trazer nenhum resultado frutífero e, pelo contrário, terminará em

graves perturbações. Há sinais seguros de que o Pontífice está sendo mal informado a respeito da situação real'."

AS MANIFESTAÇÕES FASCISTAS AXTICATÓLICAS

"*Roma — 25 — O Osservatore Romano iniciou recentemente uma coluna especial para registrar as manifestações anti-católicas por parte dos fascistas. Diz esse jornal que estudantes fascistas queimaram seus exemplares de sábado, contendo o discurso do Papa à Universidade Católica da Itália. Acrescenta que os fascistas gritavam: Abaixo o Papa! Morra o Papa! Em represália, o Lavoro Fascista começou também a publicar uma coluna com as manifestações católicas antifascistas, acusando os párocos de vários lugares de pregar abertamente contra o fascismo*."

"*O Osservatore Romano assegura que nem a polícia nem as autoridades da Universidade de Roma intervieram para impedir as demonstrações de sábado contra Sua Santidade. Nessa ocasião, os fascistas feriram um olho e fizeram saltar os dentes de um estudante católico, em frente à Universidade Romana, porque o rapaz se recusou a tirar da lapela o emblema de estudante ex-católico*. — (U. R)".

MANIFESTAÇÕES ANTIFASCISTAS

O Lavoro Fascista acusa o clero de tê-las provocado

"*Roma, 23 (H) — O Favoro Fascista publica nova lista de manifestações antifascistas provocadas pelo clero em várias regiões do país e confirma, em editorial, as acusações que formulou contra a Ação Católica italiana, a qual, diz o Jornal, constatando a impossibilidade de romper o Fascismo, tenta agora tomar de assalto o Estado Fascista."*

" 'Todas as responsabilidades do que acontecer, acentua o Lavoro Fascista, recaem sobre as organizações católicas porque o Estado Fascista criou o Estado Italiano, e o novo Estado do Vaticano reconheceu o Catolicismo como religião do Estado e agiu sempre de absoluta conformidade com os princípios católicos, mas não pode admitir a subordinação do Estado à Igreja e ainda menos consentir a subordinação na organização de forças opostas ao Estado que não é anticlerical."

Ser católico não quer dizer que se deve tolerar o anti-fascismo das organizações católicas'".

Ora, esses fatos acabam de passar-se na própria sede do Catolicismo.

Quererão nossos deputados à Constituinte (1933), simplesmente para agradar ao Santo da sua devoção, acorrentar de novo a nação até então libertada, ao pelourinho romano, criando, como se está criando em um ambiente apaixonado e

por demais expressivo a *Questão religiosa* que nunca existiu no Brasil, fechando os olhos e cerrando os ouvidos à própria História?

Que o espectro do Rui Barbosa, embora invisível ali, seja o guia menu. dos verdadeiros brasileiros patriotas, não sujeitos a uma nação estrangeira como soa ser o Vaticano com seu Rei dos Reis — Pio XI!

Que sirvam de exemplo ao Brasil, além dos que futuramente se forem desenrolando pelo mundo afora, até o dia em que o dedo da Providência, com: na batalha do Marne segundo Gustave Le Bon, escrever na Cúpula do Vaticano: Basta!

Se até aqui o barco de São Pedro pôde resistir aos vendavais, é duvidoso que ele possa enfrentar o futuro ciclone, provocado pela política do seu pessoal.

Catolicismo Pagão

Não é mister argúcia para se deduzir dessas discussões que o vigário de Cristo poderá tratar de tudo quanto diga respeito ao mundanismo, menos, porém, ao espiritualismo.

Se compararmos o complicado aparelhamento necessário ao funcionamento de uma nação, possuindo ministérios e repartições apropriadas a determinadas funções e uma legião de funcionários, com o colossal mecanismo que deve requerer o Vaticano, que reúne em si todas as repartições eclesiásticas das nações do globo, simples auxiliares ou filiais da sua central em Roma. fica-se perplexo e a imaginação indaga se é possível sobrar alguns minutos ao Papa para tratar de questões espirituais.

Se em uma das nossas mesquinhas repartições públicas a mais simples pretensão perde-se no labirinto burocrático, dando que fazer ao solicitante para descobri-la ao cabo de alguns meses, fácil é de imaginar o que deve ser no

Vaticano, onde petições ou cartas do mundo inteiro levam anos ou mesmo nunca chegam às mãos do Chefe, conforme é desvendado no atual processo eclesiástico do jesuíta Bremer, já citado. É verdade que não há máquina administrativa, por mais emperrada que esteja, que resista a uma boa almotolia, munida de óleo fino... benzido, já se vê.

A espiritualidade ali é como espírito engarrafado para uso externo.

O culto católico, como sobejamente já temos provado, tem por princípio a Política, por meios o embuste e a astúcia e por fim a obtenção do Poder Temporal Mundial.

O Cristo é o pretexto, a cruz — a tabuleta comercial, o altar — o balcão e o clero — o funcionalismo desse colossal empório, que é o Vaticano.

Tudo ali é puro Paganismo; tudo ali é contrário à doutrina do Cristo, começando pelo próprio templo, condenado pelo Rabino e confirmado pelos Apóstolos, em Atos, até o mais comezinho instrumento do culto. Tudo é cópia das mitologias, do Ocultismo e da magia negra.

São Clemente, de Alexandria, um dos mais venerados sábios da Igreja, já havia dito que "*o Cristianismo era o **Paganismo**[*] com seus 'mistérios' e ritos pagãos, iniciação, epopsia, hierofania, grandes e pequenos mistérios. A ligação viva entre **Paz** e **Cristo**, diz ele, está na razão de **mãe** para com o **filho**; mas a parteira, dona Teologia, fez o trabalho tão mal, que a mãe morreu e o filho ficou em perigo até hoje*".

São Tertuliano, São Justino e muitos outros apologistas da religião cristã admitiam que "*a religião de Zoroastro já possuía sacramentos, batismo, penitência, eucaristia, consagração com palavras místicas, que os iniciados marcavam a fronte*

[*] N. do E.: A respeito de Paganismo, sugerimos a leitura de *Paganismo — Uma Introdução da Religião Centrada na Terra*, de Joyce e River Higginbothan, Madras Editora.

com um sinal sagrado (como se faz no Krishna) aceitavam o dogma da ressurreição de ***Mitra****, que seu pontífice não podia ser casado várias vezes, que tinham virgens e lei de continência etc*."

Diz ele mais que "*as práticas do primitivo Cristianismo denotavam semelhança com a doutrina de Zoroastro, que os cristãos do Ocidente voltavam-se para o Oriente a fim de orarem e que todos os seus templos eram voltados para o sol nascente. Descansavam ao domingo porque era o dia consagrado ao sol*".

Na Grécia, quando se celebrava em honra ao deus Baco, as mulheres invocavam o **Cordeiro**. Os católicos invocam o Cordeiro.

Nessas cerimônias os sacerdotes carregam o cofre que continha o coração de Baco. Os católicos, na quinta-feira Santa, carregam o cibório contendo o corpo de Cristo.

Baco, como Cristo, tivera suas iniciações. Os iniciados esperavam seu último advento, como os cristãos esperavam o de Cristo.

Amiano Marcellino, Procópio e São Cirilo citam que se chorava a morte do deus Adônis, ferido por um javali; mostrava-se ao povo a larga chaga, como se mostram as chagas de Cristo.

O Adônis dos fenícios, o Adoneus dos árabes e o Adés dos gregos é o mesmo deus do Sol.

Moisés, firmado no Zoroastrismo, no Bramanismo, no Budismo e em outras religiões antigas que ele mesmo declara conhecer, condenou templos, imagens esculpidas e sua conseqüente idolatria. Jesus, indubitavelmente, confirmou Moisés; mas o Catolicismo, por desaforo, serve-se da sua própria imagem como supremo símbolo de idolatria, e completa o panteão com a de sua mãe e uma legião de santos e santas para cada especialidade milagreira, como fazia o Paganismo

Romano, conforme já vimos, que tinha até o Santo da Estrumeira como o nome de **Esterquilino.**

Era o **Saturno** para a semeação, o **Consus** para a colheita, o **Ceres** para o crescimento, o **Flora** para as flores, o **Pomana** para o pomar, o **Vervactor** para a primeira lavragem, o **Redarator** para a segunda, o **Messor** para a ceifa, o **Convector** para a colheita, o **Tessoma** para a fadiga etc.

Os pagãos davam nomes de deuses às localidades, como patronos. Entretanto, cidades com o nome do Espírito Santo, parcela de Deus e de santos e santas da hagiografia católica pululam pelo mundo inteiro.

As orações dos pagãos são consideradas como encantações mágicas, tanto mais eficazes quanto maior for o número de divindades invocadas. E que são as orações do Catolicismo, senão encantações, tanto ou mais eficientes, quanto maior for o número de santos invocados, pois, como já tivemos ocasião de citar, eles têm crédito na Corte Celestial?

Que são as medalhas de santos, senão os talismãs do Ocultismo? Em que serão aquelas mais eficazes que estes? A água benta é a água lustral do Ocultismo. Os exorcismos e as encomendações de mortos são reproduções das mesmas práticas de magia negra, em que o hissopo e o incensório, petrechos mágicos, rodeiam o corpo com misteriosos círculos de fogo e água benta, tal como praticavam os Auguros nos mistérios de Elêusis, tudo acompanhado de fórmulas cabalísticas, ditas hoje em latim. Ambos ofereciam em nome de Deuses e das potências divinas.

As figas bentas, escapulários, etc. são outros tantos amuletos da magia negra e do Lamaísmo.

O papa Sixto IV, em 1471, chegou a inventar carneirinhos de cera, que se enterravam para livrar de malefícios, bruxarias, incêndios, naufrágios, tempestades etc. tal como se faz nos sertões da África e mesmo no nosso país, entre gente culta e nos candomblés!

Que é o rosário senão uma imitação aperfeiçoada do "*Moinho de Rezas*" do Lamaísmo Tibetano?

Que livro lê o padre na missa? A Bíblia; que, ato contínuo, ele condena e atira na cara de um protestante.

Quais seus hábitos talares? Os mesmos usados pelos grandes sacerdotes do Egito, do Tibete etc.

Citemos uma cena do ritual católico praticada pelo papa, no ato da canonização de um santo:

> "*O papa sentado em seu trono recebe das mãos dos cardeais dois pães, um pequeno barril de vinho, três velas de cera, duas pombinhas e alguns passarinhos presos em uma gaiola feita de fios de prata. O papa abre a portinhola, tira um pássaro e o solta*".

Não se parece isso com uma cena das nossas **macumbas**? E a saída do purgatório de uma alma para o céu! Só falta substituir o órgão pela **cuíca**.

Se esta cena se produzisse no nosso país, a **canoa** policial não demoraria em remover sacerdote e bugigangas para o xadrez; mas o ato passa-se no templo de Roma.

As procissões, as preces ao santo especialista, para chover ou deixar de chover, contra as epidemias, para ganhar uma guerra matando seu semelhante, para arranjar casamentos ou descobrir objetos perdidos, para ter filhos, para quebrar ciúmes ou **quebrantes** etc., que são senão exata reprodução da magia negra? Como os mágicos ou feiticeiros, ele se diz o depositário dos segredos do céu e do inferno, e, colocando-se entre o homem e Deus, ele esmaga aquele com o formidável peso do seu Poder.

Toda a administração do Universo, diz Dupuis, era composta de uma multidão de inteligências, denominadas, conforme os dialetos, por anjos, deuses, heróis, *izeds*, gênios etc. Cada qual tinha uma função particular, seja sobre a chuva, a seca, o calor, o frio, a lavoura, os rebanhos, as artes etc. Entre os persas era Bad, o nome do anjo que preside aos ventos; Mordad era o anjo da Morte; Aniran preside as bodas; Fervadin é o anjo do ar e dos ventos, Kurdat, o anjo da terra e dos frutos.

Os cristãos copiaram essa hierarquia dos persas e caldaicos. Orígenes refere-se ao anjo da vocação dos gentios, ao anjo da Graça. Tertuliano fala do anjo da prece, do anjo do batismo, do anjo do matrimônio, do anjo que preside a formação do feto. Crisóstomo e Basílio celebram o anjo da paz. Em cada planeta os cristãos colocaram um anjo para guiá-lo. No Apocalipse as plêiades são chamadas sete anjos. Seria interminável se fôssemos citar a angelolatria do Catolicismo, genuíno culto idolatra.

Nunca Jesus ou seus apóstolos instituíram o mínimo ritual ou o mínimo dogma. Como, pois, uma Igreja, que pretende ser a arca sagrada da palavra do seu fundador, age de modo tão diametralmente oposto?

Atualmente o católico não mais vive da espiritualidade da Igreja, mas sim da materialidade **na** igreja.

A Igreja Católica é um estabelecimento ao qual se vai quando se necessita de certos socorros e é por isso que, aparecendo pela exterioridade e pela imposição orgulhosa, todos se sentem coagidos e constrangidos com seus decretos, assim disse Karl Adam. grande apologista católico, professor em Tubingen.

O cristão não sabe se deve respeitar os dons de amor e de perdão com que Jesus dotou sua doutrina ou se deve se apavorar ante os anátemas e as fogueiras que o Catolicismo criou.

Pelo interior do país, então, assiste-se, como nos foi relatado por um ministro plenipotenciário de uma nação européia, a cenas do seguinte jaez: "*Um sertanejo, premido em frente de uma igreja para satisfazer certa necessidade fisiológica, após um momento de indecisão e de reflexão, tirou o chapéu respeitosamente e, encostando-se na parede do templo, realizou seu mais ardente desejo, tornando a saudar o dono da casa, compenetrado de que agira diplomaticamente com ele*".

Não é ajoelhando-se perante a imagem do Cristo pregado a uma cruz, nem lhe comendo a carne ou lhe bebendo o sangue que demonstramos ser **cristãos**.

Não é submetendo-se cegamente a um código terrorista forjado pela política romana, então predominante, que o **católico** provará ser verdadeiramente **cristão**.

É discernindo o veneno que existe na confusão dos termos **Religião** e **Culto** — **Cristianismo** e **Catolicismo**.

É cumprindo à risca a doutrina social de Moisés que o Cristo pregou e pondo em prática a moral e os virtuosos temas budistas que ele tornou conhecidos.

É não matando, não roubando, não cobiçando a mulher alheia nem os bens de seu semelhante, não caluniando, não desejando o mal a outrem, é nos amando mutuamente, como parte integrante do mesmo reino hominal e adorando o Criador em espírito e verdade, como mandou Jesus, que o **Reino de Deus**, voltaria, como nos tempos patriarcais, podendo-se então espetar no pólo norte a bandeira branca com o seguinte letreiro: **Reino do Céu**.

Rituais, cerimoniais, liturgias, dogmas, sacramentos não passam de mistificações à credulidade pública, fascinada pelas encenações teatrais e pela lábia dos mesmos fariseus, que o Rabino não cessava de chicotear com seu divino verbo.

Marcos VIII, 15, diz: "... *guardai-vos do fermento dos fariseus e do fermento de Herodes*", isto é, fugi da lábia do clero e da política papal.

Quando o púlpito de uma igreja se transforma em tribuna política, nela o orador faz ouvir, não o verbo de Deus, nem mesmo a palavra de amor de Jesus. contrário como ele era à política romana; mas a voz tonitruante de Nemrod. Princípio do Mal, o militarismo desorganizador da paz mundial. Em vez de chamar do púlpito a humanidade à paz, ele a incita, pelo contrário, à guerra, benzendo as armas assassinas que terão de matar outros católicos!

Paganismo, mas, não Cristianismo é que é o Catolicismo!

Preces

Aléxis Mallon, apologista católico, na obra *Christus* de Joseph Huby. página 659, citando duas orações dos egípcios, assim se exprime: "*Comparadas entre si e completadas uma pela outra, as esteias da necrópole tebana dão uma notável idéia de como eles compreendiam a bondade divina. Deus, dizem eles, é poderoso, cuida de suas criaturas, mas se ocupa especialmente do homem. Ele o*

socorre nas suas necessidades e atende às suas preces. Ele é particularmente bom para o aflito, que o invoca; incorruptível, ele é melhor auxiliar do que os homens. Por isso todos o amam e têm confiança nele. Mas o homem, por sua natureza, é levado ao pecado, age como um insensato, não distinguindo o bem do mal e Deus o castiga por suas faltas. Deus pune o mau. o perjuro, pela doença, pela cegueira, por isso se deve temê-lo. De resto. Deus é clemente por sua própria natureza e sua cólera é de pouca duração."

> "*Esses admiráveis sentimentos devem reerguer aos nossos olhos este pobre povo curvado sob a idolatria."*
>
> ***"Idolatria! Teremos nós o direito de pronunciar este termo degradante, à vista dos magnânimos surtos de confiança e de amor por um Deus tão nobremente compreendido***?" (O destaque é nosso).

Pierre de Bruys, sacerdote católico, propagava que a salvação do homem depende unicamente dos seus méritos pessoais; obras e sacramentos são inúteis e ilusórios. Deus ouve as preces dos justos ou dos criminosos de onde eles as formulam; não precisam dirigi-las de uma igreja; e, por ter assim falado de acordo com a própria recomendação de Jesus, este santo homem, os representantes desse Deus de amor, o queimaram vivo em Saint-Gilles, em 1126.

No entanto, eis a única religião, o único culto digno do Criador, religião simples, sem aparato, ritos ou cerimônias, porque o Templo reside na própria alma do homem e dispensa, portanto, sacerdotes ou procuradores incumbidos, mediante tabela de preços, de remoerem entredentes meia dúzia de fórmulas em língua

morta, enquanto o outorgante, talvez, esteja alheio ao ato ou praticando coisas contrárias à religião.

Nas portas desse Templo não há vendilhões apregoando galinhas, leitores e bugigangas ao som de um *jazz-band* tocado por desafinada charanga.

Ali não se vendem orações, indulgências, talismãs e inesgotáveis pedaços da cruz, pregos, etc. Jesus disse bem claro: "*Quando orardes, entra no teu quarto e fechando tua porta ora a teu pai que está oculto (não é ele, é bom reparar); e teu pai que vê ocultamente te atenderá*" (Mateus VI, 5).

Para Platão, cuja doutrina foi a do primitivo Cristianismo, as preces, as oferendas, os sacrifícios, a que chamam sinteticamente — Santidade — é um comércio. Orar a Deus é pedir: sacrificar a Deus é dar. Logo, a Santidade é a ciência de **dar** o que lhe agrada e de **pedir** o que nos convém.

Se tudo isso se passasse no segredo da alma de cada um, ainda seria desculpável; mas para este ritual criou-se a legião de padres que procuram convencer a plebe de que só eles têm poderes especiais, concedidos por Deus, para **receber** as oferendas e servir de intermediários no **pedir**. Aí reside o ponto vergonhoso do comércio.

Frederico, o Grande, rei da Prússia, protetor e amigo de Voltaire, dizia ao clero católico que no seu reino cada um tinha o direito de ir para o céu pelo caminho que quisesse e escolhesse.

O tráfico das coisas sagradas, a venda das indulgências, as graças, as beatificações, as canonizações, a impudência da Simonia e de todos os vergonhosos recursos do Santo Ofício, cujo tesouro pontificai percebe as rendas, o comércio dos favores celestiais, os milagres e o próprio céu vendido a retalho pela

terra, oferecem uma série de quadros fecundos, traçados de tal modo que excitam o riso ou provocam a indignação de um verdadeiro discípulo de Cristo.

Platão, discípulo do divino Sócrates, herdeiro da tradição de Pitágoras, Orfeu e Rama, citava a seguinte oração de um poeta como modelo de bom senso e de razão:

"Concede-me, Pai, o que me é necessário,
Embora eu pense ou não em t'o impetrar.
E, se o que te pedir, me for contrário,
Digna-te, Senhor, oh!... rogo não m'o dar".

Segundo Voltaire, "*o Eterno é senhor dos seus desígnios desde a eternidade. Se a oração está de acordo com suas vontades imutáveis, é inútil pedir-lhe que resolva o contrário. Se o rogarmos de fazer o contrário do que ele resolveu, é rogá-lo que seja fraco, leviano e inconstante; é crer que ele assim seja; é rir-se dele".*

> "*Se pede coisa justa que ele deva conceder, ela se realizará sem ser necessária a súplica; é mesmo desafiá-lo com a insistência empregada; se a coisa é injusta, então é ultrajá-lo".*
>
> *"Em suma, a oração é feita a Deus porque o fizemos à nossa imagem. O tratamos como se fosse um Paxá ou um Sultão a quem se pode irritar ou abrandar*."

Dizer-se que Deus é infinitamente bom e misericordioso, mas que só atende sua criatura quando esta o solicita por meio de preces ou oferendas, servindo o padre de intermediário, é simplesmente irrisório e contraditório, porque é inadmissível que Deus modifique a cada instante seus decretos só para servir os interesses de um suplicante.

Os que pensam que, por meio de **Receitas Infalíveis**, orações, talismãs, água benta etc., possam salvar sua alma são os maiores inimigos de Deus.

A prece que católicos dirigem a Deus e a seus santos é eivada de interesses materiais. O culto não passa de um comércio de troca.

Quem pretende purificar ou santificar sua alma não precisa ir ao templo ajoelhar-se. A regeneração da alma se obtém mesmo de pé, sem incenso, serr. preces litúrgicas, no templo espiritual que em nós reside, no qual a luz brilha tanto que chega a ofuscar as imagens.

Era hábito dos cristãos voltarem-se para o Oriente a fim de orarem, pois pensavam, segundo relata Casali na página 213, que seu Deus habitava o Oriente, ao passo que o Ocidente era habitado pelo diabo.

O Oriente era a luz e o Ocidente as trevas.

Seus templos eram todos construídos com a frente para o Oriente, de acordo com os templos do Paganismo.

Era tão arraigada essa prática que até queriam que seus cadáveres fossem enterrados com a face voltada para o Oriente. São Leão, cerca de 443 da nossa era, censurava o povo por usar de tais práticas.

A única prece que Jesus ensinou e que o homem deve repetir diariamente, com firme propósito de cumpri-la, é a seguinte: Esta prece é uma adaptação da de Zoroastro (veja Vendidah Sadé).

"Pai nosso que estais no Céu

Santificado seja vosso nome,

Venha a nós o vosso reino,

Seja feita a vossa vontade,

Assim na terra como no céu,

O pão nosso de cada dia nos dai hoje,

Perdoai as nossas dívidas,

Assim como nós perdoamos aos nossos devedores,

Não nos deixeis cair em tentação,

Livrai-nos, Senhor, do mal".

Os Cismas e as Exegeses

"*E a terra era de uma só língua e de uma só fala*", disse Moisés, depositário das tradições de Rama.

Se bem que já tivéssemos ocasião de explicar esta frase, que se refere à Religião e à Língua científica dos Templos, lembraremos que o primeiro cisma havido na índia, há cerca de 5.200 anos, foi o provocado por Irshu, contra o Bramanismo (Ba-rama), pontificado por Krishna. Foi o advento do Ionismo contra o Dorismo que muito sofreu de sua perseguição. A prova encontra-se na própria Bíblia quando se lê que não se conhecia a **genealogia** ou **parentela** de Melquisedeque, rei de Salém, cuja ordem, colégios e pontífices tinham sido destruídos, perseguidos e martirizados a ponto de alguns que sobreviveram se terem refugiado em subterrâneos ou se retirado para as montanhas do Himalaia, ocultando, com medo, as formidáveis ciências que possuíam; daí nasceu a expressão **Ciências Ocultas**.

Com o decorrer dos tempos, os cismas se multiplicaram assombrosamente, não só pelas constantes invasões guerreiras, que destruíam os templos dos vencidos, edificando outros sobre suas ruínas[359], subjugando crenças e costumes, como pelas fusões de cultos heterogêneos, pelas exegeses que as discussões provocavam, pelas corrupções levadas à sua mais grosseira interpretação, por falta do respectivo ensino, que ia desaparecendo à medida que se afastavam de sua fonte principal, pela mistura de raças e povos, e deram motivo ao aparecimento de milhares de cultos e seitas que infestam a terra e ao esquecimento da primitiva religião, da Proto-síntese, como a chamava Santo Agostinho.

Não temos aí uma prova evidente, na própria Religião Cristã, que se cindiu em duas igrejas que se anatematizam, mutuamente, a católica e a ortodoxa, isto é, a latina e a grega?

Foi sob o reinado de Basílio, assassino do seu benfeitor Miguel, o jovem, que, em 867, se deu a separação dessas duas igrejas.

Esse cisma consistiu em que a igreja grega fazia emanar o Espírito Santo, somente do Pai, ao passo que a latina o fazia emanar do Pai e do Filho.

Não temos aí os quacres, na América e no Norte da Inglaterra, seita fundada no século XVII pelo sapateiro Jorge Fox, auxiliado pelo teólogo Roberto Barclay, sob a base do primitivo Cristianismo, isto é, de acordo com o ensino do Cristo?

Não temos aí o Protestantismo subdividido em mais de 600 seitas, que seria fastidioso enumerar?

Não temos aí o próprio Catolicismo, que dia a dia se cinde em outras tantas igrejas independentes, afastando-se da de Roma, e constituídas com os

[359] Vide Maspero.

melhores elementos intelectuais do Romanismo, saídos do seu próprio seio, após maduro estudo?

Não temos aí o Calvinismo, que se desligou do Romanismo e do Protestantismo, constituindo a Igreja Reformada?

Lutero restabeleceu a fé cristã como fora no seu início, pois a Igreja Católica havia transformado a religião de Cristo em um vergonhoso balcão. Ele rejeitou os dogmas do purgatório, inferno, indulgências, papas, bispos, missas, imagens, culto dos santos, conventos, virgindade de Maria, rosários etc. etc., substituindo tudo isso por Pastores que pregam a Palavra de Deus, exarada nas Escrituras, e isso na língua de cada país e não em latim, que não é compreendido pelos fiéis.

Adolph Harnach resume admiravelmente a obra de Lutero na seguinte frase: "*A Liberdade religiosa obtida por Lutero foi a fonte de todas as outras liberdades*".

E se essas igrejas ainda não abafaram a de Roma é porque o seu número de fiéis é constituído por uma formidável maioria de analfabetos e fanáticos, ao passo que o daquelas é limitado a uma seleção de homens livres e inteligentes, que sabem ler e raciocinar.

Ademais, coisa curiosíssima, onde o católico pode ler os Evangelhos em português senão na Bíblia que os protestantes publicam aos milhões de exemplares em todas as línguas do mundo e que Roma condena, por não se parecer dos Setenta e de São Jerônimo?

Os primeiros séculos da Igreja Católica, do mesmo modo os três séculos que a precederam, foram séculos de falsários, que procuraram adaptar a letra do Pentateuco e dos Evangelhos, de acordo com suas conveniências.

A Igreja Católica aceita do Velho Testamento os seguintes livros:

Os Canônicos: Gênese, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio.

Os Históricos: Josué, Juizes, Samuel, Reis, Crônicas, Esdras, Macabeus. Jó, Rute, Judite, Ester, Tobias.

Os Filosóficos ou Morais: Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Sapiência.

Os dezessete profetas.

Entretanto, o Concilio de Trento, em 1546, declara que a Bíblia integralmente tem Deus como autor e deve ser recebida com respeito, amor e piedade. Eis os termos textuais do Concilio (4º Sessão, 8 de abril de 1546):

> "*Sacrosanta synodus oecumenica... omnes libros tam Veteris quam Novi Testamenti, quum utriusque unus Dei sit auctor... paripietatis affectu ac reverentia suscipit ac veneratur"*
>
> *"Si quis libros ipsos íntegros cum omnibus suispartibus non susceperit, anathema sit*".

Vá lá o católico que ignora o latim ler a Bíblia do padre!

É uma das razões por que raríssimo será o católico capaz de citar uma frase, uma passagem, um ensino de Jesus, que o **Bíblio** traz de cor e disserta acerca do assunto. E se algum recitar o Pai-Nosso, ou alguma outra oração do catecismo, é porque o padre lhe ensinou sabe Deus com que custo.

Não temos, aí, o Maometismo, o Muçulmanismo e o Islamismo* que também se subdividiram em Vaabismo, Bahaísmo, Laicismo, ou seja, 71 seitas diferentes?

O Vaabismo combate indistintamente tudo quanto parece heresia, não admitindo templos nem imagens.

A seita dos Ismaelitas foi criada por Mirza Ali Mohammed, que estava convencido de que ele era a encarnação de Moisés e de Jesus, por isso atacava a hipócrita santificação.

O Juízo Final, o paraíso, o inferno e a ressurreição tomam um novo sentido entre eles.

Ele morreu martirizado em 1850 pelos católicos. Seus discípulos pretendiam fazer dessa seita a religião da humanidade. Contudo, na Ásia, na Europa e na América do Norte está solidamente estabelecida.

Mas não nos alongaremos em citações que iriam longe.

Não será isso uma prova da fragilidade dos alicerces teológicos ou besteológicos do Catolicismo?

Ora, se essas dissidências se dão nas classes que estudam, que diremos das camadas iletradas que, em regra, constituem a maioria de uma nação?

Para verificarmos isso, não precisamos nos internar nos sertões da África ou do Brasil; basta passearmos pela nossa capital, tão modernizada, para assistir à fraqueza mental a que chegou uma parte de sua população, tão apregoadamente de fundo essencialmente católico. Raro é o subúrbio em que não existam inúmeros centros denominados **Candomblés** ou **Macumbas**, nos quais se praticam as mais estúpidas cenas da baixa magia negra ou feitiçaria que, infelizmente, nossa

* N. do E.: Sugerimos ver também *Os Mistérios do Islã*, de Reynold A. Nicholson, Madras Editora.

imprensa confunde ou denomina de Baixo Espiritismo e nos quais não se encontrem personalidades católicas de alto coturno social e até autoridades policiais, incumbidas, por ironia, de os perseguir. São esses vergonhosos centros, que garbosamente se mostram a personalidades científicas européias, de passagem por nosso país, como sucedeu em 1932, com a comitiva da Marquesa de Noailles. É o cúmulo da falta de critério e patriotismo. Como evitar assim que nos tomem ao ridículo lá fora!

E quem contribui, em parte, para essa degeneração?

Infelizmente, certa imprensa que chega a estabelecer por gravuras, não só a melhor encenação e arrumação dos petrechos litúrgicos, como ensina um novo ritual, com pretensões a científico, e uma nomenclatura de nomes rebarbativos e fórmulas cabalísticas estapafúrdias, para serem adotados por esses pobres cérebros que se auto-sugestionam, e tudo por... cem réis.

Bem disse Getúlio Vargas, quando deputado, em uma entrevista que deu ao *O Paiz*, em 29 de agosto de 1925:

> "*Quanto à emenda n° 10, estipulando que a Igreja Católica é da quase totalidade do povo brasileiro, acho, em primeiro lugar, essa afirmação muito contestável. Para que uma pessoa se diga católica, é preciso que conheça a doutrina, aceite seus dogmas e a pratique. Nessas condições, há apenas uma elite, uma minoria selecionada. A alta sociedade adota um Catolicismo um tanto cético e elegante. E a grande massa ignara está na fase fetichista da adoração de santos com várias especialidades milagreiras*".

Entretanto, em plena praça pública, o autor dessas sensatas palavras, por ocasião da passeata carnavalesca de Santa Aparecida, impelido, não sabemos por que fenômeno psíquico, como representante de uma Constituição que lhe vedava o gesto, se bem que revogada, pelo seu Poder discricionário, curvou-se **elegantemente** a beijar-lhe os pés de gesso, ante o sorriso irônico do Cardeal, que o mirava orgulhoso, por ver o Temporal curvado ao Espiritual[360].

O católico, em regra, é católico por simples atavismo, e raros existem que o são por convicção.

Anatole France diz que o Catolicismo não é outra coisa senão a forma mais elegante da indiferença religiosa.

Conhecemos indivíduos católicos que, não admitindo que lhes toque na crença, são vistos hoje vestindo o balandrau de uma irmandade com a respectiva tocha em mão, e empunhando amanhã o martelete de grão-mestre da Maçonaria e servindo no dia seguinte de médium do espírito de Napoleão e, mais tarde, numa macumba, representando, ainda, o papel de **pai-de-santo**, ou Oxêlê, pai de Deus...

Não deixa também de ser curiosa a seguinte observação:

Que um materialista se suicide, ainda se pode compreender, pois para ele nada mais existe depois da morte.

Que um budista se deixe definhar aos poucos, até o aniquilamento, também se pode compreender, porque seu fim é vencer a dor, causa da miséria deste mundo, e ganhar o Nirvana.

Que um católico, porém, se suicide, como diariamente sucede, é o que se não pode compreender, dada a crença em um inferno, para onde terá de ir

[360] Recorrer às fotografias do ato.

irremediavelmente por toda a eternidade, sendo-lhe, mesmo, recusada *in nomine* pela Igreja, qualquer intervenção divina após a morte, salvo se o padre ignorar que foi suicídio, fingir ignorar ou resolver resolutamente na sua esclarecida inteligência que não foi suicídio, como sucedeu com o eminente Cônego Max Dowell, por ocasião do suicídio do inditoso Cartier, ficando assim Deus tapeado!

Dizer-se católico e suicidar-se, só de um imbecil!

Na Inglaterra, país protestante, o suicídio constitui crime e, como tal, o Estado herda todas as propriedades e bens do suicida; o corpo não pode ser submetido a nenhum ritual e seu sepultamento só é executado das 21 às 24 horas.

Por que nossos legisladores não adotam essa lei? Seria, quiçá, um remédio preventivo ou uma boa renda para a nação.

O estudo, portanto, dessas divergências, dessas cisões entre cultos do mesmo Credo, não deixa de ser interessante para demonstrar que, sendo o prisma um só, cada qual, porém, lhe vê uma cor diferente, segundo o ponto de incidência em que se coloca, e procura convencer o outro observador de que a cor azul que ele vê é a única que ali existe, ao passo que seu contendor, colocado em outro índice, vê vermelho, e se obstina em julgar que ele é que está certo. Se ambos se colocassem no mesmo ângulo de incidência, reconheceriam a verdade do seu erro e as cores iriam aparecendo, uniformemente, para todos.

Mas, se um deles recusar-se a olhar, ou sofrer de daltonismo, então não haverá lógica possível que o faça compreender que o azul é azul e não vermelho, embora se lhe arrume na frente um regimento de algarismos representativos das vibrações cromáticas.

Daí os Cismas. Daí o fanatismo católico.

Deus é esse prisma, simbolicamente falando, bem entendido. Nesse prisma se encerram leis de cromatonímia, de sonometria, de física, de química e de toda a razão de ser dos Números que regem qualquer sistema solar. Tudo vibra, a Vida como a Morte, o Éter como o Vácuo, o Sol como o Átomo e tudo obedece a uma rigorosa Unidade, que é Deus.

Querer defini-lo, portanto, desta ou daquela maneira, representando-o como o Sol de Zoroastro, como o fogo devorador de Moisés, que seria a eletricidade, como luz imaterial dos Hermetistas, como um belo rabino na figura de Jesus, como Brahma ou Buda, com meia dúzia de braços, é conceber um Deus tão limitado e mesquinho como nossa acanhada inteligência.

Mais importante e mais de acordo com os últimos progressos da Ciência, seria, então, o Deus imaginado por Georges Lakhowsky, em sua notável obra *L'Universion* (*Univers-Ion*), cuja resenha não podemos fazer aqui, por longa e científica, mas que simplificaremos, dizendo que Deus são os Íons elétricos em que mergulha toda a infinita astralidade, base da eletricidade e gérmen da vida, confirmando não só o antigo aforismo de Hermes "***Deus vive em nós e nós nele***", como o de Jesus "*O Pai vive em mim e eu vivo no Pai*".

É certo que Deus não se incomodará que os presunçosos micróbios humanos desse glóbulo homeopático o representem de qualquer forma. O que mais lhe importa, como referem os Profetas e o próprio Jesus, é que lavem suas mãos manchadas de sangue dos seus semelhantes, que cumpram o Decálogo, que desde o começo do mundo ele deu ao homem decaído espiritualmente de outro planeta, para reabilitar-se neste, conforme se lê nos livros herméticos[361] e da doutrina de Paulo.

[361] L'Égypte — Champollion Figeac.

Jacob Boehme, o sapateiro filósofo, que dizem ter sido analfabeto, assim se exprime em sua obra *Aurora*: "*Consideremos os pássaros da floresta: eles louvam Deus, cada um à sua maneira, sobre todos os tons e modos. Pensais que Deus se ofende com essa diversidade e faça calar todas as vozes discordantes, todos esses cismas sonoros? Todas as formas do Ser são caras ao Infinito*".

A diversidade de religiões, ou melhor, de cultos espalhados pelo mundo, todos baseados na mesma crença de um só Deus Criador, embora com diferentes nomes, é uma prova de que a primitiva religião da humanidade, há milhares e milhares de anos, era uma só, como, aliás, ainda continua a ser, pela simples razão de que, não havendo nelas dois deuses diferentes, não pode haver duas religiões, assim como, na opinião dos Chineses, uma vez que só há um Céu não podem nele residir dois deuses.

> "*Uma religião não se inventa, diz Alfred Poizat, é preciso que ela possa provar que sempre existiu ou, pelo menos, que é impossível fixar-lhe o começo.*"

E essa antiga religião que Jesus veio novamente revelar ao homem. É essa pedra angular que os homens rejeitaram, que ele indicou ao mundo. São essas pedras que se calaram por tanto tempo e que a arqueologia tem feito falar, para desespero do Catolicismo.

Essa pedra angular é, como já vimos, a pirâmide de Gizé, símbolo pontifical de Rama, ao lado da qual se ergue a famosa Esfinge, síntese da religião desse patriarca representado por João na Besta do seu Apocalipse.

Segundo os cálculos de Jean-Izoulet[362], há no mundo mais de mil religiões ou cultos. Mas, na realidade, o gênero humano divide-se em duas metades iguais, a saber:

Os pagãos, com cerca de 800 milhões.

Os não-pagãos, com cerca de 900 milhões.

O grupo dos não-pagãos divide-se em três subgrupos:

Cristãos.....	com cerca de 673.000.000	
Maometanos.....	com cerca de 227.000.000	
Judeus.....	com cerca de 15.000.000	915.000.000

O grupo dos pagãos também se subdivide em três subgrupos:

Brâmane-Budista.....	com cerca de 364.000.000 (?)	
Confucionistas.....	com cerca de 360.000.000 (?)	
Xintoístas.....	com cerca de 75.000.000 (?)	799.000.000

O subgrupo acima dos cristãos se subdivide em três frações:

Católicos romanos.....	com cerca de 304.000.000	
Cismáticos greco-eslavos....	com cerca de 154.000.000	
Protestantes.....	com cerca de 212.000.000	670.000.000

[362] Professor no Colégio da França.

Contudo, pode-se dizer que, na superfície do globo, há sete grandes c principais religiões.

Três na Europa: Catolicismo — Protestantismo — Ortodoxismo, na Europa do Norte, do Sul e Oriente.

Três na Ásia: Brahma-Budismo — Confucionismo — Xintoísmo, na Índia, na China e no Japão.

E a última, o Maometismo, em três raças e 21 povos.

Há, porém, o Mosaísmo de Israel que lhes serve de traço de união.

Assim como as sete cores do espectro solar reconstituem o raio branco, do mesmo modo o Mosaísmo de Israel é sua reconstituição sintética, surgindo o raio branco puro que é o puro Cristianismo.

Apelo aos estudiosos

Como diz Saint-Yves, todos os interpretadores ou criadores de novas seitas, após a ressurreição, seja Pedro, Paulo, Maomé, Lutero, Calvino, Swedenborg, Annie Besant etc., devem ser desculpados de seus erros, porque laboraram, involuntariamente, com fragmentos de materiais que, com o tempo, se tornaram, ainda, mais imperfeitos, incompletos, deturpados e interpretados de mil modos pelos próprios discípulos e apóstolos de Jesus.

A chave esteve perdida até agora. Saint-Yves a restituiu pela Revelação[363] e, doravante, como ele diz, não mais desculpas haverá para a pobre humanidade que a não quiser manejar, a fim de penetrar no templo da Verdade.

[363] O Arqueômetro.

Que se organize, pois, no nosso país, um núcleo de cientistas e filósofos para que seja estudado o "*Arqueômetro*" e as obras de Saint-Yves, para o bem da humanidade em geral, a exemplo do que fazem as seitas teosóficas.

Em um futuro próximo, o homem reconhecerá que a verdadeira religião iniciada por Deus ao homem, não só pela Revelação aos patriarcas, como ao povo israelita, por intermédio de Moisés e de Jesus, é a que se sintetiza, como temos visto, na expressão genérica de — Judeu-Cristã — por encerrar as mais antigas tradições da terra, e a mais pura moral de que se acham saturados os livros bramânicos, budistas e o primitivo Cristianismo, que lhes é a súmula.

Seria ir contra todas as regras da sã razão, da lógica e do bom senso admitir-se que Deus tivesse criado esta máquina rotativa, há milhões de anos, deixando essa infeliz humanidade, inconsciente de seus deveres espirituais para com ele, entregue ao léu da sorte e aos azares do Princípio do Mal, por ele mesmo criado, para, por fim, ao cabo de milênios de sofrimentos injustos, em que milhões de entes pereceram, sem merecer sua graça, cuja existência desconheciam, vir de repente em pessoa, num espaço de dois mil anos somente, encarnar-se neste planeta, ou, mesmo, mandar seu filho carnal, o qual, por falta de ser compreendido, motivou um culto à sua pessoa, como soa ser o Catolicismo, culto incoerente com a doutrina que ele pregou, motivando intermináveis discussões e divergências, que a reduz a um aglomerado de plágios, de adaptações, de contradições, de incoerências, cujas provas abundam neste trabalho, terminando por fazer deste culto uma formidável associação política, com fins absorventes do mundo inteiro.

Os Concílios, procurando simplificar a teogonia mosaica e patriarcal, para satisfazer suas ambições políticas, falsificaram tudo.

Daí resultou terem feito de Jesus um Deus, fabricante de um casal ingênuo, pois ele era o **Verbo** que tudo criou, diz João, para depois apanhá-lo em uma ratoeira, por ele mesmo armada no paraíso; um Deus que leva castigando eternamente esta pobre humanidade; um Deus que faz **sangrar seu próprio Filho** sobre a cruz, para resgatar seu próprio erro inicial, oriundo de uma falta de previsão de sua parte; um Deus que cria um rival para enganar o único par de anjos que vivia na Terra; um Deus que permite a Satanás ir aborrecer o incauto Jó, reduzindo-o à extrema miséria, só pelo prazer de provar ao diabo que ele não conseguiria vencê-lo; um Deus que, arrependido de ter criado a canalha humana que se multiplicou, afoga tudo em um dilúvio; um Deus, finalmente, que consente todos os males e sofrimentos de bilhões de entes mortos, passados, presentes e futuros para, por fim, condená-los às penas eternas se não fizerem parte de uma futura organização romana!

Francamente! Só de um Deus maluco ou perverso!

Gandhi, o Santo homem budista, escritor e nacionalista indiano, em seu livro[364], assim se exprime: "*Considero o Cristianismo do Ocidente, pelo modo por que é praticado, como uma negação do Cristianismo de Cristo*".

> "*Não posso conceber Jesus, se ele tivesse vivido entre nós, aprovando as instituições cristãs, o culto ou seus modernos ministros. Se os cristãos indianos se dedicassem só ao sermão da Montanha, proferido pelo Cristo, não só para seus pacíficos discípulos, como para o mundo sofredor, eles não se poderiam enganar. Eles veriam que nenhuma religião é*

[364] La Jeune Inde — 1925.

falsa, e que se todos vivêssemos de acordo com as luzes e no temor de Deus, não teriam necessidade de se inquietarem com instituições, forma, culto ou ministros."

Quando os verdadeiros cristãos se compenetrarem de que o culto romano é absolutamente antagônico com a religião de Cristo, culto cuja moral não resiste a um confronto sério com a budista, o que foi confirmado pela recusa do Papa em receber o Mahatma Gandhi, que lhe pedia uma audiência, e cuja palavra humilde faz estremecer a poderosa Inglaterra, então, os cristãos se cindirão de uma vez e deixarão o Vaticano entregue à sua Política imperialista, e correrão ao crucifixo, a enxugar as lágrimas do meigo profeta Nazareno que, ali pregado, assiste cheio de tristeza ao desmoronamento da sua obra.

Fim do mundo

Todas as religiões ou crenças espalhadas no mundo civilizado ou selvático possuem nos seus livros sacros ou nas suas enraizadas tradições terríveis oráculos acerca do Fim do Mundo, conforme já tivemos ocasião de falar quando nos referimos ao Dilúvio Universal; mas, para não nos alongarmos citando-os todos, o que, certamente, encheria um livro, frisaremos somente o que constar do próprio Cristianismo e serve de esteio à crença do **Juízo Final**.

Não só os profetas, como o próprio Jesus e, por fim, João, em Apocalipse, anunciavam que essa humanidade teria de desaparecer por meio de um inenarrável cataclismo.

As predições frisavam que grandes guerras existiriam entre as nações, que a terra tremeria em vários pontos, que sinais se veriam nos astros etc. etc. não sendo, porém, senão o começo do fim.

Jesus, mesmo, salientou que aquela geração (a de seu tempo) não passaria sem que essas coisas se realizassem, o que fez com que Paulo se convencesse disso e pregasse, *urbi et orbe*, que ele e seus adeptos, em carne e osso e com vida, haviam de ir ter com Jesus nas nuvens, quando ele ali brevemente aparecesse como prometeu.

Mateus X, 23, empresta mesmo a Jesus, a seguinte frase: "... *porque em Verdade vos digo que não acabareis de percorrer as cidades de Israel sem que venha o* ***Filho do Homem***".

Em XXIV, 15, Jesus acreditava na profecia de Daniel, pois assim se exprime ele: "*Quando, pois, virdes que a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, está no lugar Santo*..." (quem ler entenda). Hão de convir que é um pouco difícil entender-se esta frase; mas, enfim vá lá...

Marcos XIV, 62, Mateus XXVI, 64; e Lucas XXII, 69 colocam estas palavras na boca de Jesus: "*Vereis o* ***Filho do Homem*** *sentar-se à direita da Potência e vir sobre as nuvens do céu*".

Mateus, em todo o capítulo XXIV; Lucas XXI, 9 e seguintes, só se ocupam do **fim do mundo** que, para eles, era uma questão indiscutível.

E muitas outras citações que deixamos ao leitor estudioso o cuidado de anotar.

Jesus disse que voltaria.

E quem sabe se é esta previsão dos fatos que tem retardado sua volta?

Se, porém, um dia ele surgisse entre nós, sem se dar a conhecer, numa modesta choupana de operários e se pusesse em campo, doutrinando com mais doçura e bondade do que o fez da vez passada, sobre as injustiças dos homens, sobre a desobediência aos dez mandamentos de Deus, profligando o insaciável militarismo, condenando os detentores do Poder e os ricos que oprimem os pobres, condenando os fariseus do Catolicismo que transmutaram sua doutrina em reles política, fulminando com seu verbo seu pretenso representante, protótipo do orgulho, da vaidade, da presunção, da arrogância, é indubitável que o perseguissem e o atirassem no cárcere ou o recolhessem a algum manicômio, dispersando a patas de cavalo a turba crente que o acompanhasse, acoroçoados por uma imprensa associada à Cúria Romana.

Ptolomeu, astrônomo, depositário de farrapos da tradição — haja vista o estalão musical e o mapa planetário da Figura 21 —, que viveu no segundo século da nossa era, considerava a Terra no Centro do Universo; que ela era habitada somente na parte superior, colocada acima da água e que além dos elementos havia 9,10 ou 12 esferas concêntricas transparentes, sobre as quais o Criador tinha pregado os planetas e as estrelas. Todas giravam em volta da Terra e a última esfera era o empíreo ou, melhor, o Céu, a residência de Deus, conforme a Figura 21.

Daí a fazer o Catolicismo crer, mais tarde, que o Cristo se elevou nos ares e que de lá voltaria em carne e osso sobre as nuvens, a dificuldade não era grande.

Hoje, tais crendices fazem sorrir à socapa o mais fervoroso católico inteligente e nós, em nome do bom senso, da Verdade, também lançaríamos o anátema ao Vaticano, por agir falsamente contra a doutrina do Cristo, se Jesus não nos sorrisse como sorriu a Pedro.

Vejamos, agora, em que se funda essa **abominação da desolação** de Daniel, de que falamos acima.

Esse profeta em seus capítulos VII, 25 e VIII, 14 apresenta os dois curiosos números 1.260 e 2.300 envolvidos em uma charada de **um tempo**, **tempos** e **metade de um tempo**.

Essa charada tem dado muito que fazer a idealistas, que viam nela o **fim do mundo**. Entretanto, é o abade Moreux quem nos vai dar a solução. Diz ele que foi o sábio astrônomo de **Cheseaux**, em sua obra — Remarques sur Daniel — quem desvendou o mistério.

Descobrindo ele o ciclo de 315 anos, pelo qual o Sol e a Lua regressam ao mesmo ponto do céu, de onde partiram, verificou que este número é precisamente a quarta parte de 1.260 e concluiu que este período de 1.260 anos deveria ser também um ciclo lunissolar.

De fato, ao cabo deste tempo, o Sol e a Lua voltam ao mesmo ponto de eclíptica.

O segundo número 2.300, igualmente, é um ciclo perfeito, pois o erro dez vezes menor do ciclo de Calipe é, exatamente, o do ciclo de 1.260 anos.

Daí se conclui que a diferença entre os dois ciclos 2.300, menos 1.260 é igual a 1.040 anos e que, este número, também deve ser um ciclo perfeito, ao mesmo tempo, solar, lunar e diurno que os astrônomos, cansados de procurar, declararam quimérico ou impossível.

Ora, o Sol faz 1.040 revoluções em relação ao primeiro ponto do Carneiro em 379,852 dias e a Luz, no mesmo tempo, realiza o mesmo número de revoluções.

O ciclo de Daniel dá para o ano trópico 365 dias, 5 horas, 48 minutos e 55 segundos de acordo, portanto, com o admitido hoje pela ciência.

No ano 652, data muito aproximada da profecia de Daniel — para a vinda do Cristo —, o Equinócio da Primavera, o Solstício de Verão e o Equinócio de Outono chegaram todos os três **na mesma hora**, **ao meio-dia**, no meridiano de Jerusalém, assim como o exige o movimento que resulta do período de 1.040 anos!

Ora, isso é mais transcendental e mais sério do que profecias a respeito do **Fim do Mundo**, baseadas em **Tempo**, **tempos** e **metade de um tempo**, que nada exprimem fora da Ciência, a não ser o de demonstrar a capacidade imaginativa de charadistas.

O Midrasch Raba LXXXII conta que alguns santos, dirigindo suas preces ao Altíssimo, para saber quando seria o dia do Juízo Final, este lhes respondeu: "*Perguntai aos homens*".

Virgílio, segundo Platão, descrevendo o Eliseu e o Tártaro disse: "*No dia do **Grande julgamento**, os bons passariam para a direita e os maus para a esquerda*".

Ora, os evangelistas copiando Platão dizem que o Cristo deve presidir ao **fim do mundo** fazendo passar os bons para a direita e os maus para a esquerda.

Quase dois mil anos são passados, muitas gerações se extinguiram, tremendas guerras e cataclismos assolaram o mundo, muitos eclipses houve, sem que essas profecias se tenham realizado, continuando essa bola a girar regularmente em seu eixo.

E claro que essa falta de cumprimento de um programa, tão fartamente anunciado em vários tons, não deixa de estremecer um pouco a fé dos crentes inteligentes, e concorre para que seus antagonistas descreiam de profetas, de pitonisas, de taumaturgos, de hierofantes, de João, de Paulo e do próprio Jesus.

Contudo, se as leis da mecânica celeste ainda não manifestaram sensível desequilíbrio, é incontestável, porém, que o Cosmos está passando por extraordinários fenômenos sísmicos e meteorológicos, como não há memória de se ter produzido, com a simultaneidade e intensidade que se verifica em várias partes do globo terráqueo, constituindo verdadeira calamidade pública em várias nações.

Será que os tempos são chegados, conforme apregoam certos credos religiosos, inclusive o Espiritismo?

Será o prenuncio de pavorosas catástrofes?

Pelo menos os acontecimentos caminham aceleradamente. Por isso devemos estar espiritualmente preparados para o dia, pois, certamente, nessa ocasião, os procuradores de almas abandonarão desabridamente seus pobres constituintes, procurando em primeiro lugar salvarem-se a si próprios, senão o corpo, ao menos a alma, gritando-lhes: "*Salve-se quem puder*", a não ser que tenham comprado a vela Santa do frade de Pesqueira, em Pernambuco, que profetizou o fim do mundo para 1932!

Foi outro fiasco do Catolicismo!

Os Cultos dos Deuses dos heróis, dos Mártires, das Relíquias dos Santos

O leitor já deve estar mais ou menos compenetrado, pela leitura das obras citadas por nós no decurso deste trabalho, de que os primitivos patriarcas da humanidade, numa época que remonta, talvez, há mais de 80 mil anos. já haviam observado o firmamento, estabelecendo, mais tarde, a base de toda a mecânica sideral. Essa ciência era chamada **Astrologia**, isto é, o estudo externo dos astros, assim como havia a **Astrosofia**, que era o estudo interno dos mesmos, isto é, da

vida planetária. Essas ciências comportavam, necessariamente, outras, como a matemática, a geometria, a trigonometria, a geografia, a geodésica, a química, a física etc., que eram ensinadas, nas academias adâmicas, aos mais aptos dentre o povo.

Nada de novo foi descoberto depois pelas nossas academias, a não ser combinações, aplicações e desenvolvimentos, firmados nos princípios por eles estabelecidos, muitos dos quais se acham arquivados na pirâmide de Gizé, conforme já vimos.

Notaram esses sábios que todos esses pontos luminosos, inclusive a própria Terra, não haviam aparecido no cenário celeste, subitamente, como nas mágicas teatrais; todas obedeceram a rigorosas leis que impunham forçosamente ao espírito a preexistência de um legislador. Daí nasceram a Cosmografia, a Mitologia e o Culto a esse inefável Criador.

Mas como manifestar às massas ignorantes a existência de um poderoso Ser, de modo que seus pobres espíritos pudessem compreender essa formidável força?

Pelo mapa estelar, confeccionado para a demonstração da precessão dos Equinócios, com suas respectivas constelações, as quais deram nomes pela nomenclatura terrestre, desenham-se-lhes as figuras, representado-se esse Sol como fonte de movimento, de calor e de vida, e como razão de ser dos seis planetas, sob cuja influência atrativa e repulsiva se movem os mesmos.

Esse Sol era chamado, nas antigas cosmogonias, ora **Filho de Deus**, como criação direta do Inefável, pois Deus não podia ser visto nem representado de modo algum, ora como símbolo desse mesmo Deus, pelo seu Poder vivificador. Para auxiliá-lo nessa inominável tarefa, criaram a corte dos semideuses, que tomaram

vários nomes, entre os diferentes povos e tinham por missão gerir as forças fenomenais secundárias. Eram os Eloístas de Moisés.

Daí a criação do Mito Solar e da dinastia Solar que se estendeu por toda a Terra, como tivemos ocasião de nos referir. Era a Cosmogonia.

Foi, pois, sobre esse tema que os geniais poetas bordaram seus inolvidáveis poemas mitológicos, que eram representados teatralmente nos Templos de Abidos, de Elêusis, de Osíris, de Hércules, de Júpiter, de Apoio, etc.

A parte selecionada da Sociedade que tinha entrada nesses templos, por isso mesmo chamada de **iniciados**, e que constituía, como já vimos, o Colégio dos Deuses, explicavam-se essas Ciências.

Para a massa ignorante, não em condições, portanto, de assistir a essas solenidades, as ciências eram ocultadas sob o selo do Mistério.

Esses Pontífices, saídos do Culto dos Deuses mitológicos, passaram na Terra a representar essas divindades, no decorrer dos séculos, pelas invasões guerreiras e conseqüentes embaralhamento, dispersão e cisões de incalculável número de seitas que se iam novamente forjando com elementos heterogêneos. Os templos eram erguidos a esses Pontífices, a esses Melquisedeques, ou Reis de Justiças, e a idolatria foi se multiplicando à medida que penetrava em novos centros povoados. Foi a era do **Culto dos Deuses**, era que o Catolicismo chama de pagã, embora adorassem todos um único Deus insondável nas suas cerimônias internas.

Hermes, ou pelo menos sua escola que, para nós, era a de Rama, já dizia:

"*O Egito, Egito! Tempo virá em que, em vez de uma religião pura e de um culto puro, só terás fábulas ridículas,*

incríveis à posteridade e que só te restarão palavras gravadas sobre a pedra, únicos monumentos que atestarão tua piedade".

Para o povo, porém, o Culto externo era outro. Todas as forças da natureza, todas as suas manifestações de vida ou de morte, eram representadas por uma entidade que presidia aos seus atos. A agronomia, por exemplo, tinha seus deuses para cada uma das operações de tratar a terra, lavrá-la, semeá-la etc., como já vimos anteriormente. As artes, igualmente, tinham seus deuses protetores como a do sapateiro, do carpinteiro, etc. Cidades e moléstias tinham seus patronos, como hoje os santos do Catolicismo.

As festas públicas eram, do mesmo modo, presididas por um deus ou deusa.

Os valentes guerreiros vitoriosos ou os hércules gladiadores e lutadores com feras nas arenas eram considerados eleitos dos deuses e criou-se daí o CULTO DOS HERÓIS. Oh! bem diferentes dos **Heróis** modernos do futebol e outros esportes!

É desse culto pagão, isto é, desse culto dos **pagani**, **da gente do campo**, dos ignorantes não iniciados, que o Catolicismo copiou tudo, sob a invocação de nomes de indivíduos, cuja santidade, talvez, seja muito problemática, como veremos[365].

Só o calendário gregoriano que usamos comporta 365, por não poder comportar mais, havendo mesmo dias com santos geminados, afora os 1.354 santos que o Vaticano canonizou em 1932.

[365] L. DU BROC DE SECANGE — *Les Saints Patrons des Corporations* — 1888.

O próprio Jesus e sua dileta mãe, cujos nomes por si só seriam suficientes para invocação, são invocados e adorados sob uma infinidade de atribuições milagreiras.

Cada uma dessas especialidades requer um templo e seu respectivo sacerdote, único meio de dar ocupação à legião de outros tantos santos a canonizar, pelo esforço que eles têm de empregar para manter a fé dos fiéis que os alimenta e sustenta.

As perseguições das religiões dominantes deram lugar mais tarde à criação do Culto dos Mártires, transformado em seguida pelo Catolicismo em Culto dos Santos, do qual, conseqüentemente, surgiu o Culto das Relíquias.

Os pagãos diziam que aos heróis os deuses tinham dado uma parte dos seus poderes e, assim, eles podiam intervir de modo eficaz nos negócios humanos.

O catecismo do Concilio de Trento (parte IV, capítulo VII, §1,3) diz: "*Se pedimos aos santos para que nos obtenham do que precisamos é porque eles têm crédito perante Deus*".

Mas, em 754, um Concilio de 338 bispos orientais anatematizou solenemente os adoradores de imagens.

Os pagãos **heroicizaram** seus heróis por meio de Decretos do Senado.

Os papas Alexandre III e Inocêncio III tomaram a si o privilégio de canonizar os servos de Deus (Dec. Livro III, título 45, capítulo I, Audivinus).

Segundo Havet[366] foi o papa Gregório quem canonizou todos os papas desde São Pedro até São Siricius V e daí por diante não cessa a canonização de todo papa que morre, pelo seu sucessor, ao qual os católicos terão de venerar, embora, como veremos, tenham sido os mais terríveis criminosos.

[366] Les Saints successeus des Dieux.

Cultuar pontífices católicos é outra imitação dos pagãos que cultuavam seus pontífices.

Não é de admirar, portanto, que, com o tempo, tais heróis ou santos, por suas supostas virtudes, tivessem estabelecido uma corrente de fanáticos, surgindo entre os pagãos as pitonisas, que se encarregavam de estabelecer a comunicação entre os heróis e seus admiradores, e entre os cristãos, os místicos, que recebiam os oráculos por meio de aparições de anjos, de sonhos ou de milagres.

Ora, uma vez implantado o Cristianismo no Oriente à custa de sangrentas cruzadas e, principalmente, no Egito, após tremendas lutas selváticas, fácil foi surgir a necessidade de relíquias e de corpos de santos e de heróis.

Com relação à "*Vida dos Santos*", enviaremos o leitor a P. Saint-Yves, cujo aprofundado estudo esclarece a falsidade da lista desses eleitos, pressupostos mártires, visto os nomes terem sido mal interpretados das inscrições tumulares. O Catolicismo, para cimentar o Culto dos Santos, que, em suma, é o que mantém a fé dos fiéis, serviu-se de materiais falsos, que, com o tempo, se têm desfeito em poeira, ameaçando o desmoronamento do Panteão. Render culto a santos, que a Igreja apresenta e que nunca existiram, é render culto aos ossos de malfeitores, descobertos enterrados nas igrejas e catacumbas e cujas inscrições, por má leitura e interpretações, deu causa aos nomes que a Igreja venera.

Esta é a primeira fonte de documentos em que se pode beber a luz que esclarece esse assunto. A segunda fonte encontra-se na interpretação de episódios legendários, apoiados em documentos figurados. Nesses casos se acham os santos degolados que caminhavam com a cabeça nas mãos.

A terceira fonte são os templos e o mobiliário litúrgico.

Com tais elementos apócrifos e falsos é que os hagiógrafos escreveram a *Vida dos Santos*, sendo um dos mais notáveis, Atanásio, aliás, assassinado por outros santos.

Documentos falsos, inscrições de túmulos mal lidos, imagens de sarcófagos, erradamente determinadas, símbolos litúrgicos e mesmo pagãos, relíquias etc., tudo arranjado depois das Cruzadas para reconfortar o culto das relíquias que haviam sido destruídas.

A quarta fonte repousa em fábulas e parábolas e os duplos dos hagiógrafos.

Da literatura da Índia tiraram os hagiógrafos farta messe de contos moralistas, que adaptaram aos seus santos. Por exemplo, a obra do autor, grandemente espalhada naquela época com o título — *Diretriz da Vida Humana* — é uma cópia do *Pantcha-Tantra* da Índia ou dos Cinco Capítulos e como esta muitas outras. Do *Romance oriental de Sendadar*, que se acha nas *Mil e uma Noites*, fizeram o *Romance dos sete sábios e o Dolopatos*. *São Barlaam* e *São Josafá* é outra paródia tirada de contos indianos e reproduzida por *Coquin* (Contos populares de Lorena, páginas 51 e 52). Em 1859, no *Journal des Débats*, de 26 de julho, Edouard Laboulaye descobriu que essa história de Josafá nada mais é do que a história de Buda.

Portanto, o Santo Josafá, venerado na Igreja Católica, santo que nunca existiu, é o Buda indiano.

Nos mesmos casos de origem búdica, estão os supostos santos: Santa Bárbara, Santa Irene, Santa Cristina, Santo Aleixo, São Tomás, Santa Venera etc.

Bruno Krusch[367] diz, falando dos hagiógrafos: "*Por trás da piedade se esconde a mentira; seu fim é enganar e, para isso, se intitulam de testemunhas oculares! Eles quiseram enganar e falsificar a história em honra dos santos, e todos conseguiram seu fim. Todas essas vidas de santos foram utilizadas pelos historiadores os mais estimados dos tempos modernos, como fontes antigas e autênticas. Sob Pepino escreveram-se, audaciosamente, histórias que cada um inventou e aplicou-se a esta mercadoria o selo da autenticidade contemporânea*".

Da quinta fonte verifica-se que o Culto dos Santos é o resultado das tradições populares e do amor ao sobrenatural. Este culto foi uma maquiavélica invenção do Catolicismo, que se propõe a servir os mortos à custa dos vivos.

Os maniqueístas têm um anjo para cada dia do ano, ao qual enviavam uma saudação, tal como faz o católico com seu santo diariamente.

Os pagãos igualmente tinham uma oração para seus gênios.

Era regra, nos primitivos povos, atribuírem às coisas mais sobrenaturais aos santos, contra todas as leis da natureza, inventando-se aparições de divindades e anjos, acreditando-se em transformações de homens em animais, em animais falantes, em operações mágicas, como ainda acreditam os supersticiosos católicos.

Mas, como não se podiam inventar mais prodígios, além dos já conhecidos, passaram, então, na opinião de Baillet[368] a servir-se dos mesmos milagres atribuídos a um santo para revestir outro de sua veneração.

A Vida dos Santos está cheia de mortos que ressuscitam, de falsos cegos que recuperam a vista, de cajados de São Pedro entre as mãos de seus discípulos que ressuscitavam seus companheiros mortos em viagem de Roma a Gália, de

[367] Les Falsifications de la Vie des Saints Burgonds
[368] Fatos e milagres mendigados.

cajados de São Gregório que, espetados no chão, criavam raízes, de degolados que caminham com a cabeça nas mãos, o desdobramento de Santo Antônio, etc.

De modo que, para os cristãos, apóstolos e mártires nada mais havia de ordinário na Terra, tudo era extraordinário; o próprio natural era sobrenatural.

Os teólogos católicos proclamam a impossibilidade científica das manifestações da alma sobre a matéria.

Entretanto, a *Vida dos Santos*, dentre alguns milhares dos quais se pode destacar Santa Filomena, falecida há cerca de 15 séculos, prova, em flagrante contradição com a Igreja, o emprego dos mesmos meios usados pelos médiuns modernos, em suas experiências psíquicas.

A Igreja Católica, acreditando na comunicação dos mortos, como reza seu Credo, praticando a invocação de santos, recebendo comunicações tiptológicas, verbais, visuais, auditivas e até escritas do além do próprio punho dos missivistas, materializações, luminosidades etc., imita, ou antes, praticava há muito mais tempo o Espiritismo que agora condena. Para essa igreja suas manifestações psíquicas tomam o nome de **Milagres**, enfim infringindo as leis que regem a natureza, ao passo que, para a Ciência, essas manifestações são o resultado de forças vivas postas em ação pela relação simpática do **médium**, auxiliado pela oração, que não passa de uma evocação, seja ela católica, reduzida a uma fórmula invariável ou a um discurso, frase ou apelo leigo, simples e espontâneo.

Para a Igreja Católica essas manifestações são obra de Deus, ao passo que as mesmas manifestações de leigos acompanhadas de conselhos piedosos e morais são obra do diabo.

Adivinha se puderes e escolhe se és capaz, disse um escritor.

Para mais amplo desenvolvimento aconselhamos a obra de L. Chevreuil: *Le spiritisme dans l'Eglise*, 1923.

Como seus indolentes espíritos não podiam admitir o mínimo esforço intelectual, para compreender a razão das coisas, como ainda sucede entre os católicos, eles inventaram o termo Milagre.

A. Marignan[369] conseguiu resumir o maior número de milagres, considerados como os mais extraordinários que se encontram nos *Atos dos Mártires*.

Os cristãos circunscreviam a ação de Deus à sua vontade, forçando-o a intervir neste mundo, nas mais insignificantes coisas da efêmera vida, contrariando mesmo as leis imutáveis por ele decretadas na organização da mecânica sideral.

O mais interessante, porém, é que, quando um pede chuva, por exemplo, outro pede para não chover. Certo é que vencerá aquele cujo desejo coincidir com a manifestação atmosférica. Milagre, pois, será para seus adeptos.

Em um convento de Derwiches, na cidade de Tekka, ao norte de Dichbudak, o santo desse convento é um personagem notavelmente utraquista. Para os turcos é São Akjasyky, para os cristãos é São Atanásio; cristãos e muçulmanos o invocam para a descoberta de gado roubado; São Nicolau também é santo turco; São Jorge é transfigurado em Chisr Llyas e é muito adorado.

Diz Cambry[370]: "*O governo teocrático dos druidas, os milhares de germes de que eles povoaram os elementos, o poder dos sábios sobre a natureza, todos esses sonhos feéricos não foram destruídos pelos apóstolos do Catolicismo. Transferiram para seus novos santos os milagres dos santos do tempo passado. Em suas legendas só se vêem solitários castos, sábios e virtuosos, vivendo nas florestas, enfrentando a inclemência atmosférica; eles aplacavam tempestades,*

[369] La foi chrétienne au IX siècle.
[370] Voyage au Finistère----1836.

fendiam as ondas do oceano, atravessavam os mares a pé enxuto, navegavam em rochedos de pedra flutuante, metamorfoseavam seus cajados em árvores, as fontes brotavam sob seus pés, curavam doenças, o ar embalsamava-se a sua passagem, os mortos ressuscitavam e o Universo estava submetido às suas leis". Para edificar o leitor a respeito das legendas de santos, citemos uma, ao acaso, das melhores de Cambry:

> "*São Pole começava sua carreira. Quando ele era escolar, os pássaros destruíam os campos de seu mestre Santo Hidalto; ele os pegou em alçapões e os conduziu ao mosteiro. O Santo, indulgente e generoso, repreendeu os pássaros e lhes deu sua bênção; eles voaram cheios de gratidão. Desde então respeitaram as sementes do Santo homem*."
>
> "*A irmã de Pole vivia em um convento banhado pelas águas do mar; Pole intimou as ondas a se afastarem 4 mil passos, ordenou à sua irmã e às freiras de arrumarem pedrinhas na praia. Essas pedrinhas cresceram e, em breve, tornaram-se rochedos ameaçadores, capazes de subjugar o mar e sua fúria."*
>
> *"Pole, em 517, deixa a pátria, e, levado sobre as ondas, chega à ilha de Eussa (Ouessant) e a de Batz; o Conde de Guythum era o governador, e morava em um palácio, cujas ruínas nunca se viram. São Pole diverte-se ali curando três cegos, dois mudos e um paralítico, só com o toque de seu*

bastão. O conde, neste ínterim, cobiçava uma sineta que o grande rei Marco da Inglaterra tinha a malícia de lhe recusar."

'Por ordem de São Pole um peixe engoliu-a e levou-a àquele que a desejava. Essa sineta de prata estava no tesouro da catedral de Leon. Ao som desse instrumento as doenças se curavam e mortos ressuscitavam. Havia, então, um grande dragão na ilha, que devorava os homens e os animais do país. São Pole vai à caverna em seus trajes pontificais, acompanhado de um homem da paróquia de Cleder. O santo ordena ao dragão que apareça; este sai, recortando a terra com suas escamas e dando horrendos assobios; mas, fascinado pela estola, ele caminha para o norte da ilha, onde, com uma cajadada, é precipitado nas profundezas do Oceano. O Conde de Guythum, encantado com seu hóspede, dá-lhe seu palácio e retira-se para a ilha de Occismor. Partindo, faz-lhe presente de um manuscrito dos Evangelhos, colorido, copiado por sua mão; Guilherme de Rochefort, bispo de Leon, o cobriu de Vermeil em 1352."

"De seu palácio da ilha de Batz, São Pole fez um mosteiro, mas como lhe faltasse água ele a fez brotar com uma cajadada."

"Aborrecido dos homens, retira-se da ilha de Batz, ordena que o enterrem na cidade sagrada de Occismor, de que ele era bispo e morre com 102 anos em 594."

Os habitantes da ilha querem conservar seus despojos mortais, os de Occismor os reclamam; os contendores entram em um acordo; colocar-se-ia metade do morto em dois carros, um dirigido para o mosteiro e outro para a praia. O Santo não esperou pelo fim da querela, desapareceu, atravessou o mar e pelos ares foi ter em Occismor, que desde este momento foi chamado São Pole de Leon".

Certamente o leitor julgará que isso é uma história semelhante às *Mil e uma Noites*, se não fosse extraída como a mais pura das Verdades da *Vida dos Santos*.

Da sexta fonte surgem as tradições místicas, a origem dos contos e das legendas, suas relações com os mitos.

Por exemplo: do tema mitológico da viagem subterrânea do Sol de inverno, tiraram a legenda da descida aos infernos, que se encontra na vida de São Breudan, de Santa Cristina, de Bolsena, na superstição do purgatório de São Patrício, na descida de Jesus aos infernos, de que só se falou no século IV, e formou-se completamente com o evangelho de Nicodemus[371] que, aliás, não foi aceito pelo Concilio.

A Fé, a Esperança e a Caridade são as três filhas da Sabedoria do Paganismo.

[371] J. Turmel — *La descente du Christ aux Enfers* — 1905.

A Igreja Católica transformou-a em três santas: Santa Fé, Santa Esperança e Santa Caridade, dizendo que eram filhas de Santa **Sofia** (Sabedoria), palavra grega.

A extensão desse estudo é tal, que só se recorrendo à obra de P. Saint-Yves é que se pode verificar a farta documentação, irrefutável, de que o Culto dos Santos do Catolicismo é uma cópia, com péssimas adaptações de contos e fábulas indianas, chinesas, japonesas, gregas, egípcias, célticas, dinamarquesas etc.

É de admirar, porém, que ainda hoje, no século das luzes, se permita iludir uma parte da população, constituída de crianças, adultos analfabetos e simples de espírito, para, com isso, manter-se uma legião de espertalhões, ocupados em perseguir os que lhes descobrem as velhacarias.

O Culto dos Mortos, dos Deuses e dos Heróis foi praticado desde a mais remota Antigüidade, no Egito, na China e quiçá na Atlântida, pois ainda se verifica o mesmo culto no México e no Peru.

O Culto dos Mortos era conhecido na China há mais de seis mil anos, tendo vindo da Índia pelo livro de Manu. O *Rig-Veda* já se refere a ele: este livro foi copiado do livro dos primitivos arianos (ítalo-celtas), por isso é encontrado entre os gregos, os latinos, os sabinos e os etruscos.

Nas tumbas cristãs era comum lerem-se essas inscrições pagas: "*Bebei e diverti-vos*", ou "*Minha filha foi fiel entre os fiéis e pagã entre os pagãos*".

O Culto dos Mortos deu lugar à criação de um ritual litúrgico especial, não só entre os pagãos como entre os católicos.

Em toda a parte em que é conhecido esse culto, lamenta-se o morto, chora-se por ele e faz-se que também chorem as carpideiras pagas para isso.

Essa prática perpetuou-se no Cristianismo. Os círios que se acendem em volta do morto são uma imitação de um rito mágico, em que o fogo é um Deus poderoso que subjuga as divindades das trevas.

Mas o perigo para o morto não residia somente em afastar esses maus elementos do seu caminho; na longa viagem que empreendia era preciso também provê-lo do necessário à sua manutenção e conservar-lhe a amizade, pois ele passava a ser um deus, um herói ou um santo.

Para isso estabeleceu-se a prática das refeições fúnebres, ora na casa do morto e em sua presença, ora na sua modesta tumba ou em uma capela erguida sobre ela a que se chamava *triclinium fúnebre*, pertencente aos mais ricos.

Nessas refeições, comia-se, dançava-se, cantavam-se lamentações e, por fim, abandonavam-se ali os restos e, se os parentes eram ricos, depositavam no interior bebidas e alimentos, tais como vinho, água e comestíveis.

Os pagãos ricos porfiavam em manter seus correligionários fiéis às suas crenças, fornecendo-lhes víveres para as ágapes.

Os cristãos, para não perderem na concorrência, procediam do mesmo modo, tendo Santo Agostinho propagado que "*com as nossas ágapes nutrimos os pobres*".

L. J. Guenibault[372] assim se exprimia: "*O que não deixa de estar provado é o principal motivo que os cristãos tiveram, apoderando-se de uma tal instituição, de origem totalmente paga*".

"*Ligando-se ao gênio de seu Culto, eles quiseram atrair para o seio da Igreja, por uma aparente analogia, os*

[372] Note sur les Ágapes chrétiens — 1850.

espíritos grosseiros e uma multidão familiarizada desse século com o uso dessas ágapes fúnebres. Era a norma, pela sábia e industriosa política da Igreja, tirar dos erros e da fraqueza humana, todo o partido que podia comportar a séria doutrina do evangelho, a fim de multiplicar as conversões. A instituição das ágapes, imitada do silicernium dos antigos, foi como que um inocente estratagema empregado pela primitiva igreja para captar os corações à fé cristã. Os testemunhos de São Gregório de Nissa, de São Paulino de Nole e do papa Gregório, o Grande, bastam para não deixar dúvida nenhuma a tal respeito. Com o auxílio de uma prática tão conhecida a Igreja se contentava de mudar o objeto e de purificar a intenção; o povo sempre escravo dos antigos costumes deixava-se mansamente levar do culto pagão dos manos, ao culto cristão dos mártires".

,

Mais tarde esse costume não se limitou mais aos atos de sepultamento, estendeu-se por todo o ano e além. As ágapes passaram a ser semanais, mensais e aniversários.

O aniversário dos mártires e a festa dos santos provêm daí, bem como o costume de se celebrarem missas semanais, mensais e aniversariais e o costume de ir aos cemitérios acender círios, comer, beber e dançar.

São Paulo chegou mesmo a dizer aos Coríntios: "*Meus irmãos, quando estiverdes reunidos para comer e pregar a morte do Senhor, esperai-vos uns aos*

outros. Se alguém for apertado pela fome, que ele coma em sua casa, a fim de que não vos reunis para vossa condenação".

Para provar a exatidão do que fica exposto, basta citar o seguinte: Em 397, o *3º Concilio de Catargo* declarou: "*Sabemos que muitos cristãos bebem ultrajosamente sobre o túmulo, e que depois de terem oferecido comida aos cadáveres, sob pretexto de religião, comem e embriagam-se até caírem, por assim dizer, mortos sobre seus mortos*".

Nas nossas necrópoles a coisa não chega a esse ponto, mas assiste-se às vezes a alegres piqueniques sobre as tumbas.

Santo Agostinho (Epístola XXIX), *ad afipium*, confirma o fato nestas palavras: "*Os pagãos viam-se impedidos de abraçar o Cristianismo, pela saudade de seus festins, nos dias consagrados aos seus ídolos (os manes): por isso nossos antepassados julgaram bom permitir-lhes que celebrassem com a mesma pompa e profusão de solenidades em honra dos santos mártires*".

Os pagãos, em Roma, comemoravam seus mortos de 13 a 21 de fevereiro, e essa data tinha por nome *parentalalis dies* (dias dos funerais) e terminava por uma festa aos falecidos, que se chamava *feralia*. Essa data foi transferida um século mais tarde por Luiz, o Bonachão, para novembro.

O Cristianismo, não podendo destruir esses costumes, transformou essa festa em "***Banquete de São Pedro***". Mas, em 566, o *Concilio de Tours* condenou tal costume.

Atualmente, a festa dos santos padroeiros ou milagreiros limita-se a uma missa, com leilão de prendas em coreto erguido na porta do templo a ele dedicado, apregoado por um camelô desequilibrado e ao espoucar de um foguetório, apesar de proibido pelas posturas municipais, posturas que não existem para o cura da

paróquia e para os quais os funcionários fecham os olhos por algum interesse oculto!

Segundo a opinião de De Maistre, todos os erros do Universo se reuniam em Roma, onde se erguia o Panteão construído para agasalhar todos os Deuses pagãos. Ao fundo vê-se a estátua de Júpiter. Gregório III, em 13 de maio de 731, substituiu essa estátua pela cruz do Salvador e dedicou esse templo em honra do mesmo, da Virgem Maria, dos apóstolos, dos mártires e de todos os santos mortos.

Assim se formou o **Culto dos Santos**, cujos nomes servem de tabuleta a cada casa de negócio espiritual, vulgarmente chamada Igreja.

Quando se lê que São Diniz, o areopagita, e o sofista Apolofane, estando em Heliópolis (cidade do Sol) dizem ter visto distintamente, num pretenso eclipse do Sol, em Lua cheia, isto é, contra todas as leis da astronomia, a Lua colocar-se abaixo do Sol e ali ficar três horas e voltar depois ao Oriente no seu ponto de oposição, onde só devia estar 14 dias depois, não se sabe que mais admirar, se a coragem desses farsantes ou se a imbecilidade do católico que em tal acredita.

A mesma crendice foi introduzida em Portugal, com a célebre Nossa Senhora de Fátima, em que o Sol teria dançado um *jazz-band* de um lado para o outro, apesar de chover torrencialmente.

Coisa mais assombrosa é o dedo da mão direita de Santo Antônio, que acabam de encontrar em Pádua e foi transportado para Pola, na Itália, com toda a solenidade. Isso em outubro de 1932!

Quando se encontram falsários, como estes, sem vergonha para fabricar tais peças, que dizer do resto dos escritores hagiógrafos e de seus crédulos leitores?

Há duas classes de homens: os velhacos, que sabem conduzir, e os tolos, que se deixam conduzir.

A credulidade é um abismo profundo que recebe tudo quanto nele se queira jogar. É para tapar esse abismo que apelamos para todo homem a quem resta, ainda, uma centelha de liberdade e de luz.

Quanto mais se complicam os espíritos pelas exegeses de cultos, quanto mais esses cultos se esfacelam em seitas, mais a humanidade sente a premente necessidade de encontrar na religião o que é simples. E essa simplicidade reside nos simplíssimos e inimitáveis dez artigos do Código de Deus.

Templos, cultos, sacramentos e dogmas foram todos condenados por Jesus.

Já temos demonstrado, suficientemente, que somos cristãos, mas cristãos deveras, de acordo com o próprio ensino de Jesus. Ora, se Jesus nunca estabeleceu nada disso, como pactuar com as combinações maquiavélicas dos Concílios romanos, cujo fim sempre foi conciliar a fé dos fiéis com as finanças da Igreja, que de outro modo teria falido?

No livro *Les Origines Lithurgiques*, do abade de São Miguel, D. Cabrol, lê-se o seguinte, que extraímos de P. Saint-Yves[373]:

> "*Desde logo, escreve ele, nos achamos em face de uma objeção: o culto católico não vem de Jesus — Jesus não tinha liturgia, ele era inimigo das fórmulas ocas das práticas exteriores; ele queria um culto íntimo, o do coração, era o culto livre do Pai, que consiste na submissão filial a Deus, no amor, na confiança; ele rejeita os ritos exteriores; ele quer uma religião sem padres e sem altares, e não admite outro templo*

[373] Les Saints Successeurs des Dieux.

senão a alma. A liturgia católica, continua o Reverendo Padre, não vem, pois, de Jesus, é preciso procurar-lhe a origem no Gnosticismo e, mesmo, em última análise, no Paganismo; do qual o Gnosticismo serviu de ponte, e que só foi vencido, por um momento, pelo Cristianismo, senão para tomar uma estrondosa revanche no século IV."

"Se o Paganismo foi batizado na pessoa dos imperadores, não nos apressemos em aplaudir. Recebendo as águas do batismo, ele se contaminou, deixando seu vírus, e o culto dos ídolos floresceu com mais vigor sob o manto de Culto dos Santos, de Culto dos Mártires."

"Todos esse esplendor de que o culto foi cercado no século IV é um Paganismo litúrgico. Tal é a objeção renovada do Protestantismo do século XVI, que partiu em guerra contra a Babilônia do Papismo, suas superstições, suas idolatrias, objeção que tomou, de algum modo, sua forma científica nas obras de Renan, de Harnak, de Sabatier e de todos que se inspiraram nelas."

Vejamos o que é preciso pensar-se desta tese, acrescenta o sábio abade. Será que verdadeiramente sejamos pagãos sem que o suspeitemos? Será que, invocando a Virgem Santa, ou os santos, tomando água benta, recebendo a unção, acendendo os círios sobre o altar do Deus verdadeiro, não passaríamos de grosseiros adoradores de Palas Atena, da Magna Mater, de Júpiter Optimus Maximus? "

“Confesse que a situação seria picante.”

“Julgamos ter pelos mortos, em prol de Cristo, um culto sincero e dedicado e, no fundo, esses mártires, se saíssem de seus nichos dourados, amaldiçoar-nos-iam como idolatras, tão exatamente interessante quanto os que os condenaram ao suplício. A questão vale a pena ser examinada de perto, não acham?"

Não é um herege que assim se exprime, não é nosso taverneiro da esquina, inimigo de padres, mas sim um dos mais ilustrados sacerdotes católicos.

Que responderão a isso os papa-missas ou os jagodes besuntados de óleo das lamparinas dos santos?

Fecharão os olhos, taparão os ouvidos e, desviando o pensamento para o cinema próximo ou para o campo de futebol, ou ainda para o programa político do Vaticano, continuarão seus caminhos conscientes de que sua alma já tem um lugar marcado, senão no céu, ao menos no purgatório, de onde, necessariamente, Deus **terá** de despachá-la para o paraíso, forçado pela missa que seus parentes lhe mandarão rezar.

Simplíssimo! E daí talvez estejam muito convencidos que já merecem o céu, de sobra!

Os Dogmas

Segundo o eminente professor Charles Guignebert, em cujo admirável estudo[374] fomos colher a súmula deste artigo, o termo **Dogma** vem do grego *Dokei* e de *Doktoi*, significando: **parece justo**, **está decretado**.

Assim é que, no Império Romano, era hábito dizer-se: "*Chegou um **dogma** de César Augusto*", isto é, um decreto.

Nos Atos dos Apóstolos XVI, 4, São Paulo confiava a guarda dos dogmas a seus discípulos, como oriundos dos apóstolos e dos anciãos de Jerusalém.

Os primeiros dogmas, portanto, limitavam-se a confirmar os preceitos já estabelecidos na antiga lei e na nova lei, tais como: não trabalhar no sábado, fugir da convivência de pecadores, purificar-se nas formas prescritas, cumprir tal rito no momento propício, amarem-se uns aos outros, preparar-se para o próximo dia final, juntar-se no céu um tesouro de boas obras que a ferrugem e os ladrões não atacam, ter-se fé em Deus-Pai e em Jesus, seu Cristo, seu mensageiro da Boa-Nova.

Os dogmas de Pitágoras ou os dogmas de Platão significavam a doutrina particular de cada um desses depositários das tradições.

Essas doutrinas exigiam de seus adeptos a **fé-confiança**, mas, sobretudo, a **fé-crença**, isto é, a adquirida pela razão e por ela firmada.

Na antiga Lei Mosaica a fé se empunha, porque os preceitos foram impostos no Sinai pelo próprio Deus-Jeová.

Na nova Lei (Evangelismo), os apóstolos e os discípulos dispensavam reflexões e especulações metafísicas, pela sua ignorância, limitando-se a dizer:

In illo tempore, dixit Jesus, ou seja: **Ele disse**.

---

[374] L'Évolution des Dogmes.

Subentendiam, por aí, que eleja tivesse sondado o assunto em todos seus aspectos e, inútil, portanto, eram as verificações.

Bastava tirar por ilação o seguinte: se se deve dar crédito à autenticidade dos livros Mosaicos, ditados pelo próprio Deus, de quem Moisés era o Mensageiro, forçosamente se tinha de dar crédito aos profetas, inspirados pelo Espírito Santo, e, conseqüentemente, reconhecer em Jesus o novo profeta anunciado por Moisés, como o Messias prometido ao povo de Israel, para salvá-lo da perdição e não promovê-lo a Filho Carnal de Deus, terminando por torná-lo o próprio Deus, numa das três pessoas.

Destruir essa lógica, como o faz o Catolicismo, é destruir Moisés, os profetas e o próprio Jesus, que confirmou a veracidade desses ensinos; é dizer que Jesus não soube o que fez, nem o que disse, quando venerava esses precursores, em cujas palavras ele se apoiava; é desmentir a própria palavra de Deus. supostamente encerrada na Bíblia que, por sua vez, é um repertório das primitivas doutrinas de Rama, de Zoroastro e de Buda, ditadas pelo mesmo Deus Criador de qualquer Credo anterior aos primitivos patriarcas da humanidade.

O 1º Zoroastro garantia, milhares de anos antes, que o *Zenda-Avesta* lhe fora ditado pelo próprio Deus (Orzmud), tendo, para isso, sido levado à sua presença por um anjo celestial. Zoroastro, segundo já vimos, já havia profetizado a vinda de Jesus, não como Deus, mas como o Verbo, como a Palavra Perdida, como Profeta.

Maomé, posterior a Jesus, garante do mesmo modo ter recebido o Alcorão, trazido pelo anjo Gabriel, por ordem de Alá. O que é mais curioso é ter sido o mesmo anjo que avisou Maria do seu próximo parto.

Entretanto, muito anteriormente ao Cristianismo e ao Mosaísmo, Buda também teria recebido a doutrina que espalhou, não das mãos de Deus, por esta ou

aquela forma misteriosa, mas elevando-se acima dos homens até Deus. pela sua extraordinária santidade e força de vontade, e daí traçou à humanidade os preceitos da sua admirável doutrina, na qual o Cristianismo foi buscar suas raízes, mas cujo fruto foi destruído pelo enxerto romano.

O Deus de Jesus era o mesmo do de Rama, de Abraão, de Isaac, de Jacó, de Moisés e dos profetas. Sua Lei era a que Moisés recebeu de Jeová e que ele veio confirmar.

Para Jesus, a verdadeira transformação moral do homem reside **no amor** ao próximo e nada melhor há do que isso ou mais próprio para ganhar o reino do céu de qualquer rito. Ele era judeu e como tal ficou, não concebendo que houvesse outra verdade que a revelada por Jeová aos seus profetas, de que ele era um dos elos e aos quais sempre se referia, venerando especialmente Ezequiel.

Ele não veio salvar unicamente o povo de Israel, como se depreende, a cada passo, de seus ensinos, proclamando que o pão das crianças não se deve atirar aos cães, isto é, aos fariseus ou ao resto da humanidade paga, ou aos que adorassem outro Deus que não Jeová. Ele veio salvar os que crêem na sua palavra de amor e caridade, exatamente como ensina o Budismo.

Ele pregava a fé em Deus, em Jeová, o Pai e a iminência do Reinado do Céu. Os apóstolos pregavam a fé em Jesus, ressuscitado, cuja volta esperavam e não trataram mais do próximo Reinado.

Mais tarde, transformaram a **fé-confiança** dos primeiros discípulos em **fé-crença**, em **fé-doutrinária**. Os evangelhos, pouco a pouco, fizeram desses preceitos os dogmas das escolas, e a Igreja Católica tornou esses conselhos de moral prática em afirmações metafísicas. Ora, tais fórmulas dogmáticas

estabelecem, forçosamente, a noção de **autoridade** que os Concílios confundiram com a noção de **Infalibilidade**, impondo a crença a seus fiéis, sob terríveis -penas.

Os principais dogmas do Catolicismo residem uns na Gênese de Moisés e outros nos Evangelhos. Naquela é a noção do pecado original cometido por Adão e Eva, que a crítica científica e filológica não mais pode aceitar ao pé da letra. Nestes a noção da virgindade de Maria, igualmente fora dos quadros a exigência daquela época, e a da encarnação de Deus em Jesus, com duas naturezas perfeitas e de um Deus tríplice, numa só Unidade. Mais tarde a criação do céu, purgatório e inferno, que aberra da infinita justiça e misericórdia desse Deus Criador da humanidade, é proclamação que se perde em um verbalismo metafórico, com o fim de impor ao espírito humano o conhecimento do desconhecimento.

Todos os dogmas, portanto, não se podem firmar sem um apelo à Revelação, feito diretamente por Deus ao homem, incapaz, por sua natureza, de penetrar esses mistérios.

Mas que essa revelação fosse feita nas eras patriarcais a homens puros, ainda não viciados espiritualmente, ainda se pode conceber. Firmar, porém, que essa revelação continua a ser feita exclusivamente ao Papa, como único intermediário no mundo, entre Deus e o homem, é o que se não pode admitir, máxime, tendo-se em vista a série de criminosos, sanguinários, devassos, que ocuparam o trono pontificai.

A religião búdica apresentou-se sob uma forma de doutrina que se pode submeter à razão e à experiência, e que um homem pode explicar e praticar sob as vistas dos seus semelhantes. Foi assim que Buda e Jesus agiram, sem imporem dogmas refratários à razão e à experiência.

Durante três ou quatro séculos, a Igreja viveu de braços com grande quantidade de livros escritos por outros apóstolos, bem como os de Marcion e Valentino, gnósticos, cheios de dogmas, os quais à medida que se recua iam desaparecendo.

Jesus nunca pensou em estabelecer princípios de dogmas, nem organizar clero nem lhe dar ritos, pois a chegada do **Reinado de Deus**, ou por outra, o **fim do mundo**, estava próximo, e seus apóstolos não procuravam formar igrejas organizadas, pois, igualmente, esperavam o grande dia.

São Justino e as Homílias Clementinas contestam mesmo os longos discursos de Jesus, contidos em João, Mateus e Lucas, pois dizem que Jesus pronunciava poucas palavras.

Os apóstolos nunca se impuseram como autoridades; eles falavam procurando convencer, mas nunca ordenando a crença, como faziam os bispos ao seu rebanho, sob pena de fogueira e outros suplícios, e como fazem hoje com a excomunhão que encerra as mesmas penas, no caso de um dia lhes cair nas mãos o Poder Temporal, tão almejado por eles. Por causa das interpretações as igrejas se dividiram.

Dois métodos existiram para interpretar as escrituras: o sentido literal e o sentido espiritual ou místico.

No sentido ao pé da letra, tomemos, por exemplo, entre muitos, o seguinte (João I, 7): "*Pois há três que prestam testemunho no céu: o Pai, o Verbo e o Espírito Santo, e estes três não fazem senão um*", dogma da Trindade que só ficou conhecido e estabelecido no fim do segundo meado do século IV. Até então a teologia romana se havia recusado a aceitar esse dogma.

Outro (São Paulo — Coríntios XIII, 13): "*A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor a Deus e a comunicação do Espírito Santo estejam convosco*".

São textos estes que, ao pé da letra, estabelecem o dogma da Trindade, mas que não resistem ao exame, como já tivemos ocasião de ver.

Pelo mesmo sistema, ao pé da letra, pode-se negar uma contradição ou reduzi-la à força para firmar, por exemplo, que Jesus, descendendo de Davi por José, segundo a genealogia do 1° e do 3º Evangelhos e do próprio Paulo, foi, contudo, engendrado pelo Espírito Santo e não por José.

Pelo outro sistema, o do sentido espiritual, pode-se transformar o dito puramente material do Deuteronômio (XXV, 4): "*Não atarás a boca ao boi quando trilhar*", pelo sentido que São Paulo lhe deu (IX, 9,11), de que "*os fiéis têm o dever de sustentar aqueles que pregam o Evangelho*", o que teria surpreendido o escritor daquele livro, se soubesse que seu texto ia ter essa interpretação, aplicada a um Jesus de que nem sonhava, tanto mais tendo São Paulo afirmado que nunca viveu à expensa de ninguém, mas sim do seu trabalho.

Outra: a incumbência de reger a Ordem terrestre, Cristo a transferiu aos papas, pois, como **prova esmagadora**, lembram eles que Pedro, certa vez, caminhou sobre o mar e, portanto, o **mar significando** as turbas populares, claro está que o sucessor de Pedro possui autoridade para governar os povos.

É com essa lógica que os teólogos e apologistas católicos discutem.

Essas interpretações e acomodações de textos, terrivelmente elásticas, fizeram surgir uma elite de intelectuais católicos modernistas, que propuseram uma reforma nas fórmulas dogmáticas, de acordo com o espírito moderno e com a ciência. Esses pensadores foram ouvidos nos meios ortodoxos, reconheceram-lhes a razão, mas o papa falou e condenou toda tentativa, de modo que a massa

inteligente recolheu-se aos bastidores, aguardando melhor oportunidade para amadurecimento do fruto.

Não fosse a peia da Infalibilidade do Papa, certamente assistiríamos à colheita deste fruto, que seria apreciado por todos os credos da Terra, porque os galhos do Cristianismo se prendem ao único tronco da primitiva religião de Rama, de onde surgiram os ramos zoroástricos, bramânicos, budistas, judaicos, muçulmanos, ortodoxos, etc. Todos reconheceriam com facilidade a origem do seu rebento, e a Terra então entraria numa fase de liberalismo exegético, sem encontrar muralha artilhada contra nenhuma tentativa, como sucede com o Romanismo.

Nem o Budismo, nem o Maometismo e nem mesmo o Ortodoxismo grego possuem Sumos Pontífices, máxime, autoritários como o de Roma, nem igreja, nem clero hierarquicamente organizado, senhor dos ritos e guias forçados da fé. Esses cultos obedecem à opinião dos seus teólogos, dos doutores da Lei e, sobretudo, no exemplo daqueles que eles consideram santos. Todos se guiam pelo livro que eles pensam conter a Verdade, por ter sido revelado por Deus e esses livros contêm a mais pura moral!

As interpretações, portanto, que só ocorrem no Catolicismo e não em outros credos, deformando o espírito dos textos, trazem as igrejas de Cristo eternamente desunidas, em decorrência da plasticidade a que se prestam, embora procure imobilizá-los com sua destra erguida.

O movimento intelectual, porém, não se paralisa com uma simples bula; sua lei é evoluir. Certo é, portanto, que o Romanismo terá um dia de ceder lugar a uma Religião argamassada com os sãos preceitos de todos os Cultos do mundo, e esta não poderá ser outra que não a de um Cristianismo puro, isento de dogmas e sem hierarquia política, açambarcadora dos mais insignificantes direitos humanos.

O dogma da Imaculada Conceição foi combatido pelos próprios teólogos da Idade Média e, sobretudo, por São Bernardo, São Tomás de Aquino e Pedro de Ailly o fez condenar pelo papa Clemente VII, em 1386. O Concilio de Trento é que o aceitou e foi confirmado pelo papa Pio IX em 1854, o que prova que os dogmas residem mais na vontade de um déspota do que na essência da Revelação pelo Espírito Santo.

Se bem que as seguintes considerações coubessem mais acertadamente no artigo referente à **Virgindade de Maria**, contudo as apresentamos agora por fazer parte de um dos mais sérios dogmas do Catolicismo.

V. Courdaveaux em seu magistral estudo *Les Dogmes* divide essa legenda em quatro épocas.

Na primeira época, Marcos, que foi, segundo parece, o primeiro dos evangelistas que apareceram, e João, o apóstolo, que fez de Jesus um Deus, não falam do nascimento de Jesus. Só Mateus é que a isso se refere, pois Lucas, que também a isso alude, não só não foi apóstolo de Jesus como nem o conheceu, tendo sido discípulo de Paulo posteriormente à morte de Cristo, o que faz crer que essa referência nestes dois evangelistas foi feita muito depois, e, se não fossem essas duas referências, o papel da Virgem-mãe se tornaria o mais obscuro.

Os irmãos e as irmãs de Jesus não acreditavam nele e sua própria mãe o julgava alucinado, por isso procurou detê-lo nessa missão (Marcos III, 21,31).

Ela não assistiu ao seu martírio, à sua crucificação, à sua ressurreição, segundo se vê dos evangelhos sinóticos. Só no evangelho de João isso se lê, mas considerando pela crítica, como positivamente apócrifo, escrito por outros interessados em tornar Jesus um Deus.

São Paulo, a única vez que fala de Maria, é chamando-a de **mulher.** Nem as epístolas dos Apóstolos nem o Apocalipse pronunciam esse nome.

Na segunda época, que se prende a 150 anos depois da morte de Cristo, quando começaram a aparecer dezenas de evangelhos, não se cogitava acerca do nascimento milagroso de Jesus. São Justino, em 155, desconhecia essa legenda. Mateus I, 25 diz que José não conheceu Maria antes dela dar a luz à seu filho primogênito.

Os Atos dos Apóstolos, São Paulo, Hegesipo, São Irineu, Tertuliano, as Constituições apostólicas, o historiador Joseph etc., todos concordam em reconhecer irmãos e irmãs de Jesus.

Na terceira época, no início do século III, essa história do nascimento Virginal de Jesus e a dos seus irmãos e irmãs começou a incomodar os principais pais da Igreja que, nessas condições, resolveram que a vida de Maria também fosse rodeada de milagres.

Surgiram então dois livros: o proto-evangelho e um pseudo-Mateus, *em latim*, pois o conhecido por segundo Mateus é escrito em aramaico, sua língua natal.

Faremos uma comparação dos dois, no proto-evangelho lê-se que:

Joaquim e Ana ansiavam por um filho; vem um anjo e anuncia o advento; nasce Maria; com um ano ela é apresentada aos sacerdotes e ao povo que a aclama; com três anos a deixam no templo; logo na sua chegada ela dança sobre os degraus do altar; durante seu estágio no templo é nutrida por um anjo; com 12 anos, os sacerdotes não a querem mais no templo, com receio de um acidente que a manchasse; sob as ordens de Deus ela é entregue a José, velho de 80 anos, após um milagre produzido; José a leva para casa, empreendendo, porém, uma viagem de quatro anos; com 16 anos, um anjo lhe anuncia o acontecimento; três meses

depois José volta e fica muito aborrecido com o sucedido; um anjo, porém, lhe aparece em sonho e o tranqüiliza; advém a lei do recenseamento e a viagem a Belém; dores do parto em caminho e o recolhimento em uma caverna, que se ilumina de uma luz ofuscante; a parteira maravilhada constata com a mão que Maria é Virgem; a segunda parteira (Salomé) recusa crer e quer também tocá-la, sua mão murcha, mas é curada quando pega Jesus nos braços; chegam os Magos; cólera de Herodes e o massacre dos inocentes; Maria em vez de fugir para o deserto esconde seu filho em um estábulo; Elisabete escondeu o seu em uma montanha que se abre para recebê-lo e na qual faz luz como em pleno dia; Herodes julga que João Batista é o Cristo e vinga-se matando Zacarias, marido de Elisabete. No pseudo-Mateus lê-se que:

1º — Joaquim abandonou de vez sua improfícua mulher; mas ela concebeu antes da sua partida.

2º — Em vez de Maria dançar sobre os degraus do altar, ela galga de um pulo os 15 degraus.

3º — Com três anos, ela mesma dividiu seu tempo, entre trabalhos e orações, até que um anjo lhe traga sua refeição.

4º — Basta ela tocar os doentes para curá-los.

5º — Os anjos a obedecem.

6º — Ela mesma se consagra à virgindade, embora contrariando a lei.

7º — Aos 14 anos, o templo procura alguém para tomar conta dela, cabendo essa tarefa ao velho José.

8º — Para que ela não se aborrecesse na sua ausência, José dá-lhe cinco virgens por companheiras, as quais atestarão mais tarde da sua conduta.

9° — Na viagem para Belém é um anjo que conduz o asno.

10º — A caverna em que Maria concebeu é um subterrâneo escuro, mas que se iluminou desde que ela ali penetrou e acima dessa caverna brilha uma estrela de primeira grandeza.

11º — No terceiro dia, Maria sai da caverna e leva seu filho para um estábulo, cujos animais o adoram, para confirmar as profecias, termo que não figura no proto-evangelho.

12º — Os anjos anunciam os pastores.

13º — Apresentação no templo.

14º — Dois anos depois, os Magos vêm adorar Jesus.

15º — Fuga para o deserto, com encontro de cobras, leões, lobos, leopardos que adoram o menino.

16º — Segue-se agora uma série interminável de milagres, sempre para a realização das profecias.

Por exemplo: Maria tem sede. A um gesto de Jesus a palmeira curva-se, ela apanha os frutos e da raiz brota a água que todos bebem.

A viagem se fez em cinco dias, em vez de 35, pela vontade de Jesus, A família hospeda-se em um templo onde há 365 ídolos, os quais se desmoronam só com a vista de Jesus. O rei então adora Jesus e todos crêem nele.

Jesus, brincando com seus camaradas, zanga-se e mata um. Grande escândalo. Maria suplica a Jesus e este ressuscita o camarada, ora com um pontapé, ora puxando-lhe as orelhas, como este evangelho mesmo conta o fato.

Dias depois ele ressuscita outro camarada. Fabrica pardais de barro, que vivem, cantam e voam.

Mas, basta.

São Jerônimo no século IV quis, também, fazer adotar o dogma da Virgindade de José, simplesmente para esmagar um contendor sobre a virgindade de Maria, mas não o conseguiu.

O dogma da Ascensão de Jesus só é narrado em Atos.

Lucas (XXIV, 31) que, como sabemos, foi discípulo de Paulo, faz ali uma menção muito vasta e simbólica, que a crítica moderna provou ter sido intercalação feita muito posteriormente. João e o próprio Paulo interpretam isso como ascensão espiritual e não corporal.

O dogma da divindade de Cristo é puramente uma visão de fé. Os fiéis inteligentes curvam-se sem refletir as instruções da Igreja. E, se movidos por exigências da razão e da história, eles se vêem embaraçados, atiram as afirmações ortodoxas para um canto, de modo a não mais incomodá-los.

Os ignorantes ignoram sempre; estão no seu papel. Aqueles cuja inércia intelectual faz retardar ou estacionar a evolução dogmática mantém-se na ilusão de que o dogma é uma verdade divina revelada. Entretanto, o que se verifica nele é puramente a prática e o rito, mas não o dogma. Foi no catecismo ou nos sermões que ele aprendeu os principais dogmas, alguns dos quais se gravaram no seu espírito, porque são fáceis de compreender, como, por exemplo, a esperança de um paraíso eterno e o termo de um inferno eterno.

Assistir à missa, tirar o chapéu à passagem de uma igreja, comungar, jejuar, recitar uma oração qualquer, benzer-se quando ouve o trovão, etc. são práticas puramente automáticas, sem a mínima consciência mística e cercadas das mais grosseiras superstições, herdadas do Paganismo e dos sertões da África. A fé católica, propriamente dita, e sua teologia permanecem na medida do seu espírito.

De modo que a religião já não é mais o dogma, é o padre da freguesia a quem entregaram por procuração a salvação da alma.

O dogma, portanto, pelo estudo de Charles Guignebert, de quem extraímos esses pensamentos, nasce, evolui e morre como tudo.

O dogma nasce da fé que o adepto deposita no texto, sem lhe procurar conhecer o fundamento e ainda menos analisá-lo. Pouco lhe importa que ele vá de encontro à razão e à ciência.

O dogma evolui pela fé crescente em número, a ponto de a teologia intervir codificando o texto por interpretações metafísicas. Aí estaciona.

O dogma morre, finalmente, pelas complicações que a teologia nele introduziu, mas que não podem resistir à crítica científica, passando a servir unicamente aos místicos ou àqueles cujas mentalidades se acham cerceadas pelos cânones da Igreja.

Ouvimos uma vez, de um católico fanático, distinto arquiteto, a seguinte resposta: "*Não sei rezar, raramente vou à missa, nada entendo de religiões; mas... satisfaz-me o culto católico*" que, aliás, chama de Religião Católica.

A um padre pediram que respondesse a uns tópicos de um dogma, e ele declarou que ele próprio não tinha o **direito** de fazer a si mesmo tal pergunta!

E fala-se em dogmas do Catolicismo como se fossem sentenças decretadas pelo Supremo Criador!

Os principais dogmas do Catolicismo foram tirados de um poema da Sibila de Cumes. Outra parte é copiada dos Vedas, do *Vendidad Saddé*, base da religião de Zoroastro, e da qual fez parte Santo Agostinho, que tinha adotado o Maniqueísmo, criado por Manu, extraído por uma genial combinação da doutrina de Zoroastro, da de Buda e da de Cristo, aproveitando da primeira o dualismo divino

fundamental, da segunda o aparelhamento lendário e da terceira sua organização militante e forma literária.

Este Pai da Igreja Católica, além disso, condensa seus conhecimentos teológicos, tomando dois terços da teologia de Platão, discípulo de Sócrates e da de Pitágoras, iniciado nos templos do Egito e nos da Grécia.

Em **Confissão** 1,7, 10, ele confessa que foram os dogmas de Platão que o fizeram admitir o dos cristãos.

Antônio Fogazarro, notável escritor católico, assim se exprime: "*Quem formula as decisões senão os teólogos? E quem são os teólogos senão homens falíveis e ignorantes como nós*?"

Mas, para que o leitor fique perfeitamente inteirado de como nasceu, evoluiu e se firmou o dogma da Trindade, damos, em seguida, a tradução de uma conferência do V. Courdaveaux, inserida em sua importante obra *Comment se sont formes les dogmes*.

E um estudo esmagador.

As Origens do Dogma da Trindade

(Suprimiremos as longas chamadas por serem citações dos livros sacros e explicações de filologia grega, latina e hebraica que muito aproveitarão ao leitor estudioso que quiser recorrer a essa obra.)

Diz este sábio:

"*A Igreja expõe assim o dogma da Trindade":*

"Aquele que quer salvar-se deve guardar sua fé católica, que é adorar um só Deus na Trindade e a Trindade na

Unidade, sem confundir as pessoas nem dividir a substância. Outra é a pessoa do Pai, outra a do Filho, outra a do Espírito Santo; mas a divindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo é uma, sua glória iguala sua majestade externa. Tal é o Pai, tal é o Filho, tal é o Espírito Santo. Todos os três são incriados, incompreensíveis, eternos, todo-poderosos e, no entanto, eles não são três incriados, três incompreensíveis, três eternos, três todo-poderosos; mas um só incriado, um só incompreensível, um só eterno, um só todo-poderoso. Assim, o Pai é Deus, o Filho é Deus, o Espírito Santo é Deus; no entanto, eles não são três Senhores, mas um só Senhor."

"*Por outro lado, enquanto o Pai incriado não é nem leito, nem engendrado, o Filho, também incriado, é nascido, no entanto, do Pai, não feito, mas engendrado, e o Espírito Santo, incriado por sua vez, é do Pai e do Filho, não tendo sido nem engendrado, mas procedente. O que faz que haja um só Pai e não três Pais, um só Filho e não três Filhos, um só Espírito Santo e não três Espíritos Santos. Mas dessas três pessoas, nenhuma é anterior ou posterior à outra, nenhuma é inferior ou superior, de modo que por todos os lados, como dissemos, é mister adorar a Unidade na Trindade e a Trindade na Unidade*."

"*Nunca se jogou um desafio mais audacioso ao princípio da contradição. Nunca se repetiu de tantos modos que 1 + 1 + 1 = 1. Se as três pessoas são assim, absolutamente semelhantes e, por conseqüência, são três*

indiscerníveis, como o seriam três zeros, o que lhes tira toda a razão de ser. Por outro lado, como é que se as pode dizer tais uma como as outras, pois o Pai não é nem feito, nem engendrado, nem procedente, que o Filho é engendrado, não procedente, e que o Espírito Santo é procedente e não engendrado? As palavras não têm mais significação, se se admitir semelhante pilha de contradições, sob a capa desilusória do nome do MISTÉRIO! Ora, digamos já, este dogma monstruoso, negação da razão humana, não é um ensino direto dos livros sacros, como o são a Unidade de Deus, o nascimento milagroso de Jesus ou a ressurreição dos mortos. Não passa de uma construção almejada, de um andaime arbitrário e fictício de deduções fantasiosas, livremente tiradas da aproximação de passagens isoladas, emprestadas de livros originariamente independentes uns dos outros. Começou-se por destacar cada um desses trechos do seu meio, a fim de interpretá-lo mais à vontade; depois, quando se encontrou tudo quanto se desejava, pensaram que só podiam conciliá-los todos, uns com os outros, fundindo-se nesta inqualificável mixórdia."

"*Eis o ponto de partida deste dogma da Trindade, cujo termo não aparece pela primeira vez na história da Igreja, senão 185 anos após o nascimento de Cristo."*

"Nem o termo Trindade, nem o de pessoas divinas, que é seu corolário, figuram no Antigo ou no Novo Testamento

e, ainda menos, no pretenso Símbolo dos Apóstolos[375]*. Isso é um fato que os mais intrépidos defensores da Igreja são obrigados a reconhecer. Tudo quanto eles puderam fazer, em qualquer época que seja, foi pretender achar em algum recanto da Bíblia indicações mais ou menos veladas do seu dogma fundamental*."

"*Assim, no Antigo Testamento, os primeiros versículos da Gênese, em que Deus, depois de ter criado o céu e a terra, disse: 'Que a luz seja', enquanto seu sopro pairava sobre as águas, mostrariam em ato o Pai, o Verbo e o Espírito Santo! Os últimos versículos do mesmo capítulo que fazem Deus dizer: 'Façamos o homem à nossa imagem' e que conta, em seguida, que ele o fez à sua imagem, seriam uma indicação da pluralidade das suas pessoas e da sua Unidade conjuntamente! E a mesma Trindade se discerniria nos capítulos XVIII e XIX, em que o Senhor ora é um, ora dois, ora três. Se a Trindade está verdadeiramente atrás de tudo isso, Deus podia bem não ter dito, e se os judeus, para cuja instrução foi ditado o Antigo Testamento, nunca suspeitaram que ela lá estivesse, hão de nos permitir dizer que a culpa é um pouco d'Ele."*

"*Parece mais fácil achar a Trindade no Novo Testamento, porque uma vez, ao menos, no fim de São Mateus, lê-se a fórmula: 'Em nome do 'Pai, do Filho e do*

[375] Daremos adiante um extrato comparativo

Espírito Santo'. Mas a reunião desses três termos não basta para constituir a Trindade. É preciso a afirmação da sua Unidade na triplicidade, da sua triplicidade na Unidade. Ora, isso não se encontra em parte alguma de Mateus, nem no resto do Novo Testamento."

"*As Homílias Clementinas que, no último terço do 2°. século, repudiavam, ainda, a divindade de Jesus Cristo, empregam a fórmula de Mateus (L. X, capítulo IV); e, no século IV, não há um herético que não lhe faça igualmente uso. Como, pois, se formou esse dogma e por que fases passou ele, antes de chegar à sua definitiva constituição? Eis o que desejaríamos contar aqui. Esse como pode resumir-se em alguma palavra. A Trindade nasceu, gradualmente, de duas necessidades: a de engrandecer Jesus, cada dia mais, sem negar a unidade de Deus, ensinada na Bíblia, e a de colocar de acordo, entre si, os textos de diversas procedências, aos quais se acabou por atribuir a mesma inspiração divina*."

"*O Jeová da Gênese, aquele que se define, uma vez por todas, 'eu sou quem sou', ou, se quiserem, o Deus da razão pura, este ser impassível e imutável, que é impossível ser representado, por falta de analogia ao nosso alcance, e de quem é quase impossível nada dizer-se, senão que, na plenitude de ser, ele é o princípio incompreensível de tudo, este Deus não fala à imaginação nem ao coração. Entretanto, que diferença do Jesus legendário! Que alimento para nossa*

imaginação e nossa necessidade de amar, o de que este ser misterioso e bom, após ter passado a vida pregando a caridade e aliviando nossas misérias acabou por dar seu sangue para redimir as nossas faltas! Como crer que uma figura tão atrativa não fosse senão a de um homem? Quando certos escritores começaram a fazer desse personagem, visto à distância, um ser acima da humanidade e que, por sua vez, graças à miragem do afastamento e a atração do maravilhoso, eles se puseram na mesma linha que aqueles que mostraram Jesus, homem, como parar antes de dar-lhes plena razão, igualando este homem ao Deus Supremo, cujo bom senso, aliás, não menos que a Bíblia, proclama tão alto a Unidade forçada? Eis a explicação do dogma da Trindade."

"*Duas grandes correntes produziram-se entre aqueles que acreditavam que Jesus era o Messias anunciado pelos profetas*."

"*Uma corrente judeu-cristã, que estacou aquém da divinização do seu herói; uma corrente judeu-grega, que foi até a divinização completa de Cristo. A primeira, nascida de recordações embelezadas da vida de Jesus, aos seus representantes, nos Evangelhos sinópticos de Mateus, Marcos e Lucas, nas Epístolas de Pedro, Tiago, Judas, nos Atos dos Apóstolos e nos numerosos evangelhos particulares aos hebreus convertidos, que a Igreja depois rejeitou como apócrifos!"*

"*Para toda essa gente, Jesus não passa de um homem privilegiado, o maior dos profetas, predestinado ao seu papel, desde a eternidade, e recompensado por isso, após sua ressurreição, pelo título de Senhor, e pela função de juiz supremo dos vivos e dos mortos, na sua próxima volta sobre as nuvens*."

"*Para nenhum deles, Jesus é Deus, apesar da eminência dos poderes que Deus lhe deu, desde esta vida, e, apesar, mesmo, do título de filho de Deus que ele tem de comum com os anjos, com os eleitos, com Davi."*

"Ora, a facção que levava a imaginação dos fiéis a engrandecê-lo, incessantemente, era tão forte, que esses judeu-cristãos chegaram, nas Homílias Clementinas, a fazer de Jesus, o Profeta Único, o servo bem amado, anterior ao mundo, que se havia, sucessivamente, encarnado em todos os grandes profetas, desde Adão, tão caluniado, até o próprio Messias, passando por Noé, Moisés etc."

"A corrente judeu-grega teve duas fontes bem distintas: São Paulo e a filosofia platônica."

"A doutrina de Paulo é um emaranhado inextricável, se se admite, sem provas, com a Igreja, que todas as epístolas que lhe atribuem são dele, e que, depois da sua conversão, nunca mais variou de idéias, na qualidade de inspirado. Ela se coordena e se esclarece, se se admite com a livre crítica que suas idéias progrediram, ou que bom número das epístolas que

têm seu nome não é dele, e, nada mais fizeram do que continuar, pela mão dos seus discípulos, o movimento começado por ele. Mas, seja qual for dessas duas hipóteses a se aceitar, um fato permanece incontestável: é que, enquanto nas suas primeiras epístolas, Jesus não passa para ele, daquilo que Ele é nos Sinópticos e nos Atos, um homem à parte, predestinado por Deus a desempenhar o grande papel que desempenhou; entretanto, em certas epístolas, Cristo assuma uma verdadeira preexistência celeste, atinge uma espécie de natureza divina que o eleva a cem pés acima da humanidade, conquanto deixando-o abaixo de Deus real, seu Deus e seu Pai, ao qual ele serve de instrumento e da livre vontade, e do qual ele tudo recebeu, seu Ser, seus poderes e sua recompensa."

"Tal é a primeira porta pela qual a divinização do Cristo entrou na Igreja. Eis a segunda":

"No Timeu, de Platão, abaixo do Deus supremo, que é o Bom por excelência, veio colocar-se, sob o nome de Razão, uma espécie de Deus segundo, a primeira de suas criaturas que lhe havia servido de agente para a criação dos outros seres inteligíveis e para a organização do mundo material. Por outro lado, os autores judeus dos Provérbios, ditos de Salomão, tinham-se, mais de uma vez, deixado levar em um surto de imaginação poética, a personificar por metáfora a Sabedoria divina. Quando, pois, em seguida a fundação de

Alexandria, onde tantos judeus vieram estabelecer-se, por bem ou por mal, as idéias platônicas e as idéias judaicas acharam-se em contato, uma mistura natural fez-se entre elas, e, nos livros judaicos dessa época (desde a Sapiência ao Eclesiástico até as obras gregas de Philon, no tempo de Jesus), o Logos de Platão, identificado com a Sabedoria divina, se firmou cada vez mais como o primeiro agente que Deus se havia dado para a criação de todo o resto. E quando o Cristianismo, por sua vez, foi introduzido em Alexandria, o entusiasmo por Jesus só teve um passo a dar para chegar a identificá-lo com o próprio Logos."

"Essa identificação fez-se, somente, de dois modos: os que a fizeram no Egito, não tendo conhecido Jesus, e tendo conservado da filosofia grega a necessidade de se entenderem, não puderam chegar a conceber que um mesmo Ser pudesse ser ao mesmo tempo Deus e homem, finito e infinito, conjuntamente, e desse Jesus ao qual nenhuma recordação pessoal os ligava, eles fizeram uma pura aparência humana revestida, um dia, pelo Logos divino."

"Por isso foram chamados os Docetas, ou homens da aparência, enquanto eles mesmos se intitulavam de gnósticos, ou homens da verdadeira Ciência. Na Ásia Menor, ao contrário, ou mesmo na Palestina, no seio de populações menos filosóficas e onde se haviam conservado mais vivas as recordações, seja da vida mesmo de Jesus, seja da predica

dos seus primeiros discípulos, fez-se a fusão da sua pessoa e do Logos divino, respeitando-se a realidade divina e a realidade humana. A encarnação do Logos ou Verbo no homem Jesus foi tida como tão real como possível. E dessa reunião de duas naturezas nasceram o evangelho e as epístolas, ditas de São João, em que Jesus foi, ao mesmo tempo, o homem e Deus, como em São Paulo (para quem, entretanto, ele só era o Logos), mas um Deus sempre inferior ao verdadeiro Deus, seu pai, da livre vontade de quem ele possuía tudo, seu Ser, sua Ciência e seus poderes."

"*Entre a concepção Docetista do Logos e a concepção Joânica houve guerra de morte, durante toda a primeira parte do segundo século. Nessa guerra, foi a concepção Joânica que venceu e isso devia acontecer. Com efeito, ela possuía, além das recordações da personalidade humana de Jesus, a vantagem de o engrandecer de um modo bem diferente aos olhos das populações sedentas do maravilhoso e aos olhos de pequenos e humildes, incapazes de reflexão, no meio dos quais, principalmente, se propagava o Cristianismo*."

"*E, pois, a doutrina Joânica, unida à de São Paulo, que domina nas obras, aliás, pouco numerosas, que nos restaram do segundo século. Mas, que não haja ilusão, a Trindade nada tem que ver nos Pais dos dois primeiros terços desse século*."

"*E de dualismo unicamente, ou antes, de diteísmo que ali se trata, e toda a questão reside em conciliar a unidade de Deus com a divindade do seu Filho; quer se suprima, simplesmente, o Espírito Santo, como na Epístola a Dionísio, quer se identifique o Filho com este, como no Pastor, de Hermas, a conciliação realiza-se sempre, afinal, pela inferioridade do Filho, Deus segundo, que deixa intacta a Unidade do Deus Vero, pela vontade livre da qual ele nasceu, ou num certo momento da duração, ou de toda a eternidade*".

"*Além da Epístola a Dionísio e O Pastor, de Hermas, essa doutrina da inferioridade do Filho é a das epístolas atribuídas a Inácio, a Clemente Romano, a São Barnabé, a Santo Hipólito, a São Justino de Militão de Sartes, a Taciano, a Santo Hipólito de Artenagora, apesar das diferenças mais ou menos sensíveis no detalhe, e a respeito do Filho ou a respeito do Espírito. Enfim, por volta do ano 185 o termo de Tríade divina, do qual saiu mais tarde a Trindade, encontra-se em Teófilo de Antioquia, mas, uma só vez e fazendo do Logos e do Espírito simples potências de Deus, confundindo I cada instante duas funções*".

"Entretanto, uma vez que foi pronunciado o termo, ficou como o embrião da coisa, e então começa uma nova era de balbuciamento e de esforços para conciliar com a Unidade do Deus não mais somente a divindade do Filho, mas também a do Espírito Santo."

"Esses esforços foram feitos, simultaneamente, no Oriente e no Ocidente. Nessa grande escola cristã de Alexandria, que tentou conservar à razão todos seus direitos ao lado da tradição, Clemente, seu escritor, pronunciou uma vez o termo de Tríade divina; mas, na realidade, do que se trata nele, é menos a Trindade que a simples dualidade do Pai e do Filho, do Deus e do Senhor Jesus, pois este é ao mesmo tempo o Logos e o Espírito. Quanto à conciliação desta dualidade com a unidade de Deus, ela se realiza de dois modos: ora, o Pai e o Filho não são mais que dois pontos de vista, diferentes de um só e mesmo ser; ora, e quase sempre, o Filho é simplesmente no Pai, único Deus Vero, cuja superioridade sobre ele se acha confirmada em mais de 20 passagens, conquanto ele também seja chamado Deus. Em Orígenes, sucessor de Clemente, o termo de Tríade divina se encontra mais vezes, e as idéias que ele encobre variam ainda mais, graças às numerosas alterações que o texto sofreu, conforme todo mundo confessa. Mas, a despeito de todas as correções introduzidas pelos copistas e tradutores ortodoxos, o que domina, hoje, ainda, é que o Pai, o Filho e o Espírito Santo diferem de substância, e que o Filho, inferior ao Pai, se bem que eterno, e o Espírito Santo, inferior ao Filho, são os dois primeiros termos da série de seres espirituais, criados por Deus, como intermediários entre Ele e o mundo."

"O Oriente, como se vê, nesse momento, pelo menos, tinha apenas esboçado o dogma trinitário."

"Foi no Ocidente, principalmente, que esse dogma tomou corpo nos espíritos infinitamente menos ciosos dos direitos da razão: em Santo Irineu, primeiramente, e em Tertuliano, depois."

"Santo Irineu, é verdade, nunca lhe pronunciou o termo, mas nem por isso deixou de fazer com que o dogma desse um passo notável, declarando o Filho e o Espírito Santo absolutamente essenciais e necessários a Deus, embora se mantivessem como seus inferiores e como desiguais entre si, ali, onde ele consegue distingui-los."

"Tertuliano, no seu surto africano, foi ainda mais longe, e foi ele realmente o primeiro organizador da Trindade, na qual acreditava, como em muitas coisas mais, porque era absurdo — Credo quia ineptum."

"Foi ele quem introduziu na fórmula trinitária o termo de pessoas, pessoas ainda desiguais, aliás, pois não só o Filho é desigual ao Pai e o Espírito Santo ao Filho, mas o Espírito Santo e o Filho não existiram sempre, nascidos como eles são da vontade livre do Pai, num dia dado, conquanto tirados de sua substância."

"E não é tudo: o tratado Contra Praxeam, em que Tertuliano apresentou, desenvolveu e defendeu o dogma da Trindade, é um livro que a Igreja de hoje considera como

herético; o autor nele declara que esse dogma é da Igreja de então e era de uma simples minoria, e que a maioria era unitária, isto é, partidária da Unidade da pessoa em Deus, a começar pelo bispo de Roma."

"Em Roma, com efeito, nesse momento, reinava outra doutrina, a de Noeto, que entendia, a Trindade pelo modo por que Clemente de Alexandria parece tê-la compreendido por vezes. Para Noeto, o Pai, o Filho e o Espírito Santo não se diferenciavam, senão no nome, sendo simplesmente o mesmo indivíduo encarado com três nomes diferentes — Pai, antes da encarnação, Filho até a ressurreição, Espírito Santo depois, de modo que era diferente dizer que era o Pai ou o Filho ou o Espírito Santo que se havia encarnado, porque, no fundo, era sempre o mesmo Ser. E, sobre esses unitários de novo gênero enxertavam-se outros, como o Papa São Calixto, que, para justificar os diteístas, à moda de São Hipólito, haviam imaginado dizer que o Pai não havia sofrido, mas co-sofrido, que ele não se tinha encarnado, mas co-encarnado etc."

"Assim, pois, até o meado do século III, só houve disputas e confusões nas doutrinas nascidas de Paulo e de João. Mesmo depois que o termo de Trindade foi lançado no mundo cristão por São Teófilo, unitários, diteístas, triteístas, trinitários, disputaram-se o lugar, numa impotência de se entenderem ou de se imporem silêncio uns aos outros. E as coisas continuaram assim até a época de Constantino. Mesmo

na primeira metade do século III, o unitarismo de Noeto foi reencenado por Sabélio; depois, um pouco mais tarde, o dos ebionitas, por Paulo de Samosata; o dualismo por Manes; o triteísmo pelos continuadores de Orígenes, dos quais a História não conservou os nomes; a Trindade, enfim, pelo Papa São Diniz e por outros, mas, pondo o Filho e o Espírito Santo no Pai, seu superior, que só é Deus, conquanto um e outro fossem encarados de mais a mais como lhe sendo necessários, em vez de serem nascidos da sua vontade livre."

"Enfim, em 313, sobreveio o Edito de Milão, pelo qual Constantino proclamava igual a liberdade de todos os cultos."

"Sua conseqüência imediata foi a de transportar para a praça pública todas essas discussões, que até então se tinham encerrado quase, completamente, no santuário ou nos livros dos chefes de escola. O povo imiscuiu-se nessas disputas; o sangue correu nas praças pública, e Constantino, único responsável da paz de todo o Império, após sua vitória definitiva sobre Licinius, em 323, teve, em nome da tranqüilidade pública, de intervir nesses debates. Foi sobre a questão da divindade completa do Filho, isto é, sobre sua igualdade com o Pai, que a querela se reanimou com mais violência. O incêndio nasceu em Alexandria e estendeu-se por toda a Ásia. Foi um diácono chamado Arius que despertou os debates. No Evangelho, segundo São João, se acham várias

declarações de Jesus, cujo sentido, quando se as aproxima do que as envolve, é logicamente este: 'Que seja eu ou Deus meu Pai quem vos fala, pouco importa para o valor do que vos ensino, pois eu não digo ou nunca faço senão o que me faz dizer ou fazer meu Pai, de quem possuo tudo quanto sou e que me delegou todos seus poderes, de sorte que, me ver ou ver meu Pai, me ouvir ou ouvir meu Pai, é a mesma coisa'."

"Nada mais simples e mais inteligível que essa declaração que já colocava Jesus tão alto."

"Mas, apesar do entusiasmo sempre crescente dos fiéis por Jesus, estes não puderam ater-se ao sentido natural das palavras, a essa unidade toda moral, toda feita de sentimentos e de idéias, que permitia a Jesus dizer a seus discípulos":

" 'Sede um, todos juntos e comigo, como meu Pai e eu somos um1; tinham-se tomado as palavras no sentido absoluto, e era sobre elas que Tertuliano já havia fundado a organização da sua Unidade. E, era sobre eles, também, que Noeto e Sabélio, exprimindo a lógica até o fim, haviam estabelecido sua unidade de pessoa em Deus."

"Arius, pois, apoiando-se sobre estes e armando-se, em todos os textos, do Evangelho, mesmo, de João, que provam a inferioridade de Jesus Cristo, havia proclamado bem alto que era preciso tomar essas declarações de Jesus no seu sentido material, se não se queria ser Sabeliano; e, conforme

São Justino e tantos outros, Arius fez de Jesus um simples Deus segundo, primeira criatura do Pai, que lhe havia dado o Ser em certo momento. Arius arrastou consigo, pelo menos, a metade dos fiéis de Alexandria. Mas tinha contra si o fanatismo ignorante dos frades, Santo Antônio à testa, e a necessidade geral sempre crescente de elevar Jesus até a divindade completa. Que podia o bom senso contra semelhante treino, quando, sobretudo, este bom senso já se achava ligado por concessões primárias? Arius achou, na primeira fila dos seus adversários, seu bispo Santo Alexandre e Santo Atanásio. Seu bispo o excomungou; outros bispos o defenderam; e a Ásia inteira, com o Egito, viram-se logo divididos entre os dois partidos. Quando Constantino interveio na querela, em nome da paz pública, nada entendia da questão; e seus conselheiros eclesiásticos, todos saídos do Ocidente, pouco ou menos do que ele entendiam da matéria. Constantino pensava que lhe era suficiente uma palavra para fazer calar todo o mundo, na sua qualidade de chefe da religião, e enviou o bispo espanhol Osius, o mais íntimo dos seus conselheiros, levar aos dois partidos uma carta que nos foi conservada, e em que tratava a questão de inútil, ociosa e insolúvel e suplicava a todos de não mais perturbar a paz pública por coisa de tão pouca importância."

"Ele desconhecia aqueles a quem se dirigia!"

"Osius achou os dois partidos igualmente irredutíveis em suas opiniões; mas, tendo mais freqüentes relações, pela força das circunstâncias, com Alexandre e Atanásio, deixou-se ganhar sua opinião, que lhe parecia, aliás, mais digna do Cristo; e, não tendo podido obter que Arius cedesse, aconselhou a Constantino, quando de volta, que reunisse uma assembléia de bispos, tão numerosa quanto possível, para forçar, pelo número, os dissidentes à submissão."

"Constantino aceitou com agrado esse meio assaz natural de pôr fim aos debates; e, com sua autoridade privada, reuniu o Concilio de Nicéia, por ele mesmo presidido."

"O Concilio estatuiu uma primeira questão: 'O Filho é da mesma substância que o Pai?' Isso, segundo pensavam, estabelecia seu co-eterno necessário e seu igual."

"A maioria dos Membros do Concilio pensava tanto nisso quanto o próprio Osius. O fato está provado pelo discurso que a história nos conservou de um dele. Mal Constantino tinha tomado o partido de Atanásio e o apoiava com sua autoridade imperial, ameaçando bem alto da sua cólera a quem não se arregimentasse a uma opinião tão favorável ao Cristo. O Concilio decretou, pois, com imensa maioria, que seria anátema quem dissesse que o Filho é de uma outra hipóstase ou substância que o Pai, as duas palavras sendo tomadas por sinônimas. Era a condenação de Arius."

"Mas isso só era a metade da tarefa. Depois de ter estabelecido que o Filho não era de uma outra substância que o Pai, isto é, que era da mesma, restava determinar em que sentido se tomava este termo mesma, que ora se diz da identidade e ora da simples semelhança."

"Com a identidade, tinha-se a Unidade da substância do Pai e do Filho. Com a simples semelhança tinha-se a substância igual de um e do outro. Ora, a ***μονοουσια*** *(uma substância) foi rejeitada como manchada de sabelianismo."*

"E ***σμοιουσια*** *(substância igual) foi igualmente rejeitada como deixando a porta aberta ao Arianismo."*

Que significação dar então à palavra mesma, pois, entre a identidade e a semelhança, nem o bom senso nem o dicionário a fornecem? Queriam, entretanto, alguma coisa que tivesse ares de dar um sentido para marcar que não se era nem sabeliano, nem ariano; e, entre as duas palavras rejeitadas, estacou-se em um terceiro termo σμοουσια *(coexistência das substâncias em uma substância), que o latino traduz por consubstantialitas e o francês por consubstantialitê recusando defini-lo, sob o cômodo pretexto da incompreensibilidade divina, como se a primeira condição da palavra humana não fosse exatamente de saber o sentido das palavras que ela emprega! Sobre 17 antagonistas que a fórmula logo encontrou, três somente resistiram até o fim, e foram exilados."*

"Outros que pediam para Arius tinham cedido, tanto mais facilmente, quanto, no fundo, a palavra ***σμοουσια*** *(coexistência das substâncias em uma substância), nada resolvia, porquanto, além da incapacidade em que se viam de a explicar, ela se confundia com* ***σμοιυσια*** *(substância igual), no verbo único* ***σμοιυμαι*** *(comprar), comum aos dois substantivos; de modo que, servindo-se do verbo, em vez destas, podia-se impunemente dizer tudo quanto se queria."*

"Por isso, três ou quatro anos depois, Constantino, vendo-se perdido em todas essas fórmulas, e fazendo questão, principalmente, de ter súditos dóceis, fez voltar Arius e seus partidários, que lhe juraram submissão ao decreto do Concilio, tornando Lei de Estado, e exilou Atanásio como rebelde, por se recusar a reintegrar Arius; e, alguns anos mais tarde, Constantino se fez batizar no leito da morte por um bispo ariano. Depois de Constantino a querela continuou com mais força. Atanasianos, sabelianos, arianos, semi-arianos (assim se chamavam os hábeis ou hesitantes que se apegavam a ***σμοιυσια*** *(substância igual), disputaram-se encarniçadamente. O imperador Constantino, meio-ariano zeloso, empregou todos os meios, quando a morte de seus irmãos o deixou só, senhor do Império, para fazer com que todos os bispos se conformassem com* ***σμοιυσια*** *(substância igual), declarada ou disfarçada sob novas fórmulas, e nem o exílio, nem as*

perseguições de toda sorte lhe custavam pôr em prática para conseguir o resultado."

"O velho Osius e o papa Libério, mesmo, acabaram por ceder e renunciar a ***σμοουσια*** *(coexistência das substâncias em uma substância), salvo para Libério, que ocultava o intuito de retratar-se mais tarde, quando o perigo tivesse passado. Mas Atanásio e alguns outros ficaram firmes e, enquanto os desertos se povoaram de bispos exilados, enquanto o sangue mesmo corria em borbotões nas igrejas e nas ruas, sob Valens, como sob Constâncio, as querelas entre as seitas embrulharam-se de tal modo que, quando em 381, o imperador Teodósio, espanhol de origem e Atanásio intransigente, como todos os ocidentais, quis pôr fim ao arianismo, renovando-se as profissões de fé do Concilio de Nicéia, o Concilio de Constantinopla apegou-se a uma fórmula que era a contradição formal da de Nicéia. Anátema, dizia este Concilio, contra qualquer que crer que o Filho é de uma outra* ***υποστασιζ*** *(hipóstase) ou* ***ουσια*** *(substância) que o Pai'. O Concilio de Constantinopla diz: 'O Deus ao qual nós cremos é uma* ***ουσια*** *(substância) em três* ***υποστασειζ*** *(hipóstases) muito perfeitas'."*

"A terceira hipóstase era o Espírito Santo, que o Concilio de Nicéia, preocupado com Jesus Cristo, tinha assaz, desdenhosamente, posto de parte, limitando-se a dizer que acreditava nele também. Daí partiram alguns indiscretos para

negarem que o Espírito Santo fosse Deus e julgaram, a propósito, preencher a lacuna."

"Não é que a igualdade dos títulos do Espírito Santo com os outros dois termos fosse bem evidente, pois nos Evangelhos sua inferioridade é, pelo contrário, bem patente em toda a parte, mas, se lhes tivessem admitido a desigualdade, era preciso admitir, para ser lógico, o valor dos textos iguais contra a igualdade do Filho com o Pai; e decidiu-se, então, já que não tinham levado em conta os textos que provavam a inferioridade do Filho, que não se levaria em conta igualmente aqueles que provavam a inferioridade do Espírito. Era impossível raciocinar-se melhor! O Espírito Santo, somente, em vez de ser nascido do Pai, como o Filho, procedeu dele pelo Filho, sem que se dessem ao trabalho de explicar em que proceder diferia de nascer. E a Trindade fundou-se, assim, pelo emprego achado de um sentido distinto para **υποστασειζ** *(hipóstase) e* **ουσια** *(substância). Houve, porém, pessoas que acharam que a luz longe estava de ter sido feita em tudo isso e pediram explicação a Santo Agostinho. Santo Agostinho levou 15 anos refletindo e, ao cabo desse tempo, deu à luz as seguintes explicações em seu livro Da Trindade":*

"1 — A palavra **υποστασειζ** *e a de persona,pela qual os latinos a traduziram, não têm absolutamente nenhum sentido fora da substância. Uma substância em três hipóstases ou pessoas significa, pois, exatamente, uma substância em três*

substâncias; e, se não se emprega esta fórmula é unicamente porque ela seria muito dura de aceitar."

"2 — Cada pessoa da Trindade, sendo em si mesma absolutamente perfeita e a perfeição absoluta não tendo graus, resulta que cada uma delas tomada isoladamente é tanto quanto as três reunidas, o que faz da Trindade um todo de que cada parte é igual ao conjunto!"

"3 — Se tudo isso parece impossível, se unidade e triplicidade parecem inconciliáveis, é porque não se atende a que nossas palavras humanas não conservam seu sentido quando se as aplica a Deus. Nele, três ou dois podem fazer um, como sua justiça é a mesma coisa que sua eternidade!"

"4 —Ademais, a Trindade não é alguém (aliquis unnus) , mas alguma coisa (unum quid), segundo a expressão de João, Ego et pater unum sumus e não unus; e este alguma coisa não se sabe o que é!"

"Era reduzir a fórmula, que se pedira a Santo Agostinho resolver, a um som vago."

"Eis ao que atingiram os esforços de quatro séculos para construir e consolidar o incoerente andaime do qual mostramos a construção, peça por peça. Não teria sido mais simples que Santo Agostinho confessasse francamente que não sabemos o que dizemos com a palavra Trindade? A pesada mão de Teodósio não deixou, contudo, durante este tempo, de esmagar no sangue o Arianismo, último esforço da

razão para conservar ao dogma algo inteligível; e depois da invasão dos bárbaros o silêncio se fez sobre isso tudo até o despertar da razão humana com a Reforma. Que melhor argumento se poderia achar senão esta história, para justificar a liberdade de consciência, este primeiro princípio da Maçonaria e de todo governo liberal?"

Depois de tal argumentação será possível ainda persistir a dúvida de que os dogmas do Catolicismo não sejam o resultado da pressão criminosa feita pelo Jesuitismo?

O dogma da Trindade para o Catolicismo é um **mistério**, pois Deus é incompreensível, segundo ensina.

Ora, se Deus é incompreensível como o dividem em três pessoas distintas? Desse modo, desaparece o **mistério** e bem assim a tal incompreensibilidade! A incoerência é palpável, mas o católico rebate logo essa lógica dizendo que esta incompreensibilidade foi adquirida pela **Revelação**, arma de que lança mão quando a outra lhe escapa, não se lembrando que desse modo o mistério deixa de existir.

Ademais, a suposta revelação do Espírito Santo é uma criação dos bispos e Concílios, para dar aos fiéis uma aparência de fundamento.

O versículo V, capítulo 7 de João acima citado, acerca das Três testemunhas celestes, que estabeleceu, já no século I, uma espécie de Trindade, ficou desmascarado pela exegese científica que provou ter sido ele encaixado no século IV.

Diz o padre Loisy (*Autour d'un petit livre*) que tudo é movimento numa religião viva: crença, disciplina, moral e culto. A tradição tende à estabilidade, mas a vida impele ao progresso... e o progresso impele à morte, acrescenta Guignebert.

A antiga religião romana morreu; a cristologia do século IV e da Idade Média morreu; os dogmas também nascem, evoluem e morrem.

As religiões da Antigüidade foram construídas como uma casa, com as pedras de vários edifícios em ruína. Quando essas pedras constituíam o respectivo edifício, davam a idéia de que jamais se poderia supor que, caídas em ruína, elas fossem servir para edificar outro templo antagônico.

Foi o que se deu com o Catolicismo, que foi buscar seus materiais nos templos do Paganismo e um dia terá de servir a outro destinado a propagar uma nova religião, como a Verdadeira e a mais Pura pela seleção que o próprio tempo vai fazendo entre o Erro e a Verdade.

Os dogmas do Catolicismo obedecem à mesma comparação e são alimentados, atualmente, pela teologia.

Eis aí as bases dogmáticas em que assenta o edifício romano!

Não são palavras de Deus recolhidas por qualquer religião, na qual imperasse a Verdade; mas palavras humanas nascidas de disputas católicas e respingadas de sangue, por isso mesmo sintetizando o **Erro**.

Roma, consagrando seus Dogmas, fundiu numa só peça o altar e o trono, resultando uma coisa híbrida, um bicéfalo.

Diz Fabre d'Olivet: "*Para que o dogma da Unidade absoluta permaneça no espiritualismo puro e não arraste o povo de que ele constitui o Culto em um materialismo e em um antropomorfismo abjeto, é necessário que este povo seja*

assaz esclarecido para raciocinar sempre certo, ou que o seja só um pouco, para nunca mais raciocinar."

> "*Se ele possui, somente, meias-luzes intelectuais e se seus conhecimentos físicos o levam a tirar conseqüências justas de certos princípios dos quais não pode perceber a falsidade, é inevitável o desvio; ele se tornará ateu ou mudará o dogma*".

Alicerces do Catolicismo

É claro que não tivemos a pretensão de apresentar um estudo completo do assunto, do capítulo passado, visto esse trabalho já ter sido feito por competentes críticos; contudo, mesmo cambaleando, sem a necessária competência literária, de que não cogitamos, recontamos quase a fonte primordial da religião, desde que o mundo a conheceu e agravou em suas petrografias, pois, há de nos conceder a gentileza de convir, que a religião não nasceu com o Cristianismo de há dois mil anos, e ainda, menos com o Catolicismo ou Romanismo que é posterior a esse de muitos séculos; e, se não nos desenvolvemos em detalhes acerca de sua marcha evolutiva, a respeito das crises por que passou, acerca dos múltiplos desmembramentos, cismas e seitas que se originaram da anarquia atravessada pelos povos de sete mil anos para cá, é porque, como dissemos, esse trabalho, também, já foi feito por especialistas, facilmente consultáveis.

Não temos, igualmente, a pretensão de possuir a verdadeira Verdade, mas temos a pretensão de ter procurado desvendar com as próprias palavras das

Escrituras e dos fatos o formidável Erro do Catolicismo encoberto com a capa de Cristianismo,

Demolido esse templo por operários de livre pensar, auxiliados por obreiros competentes, poetas, músicos, literatos, com poemas, odes e música litúrgica, não longe estará o dia em que veremos reerguido o primitivo templo da Verdade, aquele que Jesus disse que reconstruiria em três dias.

Se todas as confrontações que temos feito entre as doutrinas do Cristo e a do Romanismo não conseguiram abrir os olhos espirituais de algum leitor inexperiente, é porque, sem dúvida, o golpe que lhe deram na infância sobre a bossa do raciocínio foi tão forte, que chegou a atrofiá-la, sendo mister, agora, um ritmado e longo exercício, um esforço intelectual, uma nova educação mental, para a fazer funcionar, normalmente, o que não é fácil, como nós mesmos o reconhecemos.

Muitos perdurarão no erro, por inércia, outros por teimosia em não querer aprofundar os mistérios, e outros por verem no contendor um preposto do inferno a querer enganá-lo, como lhe fez crer o cura da paróquia.

Estamos, porém, convencidos de ter argumentado com os textos e com fatos inconcussos, buscando, até, no próprio clero católico ilustrado, o apoio e as luzes de suas esclarecidas inteligências.

Alguns são padres apóstatas, dirão os apologistas, sem refletirem que essa apostasia lhes veio exatamente à força de estudos e comparações com seus próprios livros e as palavras do fundador, nos quais descobriram o embuste do seu culto, pelo completo afastamento da essência, tendo por isso a coragem de romper os grilhões que lhes ataram a alma, inspirados, quiçá, pelo próprio Cristo, enojado como deve estar da deturpação que fizeram da doutrina que ele difundiu.

Tampouco foi nossa intenção ferir personalidades da classe sacerdotal que, indubitavelmente, conta em seu seio uma respeitável porcentagem de homens ilustrados, sinceros, de boa-fé e de caráter ilibado.

Nosso intuito foi separar o joio do trigo, representado nas expressões **Religião Cristã**, **Religião Católica** — **Doutrina Cristã**, **Doutrina Católica** — **Cristianismo**, **Catolicismo**, que o povo incauto confunde, julgando ser a mesma coisa, e de cuja confusão vive o **Culto Católico**, ou seja, o **Romanismo**, porque é um Culto étnico de Roma, culto genuinamente político, tendo o Cristo por pretexto, meio e fim.

A comparação, como temos visto, entre Cristianismo e Catolicismo é a mesma da de dia e noite, da de céu e inferno, da do bem e do mal.

Se bem que cada um possa ser seu próprio padre, oficiando no altar do seu coração, sacrificando ao Ser Supremo todos os gozos que infringem a Lei do Decálogo, cultivando em seu lugar as virtudes que essa Lei lhe aponta; contudo, reconhecemos a necessidade de um guia espiritual para os menos esclarecidos, seja ele cura, pope, rabino, pastor, brâmane, bonzo ou pajé, visto como as abelhas e as formigas também possuem uma rainha que as rege, os animais no campo uma madrinha que os dirige, os carneiros, um guia e o rebanho, um pastor.

Mas esse guião deve ser um homem com plena liberdade de pensar, não sujeito a dogmas, escolhido por exame e por provas morais acima de qualquer suspeita, imparcial e justa.

Ora, é exatamente o que não pode existir no Catolicismo, tolhido como está o Papa **infalível**, pelo — não posso.

Mais fácil seria encontrá-lo no Budismo, em que não se trata de política, em que não há dogmas a não sei os da pura moral, em que não há clero, nem

comércio, nem embuste, em que só se discute o modo prático do homem tornar-se bom e amante do seu semelhante, cultivar as virtudes.

O Catolicismo não admite discussões teológicas, por não lhe convir enfrentar com os argumentos irrespondíveis da crítica científica; foge dela como, segundo sua própria frase, o diabo foge da cruz. Seu pavor embarga-lhe a voz. Seu silêncio assemelha-se ao silêncio do cataléptico, embora da discussão tivesse de surgir a salvação de um descrente, pois, o que está escrito, não mais sofre discussões; é crer... mesmo o absurdo. Os argumentos contrários são armas de Satanás... Os absurdos são mistérios e **mistérios** não se discutem!

Diógenes, o cínico, já dizia que "*os Mistérios tinham a pretensão de garantir a felicidade eterna a celerados, uma vez que fossem iniciados, ao passo que os homens honestos, que deles se afastassem, teriam de sofrer nos Infernos*[376]".

Repugna aceitar como de essência divina a idéia de que um homem virtuoso, caridoso, temente a Deus, possuindo, em suma, todos os requisitos de um santo, como os há aos milhões em credos contrários, se veja condenado como herege à excomunhão e às penas, não só terrenas, como as de um inferno eterno, só pelo fato de não aceitar os dogmas do Catolicismo, de acordo com o apregoado livre-arbítrio que por pilhéria, ele preconiza, ao passo que um celerado, assassino, ladrão, devasso e hipócrita merecerá todas as honras e as regalias do céu, uma vez que tenha abdicado do irônico livre-arbítrio e satisfaça as tabelas absolutórias, ou, na última hora, se tiver tempo, peça perdão a Deus, o que não deixa de ser de uma grande comodidade para os bandidos, mas pouco edificante em moral e em religião.

E a massa analfabeta ou dos simplórios e a dos fanáticos a qual só se cogita a exterioridade, abandonando a parte espiritual que desconhece, entrega-se

[376] Salomon Reinach — Lettres a Zoé.

inconscientemente de corpo e alma nas mãos de uma legião de cegos espirituais, que lhe suga o último vintém, em benefício **único** do tesouro do Vaticano, senão mesmo atirando-lhe a própria alma nos braços do seu maior agente, o Satã! É com tais armas que o Catolicismo se ostenta, e é com tal massa que ele computa a maioria do Brasil, e que erroneamente computava a da Espanha.

Durante cerca de 300 anos a Igreja Romana viveu, por assim dizer, ao Deus dará; cada qual cultuava como entendia, cada qual interpretava a seu modo, chegando mesmo a ligar-se com o Paganismo, até que, sobrevindo os Concílios, estes passaram a decretar coisas tais que as consciências se revoltaram entre os próprios adeptos, causando sanguinolentos encontros e as horrorosas guerras das Cruzadas, o Santo Ofício da Inquisição e uma política de perseguições entre os próprios Papas, o que fere de frente o próprio meigo Jesus, e abala os fundamentos da alma de quem lê a **História do Cristianismo**, **Antigo e Medieval**, para terminar transformando essa doutrina, toda espiritual, em uma organização política romana, que só tem em mira apoderar-se da espada do Temporal.

Durante esses três primeiros séculos, o Cristianismo, ainda assim, ia se propagando pela persuasão. Quando, porém, surgiu Constantino, ele se transformou em perseguidor. Ele fez o mesmo que o cavalo da fábula de La Fontaine que, para vingar-se do veado, pediu ao homem que o montasse e o dirigisse em perseguição dos seus adversários.

O imperador Julião, o apóstata, dizia que os cristãos haviam herdado dos judeus sua cólera e seu furor contra o gênero humano. Amiano Marcellino, historiador do século IV, citando este imperador disse: "*Os animais ferozes não são tão terríveis quanto o são os cristãos entre si, quando divididos por crenças ou por sentimentos*".

O Catolicismo tem sido mais aterrador pelas suas ameaças do que consolador pela esperança.

Platão faz Timóteo dizer que "*é costume atemorizar os homens pelo terror religioso, que se encerra nos discursos culturais em que se pinta a vingança dos deuses celestes e o suplício inevitável reservado aos culpados nos infernos*", bem como outras ficções escritas por Homero, segundo os antigos livros sacros.

> "*Assim como se cura às vezes o corpo com veneno, quando o mal não cede a remédios simples, subjugam-se igualmente os espíritos com mentiras, quando não é possível subjugá-los com a verdade*."

Todos os patriarcas e os super-homens da Antigüidade ensinaram que Deus era **um**, indivisível, tivesse ele os nomes que lhe quisessem dar: Ea, Mitra, Júpiter, Osíris, Baal, Brama, Buda, Jeová, Alá, Tupã etc.

Esse Deus em nenhuma das respectivas religiões era adorado sob figura alguma, e o templo que se elevava ao **Deus Único** era despido de imagens e servia, unicamente, como ponto de reunião dos fiéis para orarem. Moisés proibiu os templos de pedra e figuras.

Jesus veio para cumprir esta lei, além de outras.

Ele disse que templos como aquele, ele os destruía e reconstruiria em três dias, o que significava dizer que esse era o templo que devia subsistir de pé em toda a humanidade.

Mas os apóstolos que ele enviou ao mundo propalaram, em Atos, que Deus não requer templos feitos pela mão do homem, nem incenso, missas, velas de

cera ou gordura de carneiros, e nem é servido por mão de homem, isto é, por padres.

Dessas duas sentenças visivelmente antagônicas, que os evangelistas põem na boca do divino Mestre, resulta que, para não fazer de Jesus um pobre amalucado, podemos interpretar aquelas frases como devendo ser o templo, aquele em que ele oficiava — o homem, porém, é que não precisava dele, nem de padres para orar ao pai, que tudo vê em oculto.

Jesus foi anticlerical, pois não cessava de censurar os fariseus, se bem que aconselhasse aos fiéis que cumprissem tudo quanto eles dissessem, mas não o que eles praticassem.

O clericalismo, propriamente dito, não é, pois, o padre e ainda menos a religião, porquanto cada um pode ser o padre de si próprio ou de um núcleo de homens; mas é o abuso que o padre faz desse Culto.

> "*É o padre exaltando-se até o absolutismo, à infalibilidade, entrando em conflito com a escritura santa, que ele fecha precipitadamente, porque o condena, e com a consciência cristã que ele oprime em vez de aconselhá-la", diz o padre Loyson*[377]*. "Respeitai todas as consciências, diz ele ainda, mesmo a do ateu, porque é uma consciência. Respeitai o ateu, porque ele sofre. Respeitai-o porque, talvez, sois vós mesmos que lhe teríeis feito perder a crença*."
>
> "*Hoje, nem a Igreja acorrentada aos seus dogmas nem a ciência encerrada na matéria podem mais produzir*

[377] Ni cléricaux, ni athées.

homens completos, como na Antigüidade. A arte de criar e de formar almas perfeitas perdeu-se, e só será achada quando a Ciência e a Religião se fusionarem novamente para a felicidade da humanidade."

"*Entretanto, 'a Ciência, a Religião, ou antes, a Paz, o sereno esplendor da Glória, vos envolvem, vos penetram*!' "

"*Repelis inconscientemente o que desejais no fundo da vossa alma e do vosso coração. Cegos e crianças que sois*!"

"*Quereis a Verdade? Sim, mas aquela que não fira vossos hábitos, vosso amor-próprio, vossa hipocrisia!"*

"Desejais a Paz? Mas, reclamais a ruína do vosso inimigo social ou religioso! Procurais a Ciência? Entretanto, algumas leis naturais que colheis, por grande acaso, em vossas pesquisas, as utilizais logo em vossas obras de ódio e de morte[378]."

Bem diz C. Fornichi[379]: "*A maioria dos homens não gosta de pensar e curvar-se à cômoda observância dos preceitos tradicionais*."

"*É incrível a soma de absurdos que se podem fazer crer e praticar aos homens*".

Nunca houve perseguição sanguinária de culto algum contrário ao Catolicismo, o que houve e há é a reação contra a violência deste, protótipo da

[378] Jean Jacques Riviêre— A l'hombre des Monasteres.
[379] La pensée réligieuse de l'Inde.

intolerância. Quer a liberdade para si, tolhendo a dos outros. Se ele se limitasse a cultuar intramuros, angariando adeptos pela palavra e pelo exemplo, sem se preocupar com idéias políticas, o mundo viveria em paz como se viveu no Brasil durante 42 anos.

Mais coerente, mais tolerante, mais de acordo com a própria doutrina do Cristo são as várias religiões ou cultos espalhados na face do globo, que não perseguem nem molestam o culto católico onde este se instala, nem se odeiam uns aos outros.

Os bonzos chineses e os lamas tibetanos são rivais quanto a certas regras do culto, mas tratam-se como irmãos de uma só família.

O Budismo proíbe que se fale mal das outras religiões, aconselhando, ao contrário, que se honre o que nelas houver de honroso.

É pela palavra e pelo exemplo que se consegue convencer um contendor e nunca pela força, pelo terror ou pelo crime, como faz o Catolicismo. Vencer não é convencer. Vencer é a divisa de bandidos.

Que se termine essa intolerância incontida, essa inexplicável antilogia do culto católico para com os israelita-judeus, muçulmanos, protestantes, ortodoxos, espiritistas, budistas e para com as próprias igrejas cristãs, embora divergentes em pontos de somenos importância.

Não somos, portanto, unilaterais como nos disseram; não procuramos argumentos de contrários para defender a essência da nossa tese, fomos buscá-los nos próprios livros que servem de colunas à tiara do Papa; e se esses argumentos pudessem ser destruídos, *ipso facto*, iriam destruir os alicerces do Vaticano, que ruiria fragorosamente, pois é certo, mesmo, que muito abalados já se acham pela argamassa com que foram construídos: roubo, esbulho, lama, sangue e impostura.

É, igualmente, nas obras de apologistas, de teólogos, de padres militantes e de sacerdotes independentes, que fomos colher algumas migalhas dos elementos que desmascaram o embuste do culto católico.

É mais uma prova de que sua literatura, movendo-se constantemente no mesmo círculo de ferro em que a meteram, forjada com silogismos paradoxais, não pode resistir à mais simples crítica.

E por isso que não se pode esclarecer a consciência de um padre ou de um leigo fanático, vedada como é ao primeiro toda e qualquer leitura profana e tolhida, a ambos, a sua liberdade de pensar e de raciocinar, se bem que o infalível Papa Bento XV em sua bula de 1º de novembro de 1914, declare que, "***nas questões de liberdade de crenças, cada um é livre de dizer e de defender o que a razão lhe ditar***."

Diga-se isso a um padre ou aos governadores do Brasil!

E São Tomas de Aquino, o farol jurídico do Catolicismo, afirma que "***uma doutrina só se revela justa quando está em harmonia com a razão***" (São Tomás 1º. e 2º. q. 98, a 1).

Mesmo porque é fácil compreender que, quando se pretende combater uma crença ou um erro, já enraizado, mormente em matéria de Fé, não é entre apologistas fanáticos que se encontrariam argumentos contrários e próprios a destruir o erro em que laboram, por inconsciência ou por conveniência, pois tais argumentos já são preparados para melhor cimentar aquela Fé, e sabemos quão mestres são os jesuítas em transmutar um vício em uma virtude.

Quem prega a religião do Espírito pode estar certo de ter contra si os incapazes arregimentados pelos habilidosos.

É certo que não se convencerá um comunista iletrado dizendo-lhe que sua doutrina é um crime contra a propriedade alheia, fruto do trabalho, da economia ou da inteligência, convencido como está, por lhe terem dito seus arautos, e pelas obras publicadas a respeito, que a propriedade alheia é um roubo à coletividade.

É necessário recorrer-se aos que estudam desapaixonadamente com o único fim de procurar a verdade em seu benefício e do da humanidade, livrando-a das garras dos espertalhões ou velhacos. São sábios que levaram a vida inteira comparando os livros sacros de todas as religiões perante a História e perante a Ciência. Podem seus argumentos ser tachados de errôneos pelos sofismas, mas não podem ser destruídos pela lógica, pela razão e pelas próprias palavras do Cristo.

Jesus disse: "*Eu sou enviado, unicamente, para salvar as ovelhas perdidas da Casa de Israel*" e aos seus discípulos mandou que pregassem primeiro ao povo de Israel, o que significa, mais uma vez, ser sua religião a de Israel, isto é, a Mosaica, religião anti-política, isto é Sinárquica.

Assim, pois, em nome de Deus, em nome do Pastor, não espanteis o resto do rebanho com gritos de guerra; chamai-o pela palavra mansa, pela humildade, pelo exemplo e pela tolerância.

"*Quem não é contra nós é por nós*", disse Jesus[380].

A religião cristã lucrará mais com isso e mais depressa preparará o caminho para a volta de um novo Profeta, que será, então, o Pontífice Rei, o Melquisedeque de Rama, de Jacó, de Abraão, de Moisés e de Jesus.

O contrário é contraproducente e ilógico.

[380] Mas o Catolicismo adota Lucas XI, 23 por estar mais de acordo com seu programa de perseguição.

O mal produz o mal; o bem produz o bem; o bem opondo-se ao mal o destrói.

Para corroborar, portanto, o que acabamos de dizer e tudo quanto temos citado a respeito da impostura do Culto Católico, extrairemos a esmo da citada obra de Guilherme Delhora mais algumas sentenças de entre milhares, pronunciadas pelos próprios papas, por santos, por doutores da Igreja e por notabilidades mundiais, a fim de arrolhar aqueles que pretenderem ser mais realistas que o rei, mais cristãos que o próprio Cristo e mais católico que os próprios papas.

Papa Pio II (1460):

> "*A Corte de Roma recolhe todo o dinheiro; ela vende o Espírito Santo, as ordens sacras e os sacramentos; ela perdoa todos os delitos a quem tiver para pagar a absolvição*."

Papa Honório III (1220):

> "*O amor ao ouro foi sempre o escândalo e o opróbrio da Santa Sé. Quem não oferece dinheiro ou presentes nada obtém de Roma*."

Papa Adriano VI (1522):

> "*Sabemos que há muito tempo existem excessos abomináveis na Santa Sé. A corrupção se estendeu da cabeça*

aos membros, do papa aos prelados; temos todos descarrilado; não há um só que tenha praticado o bem, nem um só!"

São Clemente, de Alexandria:

"*Quando a Igreja usava cálice de madeira, ela possuía sacerdotes de ouro, hoje que possui cálice de ouro, os sacerdotes passaram a ser de madeira, mas da madeira que o Evangelho manda cortar para jogar no fogo por infecunda*."

Papa Gelásio I:

"*Os patrimônios da Igreja se devem conservar como bens dos pobres e para alívio dos mesmos devem ser distribuídas suas reservas*."

(Pio IX legou uma fortuna fantástica e dois de seus herdeiros acabam de ser descobertos no Brasil.)

Garibaldi:

"*Abolir as corporações religiosas é salvar a Itália da ronha mais perigosa que pode ferir uma nação. Punhal de uma tirania mascarada, o sacerdote católico reduziu a França, desde o primado das nações, ao baixo fundo da escala humana. A Espanha é um teatro de lutas fratricidas, em que o*

bandoleirismo, suscitado e conduzido por curas, assola aquela belíssima parte da Europa."

(Que profecia!)

Mazzini:

"*A humanidade já teve a religião do Pai e depois a do Filho, que se abra, pois, o campo à religião do Espírito*."

Leão X mandou um frade para a Alemanha com uma caixa amarrada ao pescoço, tendo o seguinte letreiro:

"*Ao som de cada moeda que cai no fundo desta caixa, uma alma voa do purgatório*."

É o cúmulo da desfaçatez!

Ao Papa Eugênio III escreveu São Bernardo: "*De toda parte os oprimidos apelam para seu tribunal. Que justiça lhes seja feita! Quando mais não seja, é necessário que os opressores sintam que os gritos de suas vítimas são ouvidos... Que há de mais ímpio, que o mau não cesse de triunfar impunemente, enquanto o inocente continue a se debater em vão?"*

"Bárbaro! Serás tu insensível às penas, aos trabalhos, ao desprezo do inocente oprimido?"

"Acorda, homem de Deus, tem piedade, deixa-te comover pela indignação".

A Gregório XI (1370-78) e a Urbano VI (1378-89), Santa Catarina de Siena escrevia deles: "*Esses glutões insaciáveis sugaram tanto sangue à Igreja, que ela hoje está extenuada e pálida*".

Pelaio chamava os chefes de Igreja de "*lobos que sugam o sangue da alma*".

Pastor[381] escreve: "*No mês de outubro, um pregador se tinha queixado, em pleno Vaticano, que a lei de então (punição dos vícios de sodomia e de bestialidade Histoire des Papes — VIU, 38; 48, nota 4. etc.) não era aplicada senão aos pobres e nunca aos ricos. O Papa Pio V, à vista dessa acusação, decretou a aplicação da pena — morte pelo fogo — contra a sodomia e a bestialidade*" que, aliás, caiu com o tempo — *Tout casse, tout lasse, tout passe*!

Ao legado do Papa Paulo IV perguntaram .u ma vez: "*Como distinguir os heréticos dos católicos*?"

"*Matai-os todos! Deus reconhecerá os seus*!"

Foi a mortandade em massa dos albigenses, no século XII; cerca de 30 mil almas, entre mulheres, velhos e crianças!!!

Duas palavras acerca desses albigenses ou cátaros, isto é, os puros: seu templo era uma grande sala, despida de ornatos; sobre uma mesa o Novo Testamento aberto no primeiro capítulo de São João. As cerimônias consistiam na

[381] Histoire des Papes — VIU, 38; 48, nota 4.

leitura deste livro e uma curta prédica; a bênção e a distribuição do pão comemorativo da ceia do Cristo e, finalmente, a recitação da oração dominical, numa fórmula admitida, em que se dizia **nosso pão consubstancial**, isto é, espiritual, em vez de **nosso pão de cada dia**.

Eles diziam que Jesus tomou a aparência de um homem e não se encarnou, realmente, porque o bom não se pode aliar à matéria.

Repeliam a liturgia católica, por ter o Cristo ensinado uma só oração — Padre-Nosso.

Eram antimilitaristas, obedecendo assim à proibição de Cristo, em ferir com ferro; proclamavam a hierarquia da Igreja, baseada em homens santos; os poderes sacerdotais deviam depender das virtudes, o que se não verificava na Igreja de Roma, por isso a repudiavam como sendo a Sinagoga de Satanás e os padres, seus ministros.

Há no mundo, diziam eles, duas igrejas, uma que foge e perdoa — a catara — e outra que cerca a primeira, a atinge e a escorcha, a romana.

Por tudo isso chamaram os hereges e os suprimiram com o maior amor ao próximo, em nome desse mesmo Jesus.

O inquisidor Bernardo Gui, que os conhecia muito bem, escreveu: "*O que os cátaros dizem antes de tudo, e correntemente deles mesmos, é que são bons cristãos, que não juram, nem mentem, não maldizem de ninguém, não matam, nem homens, nem animais, nem ser algum. O que eles dizem, ainda, é que observam a fé de Jesus Cristo e seu Evangelho, tal como ele o ensinou e igualmente os apóstolos, que o substituem. Eis por que os membros da Igreja Romana, isto é, os prelados, os clérigos, os religiosos e, principalmente, os inquisidores, do mesmo modo que os fariseus, perseguiram o Cristo e seus discípulos, lhe infligem*

perseguições e os qualificam de heréticos, se bem que seja gente honesta e bons cristãos".

Portanto, ser cristão não significa ser católico, mas agir de acordo com a doutrina que Jesus pregou; o católico segue a doutrina de homens políticos, na expressão do próprio Jesus, doutrina manchada de sangue, como se poderá ver na Mission des Souverains de Saint-Yves e em milhares de obras escritas pelos historiadores imparciais.

É mesmo bom dizer, de passagem, que nenhuma obra de Saint-Yves jamais foi incluída no "*Index*", sendo esse escritor, amigo particular do Papa Leão XIII, cognominado o papa pagão, por ter idéias adiantadas; o referido papa tentou, mesmo, uma vez, reformar os dogmas do Catolicismo, de acordo com os progressos da Ciência, no que foi obstado pelos jesuítas.

A Religião Cristã foi desfigurada por Paulo desde seu início e tornou-se irreconhecível pela Política Papista, que sempre se moveu em um chão de simbioses e de sincretismos absurdos.

O culto católico foi amassado com a lama dos papas e o sangue de milhares de inocentes almas, algumas leigas e outras que faziam, até, parte dessa agremiação de loucos fanáticos, desencadeados do inferno, de onde traziam o fogo para queimar suas vítimas. Queimar... queimar... era o que as inebriava.

Se fôssemos citar, pormenorizadamente, o libelo traçado nessas poucas linhas, para mostrar os materiais sobre que assentam os alicerces do Vaticano, mister seria transcrevermos centenas de obras que tratam do assunto.

Mas, para que algum leitor, menos erudito, não julgue que exageramos, por espírito de maldosa crítica, citaremos, somente, por alto, meia dúzia de fatos e não dos piores, tirados da própria "*História do Vaticano*" e lá mesmo arquivada.

E, se quiserem enfronhar-se nessa História, apontamos-lhe a obra de Miguel Zevaco, em que é relatada a vida dos Bórgias, história esta reproduzida em folhetim, no *Popolo di Roma*, em maio/junho de 1931, e que causou os acontecimentos entre o Quirinal e o Vaticano. Leia-se também *O Papa e o Concilio* de Rui Barbosa (Janus) — Alexandre Herculano — F. R. Santos Seabra e a monumental obra de Lachatre.

É um dever de humanismo lembrar esses fatos históricos aos que os esqueceram, e uma caridade ensinar aos que os ignoram o perigo que eles encerram para a humanidade.

Nos sete primeiros séculos, a Igreja era regida pelos bispos — epíscopos, isto é, vigilantes —, títulos estes comprados a dinheiro, tal como o de papa, os quais se guerreavam militarmente como nações inimigas.

Bento IX foi um dos que compraram e revenderam seu título de papa.

É bom dizer, mesmo, que eram raros os bispos e cardeais que soubessem ler e ainda menos a legião de padres.

Só no século VIII João VII se coroou com a tiara e adotou o título de Papá (pai), aliás, não sancionado pelo clero, como suprema autoridade e reprovado pelo próprio Jesus.

São Tertuliano critica o Bispo de Roma por se apegar a título sem valor.

São Cipriano o chama de Colega.

São Firmiliano escreve a Estêvão que ele está indignado do orgulho insensato do Bispo de Roma, que pretende ser, em seu bispado, o herdeiro do Apóstolo Pedro.

Os papas sempre se intitularam, falsamente, Sucessores dos Apóstolos, pois nem os evangelhos, nem os **Atos dos Apóstolos**, fazem a mínima referência a essa sucessão, como veremos em **Adendos**.

No século X, o Papado tinha caído em tão grande aviltamento, que duas cortesãs chegaram a dispor da tiara para seus amantes e filhos espúrios.

Essas cortesãs foram Marozia e Teodora, ambas prostitutas em Roma. Esta fez nomear papa a João X, filho do seu amante, o Papa Anastácio III: aquele mandou matá-lo e colocar no lugar um filho de 16 anos, que ela teve do Papa Sérgio III e que se chamou João XI, o qual morreu miseravelmente em prisão com sua mãe.

A degradação da Igreja foi tal que até uma mulher ocupou o lugar de papa — Joanna Gilbert. Daí a criação da "*Cadeira Furada*" para o reconhecimento de Papas.

A Papisa Joana pontificou entre Benedito III e Leão IV, durante dois anos e meses, sofrendo as dores do parto em plena procissão, entre a igreja de São Clemente e o Coliseu. Seu busto encontra-se na Catedral de Siene, entre os dos Sumos Pontífices.

No século XIII a Igreja chegou a ter três Papas simultaneamente: Urbano XI, Clemente XII e Gregório XI, os quais, além de mutuamente se excomungarem, se guerreavam de armas em punho.

O ódio entre papas era tal que Estêvão VI mandou desenterrar o cadáver do Papa Formoso, cortou-lhe a cabeça e jogou-a no Rio Tibre.

Este próprio Estêvão VI terminou seus dias enforcado em uma prisão, pelos horrores que cometera.

João XIII fez também desenterrar o cadáver do seu antecessor e cortá-lo em pedaços. Esse papa vivia em um serralho de mulheres.

João XVIII envenenou João XVII.

João XXII fez queimar 114 espirituais e teve as mãos decepadas, as orelhas cortadas e os olhos arrancados das órbitas. Esse papa praticou o incesto com sua própria mãe.

Estêvão VIII teve a cara cortada pela população indignada com suas atrocidades.

João XII, neto de Marozia e papa com 16 anos, devasso, é assassinado entre os braços de uma mulher, pelo marido ultrajado. Na hora da morte ele não quer receber o viático por não acreditar na religião. Uma vez, em um banquete, ele bebeu à saúde do diabo!

Leão X, que sucedeu a Júlio II, foi um monarca protetor das artes; mas não um Pontífice, pois ele mesmo não acreditava nos dogmas do seu culto.

Gregório XVI, possuidor de um respeitável nariz, foi um alcoólico incorrigível. Foi ele quem criou o exército vaticanista, com infantaria e artilharia e foi acérrimo inimigo de Estradas de Ferro.

Gregório VII foi o autor e causador de 500 anos de guerras civis, sustentadas por seus sucessores.

Paulo II, Xisto IV, Inocêncio VIII, Alexandre VI e muitos outros procuraram tirar o recorde em matéria de vícios escandalosos, sem falar nas delícias que os secretários de papas faziam das obras de Poggé, Aretino etc. etc.

Xisto III deflorou uma jovem, foi absolvido e depois canonizado como santo!...

Pedro Niceto e **Enéas Silvio Picolomini**, futuro Pio II, trocam entre si uma repugnante correspondência a respeito do casamento e da livre união, que preconizam.

Poggé tinha 14 filhos bastardos reconhecidos e dizia que "*como leigo ele tinha filhos, mas como diácono ele dispensava a esposa*".

João VIII, Fidelfo, Porcelo Valia e Poggé, mesmo, eram sodomitas.

Inocêncio VIII, como papa, casou ele próprio seus dois filhos. Ordenou o uso de uma beberagem, como Elixir de Vida, composta com o sangue de três crianças de dez anos, degoladas para este fim, insinuando que era receita de um judeu.

Inocêncio X autorizou a degola, na Irlanda, de 200 mil protestantes.

Inocêncio XI instigou os católicos a matar todos os londrinos, ateando fogo à cidade.

Alexandre VI — Alexandre Bórgia — tinha seis filhos antes de ser papa e como tal ainda teve mais dois. Lucrécia Bórgia era sua filha e sua amante. Esse papa cometeu igualmente o incesto com suas duas irmãs. Teve concubinas, entre elas Rosa Vanozza de Cattanei. Mandou matar Savanarola e vários cardeais que discordavam dos seus intentos.

Esse papa comprou publicamente a tiara e seus filhos compartilharam das vantagens. Seu filho César Bórgia, a quem ele fez duque de Bórgia, fez matar, de acordo com seu pai, os Vitelli, os Urbinos, os Gravinos, os Oliveretto e centenas de outros senhores, para lhes roubar seus domínios, que constituem hoje parte do patrimônio vaticanício.

Júlio II, animado do mesmo espírito, excomungou Luís XII, deu seu reino ao primeiro que apareceu e, armado de capacete e couraça, foi atear fogo e derramar sangue em uma parte da Itália.

Pio IX considera abominável deixar-se enterrar nos mesmos cemitérios católicos, protestantes, israelitas etc. Por isso vemos, no nosso país, necrópoles

destinadas aos fiéis dessas crenças, vindos já do tempo do Império, em que a Religião era a do Estado, sendo esta uma razão que afugentava a emigração de braços trabalhadores e de capitais.

Esse papa foi elevado ao trono pontifical pela Maçonaria, da qual ele fazia parte, e depois virou-se contra ela.

Esse papa foi quem estabeleceu a **Infalibilidade Papal,** surgida da cabeça dos jesuítas e apoiada pela Cúria romana, da qual eram e são senhores absolutos.

Esse papa tinha 13 amores adúlteros.

Nicolau V e Calixto III proibiram aos cristãos utilizarem-se dos serviços médicos.

Paulo III fez de sua filha Constança sua amante e praticou o incesto com sua irmã Júlia.

Paulo IV não acreditava no Inferno — no que, aliás, fazia bem.

Paulo V escreveu ao rei de França, Carlos IX, censurando o Marechal Tavannes por haver poupado a vida aos prisioneiros de guerra, protestantes, após uma grande batalha: "*Em nome de Cristo, nós vos ordenamos que mandeis enforcar ou decapitar os prisioneiros que fizestes, sem consideração alguma pelo saber, categoria, sexo ou idade, sem dó nem compaixão... O holocausto mais agradável a Deus é o sangue dos inimigos da religião católica; fazei-o correr em ondas sobre seus altares*". E assim foi feito!

João XXII compareceu perante o Concilio no qual ficaram provados seus horrendos crimes de adultério, incestos, sodomia, simonia, roubos, violação de 300 monjas e defloramento em Bolonha de 200 donzelas, que passaram a ser vítimas de sua lascívia.

Segundo Guilherme Dias, esse papa teria declarado o seguinte:

> "*Matei meu pai, deflorei minha irmã, tive amores com minha filha, adulterei, fui sodomita, cometi o pecado de bestialidade, mas tu não me perseguirás, que eu sei quanto custa teu perdão; eu sei quanto é preciso dar-se ao Juiz Supremo (Deus) para peitá-lo nessas coisas; eu sei como se obriga Deus a aceitar uma bolsa com dinheiro*".

Constantino II, à mão armada, apoderou-se da Sé Pontifical, ocupando-a durante três meses, quando um Sínodo o depôs, arrancando-lhe os olhos e anulando-lhe os atos!

Sixto IV mandou que apunhalassem os Médicis, Lourenço e Júlia quando estes se curvassem na missa, perante a elevação da hóstia. Admitiu a sodomia.

Sixto V impôs uma Bíblia forjada por ele, excomungou todos que não a aceitassem ou a corrigissem. Essa Bíblia foi revogada por se ter achado para mais de duas mil inexatidões. Mandou enforcar 60 heréticos, diante do seu palácio. Mandou cortar as mãos e a língua a quem havia ridicularizado ter sido sua irmã sua lavadeira.

Inocêncio III não admitia a liberdade de consciência e era inimigo da imprensa. Esse déspota conseguiu tornar o Deuteronômio um livro de leis cristãs, por ali existir um texto favorável à sua teoria de "*Poder de vida e morte*", que ele alterou para favorecer a seus fins.

Antes de sua investidura no século XII, os papas eram chamados Vigários de Pedro. Ele passou a chamar-se Vigário de Cristo.

Ele considerou herege todo aquele que divergisse no que fosse do gênero habitual do vulgo.

Pio IV (João Ângelo Medicis — 1559-65), depois de investido a papa, passou a ser o contrário do que era: colérico, ávido, invejoso, sensual, lúbrico, déspota, fingido.

Estrangulou Caraffo, decapitou Palliano e mandou exibir as cabeças ensangüentadas no castelo de Santo Ângelo.

Clotário II mandou matar os netos de Brunehaut, Corte e Sigebert. Quando o algoz, na presença desse papa, erguia o cutelo, uma das vítimas exclamou: "Senhor rei, não me mate, deixe-me viver... eu sou uma criança... Piedade, senhor rei... Piedade...". E esse papa, esse representante do Cristo e de Deus respondeu: "*Fere, algoz, fere... depressa*!" e a pobre criança apresentou o pescoço; a lâmina entrou e o sangue, espirrando, foi manchar as luvas de ferro desse preposto do inferno!

Silvestre II — Martin Polono e outros historiadores proclamaram que ele dizia ter alcançado a suprema dignidade da Igreja, por um conchavo que fez com o diabo.

Virgílio, em 546, condenou a doutrina Nestoriana e em 553 revogou essa condenação. O Sínodo, porém, o excluiu da comunhão da Igreja; mas, para não perder a prebenda, declarou que "*infelizmente não fora ali mais do que instrumento de Satanás, empregado em arruinar a Igreja, e que era por instigações do diabo que ele entrara em desavença com seus colegas do Sínodo; mas que, enfim, Deus já o havia iluminado*!" Ah! Velhaco cínico!

Três vezes, pois, se contradisse, apesar da infalibilidade dos papas:

Quanto à hipocrisia, o fanático, naturalmente, a achará desculpável.

Honório I foi excomungado e condenado como herege, pelo Concilio de Constantinopla, em 680.

Adriano I foi condenado pelo absurdo de adoração de imagens.

Benedito VIII mandou cortar a cabeça da rainha dos sarracenos.

Benedito IX, feito papa com 12 anos, foi tão criminoso quanto João XII. Quatro vezes foi expulso de Roma por devasso. Os capitães romanos tentaram estrangulá-lo no altar, pela vida horrenda que levava. Ele consegue fugir, vende a tiara e casa-se. Volta a Roma, ocupada por dois anti-papas e é expulso novamente. Fez envenenar Clemente II para recuperar a tiara. Depois desaparece para sempre na floresta de Tuculum.

Simnaco (303) foi tachado de certos crimes.

Eugênio IV mandou prender o carmelita Cenuto, santo homem, torturá-lo e queimá-lo vivo pela Inquisição.

Pio VI e Pio VII foram expulsos de Roma pelos seus fiéis.

Luís XI, Inocêncio IV, Alexandre IV, Clemente IV, Calixto III etc. decretaram leis terríveis para a Inquisição.

São Bonifácio VII chegou a dizer que: "*ainda quando um papa seja abominável, a ponto de levar após si, ao inferno, povos inteiros, ninguém lhe deve impor censura, porquanto, a ele que julga todos os homens, pessoa nenhuma o pode julgar, excetuando apenas o caso em que se desviar da fé*".

Pedimos ao leitor inventar um termo para qualificar essa sentença.

Esse papa prendeu João XIV em masmorra, onde o deixou morrer de fome e assassinou Bento VI.

Urbano II declarou que não devia ser tachado de assassino aquele que por amor à Igreja matasse um excomungado: "*É claro, disse ele, que se não deve*

punir somente, mas sim matar os perversos", isto é, aquele que a Igreja tachar de perverso.

Gregório IX chegava a excomungar até a 7º geração! Pobre descendência. É a fábula do lobo e do cordeiro. E Jesus mandou perdoar 70 vezes sete.

Gregório XIII levou Carlos IX, rei da França, a cometer a maior matança que jamais o mundo viu por questão de religião, na noite de 23 para 24 de agosto de 1572, chamada de São Bartolomeu, em que foram vitimadas mais de 70 mil pessoas, entre mulheres e crianças, segundo as memórias de Sully, durando a carnificina três dias em Paris e tudo em nome de Jesus! Depois, esse papa mandou dar salvas de artilharia, queimar fogos de artifício, em regozijo, cantar *Te-Deum*, presentear tal rei com uma rica espada e cunhar uma medalha comemorativa do fato!

Clemente V e outros excomungavam famílias inteiras, cidades, povos e Estados!

Clemente VII escreveu: "*Que nos importam, em suma, os dogmas? O que nos convém é uma obediência passiva; o que devemos desejar é que os povos estejam eternamente submetidos ao jugo dos padres e dos reis; e, para conseguir este fim, para prevenir as revoltas, para fazer cessar esses ímpetos de liberdade, que abalam nossos tronos, é preciso empregar a força bruta, transformando em algozes os vossos soldados — os de Carlos V —; é necessário acender fogueiras, matar, incendiar; convém exterminar os sábios, aniquilar a imprensa! Então, tende a certeza de que nossos súditos entrarão na ortodoxia e adorarão de joelhos vossa majestade imperial*". (M. Lachatre, *História dos Papas*, volume 3, página 403, Lisboa. 1895.)

Nicolau escreveu: "*Sou tudo, em tudo e acima de tudo. De modo que o próprio Deus e eu, o vigário de Deus, temos ambos um consistório e posso fazer quase tudo o que Deus pode fazer. Em todas as coisas, minha vontade prevalecerá; porque posso, por lei, dispensar a Lei; do mal posso fazer justiça, promulgando leis e revogando-as. Portanto, se o que faço dizem não ser de homens, mas de Deus, que me podeis considerar, senão Deus? Se Constantino chamava e reputava por Deuses os prelados da Igreja, eu, sendo superior a todos os prelados, sou, por essa razão, acima dos deuses. Portanto, não fique maravilhado se está em meu poder mudar tempo e tempos, alterar e mudar a lei, dispensar todas as coisas, sem os próprios preceitos de Cristo. Porque onde Cristo manda a Pedro embainhar a espada e exortar a seus discípulos a não usar a força material, exorto eu, Papa Nicolau, escrevendo aos bispos da França que puxem pelas espadas materiais*".

Desculpem a modéstia!

Bonifácio VIII, na Palestina, fazia arrasar cidades e arrastar os habitantes ao cativeiro; condenou a anatomia. Este papa escreveu o seguinte:

"*Que Deus me faça somente o bem neste mundo; pouco me importa a outra vida! Os homens têm alma semelhante à do animal; é tão imortal quanto a outra. O Evangelho ensina mais mentiras do que verdades. O parto da Virgem é absurdo; a encarnação do Filho de Deus é ridícula e o dogma da transubstanciação é uma tolice! São incalculáveis as somas de dinheiro que a fábula do Cristo tem produzido aos padres. As religiões são criadas por ambiciosos para enganar os homens. É necessário que os eclesiásticos falem com o povo, mas que não tenham as mesmas crenças que ele. É tão grande pecado entregar-se as pessoas à voluptuosidade com uma rapariga ou um rapaz, como esfregar as mãos uma na*

outra. É necessário que a Igreja venda tudo quanto os simplórios querem comprar" — Lachatre, volume 3, páginas 83 e 84.

Eugênio chamava o Cardeal de Aries de Prole de Satanás e Filho da perdição!

Christien II, rei da Dinamarca e arcebispo de Upsal, primaz do reino, em 1520, prendeu os cônsules, os magistrados de Estocolmo e 94 senadores e os mandou massacrar, sob pretexto de estarem excomungados pelo papa, por terem defendido os direitos do Estado contra o arcebispo.

Duas Cúrias houve de uma só vez: uma em Avignon, na França, e outra em Roma, com dois papas inimigos a se amaldiçoarem mutuamente, de 1378 a 1409; e de 1409 a 1465 três papas, sendo eleito o napolitano Urbano VI. Cada qual se julgava o representante de Deus na Terra, infalível, excomungando seu rival, chamando-o de infame, apóstata, herege, anti-Cristo, ídolo de perdição eterna.

São Tomás de Aquino — Suma II, 9, II, artigo 3, 4 — para justificar as atrocidades das torturas da Inquisição e das penas de morte assim se exprime:

> "*A Escritura Santa chama os hereges de salteadores e lobos: ora, é costume enforcar os salteadores e matar os lobos. Outras vezes designa um herege sob o nome de Filho de Satanás, de onde se conclui que é justiça dar-lhes logo, neste mundo, a sorte do pai, isto é, fazer que ardam com ele. Ao dito João, apóstolo, que aconselha evitar o herege, se depois de duas tentativas não o tiverem convertido, acrescenta que o melhor meio de evitá-lo é matá-lo*".

Com relação aos relapsos, entende ele absolutamente inútil qualquer tentativa de conversão e propõe queimá-los pura e simplesmente, sem mais **formalidade**!

Oh! Jesus! Certamente essa página ecoou no Empíreo e... não fulminaste esse inimigo da humanidade pela qual veio sacrificar-se.

E toda essa legião de católicos assassinos, devassos, verdadeiros prepostos do Inferno, cuja similaridade, não só em perversidade, como em número, não é encontrada nas mais criminosas organizações dos antigos bárbaros ou de salteadores, foram todos canonizados santos!

Para amenizar esses horrores e confirmar o reino de Satã no Vaticano, copiaremos mais uma página de sua história:

Gregório Magno, o melhor dos papas, não admitia que lhe dessem esse título criminoso e blasfemo a Deus. Queixava-se que seu espírito, curvado ao peso do expediente, não podia mais lançar-se às regiões superiores.

Basílio Magno chamara os papas de presunçosos insolentes, que só se empenhavam em arraigar a heresia.

Leão IX recusou aceitar o título de Bispo Universal.

Leão X, para satisfazer seus gozos, vendia indulgências como se fossem mercadoria.

Leão XII proíbe a vacinação e a medicina é tida por herética.

Eugênio IV, no leito de agonia, disse: "*Oh! Gabriel, quanto melhor não fora para a salvação de minha alma, nunca tivesse chegado a cardeal e papa*". Proibiu que os cristãos se utilizassem dos serviços médicos.

Adriano VI mandou dizer por seu legado Chieregate aos alemães: "*É real que, de anos para cá, muitos horrores se têm dado na Santa Sé; tudo se tem*

pervertido e a corrupção se tem dilatado da cabeça aos membros, do papa ao prelado".

Inocêncio X confessou que tendo levado a vida em questões jurídicas nada entendia de teologia. Ele tinha Olímpia por amante.

Gregório XVI era tão vaidoso e presunçoso que respondeu a Cappacini, quando este lhe propôs projetos de finanças: "*Mas eu sou papa! Não é possível que erre; devo saber tudo melhor que ninguém*!"

Marcelo II exclamou um dia, cheio de angústia: "*Não compreendo como um papa consiga evitar a condenação eterna*".

Inocêncio II, em 1139, entre um despautério de injúrias, arrancou dos ombros dos prelados o palio que seu rival Pierleone havia conferido a eles, mediante 60 mil francos pagos por cada um.

O poeta Dante dizia: "*Não estudam senão as decretais, transcuram os Evangelhos e os padres da Igreja: daí a origem da corrupção*".

As Falsas Decretais do pseudo-Izidoro e as de Graciano, aproveitadas por Nicolau I, para consecução da supremacia da Igreja, foram, afinal, em 1789, pelo Papa Pio VI, confessadas como fraudulentas, sendo a falsidade reconhecida em 1866 pelos jesuítas de Paris. E as Enciclopédias encobrem essa verdade!

Os cardeais, em 1408, escreveram ao Papa Gregório: "*Na Igreja, da planta dos pés ao alto da cabeça, não há sequer um ponto são*".

Mendoza, escrevendo ao rei Carlos V a respeito do Papa Paulo III, assim se exprimia:

"*Ninguém sabia, nunca, em que sentido ele caminhava; cobria-se com o manto da piedade, quando tinha*

de cometer algum crime e servia-se de espadachins para se desfazer daqueles que se opunham aos seus projetos. Regulava todos seus passos, pela conjunção dos planetas, que consultava, mesmo para atos insignificantes; e, quando os acontecimentos não justificavam suas previsões, entregava-se a acessos de uma cólera espantosa e proferia blasfêmias horríveis. O santo padre levava a impiedade a ponto de afirmar que Cristo não era senão o Sol, adorado pela religião de Zoroastro e o mesmo Deus Júpiter Amon, representado no Paganismo sob a forma de Cordeiro. Explicava as alegorias da sua encarnação e da sua ressurreição, pelo paralelo que São Justino fizera de Cristo e de Mitra, que o Evangelho, bem como os livros sagrados dos magos, fazem nascer no Solstício de Inverno, isto é, no momento em que o sol começa a voltar para nós e a aumentar a duração dos dias. Dizia que a adoração dos magos não era mais do que a imitação da cerimônia, na qual os padres de Zoroastro ofereciam ao seu deus o ouro, o incenso e a mirra, as três coisas afetas ao astro da luz; objetiva que a constelação da Virgem, ou antes a Ísis, que corresponde a esse solstício e que presidia o nascimento de Mitra, tinha sido igualmente colhido como alegoria do nascimento de Cristo; e que, segundo o papa, bastava para demonstrar que Mitra e Jesus eram o mesmo Deus. Ousava dizer que não existia documento algum de uma autenticidade irrevogável, que provasse a existência de Cristo como homem e que sua

convicção era que ele nunca existira. Finalmente, pretendia que a própria tiara era uma imitação dos barretes dos sacrificados persas". (M. Lachatre, *História dos Papas*, volume 4, p. 6, Lisboa, 1895.)

Abade Testory, Capitão-mor do exército francês no México: "*O cristão é da Igreja e o cidadão do Estado. Que a Igreja se ocupe, pois, do cristão, mas deixe o cidadão ao Estado*". O Brasil será surdo?

G. Delhora: "*Administradores do céu e do inferno e especialmente dos bens terrenos. O espírito vivo da Igreja Romana reside no corpo do jesuíta em cuja bandeira vermelha lê-se Inquisição*".

Luiz Setembrino: "*Dezoito séculos de delitos, rapinas, sangue, fogueiras, tormentos, um imenso acúmulo de males, de corrupções, de ignorância, de ferocidade, a escravidão da Itália e de tantos países da terra me faz concentrar a alma e pensar no sacerdote, que tem sido a causa de toda a miséria humana*".

Felipe Turati: "*A luta anticlerical é de supremo interesse para o proletariado; ela se funde com a luta pela sua liberdade de ação e é, junto a ela, a defesa da sua dignidade e do seu salário*".

Victor Manoel II (rei da Itália): "*Se a autoridade eclesiástica usa armas espirituais para interesses pessoais, eu, na segura consciência e nas tradições dos meus antepassados, encontrarei a força para manter a liberdade civil e minha autoridade, das quais devo dar conta só a Deus e a meus povos*".

Da mesma obra de G. Delhora:

Santa Brígida

"*O papa é o assassino das almas, dilacerando e destruindo o povo de Cristo. É mais cruel que Judas, mais injusto que Pilatos, mais abominável que os hebreus e pior que Lúcifer, mesmo; mudou os dez mandamentos de Deus neste só: 'Faz que venha dinheiro!' “*

“A Cúria romana não pede cordeiros sem lã. Tosa aquele que a tem e cerra as portas àquele que não a tem (que profecia relativa a Gandhi!). O papa que deveria convocar o mundo inteiro para dizer: 'Venham repousar aqui vossas almas, grita, pelo contrário, venham olhar-me em minha magnificência, maior que a de Salomão, venham a mim esvaziar vossas bolsas e achar a perdição de vossas almas.”

“Os sacerdotes, da cabeça aos pés, estão cobertos pela lepra da vaidade e da avareza; são mudos quando devem falar a Deus, loquazes quando se trata de seus interesses. Eles se aproximam de Cristo como ladrões e traidores e cerram às almas as portas do céu, para abrir as do inferno".

E é uma santa canonizada por Bonifácio IX quem assim fala.

Pio II: "*A Corte de Roma acorda toda ao som do dinheiro; ela vende o Espírito Santo, as ordens sacras e o sacramento; ela perdoa todos os delitos a quem tiver para pagar. Mandou massacrar os insurgentes*".

Honório III: "*O amor do ouro foi sempre o escândalo e o opróbrio da Santa Sé. Quem não oferece dinheiro ou prendas nada obtém de Roma*".

Gelásio I: "*Os patrimônios da Igreja devem ser considerados como bens dos pobres e para alívio dos mesmos devem ser distribuídas as rendas*"

— Pois sim!

São Bernardo (padre): "*Tudo que o sacerdote retém para si, depois de haver tirado a parte do seu sustento e do seu vestuário, é furto, rapina e sacrilégio*".

Friedrich Nietzsche[*]: "As Cruzadas foram verdadeiras piratarias e nada mais".

São Bernardo, de Clairvaux: "*Além de muitas outras coisas contra a Igreja de Roma, disse o seguinte: 'Se desejais que vosso filho seja um homem mau, fazei-o sacerdote'*".

Esse dito era vulgar em Roma.

Aristides Briand: "*Se o desenvolvimento da Igreja não é possível sem o apoio do Estado é porque a Igreja está morta*" — discurso em 1906.

Combes: "*A coexistência de duas autoridades — espiritual e temporal — é uma anomalia em uma república*".

Pasquino: "*O padre promete o céu para usurpar a terra*".

César Lombroso: "*Um sábio ou um homem de Estado que não veja no Vaticano um inimigo, ou atraiçoa a ciência e ao povo, ou é imbecil*" (que bela carapuça para nossos homens!).

M. Rapizardi: "*Colocar o Catolicismo na base da instrução e da educação de um povo, isto é, o ensino oficial do absurdo, é uma ofensa à ciência, à razão e à civilização*".

São Jerônimo: "*A maior desgraça na história dos povos foi obra dos sacerdotes*".

---

[*] N. do E.: Desde autor, sugerimos a leitura de *Além do Bem e do Mal — Prelúdio de uma Filosofia do Futuro*, Madras Editora.

Robespierre: "*Os padres são para a religião o que os charlatões são para a medicina*".

Schopenhauer: "*Seria grande a lista das bárbaras crueldades que acompanharam o Cristianismo: cruzadas injustificadas, extermínio de grande parte dos primitivos habitantes da América e colonização desse continente com escravos negros, arrancados, sem a menor sombra de direito, de seu solo natal e condenados toda a vida a trabalhos de galé e a perseguição de hereges. Tribunais de inquisição que clamavam vingança dos céus, noite de São Bartolomeu, execução de 180 mil holandeses pelo duque de Alba, matança de 30 mil albigenses etc., fatos esses pouco favoráveis acerca da superioridade do Cristianismo, isto é, do Romanismo*".

Victor Hugo: "*O maior perigo para uma nação é a de ver-se invadida pelo partido clerical. Favorecer o sacerdote equivale a ceder o terreno à reação e preparar a guerra civil*". Ouviste, Brasil?

B. Malon: "*Qualquer moral baseada no temor de castigo é moral de escravos ou de mercadores*".

Montaigne: "*Devemos ao Catolicismo a falsificação da história, o escurecimento da razão e a transfiguração de algum idiota em santo*".

Frederico Barbaroxa: "*Em nenhum lugar o culto divino é celebrado com maior escândalo que em Roma e a casa de São Pedro está convertida em uma vivenda de ladrões; o papa, qual Simão, o mago, vende tudo a peso de ouro. Quanto às excomunhões não as temo; a mesma gentalha que está em torno do papa, ri-se delas*".

Henrique Heine: "*Ao morrer, respondeu a uma irmã de caridade que procurava reconciliá-lo com Deus: 'Não te aflijas, Deus me perdoará: é seu ofício'*".

Kant: "*Morrendo o dogma, nasce a moral*".

Marx: "*São os homens que fazem as religiões e não as religiões que fazem os homens*".

Michelet: "*A vida do Catolicismo é a morte da República*". Cuidado Brasil!

Guinet: "*Perdidas as ilusões, a mulher se faz cortesã. O sacerdote, jesuíta. O político, reacionário. O financeiro quebra. O general foge ou capitula. Os amigos do povo se convertem em Césares e o povo se escraviza*".

Elisée Reclus: "*O Catolicismo está virtualmente arruinado; é uma religião de mortos e nada mais: Em outros tempos se falava em Reis, Fé e Lei. A Fé não existe mais e sem ela não há Rei e a Lei se desvanece e se transforma em um fantasma*".

Dante, apregoando a separação do espiritual e do temporal, disse: "*Oh! Povo feliz, oh! Gloriosa Itália, se Constantino não houvesse existido*!"

Petrarca, poeta consagrado pela Igreja Romana e canonizado santo:

> "*Os estupros, os raptos, os incestos, os adultérios são os jogos da lascívia pontifical; e Satanás assiste a tudo, rindo-se como árbitro, entre os decrépitos e as donzelas*."
>
> "*Desta Babilônia parece que sai um fétido horrendo que empesta o mundo e é um reconto informe, um duro inferno, indecente e disforme canal no qual se concentram as inquietudes e as porcarias do mundo inteiro, no qual nada é sagrado, não há temor de Deus, nem santidade de juramentos, nem sobra de piedade, em que habita gente que tem os peitos de ferro, os ânimos de pedra e as vísceras de fogo*."

"*Não há piedade, nem caridade, nem fé, nem respeito a Deus; ali nada há de santo, justo ou humano; está cheio de mentiras. A Igreja combate não pela fé, mas pela potência terrena*".

E é um santo que assim fala!

Tolstoi (*Ma religiori*): "*A Igreja reconhece, 'em palavras', a doutrina de Jesus; mas a renega com toda a formalidade do culto em obras, para os atos da vida. A idéia de que a Igreja possa servir de base à justiça e à prosperidade é um sarcasmo cruel em nossa época. Virá um tempo em que todos os templos cairão e todos os ritos desaparecerão. Eu nego uma trindade incompreensível, nego a fábula absurda da queda de um primitivo homem, nego a história sacrílega de um Deus nascido de uma virgem, nego os sacramentos, não creio na vida do além, porque a divisão do paraíso e do inferno é contrária ao conceito de um Deus de amor*".

Maquiavel: "*O melhor indício da sua decadência é ver que os povos mais próximos da sede da Igreja Romana, cabeça da nossa religião, são os menos religiosos*".

Berthelot: "*Deixemos aos mistérios seus ensinos: não perturbemos as fantasias individuais ou coletivas de suas imaginações, porém não consinta-mos que a intolerância nos imponha seus ensinos como regra da atividade social*".

Bismarck: "*Todo dogma, embora não aceito por nós, porém aceito por milhões de cidadãos, deve ser respeitado por todos: mas não queremos crer nas pretensões da autoridade eclesiástica em exercer uma parte do Poder do Estado*".

Carlyle Tomás: "*O tétrico Inácio de Loyola tem a culpa de haver envenenado o mundo. Serviu ao diabo e imperfeitamente a Deus. Mas, pensar que*

se pudesse servir melhor a Deus, tomando o diabo por sócio, era preciso que surgisse Santo Inácio para tal descoberta".

O **abade Hulst**, vigário de Santo Ambrósio, em Paris, perguntava a si mesmo por que havia tão pouca fé sobre a terra e respondeu: "*Porque há muito bons padres, mas poucos que sejam santos. Se relanceio a vista, começo a ser severo; eu critico interiormente, com rigor, a vida cômoda a que nos habituamos, a ociosidade, a frivolidade, a ignorância, a moleza, a cupidez velada sob as conveniências; a ausência do espírito de oração e de penitência me chocam. Não encontro aí a semelhança de Jesus Cristo e não me admiro da esterilidade do seu sacerdócio*".

Napoleão I dizia: "*Estou cercado de padres que me repetem, a cada passo, que seu reino não é deste mundo; mas o caso é que eles se apoderam de tudo que lhes cair nas mãos*".

Michelet escreveu: "*Três elementos constituem o matrimônio: primeiro o homem, forte e violento; segundo a mulher, fraca e submissa; terceiro o padre, nascido homem forte, mas fingindo ser fraco, para se parecer com a mulher, participando, assim, de um e de outro, para se poder acomodar entre os dois*!"

São Jerônimo afirma que as maiores desgraças dos povos foram devidas aos sacerdotes católicos!

Washburn garante que a maior maravilha do nosso século de civilização é a que tolera o Catolicismo.

G. Delhobra: "*Do Monturo da Roma antiga surgiu a podridão do Vaticano que infeccionou o resto da Itália e o mundo inteiro*".

Oh! Certamente depois de ter lido esse resumido extrato dos próprios arquivos do Vaticano, o piedoso leitor de alma pura e sensível, amante do

verdadeiro Jesus, sentiu as lágrimas marejarem-lhe os olhos ante tanta barbaridade, tanta infâmia e sua alma vibrou de tristeza, sabendo que ainda há homens no Brasil, revestidos de certa responsabilidade — queremos crer que por pura ignorância da história —, que se curvem para beijar os pés dos representantes do anti-Cristo, que se sucedem na cadeira pontifícia do Vaticano, construída sobre os alicerces do inferno romano, de onde irrompem, por vezes, as chamas pelas chaminés vulcânicas.

Que se recorra à história da antiga barbaria selvática, das invasões mongólicas, dos Atilas ou dos hunos, dos maiores cismas religiosos, das piores quadrilhas de salteadores da Calábria, da Falperra, da França, da Camorra ou dos nossos sertanejos bandoleiros, o recorde dos maiores crimes e das maiores atrocidades pertence ao Catolicismo.

A Igreja Católica, com sua política imperialista, com suas leis de arrocho à liberdade do homem, com suas sentenças de morte de todos que não curvem a cabeça à sua altivez, sintetiza o reinado de Satanás e não o Reinado de Deus.

E, se nos tempos modernos, não vemos mais se erguerem fogueiras para queimar a pobre humanidade, não quer isso dizer que essas leis, esses decretos, essas bulas, essas fornalhas tenham sido ab-rogados e apagados; eles continuam em pleno vigor, como em pleno vigor continua a terrível Camorra jesuítica. O fogo choca sob as cinzas das vítimas passadas; as excomunhões continuam; o índex em que se anotam livros como este não está selado; diariamente se cobrem suas páginas de respeitáveis nomes de defensores da liberdade humana, os quais, como cristãos sinceros, procuram guiar aqueles a quem cegaram por interesse próprio.

O Vaticano é o maior inimigo do progresso.

O que significa dizer que o inventor da imprensa, o que fez correr a primeira locomotiva, o que fez o pensamento humano atravessar o espaço por um tênue fio metálico, o que suprimiu este fio, o que tornou o corpo humano transparente, o que permitiu a visão à distância, o que deu asas ao homem, o que conseguiu armazenar a palavra, o que gravou os movimentos em uma fita, o que determinou o movimento da Terra à roda do Sol, o que mostrou o caminho do Universo sideral, o que demonstrou que os astros não são luminares, mas terras habitáveis, o que sondou os arcanos da eletricidade, o que mostrou ao homem o infinitamente pequeno, etc. etc., são todos condenados pela Igreja Católica, como filhos do diabo, quando verdadeiramente são os eleitos de Deus, inspirados para bem da humanidade e dessa mesma igreja que os excomungam!

Entretanto, o Cônego Melo Lula, em seu artigo no *Jornal do Commercio*, de 14.12.1930, "*A religião e o inimigo da Ciência*", contesta que a Igreja seja inimiga da ciência e, portanto, da moderna civilização, colocando-se pretensiosamente acima da decisão do papa infalível, e, sem mais nem menos, passa-lhe uma esponja.

Para produzir efeito na massa dos leitores de um jornal, na maioria pouco eruditos, cita uma enorme lista de nomes de cristãos que inventaram até coisas do arco da velha, algumas das quais comprovadamente falsas como Judas; mas, não cita os de outros que descobriram as bases de inúmeras ciências e que por isso foram queimados ou presos. Um deles que já citamos, Galileu, foi condenado por ter dito que a Terra é que andava à roda do Sol e não este à roda da Terra, pois essa asserção viria destruir a crença do texto bíblico, que afirma ter Josué mandado parar o Sol para poder ganhar uma batalha. Mas, como sabemos que Josué foi o Pontífice sucessor de Aarão, irmão de Moisés, e como tal senhor dos segredos da ciência

astronômica, não é de admirar que ele tivesse conhecimento do eclipse a dar-se naquele dia e tivesse tirado partido disso, para melhor convencer seu povo da intervenção direta de Jeová.

São essas descobertas que têm apavorado o Vaticano e solapam seus apodrecidos alicerces.

E se o Vaticano aceita hoje o cinema, o alto-falante, o rádio, a televisão, armas de guerra para seu exército e mantém um observatório astrológico é porque... não pode fazer de outro modo.

Mas se um dia Satanás, isto é, o Princípio do Mal, encarnado na alma de um papa, como tantas vezes se tem dado, conforme acabamos de ver, conseguir apoderar-se das cabeças coroadas ou das faixas presidenciais, como ia sucedendo em 24 de outubro de 1930[382], para o que o jesuíta Melo Lula e outros trabalham ardentemente, substituindo-se pelo Chapéu Cardinalício, então poder-se-á espetar no Pólo Norte uma bandeira vermelha com o seguinte letreiro: Reino do Inferno — realizando-se por esta forma o Apocalipse de João.

Que um padre católico se mantenha no seu papel, procurando propagar sua Fé, administrando sacramentos, pugnando pelos seus interesses vitais, não só pela tribuna como pela imprensa, ainda se pode compreender; é seu ofício, estudou para isso; mas que um leigo, que prefere a jaqueta à batina, sem o menor estudo filosófico, sem a menor leitura da História, se arvore em mentor de um povo, sobre uma doutrina da qual só lhe conhece o nome, assim mesmo truncado, por simples atavismo e ter à sua disposição as colunas de um jornal partidário, em que se torna intangível, é uma deslealdade que o bom senso repele, a não ser que se admita ser

[382] Fazendo incluir o artigo 8 do programa da Junta Pacificadora: "*Solução da questão religiosa*".

ele um simples fantoche movido pelos cordéis da **bolsa de propaganda da Fé**, da Cúria Romana.

Se a doutrina católica fosse tão sólida em sua base, ela não deveria temer controvérsias pelas colunas do mesmo jornal. A maioria dos leitores assistiria às discussões públicas, que, forçosamente, trariam luz e paz de espírito e os estudiosos abririam ao povo os livros da Antigüidade, inadquiríveis no comércio, nos quais se evidencia que os primitivos habitantes desse globo eram mais profundamente religiosos do que os sectários do Catolicismo, cuja doutrina anticristã foi argamassada com a lama dos fundadores.

Emílio Zolá dizia que "*ninguém ignora que os periódicos que se declaram defensores da Moral estão, em sua maior parte, vendidos a companhias financeiras, emboscadas na terceira ou quarta página, despojando os incautos leitores que nelas se aventuram*."

> "*Ali se fala da verdade, dos bons princípios, da religião, em belas frases; mas, sempre imperando o negócio e com o fim, perfeitamente egoísta, de fazer fortuna ou de elevar ao poder, e o vergonhoso tráfico com as paixões de um partido*."

O já citado apologista do Catolicismo, Fernahd Hayward, sem querer *abrogar* sua fé, assim se exprime: "*Recusar admitir as taras do governo pontifical e os abusos desse regime que é, em regra, estreitamente retrógrado, é tão pueril como querer manchá-lo à força e só ver nele a Besta do Apocalipse*".

Isso se assemelha a uma informação que fora dada por um nosso amigo acerca da conduta de um pretendente a emprego: o rapaz bebe, joga e gosta de um pouco de orgia; **mas é um bom rapaz**!

Como resumo do desenvolvimento da Igreja Católica, extrairemos ainda, de Charles Guignebert, as frases da sua marcha evolutiva.

Assim:

No primeiro século, Orígenes arranjou um sistema em que ele amalgamou a regra da vida dos apóstolos em um sistema filosófico.

No segundo século, Valentim sincretizou os dados da filosofia grega com as influências das religiões orientais.

No terceiro século, após a derrota dos gnósticos, surgiu nova luta dos cristãos hostis ao filosofismo.

No quarto século, esta luta terminou por um acordo.

No quinto século, o Cristianismo viveu sobre esse acordo e sobre a doutrina de Santo Agostinho que levou toda sua vida a se contradizer e a se retratar, após ter levado uma existência de deboches.

No XI século, os árabes revelaram ao Ocidente os livros de Aristóteles, discípulo de Platão (384-322 a.C). Na mesma ocasião aparecia sob o nome de Diniz, o Areopagita, várias doutrinas neoplatônicas. Começou, então, no mundo intelectual, uma adaptação da fé às teorias aristotélicas, que durou cerca de 200 anos.

No XIII século, uns eram seguidores de Platão e outros de Aristóteles, sem bem compreendê-los.

No meio dessa indecisão, já no século XI, por exemplo, o Cônego Roscelin quase consegue destruir o dogma da Trindade, sustentando a completa individualidade de cada uma das três pessoas, unidas somente por uma vontade e

uma potência idênticas, proposições estas combatidas por Santo Anselmo. Entretanto, Aristóteles triunfou sobre Platão e mesmo sobre Santo Agostinho.

Os dominicanos não queriam ouvir falar de Imaculada Conceição e os franciscanos ficavam apavorados quando tocava-se neste assunto. A respeito desse ponto já tivemos ocasião de relatar o processo a que deu lugar o escandaloso caso.

Dessa balbúrdia e das discussões de São Diniz de Aquino, São Boaventura etc., surgiu um novo Cristianismo, em completo desacordo com as doutrinas pregadas por seu fundador.

Nos XV e XVI séculos, veio a época da Renascença e nessa ocasião o problema cristão não podia mais ser aceito como até o século XIII. Foi nessa época que surgiram mentalidades, tais como Descartes, Copérnico, Galileu, Newton etc.

A teologia oficial enfrentou esse movimento e perseguiu Galileu e outros. Bossuet, bispo, perseguiu e fez condenar Richar Simon, crítico da Bíblia.

No XVIII século, essa teologia reprovava o sistema de Copérnico. Ela perseguiu André Vesale, fundador da anatomia moderna, por não ter este encontrado nos **cadáveres o osso imponderável**, em volta do qual, no dia do juízo final, deviam reunir-se os elementos dispersos de cada corpo. Ela considerou intolerável a **teoria da Terra**, de Buffon (1707-1788), impondo-lhe uma retratação humilhante. Ela condenou e reprovou o transformismo e o simples termo de evolução lhe causa pavor. Mas, apesar disso, a ciência caminhou e caminha a passos largos, apesar de condenada pelo *Sílabo*[383].

"*O que hoje refreia um pouco o esforço dos modernistas não é só a existência da Cúria romana, o decreto*

[383] Sumário — Lista dos erros condenados pelo papa.

Lamentabiles e a encíclica Pascendi, é especialmente a existência das fórmulas dogmáticas que o uso consagrou e o Concilio de Trento confirmou e a Infalibilidade do Papa impôs como a expressão da Verdade divina no cérebro de um clero proibido de pensar e na mentalidade de uma massa analfabeta ou ignorante, que precisa ser mantida na imobilidade, pelo terror das penas terrestres ou divinas. O Catolicismo chama o estudo dos modernistas de criticismo e a isso ele opõe sua crítica. Aos seus adversários empresta intenções de descrédito sistemático ou pelo menos partidárias, que os cega, e assim se enche de ilusórias consolações. E de boa-fé que prolongou uma resistência impossível, enquanto vai desferindo anátemas e excomunhões, que produz um efeito de terror entre os simplórios, os ignorantes e os tímidos. Dedicando-se exclusivamente a encontrar semelhanças nas escrituras bíblicas, com passagens dos evangelhos, a formular sentenças sem estudos históricos, Biológicos ou sociais, o católico letrado entende que só ele está com a Verdade divina, que não pode ser confundida com o erro. O contra-senso que eu noto nas discussões acerca de religiões, diz Max Müller, é de traduzirem em linguagem moderna a linguagem dos antigos, em mascarar o pensamento antigo com o pensamento moderno. Os modernistas que criaram a Igreja Católica liberal, estudando a história da Igreja Romana, seus dogmas etc., têm esclarecido a ciência acerca dos seus erros."

"*Ao católico inteligente, àquele a quem ainda resta um vislumbre de livre-arbítrio, seu espírito vacila entre a aceitação interna ou externa dos dogmas, ou refuta-os pura e simplesmente*".

Ora, chegado a esse ponto, não é possível que o leitor católico sincero não tenha sentido seu espírito vacilar e sua razão vibrar ante a lógica dos fatos e não saiba agora discernir entre o Bem e o Mal, isto é, entre os dois termos antagônicos de Cristianismo e Catolicismo e não ponha de parte, embora provisoriamente até mais amplos estudos, as noções que seus pais, ignorantes da matéria, lhes propinaram na infância.

Basta de cabotinismo

Para bem da humanidade em geral, é mister acabar-se com essa dualidade de termos: **Religião** e **Culto**, intempestivamente usados pelo clero católico e sua conseqüente confusão no espírito da massa desprevenida. É necessário corrigir-se o incauto quando, impensadamente, emprega esses termos. E imprescindível explicar-lhe a enorme diferença que existe entre os dois. É obra de caridade instruí-lo de que o Cristianismo, deturpado por Paulo, desnorteado no seu início por este sofista, manteve-se, contudo, mais ou menos puro nos três primeiros séculos, até que, das exegeses nascidas das 1.001 interpretações dadas aos textos, já corrompidos por copistas, tradutores e vários interessados, surgiram as discussões em praça pública e a intervenção do imperador Constantino, que consolidou esse culto, se bem que, nem por isso, deixasse de ser combatido, pelas razões que constituem as páginas deste estudo.

Então, quando o verdadeiro cristão, aquele que se cinge à risca a palavra de Jesus, se convencer de que o Catolicismo romano, com suas peias à consciência e ao livre-arbítrio, ferindo a própria letra das escrituras e as bulas do Papa Leão XIII, faz correr um véu sobre a Verdade, distraindo sua atenção como o aparato carnavalesco interno ou externo, para lhe extorquir as economias, em benefício único do Estado do Vaticano e do seu exército de clérigos, pois é sabido que o dinheiro de São Pedro nunca foi destinado aos pobres nem à instrução, então, dizemos nós, ele se concentrará numa hora de aflição espiritual e... sem procurador, sem fórmulas latinas, sem incenso, sem templo, no seu modesto aposento... dirigirá fervorosamente uma prece a Deus, por intermédio do bondoso Jesus, que invocará, não para lhe pedir que chova ou deixe de chover, que lhe arranje um emprego, descubra um objeto perdido, lhe cure uma mazela em si ou em um ente querido, que faça seu exército sair vencedor matando todos os adversários, ou qualquer outra futilidade de igual valor; mas, para rogar-lhe, com sinceridade, que lhe dê ânimo para não infringir nem um dos dez lacônicos artigos da Sua Lei Eterna e Universal, à qual homem nenhum jamais conseguirá adicionar o 11°, por mais simples que seja.

Isso é que é preciso difundir-se mais possível e esclarecer o homem acerca da maior das heresias — a idolatria — condenada por Deus, pelos profetas, por Jesus, por qualquer seita da mais extravagante religião selvática e da qual o Catolicismo, por um abominável espírito de contradição, amparado pela máscara do cinismo e da hipocrisia, lança exatamente mão dessa arma condenada, a fim de fascinar a massa de pobres criaturas ignorantes.

É verdade que essa **Hidra de Lerna**, neste último século, tem recebido terríveis golpes por parte de nações inteiras, como a Áustria e a França, ex-filhas diletas, a Espanha seu último reduto, a Rússia, Portugal, o México, o Brasil de 42

anos atrás e outras, decepando-lhe algumas cabeças; mas não demorará muito o dia em que surgirá outro Hércules mitológico para lhe cortar a do tronco.

Ah! Se os padres soubessem o tremendo castigo que os espera no além, apavorados ficariam e romperiam o círculo de ferro em que seus superiores os meteram e se dedicariam aos estudos da doutrina de Cristo, que hoje condenam, reconhecendo, então, que Roma é, de fato, a Babilônia descrita por João, em seu Apocalipse.

Jesus disse e certamente repetirá: "*Ai de vós, doutores da lei, que tirastes a chave da Ciência; vós, mesmos, não entrastes e impedistes os que entravam*".

E disse mais: "*A quem tem será dado e a quem não tem será tirado o que tem*", o que significa dizer que, a quem possui a ciência teológica, será acrescido seu saber e a quem só possuir a ciência andrológica, a dos homens, lhe será tirado este saber.

Quão profundas e misteriosas são essas palavras!

Meditem-nas os atuais doutores da lei e tremam pela imensa responsabilidade espiritual que acarretam na prestação de suas contas ao Inefável.

Adendos

Mistificação

Em certo ponto deste trabalho falamos a respeito de um farrapo com a efígie do Cristo, que o Vaticano acenara à Rússia e ao qual chama de Santa Verônica.

Esclareçamos, agora, o fato, para que o leitor se convença, mais uma vez, de que o Catolicismo não trepida em lançar mão do mais descarado embuste para conseguir seus fins.

Os Evangelhos dizem que, descido Jesus da cruz, foi ele envolvido em um sudário[384], de propriedade de José, de Arimatéia, seu amigo íntimo — Lucas XXIII, 53 —, e após ter polvilhado o corpo como era costume com aloés succotrina[385], o removeram para o túmulo de propriedade do mesmo José.

Quando Madalena correu, pressurosa, a avisar os discípulos de que Jesus tinha desaparecido do túmulo, estes duvidaram das suas palavras, mas foram, a medo, de longe, verificar o fato. Lucas XXIII, Mateus XXVII, Marcos XV, que como se sabe, se copiaram, dizem ter visto um lençol dobrado a um canto e João XIX, 40 — XX, 6, 7 diz que eram lençóis e lenço.

É naturalíssimo que José, proprietário daquele túmulo, sabedor da sua desocupação, lá fosse e apanhasse o sudário já dobrado e pronto a ser levado e o conservasse consigo, como recordação do seu bom amigo.

Os séculos iam decorrendo e esse sudário passava como herança a pertencer aos descendentes — que, aliás, não deixaram nome na história, pelo menos até o século XIII. Daí para cá é que foi descoberto seu paradeiro em um

[384] *Era um pano de linho com quatro metros de extensão por 60 centímetros de largura.*
[385] *Vida exemplar no Jardim Botânico, quadro XVIII, D, n° 763.*

convento de freiras. Esta peça havia sido salva de um incêndio e o fogo atingira os quatro cantos da mesma peça; as freiras a consertaram, sendo essa a razão do aspecto das manchas brancas que apresenta na fotografia (Figura 24).

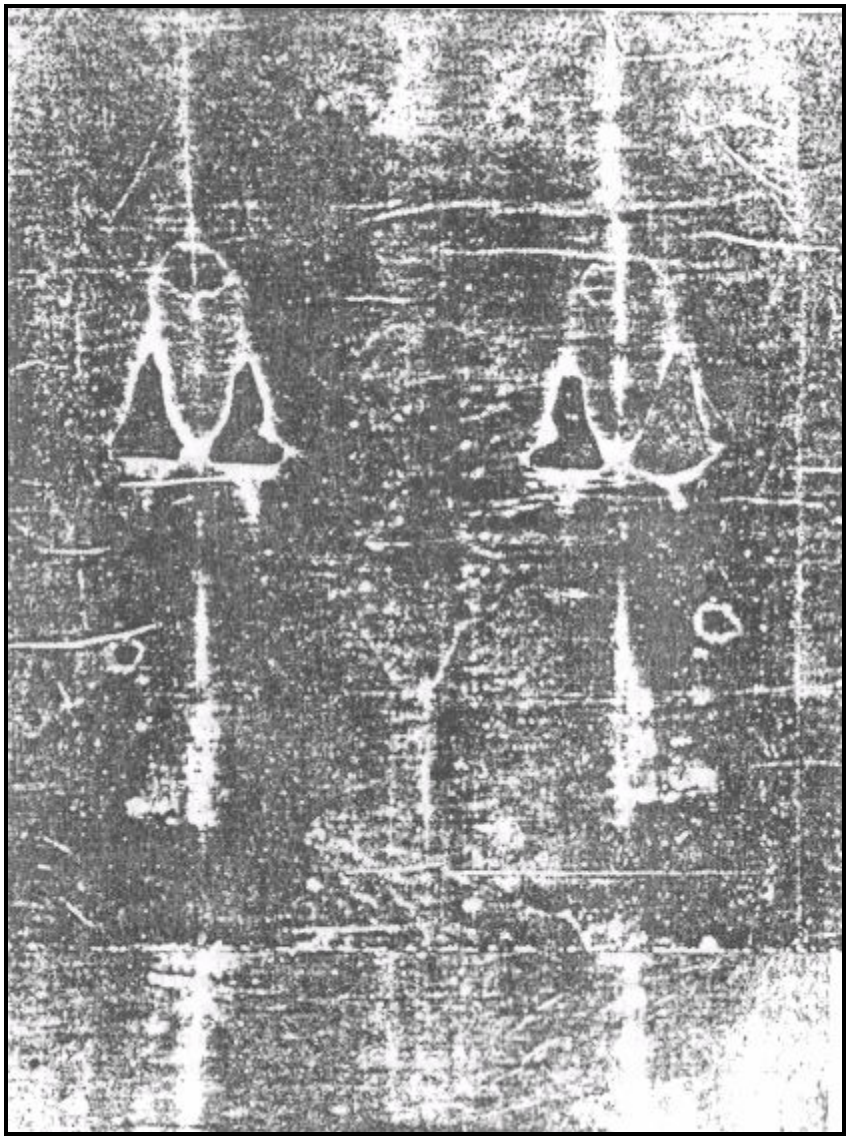


Figura 24
O sudário de Cristo

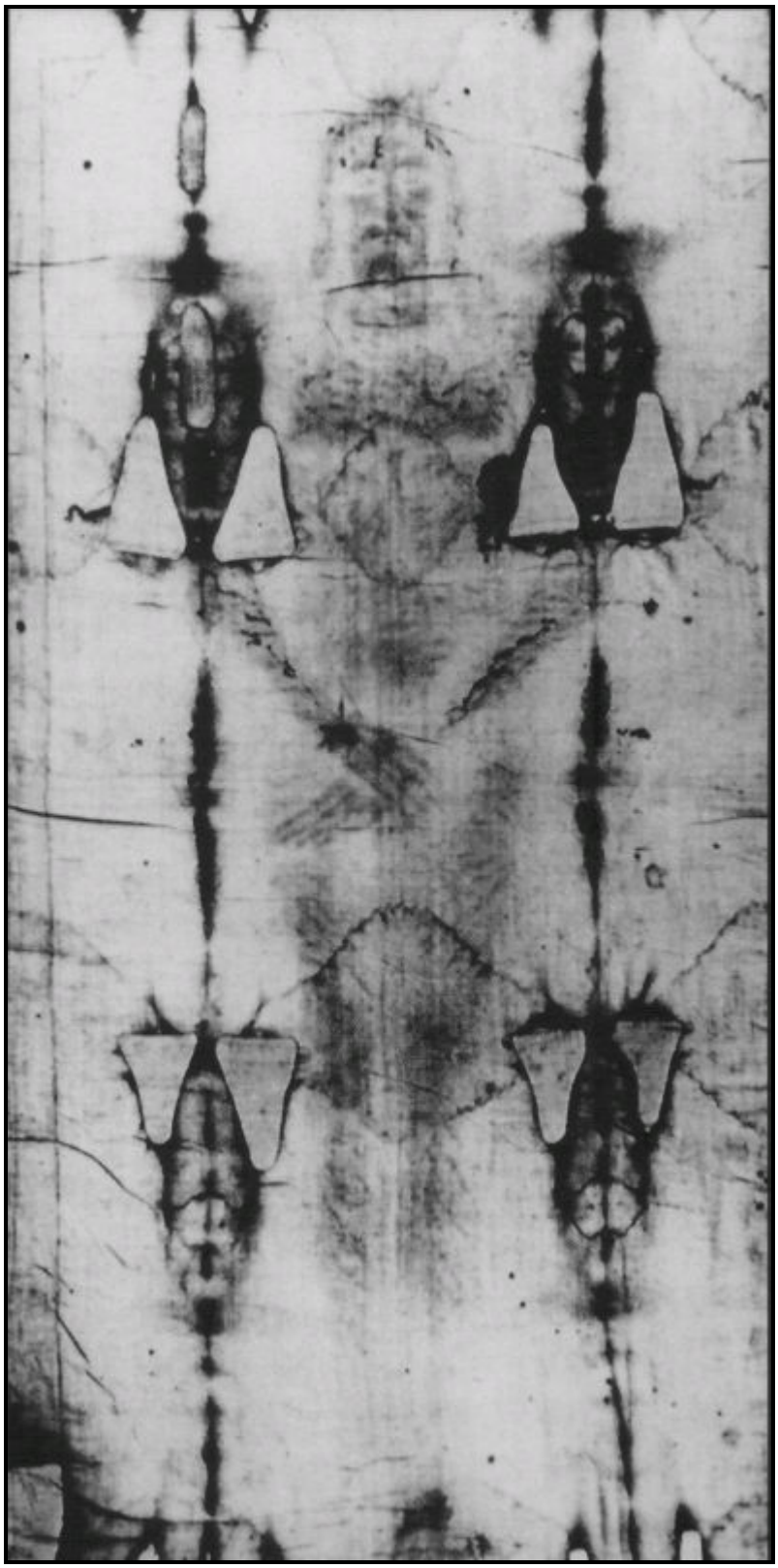


FIGURA 24-A

FIGURA 24- A: Esta figura do santo sudário não consta do livro original. Por considerar a figura 24 difícil de observação e compreensão, chamamos por bem inserir a FIGURA 24-A. Os Digitalizadores.

De mão em mão, como sagrada relíquia, esse sudário, com suas rigorosas proporções e de um modo impreciso, com relação às linhas e, sobretudo, por meio de manchas, e o que mais é, de manchas negativas, isto é, em contrário. Ora, se tal sudário tivesse sido pintado por algum genial artista desconhecido, certamente o teria executado com manchas, é verdade, mas no sentido positivo. As manchas que se vêem no sudário são as que correspondem às partes que mais estiveram em contato com o corpo e foram influenciadas pela exalação amoniacal; de modo que elas se iam esbatendo à medida que se afastavam da pele. Daí a razão da absoluta falta de nitidez nos pés, que o artista não teria esquecido de desenhar.

A mancha que se vê na ligação da parte posterior da cabeça com a parte superior é outra prova de que ali não andou mão humana. As manchas mais vivas como as da fronte, do flanco direito e das mãos são provenientes do contato mais direto com o sangue coagulado nessas partes, que sofreram a ação de instrumentos cortantes, como a coroa de espinhos, a lançada e os pregos. Por ali se verifica mais, a não admitir dúvida, que esses pregos penetraram nos pulsos e não nas palmas, como se convencionou representá-los.

Na parte posterior do corpo são evidentíssimas as marcas das varadas e dos instrumentos denominados flagelos, constituídos por bolas de chumbo, em forma de halteres, presas por uma correia. A profusão, a simetria e a direção dos lanhos são outra prova da autenticidade do sudário.

O que, porém, ultrapassa todas as provas possíveis, é exatamente o aparente alongamento da face, proveniente do contato do sudário em sua inclinação em pontos que um pintor teria reproduzido um pouco mais afastado.

O empastamento do cabelo e da barba, representados em branco, na figura, isto é, em negativo, é mais uma prova de que essas manchas não foram feitas a pincel.

Ademais, a inimitável circunspeção e o ar de bondade daquela imagem desafiariam o mais genial pintor, se houvesse existido em Jerusalém.

Portanto, é este, e não a ridícula cópia do Vaticano, que constitui o verdadeiro sudário que envolveu o corpo de Jesus e que foi encontrado, dobrado a um canto do túmulo, certamente pelos irmãos da sua Ordem esseniana, senão, mesmo, pelo próprio José de Arimatéia.

Daí a balela do lenço esfregado no rosto do mártir para, depois de esticado, aparecer impressa uma imagem, à guisa de mágica teatral, há um passo mais sério e põe em evidência mais um embuste do Catolicismo para fascinar a massa ignara.

Falsificações

Tudo é falsificação no Catolicismo.

Todos os lugares do itinerário de Jesus, tidos como verdadeiros pelo Catolicismo e, como tal, consagrados no templo em Jerusalém, desde o do nascimento ao de sua morte, são falsos, como acaba de o provar Gustave D'Alman[386], diretor do Instituto Arqueológico da Alemanha, em Jerusalém, e fervoroso cristão e alguns arqueólogos ingleses.

Todas as pseudo-relíquias conservadas no Vaticano e no próprio local em Jerusalém, tais como pedaços da cruz, pregos, lenço, sudário etc., são revoltantes

[386] Les itinéraires du Christ.

artifícios que chegam até a ter o dom de se multiplicarem para a satisfação de pobres fanáticos e, principalmente, do tesouro do Vaticano.

Se não, demos a palavra a Le Nain de Tillemont[387].

> "*Foi tal a epidemia mental que se apoderou dos pagãos e dos cristãos, que a lista das relíquias chegou a ultrapassar os limites do bom senso e da razão, não só pelo número como pela evidente falsidade dos mesmos*."

Seria fastidioso enumerá-las; mas destacaremos algumas do próprio Catolicismo para edificar o leitor: assim, o maná caído no deserto e conservado no Vaticano e o círio de Arras, clamam Fraude.

Os falsários chegaram a apresentar ossos de animais, como tendo pertencido a santos, *verbi gratia*.

Um braço de Santo Antônio, em Genebra, feito de um membro de veado. Este Santo Antônio tem a propriedade de possuir cinco corpos, um em Istambul, outro em Viena, outro no Dauphiné, outro em Marselha e outro em Arles, todos autênticos, pois cada um produz milagres.

Santa Helena, também, tinha vários corpos, um em Constantinopla, na igreja dos 12 apóstolos, outro em Roma, na igreja de Araceli, outro em Veneza, na ilha de Santa Helena, outro em Hauteville e de quebra havia a quinta cabeça, avulsa em Colônia.

Na igreja de São João de Latrão existe a lanterna que Judas levava na noite em que foi denunciar Jesus! Em várias igrejas vêem-se as moedas que ele

[387] Mémoires pour servir á l'histoire èclesiastique — 1701.

recebeu pela traição, embora as tivesse jogado no campo; há mesmo um pedaço da corda com que se enforcou!

Os ossos de Santa Rosália eram de cabras; um pedaço de pedras-pomes teve um culto como se fora o cérebro de São Pedro; três pedrinhas foram veneradas em Chalons como sendo o umbigo de Jesus Cristo; inúmeros sudários do Cristo surgiram como autênticos; o lenço com a Verônica do Cristo; as camisas da Virgem Maria; a cintura da mesma Virgem Maria; o leite da Virgem Maria feito de galactite; os vasos da boda de Cana; os cálices da ceia. Em Roma existe, ainda, uma coluna junto à qual Cristo teria orado no templo de Jerusalém. O pomo da espada de Durandel continha um dente de São Pedro, sangue de São Bazílio, cabelos de São Diniz e um fragmento do vestuário da Virgem Maria; no de Joyeuse, de Carlos Magno, havia um pedaço da lança com a qual furaram o flanco de Jesus. Em Roma, venera-se o berço de Jesus. A vara milagrosa de Moisés é ali conservada. Em Treves há o falo de São Bartolomeu. Na Catedral de Marselha mostravam-se duas ou três espinhas dos peixes que Jesus havia multiplicado no deserto. Lá estão as penas das asas que o anjo Gabriel deixou cair quando, entrando pela janela, anunciou à Virgem eu parto. Até o burrico sobre o qual Jesus entrara em Jerusalém veio aparecei em Verona, na Itália, por suas próprias patas — há quem garanta que não foi pelas patas de mais ninguém — tendo atravessado a nado o Mediterrâneo; aí foi ele venerado como Santo Asno de Verona, e isso até 1866.

A serpente de bronze de Moisés foi conservada por muito tempo em Santo Ambrósio de Milão. O escudo de São Miguel é venerado em São Julião de Tours; os cornos de Moisés se mostravam em Roma, na igreja de São Marcelo. O **sopro** de Jesus foi trazido de Belém para Gênova. A lágrima do Salvador se venerava no convento dos beneditinos, em Vendome. Heródoto conta que esses

frades se vangloriavam, na volta de Jerusalém, de ter visto um dedo do Espírito Santo — o que já é ter dedo... para a mentira. O machado de São José está conservado em Conchiverny. A **pedra angular** — a que Jesus se referiu — era vista na igreja de Sion pelos peregrinos à Terra Santa. Na catedral de Santo Homero lia-se o seguinte inventário: Maná que caiu do céu, pedra sobre a qual Cristo derramou seu sangue; suor do Salvador; Pedra da Lei, de Moisés, escrita pelo próprio dedo de Deus no Sinai; pedra sobre a qual São Tiago atravessou os mares; a janela pela qual o anjo Gabriel foi saudar a Virgem; carta de Jesus Cristo escrita do céu, incitando os cristãos a pagar o dízimo. (Essa carta é a mais importante de todas as preciosidades, tanto mais por nunca ter ele escrito quando vivo.)

O que mais admira é a maneira por que essas relíquias se multiplicavam e se espalhavam por toda a parte, cada qual como sendo a legítima, para o que chegavam as igrejas a se desprestigiarem umas as outras, como embusteiras.

Assim é que São Mauro tinha nove corpos, Santo Erasmo 11, São Francisco de Paula 12, São Juliano 13, São Pedro 16, São Paulo 18, São Pancrácio e São Jorge 30, cada um; São Tiago tinha 11 queixos, São Leger 12, São João Batista 20; Santo Inácio de Antioquia teve seis cabeças, sendo que uma **foi comida pelos leões**, outra estava em Roma na igreja de Jesus, havia ainda a de Clarivau, a de Praga, na Boêmia, a de Colônia, a de Messina; São Juliano teve 30 ou 40.

Ludovico Lalann assinala: 17 braços de Santo André, 12 mãos de São Leger, 60 dedos de São Jerônimo. Nunca se viu uma criatura tão cheia de dedos!

E em 11 de outubro de 1932, em pleno século das luzes, Roma acaba de telegrafar ao mundo, falando da solene procissão realizada para transportar um dedo da mão direita de Santo Antônio de Póla, para Pádua, sua terra natal!

E... para o leitor não rir, o jesuíta Jean Ferrand diz, em sua obra: "*nessas multiplicações milagrosas só vejo o dedo da Providência para entreter a dedicação dos fiéis*".

Entretanto, ele via mais com os olhos das restrições; ele via o salutar efeito da confusão dos termos: Cristianismo e Catolicismo; ele via a imbecilidade humana se multiplicando em proveito da igreja romana.

Como presentemente não é mais possível à Igreja Romana fazer descer do céu algum pedaço de uma porta velha ou a chave enferrujada de São Pedro, criou a rendosa indústria religiosa da fabricação de ídolos e uma imensidade de produtos, cuja catalogação seria difícil, mas que qualquer um pode examinar nas vitrines dos seus armazéns comerciais. São Cristos, Marias e santos de todo feitio e massas, caixinhas de metal para água benta e terços, rosários para todo preço, escapulários para todos os efeitos, livros de missas, imagens, velas, animais e o próprio menino Jesus para creches... É verdade que nada disso é vendido, mas simplesmente... **trocado** por... dinheiro. E se o freguês desejar maior eficácia, basta levar o artigo ao padre da freguesia para benzê-lo, deixando-lhe, bem entendido, uma... esmola.

Francamente! Em qual religião do mundo se verifica tão vergonhoso comércio com coisas santas?

Mas a Igreja responde que, para manter a Fé dos fiéis, é necessário abusar da sua boa-fé.

Referências Bíblicas

Diz Saint-Yves, em O Arqueômetro, que todas as passagens tiradas da Bíblia confirmam altamente a aplicação da música à arquitetura. Por elas, verifica-se

que todas as dimensões ali indicadas a Moisés, a Ezequiel, a João, a Daniel, em Reis etc. para a construção do Templo, obedecem à mesma medida, o **côvado** e que essa medida é funcionalmente o **módulo**, base de todos os sistemas de proporções, de que já se encontra o estalão na pirâmide de Gizé, como já vimos.

Se, continua Saint-Yves, confrontarmos todos os números desses côvados com a corda musical de **Sol**, dividida por 96, que é o número do triângulo do **Verbo** (I-Ph-O) = 10 + 80 + 6 (Figura 2), veremos que esses números estão entre si em relações perfeitamente harmônicas. Constataremos, igualmente, que estes números não são decorrentes do mero acaso; mas, sim, da vontade formal de Deus (Jeová) e por Ele imposta à humanidade sob forma de Lei.

É o côvado hebraico escrito por Chateaubriand, em suas **Peças Justificativas**, que servia para a construção dos templos.

Esse côvado era dividido em seis partes iguais ou palmos menores, os quais eram subdivididos em outras quatro partes. O número total de divisões e subdivisões era, pois, de 24[388].

Ezequiel, em seu capítulo XLII, 15, vai nos confirmar esses cálculos que, aliás, lhe foram dados pelo anjo quando acabou de medir a casa interiormente e o fez sair pela porta que enfrenta o Oriente e mediu todo este círculo[389].

Ele mediu, pois, o lado do Oriente com a medida vara, e achou 500 medidas dessa vara em toda volta o que corresponde à nota Sol.

No capítulo XLI, 8, ele indica que a medida da vara de que se serviu o anjo para medir o templo era de 24.

6 x 24 = 144, medida da vara.

[388] O antigo sistema português e brasileiro era constituído de vara, côvado, palmo, polegada, linha, ponto.
[389] Simbolicamente esta porta se relaciona com a porta do triângulo em que se vê a letra Y de Ypho-Ysho. É a mesma porta a que se refere Jesus, João etc.

144 x 500 = 72.000, subdivisão da nota Sol.

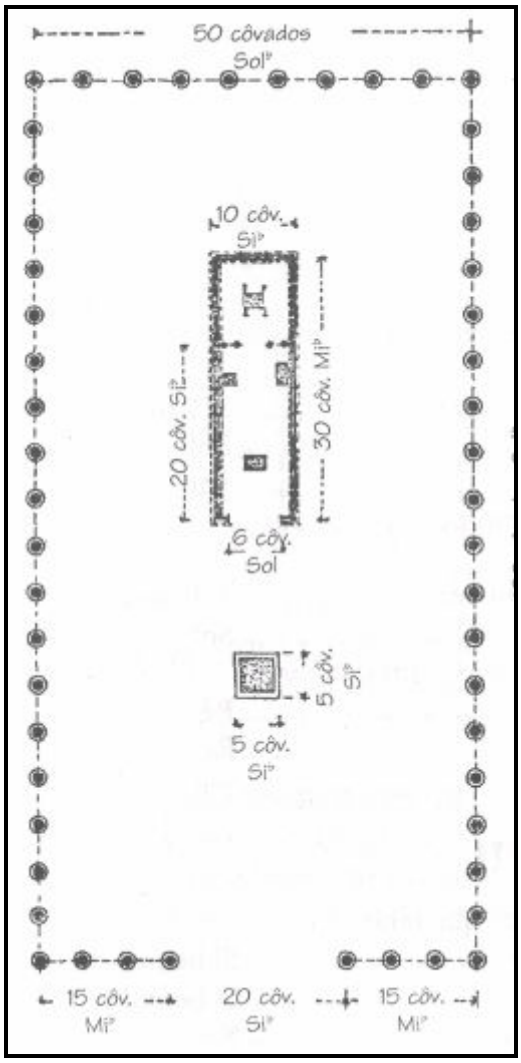


Figura 25

Templo de Moisés e sua relação musical

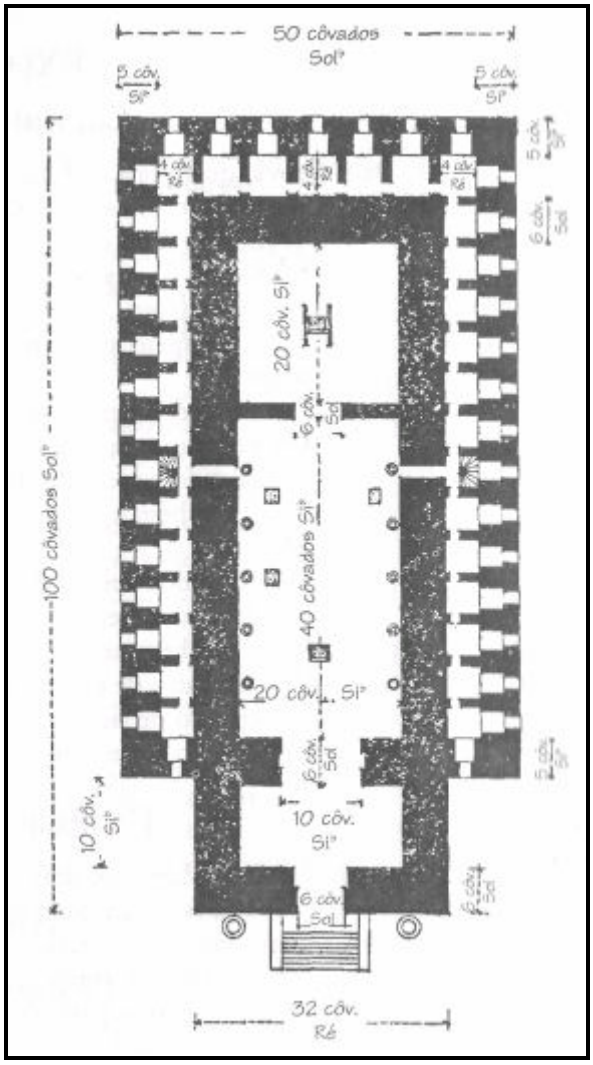


Figura 26

Templo de Ezequiel e sua relação musical

72.000 acareado com o estalão musical de Saint-Yves corresponde a Sol, ou oitava deste estalão, dividido por 144.000.

Este número, ao qual já tivemos ocasião de nos referir e ao qual também se refere João, em seu Apocalipse, falando da orquestra de harpistas, motivou a descoberta de Saint-Yves sobre a qual estamos respigando.

Ora, tudo isso concorda igualmente com as descobertas feitas pelo padre Moreux, com relação às ciências dos faraós.

O número seis, transportado sobre a corda musical de Sol, dividido por 96, dá as seguintes correspondências, em um acorde perfeito menor de Sol fundamental:

1	2	3	4	5	6
Ré³	**Ré²**	**Sol**	**Ré**	**Si bemol**	**Sol**

Isso prova que estamos na presença de um metro musical, semelhante ao que nos serve hoje para as medições.

Aplicando-se, agora, essa medida à construção dos templos ordenados por Deus a Moisés, em Êxodo XXV, XXVI, XXVII, pelo anjo Ezequiel XL, XLI, XLII, XLIII, em Reis VI etc., verifica-se, com superabundância, a importância capital que Deus (Jeová) dava a todos esses algarismos, cujos números eram palavras musicais e constituíam no seu conjunto uma harmonia perfeita.

São esses números, como em geral todos os números relatados na Bíblia, que narram os mistérios que só eram desvendados aos iniciados nas respectivas academias; seu desaparecimento ou ocultação deu em resultado a ignorância das verdades científicas, que essa obra encerra, cada vez mais anarquizadas pelas traduções e interpretações ao pé da letra; os credos contrários têm a pretensão de destruí-los com uma simples penada!

Então, acompanhemos as descrições da Bíblia com as Figuras 25 e 26. Aí veremos o mesmo acorde Si bemol, Ré, Sol, em Êxodo e Ezequiel.

Êxodo

Capítulo XXV

E Deus (Jeová) quem fala a Moisés.

Versículo 8: E me farão um santuário e habitarei no meio deles.

Versículo 9: Conforme tudo o que te mostrar para modelo do tabernáculo e para modelo de todos os vasos, assim mesmo o fareis.

Versículo 10: Também farão uma arca de madeira de Cetim que tenha:

Dois côvados e meio de comprimento..... Si bemol

Um côvado e meio de largura..... Sol

Um côvado e meio de altura..... Sol

Fareis também o propiciatório em ouro muito puro. Ele terá:

Dois côvados e meio de comprimento..... Si bemol

Um côvado e meio de largura..... Sol

Versículo 23: Fareis também uma de madeira de Cetim que terá:

Dois côvados de comprimento..... Ré

Um côvado de largura..... Ré

Um côvado e meio de altura..... Sol

Capítulo XXVII

Versículo 1: Fareis também um altar de Cetim que terá:

Cinco côvados de comprimento..... Si bemol

Outro tanto de largura..... Si bemol

Três côvados de altura..... Sol

Versículo 9: Fareis também o pátio do tabernáculo.

Cada côvado terá:

Cinqüenta côvados..... Si bemol

Versículo 18: O pátio terá cem côvados de comprimento..... Si bemol

Capítulo XXX

Versículo 1:	Fareis também um altar de madeira de Cetim, para queimar os perfumes.	
Versículo 2:	Ele terá: um côvado de comprimento	Ré
	Um côvado de largura.....	Ré
	Dois côvados de altura.....	Ré

Ezequiel

Capítulo XLI

Versículo 1:	Mediu os pilares da entrada que tinham:	
	Seis côvados de largura.....	Sol
Versículo 2:	Mediu a largura da abertura da porta que era de dez côvados.....	Sol
	E cada lado das portas tinha cinco côvados.....	bemol Si bemol
Versículo 3:	Mediu um pilar da porta que tinha dois côvados.....	Ré
Versículo 4:	Depois mediu a fachada do templo que tinha 20 côvados de comprimento.....	Si bemol
	E uma largura de vinte côvados.....	Si bemol
Versículo 5:	Mediu a espessura da muralha que era de seis côvados..	Sol
	E a largura das câmaras construídas fora do templo, cada qual com quatro côvados.....	Ré
Versículo 8:	Considerei as câmaras altas que estavam fora deste edifício e tinham como fundamento a medida de uma vara — seis côvados.....	Sol
Versículo 9:	A espessura dos muros era de cinco côvados.....	Si bemol
Versículo 10:	Entre o edifício dessas câmaras e o do templo havia um espaço de 20 côvados.....	Si bemol
Versículo 13:	O comprimento da casa tinha cem côvados.....	Sol bemol
Versículo 14:	O lugar que estava perante a face do templo tinha 100 côvados.....	Sol bemol
Versículo 22:	O altar de madeira tinha:	

Três côvados de altura..... Sol
Dois côvados de largura..... Ré

Com exceção dos pátios que tinham 50 ou 100 côvados, números correspondentes à nota Sol bemol dividida por 96, todas as outras dimensões estão em correspondências exatas com as notas Sol, Si bemol, Ré, acorde perfeito menor de Sol, divisões e correspondências musicais do côvado hebraico.

Reis

Capítulo VI

Versículo 2: A casa que o rei Salomão construiu para a Glória do Senhor tinha: 60 côvados de comprimento..... Mi bemol
20 côvados de largura..... Mi bemol
30 côvados de altura..... Si bemol

Versículo 3: O vestíbulo tinha:
20 côvados de comprimento..... Si bemol
10 côvados de largura..... Si bemol

Versículo 10: O andar térreo tinha:
5 côvados de altura..... Si bemol
o do meio, seis côvados de largura..... Si bemol

E assim por diante de acordo com o acorde musical.

Mas não é só. Na construção dos templos, além de suas dimensões harmônicas, todos os vasos, os vitrais, os móveis e o mais insignificante apetrecho litúrgico obedecem às mesmas leis de sonometria.

Não nos seria possível desenvolver esse assunto aqui; muito fazemos já, em apontar ao leitor estudioso a fonte em que poderá saciar sua sede de Ciência; contudo, daremos, ainda, as duas figuras seguintes, que mais falarão do que algumas páginas impressas.

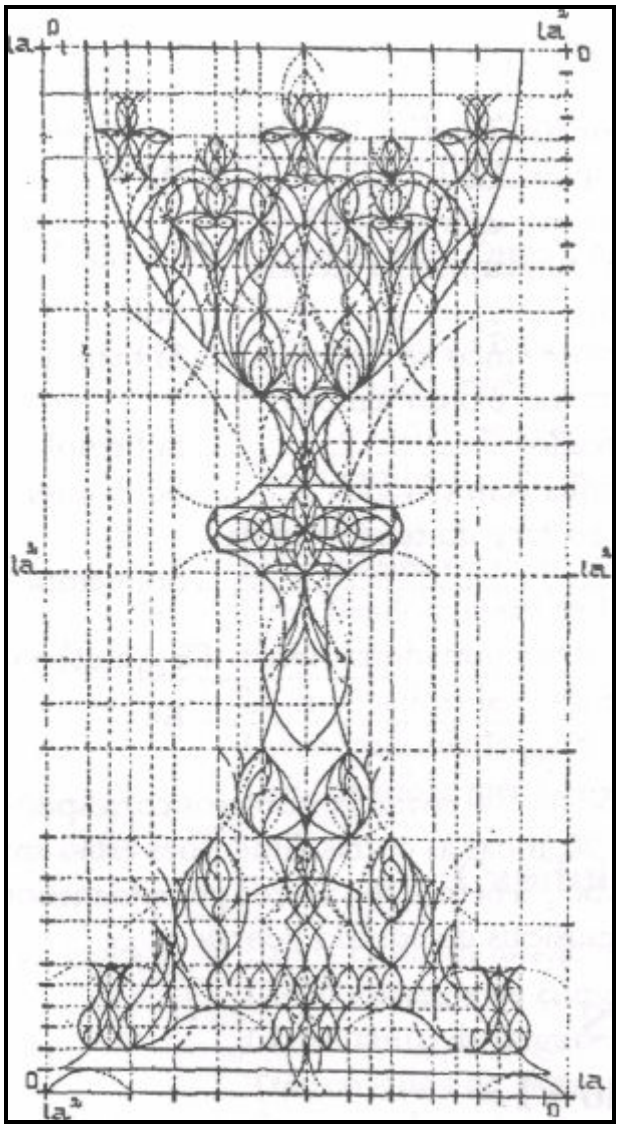


Figura 27

Esboço obtido por eliminação de linhas vibratórias do acorde musical Lá, Dó, Mi.

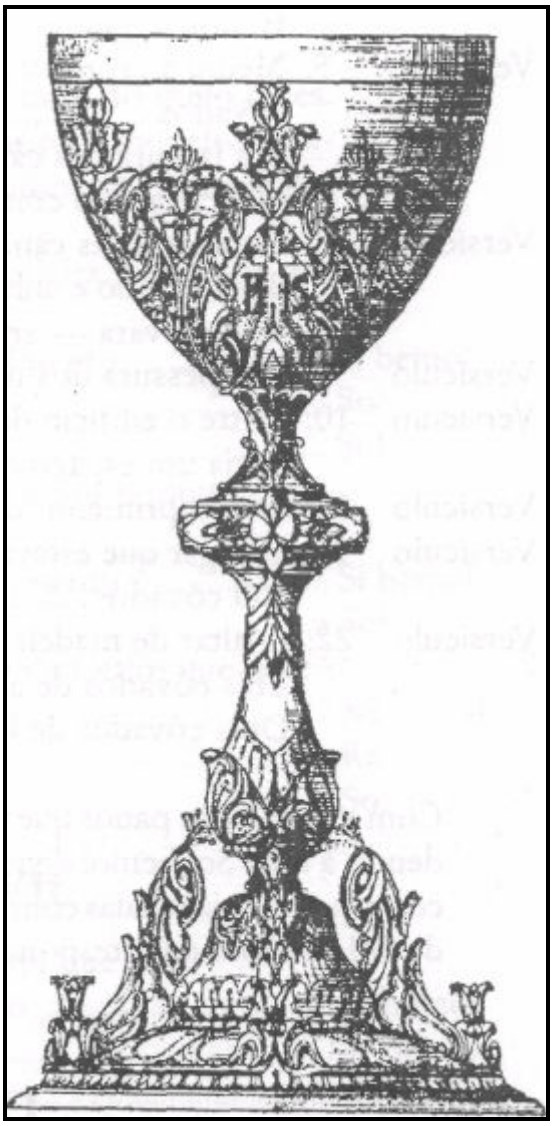


Figura 28

Composição artística feita pelo desenho vibrátil ao lado.

Há nos laboratórios de física umas placas de metal, chamadas placas vibrantes. Cada uma vibra de acordo com sua nota, como o sino vibra conforme a afinação que lhe deram. Sobre uma das placas coloca-se uma pitada de licopódio e, com um arco de violino, tira-se-lhe a nota correspondente.

As vibrações da placa de metal comunicarão um movimento circulatório ao pó, o qual apresentará um desenho morfológico da respectiva nota, com linhas emaranhadas, mas simétricas.

É da confusão dessas linhas que o olhar perscrutador do artista irá tirar as que lhe servirem para a composição do seu vaso, que terá de entrar em consonância morfológica com o edifício.

Aí vai um exemplo fornecido pela nota Dó e da qual surgiram dois estilos (Figura 29).

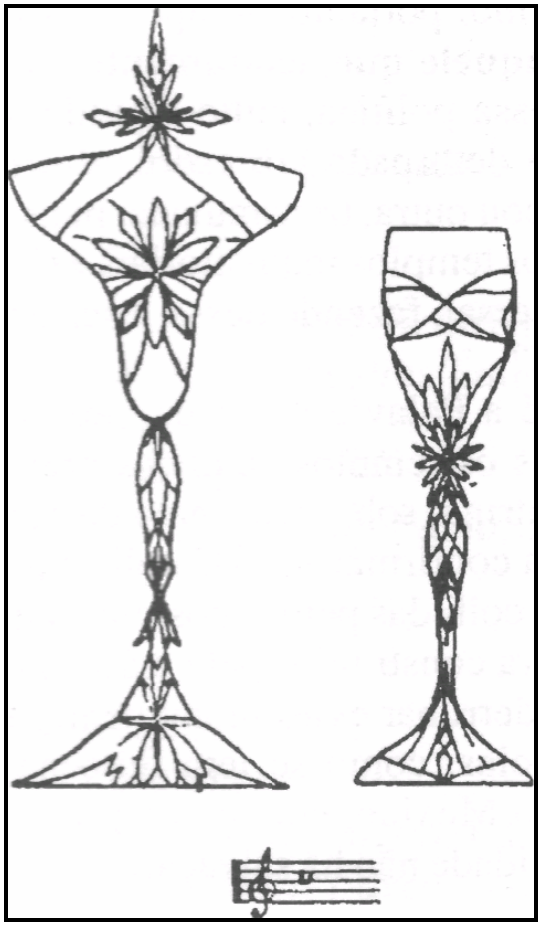


Figura 29
Vasos extraídos da nota dó.

Não é, pois, de admirar, se, construído um templo nessas condições científicas, em que a luz era filtrada em harmonia com as mesmas leis, em que o

espírito humano vibrava em um mesmo sentimento de adoração a Deus, em que os cânticos haviam sido regulados pelos mesmos números musicais, em que em suma, a palavra era pronunciada de acordo com a Ciência do Verbo, conforme já vimos, não é de admirar que se produzissem os estupendos fenômenos naturais que hoje se chamam milagres.

E se todas essas ciências não passam de pura fantasia do cérebro humano, ergue-se, então, uma formidável interrogação aos teólogos de todos os Credos: se a Bíblia foi, de fato, escrita pelo próprio Jeová, para servir de estatuto à humanidade, como afirmam seus sábios rabinos; se a Bíblia é a "*Palavra de Deus*", na opinião dos luteranos, protestantes e dos próprios católicos; se a Bíblia é um profundo Livro de Ciências, na opinião do insuspeito padre Moreux; se a Bíblia diz a Verdade, como garante o padre Vigouroux; se a Bíblia já anunciava a vinda do Messias; se Jesus não cessava de confirmar que tudo quanto ali estava escrito se referia a ele; se esse Jesus constantemente sentenciava que nem uma só vírgula se perderia até a consumação dos séculos; se ele se comprometia a destruir esse templo de Jeová, para reconstruí-lo em três dias, o que denota que esse e não outro é que deveria subsistir; se ele venerara Moisés e todos os profetas, destacando deles Ezequiel, segue-se, sem possibilidade de contestação, que o templo construído por Moisés, sob o plano arquitetônico do próprio Deus, o de Ezequiel, ditado pelo anjo, o de Davi, o reconstruído por Salomão em Jerusalém, o de Daniel e o do apóstolo João vistos numa visão são os mesmos, ou melhor, é o mesmo templo em que Jesus ensinava, celebrava, imolava o cordeiro e cantava os hinos de Davi e de Salomão, o mesmo em que vigorava toda a Lei e doutrina de Jeová que ele, Jesus, não veio ab-rogar, o mesmo templo que condena toda idolatria, todo orgulho,

toda política, o mesmo templo, em suma, em que reside a verdadeira Sabedoria de Deus.

Em que direito divino, portanto, se apóia o Catolicismo, **criando um Culto sobre a pessoa daquele que, exatamente**, já ferreteava em vida essa idolatria, esse orgulho, essa política, culto erguido a um judeu, cuja raça o católico detesta, doutrina deturpada por esdrúxulas interpretações e sobre a qual o sofista Paulo fabricou outra, transmutada, mais tarde, em um Código de Salteadores, executado nos templos inquisitoriais e firmada presentemente em um Regime Político Universal, fazendo desse Jesus um imbecil irresponsável, senão um pobre *détraqué?*

Se, pois, a Bíblia é a Palavra de Deus, por isso devia ser respeitada, derrubem-se, então, todos os templos católicos erguidos idolatricamente ao propugnador daquela doutrina, sob o patronato de santos e santas; pois, mesmo assim, e apesar de sua confirmação, o Catolicismo estaria mais de acordo com as palavras de Jesus, colhidas pelos apóstolos, em Atos, de que Deus não reside em templos de pedra construídos pela mão do homem.

E, se não se quiser derrubar esses monumentos da arquitetura, transformem-nos, então, em escolas, como se tem feito na França, na Rússia, na Espanha, em Portugal, no México etc., e cumpra-se à risca a simples frase kardequiana: "*Fora da caridade não há salvação*"; e para haver caridade mister se faz amar o próximo.

E, se a Bíblia não diz a Verdade, e, portanto, não é a **Palavra de Deus**, suprimam-se, igualmente, os Moisés, os profetas, os Maomés, os Jesus, que vieram concorrer para anarquizar essa pobre humanidade que, há oito mil anos, cingia-se à mais simples síntese conhecida na índia: "*Amai-vos uns aos outros*".

Arranque-se, então, essa Bíblia das sinagogas, derrube-se do altar católico este livro falso, arranque-se de debaixo do braço do padre este livro que, imbecilmente, ele lê e condena aos outros e atire-se então tudo na fogueira.

Sejam ao menos coerentes com a própria razão humana, com a lógica e o bom senso, e não loucos fanáticos a se devorarem por palavras que não entendem, em busca de vantagens mundanas, extorquidas de uma parte inconsciente da sociedade.

Fontes de Consulta

ABREU, G. de Vasconcellos. *Manual do Estudo de Sânscrito*. Lisboa, 1881-1891.

ALBA, Abbe'. *Paul en l'an 51*.

ALVEYDRE, Saint-Yves D'. *Jeanne d'Are Victorieuse*.

_____. *O Arqueômetro*. São Paulo: Madras Editora, 2004.

_____. *Les Clefs de l'Orient.*

_____. *Les Mystères du Progrès.*

_____. *Missão na Índia na Europa*. São Paulo: Madras Editora, 2004.

_____. *Mission des Français*.

_____. *Mission des Juifs*.

_____. *Mission des Ouvriers*.

_____. *Mission des Souverains*.

_____. *Théogonie des Patriarches*.

ANESAKI, M. I. *Vangeli di Budda e di Christo*. Ed. de Filadélfia, 1908.

ANKGOR, Pierre D'. *Le catholicisme et l'avenir religieux*, 1929.

AQUINO, S. Tomás de. *Obras*.

ARNOLD, Edwin. *Lumière d'Asie*.

ARPI, Mario d'. *México*. Bergamo: Ed. Istituto Italiani d'Arte grafiche.

AUGUSTIN, Saint. *Retractations. Confessions.*

BAILLET. *Faits et Miracles mandiés*.

BAILLY, Edmond. *Le chant des Voyelles,* 1912.

BALMONT, Constantin. *Asiatic Researches*.

BARBOSA, Rui. *O Concilio e o Papa*.

BARROSO, Gustavo. *Aquém da Atlântida e Artigos*.

BASILIDE. *La Gnose*.

BEAULIEU, Saldi Colbert de. *La Langue Sacré, l'arbre de la Science*.

BERTRAND, Louis. *Saint Augustin*.

BOEHME, Jacob. *Aurore*.

BRANFORT, Benchara. *Janus e Vesta*. London.

BRIFFAULT, Eugene. *Le secret de Rome*, 1861.

CAMBRY. *Voyage au Finistère*, 1836.

CHABAS. *Papyrus de Turin*.

COSTE, Adolphe. *Dieu et Vâme, 1880*.

CREVREUIL, L. *Le spiritisme dans l'Eglise*.

CRUZ, Milton Torres. *Estudo publicado em O Globo*, 13.12.1931.

DALMAN, Gustave. *Les itinéraires de Jesus*.

DAVIS, J. Tissul. *In league with Life*.

DELAGE, Yves & GOLDSMITH. *La Parthénogenèse*.

DELAUNEY, F. *Moines et Sybilles*.

DELHORA, Guilherme. *La iglesia catholica ante la critica en el pensamiento y en el arte*. México, 1929.

DONNADIEU, A. L. *Le Suaire du Christ*.

DUJARDIN, Edouard. *Le Dieu Jesus*.

DUPUIS. *Origine de tous les Cultes*, 1835.

EVANGELHOS. FAUCHE', H. *Le Ramayana*.

FIGEAC, Champollion. *L'Egypte*.

FIGNER, Fred. *Artigos no Correio da Manhã*.

FLAMMARION, C. *L'Astronomie Populaire*.

_____. *La pluralité des mondes habitais*.

_____. *Mémoires d'un astronome*.

FORMICHI, C. *La pensée réligieuse de Vinde avant Buda*.

FRAZER, J. C. *Le folklore de Vancien testament. Le bouc émissaire*.

GANDHI. *La Jeune Inde*.

GAULTIER. *Livre des Róis d'Egypte*.

GOBINEAU, De. *Les réligions et les philosophies de l'Asie Central*.

GOGUEL, Maurice. *Jesus et le messianisme politique*, 1931.

MÜLLER, Max. *La science de la Réligion*, 1873.

GOUGY, Charles. *L'Harmonie des Proportions et des Formes en Architecture.*

GRÉGOIRE, M. *Histoire du Mariage des Prêtres*, 1826.

GUENIBAULT, J. *Notes sur les agapes chrétiens*, 1850.

GUÉNON, René. *Le Roi du Monde*.

GUIGNEBERT, Charles. *La vie cachée de Jesus*.

HALDE, Du. *Livre des Morts*. Amsterdã.

HART, Robert. *La terre de Sinim*.

HAUTERAIES. *Caracteres des langues sacrées Mortes et Vivantes*, 1653.

HAYWARD, Fernand. *Le dernier siècle de la Rome Pontificale*.

HENRY, D. J. *L'Egypte pharaonique*, 1848.

HENSELER, E. *Vâme et le dogme de la transmigration dans les livres sacrés de Vinde*, 1928.

HUC (Rev. Père). *Dans le Thibet*.

HURE', Jules. Les *Origines Judeu Chrétienne*. IZOULET, Jean. Paris, capitale des Réligions.

JEMAIN, J. *Musique Archéometrique* (originais inéditos).

JEUNE, Denis Le. *Recueil des Canons*.

JINARADASA. *Discurso na Soe. Teosof*. do Rio de Janeiro.

JOÃO, S. *Apocalipse*.

JORGE, F. A. de Araújo. *Jesus*.

KINSFORD, Anna & MAILLANT. *The perfect way of funding Christ*. London, 1881.

KRUSCH, Bruno. *Les falsifications de la vie des Saints*.

KU-WANG-MING. *L'esprit du peuple chinois*, 1927.

LAKOWSKY, Georges. *L'Universion*, 1927.

_____. *Le secret de la vie*, 1930.

LEVI, Silvain. *Vinde et le Monde*.

LOISON, H. Ni cléricaux ni athées.

LUBOMIRSKI, J. (Príncipe). *Une réligion nouvelle*.

MACDONALD, David. *Moeurs et coutûmes de Thibétains*.

MAGMEN, Victor. *Les Mystères d'Eleusis*.

MALER. *Un scandaleux procès éclesiastique, Le General des Jesuites, Pie XI et le cas Bremer*, 1932.

MANZI, Michel. *Le Livre de l'Atlantide*.

MARIGNAN, A. *La foi Chrétienne au IX siècle.*

MARTIN, François. *Le livre d'Henoch*.

MATER, André. *Les Jesuites*, 1931.

MERESKOWISKY, D. *Mystères de l'Orient*.

MILIKAN, R. A. *Citações*.

MIRON, M. *De la séparation du Spirituel et du Temporel*.

MONET, Wilford. *Du Protestantisme*.

MONSEIGNEUR, Duchesne. *Histoire ancienne de l'Eglise*.

MONSEIGNEUR, Grouard. *Univers*, 23/5/1898.

MOREUX, Abbe'. *L'Atlantide a-t-elle existée?*

_____. *La Science Mystérieuse des Pharaons*.

NORDMANN, Charles. *Einstein et l'Univers*.

NOTOVICH, Nicolas. *La vie inconnue de Jesus*, 1900 (raríssimo).

NOVAES, José de Campos. *Origens Caldaicas*.

OBRY, J. B. F. *Jehovah et Agni*, 1870.

OLIVEIRA, Ernesto Luiz de. *Roma, a Igreja e o anti-Cristo*.

OLIVET, Fabre D'. *Histoire philosophique du Genre Humain*.

_____. *La Langue hébraique restituée*.

_____. *Les vers dores de Pythagores.*

OSSENDOWSKY, Ferdinand. *Homens, Bestas e Deuses*.

PETRIE, W. Flindes. *Egypt and Israel*.

PLATON. *Timée*.

PLUTARC. *Ísis, Osíris*.

POIZAT, Alfred. *La vie et l'oeuvre de Jesus*, 1930.

PORTAL, Frederic. *Les Couleurs Symboliques*.

POTTER, C. F. *Les fondateurs de réligions*, 1930.

PREMARE, R. P. de. *Vestiges des principaux dogmes chrétiens, tires des anciens livres chinois avec reproduetion des textes chinois*. Paris. 1878 - Vol. I, p. 430.

PRESCOTT, William. *Histoire de la Conquête du Méxique.*

RACHILDE. *Pourquoi je ne suis pas féministe?* 1928.

RIVIERE, Jean Marques. *A l'hombre des Monastères Thibétains*.

ROBINSON, Theodore. *Introduction à l'histoire des Réligions*, 1929.

RONDELET. citado por Deshumbert.

ROUSSEAU, J. J.

SAINT-MARTIN, Claude de.

SAINT-YVES, P. *Les saints successeurs des Dieux*.

SALOMON, Reinach. *Lettres a Zoé*.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *O Catolicismo Romano*, 1932.

SERRES, Marcelle de. *Cosmogonie de Moyse*, 1859.

SCHURE, Edouard. *Os Grandes Iniciados*. São Paulo: Madras Editora, 2003.

STRAUSS, D. F. *L'ancienne et la nouvelle foi*.

SWEDENBORG. *Escritura Santa*.

THIMOTEON. *Não creio em Deus*.

TIÉCLE, C. P. *Manuel de l'Histoire des réligions*.

URBAIN, Marquis Fortia D'. *Essai sur Vorigine de Vécriture*, 1832.

VIGOUROUX, Abbe'. *La Bible et les découvertes modernes*.

VILLON, Paul. *Le Saint Suaire du Christ*.

VINSON, Jules. *Les réligions actuelles*, 1888.

VOLTAIRE. *Traité de la tolérance. Dictionnaire.*

LA SCIENCE ET LA VIE. n°. 146. 1929.

LAS CASAS.

LE NAIN DE TILLEMONT. *Mémoires à servir à l'histoire éclesiastique*, 1701.

LE PLONGEON. Le troane.

TIME' DES LOCRES. *L'âme du Monde*.